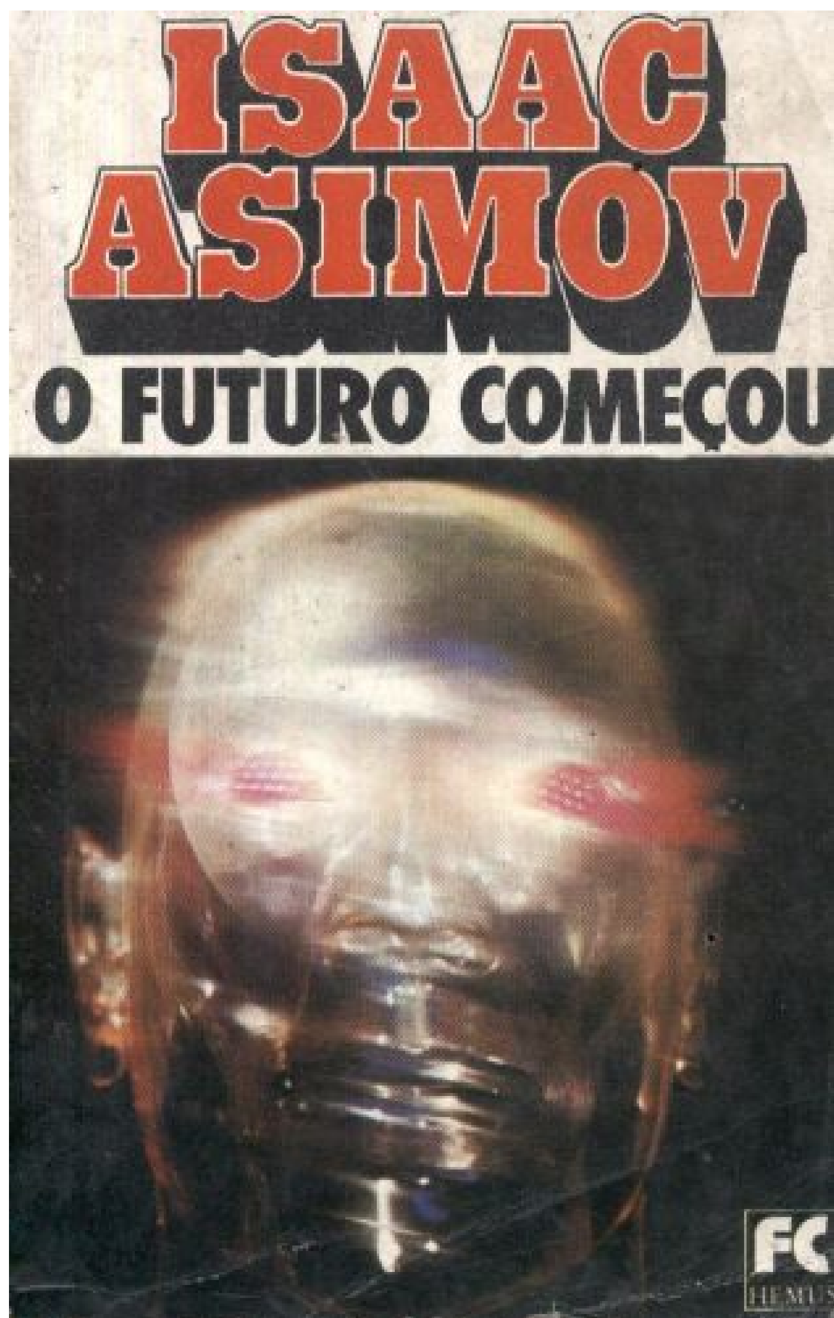
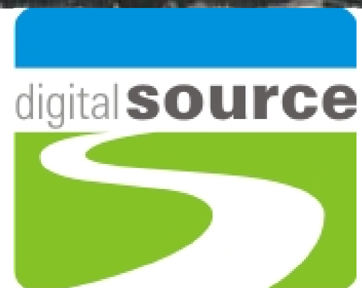

ISAAC
ASIMOV
O FUTURO COMEÇOU
FC
HEMUS


digital source

O FUTURO COMEÇOU

O FUTURO COMEÇOU
Issac Asimov

Tradução de:
Norberto de Paula Lima
Danusa Scarton Rabello Alves
Valéria Fernandes
Hemus

Título original: THE EARLY ASIMOV

01510 - rua da gloria. 312 liberdade
fone 279-9911 pabx
caixa postal 9686 São Paulo
Impresso no Brasil Printed in Brazil

À memória de John Wood Campbell Jr. (1910-71), por razões que este livro tornarão amplamente óbvias.

Muito embora eu já tenha escrito mais de cento e vinte livros, sobre qualquer assunto, desde astronomia até Shakespeare, e de matemática até sátira, é provavelmente como escritor de ficção científica que sou melhor conhecido.

Comecei como escritor de ficção científica, e durante os primeiros onze anos de minha carreira literária escrevi apenas e tão-somente histórias de ficção científica, apenas para publicação em revistas - e por um pagamento escasso. A idéia de efetivamente publicar bons livros nunca passou por minha mente, em essência humilde.

Mas veio o tempo em que comecei a produzir livros, e então comecei a reunir o material que de início escrevi para revistas. Entre 1950 e 1969, dez coletâneas apareceram (todas publicadas pela Doubleday). Estas continham oitenta e cinco histórias (mais quatro peças de versos cômicos) originalmente destinados, e publicados, em revistas de ficção científica. Quase um quarto delas veio dos primeiros onze anos.

Para registro, estes livros são:

EU, ROBÔ (1950) ("I, Robot")

FUNDAÇÃO " (1951) ("Foundation")

FUNDAÇÃO E IMPÉRIO " (1952) ("Foundation and Empire")

SEGUNDA FUNDAÇÃO " (1953) ("Second Foundation")

NÓS, OS MARCIANOS 2 (1955) ("The Martian Way, and Other Stories")

A TERRA É ESPAÇO O BASTANTE (1957) 3 ("Earth Is Room Enough")

NOVE AMANHÃS (1959) ("Nine Tomorrows")

O RESTO DOS ROBÔS (1964) ("The Rest Of The Robots")

OS MISTÉRIOS DE ASIMOV (1968) ("Asimov"s Mysteries")

O CAIR DA NOITE (1969) ("Nightfall And Other Stories")

Pode-se argumentar que isto tenha sido bastante, mas com esta argumentação, omite-se o delirante apetite de meus leitores (abençoados sejam!). Estou constantemente recebendo cartas pedindo listas de histórias antigas, minhas, para que os missivistas possam revirar lojas de livros usados procurando revistas antigas. Há pessoas que preparam bibliografias de minha ficção científica (não perguntem a mim por que) e que querem saber todo o tipo de pormenores insignificantes a meu respeito.

Até mesmo ficam irritados quando descobrem que algumas das primeiras histórias nunca foram vendidas. Querem essas, também, aparentemente, e parecem pensar que eu negligentemente destruí uma fonte natural.

Assim, quando a Panther Books, da Inglaterra, e a Doubleday, sugeriram que eu fizesse uma coleta daquelas minhas primeiras histórias ainda não coligidas nos dez livros arrolados acima, não mais pude resistir. Todos que me encontraram sabem como sou sensível a elogios, e se você pensa que posso suportar este tipo de adulação por mais de meio segundo (numa estimativa grosseira), está totalmente errado.

Afortunadamente, tenho um diário*, que tenho mantido desde 19 de janeiro de 1938 (o dia anterior a meu décimo oitavo aniversário); e que pode me dar datas e pormenores.

Comecei a escrever quando era muito jovem - onze, creio. As razões são obscuras. Poderia dizer que foi o resultado de um impulso irracional, mas isto indicaria que apenas não poderia pensar em nenhuma razão.

Talvez foi porque eu era um leitor ávido numa família que era pobre demais para comprar livros, mesmo os mais baratos, além do que, uma família que considerava livros baratos, leitura inadequada. Eu precisava ir à biblioteca (meu primeiro cartão de biblioteca foi tirado para mim por meu pai, quando eu tinha seis anos de idade) e me permitia dois livros por semana.

Isto simplesmente não era suficiente, e minhas necessidades levaram-me a extremos. No começo de cada período letivo, avidamente lia todo livro escolar que era adotado, indo de capa a capa, como uma deflagração personificada. Como fui abençoado com uma memória tenaz e lembrança instantânea, era todo o estudo que eu tinha de fazer para aquele período letivo, mas eu já tinha acabado antes do fim da semana, e então, ler o quê?

Então, quando eu tinha onze anos, ocorreu-me que se eu escrevesse meus próprios livros, poderia relê-los a meu bel-prazer. Nunca realmente escrevi um livro inteiro, claro. Eu começava um e continuava mexendo com ele até que me cansava e

começava outro. Todos estes escritos iniciais foram-se para sempre, embora ainda me lembre de alguns pormenores bem claramente.

* O diário começou com o tipo de coisa que um adolescente escreveria, mas logo degenerou num tom simples de registro literário. É, para qualquer um que não eu, literalmente entediante tanto, de fato, que deixo-o para quem quer que o queira ler. Ninguém nunca lê mais do que duas paginas. Ocasionalmente alguém me pergunta se nunca senti que meu diário deveria registrar meus sentimentos mais íntimos, e emoções, e minha resposta é sempre "Não, nunca!" Afinal, para que ser um escritor se vou desperdiçar meus sentimentos e emoções mais íntimos num mero diário?

Na primavera de 1934, fiz um curso especial de inglês dado na minha escola ("Boys" High School, no Brooklyn, Nova Yorque), que enfatizava o aspecto da redação. O professor era também conselheiro da faculdade para a revista literária semestral feita pelos estudantes, e era intenção dele coletar material. Fiz aquele curso.

Foi uma experiência humilhante. Tinha catorze anos na época, catorze anos bastante imaturos e inocentes. Escrevia trivialidades, enquanto que todo mundo na classe (que eram dezesseis ao todo) escreviam peças sofisticadas, de tom trágico. Todos eles não faziam segredo de seu particular desprezo por mim, e não obstante eu me ressentisse disto amargamente, não havia nada que eu pudesse fazer.

Por um momento, pensei que os vencera, quando uma de minhas produções foi aceita para a revista semestral, ao passo que muitas das deles foram rejeitadas. Infelizmente, o professor contou-me, com uma rude insensibilidade, que a minha era a única apresentada que era humorística, e como ele precisava ter uma peça não-trágica, foi forçado a tomá-la.

Era chamada "Irmãozinhos" ("Little Brothers"), tratando do nascimento de meu próprio irmão mais novo, havia cinco anos, e foi minha primeira peça publicada. Suponho que pode ser localizada nos arquivos da "Boys" High", mas eu não a tenho.

Por vezes imagino o que aconteceu com todos aqueles grandes escritores trágicos da classe. Não me lembro de um só nome e não tenho intenção de jamais tentar descobri-los - mas por vezes, fico pensando.

Apenas em 29 de maio de 1937 (de acordo com uma data que, uma vez anotei - se bem que foi antes que começasse meu diário, de modo que não tenho certeza), que a vaga idéia ocorreu-me de escrever algo para publicação profissional; algo pelo que seria pago! Naturalmente, teria que ser uma história de ficção científica, pois eu tinha sido um

fanático da ficção científica desde 1929, e não reconhecia nenhuma outra forma de literatura que de qualquer modo fosse digna de meus esforços.

A história que comecei a compor para este fim, a primeira história que jamais escrevera com o fito de me tornar um "escritor", era intitulada "Saca-rolha Cósmico"* ("Cosmic Corkscrew").

Nela, eu via o tempo como uma hélice (isto é, algo como uma mola de cama). Poder-se-ia cortá-la de uma volta diretamente para a próxima, assim movendo-se para o futuro por um exato intervalo, mas sendo incapaz de viajar um dia a menos no futuro. Meu protagonista cortou o tempo e descobriu a Terra deserta. Toda a vida animal havia desaparecido; se bem que havia sinais de que a vida existira até muito tempo antes - e nenhuma indicação do que havia causado o desaparecimento. Era narrada na primeira pessoa, num asilo de loucos, porque o narrador, claro, fora colocado num hospício depois de voltar e tentar contar a história.

Escrevi apenas algumas páginas em 1937, então perdi o interesse. O mero fato de que tinha a publicação em mente, me paralisava. Enquanto algo que eu escrevia destinava-se apenas para meus olhos, podia ficar despreocupado. O pensamento de outros possíveis leitores pesava grandemente sobre cada uma de minhas palavras. - Então abandonei o projeto.

Então, em maio de 1938, a mais importante revista no campo, As Founding Science Fiction, mudou seu prazo de publicação da terceira quarta-feira do mês para a quarta sexta-feira. Quando o número de junho não veio no seu dia de costume, fiquei deprimido.

A 17 de maio, não pude mais suportar, e tomei o metrô até o nº 79 da Sétima Avenida, onde a editora, Street & Smith Publications, Inc., estava então localizada.

* Contei esta história com alguma minúcia num artigo intitulado "Retrato do Escritor enquanto Rapaz", incluído no Capítulo 17 de meu livro de ensaios, Ciência, Números e EU ("Science, Numbers and I") (Doubleday, 1968). Nele, confiando apenas na memória, disse que tinha chamado Street & Smith ao telefone. Quando consultei meu diário para verificar as datas reais para este livro, fiquei surpreso ao descobrir que realmente havia feito a viagem de metrô - realmente uma aventura ousada para mim naqueles dias, e uma medida de meu desespero.

Ali, um funcionário da firma informou-me da mudança de prazos, e a 19 de maio, chegou o número de junho. A proximidade do desespero, e o alívio extático que se

seguiu, reativaram meu desejo de escrever para publicação. Voltei a "Saca-rolha Cósmico", e a 19 de junho, estava acabado.

A questão seguinte era: o que fazer com ele. Não tinha a menor idéia do que se fazia com um manuscrito que se desejava publicar, e tampouco quem eu conhecia. Discuti o assunto com meu pai, cujo conhecimento do mundo real era pouco maior do que o meu, e ele também não fazia idéia. Mas então ocorreu-me que, no mês anterior, eu tinha ido até o nº 79 da Sétima Avenida meramente para perguntar sobre a não-aparição de Astounding. Não havia me dado conta de ter feito isso. Por que não repetir a viagem, então, e levar o manuscrito em pessoa?

A idéia era assustadora. Tornou-se ainda mais assustadora, quando meu pai sugeriu que preliminares necessárias incluíam a barba feita e minha melhor roupa. Isto significava que eu teria que gastar um tempo adicional, e o dia já estava acabando e eu teria que estar de volta para fazer a entrega dos jornais vespertinos. (Meu pai tinha uma doceira e uma banca de jornais, e a vida era muito complicada naqueles dias para um escritor criativo e de inclinação artística e sensível como eu.

Por exemplo, vivíamos num apartamento em que todos os quartos estavam alinhados, e o único modo de ir da sala de estar para o quarto de meus pais, ou de minha irmã, ou de meu irmão, era passando por meu quarto. Meu quarto era frequentemente passagem, e o fato de que eu poderia estar nas dores da criação, nada significava para ninguém.).

Cheguei a um meio-termo. Fiz a barba, mas não me incomodei em trocar de roupa, e lá fui eu. A data era 21 de junho, 1938. Eu estava convencido de que, por ousar pedir para ver o editor de Astounding Science Fiction, eu seria atirado fora do edifício, e meu manuscrito seria picotado e jogado atrás de mim, como confete. Meu pai, porém (que tinha ideais nobres) estava convencido de que um escritor - com o que ele significava qualquer um com um manuscrito - seria tratado com o respeito devido a um intelectual. Não tinha receios nenhuns - mas era eu que ia entrar naquele edifício.

Tentando mascarar o pânico, pedi para ver o editor. A garota atrás da mesa (posso ver a cena agora com o olho de minha mente exatamente como ocorreu) falou brevemente ao telefone e disse: - "O Sr. Campbell poderá vê-lo".

Conduziu-me por uma sala grande, pomposa, cheia de grandes rolos de papel e enormes pilhas de revistas e permeada com o cheiro celestial de papel (cheiro que até hoje recorda minha juventude com dolorosa minúcia e reduzem-me a lágrimas de nostalgia). E ali, numa pequena sala do outro lado, estava o Sr. Campbell.

John Wood Campbell Jr. estava trabalhando para Street &Smith já há um ano, e tomara o comando de Astounding Stories (que logo rebatizou como Astounding Science Fiction), havia quase dois meses. Tinha então apenas vinte e oito anos. Sob seu próprio nome e seu pseudônimo, Don A. Stuart, era um dos mais famosos e altamente considerados autores de ficção científica, mas estava para enterrar sua reputação para sempre sob o renome muito maior que estava para ganhar como editor.

Deveria permanecer como editor de Astounding Science Fiction e de seu sucessor - "Analog Science Fact-Science Fiction", por um terço de século. Durante todo esse tempo, ele e eu permanecemos amigos, mas por mais velho que eu ficasse, e por mais venerável e respeitável astro de nosso campo mútuo eu me tornasse, nunca me aproximei dele com nada senão o respeito que ele me inspirou na ocasião de nosso primeiro encontro.

Ele era um homem grande, e obstinado, que fumava e falava constantemente, e que apreciava, acima de tudo, a criação de idéias ultrajantes, com que agredia seu interlocutor, e desafiava-o a refutar. Era difícil refutar Campbell, mesmo quando suas idéias eram absoluta e loucamente ilógicas.

Conversamos por mais de uma hora, naquela primeira vez. Ele mostrou-me os próximos números da revista (números verdadeiramente futuros, já produzidos). Vi que ele publicara uma de minhas cartas no número seguinte, e outra no próximo - de modo que conhecia a genuidade de meu interesse.

Contou-me a respeito dele mesmo, sobre seu pseudônimo e sobre as suas opiniões. Contou-me que seu pai havia enviado um de seus manuscritos para Amazing Stories quando tinha dezessete anos, e que deveria ser publicado, mas a revista o perdeu, e ele não tinha cópia em carbono. (Neste ponto, fiz melhor do que ele. Trouxe a história eu mesmo, e tinha um carbono.) Também prometeu ler minha estória naquela noite, e enviaria uma carta, quer aceitando ou rejeitando, no dia seguinte. Prometeu também que em caso de rejeição, diria o que estava errado, de modo que eu pudesse me aperfeiçoar.

Cumpriu todas as promessas. Dois dias mais tarde, a 23 de junho, tive notícias dele. Era uma rejeição. (Como este livro trata de eventos reais, e não é uma fantasia - você não deve se surpreender se minha primeira história foi instantaneamente rejeitada.) Eis o que eu disse no meu diário sobre a rejeição:

"Às 9:30 recebi de volta o "Saca-rolha Cósmico", com uma educada carta de rejeição. Ele não gostou do começo lento, e do suicídio no final.".

Campbell também não gostara da narrativa na primeira pessoa e do diálogo rígido, e também apontou que a extensão (nove mil palavras) era inconveniente - muito longo para um conto, e muito curto para uma novela. As revistas precisam ser montadas como quebra-cabeças, e certos comprimentos de contos eram mais convenientes que outros.

Por aquela época, porém, estava em plena euforia. A alegria de ter passado mais de uma hora com John Campbell, a emoção de conversar face a face em termos iguais com um ídolo, já tinha me enchido com a ambição de escrever outra história de ficção científica, melhor que a primeira, de modo que pudesse consultá-lo de novo.

A agradável carta de rejeição duas páginas inteiras - em que discutia minha história seriamente e sem traços de paternalismo ou desprezo, reforçou minha alegria.

Antes de 23 de junho terminar, estava a meio caminho do primeiro esboço de outra história. Muitos anos mais tarde, perguntei a Campbell (com quem, então, tinha travado grande amizade) por que ele havia se ocupado de mim, já que aquela primeira história era literalmente intragável. "Realmente era", disse, francamente, pois nunca adulava. "Por outro lado, eu vi algo em você. Você estava ansioso e escutava, e sabia que não desistiria, não importando quantas rejeições eu lhe desse. Enquanto você estivesse desejoso de trabalhar duro e aperfeiçoar-se, eu estava pronto a trabalhar com você."

E assim era John. Eu não era o único escritor, calouro ou veterano, com quem ele trabalhava deste modo. Pacientemente, e com sua enorme vitalidade e talento, construiu um corpo dos melhores escritores de ficção científica que o mundo tinha, até então, jamais visto.

O que aconteceu a "Saca-rolha Cósmico" depois disto, sinceramente, não me lembro. Abandonei-a e nunca a apresentei em nenhum outro lugar. De fato, não a rasguei e joguei fora; simplesmente repousou em alguma gaveta de escrivaninha, até que, eventualmente, a perdi de vista. Em qualquer caso, não mais existe.

Esta parece ser uma das principais fontes de desconforto entre os arquivistas - parecem pensar que a primeira história que escrevi para publicar, por pior que fosse, seria um importante documento. Tudo o que posso dizer, amigos, é que sinto muito, mas não havia modo de saber, em 1938, que minha primeira tentativa pudesse ter interesse histórico algum dia. Posso ser um monstro de vaidade e arrogância, mas não sou tão monstruosamente vaidoso e arrogante.

Além do que, antes de terminar o mês, eu terminava minha segunda história, "Clandestino" ("Stowaway"), e estava concentrado nela. Levei-a ao escritório de Campbell

a 18 de junho de 1938, e ele apenas demorou-se um pouquinho mais para devolvê-la, mas a rejeição veio a 22 de julho. Disse em meu diário, quanto à carta que a acompanhava:

"... foi a rejeição mais simpática que se possa imaginar. Realmente, a melhor coisa depois de ser aceita. Disse-me que a idéia era boa, e o enredo, passável. O diálogo e a movimentação, continuava, não eram rígidos e lentos (o que foi uma agradável surpresa para mim) e que não havia nenhum erro em particular, mas apenas um ar geral de amadorismo, constrangimento forçado. A história não se desenvolvia suavemente. Isto, ele disse, eu superaria assim que tivesse experiência suficiente. Assegurou-me que eu provavelmente estaria apto a vender minhas histórias, mas isto significava talvez trabalho de um ano e uma dúzia de histórias antes de começar realmente..."

Não é de surpreender que tal "carta de rejeição" mantivesse-me carregado com um enorme entusiasmo para escrever, e logo pus-me a trabalhar numa terceira história. Além disso, eu estava suficientemente encorajado a tentar submeter "Clandestino" a alguém mais. Naqueles dias, havia três revistas de ficção científica nas bancas.

Astounding era a aristocrata delas, mensal, com os cantos encurvados, e uma aparência de classe. As outras duas, Amazing Stories e Thrilling Wonder Stories, eram um tanto mais primitivas na aparência e publicava histórias com mais ação e enredos menos sofisticados. Enviei "Clandestino" a Thrilling Wonder Stories, que, porém, rejeitou-a prontamente a 9 de agosto de 1938 (com uma carta impressa).

A estas alturas, porém, eu estava profundamente engajado com minha terceira história, a qual, como veio a ser, estava fadada a se sair melhor - e mais depressa. Neste livro, no entanto, estou incluindo minhas histórias não na ordem de publicação, mas na de redação - que, presumo, é mais significativo do ponto de vista do desenvolvimento literário. Tratarei, portanto, de "Clandestino".

No verão de 1939, no tempo em que obtive meus primeiros poucos sucessos, retomei a "Clandestino", remodelei-o, e tentei Thrilling Wonder Stories de novo. Indubitavelmente, eu tinha uma leve suspeita de que o novo lustro de meu nome faria com que o lessem com uma atitude diferente do que havia sido o caso quando eu era completamente desconhecido. Estava completamente errado. Fui rejeitado de novo.

Então tentei Amazing, e, de novo, foi rejeitada.

Isto significava que a história tinha morrido, ou teria significado, se não fosse o fato de que a ficção científica estava entrando numa pequena expansão, ao aproximar-se o fim da década de 30. Novas revistas estavam sendo fundadas, e pelo fim de 1939, planos foram feitos para publicar uma revista a ser chamada Astonishing Stories que era vendida a dez centavos (Astounding custava vinte centavos o exemplar).

A nova revista, juntamente com uma revista-irmã, Super Science Stories, seria editada com grandes dificuldades por um jovem fã da ficção científica, Frederik Pohl, que estava completando vinte anos (era um mês mais velho do que eu) e que, desta forma, fazia sua entrada no que viria a ser uma marcante carreira profissional na ficção científica.

Pohl era um rapaz magro, de voz suave, com o cabelo já escasseando, um rosto solene, e seus dentes se projetavam ao sorrir, dando-lhe um aspecto de coelho. Os fatos econômicos de sua vida mantinham-no afastado da escola, mas ele era muito mais brilhante (e sabia disso) do que qualquer graduado que já encontrei.

Pohl era amigo meu (e ainda é) e talvez tenha feito mais para me ajudar a começar a minha carreira literária do que ninguém exceto, claro, o próprio Campbell, íamos juntos às reuniões do fã-clube. Ele tinha lido meus manuscritos e gostara deles - e agora precisava de histórias depressa, e a preço baixo para suas novas revistas.

Pediu para ver meus manuscritos de novo. Começou escolhendo uma de minhas histórias para seu primeiro número. A 17 de novembro de 1939, quase um ano e meio depois de "Clandestino" ter sido escrito, Pohl selecionou-a para inclusão em seu segundo número de Astonishing. Era um inveterado trocador de títulos, porém, e colocou "A Ameaça de Calisto" na história, e foi assim que foi publicada.

Pois aqui está, a segunda história que escrevi e a primeira a ter publicação profissional. O leitor pode julgar sozinho se Campbell em sua crítica, dada acima, foi demasiado gentil ou se estava justificado em prever uma carreira de escritor profissional para mim com base nesta história.

"A Ameaça de Calisto" aparece aqui (como todas as histórias neste volume) exatamente como apareceu na revista, apenas com a editoração e ajustes necessários para corrigir erros tipográficos.

1

A AMEAÇA DE CALISTO

- MALDITO JÚPITER! - rosnou Ambrose Whitefield farto de tudo, com o que concordei, com a cabeça..

- Tenho estado de serviço no satélite de Júpiter - disse eu - por quinze anos, e ouvi estas suas palavras faladas talvez um milhão de vezes. É provavelmente a praga mais sincera do sistema solar.

Nosso turno nos controles da nave patrulha "Ceres" acabava de ser rendido e descíamos os dois níveis para nosso quarto com passos arrastados.

- Maldito Júpiter - e maldito seja de novo - insistiu Whitefield, morosamente. - É grande demais para este sistema. Fica lá atrás de nós e puxa, e puxa, e puxa!

Precisamos manter os Átomos funcionando todo o tempo. Precisamos verificar o curso - completamente - a cada hora. Sem descanso, sem parar, sem cessar! Nada senão o mais podre dos trabalhos.

Havia gotículas de transpiração em sua testa e ele as limpava com as costas da mão. Era jovem, mal tinha trinta anos, e podia-se ver por seus olhos que estava nervoso, e mesmo um pouco assustado.

E não era Júpiter que o estava incomodando, a despeito de sua maledicência. Júpiter era a menor de suas atribulações. Era Calisto! Era aquele pequeno satélite que brilhava num azul pálido em nossas visi-chapas e fazia Whitefield suar e que já tinha estragado quatro de minhas noites de sono. Calisto! Nosso destino!

Mesmo o velho Mac Steenden, veterano com seu bigode grisalho que, em sua juventude, viajara com o grande Peewee Wilson em pessoa, cumpria suas funções com um olhar ausente. Quatro dias fora - e mais dez dias à nossa frente - e o pânico estava chegando com suas garras.

Éramos todos corajosos, no curso ordinário dos acontecimentos. Nós oito no "Ceres" havíamos nos defrontado com a púrpura Letrônica e o traiçoeiro Disintos, de piratas e rebeldes e os ambientes estranhos de meia dúzia de mundos. Mas é preciso

mais do que uma bravura quixotesca para enfrentar o desconhecido; para enfrentar Calisto, o "mundo misterioso" do sistema solar.

Um fato era conhecido sobre Calisto - um sombrio e simples fato Por um período de vinte e cinco anos, sete naves, progressivamente melhor equipadas, tinham descido lá - e nunca mais se ouviu falar delas. Os jornais dominicais povoavam o satélite com qualquer coisa, desde super-dinossauros até fantasmas invisíveis da quarta dimensão, mas isso não resolvia o mistério.

Éramos a oitava. Tínhamos uma nave melhor do que qualquer das precedentes. Éramos os primeiros a testar o novo casco de berilio-tunestê mo, duas vezes mais forte do que as velhas cascas de aço. Possuíamos armamentos superpesados e a última propulsão atômica E mesmo assim - éramos apenas a oitava expedição - e cada um de nós sabia disso. Ambrose Whitefield entrou em seus aposentos silenciosamente e mergulhou em seu catre. Seus punhos estavam fechados sob seu queixo e estavam brancos nas juntas. Parecia-me que ele não estava longe de estourar. Era um caso para cuidadosa diplomacia.

- O que precisamos - disse eu - é uma boa e forte bebida.

- O que precisamos - respondeu asperamente - é de um monte de bebida boa e forte.

- Bem, o que nos impede?

Olhou para mim, suspeitoso. - Você sabe que não há uma gota de álcool a bordo. É contra os regulamentos da Frota!

- Água de Jabra, cintilante - disse eu, devagar, deixando as palavras gotejarem de minha boca. - Envelhecida sob os desertos de Marte. Suco de esmeralda derretida! Caixas cheias!

- Onde?

- Eu sei onde. Que me diz? Algumas doses - apenas algumas - nos alegrarão.

Por um momento seus olhos faiscaram, e então apagaram-se de novo. - E se o Capitão descobrir? Ele é fanático pela disciplina, e numa viagem como esta, pode nos custar um rebaixamento.

Pisquei e sorri. - Escondida pelo próprio capitão. Ele não pode nos disciplinar sem cortar sua própria garganta - o velho hipócrita. Ele é o melhor capitão que já houve, mas ele gosta de sua água de esmeralda.

Whitefield olhou para mim longa e duramente. - Está bem; leve-me até lá.

Deslizamos até a sala de provisões, que estava deserta, claro. O Capitão e Steeden estavam nos controles; Brock e Charney nos motores; e Harrigan e Tuley estavam com suas cabeças idiotas roncando em seus quartos.

Movendo-me tão imperceptivelmente quanto podia, por mero hábito, empurrei para o lado os diversos volumes de tabletes de comida, e desloquei para o lado um painel oculto perto do chão. Pus a mão dentro e tirei uma garrafa empoeirada, que, à luz fraca, refletia um verde-mar.

- Sente-se - falei - fique à vontade. - Tirei dois copos pequenos e os enchi.

Whitefield bebia devagar e com todas as evidências de satisfação. Virou o copo no segundo gole.

- Afinal, como você foi voluntário para esta viagem, Whitey? - perguntei.

- Você me parece um pouco jovem para uma coisa destas.

Abanou a mão. - Você sabe como é. As coisas ficam monótonas depois de algum tempo. Fui estudar zoologia depois de sair do colégio grande campo, depois das viagens interplanetárias - e tinha uma posição confortável e boa, lá em Ganimedes. Era monótono, porém; estava totalmente entediado. De modo que juntei-me à Frota por impulso, assim como fui voluntário para esta viagem. - Suspirou, lastimoso. - Estou arrependido de tê-lo feito.

- Não é assim que se encara a coisa, menino. Tenho mais experiência e sei. Quando está para entrar em pânico, está tão bom como se estivesse morto. Ora, daqui a dois meses, estaremos em Ganimedes.

- Não estou apavorado, se é isso que está pensando - exclamou, nervoso. - É... é... - houve uma longa pausa, durante a qual tremeu, entornando seu terceiro copo.

- Bem, estou me roendo tentando imaginar por que diabos devemos esperar. Minha imaginação está trabalhando em excesso e meus nervos estão no fim.

- Claro, claro - consolei-o - não o estou acusando. É assim com todos nós, acho. Mas você precisa ser cuidadoso. Ora, lembro-me certa vez, numa viagem Marte-Titã, em que tínhamos de...

Whitefield interrompeu o que era uma de suas histórias favoritas - e eu as tinha como qualquer outro da ativa - com um cutucão nas costelas que me tirou o fôlego.

Pousou seu Jabra cuidadosamente.

- Diga-me, Jenkins - gaguejou - não bebi o suficiente para me fazer imaginar coisas, não?

- Depende do que você imaginou.

- Poderia jurar que vi algo movendo-se em algum lugar na pilha de caixas vazias, do outro lado.

- É mau sinal - e tomei outro gole, ao dizê-lo. - Seus nervos estão subindo para seus olhos, e agora estão brincando com você. Fantasmas, eu suponho, ou ameaça de Calisto nos assombrando por antecipação.

- Eu vi, estou lhe dizendo. Há algo vivo ali. - Inclinou-se para mim - seus nervos estavam perto do colapso - e por um momento, na luz fraca e sombria, eu mesmo me engasguei.

- Você está maluco - disse, em voz alta, e os ecos me acalmaram um pouco. Depositei meu copo vazio e levantei-me apenas um pouquinho tonto. - Vamos lá dar uma olhada nas caixas.

Whitefield seguiu-me e juntos começamos a remover os leves cubos de alumínio daqui para ali. Nenhum de nós dois estava cem por cento sóbrio e fizemos bastante barulho.

Pelo canto do olho, pude ver Whitefield tentando mover a caixa mais próxima da parede.

- Essa não está vazia - resmungou, ao erguê-la um pouco do chão. Murmurando enquanto tomava fôlego, abriu a tampa e olhou para dentro. Por meio segundo ele apenas olhou e então recuou lentamente. Tropeçou em algo e caiu sentado, ainda olhando para a caixa.

Olhei suas ações com os sobrolhos erguidos, e então relanceei apressadamente para o caixote. O relance congelou-se, e emiti um grito rouco que ressoou em cada uma das quatro paredes.

Um garoto estava pondo a cabeça para fora da caixa - um garoto ruivo, de rosto sujo, por volta de treze anos.

- Alo - disse o menino ao sair. Nenhum de nós encontrou forças para respondê-lo, de modo que continuou. - Estou contente por terem me encontrado. Estava torcendo meu ombro tentando me dobrar aqui dentro.

Whitefield engoliu em seco, audivelmente. - Meu Deus! Um garoto clandestino! E numa viagem para Calisto!

- E não podemos voltar - recordei-o, com voz exaltada - sem acabarmos conosco mesmos. A rota do satélite de Júpiter é veneno.

- Escute aqui - Whitefield voltou-se para o garoto com súbita beligerância. - Quem é você seu filhote de maluco, e o que está fazendo aqui?

O menino titubeou. - Sou Stanley Fields - respondeu, um pouco assustado. - Sou de Nova Chicago, em Ganimedes. Eu... eu fugi para o espaço, como fazem nos livros.

- Interrompeu-se e então perguntou, animado: - Pensa que teremos um combate contra piratas nesta viagem, senhor? Não havia dúvida de que o garoto estava cheio até as orelhas com lendas do espaço. Eu mesmo costumava lê-las quando era pequeno.

- E seus pais? - perguntou Whitefield, ameaçador.

- Oh, tudo o que tenho é um tio. Ele não se importaria muito, acho.

- Já havia passado seu embaraço inicial e olhava para nós, sorridente.

- Bem, o que fazer! - disse Whitefield, olhando para mim completamente desamparado.

Dei de ombros.

- Levá-o ao Capitão. Deixe que ele se preocupe.

- E como ele vai reagir?

- Do modo que ele quiser. Não é culpa nossa. Além do que, não há absolutamente nada que se possa fazer.

E pegando cada um uma das mãos do garoto, fomos embora dali.

O capitão Bartlett é um oficial capaz e um tipo inexpressivo, que raramente exterioriza emoções. Consequentemente, nas poucas ocasiões em que o faz, é como um vulcão mercuriano em erupção - e você não viu nada enquanto não tiver visto uma delas.

Era um caso de última gota. Uma rota de satélites é sempre cansativa. A imagem de Calisto adiante era mais incômoda para ele do que para qualquer um da tripulação.E agora este garoto clandestino.

Não dava mais para suportar! Por meia hora, o Capitão disparou salva após salva da pior espécie de palavrões. Começou com o sol e passou por toda a lista de planetas, satélites, asteróides, cometas, e até os meteoros mesmos. Estava começando com a estrela fixa mais próxima, quando entrou em colapso nervoso, por pura exaustão.

Estava tão excitado que nem pensou em perguntar-nos o que estávamos fazendo na dispensa, antes de tudo, pelo que Whitefield e eu estávamos gratos.

Mas o capitão Bartlett não era tolo. Tendo purgado a tensão nervosa de si, viu claramente que o que não pode ser curado, deve ser tolerado.

- Alguém, leve-o e providencie-lhe um banho - resmungou, cansado - e deixem-no fora de minhas vistas, por algum tempo. - Então, acalmando-se um pouco, dirigiu-se a mim. - Não o assuste contando para onde vamos indo. Está numa enrascada, o pobre

menino.Quando saímos, o velhaco de coração mole estava mandando uma mensagem de emergência para Ganimedes tentando entrar em contato com o tio do garoto.

Claro, não sabíamos naquela hora, mas aquele menino foi um presente de Deus - um genuíno golpe de sorte. Desviou-nos a atenção de Calisto. Deu-nos algo mais para nos preocuparmos. A tensão, que ao fim de quatro dias tinha quase atingido o ponto de ruptura, relaxou-se completamente.

Havia algo refrescante na alegria natural do garoto; em sua luminosa ingenuidade. Ele andava pela nave perguntando as questões mais tolas. Insistia em esperar piratas a qualquer momento. E, acima de tudo, persistia em olhar todos e cada um de nós como heróis de seus contos infantis. Isto pelo menos confortava nossos egos, claro, e elevava nossa moral. Rivalizávamos uns com os outros em peito erguido a contar bravatas, e o velho Mac Steeden, que aos olhos de Stanley era um semideus, quebrou todos os recordes de pura e simples mentira.

Lembro-me, particularmente, da conversa que tivemos no sétimo dia de viagem. Acabávamos de passar o ponto médio da rota e começávamos uma cuidadosa desaceleração.

Todos nós (exceto Harrigan e Tuley que estavam nos motores) estávamos sentados na sala de controle. Whitefield, com o rabo dos olhos no Mathematico, conduzia a conversação, e, como sempre, falava sobre zoologia.

- É uma coisinha como um verme - estava dizendo - encontrado apenas na Europa. É chamado Carolus Europis, mas sempre nos referimos a ele como o Verme Magnético.

Tem cerca de doze centímetros de comprimento, e tem uma cor assim como ardósia - a coisa mais nojenta que se possa imaginar.

- Gastamos seis meses estudando esse verme, e nunca vi o velho Mornikoff tão excitado com qualquer outra coisa antes. Veja só, matava por algum tipo de campo magnético.

Colocando-se um Verme Magnético num extremo de uma sala e uma lagarta no outro, esperando cinco segundos, a lagarta se encolhe e morre.

- E o mais engraçado: não atingiria um sapo,por ser demasiado grande, mas se pegamos esse sapo e colocamos alguma espécie de envoltório de ferro à sua volta, o Verme Magnético mata-o do mesmo modo. É por isso que sabemos que o faz por meio de algum campo magnético - a presença de ferro aumenta sua força mais de quatro vezes.

Sua história nos impressionou bastante. A voz de baixo profundo de Joe Brock ressoou. - Estou bem contente que essas coisas são bem pequenas, se o que você diz é certo.

Mac Steeden espreguiçou-se e cofiou seu bigode cinzento com exagerada indiferença. - Você chama esse verme incomum. Não é nada comparado às coisas que já vi em outros tempos... - Abanou a cabeça lentamente, recordando, e sabíamos que estávamos esperando para escutar uma história longa e fantástica. Alguém rosnou, surdamente, mas Stanley animou-se no minuto em que viu que o velho veterano estava para contar uma história.

Steeden notou os olhos acesos do garoto, e dirigiu-se ao pequeno companheiro. - Eu estava com Peewee Wilson quando aconteceu - já ouviu falar de Peewee Wilson, não?

- Oh, sim. - Os olhos de Stanley irradiavam seu culto ao herói. - Li vários livros sobre ele. Foi o maior espaçonauta que já existiu.

- Pode apostar todo o rádium de Titânio que foi, garoto. Não era mais alto que você, e não pesava mais de cinquenta quilos, mas equivalia cinco vezes seu peso em Demônios Venusianos, em qualquer luta. E eu e ele éramos assim. Nunca ia a nenhum lugar, sem que eu o acompanhasse. Quando a coisa estava preta, era sempre a mim que ele recorria.

Suspirou, lúgubre.

- Fiquei com ele até o fim. Apenas uma perna quebrada que me impediu de ir com ele em sua última viagem...

Engasgou de repente, e um silêncio gelado varreu-nos todos. O rosto de Whitefield ficou cinzento, a boca do capitão torceu-se um pouco, e meu coração deprimiu-se até a planta de meu pé.

Ninguém falava, mas havia apenas um pensamento entre nós seis. A última viagem de Peewee Wilson tinha sido para Calisto. Tinha sido da segunda expedição - e nunca retornara. Éramos a oitava.

Stanley olhou para cada um de nós, assombrado, mas todos nós evitamos seus olhos.

Foi o capitão Bartlett que se recuperou primeiro.

- Diga, Steeden, você tem uma velha roupa espacial de Peewee Wilson, não? - Sua voz era calma e constante, mas eu podia ver que de tinha que dispender um grande esforço para se manter assim.

Steeden acordou, e olhou para cima. Esteve mastigando as pontas de seu bigode (o que sempre fazia, quando nervoso) e agora elas caíam, apontadas para baixo, descompostas.

- Claro, capitão. Ele deu-a para mim com suas próprias mãos, claro. Foi em 23, quando as novas roupas de aço estavam começando a sair. Peewee não tinha mais nenhum uso para sua velha, de vitri-borracha, de modo que deu-ma de presente - e a guardei, desde então. Dá-me boa sorte.

- Bem, eu estava pensando que podíamos arranjar aquela roupa para o garoto aqui. Nenhuma outra pode lhe servir, e ele precisa de uma.

Os olhos ensombrecidos do veterano endureceram e ele abanou a cabeça, vigorosamente. - Não senhor, Capitão; ninguém põe a mão naquela velha roupa. Peewee me deu de presente. com suas próprias mãos! É... é sagrada, É o que é!

O resto de nós concordou imediatamente com o capitão, mas a obstinação de Steeden estabeleceu-se, e enrijeceu. De novo e de novo ele repetia: - Aquela velha roupa fica onde está. - E enfatizava a questão com golpes de seu punho.

Estávamos para desistir, quando Stanley, até então discretamente silencioso, interpelou-o.

- Por favor, sr. Steeden - havia a suspeita de um tremor em sua voz - deixe-me ficar com ela. vou tomar bastante cuidado com ela. Aposto que se Peewee Wilson estivesse vivo hoje, ele diria que eu poderia ficar com ela. - Seus olhos azuis umedeceram, e seu lábio tremeu um pouco. O menino era um ator perfeito.

Steeden parecia hesitante e ficou mordendo seu bigode de novo. Bem... ora, bem, estão todos contra mim. O garoto pode ficar com ela, mas não esperem que eu vá arranjá-la! Vocês podem perder o seu sono com isso, eu lavo minhas mãos.

E assim o capitão Bartlett matou dois coelhos com uma só cajadada. Desviou nossas mentes de Calisto numa hora em que a moral estava periclitante, e deu-nos algo para pensar pelo resto da viagem - para remodelar aquela antiga relíquia, que era o trabalho de mais ou menos uma semana.

Trabalhamos com aquela antiguidade com uma concentração desproporcionada à dimensão do trabalho. com isto, esquecemos o orbe sempre crescente de Calisto. Soldamos todas as rachaduras e fendas na velha roupa. Remendamos o interior com malha fina de alumínio. Reformamos a pequena unidade aquecedora e instalamos novos recipientes de oxigênio, de tungstênio.

Mesmo o capitão nos dava uma mão com a roupa, e Steeden, depois do primeiro dia, a despeito de sua tirada, do começo, lançou-se com vontade ao trabalho.

Acabamos no dia da descida, e Stanley, quando a experimentou, brilhava de orgulho, enquanto Steeden estava perto, sorrindo e torcendo seu bigode.

Com o passar dos dias, o círculo azul pálido que era Calisto cresceu na visi-chapa até ocupar a maior parte do céu. O último dia foi inquietante. Executávamos nossas tarefas abstraidamente, e cuidadosamente evitávamos a visão do frio satélite, à frente.

Mergulhamos numa espiral longa e que se contraía lentamente. Com esta manobra, o capitão esperava obter algum conhecimento preliminar da natureza do astro e seus habitantes, mas a informação conseguida era quase inteiramente negativa. A grande percentagem de dióxido de carbono presente na atmosfera escassa e fria era favorável à vida vegetal, de modo que a vegetação era numerosa e diversificada. Porém, o conteúdo de 3% de oxigênio parecia excluir toda possibilidade de vida animal, além das espécies mais simples e menores. Tampouco havia evidência de cidades ou estruturas artificiais de qualquer espécie.

Circundamos Calisto cinco vezes antes de localizarmos um grande lago, mais ou menos com a forma de uma cabeça de cavalo. Foi em direção a esse lago que lentamente baixamos, pois a última mensagem da segunda expedição - a expedição de Peewee Wilson - falava de aterrar perto desse lago.

Ainda estávamos a meia milha de altitude, quando localizamos o brilhante ovóide metálico que era o "Fobos", e quando finalmente nos chocamos suavemente contra o tapete verde de vegetação, estávamos a menos de quinhentos metros da nave sinistrada.

- Estranho - murmurou o capitão, depois de termos nos reunido na sala de controle, esperando as próximas ordens. - Parece não haver nenhuma evidência de violência.

Era verdade! O "Fobos" lá estava, quietamente, aparentemente intacto. Seu casco antiquado de aço brilhava intensamente sob a luz amarela do volumoso Júpiter, pois o pouco oxigênio da atmosfera não podia abrir caminhos de ferrugem por seu resistente exterior.

O capitão emergiu de uma severa contemplação e voltou-se para Charney, ao rádio.

- Ganimedes respondeu?

- Sim, senhor. Desejam-nos sorte. - Disse-o simplesmente, mas um calafrio percorreu a minha espinha.

Nenhum músculo da face do capitão se abalou.

- Tentou se comunicar com o "Fobos"?

- Sem resposta, senhor.

- Três de nós irão investigar o "Fobos". Algumas das respostas ao menos, estarão lá.

- Palitos de fósforo! - falou Brock, impassível. O capitão assentiu, grave.

Pegou oito fósforos, quebrou três pela metade, e estendeu o braço para nós, sem dizer palavra.

Charney adiantou-se, tirando primeiro. Estava quebrado e voltou quietamente para o armário das roupas espaciais. Tuley foi o próximo e depois dele Harrigan e Whitefield.

Então, eu, e tirei o segundo fósforo quebrado. Sorri e segui Charney, e em trinta segundos, o velho Steeden juntava-se a nós.

- A nave lhes dará apoio, amigos - disse o Capitão quietamente, ao nos apertar as mãos: - Se algo perigoso acontecer, corram de volta. Nada de heroísmos agora, pois não podemos nos dar ao luxo de perder homens.

Inspecionamos nosso Lectrônic de bolso e saímos. Não sabíamos exatamente o que esperar e não tínhamos certeza de nada, exceto que nossos primeiros passos no solo de Calisto poderiam ser os últimos, mas nenhum de nós hesitou sequer um instante. Nas historietas infantis sobre o espaço, a coragem é uma comodidade barata, mas é muitíssimo mais cara na vida real. E é com considerável orgulho que recordo os primeiros passos firmes com que nós três deixamos a proteção do "Ceres".

Olhei para trás apenas uma vez, e tive um relance da face de Stanley, apertada contra o espesso vidro da escotilha. Mesmo a uma certa distância, sua excitação era apenas aparente. Pobre menino! Nos últimos dois dias, estivera convencido de que estávamos a caminho de arrasarmos algum domínio pirata, e estava morrendo de impaciência pelo começo da luta. Claro, nenhum de nós pensou em desiludi-lo.

O exterior do casco do "Fobos" erguia-se ante nós e nos diminuía com seu poderoso vulto. A nave gigante permanecia no tapete verde escuro, silenciosa como a morte.

Uma das sete que haviam tentado, e falharam. E nós éramos a oitava.

Charney quebrou o silêncio perturbador.

- O que são estas manchas brancas no casco?

Esticou um dedo revestido de metal e esfregou-o ao longo da chapa de aço. Retirou-o e olhou para a polpa branca macia sobre ele. Com um estremecimento involuntário de repulsa, raspou-a sobre a grama áspera, do chão.

- Que pensa que é?

Toda a nave, tanto quanto podíamos ver - exceto por aquela porção imediatamente perto do chão - estava suja com uma fina camada da substância esponjosa. Parecia esponja seca, como...

Eu disse: - Parece lodo deixado pela passagem de uma lesma gigante, que tivesse saído do lago e deslizado sobre a nave.

Eu não falava sério, mas os outros dois lançaram olhares pressurosos para o espelhado lago onde a imagem de Júpiter estava, imperturbada. Charney tomou seu Lectrônic.

- Ei! - gritou Steeden, súbito, sua voz, metálica e fanhosa, pelo rádio - não devemos ficar aqui conversando. Precisamos achar algum meio de entrar na nave; deve haver alguma abertura no casco. Vá pela direita, Charney, e você, Jenkins, para a esquerda. Verei se posso subir por esta coisa de algum modo.

Considerando cuidadosamente o casco suavemente arredondado, foi para trás, e saltou. Em Calisto, claro, ele pesava apenas dez quilos, ou menos, mesmo com a roupa espacial, de modo que se ergueu nove ou dez metros. Bateu de leve contra o casco, e ao começar a deslizar para baixo, agarrou a cabeça de um rebite e começou a galgar o casco.

Acenando para Charney a esta altura, afastei-me.

- Tudo em ordem? - A voz do capitão soava fraca, em meu ouvido.

Tudo OK - repliquei - até agora. - E ao dizer isto, o “Ceres” desapareceu atrás do vulto convexo do “Fobos”, morto, e eu estava só, sobre o misterioso satélite.

Prossegui minha ronda em silêncio. A “pele” da espaçonave era contínua, exceto pelas escotilhas, negras, imóveis, a mais baixa das quais estava bem acima de minha cabeça. Uma ou duas vezes pensei que pude ver Steeden subindo como um macaco para o topo do casco suave, mas talvez estivesse enganado.

Atingi a proa, finalmente, banhada à plena luz de Júpiter. Ali, a fileira inferior de escotilhas estava baixa o bastante para poder espiar lá dentro, e ao passar de uma para

outra, senti-me como olhando para uma nave de fantasmas, pois à luz fantasmagórica, todos os objetos apareciam apenas como sombras incertas.

Apenas a última janela da fileira que se mostrou de um súbito e importante interesse. No retângulo amarelo da luz de Júpiter, projetado sobre o chão, estava o que restava de um homem. Suas roupas estavam soltas à volta dele, soltas, e sua camisa estava enrugada como se as costelas sob ela a houvessem moldado naquela posição.

No espaço entre o colarinho aberto da camisa e o quepe de engenheiro, aparecia uma caveira sorridente, sem olhos. O quepe, um pouco deslocado sobre a caveira, parecia adicionar o último refinamento de horror àquela visão.

Um grito em meus ouvidos fez saltar meu coração. Era Steeden, praguejando em algum lugar da nave. Quase de imediato, vi seu corpo revestido de aço deslizando e caindo pelo flanco da nave.

Corremos para ele em passos longos e flutuantes, e ele fez sinal para nós, indicando o lago. Nas suas bordas, parou e inclinou-se sobre um objeto meio enterrado.

Dois saltos nos trouxeram perto dele, e vimos que o objeto era um humano em traje espacial, deitado de bruços. Sobre ele estava uma camada espessa da mesma substância macilenta que cobria o “Fobos”.

- Eu o vi do alto da nave - disse Steeden, meio sem fôlego, ao revirar o cadáver.

O que vimos fez-nos explodir simultaneamente em lágrimas. Pelo visor de vidro, aparecia um rosto leproso. As feições estavam apodrecidas, desmanchadas, como se o apodrecimento tivesse cessado pela interrupção do suprimento de ar. Aqui e ali um pedaço de osso acinzentado aparecia. Foi a coisa mais repulsiva que já havia visto, muito embora já tivesse visto coisas bastente ruins.

- Meu Deus! - a voz de Charney era quase um soluço. - Eles simplesmente morrem e apodrecem. - Falei a Steeden do esqueleto vestido que vi pela escotilha.

- Maldição, é um enigma - resmungou Steeden - e a resposta deve estar dentro do “Fobos”. - Houve um silêncio momentâneo. - Sugiro uma coisa. Um de nós pode voltar e falar para o capitão para desembarcar o desintegrador. Deve haver luz suficiente em Calisto, e, em baixa potência, podemos ter um feixe fino o bastante para abrir um buraco sem explodir com a nave em pedacinhos. Você vai, Jenkins. Charney e eu veremos se podemos encontrar mais alguns dos pobres coitados.

Fui para o “Ceres” sem delongas, cobrindo a distância com saltos bem eficientes. Três quartos da distância haviam sido cobertos quando um grito alto soado metalicamente em meus ouvidos, trouxe-me a uma parada brusca. Virei-me assustado, e fiquei petrificado com o que vi.

A superfície do lago fora quebrada numa espuma efervescente e dela saíam as partes dianteiras do que pareciam ser lagartas gigantescas. Esticavam-se para terra, corpos de um cinza sujo pingando lodo e água. Tinham um metro e meio de comprimento, meio metro de espessura, e seu método de locomoção era o mais lento rastejar, para conservar o oxigênio. Exceto por uma projeção pontuda em sua extremidade anterior, cuja ponta brilhava num vermelho fraco, eram absolutamente disformes.

Enquanto olhei, seu número aumentava, até que a borda se tornou uma só massa oscilante de carne cinza repugnante.

Charney e Steeden estavam correndo em direção ao “Ceres”, mas menos da metade da distância tinham percorrido, quando tropeçaram, sua corrida reduzindo-se a uma série de tropeços cegos, e mesmo isto cessou, e quase caíram de joelhos.

A voz de Charney soou fracamente em meus ouvidos: - Busque ajuda! Minha cabeça está se rompendo. Não posso mover-me! Eu... - Ambos estavam imóveis agora.

Comecei a dirigir-me para eles automaticamente, mas um golpe repentino em minhas têmporas me atingiu, e por um momento fiquei confuso.

Então ouvi um grito desesperado de Whitefield: - Volte para a nave, Jenkins! Volte! Volte!

Voltei-me para obedecer, pois a dor aumentava para algo contínuo e dilacerante. Bamboleava e quase caía ao me aproximar da porta da nave, e creio que estava a ponto de desfalecer quando afinal caí dentro dela. Depois, só me lembro de coisas confusas por um bom período.

Minha próxima impressão clara foi da sala de controle do “Ceres”.

Alguém havia tirado a minha roupa espacial, e olhei em volta, desalentado, para uma cena da mais completa confusão. Meu cérebro estava de alguma forma vazio, e o capitão Bartlett, ao se inclinar sobre mim, aparecia em dobro.

- Você sabe o que aquelas abomináveis criaturas são? - Apontou para fora, para as lagartas gigantes.

Abanei a cabeça, mudo.

- São os trisavôs do Verme Magnético de que Whitefield nos falou. Lembra-se do Verme Magnético?

Assenti. - O que mata por um campo magnético que é reforçado pelo ferro nas proximidades.

- Raios, deve ser isso mesmo - gritou Whitefield, de repente. - Poderia jurar. Se não fosse pela sorte de nosso casco ser de berílio-tungstênio, e não de aço – como o “Fobos” e os outros - todos nós estaríamos inconscientes agora e mortos em instantes.

- Então é essa a ameaça de Calisto - minha voz se elevou, num súbito assustar-se. - Mas e Charney e Steeden?

- Acabados - murmurou o capitão, lúgubre. - Inconscientes - talvez mortos. Aquelas minhocas nojentas estão rastejando em direção a eles e não há nada que possamos fazer. - Estalou as articulações dos dedos. Não podemos ir atrás deles com nossas roupas espaciais sem assinar nossa pena de morte - os trajes espaciais são de aço.

Ninguém pode ficar lá e voltar sem uma roupa espacial. Não temos armas com feixe fino a ponto de atingir os Vermes sem calcinar Charney e Steeden também. Pensei em manobrar o “Ceres” para perto e dar uma corrida, mas não se pode manobrar uma espaçonave na superfície de um planeta desta forma, sem rompê-la. Nós...

- Em suma - interrompi, secamente - vamos ficar aqui e vê-los morrer. - Ele concordou e deu-me as costas, amargurado.

Senti um puxãozinho em minha manga, e ao voltar-me era Stanley, com seus grandes olhos azuis olhando para mim. Naquela excitação, esqueci-me dele, e agora olhava para ele de mau humor.

- Que é? - Fui logo dizendo.

- Sr. Jenkins. - Seus olhos estavam vermelhos, e penso que ele preferiria piratas aos Vermes Magnéticos, facilmente. - Sr. Jenkins, talvez eu pudesse ir e pegar o sr. Charney e o sr. Steeden.

Simplesmente virei o rosto.

- Mas, sr. Jenkins, eu posso. Ouvi o que o sr. Whitefield disse, e a minha roupa espacial não é de aço; é de vitri-borracha.

- O garoto está certo - falou Whitefield devagar, quando Stanley repetiu sua oferta a todos os outros. - O campo não-reforçado não nos faz mal, é evidente. Ele estaria seguro numa roupa de vitri-borracha.

- Mas aquela roupa não está em boas condições! - Objetou o capitão. - Nunca pensei em fazer o garoto usá-la. - Terminou hesitante e seus modos eram evidentemente

irresolutos.

- Não podemos deixar Neal e Mac lá fora sem tentarmos, capitão disse Brock, impassível.

O capitão decidiu-se subitamente e tornou-se um torvelinho de ação.

Mergulhou no compartimento dos trajes espaciais procurando a relíquia, e ajudou Stanley a vestir-se.

- Pegue Steeden primeiro - disse o capitão, ao fechar o último parafuso. - Ele é mais velho e tem menos resistência ao campo. Boa sorte, menino, e se não puder, volte imediatamente. Imediatamente, ouviu bem?

Stanley caiu no primeiro passo, mas a vida em Ganimedes tinha-o acostumado a gravidades abaixo do normal e recuperou-se rapidamente. Não mostrou sinais de hesitação, ao saltar para os dois vultos caídos, e respiramos mais levemente. Claro, o campo magnético não o estava afetando, então.

Ele tinha um dos dois vultos sobre os ombros agora, e estava voltando para a nave a um passo apenas um pouco mais lento. Ao jogar sua carga dentro do compartimento estanque, acenou para nós na janela, e respondemos, acenando para ele.

Ele mal se afastara, quando já tínhamos Steeden dentro. Arrancamos seu traje espacial e o deitamos no catre, fraco e pálido.

O capitão aplicou uma orelha a seu peito e logo riu, aliviado! - O malandro ainda está em ordem.

Reunimo-nos alegres à sua volta, ao ouvirmos isto, todos ansiosos para verificar o pulso dele, certificando-nos de que estava vivo. Seu rosto moveu-se um pouco, e quando uma voz baixa e pastosa se fez ouvir: - Então eu disse ao Peewee, eu disse... - nossas últimas dúvidas foram dissipadas.

Foi um súbito grito de Whitefíeld que nos levou de volta à janela: Algo está errado com o garoto.

Stanley estava a meio caminho de volta à nave com sua segunda carga, mas estava cambaleando - progredindo erraticamente.

- Não pode ser - murmurou Whitefíeld, rouco. - Não pode ser. O campo não pode atingi-lo!

- Deus! - o capitão pôs a mão na cabeça, desesperado - aquela maldita antiguidade não tem rádio. Ele não pode nos dizer o que está errado.

- Afastou-se de súbito. - vou atrás dele. Campo ou não, vou pegá-lo.

- Espere, capitão - disse Tuley, agarrando-o pelo braço - ele vai conseguir.

Stanley estava correndo de novo, mas de uma forma curiosa, oscilando, que deixava bem claro que ele não sabia onde estava indo. Por duas ou três vezes escorregou e caiu, mas a cada vez ele conseguia erguer-se de novo. Caiu contra o casco da nave, finalmente, e rastejou para o compartimento estanque, aberto. Gritamos e rezamos e transpiramos, mas não podíamos ajudar.

E então ele simplesmente desapareceu. Jogara-se contra a porta, e caiu para dentro.

Trouxemos os dois para dentro em tempo recorde, e tiramos-lhes os trajes. Charney estava vivo, logo vimos, e depois o desertamos sem cerimônia, para ver Stanley.

O azul de seu rosto, sua língua enrolada, a linha de sangue correndo do nariz para o queixo já contava toda a história.

- O traje estava vazando - disse Harrigan.

- Afastem-se dele - ordenou o capitão - dêem-lhe ar. Esperamos. Finalmente, um gemido fraco do menino indicava a volta da consciência, e sorrimos juntos.

- Garoto valente - disse o capitão - caminhou aqueles últimos cem metros apenas por teimosia, e nada mais. - Então de novo: - Garoto corajoso; vai ganhar uma Medalha Naval por isto, nem que eu tenha de dar-lhe a minha.

Calisto era uma bola que se reduzia no televisor - um mundo comum, sem mistérios. Stanley Fields, capitão honorário da boa nave “Ceres” fazia uma careta para ele, mostrando a língua. Um gesto deselegante, mas o símbolo do triunfo do homem sobre um sistema solar hostil.

***

Ao reler a história agora (é a primeira vez que a releio, desde que foi publicada), estou surpreso ao ver que o nome do clandestino é Stanley. É o nome de meu irmão mais jovem, que tinha apenas nove anos, quando escrevi a história (o mesmo que foi o tema de meu ensaio da escola do Brooklyn, e agora é Editor Assistente do Newsday de Long Island). Por que a necessidade de usar "nomes reais", não sei, mas quase todo escritor principiante o faz, eu creio.

Você deve ter notado que não há garotas na história. O que não é surpreendente. Aos dezoito eu estava ocupado acabando o colégio e ajudando meu pai na doceira, e fazendo entregas de jornais pela manhã e pela tarde, e realmente nunca tive tempo para namorar. Não sabia nada a respeito de garotas (exceto pela biologia, que tirava de livros e de outros rapazes mais experientes).

Eventualmente arranjei namoradas, e introduzi garotas em minhas histórias, mas a característica inicial teve seus efeitos. Até hoje, o elemento romântico em minhas histórias é menor, e o elemento sexual, virtualmente nulo.

Por outro lado, imagino se a explicação acima pela falta de sexo em minhas histórias não é uma super simplificação. Afinal, sou um abstêmio, e noto que meus personagens bebem o "jabra" marciano (seja lá o que for...).

Meu conhecimento de astronomia era bastante respeitável, mas deixo-me influenciar pelas convenções comuns à ficção científica da época. Todos os mundos eram semelhantes à Terra, e habitados, naqueles dias, de modo que dei a Calisto uma atmosfera contendo uma pequena quantidade de oxigênio livre. Também lhe dei água corrente, e vida vegetal e animal. Tudo isto, claro, improvável ao extremo, pois toda evidência que temos de Calisto é que seja um mundo sem ar, e sem água, como a nossa Lua (e, claro, eu realmente sabia disto, na época).

De volta a minha terceira história, agora.

A 30 de julho de 1938, apenas oito dias depois da segunda rejeição de Campbell, eu acabava a minha terceira história, "Náufragos em Vesta". Não pensava ser duas: "Este Planeta Irracional" ("This Irrational Planet") e "Anel em Torno do Sol" ("Ring Around the Sun").

Minhas primeiras três histórias, incluindo "Náufragos em Vesta", haviam sido datilografadas numa máquina de escrever muito velha mas ainda funcionando bem, marca "Underwood", nº 5, que meu pai havia conseguido para mim em 1936, por dez dólares. Depois de ter apresentado minha segunda história para Campbell, porem, meu pai decidiu que eu estava realmente começando uma carreira literária, e sentindo que meu fracasso em vender era irrelevante, e, em qualquer caso, temporário, tratou de comprar-me uma máquina nova.

A 10 de agosto de 1938, uma portátil Smith-Corona entrou em casa, e foi nesta nova máquina de escrever que as minhas quarta e quinta histórias foram escritas.

Das três, achei que "Este Planeta Irracional" era a mais fraca, de modo que não a apresentei a Campbell. Apresentei-a diretamente a Thrilling Wonder Stories, a 26 de agosto, e não fora rejeitada até 24 de setembro. Campbell havia me acostumado mal, e o intervalo de quatro semanas entre a apresentação e a rejeição me assustava.

Durante este tempo até fiz uma indignada interpelação - não sabendo que uma simples espera de quatro semanas era de fato breve para qualquer um, menos Campbell.

Mas, pelo menos, a rejeição, quando veio, estava datilografada, e não era impressa. Além do que, continha a sentença, "Tente de novo conosco, por favor". Isto me encorajou. Talvez eu tivesse subestimado a história. Alegremente, tentei Campbell, e ele a rejeitou em seis dias. Cinco outras revistas a rejeitaram, depois. Nunca a vendi, e "Este Planeta Irracional" também não mais existe agora. Nem mesmo me lembro do enredo, exceto que estou bem certo de que o planeta do título era a própria Terra. (A única outra informação que tenho sobre ela é que era curta, apenas três mil palavras de extensão. De fato, a maioria das histórias daqueles primeiros anos que nunca vendi, e que não mais existem, eram curtas. A mais longa foi a primeira, "Saca-rolha Cósmico".)

As outras duas histórias, escritas no mesmo mês, estavam destinadas para um futuro melhor, o que, de início, não parecia. A 30 de agosto de 1938, visitei Campbell pela terceira vez e apresentei "Náufragos em Vesta" e "Anel em Torno do Sol" - e ambas foram devolvidas a 8 de setembro.

No dia seguinte mesmo, mandei "Náufragos em Vesta", que pensei ser a melhor das duas, para Amazing Stories. Levou um mês e meio para ter notícias, mas desta vez, a espera valeu a pena. A 21 de outubro de 1938, veio uma carta, aceitando-a, de Raymond Palmer que era então editor de Amazing e que desde então atingiu maior fama como

figura de proa na onda dos discos voadores, e outras formas de ocultismo. Até hoje não encontrei o Sr. Palmer pessoalmente.

Foi o primeiro conto aceito, quatro meses depois de minha primeira visita a John Campbell. Por aquela data, eu havia escrito seis histórias e colecionara nove rejeições de diversas revistas. O cheque de $64 (um centavo por palavra), seguiu a 31 de outubro, e foi a primeira quantia que ganhei como escritor profissional*.

* Neste livro, darei considerável atenção ao dinheiro que recebi por minhas histórias. Não porque escrevo primariamente por dinheiro, ou veja o dinheiro como particularmente importante, no passado ou agora (meus editores seriam de bom grado testemunhas disto). O dinheiro que recebi, porém, foi crucial em determinar minha carreira. Pagou-me o bastante para continuar os estudos, mas não o bastante para me afastar deles. Você verá conforme formos mais adiante.

Por alguns anos guardei aquela primeira carta de aceitação, de Palmer, emoldurada na parede de meu quarto. Mas nas vicissitudes da vida ela também desapareceu, e, claro, lamento.

A história apareceu no número de março de 1939 de Amazing Stories, que chegou às bancas a 10 de janeiro de 1939, apenas oito dias após o meu décimo - nono aniversário.

Foi a primeira ocasião em que aparecia profissionalmente, e ainda tenho um exemplar intacto daquele número da revista. Acabei não o conservando (meu senso de importância histórica, como já expliquei, é deficiente), mas eventualmente removi minha história, para encadernar, e descartei o resto. Ordinariamente, não me importo em fazer isto, e tenho-o feito impiedosamente em todos estes anos (o espaço é limitado mesmo no melhor dos apartamentos, quando se é tão prolífico quanto tenho sido), mas veio a ocasião em que senti não ter poupado aquele primeiro intacto. O bem conhecido fã da ficção científica, Forrest J. Ackerman, ouviu-me lamentar esta falta, e gentilmente enviou-me um exemplar em excelentes condições.

Este exemplar, aliás, contém um pequeno parágrafo autobiográfico no fim, escrito por mim mesmo. Relendo-o, anos após, mostra-se estranhamente embaraçoso.

“Náufragos em Vesta” não está incluído aqui, pois que apareceu em “Mistérios de Asimov” (“Asimov”s Mysteries”). Isto não significa ter sido um mistério. A razão para a inclusão nesta coletânea em particular é lá explicada. Bem, compre o livro e satisfaça sua curiosidade...

Quanto a “Anel em Torno do Sol”, foi rejeitada por Thrilling Wonder Stories, mas a 5 de fevereiro de 1939, foi aceita por Future Fiction, uma das novas revistas de ficção científica que estavam aparecendo.

Foi publicada no segundo número da revista, que não chegou às bancas senão um ano após a venda. O pagamento (teoricamente na publicação, ao invés de na aceitação, como no procedimento mais civilizado de Campbell) foi ainda mais atrasado. E mais, foi à razão de apenas meio centavo por palavra, de modo que o cheque veio na importância de apenas vinte e cinco dólares. Astonishing Stories também pagava meio centavo a palavra naquele tempo, mas “A Ameaça de Calisto” foi a história mais longa - 6 500 palavras - de modo que valeu-me $ 32,50.

Não me senti abatido, no entanto. Eu sabia que na história ainda incipiente das revistas de ficção científica, o pagamento de um quarto de centavo por palavra era comum, e não com a publicação mas (como se costumava dizer), com uma ação judicial. Além do mais, eram tempos difíceis, e vinte e cinco dólares representavam algo assim como cinco meses de despesas gerais para mim (sem brincadeira).

O editor de Future Fiction era, então, Charles D. Hornig. Ocasionalmente visitei seu escritório para perguntar quando uma história seria publicada, ou quando um cheque poderia aparecer, mas não me lembro de tê-lo encontrado. De fato, até hoje, nunca, que eu saiba, o encontrei.

2

ANEL EM TORNO DO SOL

Jimmy Turner estava cantarolando alegremente, se bem que um tanto rouco, quando entrou na sala de recepção.

- O velho ranzinza está? - perguntou, acompanhando a pergunta com uma piscada, com a qual a bela secretária enrubesceu, agradecida.

- Está, e esperando por você. - Levou à porta em que estava escrito em letras grandes e pretas, "Frank McCutcheon, Gerente Geral, United Space Mail".

Jim entrou.

- Alô, chefe, o que há?

- Oh, é você? - McCutcheon olhou para cima, de sua escrivaninha, mascando um charuto fedorento. - Sente-se.

McCutcheon olhou para ele sob suas espessas sobrancelhas cinzentas. O "Velho Ranzinza", como era conhecido por todos os membros da United Space Mail, era conhecido por nunca ter dado risada, tanto quanto estivesse na memória de seu conhecido mais antigo, muito embora corresse o rumor de que ele sorrira quando criança, ao ver seu pai caindo de uma macieira. Neste momento, sua expressão fazia este rumor parecer exagerado.

- Agora, escute, Turner - grunhiu - a United Space Mail está inaugurando um novo serviço, e você foi escolhido. - Não se importando com a reação de Jimmy, continuou:

- De agora em diante o correio de Vênus está com o funcionamento estendido para o ano inteiro.

- O quê! Sempre pensei que era ruinoso, financeiramente, entregar o correio de Vênus, exceto quando o planeta está do mesmo lado do Sol que nós.

- Claro - admitiu McCutcheon - se seguimos as rotas ordinárias. Mas podemos cortar caminho através do sistema se apenas pudéssemos nos aproximar o bastante do Sol.

É aí que você entra! Fizeram uma nova nave equipada para se aproximar a vinte milhões de milhas do Sol e que poderá ficar a essa distância indefinidamente.

Jimmy interrompeu, nervosamente. - Espere um pouco, Ran... Sr. McCutcheon, não estou entendendo. Que tipo de nave é essa?

- Como quer que eu saiba? Não sou egresso de nenhum laboratório. Pelo que me dizem, emite alguma espécie de campo que desvia as radiações do Sol em torno dela. Entendeu?

Ela é toda defletida. Nenhum calor a atinge. Pode ficar lá para sempre e mais frio do que aqui em Nova Iorque.

- Oh, é assim? - Jimmy estava cético. - Já foi testada, ou isso é um pormenor que foi deixado para mim?

- Foi testada, claro, mas não sob condições solares reais.

- Então, nada feito. Já fiz muito pela United, mas isto não. Não estou louco, ainda.

McCutcheon empertigou-se. - Devo lembrar-lhe o juramento que fez ao entrar para o serviço, Turner? “Nosso vôo pelo espaço...”.

- “... nunca deve ser interrompido por nada, exceto a morte” - terminou Jimmy. - Sei disso tão bem quanto você, e também percebo que é muito fácil dizer isso sentado numa cadeira confortável. Se é tão idealista, pode fazê-lo sozinho. Por mim, nada feito. E se quiser, pode me despedir. Posso arranjar outros empregos assim - e estalou os dedos.

A voz de McCutcheon caiu para um sussurro sedoso. - Ora, vamos, Turner, não seja apressadinho. Ainda não escutou tudo o que eu tinha a dizer. Roy Snead será seu companheiro.

- Ha.! Snead! Aquele mascarado não teria coragem de aceitar um trabalho desses nem num milhão de anos. Conte-me alguma outra história.

- Bem, de fato, ele aceitou. Pensei que você poderia acompanhá-lo, mas creio que ele estava certo. Ele insistiu em que você desistiria. Pensei de início que seria diferente.

McCutcheon despediu-o com um gesto da mão, e continuou despreocupadamente a ler o relatório com que estava ocupado quando Jimmy entrou. Jimmy virou-se, hesitou, e então voltou.

- Espere um pouco, Sr. Cutcheon; quer dizer que Roy vai mesmo? McCutcheon assentiu, ainda aparentemente absorvido em outros assuntos, e Jimmy explodiu. - Ora, aquele traiçoeiro baixinho! Então ele pensa que não tenho peito para ir! Vou mostrar-lhe. Vou pegar o trabalho e apostar dez dólares contra um níquel de Vênus como ele vai se acovardar no último minuto.

- Ótimo! - McCutcheon ergueu-se e apertou-lhe a mão. - Imaginei que você reconsideraria. O major Wade tem todos os pormenores. Você parte em seis semanas, e eu vou para Vênus amanhã; você provavelmente me encontrará lá.

Jimmy saiu, ainda fervendo, e McCutcheon chamou a secretária. Srta. Wilson, chame Roy Snead pelo visor.

Uma pausa de alguns minutos e então o sinal vermelho acendeu-se. O visor foi ligado e o rosto moreno e vivaz de Snead apareceu na visichapa.

- Alô, Snead - resmungou McCutcheon. - Perdeu aquela aposta, Turner aceitou o serviço. Pensei que ele morreria de rir quando lhe contasse que você disse que ele não iria. Mande-me os vinte dólares, por favor.

- Espere um pouco, Sr. McCutcheon - o rosto de Snead estava negro de fúria - qual foi essa idéia de dizer àquele bêbado imbecil que eu não iria? Você teve a idéia, seu mentiroso. Estarei aí sim, mas pode preparar mais vinte e aposto que ele ainda vai mudar de idéia. Mas eu estarei aí.

- Roy Snead ainda estava vociferando, quando McCutcheon desligou.

O Gerente Geral recostou-se, jogou fora seu charuto, já destroçado, e acendeu outro. Seu rosto continuava azedo, mas havia uma nítida nota de satisfação em sua voz, ao dizer: - Ha.! Sabia que os pegaria.

Era um par suarento e cansado que pilotava a nave “Helios” através da órbita de Mercúrio. A despeito da amizade superficial que lhes era imposta pelas semanas solitárias pelo espaço, Jimmy Turner e Roy Snead mal se dirigiam um ao outro. Acrescente-se a esta hostilidade dissimulada, o calor do imenso Sol e a torturante incerteza sobre o resultado final da viagem, e temos um par miserável, de fato.

Jimmy olhou, exausto, para a multidão de mostradores à sua frente, e, afastando uma mecha de cabelo molhado de seus olhos, resmungou: Qual a indicação do termômetro agora, Roy?

- Cento e vinte e cinco graus Fahrenheit, e ainda subindo - foi a resposta, igualmente rosnada.

Jimmy blasfemava fluentemente: - O sistema de refrigeração está no máximo, o casco da nave reflete 95% da radiação, e ainda está nos cento e vinte. - Fez uma pausa.

- O gravômetro indica que ainda estamos a uns trinta e cinco milhões de milhas do Sol. Quinze milhões de milhas até que o campo defletor se torne eficaz. A temperatura provavelmente ainda chegará aos 150. Bela perspectiva! Verifique os dessecadores. Se o ar não for mantido absolutamente seco, não duraremos muito.

- Dentro da órbita de Mercúrio, pense só! - A voz de Snead era brusca. - Ninguém já esteve tão perto do Sol como isto, e ainda vamos nos aproximar mais.

- Muitos já estiveram a esta distância, e ainda mais perto - lembrou Jimmy - mas eles estavam fora de controle e desceram no Sol. Friedlàhder, Debuc, Anton. - Sua voz sumiu num entristecido silêncio.

Roy ajeitou-se incomodado. - Qual a eficiência do campo de deflexão, Jimmy? Seus alegres pensamentos não são muito animadores, sabe?

- Bem, foi testado nas piores condições que os técnicos do laboratório puderam criar. Eu assisti aos testes. Foi imerso numa radiação próxima da do Sol a uma distância de vinte milhões de milhas. O campo funcionou como mágica. A luz dobrou-se em torno dele, de modo que a nave ficou invisível. Os homens dentro dela disseram que tudo o que estava fora é que ficava invisível, e que nenhum calor os atingia. Coisa estranha, porém, o campo trabalha apenas sob certas intensidades de radiação.

- Bem, de qualquer modo, espero que acabe logo - disse Roy esperançoso. - Se o Velho Ranzinza está pensando em fazer desta a minha rota regular, ...bem, vai perder seu melhor piloto.

- Perderá seus dois melhores pilotos - corrigiu Jimmy.

Os dois caíram em silêncio, e o “Helios” prosseguiu viagem.

A temperatura subia: 130; 135; 140. Então, três dias depois, com o mercúrio oscilando em torno de 148, Roy anunciou que estava se aproximando do cinturão crítico, onde a radiação solar atingia uma intensidade suficiente para energizar o campo.

Os dois esperavam, mentes em concentração febril, pulsos latejando.

- Acontecerá de repente?

- Não sei. Precisamos esperar.

Das escotilhas, apenas as estrelas eram visíveis. O Sol, três vezes maior do que visto da Terra, derramava seus raios cegantes sobre metal opaco, pois nesta nave especialmente projetada, as escotilhas fechavam-se automaticamente quando atingidas por radiação forte.

E então as estrelas começaram a desaparecer. Lentamente, de início, as mais fracas desapareceram - depois, as mais brilhantes: Polaris, Regulus, Arcturus, Sirius.

O espaço estava uniformemente preto.

- Está funcionando - disse Jimmy, aliviado. As palavras mal saíram de sua boca, quando as escotilhas do lado do Sol abriram-se. O Sol desaparecera!

- Bem, já me sinto melhor - Jimmy Turner estava jubilante. - Rapaz, funciona, como mágica. Sabe, se eles puderem ajustar este campo de deflexão a todas as intensidades de radiação, poderíamos ter a invisibilidade perfeita. Faria uma arma muito conveniente. - Acendeu um cigarro e recostou-se, deliciado.

- Mas, enquanto isso, fazemos vôo cego - insistiu Roy.

Jimmy sorriu, paternal. - Não precisa se preocupar com isso, Bolacha. Cuidei de tudo. Estamos em órbita em torno do Sol. Em duas semanas, estaremos do lado oposto e então deixarei os foguetes nos mandarem para fora desta faixa, disparando em direção a Vênus. - Estava realmente muito satisfeito consigo mesmo.

- Deixe com Jimmy Turner, o “Crânio”. Estaremos lá em dois meses, ao invés dos seis meses regulares. Está viajando com o melhor piloto da United.

Roy logo riu. - Ao ouvi-lo, alguém pensaria que você fez todo o trabalho. Tudo o que está fazendo é guiar a nave no curso que eu calculei. Você é o mecânico; eu sou o cérebro.

- Ah, sim? Qualquer cadete de escola de pilotos pode calcular um curso; é preciso um homem para pilotar.

- Bem, na sua opinião. Mas, quem tem o maior salário, o piloto ou o navegador?

Jimmy não teve resposta para isto, e Roy saiu triunfante, da sala de pilotagem. Inconsciente de tudo isto, o “Helios” continuava disparando pelo espaço.

Por dois dias, tudo esteve em paz; então, no terceiro, Jimmy inspecionou o termômetro, coçou a cabeça e ficou preocupado. Roy entrou, olhou para ele, e ergueu as sobrancelhas, surpreendido.

- Algo errado? - Inclinou-se e viu a altura da fina coluna vermelha.

- Apenas 100 graus. Não é nada perto do que já passamos. Pela sua expressão, pensei que havia algo errado com o campo de deflexão, e que estava subindo de novo. - Afastou-se com um bocejar ostensivo.

Ora, cale-se, seu macaco idiota - o pé de Jimmy ergueu-se numa quase tentativa de pontapé. - Eu me sentiria melhor se a temperatura estivesse subindo. Este campo defletor está trabalhando bem demais para o meu gosto.

- Como? Que quer dizer?

- Explicarei, e se escutar cuidadosamente, você poderia até entender. Esta nave é construída como uma garrafa térmica. Ganha calor apenas com a maior dificuldade e perde-o do mesmo modo. - Interrompeu-se, para que as palavras calassem. - A temperaturas ordinárias, esta nave não deve perder mais do que dois graus por dia, se nenhuma fonte exterior agir. Talvez na temperatura em que estamos, a perda possa chegar a cinco graus por dia. Está percebendo?

A boca de Roy estava aberta, e Jimmy continuou. - Agora, esta maldita nave perdeu cinqüenta graus em menos de três dias.

- Mas, é impossível.

- Aí está. - Jimmy apontou, ironicamente. - vou lhe dizer o que está errado. É o campo. Age como agente repulsor de radiações eletromagnéticas, e de certa forma está acelerando a perda de calor de nossa nave.

Roy mergulhou em seus pensamentos e fez alguns cálculos mentais rápidos. - Se o que diz está certo - acabou dizendo - chegaremos ao ponto de congelamento em cinco dias e então passaremos uma semana no que corresponderia ao clima de inverno.

- Isso mesmo. Mesmo considerando um declínio na perda de calor com baixa da temperatura, provavelmente acabaremos com o mercúrio em algum ponto entre trinta e quarenta abaixo de zero.

Roy engoliu em seco. - E a vinte milhões de milhas do Sol!

- Isso não é o pior - ressaltou Jimmy. - Esta nave, como todas as outras usadas para viajar dentro da órbita de Marte, não tem sistema de aquecimento. com o Sol brilhando furiosamente, e sem meios de perder calor exceto por uma irradiação ineficiente. As naves de Marte e Vênus sempre se especializaram com sistemas de refrigeração.

Nós, por exemplo, temos um equipamento de refrigeração muito eficiente.

- Estamos enrascados, então. O mesmo se aplica a nossos trajes espaciais.

A despeito da temperatura ainda muito quente, os dois estavam começando a experimentar alguns arrepios de antecipação.

- Sabe, não vou ficar agüentando isto - declarou Roy. - Voto por sairmos daqui já e voltarmos para a Terra. Não podem esperar mais de nós.

- Continue! Você é o piloto. Você pode calcular um curso a esta distância do Sol e garantir que não cairemos no Sol?

- Diabos! Não tinha pensado nisso.

Os dois esgotaram sua imaginação. A comunicação por rádio havia sido impossível, desde que passaram da órbita de Mercúrio. O Sol estava num máximo de manchas, e a estática havia abafado todas as tentativas.

Então, sentaram-se e esperaram.

Os próximos poucos dias foram ocupados inteiramente com a observação do termômetro, com alguns minutos tomados aqui e ali, sempre que um dos dois pensava numa maldição diferente para lançar sobre a cabeça do Sr. Frank McCutcheon. Permitiram-se comer e dormir, mas não o apreciavam.

Entrementes, o “Helios”, inteiramente despreocupado com as atribulações de seus ocupantes, prosseguia em sua rota.

Como Roy predissera, a temperatura passava a linha vermelha marcada “congelamento”, já por volta de seu sétimo dia no cinturão de deflexão. Os dois estavam notavelmente infelizes quando aconteceu exatamente como esperavam.

Jimmy havia retirado cem galões de água do tanque. Com isto enchera quase todo recipiente a bordo.

- Poderá - assinalou - evitar que os canos estourem quando a água congelar. E se o fizerem, como é provável, ainda assim, teremos nossas reservas de água. Precisaremos agüentar mais uma semana, como sabe.

E no dia seguinte, o oitavo, a água congelou. Lá estavam os baldes, transbordando com gelo, envoltos em seu frio branco. Os dois olhavam para eles, desesperados.

Jimmy abriu um deles.

- Totalmente congelado - disse, inexpressivamente, e enrolou outro cobertor em volta de si mesmo.

Era difícil pensar em qualquer outra coisa que não o frio crescente, agora. Roy e Jimmy haviam recolhido todo cobertor e lençol a bordo da nave, depois de vestirem três ou quatro camisas e número igual de calças.

Ficavam na cama o máximo tempo possível, e quando forçados a saírem, procuravam ficar perto do pequeno queimador de óleo, para se aquecerem. Mesmo este prazer duvidoso logo lhes seria negado, pois como observou Jimmy, "a reserva de óleo é extremamente limitada e precisaremos do queimador para derreter a água e a comida".

Os ânimos estavam exaltados e as discussões eram frequentes, mas a miséria comum evitava que chegassem a vias de fato. Foi no décimo dia, porém, que os dois, unidos por seu ódio comum, de repente acabaram amigos.

A temperatura estava se aproximando do zero, já se decidindo a cair para as regiões negativas. Jimmy estava encolhido a um canto, lembrando-se dos tempos em Nova Iorque, quando reclamara do calor de agosto e imaginava como pôde dizer aquilo. Roy, enquanto isso, havia manipulado dedos enrijecidos tempo suficiente para calcular que teriam de suportar o frio por exatamente mais 6.354 minutos.

Considerou o número com desgosto e leu-o para Jimmy. Este fez uma careta e reclamou: - Do jeito que me sinto, não vou durar nem 54 minutos, quanto mais 6.354. - E então, impaciente - gostaria que você pudesse pensar em algum modo de nos tirar disto.

- Se não estivéssemos tão perto do Sol - sugeriu Roy - poderíamos ligar os motores principais e sairmos.

- Sim, e se caíssemos no Sol, estaríamos confortavelmente aquecidos. Grande ajuda a sua!

- Bem, você é que se chama "O Crânio", pense você em algo. Do jeito que fala, pode-se pensar que foi tudo minha culpa!

- Certamente que é, seu jumento vestido de gente! Meu melhor discernimento me dizia para nunca embarcar nesta viagem louca. Quando McCutcheon a propôs, recusei imediatamente; eu sabia. - Jimmy estava amargurado. - E então, o que acontece? O louco que você é, aceitou e precipitou-se, onde qualquer homem sensato recearia entrar. E então, claro, eu precisava ir junto.

- Ora, você deveria saber porque fiz isso - a voz de Jimmy se elevava - eu deveria tê-lo deixado ir sozinho e congelar, e então sentar-me ao lado de uma lareira e refestelar-me. Isto é, se soubesse o que viria a acontecer.

Um olhar de descontentamento surpreso apareceu na face de Roy.

- Ah, é assim? Então é isso! Tudo o que posso dizer é que você certamente é um gênio para distorcer os fatos, pelo menos. O fato é que você foi indescritivelmente estúpido para aceitar, e eu o pobre coitado arrastado por força das circunstâncias.

A expressão de Jimmy era do mais supremo desdém. - Evidentemente o frio o deixou meio insano, muito embora eu admita que não é preciso muito para abalar o pouco de juízo que você tem na cabeça.

- Escute aqui - respondeu Roy, esquentado - a 10 de outubro, McCutcheon chamou-me pelo visor e disse-me que você havia aceito, e riu-se de mim por me acovardar e não aceitar. Você nega isso?

- Sim, nego completamente. A 10 de outubro, o Ranzinza disse-me que você decidira ir e tinha apostado com ele que...

A voz de Jimmy desapareceu, e um olhar chocado tomou sua face. Ei,... está certo de que McCutcheon lhe disse que eu concordava em ir?

Um sentimento de frio agarrou o coração de Roy quando ele percebeu a mudança de Jimmy, um sentimento que vencia a insensibilidade causada pelo frio.

- Absolutamente - ele respondeu - juro; por isso é que vim.

- Mas ele me disse que você aceitara e por isso é que vim. - Jimmy já estava se sentindo um idiota.

Os dois caíram num silêncio retraído e fatal, que foi quebrado por Roy, que falou numa voz que tremia de emoção.

- Jimmy, fomos vítimas de uma desprezível, baixa, e hipócrita artimanha. - Seus olhos se dilataram, furiosos. - Fomos ludibriados, espoliados... - as palavras lhe faltavam, mas ele continuou praguejando com sons sem sentido, indicadores principalmente de uma ira devoradora.

Jimmy estava mais calmo, mas não menos vingativo. - Está certo, Roy; McCutcheon jogou sujo conosco. Chegou às maiores profundezas da iniqüidade humana. Mas vamos tirar a forra. Quando passarmos por todos os 6300 minutos, temos contas a ajustar com o Sr. McCutcheon.

- O que vamos fazer? - Os olhos de Roy estavam cheios de uma euforia sanguinária.

- De momento, sugiro que simplesmente o ataquemos e o façamos em pequeníssimos pedacinhos.

- Não, não é cruel o suficiente. Que tal queimá-lo em óleo?

- É razoável, sim; mas leva muito tempo. Vamos dar-lhe uma boa surra à moda antiga - com soco inglês.

Roy esfregou as mãos. - Teremos muito tempo para pensar em medidas realmente adequadas. O sujo, amaldiçoado, covarde, leproso... - O resto derivou fluentemente no irreprodutível.

E por mais quatro dias, a temperatura caiu. Foi no décimo quarto e último dia que o mercúrio congelou, a coluna vermelha apontava, congelada, para quarenta abaixo de zero.

Neste terrível último dia, tinham acendido o queimador de óleo, usando todo o seu escasso suprimento de óleo. Tremendo e mais que meio enregelados, estavam encolhidos juntos, tentando usar cada última gota de calor.

Jimmy havia encontrado um par de protetores de orelhas alguns dias antes, em algum canto obscuro, e agora trocava de mãos ao fim de cada hora. Ambos estavam sentados sob uma pequena montanha de cobertores, esfregando mãos e pés gelados. A cada minuto que passava, sua conversação, concernente ao Sr. McCutcheon quase exclusivamente, ficou mais vitriólica.

- Sempre citando aquele três vezes maldito slogan do correio espacial: “Nosso vôo pelo esp...” - Jimmy engasgou, em sua fúria impotente.

- Sim, e sempre abrindo buracos em poltronas, ao invés de vir aqui e fazer algo parecido com o trabalho de homens, o coisa podre - concordou Roy.

- Deveremos passar pela zona de deflexão em duas horas. Então mais três semanas, e estaremos em Vênus - disse Jimmy, espirrando.

- Não vejo a hora - disse Snead, que estivera fungando nos últimos dois dias. - Nunca mais vou fazer outra viagem espacial, exceto aquela que me leve de volta à Terra. Depois vou ganhar a vida plantando bananas na América Central. Um indivíduo pode ficar decentemente aquecido ali, pelo menos.

- Poderemos nem sair de Vênus, depois do que estamos para fazer com McCutcheon.

- Você pode estar certo, mas não faz mal. Vênus é até mais quente que a América Central, e é tudo o que importa.

- Nem precisamos ter preocupações com a lei - Jimmy espirrou de novo. - Em Vênus, a prisão perpétua é o limite para homicídio em primeiro grau. Uma cela seca e quente para o resto da vida. O que poderia ser melhor?

O outro braço do cronômetro girava em seu passo regular; os minutos eram contados. As mãos de Roy flutuavam amorosamente sobre a alavanca que dispararia os jatos principais, que levariam o “Helios” para longe do Sol e daquela terrível zona de deflexão.

E por fim: - Agora! - gritou Jimmy, ansioso - Ligue os motores! Com um profundo rugido de reverberação, os foguetes dispararam. O “Helios” tremeu de proa a popa.

Os pilotos sentiram a aceleração comprimi-los contra seus assentos, e ficaram felizes. Em questão de minutos, o Sol brilharia de novo e eles estariam aquecidos, e de novo sentiriam o abençoado calor.

Aconteceu antes que se apercebessem do fato. Houve um lampejar momentâneo, então um rangido e um estalo, com a abertura das escotilhas do lado do Sol.

- Veja - exclamou Roy - as estrelas! Saímos! - Lançou um olhar extático de alegria para o termômetro. - Bem, meu velho, lá vamos nós de novo. - Puxou os cobertores à sua volta, pois o frio ainda permanecia.

Havia dois homens no escritório de Frank McCutcheon na filial venusiana do Correio Espacial. - O próprio McCutcheon e o velho Zebulon Smith, com seus cabelos brancos, inventor do campo de deflexão. Smith falava.

- Mas, Sr. McCutcheon, é realmente de grande importância que eu saiba exatamente como funcionou meu campo defletor. Certamente eles devem ter transmitido toda informação possível para o senhor.

O rosto de McCutcheon era um tratado de azedume ao morder a7ª ponta de um de seus charutos imensos, e acendeu-o.

- Isso, meu caro Sr. Smith - disse ele - é exatamente o que eles não fizeram. Desde que se afastaram do Sol a distância que lhe permitia comunicação, tenho mandado

pedidos de informações quanto à praticabilidade do campo. Eles simplesmente recusam-se a responder. Dizem que funcionou e que estão vivos, e darão mais informações quando chegarem a Vênus. E é tudo!

Zebulon Smith suspirou, desapontado. - Não é um tanto incomum, insubordinação, por assim dizer? Penso que eles teriam a obrigação de serem completos em seus informes e darem quaisquer pormenores que lhes são pedidos.

- É verdade. Mas estes são os “ases”, e um tanto temperamentais. Precisamos tolerar estes desvios. Além do que, eu os ludibriei para embarcarem nesta viagem, muito

arriscada, como sabe, e estou inclinado a ser indulgente.

- Bem, então suponho que preciso esperar.

- Mas não será por muito tempo. - McCutcheon assegurou-lhe. - Devem chegar hoje, e posso dizer-lrfe que, assim que tiver contato com eles, enviar-lhe-ei todos os pormenores. Afinal, sobreviveram, por duas semanas, a uma distância de vinte milhões de milhas do Sol, de modo que sua invenção é um sucesso. Isto já deve satisfazê-lo.

Smith mal acabara de sair, quando a secretária de McCutcheon entrou com uma expressão estranha no rosto.

- Algo está errado com os pilotos da “Helios”, Sr. McCutcheon - ela informou-o. - Acabo de receber um boletim do Major Wade da cidade de Palias, onde desceram. Recusaram-se a comparecer à celebração preparada para eles, mas alugaram imediatamente um foguete para chegar aqui, recusando-se a declarar a razão. Quando o

Major Wade tentou detê-los, tornaram-se violentos, pelo que ele diz. - Pousou o comunicado sobre a mesa.

McCutcheon olhou-o distraidamente. - Hmm! Eles realmente parecem desconcertantemente temperamentais. Bem, mandem-nos para mim quando chegarem; vou falar com eles.

Foi três horas depois que o problema dos dois pilotos insubordinados de novo apresentou-se à sua mente, desta vez por uma súbita comoção na sala de recepção. Ouviu as vozes iradas de dois homens e então as enérgicas reprovações de sua secretária. De súbito, a porta abriu-se e Jim Turner e Roy Snead irromperam.

Roy friamente fechou a porta e encostou-se contra ela.

- Não deixe ninguém perturbar enquanto eu não acabar - Jimmy disse-lhe.

- Ninguém vai passar por esta porta por alguns instantes - Roy respondeu ameaçador. - Mas lembre-se, você prometeu deixá-lo um pouco para mim.

McCutcheon nada disse durante estes instantes, mas quando ele viu Turner despreocupadamente tirar um par de socos ingleses de seu bolso e pô-los nos dedos com um ar determinado, decidiu que era hora de parar com a comédia.

- Olá, rapazes - disse, com uma cordialidade incomum para ele. Bom vê-los de novo. Sentem-se.

Jimmy ignorou a oferta. - Tem algo a dizer, algum último pedido antes que eu comece as operações? - disse, rangendo os dentes.

- Bem, se vocês querem dessa forma - respondeu McCutcheon eu poderia perguntar exatamente o que significa tudo isto - se não for muito irracional. Talvez o defletor tenha sido ineficiente, e vocês tenham tido uma viagem um tanto quente.

A única resposta a isto foi um bufo de Roy e um olhar frio de Jimmy.

- Primeiramente - disse este - qual foi aquela idéia daquela trapaça imunda e nojenta que fez conosco?

Os sobrolhos de McCutcheon ergueram-se. - Ah, aquelas mentirinhas que lhes disse para que vocês fossem? Ora, aquilo não foi nada. Uma prática comum nos negócios, é tudo. Ora, falo coisas ainda piores do que essas todos os dias, e as pessoas consideram isso rotineiro. Além do mais, que mal lhes fez?

- Diga-lhe sobre nossa”viagem agradável”, Jimmy - instou Roy.

- É exatamente o que vou fazer - foi a resposta. Voltou-se para McCutcheon e assumiu o ar de um mártir. - Primeiro, nesta viagem danada, nos fritamos numa temperatura que chegou aos 150, mas isso era de se esperar, e não reclamamos; estávamos à metade da distância de Mercúrio ao Sol.

- Mas, depois disto, entramos naquela zona onde a luz se dobra à nossa volta; a radiação incidente caiu a zero e começamos a perder calor não só um grau por dia, como aprendemos na escola de pilotagem. - Fez uma pausa para respirar, com mais algumas novas pragas que acabava de imaginar, então continuou.

- Em três dias, descemos a cem, e em uma semana, até o congelamento. Então, por toda uma semana, sete longos dias, seguimos nossa rota abaixo de zero. Estava tão frio no último dia, que o mercúrio congelou. A voz de Turner subiu até se esganiçar, e na porta, uma certa autopiedade fez Roy tomar fôlego com um audível engolir em seco. McCutcheon permanecia impassível.

Jimmy continuou. - Lá estávamos nós, sem um sistema de aquecimento, de fato, sem calor de nenhuma espécie, nem mesmo roupas quentes. Congelamos, diabos; precisávamos derreter nossa comida e nossa água. Estávamos enrijecidos, não podíamos nos mover. Foi um inferno, estou lhe dizendo, às avessas. - Interrompeu-se, procurando palavras.

Roy Snead incumbiu-se de continuar. - Estávamos a vinte milhões de milhas do Sol e eu estava com as orelhas enregeladas. Sim, isso mesmo.

- E brandiu o punho no nariz de McCutcheon. - E foi sua culpa. Você nos atraiu para isto! Enquanto estávamos congelando, prometemo-nos que voltaríamos para pegá-lo e vamos manter a nossa promessa. - Voltou-se para Jimmy. - Vamos começar? Já perdemos muito tempo.

- Esperem, rapazes - falou, enfim, McCutcheon. - Deixem-me entender direito. Querem dizer que o campo de deflexão funcionou tão bem que manteve afastada toda a radiação e retirou todo o calor que estava na nave? - Jimmy concordou, bruscamente.

- E vocês gelaram por toda uma semana por isso? - McCutcheon continuou.

De novo, uma rosnada.

E então, uma coisa muito estranha e incomum aconteceu. McCutcheon, o “Velho Ranzinza”, o homem sem o músculo do “risus”, sorriu. De fato, mostrava seus dentes. E

mais, o sorriso cresceu, e cresceu até que finalmente um riso enferrujado, há muito não utilizado, foi ouvido mais e mais alto, até se desdobrar numa sonora gargalhada, e a gargalhada em gritos. Numa só explosão estentórica, McCutcheon compensou uma vida inteira de azedume.

As paredes reverberavam, as persianas vibravam, e ainda a risada homérica continuava. Roy e Jimmy ficaram boquiabertos, inteiramente inertes. Um contador, surpreso, pôs a cabeça para dentro da porta e congelou onde estava. Outros acumulavam-se perto da porta, conversando em cochichos assombrados. McCutcheon tinha rido!

Gradualmente a hilariedade do velho Gerente Geral amorteceu-se. Acabou com alguns engasgos e finalmente voltou um rosto avermelhado para seus pilotos, cuja surpresa havia muito, dera lugar à indignação.

- Disse-lhes: - Foi a melhor piada que já ouvi. Podem considerar-se pagos em dobro, vocês dois. - Ele ainda estava sorrindo, e não conseguia evitar os soluços.

Os dois pilotos esfriaram com esta proposta simpática. - O que é tão terrivelmente engraçado? - Jimmy queria saber. - Não vejo nada do que me rir.

A voz de McCutcheon pingava mel. - Amigos, antes da partida, dei a cada um de vocês diversas folhas mimeografadas contendo instruções especiais. O que aconteceu com elas?

Houve um repentino embaraço no ar.

- Não sei. Devo ter perdido a minha - enbatucou Roy.

- Nunca olhei para a minha, esqueci-me dela. - Jimmy estava legitimamente consternado.

- Como vêem - exclamou McCutcheon, triunfante - foi por culpa de sua própria imbecilidade.

- Como pode dizer isso? - Jimmy queria saber. - O Major Wade disse-nos tudo o que precisávamos saber sobre a nave, além do que, creio que não há nada que você possa nos dizer sobre como pilotar uma.

- Oh, não? Wade evidentemente esqueceu de informá-los de uma minúcia que vocês deveriam ter encontrado em minhas instruções. A força do campo de deflexão é ajustável.

Acontece que estava ajustada para força máxima quando vocês começaram, eis tudo. - Estava começando a rir-se de novo, levemente. - Agora, se vocês tivessem se dado ao trabalho de ler aquelas folhas, saberiam que um simples movimento de uma alavanquinha - fez o gesto apropriado com o polegar - teria enfraquecido o campo de qualquer quantidade desejada, e permitiria que qualquer dose de radiação penetrasse, o quanto se desejasse.

E agora a risada tornava-se mais alta. - E vocês congelaram-se por uma semana porque não tiveram cabeça para puxar uma alavanca. E então vocês, os ases, vêm aqui e acusam a mim. Que piada! - E pôs-se a rir de novo enquanto um par de rapazes, humilhados, olhava um para o outro, embaraçados.

Quando McCutcheon voltou ao normal, Jimmy e Roy tinham-se ido.

Numa alameda adjacente ao prédio, um garoto de dez anos olhava, com a boca aberta e totalmente absorto, os dois rapazes, empenhados na estranha e assombrosa ocupação de chutarem um ao outro, alternadamente, com toda a força!

***

Quando escrevi “Anel em Torno do Sol”, fiquei muito entusiasmado com os dois protagonistas, Turner e Snead. Tinha em mente, lembro-me, escrever outras histórias sobre a dupla. Era uma idéia natural, pois no fim da década de 1930, havia diversas “séries” de histórias sobre um ou mais personagens. O próprio Campbell havia escrito algumas deliciosas histórias apresentando dois homens chamados Penton e Blake, e eu ansiava por fazer uma imitação de Penton/Blake.

Havia um valor prático em escrever uma “série”. Principalmente porque você já tem um pano de fundo definido que é transportado de história para história, de modo que a metade do trabalho já está pronto. Secundariamente, se a “série” se torna popular, seria difícil rejeitar novas histórias que se apresentassem.

Não o fiz com Turner e Snead. De fato, nem tentei. Veio o tempo, dois anos mais tarde, quando tive uma dupla de personagens semelhantes, Powell e Donovan, que apareceriam em quatro histórias e que deveriam participar de uma “série” realmente bem sucedida.

Ao fim de agosto de 1938, então, havia escrito cinco histórias, das quais três, eventualmente, vieram a ser publicadas. Nada mal!

Entretanto, seguiu-se uma longa interrupção. Estava terminando meu terceiro ano de colégio e estava tentando, sem sucesso, ser admitido na escola de medicina. A situação na Europa era perturbadora. Era o tempo dos acontecimentos de Munique, e para um adolescente judeu, havia algo incomodo nas vitórias rápidas e certeiras de Hitler.

As próximas três histórias não levaram um mês, como as três anteriores, mas três meses. E todas estavam claramente abaixo dos limites de vendagem, mesmo no mercado menos exigente. Eram “A Arma” (“The Weapon”), “Caminhos do Destino” (“Paths of Destiny”), “Knossos em Sua Glória” (“Knossos in Its Glory”). Campbell rejeitou cada uma delas numa rápida sucessão, e todas fizeram voltas, sem sorte. Houve tempo, quase três anos depois, em que Astonishing pareceu interessada na “A Arma”, mas não houve sucesso, e as outras duas nem chegaram perto disso.

Todas as três histórias agora foram-se para sempre. Nada me lembro sobre as duas primeiras, mas “Knossos em Sua Glória” era uma ambiciosa tentativa para recontar o mito de Teseu em termos de ficção científica. O minotauro era um extraterrestre que

havia aterrissado na antiga Creta com a melhor das intenções, e lembro-me ter escrito numa prosa terrivelmente empolada, numa tentativa de fazer meus cretenses falarem como deveriam fazê-lo personagens homéricos. Campbell, sempre simpático, disse, ao rejeitá-la, que meu trabalho estava “definitivamente melhorando, especialmente onde eu não me esforçava para causar efeito”.

No tempo em que eu estava escrevendo “Knossos em Sua Glória”, acabava de receber meu cheque de “Náufragos em Vesta”, e era um profissional. Meu ânimo elevou-se concomitantemente, e pelo fim de novembro, escrevi “Amônia” (“Ammonium”), que era outra tentativa (assim como “Anel em Torno do Sol”), de fazer humor.

Tinha uma boa noção de que Campbell não a apreciaria, porém, e nunca mostrei a ele. Enviei-a a Thrilling Wonder Stories, ao invés. Quando eles a rejeitaram, desanimei-me e a aposentei. Foi apenas depois que Future Fiction aceitou “Anel em Torno do Sol”, que pensei que deveria tentar a outra, também.

Em 23 de agosto de 1939, enviei-a para Future Fiction, que a aceitou, alterando seu título para a “A Posse Magnífica”.

3

A POSSE MAGNIFICA

Walter Sills refletia agora, como houvera muito refletido antes, que a vida era dura e sem alegrias. Considerou seu desleixado laboratório químico, e sorriu cinicamente - trabalhando num lugar que era um buraco sujo, vivendo de ocasionais análises de minérios que mal pagavam o equipamento absolutamente indispensável, enquanto outros, nem com a metade de seu valor, talvez, estavam trabalhando para grandes complexos industriais, e levando uma boa vida.

Olhou pela janela, para o rio Hudson, avermelhado à luz do sol poente e imaginava melancolicamente se estas últimas experiências finalmente lhe trariam a fama e o sucesso que perseguia, ou se eram meramente alarmes falsos.

A porta, destrancada, abriu-se um pouco, e o rosto alegre de Eugene Taylor apareceu à vista. Sills acenou, e o corpo de Taylor acompanhou sua cabeça e entrou no laboratório.

- Olá, velho bêbado - veio a saudação em voz alta e descuidada. Como vão as coisas?

Sills abanou a cabeça com a exuberância do outro. - Gostaria de ter a sua visão irresponsável da vida, Gene. Para sua informação, as coisas estão mal. Preciso de dinheiro, e quanto mais necessito, menos tenho.

- Bem, eu mesmo não tenho tido dinheiro algum, não? - interrogou Taylor. - Mas, para que se preocupar com isso? Você tem cinqüenta anos, e as preocupações não lhe trouxeram nada, exceto uma cabeça careca. Estou com trinta e quero conservar meus belos cabelos castanhos.

O químico sorriu. - vou arranjar o dinheiro, ainda, Gene. Deixe comigo.

- Suas novas idéias estão se conformando direito?

- Estão? Não lhe contei muito sobre isso, não? Bem, venha cá e lhe mostrarei que progressos fiz.

Taylor seguiu Sills a uma mesinha, na qual estava uma estante de tubos de ensaio, num dos quais estava uma polegada de uma brilhante substância metálica.

- Mistura de sódio-mercúrio, ou amálgama de sódio, como é chamada - explicou Sills, apontando para ela.

Tomou uma garrafa rotulada “Sol. Cloreto de amônia” da estante e mergulhou um pouco no tubo. Imediatamente, o amálgama de sódio começou a se transformar numa substância esponjosa que se desfazia.

- Isso - observou Sills - é amálgama de amônia. O radical amônia (NFU) age como um metal aqui e combina-se com mercúrio. - Esperou que a reação se completasse e então jogou fora o líquido que sobrenadava.

- O amálgama de amônia não é muito estável - informou a Taylor - de modo que terei de trabalhar rápido. - Tomou um frasco de um líquido cor de palha, de cheiro agradável, e encheu o tubo de ensaio com ele. Ao agitar o amálgama de amônia, pouco compactado, desapareceu, e ao invés dele, uma gotícula de líquido metálico rolou para o fundo.

Taylor olhou para o tubo de ensaio, espantado. - Que aconteceu?

- Este líquido é um derivado complexo da hidrazina, que descobri, e chamei Amonalina. Ainda não estabeleci sua fórmula, mas isso não importa. O importante é que tem a propriedade de dissolver a amônia do amálgama. Estas poucas gotas no fundo são de mercúrio puro; a amônia está na solução.

Taylor permaneceu sem responder, e Sills entusiasmou-se. - Não vê as implicações? Já andei meio caminho para isolar amônia pura, coisa nunca feita antes! Uma vez feito, significa fama, o Prêmio Nobel, e sabe-se mais o que.

- Uau! - O olhar de Taylor tornou-se mais respeitoso. - Aquela coisa amarela não parece tão importante para mim. - Foi pegá-la, mas Sills a pegou antes.

- Ainda não acabei, de qualquer modo, Gene. Preciso obtê-la em seu estado metálico puro, e não pude fazê-lo até agora. Toda vez que tento evaporar a Amonalina, o amoníaco se decompõe em amônia e hidrogênio... Mas vou consegui-lo... Vou consegui-lo!

Duas semanas mais tarde, o epílogo da cena anterior foi encenado. Taylor recebeu uma chamada apressada e enfática de seu amigo químico e apareceu no laboratório, agitado pela antecipação.

- Conseguiu?

- Consegui... E é maior do que eu pensava! Vale milhões, realmente - os olhos de Sills brilharam de arrebatamento.

- Tinha trabalhado segundo um ponto de vista errado até agora explicou. - O aquecimento do solvente sempre dissolveu o amoníaco dissolvido, de modo que o separei por congelamento. Funciona do mesmo jeito que salmoura, que, quando congelada lentamente, solidifica-se em gelo puro, e o sal se cristaliza separadamente. Felizmente, a amonalina congela-se a 18°C e não exige muita refrigeração.

Apontou dramaticamente para um pequeno frasco, dentro de uma caixa de paredes de vidro. Continha cristais em agulha, amarelo-pálido, e cobrindo o topo, uma camada de substância amarela opaca.

- Por que a caixa? - perguntou Taylor.

- Enchi-a com argônio para manter o amoníaco (que é a substância amarela acima da amonalina) puro. É tão ativa que reagirá com qualquer coisa que não seja um gás nobre.

Taylor admirava e batia nas costas de seu sorridente amigo.

- Espere, Gene, o melhor ainda não disse.

Taylor foi levado ao outro extremo da sala e o dedo trêmulo de Sills apontou outro recipiente hermeticamente fechado, contendo um fragmento de metal amarelo brilhante, que rebrilhava.

- Aquilo, meu amigo, é óxido de amônia (0(NH4)2), formado passando ar absolutamente seco sobre amônia metálica livre.

É perfeitamente inerte (o recipiente selado contém bastante corina, por exemplo, e ainda não há reação). Pode ser fabricado ao mesmo preço do alumínio, se não for mais barato, e parece com ouro mais que o próprio ouro. Vê as possibilidades?

- Se vejo? - explodiu Taylor. - Varrerá o país. Pode-se ter bijuteria de amônia, serviços de mesa revestidos de amônia, e um milhão de outras coisas. E mais, quem sabe quantas inúmeras aplicações industriais pode ter? Você está rico, Walt... Está rico!

- Estamos ricos - corrigiu Sills gentilmente. Dirigiu-se para o telefone. - Os jornais vão saber disto. Vou começar a capitalizar fama desde já.

Taylor ergueu as sobrancelhas. - Seria melhor mantê-lo em segredo, Walt.

- Ora, não vou deixar escapar nada quanto ao processo. Apenas vou dar-lhes a idéia geral. Além do que, estamos seguros; o requerimento da patente já está em Washington.

Mas Sills estava errado! O artigo no jornal os precedeu durante dois frenéticos dias, para os dois.

J. Throgmorton Bankhead é o que comumente é chamado um “capitão da indústria”. Chefe da Corporação Aeme de Cromagem e Prateação, sem dúvida merecia o título; mas para sua paciente e sofrida esposa, era meramente um marido resmungão e dispéptico, especialmente ao desjejum... E neste momento, lá estava ele à mesa, tomando o desjejum.

Amarfanhando seu jornal, nervoso, balbuciava entre mordidas de torrada com manteiga: - Este homem está arruinando o país. - Apontou, atônito, para as manchetes grandes.

- Já disse antes e repito, que o homem é irrequieto como um percevejo. Não ficará satisfeito...

- Joseph, por favor - implorou sua mulher - está ficando com o rosto vermelho. Lembre-se da sua alta pressão arterial. Sabe que o doutor lhe disse para parar de ler as notícias de Washington, se elas o desgostam tanto. Agora, escute, querido, sobre a cozinheira. Ela...

- O doutor é um cretino, assim como você - gritou J. Throgmorton Bankhead. - Lerei todas as notícias que quiser e meu rosto vai avermelhar quanto eu quiser.

Ergueu a xícara de café e tomou um gole, despeitado. Ao fazê-lo, seus olhos caíram sobre um cabeçalho mais insignificante, no pé da página “Cientista Descobre Substituto do Ouro”. A xícara de café permaneceu no ar, enquanto ele lia rapidamente o artigo. “Este novo metal”, dizia, a certa altura, “é dito pelo seu descobridor, ser muito superior ao cromo, níquel, ou prata para bijuteria barata e bonita. O funcionário que ganha vinte dólares por semana”, disse o prof. Sills, “comprará a chapa de amônia com muito mais facilidade do que as imitações baratas de ouro. Não há...”.

Mas J. Throgmorton Bankhead parou de ler. As visões da Corporação Aeme de Cromagem e Prateação arruinada dançava diante de seus olhos; e ao dançarem, a xícara de café caiu de sua mão, e derramou o líquido quente sobre sua calça.

Sua mulher ergueu-se, alarmada. - O que é, Joseph, o que é?

- Nada! - gritou Bankhead. - Nada! Pelo amor de Deus, vá embora, sim?!

Saiu da sala, raivoso, deixando sua mulher investigando o jornal por alguma coisa que pudesse tê-lo perturbado.

A “Taverna do Bob” na rua Quinze está normalmente cheia a todas as horas, mas na manhã de que falamos, estava vazia, exceto por quatro ou cinco homens pobremente vestidos que se agrupavam em torno da digna e imponente figura de Peter Q. Hornswoggle, eminente ex-senador.

Peter Q. Hornswoggle estava, como de costume, falando fluentemente. Seu assunto, de novo, como de costume, referia-se à vida de um senador.

- Lembro-me de um assunto semelhante - estava dizendo - quando o mesmo argumento foi trazido à Casa, e que respondi assim: “O eminente cavalheiro de Nevada, em suas afirmações transcura o importantíssimo aspecto do problema. Não se apercebe de que é do interesse de toda a nação que os colhedores de maçãs do país sejam atendidos prontamente; pois, cavalheiros, do bem-estar dos colhedores de maçãs depende o futuro de toda a indústria de frutas, e na indústria de frutas, está baseada toda a economia desta grande e gloriosa nação, os Estados Unidos da América”.

Hornswoggle fez uma pausa, engoliu meia caneca de cerveja de um só gole, e então sorriu, triunfante. - Não hesitaria dizer, senhores, que com essa afirmação, toda a Casa prorrompeu em incontido e tumultuoso aplauso.

Um dos ouvintes ali reunidos abanou a cabeça lentamente, maravilhado. - Deve ser grande poder falar assim, senador. Deve ter sido uma sensação.

- É... - concordou o “barman” - uma vergonha o senhor ter sido batido na última eleição.

O ex-senador piscou e num tom muito digno começou.

- Fui devidamente informado que o uso de propinas naquela campanha atingiu inéditas prop... - Sua voz apagou-se ao relancear um certo artigo num jornal de um de

seus ouvintes. Pegou-o e leu-o em silêncio, e com isto, seus olhos brilharam com uma idéia súbita.

- Meus amigos - ele disse voltando-se para os outros - acho que preciso deixá-los. Há algo urgente que deve ser feito imediatamente na Câmara da cidade. - Inclinou-se para sussurrar para o garçom. - Tem vinte e cinco centavos? Acho que deixei minha carteira no escritório do prefeito, por engano. Claro, pagar-lhe-ei amanhã.

Agarrando a moeda, dada com relutância, Peter Q. Hornswoggle saiu.

Numa sala pequena e mal iluminada, em algum ponto dos porões da Primeira Avenida, Michael Maguire, conhecido pela polícia pelo nome mais eufônico de Mike, o Verme, limpava seu fiel revólver e cantarolava baixinho qualquer coisa. A porta abriu-se, numa fenda, e Mike olhou para cima.

- Você, Slappy?

- É... - Uma pessoa baixa, ressequida, esgueirou-se - to trazendo o jornal da tarde. Os tira ainda tão pensando que o Bragoni fez o serviço.

- É? Ótimo! - Inclinou-se despreocupado sobre o revólver. - Algo mais, de novo?

- Na... Uma maluca aí se matou, mas é tudo.

Jogou o jornal para Mike, e saiu. Mike recostou-se e folheou as páginas, entediado.

Uma notícia chamou-lhe a atenção, e leu o curto artigo. Ao acabar, jogou o jornal de lado, acendeu um cigarro, e raciocinou mais profundamente. Então, abriu a porta.

- Ei, Slappy, vem cá. Temos um trabalhinho para fazer.

Walter Sills estava contente, delirantemente contente. Andava por seu laboratório, senhor de si, soberbo como um pavão, ao sol de sua recém descoberta glória. Eugene Taylor estava sentado e olhava para ele, não menos contente.

- Que tal ser famoso? - Taylor queria saber.

- É como ganhar um milhão de dólares; é por quanto vou vender o segredo da amônia metálica. De agora em diante, terei a parte do leão.

- Deixe os pormenores práticos para mim, Walt. Vou entrar em contato com o Staples, da Aços Águia, hoje. Você terá um preço decente.

A campainha tocou, e Sills pulou de pé. Correu para abrir a porta.

- É a casa de Walter Sills? - O visitante, grandalhão e mal-encarado olhou-o sobranceiramente.

- Sim, sou Sills. Quer me ver?

- Sim. Meu nome é J. Throgmorton Bankhead e represento a Corporação Aeme de Cromagem e Prateação. Gostaria de ter uma palavrinha consigo.

- Entre; entre! Este é Eugene Taylor, meu sócio. Pode falar abertamente com ele.

- Muito bem. - Bankhead sentou-se pesadamente. - Suponho que você supõe qual seja a razão da minha visita.

- Creio que o senhor leu sobre a amônia metálica nos jornais.

- Isso mesmo. Vim ver se há alguma verdade na história, e comprar o seu processo, em caso positivo.

- Pode verificar sozinho, senhor. - Sills levou o magnata até onde estava o recipiente cheio de argônio com os poucos gramas de amônia pura. - É este o metal. Aqui à direita, tenho óxido, óxido muito mais metálico que o próprio metal, estranhamente. É o óxido que os jornais chamam de “substituto do ouro”.

O rosto de Bankhead não denotou nenhuma fração do sentimento de desânimo que o assaltou, ao observar o óxido, desamparado. - Tire-o, para que possamos examiná-lo.

Sills abanou a cabeça. - Não posso, Sr. Bankhead. São as primeiras amostras de amônia e óxido de amônia que existem. São peças de museu. Posso facilmente fabricar mais para o senhor, se quiser.

- Terá de fazê-lo, se espera que eu enterre dinheiro nisso. Satisfaça-me e estarei desejoso de comprar sua patente por... Ora, digamos, mil dólares.

- Mil dólares! - exclamaram Sills e Taylor, juntos.

- Um bom preço, senhores.

- Um milhão seria mais próximo da realidade - exclamou Taylor num tom ultrajado.

- Esta descoberta é uma mina de ouro.

- Um milhão, deveras! Estão sonhando, cavalheiros. O fato é que minha companhia tem estado à procura da amônia, já há anos, e estamos a ponto de resolver o problema.

Infelizmente, vocês nos superaram por uma semana, mais ou menos, e desejo comprar vossa patente para poupar problemas a minha companhia. Percebem, claro, que se recusam meu preço, poderia ir adiante e manufaturar o metal, usando meu próprio processo.

- Vamos processá-lo, se o fizer - retrucou Taylor.

- Vocês teriam dinheiro para um longo, demorado e caro processo judicial? - Bankhead sorriu, desagradável. - Eu tenho, como sabem; para provar, porém, que não estou sendo irrazoável, proponho o preço de dois mil.

- Já ouviu nosso preço - respondeu Taylor, inamovível - e nada mais temos a dizer.

- Está bem, senhores - Bankhead foi para a porta - pensem bem. Acabarão concordando, estou certo.

Abriu a porta, e revelou a forma simétrica de Peter Q. Hornswoggle em absorta concentração, no buraco da fechadura. Olhou-o com desprezo, e o ex-senador ergueu-se, consternado, fazendo vênia duas ou três vezes, rapidamente, por falta de coisa melhor para fazer.

O financista passou por ele desdenhosamente e Hornswoggle entrou, bateu a porta atrás de si, e encarou os dois amigos, aturdidos.

- Aquele homem, caros senhores, é um malfeitor enriquecido, um imperialista endinheirado. É o tipo de interesse predatório que é a ruína de nosso país. Fizeram bem em recusar sua oferta. - Pôs a mão sobre seu amplo tórax e sorriu para eles, benigno.

- Mas, que diabos, quem é você? - replicou Taylor, mal-humorado, tentando se recuperar de sua surpresa inicial.

- Eu? - Hornswoggle foi tomado de surpresa. - Ora, bem... Sou Peter Quintus Hornswoggle. Certamente que me conhecem. Estive na Casa dos Representantes, o ano passado.

- Nunca ouvimos sobre o senhor. Que quer?

- Ora, li nos jornais sobre a vossa maravilhosa descoberta e vim pôr meus serviços à vossa disposição.

- Que serviços?

- Bem, afinal, vocês não são homens do mundo. Com essa nova invenção são presas fácil para toda pessoa mesquinha e inescrupulosa que se lhes defronte - como Bankhead, por exemplo. Agora, um homem de negócios, prático, como eu, experimentado, conhecedor do mundo, seria de ajuda inestimável para vocês. Poderia tratar de seus negócios, atender às minúcias, providenciar...

- Tudo por nada, heim? - perguntou Taylor, sardonicamente.

Hornswoggle tossiu convulsivamente. - Bem, naturalmente. Pensei que uma parte mínima em sua descoberta poderia ser justamente destinada a mim.

Sills, que permanecera silencioso durante todo o tempo, ergueu-se de pé, subitamente. - Saia daqui! Está ouvindo? Saia, antes que eu chame a polícia.

- Vamos, professor Sills, não fique tão excitado - e Hornswoggle recuou até a porta, que Taylor segurava aberta para ele. Saiu, ainda protestando, e praguejou sozinho quando a porta bateu na sua cara.

Sills mergulhou, exausto, na poltrona mais próxima. - Que vamos fazer, Gene? Ele ofereceu apenas dois mil. Há uma semana atrás seria além de qualquer coisa que eu poderia imaginar, mas agora...

- Esqueça. Esse cara estava apenas blefando. Escute, vou agora mesmo chamar Staples. Vamos vender-lhe pelo que pudermos conseguir (e deve ser bastante) e então, se houver algum problema com Blankhead - bem, é problema de Staples. - Bateu no ombro do outro. - Nossos problemas estão praticamente acabados.

Infelizmente, porém, Taylor estava errado; seus problemas mal haviam começado.

Do outro lado da rua, um vulto furtivo, com grandes olhos espiando por sobre um colarinho levantado, vigiava a casa cuidadosamente. Um policial curioso poderia tê-lo identificado como “Slappy” Egan, se tivesse se preocupado em olhar, mas não havia ninguém para molestá-lo.

Murmurava consigo mesmo: - Caramba, vai ser sopa. Está tudo no térreo, e a janela de trás pode ser arrombada, sem alarme, nada. - Riu-se e afastou-se.

Nem só “Slappy” estava a sós com suas idéias. Peter Q. Hornswoggle, ao afastar-se, deu com estranhos pensamentos vagando por seu volumoso crânio - pensamentos que envolviam uma certa quantidade de ação heterodoxa.

E J. Throgmorton Bankhead era igualmente ativo. Pertencendo à viril classe dos homens que se fizeram sozinhos, e não tendo escrúpulos sobre como “se fazer”, e certamente sem intenção de pagar um milhão de dólares pelo segredo do amoníaco, pensou ser necessário chamar um dos seus conhecidos.

Esta pessoa, se bem que muito útil, era um pouco insossa, e Bankhead achou aconselhável ser muito cuidadoso e prudente ao visitá-lo. No entanto, a conversa que se seguiu acabou de modo agradável para ambos.

Walter Sills emergiu de um sono agitado de súbito. Escutou ansioso por um instante e então inclinou-se e cutucou Taylor. Foi correspondido por alguns roncos interrompidos.

- Gene, Gene, acorde! Vamos, acorde!

- Eh...? Que é? Por que está...

- Cale-se! Escute, está ouvindo?

- Não ouço nada, deixe-me sossegado, tá bem?

Sills fez um sinal de silêncio, e o outro calou-se. Houve um nítido ruído de arrastar o laboratório.

Os olhos de Taylor arregalaram-se e o sono deixou-o inteiramente. Ladrões! - murmurou.

Os dois esgueiraram-se para fora da cama, pegaram seus roupões e chinelos, e foram até a porta. Taylor tinha um revólver e foi à frente ao descerem as escadas.

Tinham atravessado talvez metade do caminho, quando houve um súbito grito de surpresa, lá embaixo, seguido por uma série de ruídos. Isto continuou por alguns momentos, e então um grande barulho de vidro quebrado.

- Minha amônia! - gritou Sills angustiado, e correu pela escada livrando-se de Taylor, que queria impedi-lo.

O químico invadiu o laboratório, logo seguido por seu sócio, que praguejava, e acendeu as luzes. Duas pessoas que se debatiam piscaram ofuscadas pela iluminação, e separaram-se.

O revólver de Taylor cobriu-os. - Isto não me parece nada bom disse.

Um dos dois ergueu-se em meio a um monte de vidros quebrados e frascos, e, tentando amparar seu próprio pulso, arranhado, fez uma reverência. Era Peter Q. Hornswoggle.

- Sem dúvida - disse, olhando nervosamente para a arma de fogo - as circunstâncias parecem suspeitas, mas posso explicar facilmente. Como vê, a despeito do rude tratamento que recebi após fazer minha razoável proposta, ainda sinto um grande e simpático interesse por vocês dois.

- Logo, sendo um homem do mundo, e conhecendo as iniqüidades da humanidade, simplesmente decidi ficar de olho na sua casa esta noite, pois vi que vocês negligenciaram tomar precauções contra eventuais meliantes. Imaginem só minha surpresa ao ver esta infame criatura - e apontou para o baixinho de nariz achatado que ainda estava no chão, aturdido - entrando pela janela dos fundos.

- Imediatamente arrisquei minha vida, e segui o criminoso, tentando desesperadamente salvar a sua grande descoberta. Realmente, sinto que mereço um grande crédito pelo que fiz, estou certo de que acharão que sou uma pessoa valiosa para se tratar, e reconsiderarão suas respostas às minhas anteriores propostas.

Taylor escutava tudo isto com um sorriso cínico. - Você pelo menos sabe mentir fluentemente, não, P. Q.?

Ele teria continuado mais e com mais loquacidade, se o outro ladrão não tivesse de repente erguido a voz em altos protestos: - Diabos, doutor, este gorducho está tentando é me deixar numa sinuca. Estou apenas seguindo ordens. Um cara me contratou para vir aqui e abrir o cofre, e estou apenas ganhando meu dinheirinho honestamente.

Apenas um simples arrombamento de cofre, não ia machucar ninguém.

- E então, justo quando eu ia começar o serviço, vem esse cara rastejando com um cinzel e maçarico e vai para o cofre. Claro que não gosto de competição, de modo que fui em cima dele e...

Mas Hornswoggle empertigara-se, com toda sua dignidade. - Ainda se deve verificar se a palavra de um “gangster” deve ser considerada perante a palavra de alguém que, posso dizer sinceramente, foi, em seu tempo, um dos mais eminentes membros do grande...

- Silêncio, vocês dois! - gritou Taylor, brandindo o revólver ameaçadoramente. - vou chamar a polícia e vocês poderão atormentar a eles com suas histórias. Ei, Walt, está tudo em ordem?

- Acho que sim! - Sills retornava de sua inspeção do laboratório. Apenas derrubaram vidros vazios. Tudo o mais está inteiro.

- Ótimo - começou Taylor, e então engasgou, atônito.

Do corredor, um homem com a aba do chapéu cobrindo seus olhos, entrou. Um revólver, seguramente apontado, mudou a situação consideravelmente.

- OK - resmungou para Taylor - deixe cair o revólver! - A arma do outro escorregou de seus dedos relutantes e caiu no chão com um ruído seco.

A nova ameaça vigiava os quatro outros com um sorriso sardônico. Bem! Então havia mais dois outros tentando me levar a dianteira. Parece que este lugar é muito freqüentado.

Sills e Taylor olharam, abobados, enquanto que os dentes de Hornswoggle batiam energicamente. O primeiro ladrão afastou-se, hesitante, sussurrando, ao fazê-lo. - Caramba, é Mike, o Verme.

- É... - retrucou Mike. - Mike, o Verme. Tem um monte de gente que me conhece, e sabe que não tenho medo de puxar o gatilho a qualquer hora que eu quiser. Vamos, carequinha, entregue o trabalho. Sabe, a coisa sobre o seu ouro falso. Depressa, antes que eu conte até cinco.

Sills moveu-se lentamente em direção ao velho cofre. Mike recuou, descuidadosamente, para dar-lhe espaço, e ao fazê-lo, a manga de sua roupa esbarrou numa prateleira.

- Um frasco de solução de sulfato de sódio desequilibrou-se e caiu.

Com uma repentina inspiração, Sills gritou: - Meu Deus, cuidado! É nitroglicerina!

O frasco estilhaçou-se contra o chão, e involuntariamente, Mike gritou e pulou, amedrontado. E ao fazê-lo, Taylor mergulhou sobre ele. Ao mesmo tempo, Sills agarrou a arma que Taylor deixara cair para vigiar os outros dois. Mas não havia mais necessidade disto. No começo da confusão, ambos apressadamente desapareceram pela noite adentro, de onde tinham vindo.

Taylor e Mike rolavam pelo chão do laboratório, num pugilato desesperado, enquanto Sills pulava daqui para ali sobre eles, rezando para um momento de relativa imobilidade, para poder levar a arma a um súbito e rápido contato com a cabeça do gangster.

Mas esse momento não aparecia. De repente, Mike ergueu-se, acertou Taylor no queixo, em cheio, e soltou-se. Sills gritou, consternado, e disparou no fugitivo. O tiro foi perdido e Mike escapou ileso. Sills não tentou segui-lo.

Um abundante jato de água fria acordou Taylor. Abanou a cabeça, aturdido ao olhar as ruínas a sua volta.

- Ufa! - comentou ele - que noite!

Sills rosnou. - Que vamos fazer, Gene? Nossas vidas estão em perigo. Nunca pensei na possibilidade de ladrões, ou nunca teria levado a descoberta aos jornais.

- Ora, o mal já está feito; não adianta se lamentar por ele. Agora escute, a primeira coisa que temos de fazer agora é ir dormir de novo. Não vão nos amolar de novo esta noite. Amanhã você vai ao banco e põe os papeis com o processo num cofre (o que deveria ter feito há muito). Staples estará aqui às três da tarde; fechamos o negócio e finalmente, viveremos em paz.

O químico abanou a cabeça, entristecido. - A amônia já provou ser muito perturbadora, até agora. Gostaria que nunca tivesse ouvido falar dela. Quase que gostaria de estar fazendo análises de minérios, de novo.

Enquanto Walter Sills atravessava a cidade em direção a seu banco, não encontrou razão para mudar seus desejos. Mesmo o ruído familiar e reconfortante de seu velho e alquebrado automóvel não o alegrava. De uma vida caracterizada por uma monotonia pacífica, entrara num período amalucado, e não estava satisfeito com a mudança.

- A riqueza, assim como a pobreza, tem seus problemas - observou seriamente consigo mesmo, ao frear o carro diante do edifício de dois andares, de mármore, que era o banco. Saiu cuidadosamente, esticou suas pernas enrijecidas, e foi para a porta rotativa.

Não foi para lá imediatamente, porém. Dois atarracados espécimes da raça humana apareceram, um de cada lado, e Sills sentiu um objeto duro apertando suas costelas com dolorosa intensidade. Abriu a boca involuntariamente, e foi interrompido por uma voz gelada ao ouvido. - Quieto, Careca, ou vai levar o que merece por aquele truquezinho da noite passada.

Sills estremeceu, e cedeu. Reconheceu a voz de Mike facilmente.

- Onde estão os papéis? - perguntou Mike - e seja rápido.

- Dentro do bolso da jaqueta - falou Sills, tremulamente.

O companheiro de Mike passou sua mão destramente no bolso indicado, e tirou de lá três ou quatro folhas dobradas, de caderno.

- É isto, Mike?

Uma rápida verificação, e um assentimento. - Sim, é isso. Muito bem, Careca, a caminho! - Um empurrão e os dois malandros pularam no carro dele e afastaram-se rapidamente, enquanto o químico ficava estirado na calçada. Mãos amigas o ajudaram a erguer-se.

- Está tudo bem - conseguiu dizer. - Apenas tropecei, é tudo. Não estou ferido. - Encontrou-se de novo sozinho, entrou no banco, sentou-se na poltrona mais próxima, quase desmaiando. Não havia dúvida; esta nova vida não era para ele.

Mas, deveria estar preparado para isto. Taylor havia previsto uma possibilidade de algo desta espécie acontecer. Ele mesmo desconfiara que um carro o estava perseguindo.

E com seu susto e seu medo, quase arruinara tudo.

Deu de ombros, e pegando o chapéu, tirou algumas folhas de papel dobrado, lá de dentro. Era coisa de cinco minutos depositá-las num cofre, e ver a imensa porta de aço fechar-se. Sentiu-se aliviado. - Imagino o que farão - considerou consigo mesmo, a caminho de casa - quando tentarem seguir as instruções no papel que levaram.

- Apertou os lábios e abanou a cabeça. - Se o fizerem, haverá uma terrível explosão.

Sills chegou em sua casa, para encontrar três policiais percorrendo lentamente a calçada, indo e vindo na frente de sua casa.

- Proteção policial - explicou brevemente Taylor - para não termos mais problemas como na última noite.

O químico relatou os acontecimentos no banco e Taylor assentiu, apreensivo. - Acho que é o xeque-mate para eles, agora. Staples estará aqui em duas horas, e até lá a polícia cuidará de tudo. Depois - disse, indiferente - será problema do Staples.

- Escute, Gene - o químico disse, de repente - estou preocupado com a amônia. Não testei sua capacidade de revestimento, e é o mais importante, você sabe. E se Staples vier e descobrirmos que o que temos não tem aplicação?

- Hmm - Taylor coçou o queixo - você está certo, mas digo-lhe o que podemos fazer. Antes que Staples venha, vamos revestir algo - uma colher, por exemplo, para você ficar satisfeito.

- É realmente uma lástima - reclamava Sills. - Se não fosse por todos esses idiotas oportunistas, não precisaríamos agir tão desajeitada e anti-cientificamente.

- Bem, vamos comer, primeiro.

Após a refeição, ao meio-dia, começaram. O aparelho foi montado com uma pressa febril. Numa cuba, de trinta centímetros de aresta, foi despejada uma solução saturada de amonalina. Uma colher velha foi o cátodo, e uma massa de amálgama de amônia (separada do resto da solução por uma divisão de vidro perfurado) era o ânodo. Três baterias em série forneciam a corrente.

Sills explicava animadamente. - Trabalha pelo mesmo princípio que o revestimento ordinário de cobre. O íon amônia, uma vez que a corrente passa por ele, é atraído para o cátodo, que é a colher. Ordinariamente se decomporia, sendo instável, mas este não é o caso quando dissolvido em amonalina. Esta amonalina está, por sua vez, muito pouco ionizada e o oxigênio é liberado no ânodo.

- Até aqui, eu sei da teoria. Vejamos o que realmente acontece. Fechou o interruptor, enquanto Taylor olhava, com grande interesse. Por um momento, nenhum efeito foi notado. Taylor pareceu desapontado. Então Sills puxou sua manga. - Veja! Olhe para o ânodo! Claramente, viam-se bolhas de gás formando-se lentamente no esponjoso amálgama de amônia. Voltaram a atenção para a colher.

Gradualmente, notaram uma mudança. A aparência metálica tornou-se opaca, a cor prateada lentamente perdendo sua brancura. Uma camada de amarelo opaco estava se acumulando.

Por quinze minutos, passou a corrente e Sills interrompeu o circuito com um suspiro de felicidade.

- Reage perfeitamente bem - disse.

- Ótimo! Retire-a, vamos ver!

- Quê? - Sills estava surpreso. - Isso é amônia pura. Se exposta ao ar comum, o vapor de água a dissolveria em NH4OH instantaneamente, não podemos fazer isso.

Trouxe um aparelho volumoso para a mesa. - Isto - explicou - é um recipiente de ar comprimido. Passo-o por secadores de cloreto de cálcio e borbulho o oxigênio seco (seguramente diluído em quatro vezes seu próprio volume de nitrogênio) diretamente no solvente.

Introduziu um tubo na solução, exatamente abaixo da colher, e abriu uma lenta corrente de ar. Funcionou como mágica. com grande rapidez, o revestimento amarelo começou a brilhar, com uma beleza quase etérea.

Os dois homens observavam com o coração latejando, e a respiração forte. Sills fechou o oxigênio, e por alguns momentos contemplaram a maravilhosa colher, sem nada dizer.

Então Taylor falou, em voz baixa: - Tire-a; deixe-me tocá-la! Meu Deus, é linda!

Com admiração reverente, Sills aproximou-se da colher, tomou-a com uma pinça, e tirou-a do líquido.

O que se seguiu imediatamente após, nunca poderá ser completamente descrito. Depois, quando os repórteres os pressionaram com perguntas, nem Taylor nem Sills tinham a menor lembrança dos acontecimentos dos poucos minutos que se seguiram.

O que aconteceu foi que no momento que a colher revestida de amônia foi exposta ao ar livre, o mais horrível cheiro jamais imaginado assaltou seus narizes! – Um odor indescritível, um hediondo vapor infernal que mergulhou a sala no mais completo e temível pesadelo.

Completamente engasgado, Sills deixou cair a colher. Ambos estavam tossindo e vomitando, tentando tapar a boca e o nariz, gritando, lacrimejando, espirrando!

Taylor pegou a colher e olhou em volta, desesperado. O cheiro intensificava-se, e as tentativas dos dois para escapar haviam arruinado o laboratório e entornado a cuba de amonalina. Havia só uma coisa a fazer, no que Sills não hesitou. A colher saiu voando pela janela aberta para o meio da Avenida Doze. Caiu na calçada bem aos pés de um dos policiais, mas Taylor não se importava.

- Tire suas roupas. Teremos de queimá-las - Sills estava ainda engasgando. - Então pulverize algo pelo laboratório - qualquer coisa com um cheiro bem forte. Queime enxofre. Ou arranje um pouco de Bromina líquida.

Ambos estavam rasgando as roupas, desesperados, quando perceberam que alguém havia entrado pela porta, que estava aberta. A campainha havia tocado, mas ninguém ouvira.

Era Staples, com seu metro e oitenta. Rei do Aço.

Um passo para dentro da sala arruinou com sua dignidade. Quase desmaiou, e a Avenida Doze teve o espetáculo de um cavalheiro idoso, bem vestido, correndo o mais depressa que podia, arrancando tanto quanto tinha coragem, suas roupas, ao se afastar.

A colher continuou seu trabalho mortal. Os três policiais há muito haviam covardemente batido em retirada, e agora, chegavam aos sentidos aturdidos e torturados das duas inocentes e sofredoras causas de toda a confusão, uma gritaria veemente e confusa, da rua.

Homens e mulheres saíam das casas vizinhas, cavalos disparavam. Carros de bombeiros disparavam pela rua abaixo, apenas para serem abandonados por seus ocupantes.

Esquadrões da polícia vinham - e se afastavam.

Sills e Taylor finalmente desistiram, e vestidos apenas com suas calças, correram depressa para o Hudson. Não pararam até que se encontraram até o pescoço na água, com o abençoado ar puro acima deles.

Taylor dirigiu um olhar desconcertado para Sills. - Mas como podia emitir aquele horrível odor? Você disse que era estável, e sólidos estáveis não têm cheiro. É preciso ter vapor para isso, não?

- Já cheirou almíscar? - gemeu Sills. - Desprenderá seu cheiro por um tempo indefinido, sem nenhuma perda apreciável de peso. Descobrimos algo semelhante.

Os dois ruminaram em silêncio por instantes, arrepiando-se sempre que o vento lhes trazia o mais leve traço de cheiro de amoníaco até eles, e então Taylor disse, em voz baixa: - Quando finalmente localizarem o problema como sendo a colher, e descobrirem quem a fez receio que seremos processados - ou jogados na cadeia.

O rosto de Sills entristeceu-se. - Gostaria de nunca ter sequer visto a maldita coisa! Não trouxe nada senão preocupações. - Sua mente atormentada cedeu, e ele chorou audivelmente.

Taylor tentou consolá-lo, batendo-lhe no ombro. - Não é tão ruim assim, afinal. A descoberta o fará famoso e você poderá então fazer o seu preço, trabalhando para qualquer laboratório industrial do país. E então, vai ser uma moleza para ganhar o Prêmio Nobel.

- É verdade. - Sills sorriu de novo - e eu posso descobrir um jeito de acabar com o cheiro, também. Espero.

- Eu também espero - disse Taylor calorosamente. - Vamos voltar. Creio que eles já conseguiram remover a colher, agora.

***

Deve ficar bem óbvio para qualquer um que leia “A Posse Magnífica”, que eu estava terminando um curso de química no colégio, na época. Supostamente humorístico, é muito mais embaraçoso de reler do que “Anel em Torno do Sol”. Imaginem, um senador que se chama “Hornswoggle” e bandidos que falam numa versão ridícula e arrevesada da gíria do Brooklyn.

“A Posse Magnífica” foi a única das primeiras nove histórias que eu escrevi que Campbell nunca viu, e estou contente com isso.

No começo de dezembro, escrevi uma história chamada “Ad Astra”, e a 21 de dezembro de 1938 (no quadragésimo segundo aniversário de meu pai, muito embora não me lembro de a data ser de qualquer modo particularmente significativa), fui submetê-la a Campbell. Era a minha sétima visita a seu escritório, pois não havia faltado um mês, e era a nona história que lhe apresentava.

“Ad Astra” foi a primeira historia que escrevi da qual me lembro, depois de todo este tempo, das circunstâncias exatas da inspiração inicial. Naquele outono, requeri e recebi um emprego da “National Youth Administration” (NYA) (“Administração Nacional para a Juventude”), destinado a me ajudar a pagar os estudos. Ganhava quinze dólares por mês, se a memória não me falha, por algumas horas de datilografia. A datilografia que eu fazia era para um sociólogo que estava escrevendo um livro sobre o tema da resistência social à inovação tecnológica. Incluía tudo, desde a resistência dos antigos sacerdotes da Mesopotamia à disseminação do conhecimento da leitura, e da escrita entre a população, até as objeções ao avião por aqueles que diziam que o vôo do “mais-pesado-que-o-ar” era impossível.

Naturalmente ocorreu-me que uma história poderia ser escrita, na qual a resistência social ao vôo espacial poderia exercer uma pequena parte. Foi por causa disto que usei “Ad Astra” como título. Era do provérbio latino “Per áspera ad astra”. Pela primeira vez, Campbell fez mais do que simplesmente enviar uma rejeição. A de dezembro; recebi uma carta dele pedindo-me para comparecer a uma reunião para discutir a historia pormenorizadamente.

A 5 de janeiro de 1939, fui ver Campbell pela oitava vez - e pela primeira vez atendendo ao chamado dele. O que ele acabou gostando na história foi a resistência social ao vôo espacial - o vôo espacial em si, claro não é o principal.

Um tanto receoso, pois nunca revisara antes uma história para satisfazer às especificações da editoria, pus-me a trabalhar. Trouxe a história revisada a 24 de janeiro, e a 31 de janeiro descobri o sistema utilizado por Campbell para aceitar as histórias. Muito embora suas rejeições fossem acompanhadas por cartas longas e úteis, quando aceitava, enviava apenas um cheque, sem uma só palavra acompanhando. Era de sua opinião que o cheque era eloqüente o bastante. Neste caso, era de sessenta e nove dólares, pois que a história tinha a extensão de 6.900 palavras, e Campbell pagava um centavo por palavra naqueles dias.

Foi minha primeira venda para Campbell, depois de sete meses de tentativas, e oito rejeições consecutivas. A história apareceu seis meses depois, e então descobri que Campbell mudara o título (afinal de contas, justificável, penso), para “Tendências” (“Trends”).

4

TENDÊNCIAS

John Harman estava sentado à sua escrivaninha, meditando, quando entrei no escritório naquele dia. Tornara-se uma visão comum, naquele tempo, vê-lo contemplando o Hudson, mão no queixo, a preocupação vincando sua face - demasiado comum. Parecia injusto para o baixote estar se consumindo daquele modo dia após dia, quando por direito deveria estar recebendo louvores e adulações do mundo todo.

Deslizei para uma cadeira. - Viu o editorial no "Clarion" de hoje, chefe?

Virou-se, com seus olhos injetados, para mim. - Não, não vi. O que dizem? Estão invocando a vingança de Deus sobre mim, de novo? - De sua voz gotejava um amargo sarcasmo.

- Estão indo um pouco mais longe, agora, chefe - respondi. - Ouça isto:

"Amanhã é o dia da tentativa de John Harman de profanar os céus. Amanhã, em desafio à opinião mundial, e à consciência mundial, este homem desafiará Deus. Não é dado ao homem ir onde quer que a ambição e o desejo o levem. Há coisas para sempre a ele negadas, e aspirar às estrelas é uma delas. Como Eva, John Harman deseja comer do fruto proibido, e como Eva, sofrerá a devida punição por isso.

Mas não são o bastante, estas meras palavras. Se lhe permitirmos assim assumir a vingança de Deus, a contravenção é da humanidade e não de Harman sozinho. Permitindo-lhe levar adiante seus desígnios malignos, também co-participamos do crime, e a Divina vingança cairá igualmente sobre todos.

É, portanto, essencial que providências imediatas sejam tomadas para evitar que Harman decole na sua chamada "nave espacial" amanhã. O governo, recusando-se a tomar tais providências, pode forçar uma ação violenta. "Se não fizer nada para confiscar a nave, ou aprisionar Harman, nossos cidadãos enfurecidos podem ser obrigados a tomar o assunto em suas próprias mãos...".

Harman, enraivecido, saltou de sua cadeira, e agarrando o jornal em minhas mãos, lançou-o para um canto, furiosamente. - É uma convocação declarada para um linchamento - exclamou. - Olhe para isto!

Jogou cinco ou seis envelopes em minha direção. Um relance bastou-me para saber o que eram.

- Mais ameaças de morte? - perguntei.

- Sim, precisamente. Precisei arranjar um reforço da patrulha policial fora do prédio e uma escolta policial motorizada para cruzar o rio até o campo de provas, amanhã.

Andava de um lado para outro da sala, num passo agitado. - Não sei o que fazer, Clifford. Trabalhei no “Prometheus” durante quase dez anos. Labutei, gastei uma fortuna, renunciei a tudo o que dá sabor à vida, e para quê? Para que um bando de pregadores estultos excite o sentimento público contra mim até que minha vida esteja ameaçada.

- Você está à frente de seu tempo, chefe - e dei de ombros, num gesto resignado que o fez girar para mim, furioso.

- O que quer dizer “à frente de meu tempo”? Estamos em 1973. O mundo já tem estado pronto para as viagens espaciais há meio século, agora. Há cinqüenta anos, as pessoas falavam, sonhavam com o dia em que o homem poderia livrar-se da Terra e tocar as profundezas do espaço. Por cinqüenta anos, a ciência arrastou-se em direção a este tento, e agora... Finalmente consegui, e, vejam só! Você diz que o mundo não está pronto para mim.

- As décadas de 20 e 30 foram anos de anarquia, decadência e desmandos, se você se lembra da história - recordei-lhe, educadamente. Não pode tomá-los como referência.

- Eu sei, eu sei. Você vai me contar da Primeira Guerra, de 1914, e da Segunda, de 1940. É uma velha história, para mim; meu pai lutou na Segunda, e meu avô na Primeira.

No entanto, aqueles eram dias em que a ciência florescia. Os homens eram destemidos; de alguma forma, sonhavam, e ousavam. Não havia coisas como conservadorismo, quando se tratava das coisas mecânicas e científicas. Nenhuma teoria era demasiado radical para propor, nenhuma descoberta, revolucionária demais para publicar.

Hoje, uma estagnação podre tomou o mundo, quando uma grandiosa visão, assim como a viagem espacial, é usada como “desafio a Deus”.

Sua cabeça abaixou-se lentamente, e esquivou-se para esconder seus lábios trêmulos, e as lágrimas nos olhos. Então, endireitou-se de novo, olhos inflamados: - Mas vou mostrar-lhes. Irei até o fim, a despeito do Inferno, Céus e Terra. Empenhei demais nisso para abandonar agora.

- Devagar, chefe - aconselhei-o. - Isto não vai lhe fazer nenhum bem amanhã, quando entrar naquela nave. Suas chances de sair vivo já não são boas agora, o que será então se você começar já em pedaços, com a excitação e angústia?

- Tem razão. Não vamos mais pensar nisso. Onde está Shelton?

- No Instituto, arranjando as chapas fotográficas especiais para nos enviarem.

- Já faz bastante tempo que foi, não?

- Não muito; mas escute, chefe, há algo errado com ele. Não gosto dele.

- Bobagens! Está comigo há dois anos, e não tenho queixas.

- Está bem. - Afastei as mãos, resignado. - Se não quiser me ouvir, faça como quiser. De qualquer maneira, eu o peguei lendo um daqueles panfletos infernais do Otis Eldredge. Sabe, do tipo: “Cuidado, ó humanidade, que o juízo final se aproxima. A punição de vossos pecados está perto. Arrependei-vos, e salvai-vos”. E todo o resto à mesma respeitável baboseira.

Harman franziu o nariz, enojado. - Pregador sensacionalista barato! Suponho que o mundo nunca deixará este tipo fora de moda - não enquanto existirem otários. Ainda assim, você não pode condenar Shelton por ler essas coisas. Eu mesmo já as li.

- Ele disse que pegou na sarjeta e leu por “curiosidade ociosa”, mas eu estou certo que o vi tirando o panfleto de sua valise. Além do mais, vai à igreja todo domingo.

- E isso é crime? Todos vão, atualmente!

- Sim, mas não à Sociedade Evangélica Século Vinte. E é a de Eldredge.

Isto abalou Harman. Evidentemente, era a primeira vez que ouvia essa. - Ei, isso é alguma coisa, não? Precisaremos ficar de olho nele.

Mas mais tarde, coisas começaram a acontecer, e esquecemos tudo sobre Shelton - até que foi tarde demais.

Não havia muito a fazer no último dia antes do teste, e calmamente fui para a outra sala, onde repassei o último relatório de Harman para o Instituto. Era minha tarefa corrigir quaisquer erros ou enganos eventuais, mas receava não ter sido suficientemente rigoroso. E para dizer a verdade, não conseguia me concentrar. A intervalos de poucos minutos, punha-me a divagar.

Parecia extremamente estranha toda essa agitação sobre viagens espaciais. Quando Harman anunciou pela primeira vez o término próximo da construção do “Prometheus”, uns seis meses antes, os círculos científicos estavam jubilosos. Claro, eram muito precavidos em suas declarações, e eram cuidadosos com tudo o que diziam, mas havia um entusiasmo legítimo.

Porém, as massas não compreenderam as coisas assim. Parece inusitado, talvez, para você, do século vinte e um, mas era o que se poderia esperar naqueles dias de 73. As pessoas não eram muito progressistas. Por muitos anos, tivemos uma volta à religião, e quando as igrejas unanimemente opuseram-se ao foguete de Harman - bem, eis a situação.

De início, a oposição confinou-se às igrejas, e pensamos que se desvanecesse sozinha. Pelo contrário. Os jornais tomaram o assunto, e, literalmente, propagaram a Boa Nova. O pobre Harman tornou-se anátema para o mundo num tempo notavelmente curto, e aí começaram suas atribulações.

Recebeu ameaças de morte, e avisos de vingança divina, todos os dias. Não podia atravessar a rua, sequer, em segurança. Dúzias de seitas, às quais ele não pertencia - ele era um dos raríssimos livres-pensadores da época, o que era mais um ponto contra ele - o excomungaram e o colocaram sob censura especial. E, pior de tudo, Otis Eldredge e sua Sociedade Evangélica começou a agitar o populacho.

Eldredge era um caráter singular - um daqueles gênios, a seu modo, que surgem tão frequentemente. Dotado de uma retórica de ouro, e um vocabulário sulfúrico, podia facilmente hipnotizar uma multidão. Vinte mil pessoas eram como argila em suas mãos, se ele as tivesse reunidas. E por quatro meses, trovejou contra Harman; por quatro meses, uma corrente transbordante de denúncia extravasou num frenesi de oratória. E durante quatro meses, exaltou-se o mundo.

Mas Harman não era de se acovardar. Em seu corpo pequeno, de um metro e sessenta, tinha espírito bastante para seis grandalhões. Quanto mais os cães ladravam,

tanto mais firme ele mantinha sua posição. Com uma obstinação quase divina - seus inimigos diziam diabólica - recusava-se a ceder uma só polegada. Se bem que sua aparente firmeza era para mim, que o conhecia, apenas um disfarce imperfeito da sua grande dor e do amargo desapontamento interiores.

A campainha da porta interrompeu meus pensamentos naquele ponto, fazendo-me levantar, com a surpresa. As visitas eram poucas, naqueles dias.

Olhei pela janela e vi um vulto alto e elegante falando com o sargento de polícia Cassidy. Logo o reconheci, como Howard Winstead, o cabeça do Instituto. Harman apressava-se em cumprimentá-lo, e após uma curta troca de frases, os dois entraram no escritório. Segui-os para dentro, estando bastante curioso em saber o que poderia ter trazido Winstead aqui, ele, que era mais político que cientista.

Winstead não parecia muito à vontade, inicialmente; não estava com sua aparência habitualmente serena. Evitou os olhos de Harman, embaraçado, e murmurou algumas trivialidades sobre o tempo. Então abordou o assunto, com uma franqueza direta e anti-diplomática.

- John - disse ele - que tal adiar o teste por algum tempo?

- Você quer dizer abandonar tudo, não? Bem, não vou, e isso é definitivo.

Winstead ergueu a mão. - Um momento, John, não se exaspere. Deixe-me expor o meu caso. Sei que o Instituto concordou em lhe dar carta branca, e sei que você pagou pelo menos metade das despesas de seu próprio bolso, mas você não pode ir até o fim.

- Ah, então não posso? - Harman rosnou desafiadoramente.

- Agora, ouça, John, você conhece sua ciência, mas não conhece sua natureza humana, e eu conheço. Este não é o mundo dos “Anos Loucos”, quer você perceba ou não.

Houve profundas mudanças desde 1940. - Lançou-se no que evidentemente era um discurso cuidadosamente preparado.

- Depois da Primeira Guerra Mundial, como sabe, o mundo como um todo afastou-se da religião, em direção à liberdade das convenções. As pessoas estavam repugnadas e desiludidas, cínicas e sofisticadas. Eldredge as chama “malignas e pecadoras”. A despeito disso, a ciência florescia, alguns dizem que ela anda melhor em períodos assim anticonvencionais. De seu ponto de vista, era uma “Idade de Ouro”.

- Não obstante, você conhece a história política e econômica do período. Era um tempo de caos político e anarquia internacional; um período insano, suicida, irracional - e culminou na Segunda Guerra Mundial. E assim como a Primeira Guerra levou a um período de sofisticação, assim a Segunda Guerra iniciou um retorno à religião.

- As pessoas cansaram-se dos Anos Loucos. Fartaram-se deles, e temiam, mais que tudo, um retorno a eles. Para remover esta possibilidade, deixaram para trás os caminhos daqueles anos. Seus motivos, como vê, eram compreensíveis e louváveis. Toda a liberdade, toda a sofisticação, toda a falta de convenções foram-se - totalmente lavadas.

Vivemos agora numa segunda era vitoriana; e naturalmente assim, porque a história humana segue oscilações de um pêndulo, e esta é a oscilação em direção à religião e à convenção.

- Apenas uma coisa permanece desde aqueles dias de meio século atrás. Essa coisa é o respeito da humanidade pela ciência. Temos a lei seca; o fumo é proibido para as mulheres; os cosméticos são proibidos; não se fala mais de decotes e saias curtas; o divórcio é desprezado. Mas a ciência não foi confinada - ainda.

- Cabe à ciência, por conseguinte, a circunspeção, abster-se de agitar o povo. É muito fácil fazê-los crer - e Otis Eldredge chegou perigosamente perto de convencê-los em alguns de seus discursos - que foi a ciência que trouxe os horrores da Segunda Guerra Mundial. A ciência esmagou a cultura, dirão, a tecnologia esmagou a sociologia, e esse desequilíbrio foi que passou perto de destruir o mundo. De certo modo, estou inclinado a acreditar que eles não estão tão errados, neste ponto.

- Mas você sabe o que aconteceria, se eles, por ventura, chegassem a tanto? A pesquisa científica pode ser proibida; ou, se não forem tão longe, ficará tão estritamente regulada a ponto de se sufocar em sua própria decadência. Será uma calamidade da qual a humanidade não se recuperaria nem num milênio.

- E seu vôo de teste pode precipitar tudo. Você está conturbando o povo a um nível que tornará difícil acalmá-lo. Estou avisando, John. As conseqüências cairão sobre sua cabeça.

Houve um absoluto silêncio por um momento e então Harman forçou um sorriso. - Vamos, Howard, você está se deixando assustar com as sombras na parede. Estaria

tentando me dizer que é sua séria convicção que o mundo inteiro está pronto a mergulhar na segunda era das trevas? Afinal os homens inteligentes estão do lado da ciência, não?

- Se estão, não ficaram muitos, tanto quanto eu possa ver. - Winstead tirou um cachimbo de seu bolso e encheu-o com fumo, continuando: - Eldredge formou uma Liga dos Justos, há dois meses - chamam-na a L. J. - e agora cresceu inacreditavelmente. Tem vinte milhões de associados apenas nos Estados Unidos. Eldredge gaba-se de que após a próxima eleição o Congresso será dele; e parece haver mais verdade do que blefe no que diz. Já tem havido intensos conluios em favor de uma lei banindo experiências com foguetes e leis desse tipo já foram decretadas na Polônia, Portugal, e Romênia.

É verdade, Johri, estamos perigosamente próximos da aberta perseguição à ciência. - Estava fumando agora baforadas rápidas, e nervosas.

- Mas se eu for bem sucedido, Howard, se eu for bem sucedido! O que será então?

- Bah! Você sabe as chances. Suas próprias estimativas lhe dão apenas uma chance em dez de sair vivo.

- E o que significa isso? O próximo experimentador terá aprendido com meus erros, e as chances serão melhores. É esse o método científico.

- A plebe não sabe nada sobre o método científico; e nem querem saber. Bem o que me diz? Vai cancelar o vôo?

Harman saltou de pé, derrubando ruidosamente sua cadeira para trás.

- Sabe o que está pedindo? Quer que desista do trabalho de minha vida, assim, de repente? Pensa que vou sentar-me e esperar seu querido público se tornar benevolente?

Pensa que antes que eu morra, eles mudarão?

- Eis minha resposta: tenho um direito inalienável a buscar o conhecimento. A ciência tem um direito inalienável de progredir e se desenvolver sem interferência.

O mundo, interferindo comigo, está errado; eu estou certo. Será muito duro, mas eu não abandonarei meus direitos.

Winstead abanou a cabeça, pesarosamente. - Você erra, John, quando fala de direitos "inalienáveis". O que você chama de "direito" é meramente um privilégio, geralmente aceito. O que a sociedade aceita, está certo; o que não aceita, é errado.

- O seu amigo Eldredge concorda com uma tal definição de “justiça”? - perguntou Harman amargamente.

- Não, mas isso é irrelevante. Tome o caso daquelas tribos africanas que costumavam ser canibais. Eram educados como canibais, com uma longa tradição de canibalismo, e sua sociedade aceitava a prática. Para eles, o canibalismo está certo, e por que não seria? Assim você vê quão relativa é qualquer noção, e quão estúpido é seu conceito de direitos “inalienáveis” para fazer suas experiências.

- Sabe, Howard, perdeu sua vocação quando não se tornou um advogado. - Harman estava realmente se agastando. - Você está me apresentando todo argumento roto que pôde imaginar. Por Deus, está tentando pretender que é crime recusar-se a acompanhar a multidão? É a favor de uma absoluta uniformidade, vulgaridade, ortodoxia, rotina? A ciência morreria muito mais cedo sob o programa que você delineia, que sob a proibição do governo.

Harman empertigou-se e apontou o dedo para o outro, acusadoramente. - Você está traindo a ciência e a tradição daqueles gloriosos rebeldes: Galileu, Darwin, Einstein, e toda sua raça. Meu foguete parte amanhã na hora, e a despeito de você e de toda outra camisa engomadinha nos Estados Unidos. Eis tudo, e recuso-me a escutá-lo por mais tempo. Portanto, pode se retirar.

O chefe do Instituto, ruborizado, voltou-se para mim. - Você é minha testemunha, meu jovem, de que avisei este insano obstinado, este... Este fanático de cérebro atrofiado. - Gaguejou um pouco, e então saiu, imagem de inflamada indignação.

Harman dirigiu-se a mim, quando o outro partiu: - Bem o que você pensa? Suponho que concorda com ele.

Havia apenas uma resposta possível, que lhe disse: - Você não está me pagando para nada mais senão seguir ordens, chefe. Estou com você.

Shelton logo entrou e Harman empurrou-nos para os cálculos do vôo orbital pela enésima vez, enquanto que ele, por sua vez, ia dormir.

No dia seguinte, 15 - de julho, alvoreceu incomparavelmente, e Harman, Shelton, e eu estávamos quase de bom humor, ao cruzarmos o Hudson para onde o “Prometheus” - cercado por uma guarda policial adequada - repousava em sua grandeza luminosa.

Em torno dele, mantida a uma distância segura por um cordão de isolamento, agitava-se uma multidão de proporções gigantescas. A maioria das pessoas era

gritantemente hostil. Na verdade, por um breve momento, quando a nossa escolta policial em motocicletas apartava a multidão para nós, os gritos e imprecações que atingiram nossas orelhas quase me convenceram dê que deveríamos ter dado ouvidos a Winstead.

Mas Harman não lhes dava atenção, após erguer as sobrancelhas a um grito de: "Aí vai John Harman, filho de Belial". Calmamente, deu-nos instruções sobre a inspeção que deveríamos fazer. Testei as paredes externas de um pé de espessura, as portas estanques, e certifiquei-me que o purificador de ar funcionava. Shelton verificou a tela protetora e os tanques de combustível. Finalmente, Harman experimentou a desajeitada roupa espacial, achou-a adequada, e considerou-se pronto. A multidão comoveu-se. Sobre uma plataforma apressadamente erigida, com pranchas de madeira, empilhadas confusamente por alguns do povo, subiu uma figura impressionante.

Alto e esbelto; de aspecto magro, e ascético; olhos profundos, intensos, penetrantes e semicerrados; uma alva cabeleira coroando seu vulto - era Otis Eldredge. Todos o reconheceram imediatamente, e muitos o saudaram. O entusiasmo abrandou-se e toda a massa turbulenta dirigiu-se clamorosamente a ele.

Ergueu a mão pedindo silêncio, voltou-se para Harman, que olhava, com surpresa e desagrado, e apontou um dedo ossudo e longo para ele:

- Jolui Harman, filho do demônio, prole de Satã, estás aqui para um propósito maligno. Estás a ponto de cometer um atentado blasfemo para penetrar o véu além do qual o homem está proibido de ir. Estás experimentando do fruto proibido do Éden, e cuida para não gostares dos frutos do pecado.

O povo o saudou, ecoando e continuou: - O dedo de Deus está sobre ti, John Harman. Ele não permitirá que suas obras sejam profanadas. Hoje morrerás, John Harman.

- Sua voz ergueu-se em intensidade, e suas últimas palavras foram enunciadas num real fervor profético.

Harman afastou-se, desdenhosamente. Numa voz alta e clara dirigiu-se ao sargento de polícia: - Haverá algum modo, sargento, para remover os espectadores? O vôo de teste pode ser acompanhado por alguma destruição, por causa da descarga dos foguetes, e eles estão se apinhando muito perto.

O policial respondeu ríspido e inamistoso: - Se está com medo de ser linchado, diga, Sr. Harman. Não precisa se preocupar, vamos segurá-los. Quanto ao perigo daquela

engenhoca... - Deu de ombros na direção do “Prometheus”, evocando uma torrente de vaias e apupos.

Harman não disse nada mais, mas subiu na nave em silêncio. E, ao fazê-lo, uma inusitada espécie de quietude abateu-se sobre a massa; uma tensão palpável. Não houve tentativa de correr para a nave, uma tentativa que eu pensava ser inevitável. Pelo contrário, o próprio Otis Eldredge gritava para que todos se afastassem.

- Deixai o pecador com seus pecados - ele gritava. - “A vingança me pertence”, diz o Senhor.

Ao aproximar-se o momento, Shelton acotovelou-me. - Vamos sair daqui - sussurrou com voz apreensiva. - Esses jatos de foguete são venenosos. - Dizendo isto, começou a correr, fazendo sinais ansiosos, para que eu o seguisse.

Não havíamos ainda atingido o outro lado da multidão quando houve um rugido terrível atrás de mim. Uma onda de ar quente passou sobre mim. Um terrível chiado de um objeto passando velozmente por minha orelha, e fui lançado violentamente ao solo. Por uns poucos momentos fiquei prostrado, tonto, com as orelhas zunindo e a cabeça girando.

Quando bamboleei, aturdido, ficando de pé, foi para ter uma visão terrível. Evidentemente, todo o tanque de combustível do “Prometheus” explodira de uma só vez, e onde estava o foguete há um momento, abria-se um grande buraco. Os gritos dos feridos era compungente, e os corpos empilhados, mas não os descreverei.

Um gemido fraco aos meus pés atraiu minha atenção. Um relance, e perdi o fôlego, era Shelton, com a nuca transformada numa massa sangrenta.

- Eu o fiz. - Sua voz era rouca e triunfante, mas tão baixa que mal podia ouvi-lo. - Eu o fiz. Abri os compartimentos de oxigênio líquido, e quando a centelha passou pela mistura de acetil, toda a maldita coisa explodiu. - Engasgou um pouco e tentou mover-se, mas não conseguiu. Um pedaço de metal deve ter-me atingido, mas não me importo. Morrerei sabendo que...

Sua voz nada mais era que um chiado áspero, e em sua face estava o olhar estático do mártir. Morreu então, e não posso achar razão para condená-lo.

Foi aí que me lembrei de Harman. Ambulâncias de Manhattan e de Jersey City apareceram, e uma delas acelerou até uma alameda a uns quinhentos metros adiante,

onde, entre as copas das árvores, estava um pedaço avariado do compartimento anterior do “Prometheus”. Arrastei-me até lá o mais depressa que pude, mas já tinham arrastado Harman e afastaram-se, com as sirenes, muito antes que conseguisse chegar.

Depois disso, não fiquei lá. A multidão tumultuada só pensava nos mortos e feridos agora, mas quando se recuperassem, e dirigissem seus pensamentos para a vingança, minha vida não valeria um tostão. Segui os ditames da melhor metade da coragem, e quietamente, desapareci.

A semana seguinte foi frenética, para mim. Durante esse período escondi-me na casa de um amigo, pois ser visto e reconhecido em algum lugar, era morte certa. O próprio Harman estava num hospital de Jersey City, com nada além de cortes e escoriações superficiais - graças à força impulsora da explosão e as providenciais copas de árvores que amorteceram a queda do “Prometheus”. Era sobre ele que caía o golpe da ira mundial.

Nova Iorque, e também o resto do mundo, simplesmente enlouqueceu. Todos os jornais da cidade apareceram com manchetes gigantes, “28 Mortos, 73 Feridos - o Preço do Pecado”, impresso em letras vermelho-sanguíneo. Os editoriais clamavam pela vida de Harman, exigindo que fosse preso e julgado por assassinato em primeiro grau.

O temido grito de “Lincha!” ergueu-se pelas cinco cidades vizinhas, e milhares em movimento cruzaram o rio, convergindo para Jersey City. Emcabeçando-os, Otis Eldredge, ambas as pernas entaladas dirigindo-se ao povo, de um carro aberto, à medida que caminhavam. Era um verdadeiro exército.

O prefeito Carson, de Jersey City, chamou todo policial disponível e telefonou desesperado, para Trenton, pedindo tropas estaduais. Nova Iorque teve fechadas todas as pontes e túneis que davam saída da cidade, mas não antes que muitos milhares já tivessem partido.

Houve combates ferrenhos na costa de Jersey naquele dezesseis de julho. A polícia, minoritária, atacava indiscriminadamente, mas era obrigada a recuar, gradualmente.

A polícia montada investia sem cessar contra o público, mas era envolvida e vencida, pela massa, mais numerosa. Apenas detiveram-se quando se usou gás lacrimogêneo - e mesmo assim, não se retiraram.

No dia seguinte, foi declarado estado de sítio, e as tropas estaduais entraram em Jersey City. Foi o fim para os linchadores. Eldredge foi chamado a conferenciar com o prefeito, e depois, ordenou a seus seguidores que se dispersassem.

Numa declaração à imprensa, disse o prefeito Carson: - John Harman precisa pagar por seu crime, mas é essencial que o faça legalmente. A justiça precisa ter seu curso, e o Estado de Nova Jersey tomará todas as medidas necessárias.

Pelo fim da semana, alguma espécie de normalidade havia retornado e Harman esgueirou-se para fora das luzes públicas. Mais duas semanas, e mal havia referência a ele nos jornais, exceto citações casuais da discussão da nova lei Zittman antifoguetes que acabava de ser aprovada nas duas casas do Congresso, por votação unânime.

Mas ainda permanecia no hospital. Nenhuma ação legal fora tomada contra ele, mas começou a ficar aparente que uma forma de prisão indefinida “para sua própria proteção” poderia vir a ser seu destino. Logo, tratei de pôr-me em ação.

O Hospital Temple está situado num bairro solitário e distante de Jersey City, e numa noite escura, sem lua, não tive dificuldade em invadir seu terreno, sem ser notado. Com uma facilidade que me surpreendeu, introduzi-me por uma janela do porão, nocauteei um sonolento interno, e fui para o quarto 15E, que, pelo registro, era o de Harman.

- Quem está aí? - a exclamação surpresa de Harman era música para os meus ouvidos.

- Sh! Quieto! Sou eu, Cliff McKenny.

- Você! Que está fazendo aqui?

- Tentando tirá-lo daqui. Se não, você pode ficar aqui pelo resto da vida. Vamos!

Empurrei-lhe as roupas para se vestir, enquanto conversávamos, e em pouquíssimo tempo estávamos escapulindo pelo corredor. Estávamos fora, em segurança, e no meu carro, antes que Harman de novo coordenasse sua inteligência para poder me interrogar.

- O que aconteceu desde aquele dia? - foi a primeira questão. - Não me lembro de nada depois da partida do foguete, até que acordei no hospital.

- Não lhe contaram nada?

- Coisa nenhuma - asseverou. - Perguntei até ficar rouco.

Assim, contei-lhe toda a história, da explosão em diante. Seus olhos arregalaram-se com uma surpresa chocada quando falei dos mortos e feridos, e cheios de fúria quando soube da traição de Shelton. O caso dos tumultos e da tentativa de linchamento evocaram um praguejar abafado de sua boca semicerrada.

- Claro que os jornais uivavam "assassino" - concluí - mas não podiam acusá-lo diretamente. Tentaram tachar de homicídio, mas haviam muitas testemunhas visuais de seu pedido para a remoção do povo, e a recusa absoluta do sargento de polícia em fazê-lo. Isso, claro, o absolveu de qualquer culpa. O próprio sargento morreu na explosão, e não puderam fazer dele o bode expiatório.

- Mesmo assim, com Eldredge berrando pelo seu couro, você não está seguro, absolutamente. Seria melhor afastar-se enquanto pode.

Harman abanou a cabeça, concordando. - Eldredge sobreviveu à explosão, não?

- Infelizmente sim. Quebrou as duas pernas, mas seria preciso mais que isso para fechar a boca dele.

Passou-se outra semana antes de chegar a nosso futuro abrigo - a fazenda de meu tio, em Minnesota. Ali, numa comunidade rural bem retirada, ficamos enquanto todo o ruído em torno do desaparecimento de Harman lentamente morria, e as buscas, superficiais, por nós, perdiam o impulso. A busca, aliás, foi bem curta, pois as autoridades pareciam mais aliviadas do que preocupadas, com o desaparecimento.

A paz e o silêncio operaram maravilhas com Harman. Em seis meses ele parecia um novo homem - pronto para considerar uma segunda tentativa de vôo espacial. Parecia que nem todos os infortúnios do mundo poderiam detê-lo, uma vez empenhado em algo.

- Meu erro da primeira vez - disse-me, um dia de inverno - foi anunciar o experimento. Deveria ter considerado a opinião pública, como disse Winstead. Desta vez, porém - esfregou as mãos e olhava à distância, vagamente - vou tomar-lhes a dianteira. A experiência será feita em segredo - absoluto sigilo.

Ri, desanimado. - Teria de ser. Sabe que todo futuro experimento com foguetes, mesmo pesquisa inteiramente teórica, é crime punível com a morte?

- Está com medo?

- Claro que não, chefe. Estou apenas indicando um fato. E aqui vai outro fato. Só nós dois não podemos construir uma nave, sozinhos, você sabe.

- Pensei nisso, e imaginei uma saída, Cliff. E mais, posso cuidar do aspecto monetário, também. Porém, você vai ter que viajar um pouco.

Primeiro, deverá ir até Chicago, na firma de Roberts & Scranton, e retirar tudo o que sobrou da herança de meu pai, que - acrescentou, lugubremente - já foi consumida em mais da metade na primeira nave. Depois, localize tantos da velha turma quanto puder: Harry Jenkins, Joe O'Brien, Neil Stanton - todos eles.

E volte o mais depressa que puder. Estou cansado deste atraso.

Dois dias mais tarde, parti para Chicago. Obter o consentimento de meu tio para todo o negócio, foi simples. - Você pode tanto ser enforcado por todo um rebanho como por uma só ovelha - resmungou -, de modo que pode ir adiante. Já me considero complicado o bastante, agora, e posso agüentar um pouco mais, eu acho.

Custou-me viajar bastante e muito mais em conversa mole e persuasão antes de conseguir que quatro homens viessem: os três mencionados por Harman e outro, Saul Simonoff.

Com aquele esqueleto de grupo, e com o meio milhão que ainda restava para Harman, dos famosos milhões deixados por seu pai, começamos a trabalhar.

A construção do "Novo Prometheus" é uma história à parte - uma longa história de desencorajamento e insegurança. Pedaço a pedaço, comprando longarinas em Chicago, chapas de aço-berílio em Nova Iorque, uma célula de vanádio em São Francisco, itens diversos em cantos dispersos do país, construímos a nave irmã do famigerado "Prometheus".

As dificuldades no caminho eram quase insuperáveis. Para evitar levantar suspeitas quanto a nós, tínhamos que distribuir nossas compras em longos períodos, e também fazer com que as encomendas fossem para lugares diversos. Para isto, pedimos a colaboração de diversos amigos, que, por segurança, não sabiam então para que exato fim as compras se destinavam. Precisamos sintetizar nosso combustível, dez toneladas, e esse foi talvez o maior trabalho; certamente, foi o mais demorado. E finalmente, com a diminuição do dinheiro de Harman, encontramos nosso maior problema - a necessidade de economizar. Desde o começo sabíamos que nunca poderíamos fazer o "Novo Prometheus" tão grande ou tão elaborado como a primeira nave, mas logo evidenciou-se que teríamos de reduzir seu equipamento a um ponto perigosamente próximo da linha

crítica. A tela protetora era apenas satisfatória e toda tentativa de comunicações por rádio foi abandonada.

Ao trabalharmos, através dos anos, no interior do norte de Minnesota, o mundo girava, e as profecias de Winstead demonstraram-se notavelmente precisas.

Os eventos daqueles cinco anos - de 1973 a 1978 - são bem conhecidos dos escolares de hoje, o período sendo o clímax do que agora chamamos a “era neo-vitoriana”.

Os acontecimentos daqueles anos chegaram às raias do inacreditável, ao olharmos para trás, agora.

A proscrição de toda pesquisa espacial veio logo no começo, mas foi um pobre começo, se comparada com as medidas anticientíficas tomadas nos anos seguintes. As eleições seguintes para o Congresso, as de 1974, resultaram num Congresso onde Eldredge controlava a Casa e a balança do poder no Senado.

Logo, não se perdeu tempo. Na primeira sessão do nonagésimo terceiro Congresso, a famosa lei Stonely - Cárter foi aprovada. Estabelecia o Birô Federal de Investigação da Pesquisa Científica, o BFIPC - que recebeu plenos poderes para pontificar sobre a legalidade de toda pesquisa no país. Todo laboratório, industrial ou pedagógico, devia prestar informações antecipadas sobre qualquer pesquisa projetada, de modo que este novo departamento pudesse, como fazia, proibir toda pesquisa que não aprovasse.

A apelação inevitável à suprema corte veio a 9 de novembro de 1974, no caso de Westly vs. Simmons, em que Joseph Westly, de Stanford defendeu seus direitos de continuar suas investigações sobre energia atômica, com base na inconstitucionalidade da lei Stonely-Cárter.

Como seguimos aquele caso, nós cinco, entre as nevascas do meio oeste! Recebíamos todos os jornais de Minneapolis e St. Paul sempre com dois dias de atraso - e devorávamos cada palavra impressa concernente ao assunto. Por dois meses de suspense, cessou inteiramente o trabalho no “Novo Prometheus”.

Houve rumores inicialmente de que a corte declararia a lei inconstitucional, e passeatas-monstro foram feitas em toda grande cidade contra esta eventualidade. A Liga dos Justos fez valer sua poderosa influência - e mesmo a suprema corte capitulou. Cinco contra quatro pela constitucionalidade. A ciência estrangulada pelo voto de um homem.

E foi sufocada além de qualquer dúvida. Os membros do birô eram homens de Eldredge, de corpo e alma, e nada que não tivesse uso industrial imediato era indeferido.

"A ciência foi muito longe", dissera Eldredge num famoso discurso daquela época. "Precisamos detê-la por tempo indefinido, e permitir que o mundo a alcance. Apenas com isto e confiança em Deus, podemos esperar uma prosperidade permanente e universal."

Mas este foi um dos últimos discursos de Eldredge. Ele nunca se recuperou completamente das pernas quebradas naquele dia fatídico de julho de 73 e sua vida agitada forçara sua constituição física além de sua resistência. A 2 de fevereiro, de 1976, morreu entre um clamor fúnebre inigüalado, desde o assassínio de Lincoln.

Sua morte não teve efeito imediato no decurso das coisas. As regras do BFIPC aumentaram em rigor, com o passar dos anos. A ciência ficou tão carente e asfixiada, que mais uma vez os colegas encontraram-se forçados a restabelecer a filosofia e os clássicos como principais estudos - e o número de estudantes caiu a seu ponto mais baixo desde o começo do século vinte.

Estas condições prevaleceram com mais ou menos intensidade em todo o mundo civilizado, atingindo ainda mais a Inglaterra, e talvez menos repressivas na Alemanha, que foi a última a cair sob a influência "neo-vitoriana".

O nadir da ciência veio na primavera de 1978, quase um mês antes do completamento do "Novo Prometheus", com a aprovação do "edito de Páscoa" - do dia anterior à Páscoa. Segundo ele, toda pesquisa ou experimento independente era absolutamente proibido. O BFIPC, portanto, reservou-se o direito de apenas permitir tais pesquisas como especificamente solicitadas.

John Harman e eu estávamos diante do metal brilhante do "Novo Prometheus" naquele domingo de Páscoa; eu, na mais profunda melancolia, ele, quase jovial.

- Bem, Clifford, meu caro - disse ele - a última tonelada de combustível, alguns polimentos finais, e estarei pronto para minha segunda tentativa. Desta vez, não haverá Sheltons entre nós. - Cantarolou um hino. Era tudo o que o rádio tocava naqueles dias, e mesmo nós, os rebeldes, cantávamos o mesmo, pela mera repetição.

Resmunguei amargamente: - Não adianta, chefe. Dez contra um, que você acabe em algum lugar do espaço, e mesmo que volte, mais provavelmente será pendurado pelo pescoço.

Não podemos vencer. - Abanava a cabeça lastimosamente.

- Bah! Este estado de coisas não pode durar, Cliff.

- Pois eu acho que sim. Winstead estava certo daquela vez. O pêndulo oscila, e desde 1945 tem oscilado contra nós. Estamos à frente da época - ou atrás dela.

- Não me fale daquele cretino, Winstead. Está cometendo o mesmo erro que ele. Tendências são coisas para séculos e milênios, não para anos ou décadas. Por quinhentos anos temos estado nos movendo em direção à ciência. Não se pode reverter isso em trinta anos.

- Então o que estamos fazendo? - perguntei sarcasticamente.

- Estamos passando por uma reação temporária, seguindo-se a um período de avanço muito rápido nos Anos Loucos. Uma tal reação teve lugar durante o Romantismo – o primeiro período vitoriano - seguindo-se ao avanço muito rápido do século dezoito e a era da razão.

- Realmente pensa assim? - fiquei abalado por sua autoconfiança.

- Claro. Este período tem uma perfeita analogia com as espasmódicas “revivescências” que costumavam atingir as pequenas cidades do “Bible Belt” (“Cinturão da Bíblia”), nos Estados Unidos, há mais ou menos um século. Por uma semana, talvez, todos seriam religiosos, e a virtude reinaria triunfante. Então, um por um, regrediriam, e o Diabo retomaria sua influência.

- De fato, há sintomas de retroação mesmo agora. A L. J. tem cedido numa querela depois da outra, desde a morte de Eldredge. Já houve aproximadamente uma dúzia de cismas. Mesmo os extremos aos quais os que estão no poder estão indo, estão nos ajudando, pois o país está rapidamente se cansando.

E isto acabava com a discussão, com uma derrota total para mim, como sempre.

Um mês mais tarde, o “Novo Prometheus” estava pronto. “Estava tão coruscante e belo como o original, e ostentava muitos sinais de artesanato improvisado, mas nos orgulhávamos com ele - orgulhosos e triunfantes”.

- Pessoal, vou tentar de novo. - A voz de Harman era forte, e seu pequeno vulto vibrava com alegria. - E posso não ser bem sucedido, mas quanto a isso, não me importo.

- Seus olhos brilharam, de antecipação. Finalmente estarei disparando pelo vazio, e o sonho da humanidade será real.

À volta da Lua, e retornar; o primeiro a ver o outro lado. Vale a pena.

- Você não terá combustível suficiente para descer na Lua, chefe, o que é uma lástima - disse eu.

Com isto, um murmúrio pessimista percorreu o pequeno grupo que o rodeava, ao que ele não prestou atenção.

- Até mais - disse ele. - Logo os verei de novo. - E com um sorriso alegre, subiu na nave.

Quinze minutos depois, nós cinco estávamos sentados à mesa, preocupados, perdidos em nossos pensamentos, olhos perdidos para fora da sala, contemplando o local onde uma parte queimada de terra marcava onde, há alguns minutos, repousara o “Novo Prometheus”.

Simonoff verbalizou o pensamento que estava nas mentes de cada um de nós. - Talvez seja melhor para ele não voltar. Não seria tratado muito bem, se o fizer, acho.

- E todos, sombriamente, assentimos.

Como me parece tola aquela predição, pela retrospectiva de três décadas.

O resto da história realmente não é meu, pois não vi Harman de novo até um mês depois que sua memorável jornada terminou com uma aterrissagem segura.

Aproximadamente trinta e seis horas depois da partida, um sibilante projétil cruzou sobre Washington e enterrou-se na lama, às margens do Potomac.

Os investigadores estavam no local da aterragem em quinze minutos, e em outros quinze, a polícia, pois descobriu-se que o projétil era uma nave espacial. Ficaram olhando, num estupor, para o homem cansado e desalinhado que tropeçou para fora, quase desmaiando.

Houve o mais completo silêncio quando ele brandiu o punho para os espectadores boquiabertos e gritou: - Vamos, enforquem-me, seus loucos. Mas eu, fui até a Lua, e isso vocês não podem enforcar. Chamem o BFIPC, talvez declarem o vôo ilegal, e portanto, inexistente. - Riu fracamente e, de súbito, desmaiou.

Alguém gritou: - Levem-no a um hospital! Ele está doente! - Em total inconsciência, Harman foi empurrado para dentro de um carro de polícia, e levado embora, enquanto a polícia estabelecia uma guarda em torno do foguete.

Representantes do governo chegaram e investigaram a nave, leram o diário, inspecionaram os desenhos e fotografias que ele havia feito da Lua, e finalmente partiram, em silêncio. O ajuntamento cresceu e espalhou-se o rumor de que um homem havia atingido a Lua.

Curiosamente, houve pouco ressentimento pelo fato. Os homens ficaram impressionados e apreensivos; o povo murmurava e lançava olhares inquisitivos ao pálido crescente lunar, parcamente visível à forte luz do Sol. Sobre todos, um incômodo manto de silêncio, o silêncio da indecisão.

Uma vez no hospital, Harman revelou sua identidade, e o mundo revolucionou-se. Mesmo Harman foi tomado de surpresa com a rápida mudança dos humores mundiais. O descontentamento secreto, combinado com uma lenda heróica de um homem contra insuperáveis obstáculos - o tipo de lenda que comoveu a alma do homem desde o começo do tempo serviu para arrebatar a todos numa sempre crescente corrente de anti-vitorianismo. E Eldredge estava morto - ninguém poderia substituí-lo.

Vi Harman no hospital pouco tempo depois disto. Estava apoiado, de pé, e ainda meio enterrado em papéis, telegramas e cartas. Sorriu para mim, cumprimentando-me. - Bem, Cliff - murmurou - o pêndulo volta de novo.

***

De fato, muito embora “Tendências” tenha sido a segunda história que eu vendi, foi a terceira a ser publicada. Na frente dela, não só “Náufragos em Vesta” (Marooned off Vesta”, mas também outra história (a ser logo adiante mencionada), que foi escrita e vendida depois de “Tendências”, mas teve a publicação apressada para mais cedo. Ambas as histórias anteriores foram, no entanto, publicadas em Amazing e, de certo modo, acho difícil levá-las em consideração. Para mim, a primeira história que vendi para Campbell e publicada em Astounding é a minha primeira história significativa publicada. Isto é bastante ingrato de minha parte em relação a Amazing, mas estou sendo sincero.

O exemplar de julho de 1939 de Astounding é, por vezes, considerado pelos fãs posteriores da ficção científica como marcando o começo da chamada Idade de Ouro da ficção cientifica, um período que se estendeu por quase toda a década de 1940. Naquele período, as opiniões de Campbell vigoravam plenamente na revista, e os autores que ele treinava e aperfeiçoava estavam escrevendo com todo o ardor da juventude. Gostaria de poder dizer que “Tendências” foi o que marcou o começo daquela Idade de Ouro, mas não. Sua aparição naquele número foi pura coincidência.

O que realmente contou foi que a novela principal no numero de julho de 1939 foi “Destróier Negro” (“Black Destroyer”) por A. E. van Vogt, a primeira história de um novo autor, enquanto que no número seguinte, de agosto de 1939, foi um conto, “Cabo Salva-Vida” (“Lifeline”), de Robert A. Heinlein, outra primeira história por um novo autor.

Eventualmente, Van Vogt, Heinlein e eu seríamos universalmente arrolados entre os principais autores da Idade de Ouro, mas Van Vogt e Heinlein o foram desde o princípio.

Cada um deles se projetou como estrela da revista desde a primeira história, e o “status” deles nunca vacilou durante o resto da Idade de Ouro. Eu, por outro lado (sem falsa modéstia), fui subindo gradativamente. Fui bem pouco notado por algum tempo, e vim a ser considerado entre os principais autores por etapas tão graduais que, a despeito do saudável auxílio da vaidade com que sou dotado, eu mesmo fui o último a reparar.

“Tendências” é uma história engraçada, em alguns pontos. Determina os primeiros vôos espaciais à Lua, na década de “70. Na época realmente pensei estar sendo ousado, mas descobri estar atrasado em relação a eventual realidade, de uma década, pois que o que descrevi foi feito, e com uma sofisticação imensamente maior, na década de 1960”.

Minha descrição das primeiras tentativas de vôo espacial foi, claro, incrivelmente ingênua, em retrospecto.

Num aspecto, porém, a história é inusitada. Em anos recentes, Phil Klass (um escritor de ficção científica que publica sob o pseudônimo de “William Tenn”) apontou-me que esta foi a primeira a prever resistência de qualquer espécie à noção de exploração do espaço. Em todas as outras, o público em geral estava ou indiferente, ou entusiasta. Isto faz-me soar enorme e unicamente sensível, mas tendo explicado a natureza do livro com o qual eu estava fazendo meu trabalho na NYA, não posso levar o crédito por brilhantismo. (Droga!)

Note-se também a referência à “Segunda (Guerra Mundial) de 1940”. A história, lembremos, foi escrita dois meses depois de Munique. Não acreditei, naquela época, que isto significava “paz para nossos tempos”, como sustentou Neville Chamberlain. Eu avaliava que haveria uma guerra num ano e meio, e de novo fui muito conservador.

“Tendências”, incidentalmente, é uma das poucas histórias que escrevi na primeira pessoa, e o narrador é chamado Clifford McKenny. (O porquê da minha inclinação por sobrenomes irlandeses naqueles dias, ainda não consegui descobrir.) Atrás do primeiro nome, porém, está uma história.

Depois de meu susto de maio de 1938 concernente à mudança de Astounding, comecei a mandar cartas mensais à revista, atribuindo cuidadosamente uma avaliação às histórias.

(Parei, depois de eu mesmo começar a vender histórias.) Foram todas publicadas, e de fato, já havia mandado uma carta para Astounding que fora publicada em 1935.

Dois escritores de ficção científica já estabelecidos escreveram-me pessoalmente respondendo a observações que havia feito, quanto a seus escritos. Eram Russell R. Winterbotham e Clifford D. Simak.

Com ambos, mantive uma correspondência, bem regular de início, e com longos e secos intervalos, alguns anos depois. A amizade que daí resultou, apesar da longa distância, foi duradoura. Encontrei Russ Winterbotham pessoalmente apenas uma vez, e foi na Convenção Mundial da Ficção Científica, em Cleveland, 1966. Ele morreu em 1971.

Encontrei Cliff Simak três vezes, a ocasião mais recente sendo a Convenção Mundial de Ficção Científica em Boston, 1971, onde fui hóspede de honra.

A primeira carta de Simak para mim foi em resposta à minha publicada em Astounding, que dera uma baixa avaliação à sua história “Regra 18” (“Rule 18 “), no número de julho de 1938. Simak escreveu pedindo pormenores de modo que pudesse considerar minhas críticas e talvez tirar proveito delas. (Gostaria que eu mesmo soubesse reagir tão gentil e racionalmente às críticas adversas!).

Reli a história para poder responder adequadamente e descobri para minha surpresa que não havia nada errado com ela. O que ele havia feito era escrever a história em cenas separadas, sem passagens explícitas de transição entre elas. Eu não estava acostumado a esta técnica, de modo que a história parecia entrecortada e incoerente.

Da segunda vez, percebi o que ele estava fazendo, e vi que o texto absolutamente não era incoerente, mas movia-se, ágil e veloz, o que seria impossível se todas as monótonas e rotineiras transições fossem inseridas.

Escrevi a Simak para explicar, e adotei o mesmo recurso em outras das minhas histórias. E mais, tentei, tanto quanto possível, fazer uso de algo similar ao estilo frio e despojado.

Às vezes ouvi escritores de ficção científica dizerem da influencia em seu estilo, de figuras literárias de prestígio tão alto como Kafka, Proust, e Joyce. Pode ser ostentação, ou pode ser verdade, mas quanto a mim, não faço tais reivindicações. Aprendi a escrever ficção científica pela leitura atenta de ficção científica, e dentre as maiores influências em meu estilo, foi Clifford Simak.

Simak encorajou-me particularmente naqueles meses ansiosos durante os quais eu tentava vender uma história. No dia que fiz a minha primeira venda, tinha uma carta, selada e endereçada, esperando para ser enviada pelo correio. Cortei-a para adicionar as novas, e destruir um envelope selado, que representava uma perda certa de diversos centavos, era algo que eu não fazia levianamente, naqueles tempos.

Sempre me agradou, portanto, que minha primeira venda para Campbell tivesse, como seu narrador, na primeira pessoa, um personagem com um nome em homenagem a Clifford Simak.

Mais uma coisa sobre “Tendências”.

Nas minhas primeiras reuniões com Campbell, ele ocasionalmente apontara o valor de ter um nome que não fosse estranho e de difícil pronúncia, e sugeriu o uso de um

nome anglo-saxão comum, como pseudônimo. Quanto a isto, expressei bem claramente minha intransigência. Meu nome é meu nome e assim seria em minhas histórias.

Quando “Tendências” foi vendida, fortaleci-me para o que pensei que seria uma luta com Campbell que poderia até mesmo me custar minha preciosa venda. Nunca houve.

Talvez porque meu nome já havia aparecido em duas histórias de Amazing, ou Campbell talvez tenha reconhecido que eu não concordaria com um pseudônimo, mas nunca tocou no assunto.

Como se veio a verificar, minha aversão por um pseudônimo foi realmente feliz, pois o nome Isaac Asimov provou-se altamente visível. Ninguém podia ver o nome pela primeira vez sem sorrir para sua exoticidade; e qualquer um que o visse pela segunda vez, instantaneamente se lembraria da primeira vez. Estou convencido de que pelo menos parte de minha eventual popularidade surgiu porque os leitores reconheciam o nome rapidamente, e ficavam lembrados de minhas obras como um grupo.

De fato, as coisas fecharam um círculo. Nos últimos anos, frequentemente encontrei leitores que estavam convencidos de que o nome era um pseudônimo destinado a chamar a atenção, e que meu nome real deve ser algo assim como John Smith. Era às vezes difícil desenganá-los.

Enquanto eu estava revisando “Tendências” para Campbell, eu estava também trabalhando em outra história, “A Arma Terrível Demais Para Ser Usada”. Esta eu não submeti a Campbell. Talvez não quisesse pressioná-lo demais imediatamente após ter-lhe feito uma venda, ou tenha suspeitado que a história não era boa o bastante para ele e não queria estragar a impressão que “Tendências” poderia ter feito.

Em qualquer caso (e não me lembro realmente do motivo), decidi tentar Amazing primeiro. Era também um mercado barato, e talvez eu lhes devesse outra chance, agora que já tinha feito uma venda para Campbell.

Remeti “A Arma Terrível Demais Para Ser Usada” para Amazing a 6 de fevereiro de 1939, e a 20 de fevereiro recebi a notícia de que fora aceita. Amazing pode tê-la comprado porque estaria precisando de uma historia depressa, pois apareceria no numero de maio, que chegaria às bancas apenas três semanas após a venda. E isso fez dela a minha segunda história publicada, pois apareceu dois meses antes de “Tendências”.

5

A ARMA TERRÍVEL DEMAIS PARA SER USADA

Karl Frantor achou a perspectiva terrivelmente desanimadora. Das nuvens baixas, caía uma eterna chuva nevoenta; uma vegetação atarracada, borrachenta, com sua monótona cor marrom-avermelhada estendia-se em todas as direções. Aqui e ali, um pássaro disparava em vôo sobre eles, emitindo piados lamentosos, ao se afastar.

Karl voltou a cabeça para contemplar o pequeno domo de Afrodopolis, a maior cidade de Vênus.

- Meu Deus - murmurou ele - até mesmo o domo é melhor do que este mundo horroroso daqui de fora. - Puxou o tecido impermeabilizado de seu casaco para mais perto de seu corpo. - Oxalá voltasse à Terra de novo.

Voltou-se para a figura esbelta de Antil, o venusiano. - Quando chegaremos às ruínas, Antil?

Não houve resposta e Karl notou a lágrima que rolava pelas faces verdes e enrugadas do venusiano. Outra luzia nos grandes olhos lemurianos; olhos suaves, incrivelmente belos.

A voz do terráqueo abrandou-se. - Perdoe-me, Antil, não quis dizer nada contra Vênus.

Antil voltou seu rosto verde para Karl. - Não foi isso, meu amigo. Naturalmente você não acharia muito o que admirar num mundo estranho. Eu, porém, amo Vênus, e choro porque me comovo com sua beleza. - As palavras saíam fluentemente, mas com a inevitável distorção causada por cordas vocais inadaptadas para línguas guturais.

- Sei que parece incompreensível para você - Antil continuou mas para mim, Vênus é um paraíso, uma terra dourada - não consigo exprimir meus sentimentos por ele adequadamente.

- E ainda há os que digam que apenas os terráqueos podem amar. A simpatia de Karl era profunda e sincera.

O venusiano abanou a cabeça, triste. - Há muito além da capacidade de sentir emoções, que o seu povo nos nega.

Karl mudou de assunto, apressadamente. - Diga-me, Antil, Vênus não apresenta um aspecto monótono, mesmo para você? Você esteve na Terra, e deveria saber. Como esta eternidade de marrom e cinza se compara com as cores vivas e quentes da Terra?

- Para mim, é muito mais bonito. Você esquece que meus sentidos para cores são tão enormemente diferentes dos seus*. Como posso explicar as belezas, a riqueza de cores que abunda nesta paisagem? - E caiu em silêncio, perdido entre as maravilhas das quais falava, ao passo que para o terráqueo, o melancólico cinza permanecia inalterado.

* O olho venusiano pode distinguir entre dois matizes, cujos comprimentos de onda difiram apenas de cinco Angstrom. Eles vêm milhares de cores para as quais os terráqueos são cegos.

- Algum dia - a voz de Antil veio como de uma pessoa sonhando, Vênus de novo pertencerá aos venusianos. Os terrestres não mais nos dominarão, e a glória de nossos ancestrais retornará a nós.

Karl riu-se. - Ora, Antil, você fala como um membro dos Faixas Verdes, que estão dando tantos problemas ao governo. Pensei que você não acreditava em violência.

- E não acredito, Karl - os olhos de Antil eram graves e um tanto assustados – mas os extremistas estão ganhando força, e receio pelo pior. E se uma rebelião declarada irromper contra a Terra, eu devo juntar-me a eles.

- Mas você discorda deles.

- Sim, claro - e deu de ombros, gesto que aprendera dos terráqueos – nada podemos ganhar pela violência. Há cinco bilhões de vocês e mal chegamos a cem milhões. Vocês têm recursos e armas, enquanto que não temos nada. Seria uma aventura insana, e mesmo que ganhássemos, deixaríamos tamanha herança de ódio que nunca mais poderia haver paz entre nossos planetas.

- Então, por que juntar-se a eles?

- Porque sou venusiano.

O terrestre prorrompeu em risadas de novo. - O patriotismo, parece, é tão irracional em Vênus como na Terra. Mas, vamos, vamos até as ruínas de sua antiga cidade.

Já estamos perto?

- Sim - respondeu Antil. - É questão de pouco mais de uma milha da Terra, agora. Lembre-se porém, que você não deve mexer em nada. As ruínas de Ash-taz-zor são sagradas para nós, como o único remanescente que ainda existe do tempo em que nós, também, éramos uma grande raça, e não os restos degenerados de uma.

Caminharam em silêncio, lutando contra a terra fofa sob seus pés, esquivando-se das raízes contorcidas da árvore-serpente e dando às vinhas pendentes um amplo suporte.

Foi Antil quem retomou a conversação.

- Pobre Vênus. - Sua voz suave, melancólica, era triste. - Há cinqüenta anos atrás os terráqueos vieram com promessas de paz e abundância - e acreditamos. Mostramos a eles as minas de esmeralda e a semente de juju, e seus olhos brilharam de desejo. Mais e mais vieram, e sua arrogância aumentou. E agora...

- É péssimo, Antil - respondeu Karl - mas você está demasiado ressentido a respeito.

- Demasiado! Podemos votar? Temos alguma espécie de representação no Congresso Provincial Venusiano? Não há leis proibindo venusianos viajarem nos mesmos estratocarros que os terráqueos, ou comerem no mesmo hotel, ou viverem na mesma casa? Todas as escolas superiores não estão fechadas para nós? As melhores e mais férteis regiões do planeta não estão exploradas pelos terráqueos? Há algum direito que os terráqueos nos permitem sobre nosso próprio planeta?

- O que você diz é perfeitamente verdadeiro, e acho deplorável. Mas condições similares uma vez existiram na Terra, concernentes às chamadas “raças inferiores”, e, ocasionalmente, todas essas desigualdades foram removidas, até que hoje reina a total equanimidade. Lembre-se, também, que as pessoas inteligentes da Terra estão todas do vosso lado. Eu, por exemplo, alguma vez já dei mostras de qualquer preconceito contra um venusiano?

- Não, Karl, você sabe que não. Mas quantos homens inteligentes há? Na Terra foram precisos longos e exaustivos milênios, cheios de guerra e sofrimento, antes de se estabelecer a igualdade. E se Vênus se recusar a esperar por esses milênios?

Karl franziu a testa. - Você está certo, claro, mas precisa esperar. O que mais pode fazer?

- Não sei, não sei - a voz de Antil desapareceu no silêncio.

De repente, Karl desejou não ter começado esta viagem às ruínas da misteriosa Ash-taz-zor. O terreno enlouquecedoramente monótono, as justas queixas de Antil, serviram para deprimi-lo grandemente. Estava a ponto de desistir de tudo, quando o venusiano ergueu seus dedos com membranas, para apontar um montículo de terra adiante.

- Eis a entrada - avisou. - Ash-taz-zor esteve enterrada por incontáveis milhares de anos, e apenas os venusianos a conhecem. Você é o primeiro terráqueo a vê-la.

- Manterei absoluto segredo, Antil. Já prometi.

- Venha, então.

Antil afastou para o lado a exuberante vegetação para revelar uma entrada estreita entre dois rochedos e fez sinal para Karl segui-lo. Num corredor estreito, e úmido, entraram. Antil tirou de seu bolso uma pequena lâmpada de Atomite, que lançou seu brilho nacarado sobre paredes de pedra gotejante.

- Estes corredores e nichos - explicou - foram cavados há três séculos, por nossos ancestrais, que consideravam a cidade um lugar sagrado. Ultimamente, porém, nós a temos negligenciado. Fui o primeiro a visitá-la, por um longo, longo tempo. Talvez seja esse outro sinal de nossa degenerescência.

Por uns cem metros caminharam diretamente à frente; então os corredores expandiram-se numa altíssima cúpula. Karl perdeu o fôlego com a visão diante dele. Ali estavam os remanescentes de prédios, maravilhas arquitetônicas inigualadas na Terra, desde os dias da Atenas de Péricles. Mas estava tudo em ruínas, de modo que restava apenas um vislumbre da magnificência da cidade.

Antil mostrou o caminho pelo espaço aberto e mergulhou em outro desvão que se retorcia por meia milha de terra e rochas. Aqui e ali, corredorres laterais se dividiam, e uma ou duas vezes Karl percebeu estruturas arruinadas. Ele as investigaria, caso Antil não continuasse avançando.

De novo emergiram, desta vez diante de um edifício baixo e largo, construído em pedra suave, e verde. Sua ala direita estava totalmente esmagada, mas o resto mal parecia ter sido jamais tocado.

Os olhos do venusiano brilharam; sua forma leve empertigou-se com orgulho. - Isto é o que corresponde a um atual museu de artes e ciências. Aqui, você verá a grandeza passada de Vênus.

Grandemente excitado, Karl entrou - o primeiro terráqueo a ver essas antigas conquistas. O interior, descobriu, estava dividido numa série de alcovas profundas, ramificando-se a partir da longa colunata central. O teto era uma grande pintura que se mostrava palidamente à luz pálida da lâmpada de Atomite.

Perdido em sua maravilha, o terráqueo passeava pelas alcovas. Havia um extraordinário sentido de estranheza nas esculturas e pinturas em torno dele, um ar extraterrestre, que duplicava sua beleza, Karl percebia estar perdendo algo vital na arte venusiana, simplesmente por causa da falta de base comum entre sua própria cultura e a deles, mas ele podia apreciar a excelência técnica da obra. Em especial, admirou o trabalho de cores das pinturas, que iam muito além de qualquer coisa que ele jamais vira na Terra. Rachadas, desbotadas e escamando, como estavam, havia uma mescla, e uma harmonia nela que era soberba.

- O que Michelangelo não daria - comentou com Antil - para ter a maravilhosa percepção de cores do olho venusiano.

Antil estufou o peito, de alegria. - Toda raça tem seus próprios atributos. Sempre desejei que as minhas orelhas distinguissem os suaves tons e frequências sonoras do modo que dizem que podem os terráqueos. Talvez eu então poderia compreender o que há de tão agradável com a sua música terrestre. Tal como ouço, seu ruído é terrivelmente monótono para mim. Continuaram, e a cada minuto, a opinião de Karl sobre a cultura venusiana subia mais. Havia fitas longas e delgadas de metal, reunidas, cobertas com as linhas e os ovais da escrita venusiana - milhares e milhares delas. Nelas, sabia Karl, poderia estar segredos tais que os cientistas da Terra dariam metade de suas vidas para saber.

Então, quando Antil apontou um objeto pequeno de doze centímetros de altura, e disse que, de acordo com a inscrição, era algum tipo de conversor atômico com um rendimento diversas vezes o de quaisquer dos modelos terrestres, Karl não se conteve.

- Por que não revelam esses segredos para a Terra? Se eles ao menos pudessem saber de suas conquistas passadas, os venusianos ocupariam um lugar muito mais alto do que agora.

- Eles fariam uso de nosso conhecimento de dias anteriores, sim Antil replicou amargamente - mas nunca desistiriam de seu domínio sobre Vênus e seu povo. Espero que não esqueça sua promessa de sigilo absoluto.

- Não, vou manter-me em silêncio, mas acho que você está cometendo um erro.

- Discordo. - Antil virou-se para deixar a alcova, mas Karl pediu-lhe que esperasse.

- Não vamos entrar neste pequeno quarto, aqui? - perguntou. Antil virou, olhos assustados. - Quarto? De que quarto você está falando? Não deveria haver nada aqui.

As sobrancelhas de Karl ergueram-se, com a surpresa, quando apontava mudo a fenda estreita que se estendia até metade da parede dos fundos.

O venusiano resmungou algo em voz baixa, ajoelhou-se, e com seus dedos delicados experimentou a abertura.

- Ajude-me, Karl. Esta porta, eu acho, nunca foi feita para ser aberta. Pelo menos, não há registro de estar aqui, e conheço as ruínas de Ashtaz-zor talvez melhor do que ninguém, do meu povo.

Os dois empurraram aquela seção da parede, que cedeu para trás com ruidosa relutância por uma distância curta, e então desabou subitamente, de modo a catapultá-los no cubículo quase vazio. Ergueram-se, e olharam em volta.

O terráqueo apontou faixas de ferrugem quebradas e espalhadas, no chão, e ao longo da linha, onde a porta juntava-se à parede. - Seu povo parece ter selado esta sala com bastante eficiência. Apenas a ferrugem de séculos quebrou as travas. É de se crer que tinham algum segredo escondido aqui.

Antil abanou sua cabeça verde. - Não havia evidências de uma porta, da última vez que estive aqui. No entanto... - ergueu a lâmpada de Atomite e revistou a sala rapidamente - não parece haver nada aqui, de qualquer modo.

Estava certo. Além de uma caixa oblonga não identificada repousando sobre seis pernas curtas, o lugar continha apenas inacreditáveis quantidades de poeira e mofo, quase sufocante cheiro de tumbas há muito fechadas.

Karl aproximou-se da caixa, tentou movê-la do canto onde estava. Não se moveu, mas a tampa deslizou sob a pressão de seus dedos.

- A tampa é removível, Antil. Veja! - Apontou para um compartimento raso, lá dentro, que continha uma placa quadrada de alguma substância vítrea, e cinco cilindros de doze centímetros, semelhantes a canetas.

Antil gritou de contentamento quando viu esses objetos, e pela primeira vez, desde que Karl o conhecera, caiu numa sibilante algaravia venusiana. Removeu a placa vítrea e inspecionou-a de perto. Karl, com a curiosidade desperta, fez o mesmo. Estava coberta com manchas coloridas, bem próximas umas das outras, mas não havia razão aparente para o extremo contentamento de Antil.

- O que é, Antil?

- É um documento completo na nossa antiga linguagem cerimonial. Até agora nada tínhamos senão fragmentos disjuntos. Este é um grande achado.

- Você pode decifrá-lo? - Karl já olhava o objeto com mais respeito.

- Penso que sim. É uma língua morta e dela conheço algumas tinturas. Como vê, é uma linguagem de cores. Cada palavra é designada pela combinação de duas, e por vezes, três manchas coloridas. As cores são precisamente diferenciadas, porém, e um terrestre, mesmo se tivesse a chave desta língua, teria de usar um espectroscópio para lê-la.

- Você pode fazer uma tentativa agora?

- Creio que sim, Karl. A lâmpada de Atomite aproxima-se bastante da luz normal do dia, e penso que não teria problemas. Porém, pode ser demorado; de modo que seria melhor que você continuasse sua investigação. Não há perigo de se perder, desde que fique dentro deste prédio.

Karl afastou-se, deixando uma segunda lâmpada de Atomite com Antil, que ficou inclinado sobre o antigo manuscrito, decifrando-o lenta e dificultosamente.

Duas horas se passaram antes que o terráqueo retornasse; mas ao fazê-lo, Antil quase nem havia mudado de posição. Mas, agora, havia um ar horrorizado na face do venusiano que não existia antes. A mensagem em cores estava a seus pés, abandonada. A barulhenta entrada do terráqueo não o abalou. Como petrificado, ficava sentado, com o olhar amedrontado. Karl pulou para seu lado. - Antil, Antil, o que há? A cabeça de Antil girou devagar, como se movesse por um líquido viscoso, e seus olhos olhavam sem ver seu amigo, Karl agarrou os estreitos ombros do outro, e agitou-o impiedosamente.

O venusiano como que acordou. Desvencilhando-se das mãos de Karl, ficou de pé. Da mesa, a um canto, removeu os cinco objetos cilíndricos, segurando-os com inusitada relutância, colocando-os em seu bolso. Ali, da mesma forma, colocou a placa que decifrara.

Tendo feito isto, recolocou a tampa na caixa e empurrou Karl para fora do quarto. - Precisamos ir agora. Já ficamos demais. - Sua voz tinha uma tonalidade estranha, assustada, que deixava o terráqueo incomodado. Silenciosamente, refizeram o caminho de volta, até que de novo estavam na superfície encharcada de Vênus. Ainda era dia, mas o pôr do Sol estava próximo. Karl sentia uma fome crescente. Precisariam apressar-se se esperavam alcançar Afrodopolis antes do cair da noite. Karl levantou a gola de seu abrigo, puxou o gorro impermeável sobre a testa e pôs-se a caminho.

Milha após milha, e a cidade sob o domo de novo ergueu-se sobre o horizonte cinzento. O terráqueo mastigava um úmido sanduíche de presunto, desejando ansiosamente a confortável secura de Afrodopolis. Durante toda a jornada, o venusiano, normalmente amigável, manteve um pétreo silêncio, não dedicando sequer um olhar para seu companheiro.

Karl aceitou tudo filosoficamente. Tinha um respeito muito maior pelos venusianos que a maioria dos terráqueos, mas mesmo ele experimentava um leve desdém pelo caráter ultra-emocional de Antil e sua espécie. Este silêncio meditabundo era apenas a manifestação de sentimentos que em Karl talvez resultariam em não mais que um suspiro ou um franzir d’olhos. Pensando assim, o humor de Antil mal o afetava.

Mesmo assim, a memória do terrível medo nos olhos de Antil causava uma certa inquietação. Surgira após a tradução daquela estranha placa. Que segredo poderia estar revelado naquela mensagem por aqueles progenitores científicos dos venusianos?

Foi com alguma reserva que Karl finalmente persuadiu-se a perguntar:

- O que dizia aquela placa, Antil? Deve ser interessante, creio, considerando que você a levou consigo.

A resposta de Antil foi simplesmente um sinal para que se apressassem, e o venusiano logo mergulhou na escuridão, que aumentava, com redobrada velocidade. Karl estava atônito, e magoado. Não fez outra tentativa de conversação durante o resto da viagem.

Quando chegaram a Afrodopolis, entretanto, o venusiano quebrou seu silêncio.

Sua face enrugada, tensa e conturbada, voltou-se para Karl com a expressão de alguém que chegou a uma decisão dolorosa.

- Karl - disse ele - temos sido amigos, de modo que desejo dar-lhe um bom conselho. Você deve partir para a Terra, na próxima semana. Sei que seu pai é importante no conselho do Presidente Planetário. Você mesmo provavelmente será um personagem importante num futuro próximo. Sendo assim, peço-lhe sinceramente que use cada átomo de sua influência para uma moderação da atitude da Terra em relação a Vênus. Eu, por minha vez, sendo um nobre hereditário da maior tribo de Vênus, farei o máximo para reprimir todas as tentativas de violência.

O outro franziu os sobrolhos. - Parece haver algo por trás de tudo isto. Não consigo compreender. O que você está tentando dizer?

- Apenas isto. A menos que as condições melhorem - e logo - Vênus se rebelará. Neste caso, não terei escolha senão colocar meus serviços a seus pés, e Vênus não mais será indefesa.

Estas palavras apenas serviram para surpreender o terráqueo. - Ora, vamos, Antil, seu patriotismo é admirável, e suas preocupações justificadas, mas melodrama e chauvinismo não funcionam comigo. Sou, antes de tudo, um realista.

Havia uma terrível seriedade na voz do venusiano. - Creia-me, Karl, quando digo que nada é mais real do que o que lhe digo agora. No caso de uma revolta venusiana, não posso garantir a segurança da Terra.

- A segurança da Terra! - A enormidade disto deixava Karl estupefato.

- Sim - continuou Antil - pois eu talvez seja forçado a destruir a Terra. Eis tudo. - com isto, deu-lhe as costas e mergulhou na vegetação de volta para a vila venusiana do lado de fora do grande domo.

Cinco anos se passaram - anos de inquietação turbulenta, e Vênus emergiu de seu sono como um vulcão que desperta. Os míopes senhores terráqueos de Afrodopolis, Venusia, e outras cidades sob cúpulas, levianamente descuidaram de todos os sinais de perigo. Quando sequer chegavam a pensar nos pequenos venusianos verdes, era como uma careta de desdém, como quem diz, “Ah aquelas coisas!”

Mas “aquelas coisas” finalmente chegaram ao limite de sua paciência, e os Faixas Verdes, nacionalistas, tornaram-se de uma insistência crescente a cada dia. Então, num dia cinzento, não diverso dos dias cinzentos precedentes, multidões de nativos enxamearam sobre as cidades em rebelião aberta.

Os domos menores, tomados de surpresa, sucumbiram. Numa rápida sucessão, Nova Washington, Monte Vulcano, e St. Denis foram tomadas, juntamente com todo o continente oriental. Antes que os hesitantes terráqueos percebessem o que estava acontecendo, metade de Vênus já não lhes pertencia.

A Terra, chocada e atordoada com esta súbita sublevação - que, claro, deveria ter sido prevista - enviou armas e suprimentos aos habitantes das restantes cidades aliadas, e começou a equipar uma grande frota espacial, para a recuperação do território perdido.

A Terra estava perturbada, mas não amedrontada, sabendo que o território perdido de surpresa poderia ser facilmente reconquistado sem esforço, e que o terreno que não havia sido perdido até agora, nunca seria perdido. Ou tal, pelo menos, era a crença.

Imagine-se então a estupefação dos líderes terráqueos, ao verem que não havia pausa no avanço venusiano. A cidade de Venusia havia sido amplamente estocada com armas e alimentos; suas defesas exteriores estavam montadas, seus homens a postos. Um pequeno exército de nativos nus e desarmados aproximou-se e pediu-lhes a rendição condicional. Venusia recusou-se orgulhosamente, e as mensagens à Terra eram triunfantes, em suas referências aos nativos desarmados, tão de súbito cumulados com o sucesso.

Então, de chofre, não foram recebidas mais mensagens, e os nativos tomaram Venusia.

Os eventos de Venusia foram duplicados, de novo, e de novo, contra o que deveriam ser fortalezas inexpugnáveis. Mesmo Afrodopolis, com quinhentos mil habitantes, caiu perante lamentáveis cinco venusianos. Isto, a despeito de que toda arma conhecida da Terra estava disponível para os defensores.

O Governo Terrestre censurou as notícias, e a Terra permaneceu sem suspeitar dos estranhos acontecimentos em Vênus; mas nos conselhos internos, os estadistas tornavam-se apreensivos, ao escutar as inauditas palavras de Karl Frantor, filho do Ministro da Educação.

Jan Heersen, Ministro da Guerra, ergueu-se enfurecido, ante a conclusão do relato.

- Você quer que levemos a sério uma afirmação gratuita de um Verdinho meio enlouquecido, e fazer a paz com Vênus nos termos deles? Isso é definitiva e absolutamente impossível. O que aqueles malditos animais precisam é de um punho na cara. Nossa frota irá varrê-los do universo, e esta é a hora de fazê-lo.

- Varrê-los pode não ser tão simples, Heersen - disse Frantor pai, grisalho, acorrendo em defesa do filho. - Há muitos de nós que temos clamado que a política do Governo em relação aos venusianos, estava errada. Quem sabe que meios de ataque eles descobriram, e o que, por vingança, ainda farão com isto?

- Contos de fadas! - retrucou Heersen. - Você trata os Verdinhos como se fossem gente. São animais, e deveriam ser gratos pelos benefícios da civilização, que lhes levamos. Lembre-se, estamos tratando a eles muito melhor que algumas de nossas raças da Terra foram tratadas na nossa história antiga, os índios americanos, por exemplo.

Karl Frantor irrompeu de novo numa voz agitada. - Precisamos investigar, senhores! A ameaça de Antil é séria demais para ser descuidada, não importa quão tola possa parecer - e à luz das conquistas venusianas, pode ser qualquer coisa, menos tola. Proponho que me envie com o almirante von Blumdorff, como uma espécie de enviado. Deixe-me tentar tudo, antes de atacá-los.

O Presidente terrestre de Saturno, Jules Debuc, falou agora pela primeira vez. - A proposta de Frantor é razoável, pelo menos. Assim será feito. Alguma objeção?

Não houve nenhuma, muito embora Heersen tenha resmungado e careteado irritadamente. Assim, uma semana mais tarde, Karl Frantor acompanhou a flotilha espacial da Terra, quando partiram para o planeta interior.

Foi um estranho planeta que saudou Karl após cinco anos de ausência. Era ainda o mesmo lugar encharcado, com sua habitual lúgubre monotonia de branco e cinza, suas cidades protegidas, dispersas, e mesmo assim, como era diferente!

Onde antes os soberbos terráqueos tinham se movido em desdenhoso esplendor entre os acovardados venusianos, agora os nativos mantinham um domínio indisputado. Afrodopolis era uma cidade inteiramente nativa, e no escritório do antigo governador sentava-se Antil.

Karl olhou-o, em dúvida, mal sabendo o que dizer. - Pensei que você poderia ser o chefe - acabou dizendo. - Você - o pacifista.

- A escolha não foi minha. Foram as circunstâncias - replicou Antil. - Mas você! Não esperava que você fosse o porta-voz de seu planeta.

- Foi para mim que você fez sua estúpidas ameaças há anos atrás, portanto eu fui o mais pessimista a encarar sua rebelião. Venho, como sabe, desacompanhado. - Sua mão moveu-se vagamente para cima, onde vagavam as espaçonaves, em repouso, e ameaçadoras.

- Veio me ameaçar?

- Não! Ouvir seus objetivos e seus termos.

- Isso é fácil. Vênus pede sua independência e prometemos amizade, bem como comércio livre e sem restrições.

- E você espera que aceitemos tudo sem lutar?

- Espero que aceitem - pelo bem da Terra.

Karl abateu-se, e caiu sobre a cadeira, desgostoso. - Por Deus, Antil, o tempo de meias palavras misteriosas e charadas já passou. Mostre o jogo. Como venceu Afrodopolis e as outras cidades tão facilmente?

- Fomos forçados a isto, Karl. Não o desejávamos. - A voz de Antil era estridente, com sua agitação. - Não aceitavam nossos termos leais para a rendição, e começaram a disparar suas armas de Tonite. Nós, nós tivemos de usar a... a arma. Precisamos matar a maioria deles depois, por misericórdia.

- Não compreendo. De que arma está falando?

- Lembra-se das ruínas de Ash-taz-zor, Karl? A sala escondida; a inscrição antiga; os cinco bastõezinhos?

Karl assentiu, sério. - Pensei nisso, mas não estava certo.

- Era uma arma horrível, Karl. - Antil apressou-se, como se apenas o pensamento não fosse suportável. - Os antigos a descobriram - mas nunca usaram. Esconderam-na, e porque não a destruíram, não faço idéia.

Gostaria que a destruíssem; sinceramente, gostaria. Mas não o fizeram, e preciso usá-la - para o bem do planeta.

Sua voz reduziu-se a um sussurro, mas com um esforço manifesto criou coragem para a explicação. - Os bastõezinhos inofensivos que você viu, eram capazes de produzir um campo de força de natureza desconhecida (os antigos sabiamente recusaram-se a ser explícitos aqui), que pode desconectar o cérebro da mente.

- Quê? - Karl olhou, boquiaberto de surpresa. - Do que está falando?

- Bem, você deve saber que o cérebro é apenas a morada da mente, e não a mente em si. A natureza da "mente" é um mistério, desconhecido mesmo de nossos antepassados; mas seja lá o que for, usa o cérebro como um intermediário para o mundo da matéria.

- Percebo. E sua arma desvincula a mente do cérebro - torna a mente inofensiva - um piloto sem seus controles.

Antil assentiu solenemente. - Já viu um animal sem cérebro? - perguntou, de repente.

- Sim, um cão, no curso de biologia, na escola.

- Venha, então, vou mostrar-lhe um humano sem cérebro.

Karl seguiu o venusiano a um elevador. Ao disparar para o nível mais baixo - o da prisão - sua mente era um torvelinho. Repartido entre o horror e a fúria, tinha impulsos alternados de um desejo irracional de fugir e impulsos quase insuperáveis de despedaçar o venusiano a seu lado. Num torpor, deixou o cubículo e seguiu Antil por um corredor sombrio, desdobrando seu percurso entre fileiras de celas pequenas, barradas.

- Aí está. - A voz de Antil despertou Karl como um súbito jato de água fria. Seguiu a mão membranosa e contemplou, numa repugnância e fascinação, a figura humana apontada.

Era humano, sem dúvida, na forma - mas desumano, não obstante. Aquilo (Karl não podia imaginá-lo como "ele") sentava-se inerte sobre o chão, com os grandes olhos imóveis nunca se afastando da parede nua diante dele. Olhos vazios de alma, lábios frouxos, de onde pingava saliva, dedos que se moviam desordenadamente. Nauseado, Karl virou a cabeça, apressado.

- Ele não está exatamente sem o cérebro - a voz de Antil era baixa.

- Organicamente, seu cérebro está perfeito e intacto. Está apenas desligado.

- Como vive, Antil? Por que não morre?

- Porque o sistema autônomo está intacto. Se colocado de pé, ficará equilibrado. Empurre-o, e se reequilibrara. Seu coração bate. Ele respira. Se se puser comida na boca dele, engolirá, se bem que morreria de inanição antes de executar o ato voluntário de comer o alimento que for colocado diante dele. É vida - de alguma espécie; mas estaria melhor morto, pois a desconexão é permanente.

- É horrível - horrível!

- É pior do que pensa. Estou convencido de que em algum lugar dentro da casca de humanidade, a mente, intacta, ainda existe. Aprisionado inapelavelmente dentro de um corpo que não pode controlar, qual não deve ser a tortura dessa mente?

Karl empertigou-se, num instante. - Você não vai vencer a Terra por uma indizível e crua brutalidade. É uma arma inacreditavelmente cruel, mas não é mais mortal do que uma dúzia das nossas. Você pagará por isso.

- Por favor, Karl, você não faz idéia de um milionésimo do perigo do "campo desconector". O campo é independente do espaço, e talvez do tempo também, de modo que seu alcance pode ser estendido quase indefinidamente. Sabe que foi necessária apenas uma descarga para neutralizar toda criatura de sangue quente de Afrodopolis

- A voz de Antil ergueu-se, tensa. - Sabe que posso imergir TODA A TERRA no campo -todos os bilhões de habitantes a duplicarem aquela casca viva - morta aqui, de um só movimento.

Karl não reconheceu sua voz ao replicar: - Maldito! Você é o único que sabe o segredo deste campo dos infernos?

Antil prorrompeu numa risada vazia. - Sim, Karl, a culpa é apenas minha. Se bem que matar-me em nada vai ajudar. Se eu morrer, há outros que sabem onde encontrar a inscrição, outros que não têm simpatia pela Terra. Estou perfeitamente a salvo de você, Karl, pois minha morte seria o fim de seu mundo.

O terrestre estava demolido - literalmente. Nenhuma parcela de dúvida sobre o poder do venusiano havia permanecido dentro dele. - Eu me rendo - murmurou ele. - Eu me rendo. O que devo dizer a meu povo?

- Diga-lhes sobre meus termos, e do que poderia fazer, se quisesse. Karl retraiu-se, afastando-se do venusiano, como se seu toque fosse a morte. - vou dizer-lhes isso.

- Diga-lhes, também, que Vênus não é vingativo. Não queremos usar nossa arma, pois é demasiado terrível para se usar. Se nos derem nossa independência em nossos termos, e permitir-nos certas prudentes precauções contra uma futura reescravização, lançaremos nossas cinco armas e as inscrições explicativas em direção ao Sol.

A voz do terrestre não mudou, de seu sussurro inexpressivo. – Dir-lhes-ei isso.

O almirante von Blumdorff era tão prussiano quanto seu nome, e seu código militar era o da simples força bruta. Logo, era bem natural que sua reação ao informe de Karl fosse explosivo em seu desprezo sarcástico.

- Seu louco covarde - bradou para o jovem - isto é o que se consegue com conversa, palavras, sandices. Você ousa voltar com essa estória de comadres sobre armas misteriosas, de força indescritível. Sem nenhuma prova, exceto o que esse Verdinho imbecil lhe diz apenas baseado em sua palavra, e rende-se abjetamente. Não podia você ameaçar, você blefar, você mentir?

- Ele não ameaçou, blefou nem mentiu - Karl respondeu, afável. O que ele disse foi a pura verdade. Se tivesse visto o homem sem cérebro...

- Bah! Esta é a parte mais imperdoável de todo esse negócio imundo. Exibir um lunático para você, algum perfeito débil mental, e dizer “Esta é nossa arma!”, e você aceita, sem questionar! Fizeram algo, senão falar? Demonstraram a arma? Sequer chegaram a mostrá-la?

- Naturalmente que não. A arma é mortal. Não vão matar um venusiano para me satisfazer. Quanto a mostrar-me a arma, bem, você mostraria o seu ás na manga para o inimigo? Agora, responda-me você algumas perguntas. Por que Anta está tão senhor de si? Como conquistou Vênus tão facilmente?

- Não posso explicar, admito, mas isso prova que a explicação deles é a certa? De qualquer modo, estou cansado desta conversa. Vamos atacar agora, e ao inferno com as teorias. vou encará-los com projéteis de Tonite, e você pode esperar o blefe da resposta explodir na cara deles.

- Mas, almirante, o senhor deve comunicar meu relatório ao Presidente.

- E vou - depois que mandar Afrodopolis para o outro mundo.

Voltou-se para a unidade central de comunicação. - Atenção, todas as naves! Formação de batalha! Mergulharemos para Afrodopolis com toda a Tonite estourando em

quinze minutos. - Então, voltou-se para o imediato. - Faça o capitão Larsen informar Afrodopolis que eles têm quinze minutos para erguer a bandeira branca.

Os minutos que se escoavam eram tensos e enervantes para Karl Frantor. Sentou-se num silêncio abatido, cabeça enterrada entre as mãos, e o fraco “clic” do cronômetro, ao fim de cada minuto, soava como um trovão em suas orelhas. Contava os “clics” num murmúrio quase soprado - 8-9-10, meu Deus!

Apenas cinco minutos para a morte certa! Ou era morte certa? Von Blumdorff estaria certo? Os venusianos estariam impingindo um blefe ousado?

Um ordenança entrou correndo pela sala e saudou. - Os Verdinhos acabam de responder, senhor.

- Bem... - von Blumdorff inclinou-se para frente, ansioso.

- Eles dizem: “Pedimos urgentemente à frota que não ataque. Caso contrário, não nos consideraremos responsáveis pelas conseqüências”.

- É tudo? - veio o berro, ultrajado.

- Sim, senhor.

O almirante prorrompeu num extravasar sulfuroso de blasfêmias. Ora, a amaldiçoada corja infernal - gritou. - Atrevem-se a blefar até o fim.

E ao terminar, o décimo quinto minuto terminou, e a poderosa frota movimentou-se. Numa formação deslizante, ordenada, dispararam em direção ao envoltório nebuloso do segundo planeta. Von Blumdorff sorria numa amedrontadora avaliação da vista terrível que se espalhava pelo televisor - até que a formação de batalha matematicamente precisa logo se desfez.

O almirante esbugalhou os olhos, incrédulo. Toda a outra metade da frota subitamente havia enlouquecido. De início, as naves oscilaram; então viraram, e distanciaram-se em ângulos aleatórios.

Então vieram chamadas da metade ainda sã da frota - informes de que a ala esquerda havia deixado de responder ao rádio.

O ataque sobre Afrodopolis foi imediatamente disperso, quando foi emitida a ordem de abordar as naves que se afastavam a esmo. Von Blumdorff arrancava os cabelos, em fúria impotente. Karl Frantor exclamava, monotonamente, “Eis a arma dele”, e recaiu em seu silêncio anterior.

De Afrodopolis, não veio resposta.

Por duas horas inteiras, o remanescente da frota terrestre batalhou com suas próprias naves. Seguindo os cursos errantes das naves atingidas, aproximaram-se e abordaram.

Reunidos rigidamente, jatos de foguete eram aplicados até que o vôo insano dos outros foi equilibrado e freado. Um total de vinte naves nunca foi recuperado; algumas continuaram a órbita em torno do Sol, algumas disparando pelo espaço, algumas caindo em Vênus.

Quando as naves remanescentes da ala esquerda foram atingidas, as equipagens de abordagem pararam, horrorizadas. Setenta e cinco cascas inertes de humanidade em cada nave. Nenhum único ser humano restou.

Alguns dos primeiros a entrar gritaram, pelo horror, e afastaram-se em pânico. Outros simplesmente vomitaram e desviaram o olhar. Um oficial dominou instantaneamente a situação, calmamente sacou sua pistola atômica, e eliminou todos os descerebrados ao alcance da vista.

O almirante von Blumdorff era um homem demolido; um trapo lamentável, prostrado, de seu ego anterior, orgulhoso e turbulento, quando ouviu o pior. Um dos descerebrados lhe foi trazido, e afastou-se, assustado.

Karl Frantor olhou para ele com olhos injetados e vermelhos. Bem, almirante, satisfeito?

Mas o almirante não deu resposta. Puxou da pistola, e antes que alguém pudesse interrompê-lo, disparou contra a cabeça.

De novo Karl Frantor estava diante de uma reunião do Presidente e seu Gabinete, frente a um grupo assustado e desanimado de homens. Seu relatório foi definitivo e não deixou dúvida quanto ao curso a ser seguido.

O Presidente Debuc observou o descerebrado trazido como prova. Estamos acabados - disse. - Precisamos nos render incondicionalmente, entregarmos-nos à mercê deles.

Mas algum dia... - seus olhos brilharam com a vingança.

- Não, senhor Presidente! - ressoou a voz de Karl - não haverá “algum dia”. Precisamos dar aos venusianos o que lhes pertence - liberdade e independência. O

passado deve ser enterrado - nossos mortos mal pagaram pelo meio século de escravidão venusiana. Depois disto, deve haver uma nova ordem no sistema solar - o nascimento de um novo dia.

O presidente abaixou a cabeça, pensativo, e ergueu-a , de novo. Você está certo - respondeu, decidido. - Não se pensará em revanche.

Dois meses depois, o tratado de paz foi assinado e Vênus tornou-se o que sempre havia sido - uma potência independente e soberana. E com a assinatura do tratado, um vulto revoluteante disparou em direção ao Sol. Era... a arma terrível demais para ser usada.

***

Amazing Stories era, naquele tempo, fortemente tendente à aventura e ação, e desaprovava muita exposição científica no decurso da narrativa. Eu, claro, mesmo na época estava escrevendo o tipo de ficção científica que envolvia extrapolação científica, que era especificamente descrita. O que Raymond Palmer fez, neste caso, foi omitir um pouco a minha discussão científica, e colocar, em notas de rodapé uma versão condensada das passagens que ele não podia omitir sem mutilar o enredo. Era um recurso extraordinariamente inepto, contra o qual me revoltei, então. Tomei a única represália possível para mim. Coloquei Amazing no fim da lista, quanto à prioridade de apresentar histórias.

O que me lembro mais claramente acerca da história, porém, é a observação feita por Fred Pohl. A história termina com a Terra e Vênus em paz, com a Terra prometendo respeitar a independência de Vênus e Vênus destruindo sua arma. Fred disse, ao ler o

texto: "... E depois da destruição da arma, a Terra varreu os venusianos da superfície do planeta...".

Ele tinha razão. Fui ingênuo o suficiente para supor que palavras e boas intenções são o bastante. (Fred também observou que a arma que era terrível demais para ser usada foi, de fato, usada. Estava certo também neste ponto, o que me pôs de sobreaviso quanto a títulos muito longos e elaborados. Tendi, depois, a títulos mais curtos, mesmo de uma só palavra, algo que Campbell sensivelmente encorajou, talvez porque títulos curtos ajustam-se melhor à capa e à página de título de uma revista.).

Se pensara que minha venda a Campbell tornara-me um experto em saber o que ele queria e apto a suprir suas necessidades, estava redondamente enganado. Em fevereiro de 1939, escrevi uma história chamada "O Declínio e a Queda" ("The Decline and Fali"). Submeti-a a Campbell a 21 de fevereiro e estava de volta a meu colo, prontamente, no dia 25. Foi de volta, com o mesmo resultado, e nunca foi publicada. Não mais existe e não me lembro mais dela.

A 4 de março, 1939, comecei meu projeto mais ambicioso, até aquela data. Era uma novela curta (onde dava a um personagem importante o nome de Russel Winterbothan) que deveria ser pelo menos duas vezes mais longa que qualquer de minhas histórias anteriores. Chamei a história de "Peregrinação" ("Pilgrimage"). Foi minha primeira tentativa de escrever a "história do futuro"; isto é, sobre um futuro distante, como se fosse uma novela histórica. Foi também minha primeira tentativa de escrever uma história numa escala galáctica.

Estive bastante animado enquanto a escrevia, e de certo modo senti que era um "épico". (Lembro-me, porém, que Winterbothan estava bastante duvidoso sobre isto quando lhe descrevi o enredo, numa carta.) Levei-a para Campbell a 21 de março de 1939, com grandes esperanças, mas estava de volta no dia 24, com uma carta que dizia:

"Você tem uma idéia básica que pode ser transformada num interessante fio condutor, mas tal como está, não tem força suficiente".

Esta vez, não deixaria passar. Fui ver Campbell no dia 27 e pedi-lhe para revisar a história para reforçar as fraquezas que encontrara nela. Trouxe a segunda versão a 25 de abril, que também foi considerada deficiente, mas desta vez foi Campbell que pediu uma revisão. Tentei de novo, e a terceira versão foi apresentada a 9 de maio e rejeitada a 17. Campbell admitiu que ainda havia possibilidade de salvá-la, mas após três tentativas, ele

disse, eu deveria pô-la de lado por alguns meses e então encará-la de outro ponto de vista.

Fiz como ele disse, e esperei dois meses (o tempo mínimo que eu podia interpretar como "alguns meses"), e trouxe a quarta versão a 8 de agosto.

Desta vez, Campbell hesitou com ela até 6 de setembro, e então rejeitou-a permanentemente com base em que Robert A. Heinlein havia acabado de apresentar uma importante novela curta (depois publicada com o título "Se Isto Continua..." - "If This Goes On...") que tinha um tema religioso. Como "Peregrinação" também tinha um tema religioso, John não podia usá-lo. Duas histórias sobre um assunto tão delicado em rápida sucessão era um exagero.

Escrevi a história quatro vezes, mas compreendi a posição de Campbell. Dizia que a novela de Heinlein era a melhor das duas e eu podia ver que um editor dificilmente tomaria a pior e rejeitaria a melhor, simplesmente porque ter escrito a pior tinha dado tanto trabalho.

Não havia nada, no entanto, que me impedisse de tentar vendê-la em algum outro lugar. Fiquei tentando por dois anos, tempo durante o qual reescrevi-a duas vezes e mudei o título para "Cruzada Galáctica" ("Galactic Crusade").

Eventualmente, acabei vendendo-a para outra das revistas que estavam proliferando com o despertar do sucesso de Campbell com Astounding. Era Planet Stories que, durante a década de40, deveria se notabilizar como o lar da "space opera", lendas sanguinárias e turbulentas de guerras interplanetárias. Minha história era deste tipo, e o editor do Planet, Malcom Reiss, deixou-se atrair por ela.

O ângulo religioso o preocupava também, sem dúvida. Perguntou-me durante um almoço, a 18 de agosto de 1941, se eu não poderia repassar a história e remover quaisquer referências diretas à religião. E, em particular, se poderia evitar referir-me a qualquer de meus personagens como "padres". Suspirando, concordei, e a história foi revisada pela sexta vez. A 7 de outubro, 1941, ele aceitou-a, e depois de dois anos e meio, que implicaram em dez rejeições, a história foi finalmente aceita.

Mas, tendo me dado ao trabalho daquela versão particular com remoção de religião, o que fez Reiss? Bem, substituiu o título (sem meu consentimento, claro) e chamou a história "O Frei Negro da Chama" ("Black Friar of the Flame"). Talvez eu possa mencionar dois pontos acerca desta história antes de apresentá-la.

Primeiro, foi a única história que vendi para Planet.

Segundo, foi ilustrada com Frank R. Paul. Paul foi o mais proeminente de todos os ilustradores da era pré-Campbell, e, tanto quanto saiba, foi a única vez que nossos caminhos se cruzaram profissionalmente.

Eu o vi uma vez, à distância, porém. A 2 de julho de 1939, compareci a Primeira Convenção Mundial de Ficção Científica, que se deu em Manhattan. Frank Paul foi o hóspede de honra. Foi a primeira ocasião em que fui publicamente reconhecido como profissional, ao invés de apenas como fã, com três histórias publicadas em punho ("Tendências" havia sido recém publicada), fui empurrado até o tablado, para uma vênia. Campbell estava sentado numa cadeira lateral, e acenou para mim, no tablado, contente, lembro-me. Disse algumas palavras, referindo-se a mim mesmo como o "pior escritor de ficção científica ainda não linchado". Não estava falando sério, claro, e duvido que alguém tenha pensado sequer por um instante o contrário.

6

O FREI NEGRO DA CHAMA

Os olhos de Russel Tymball estavam cheios de lúgubre satisfação ao contemplar as ruínas enegrecidas do que havia sido um cruzador da frota Lhasinóica, há poucas horas antes. As longarinas retorcidas, espalhadas em todas as direções, eram uma ampla testemunha da terrível força do impacto.

O terráqueo gorducho reentrou em seu esguio estratofoguete e esperou. Os dedos retorciam um longo charuto, a esmo, antes de acendê-lo. Através da fumaça que se erguia, seus olhos semicerraram-se e ficou perdido em seus pensamentos.

Levantou-se depressa ao som de uma discreta saudação. Dois homens entravam, com um último relance para trás. A porta fechou-se suavemente, e um deles dirigiu-se imediatamente aos controles. A paisagem deserta e desolada ficou quase de imediato abaixo deles, e a proa prateada do estratofoguete apontou para a antiga metrópole de Nova Iorque.

Passaram-se alguns minutos antes que Tymball falasse: - Tudo livre?

O homem nos controles assentiu. - Nenhum navio tirano por perto. É evidente que o “Grahul” não conseguiu chamar socorro pelo rádio.

- Você tem a mensagem? - o outro perguntou, ansioso.

- Achamos bem facilmente. Está intacta.

- Também achamos - disse o segundo homem, com amargura - algo mais: o último informe de Sidi Peller.

Por um momento a face redonda de Tymball abrandou-se e algo quase como dor penetrou sua expressão. E então, enrijeceu-se de novo. - Ele morreu! Mas foi pela Terra, e assim, não foi morte. Foi martírio!

Um silêncio, e então, entristecido: - Deixe-me ver o informe, Petri. - Tomou a única folha, dobrada, e segurou-a diante de si. Lentamente, leu em voz alta:

“A 4 de setembro, penetração bem sucedida no cruzador “Grahul” da frota tirana. Mantive-me escondido durante a passagem de Plutão para a Terra. A 5 de setembro,

localizei a mensagem em questão e me apoderei dela. Acabo de curto-circuitar os motores foguete. Estou selando este informe com a mensagem. Viva a Terra!".

A voz de Tymball estava estranhamente comovida ao ler a última palavra. - Os tiranos lhasinóicos nunca martirizaram um homem maior que Sidi Peller. Mas seremos recompensados, e com juros. A Raça Humana ainda não está decadente.

Petri olhou pela janela. - Como Peller fez tudo isso? Um homem penetrar bem sucedido num cruzador da frota e apesar de toda a tripulação, roubar a mensagem e destruir a frota. Como foi feito? Nunca saberemos, exceto pelos simples fatos deste relatório.

- Ele tinha suas ordens - disse Willums, ao travar os controles e voltar-se. - Levei-as eu mesmo até Plutão. Pegue a mensagem! Faça o "Grahul" cair no Gobi! E ele o fez! E isso é tudo! - Deu de ombros, cansado. A atmosfera de depressão intensificou-se até que o próprio Tymball quebrou-a com um resmungo. - Esqueça. Cuidou de tudo com os restos do acidente?

Os outros dois assentiram, juntos. A voz de Petri era formal. - Todos os traços de Peller foram removidos e desatomizados. Nunca detectarão a presença de um humano nos destroços. O próprio documento foi substituído pela cópia preparada, e cuidadosamente queimado para não ser reconhecido. Foi inclusive impregnado com sais de prata na exata quantidade que contém o selo oficial do Imperador Tirano. Apostaria minha cabeça como nenhum lhasinu suspeitará que a queda não foi acidental ou que o despacho não tenha sido destruído por ele.

- Ótimo! Eles não localizarão os destroços por pelo menos vinte e quatro horas. É um trabalho perfeito. Deixe-me ver esse despacho agora. Tomou o recipiente de metalóide quase reverentemente. Estava enegrecido e retorcido, ainda morno. E então com uma forte torção do pulso, abriu a tampa.

O documento que retirou, desenrolou-se com um farfalhar. No canto inferior esquerdo estava o grande selo de prata do próprio imperador lhasinóico - o tirano, que de Vega dominava um terço da Galáxia. Estava dirigido ao Vice-Rei do Sol.

Os três terráqueos olharam a bela inscrição solenemente. A escritura angulosa brilhava em vermelho aos raios do poente.

- Eu não estava certo? - murmurou Tymball.

- Como sempre - assentiu Petri.

A noite realmente não caiu. O negro-púrpura do céu aprofundava-se ligeiramente, e as estrelas tornavam-se imperceptivelmente mais brilhantes, mas à parte isto, a estratosfera não diferenciava entre a ausência e a presença do Sol.

- Já decidiu sobre o próximo passo? - perguntou Willums, hesitante.

- Sim, há muito. Vou visitar Paul Kane, amanhã, com isto - e indicou o despacho.

- Loura Paul Kane! - exclamou Petri.

- Aquele... Aquele loarista! - veio simultaneamente de Willums.

- O loarista - confirmou Tymball. - É ele o nosso homem!

- Diga antes, é ele o lacaio dos Ihasinu - retrucou Willums. – Kane - o cabeça do loarismo - por conseguinte, o cabeça dos humanos traidores que pregam a submissão aos Ihasinu.

- Isso mesmo - Petri estava pálido, mas mais calmo. - Os Ihasinu são nossos inimigos declarados e devem ser enfrentados num combate justo - mas os loaristas são uns vermes. Pelo Grande Espaço! Antes me lançaria à mercê do próprio Vice-Rei Tirano do que ter algo com esses indignos estudantes de história antiga, que louvam a antiga glória da Terra, e incluem sua atual degradação.

- Você julga muito rigorosamente. - Havia a sombra de um sorriso nos lábios de Tymball. - Já tratei com esse líder do loarismo antes. Ora... - abafou as exclamações de desconcertada surpresa que se erguiam - fui bastante discreto. Mesmo vocês não ficarão sabendo, como vêem, e Kane não me traiu. Fracassei nas negociações, mas aprendi um pouco. Escutem-me!

Petri e Willums aproximaram-se, e Tymball continuou, num tom rotineiro e brusco. - A primeira invasão galáctica dos Ihasinu terminou há dois mil anos, logo depois da captura da Terra. Desde então, a agressão não foi reencetada, e os planetas humanos independentes da galáxia estão bastante satisfeitos com a manutenção do status quo. Estão demasiado divididos entre si para aceitar o retorno da luta. O próprio loarismo está apenas interessado em sua própria sobrevivência contra a intrusão de novos modos de pensar, e não é grande coisa para eles se as leis Ihasinu ou terráqueas prevaleçam na Terra, enquanto o loarismo em si prospere. De fato, nós os nacionalistas - somos um maior perigo para eles neste aspecto, do que os Ihasinu.

Willums sorriu, sombrio. - Eu diria que sim.

- Então, posto isto, é natural que o loarismo assuma o papel de apaziguador. No entanto, se fosse do interesse deles, juntar-se-iam a nós num instante. E isto - brandiu o

documento diante de si - é o que vai convencê-los sobre onde é que estão seus interesses.

Os dois estavam silenciosos.

Tymball continuou: - Nosso tempo é curto. Não mais de três anos, talvez não mais do que dois. E mesmo assim vocês sabem quais são as chances de sucesso para uma rebelião hoje.

- Nós o faríamos - rosnou Petri, e então, num tom abafado - se os únicos lhasinu que tivéssemos que enfrentar fossem os da Terra.

- Exatamente. Mas eles podem chamar Vega pedindo socorro, e nós não podemos chamar ninguém. Nenhum dos planetas humanos se abalaria em nossa defesa, não mais do que o fizeram há quinhentos anos. E é por isso que precisamos ter o loarismo do nosso lado.

- E o que o loarismo fez há quinhentos anos, durante a Rebelião Sangrenta? - perguntou Willums, com um ódio amargo na voz. - Nos abandonaram para salvar seus preciosos lombos.

- Não estamos em condições de lembrarmos disso - disse Tymball.

- Teremos a ajuda deles, agora, e então, quando tudo estiver acabado, ajustaremos as contas...

Willums retornou aos controles. - Nova Iorque em quinze minutos!

- E depois: - Mas eu ainda não gosto disso. O que esses loaristas nojentos podem fazer! Cascas vazias que não servem para nada, exceto traição e mesquinharias!

- São a última força unificante da humanidade - respondeu Tymball. - Bastante fracos agora, e inofensivos, mas a única chance da Terra.

Estavam inclinando-se para baixo agora, na atmosfera mais baixa, mais espessa, e o assobio do ar ao ser cortado tornou-se mais alto. Willums ligou os foguetes de freio, ao penetrarem uma camada cinzenta de nuvens. Adiante, sobre o horizonte, o grande brilho difuso da cidade de Nova Iorque.

- Veja que nossos passes estejam em perfeita ordem para a inspeção dos lhasinu, e esconda o documento. Não vão nos revistar, de qualquer modo.

O Loara Paul Kane inclinou-se para trás em sua cadeira trabalhada. Os finos dedos de da mão brincavam com o peso de papel de marfim sobre sua escrivaninha.

Seus olhos evitavam os do homem menor e mais gordo, diante dele, e sua voz, ao falar, tomava inflexões solenes.

- Não posso arriscar encobri-lo por mais tempo, Tymball. Eu o fiz até agora por nossa humanidade, mas... - sua voz dissipou-se

- Mas? - replicou Tymball.

Os dedos de Kane reviraram várias vezes o peso de papel. - Os lhasinu estão se tornando mais rígidos neste último ano. Estão quase arrogantes. - Olhou para cima, subitamente. - Não sou um agente livre, você sabe, e não tenho a influência e o poder que você parece pensar que eu tenho.

Seus olhos caíram de novo, e um acento atribulado juntou-se à sua voz. - Os lhasinu suspeitam. Estão começando a detectar a obra de uma conspiração subterrânea muito coesa, e não podemos nos permitir enredar nela.

- Eu sei. Se necessário você estaria desejoso de sacrificar-nos, como seu predecessor sacrificou os patriotas, há cinco séculos. De novo, o loarismo fará o seu nobre papel.

- De que servem as suas rebeliões? - veio a resposta cansada. - Os lhasinu seriam tão mais terríveis que a oligarquia de humanos que governa Santanni, ou o ditador que domina Trantor? Se os lhasinu não são humanos, são pelo menos inteligentes. O loarismo precisa viver em paz com os governantes...

E agora Tymball sorria. Não havia humor nisto - talvez uma ironia zombeteira, e da manga dele, tirou um pequeno cartão.

- É assim que você pensa? Aqui, leia isto. É uma foto reduzida de não, não a toque - leia enquanto eu a seguro, e...

Suas observações posteriores mergulharam no súbito grito surdo do outro. O rosto de Kane retorceu-se alarmantemente numa máscara horrorizada, ao agarrar desesperadamente a reprodução que lhe era mostrada.

- Onde conseguiu isto? - Mal era reconhecível a sua voz.

- Que importa? Eu a tenho, não? E ainda custou a vida de um bravo, e um navio da frota de Sua Eminência Reptiliana. Creio que você pode perceber que não há dúvida quanto à genuinidade disto.

- Não; não! - Kane pôs uma mão trêmula na testa. - Essa é a assinatura do Imperador, e seu selo. É impossível falsificá-los.

- Como vê, Excelência, - havia sarcasmo no título - a renovação do salto galáctico é questão de dois anos - ou três - para o futuro. O primeiro passo da invasão começa dentro de um ano - e é com referência a esse primeiro passo - sua voz tomou uma suavidade envenenada - que esta ordem foi emitida para o Vice-Rei.

- Deixe-me pensar um segundo; deixe-me pensar. - Kane reclinou-se em sua cadeira.

- Há necessidade disso? - gritou Tymball, impiedoso. - Isto nada mais é senão o cumprimento de minha predição de há seis meses, à qual você não quis ouvir. A Terra, como mundo humano, será destruída; sua população espalhada em grupos pelas porções lhasinu da Galáxia; todo traço de ocupação humana, destruído.

- Mas a Terra! A Terra, o lar da raça humana, o princípio de nossa civilização.

- Exatamente! O loarismo está morrendo e a destruição da Terra o matará. E indo-se o loarismo, a última força unificante está acabada, e os planetas humanos, invencíveis, quando unidos, serão varridos, um por um, na segunda invasão galáctica. A menos que...

A voz do outro era uniforme.

- Sei o que vai dizer.

- Não mais do que já disse antes. A humanidade precisa unir-se, e só pode fazê-lo pelo loarismo. Preciso de uma causa pela qual lutar, e esta causa deve ser a libertação da Terra. Eu desencadearei a centelha aqui na Terra e você precisa converter a porção humana da galáxia num barril de pólvora.

- Você quer uma guerra total - uma cruzada galáctica - Kane falou baixinho. - No entanto, quem saberia melhor que eu, que uma guerra total tem sido impossível nestes últimos mil anos. - Riu-se de repente, rudemente. - Sabe quão fraco está o loarismo hoje?

- Nada fica tão fraco que não possa ser reforçado. Muito embora o loarismo tenha enfraquecido desde seus grandes dias, durante a primeira invasão galáctica, você ainda tem a sua organização e a sua disciplina; melhor da Galáxia. E seus líderes são, como um todo homens capazes. Isso devo reconhecer em seu favor. Um grupo compactamente centralizado de homens capazes, trabalhando desesperadamente, pode fazer muito. Precisa fazer muito, pois não há escolha.

- Deixe-me - disse Kane, abatido. - Nada posso fazer agora. Preciso pensar. - Sua voz desvaneceu-se, mas um dedo apontava para a porta.

- De que servem as meditações agora? - exclamou Tymball, irritado. - Precisamos de ação! - E com isto, saiu.

A noite fora terrível para Kane. Sua face estava pálida e tensa; seus olhos encovados e febrilmente brilhantes. Mas, falava alto e firmemente.

- Somo aliados, Tymball.

Tymball sorriu fracamente, tomou a mão esticada de Kane por um momento, e deixou-a cair. - Por necessidade, Excelência, apenas. Não sou seu amigo.

- Nem eu, tampouco. Porém, podemos trabalhar juntos. Minhas ordens iniciais já foram expedidas e o Conselho Central as ratificará. Dessa direção, pelo menos, não espero problemas.

- Quando podemos esperar resultados?

- Quem sabe? O loarismo ainda tem seus recursos propagandísticos. Há ainda aqueles que ouvirão por respeito, e outros por temor, e ainda outros pela simples força da própria propaganda. Mas, quem pode dizer? A humanidade dormiu, e o loarismo também. Há pouco sentimento anti-lhasinóico, e será difícil exaltá-lo a partir do nada.

- O ódio nunca é difícil de ser exaltado - e o rosto de lua de Tymball parecia estranhamente ríspido. - Emocionalismo! Propaganda! Oportunismo franco e inescrupuloso!

E mesmo neste estado enfraquecido, o loarismo é rico. As massas podem ser corrompidas por palavras, mas aqueles nos altos postos, os figurões, precisarão de um pouco do metal amarelo.

Kane abanou uma mão cansada. - Você não está pregando nada novo. Essa linha de desonra foi a política humana há muito, na nebulosa madrugada da história, quando esta pobre Terra era humana e ela mesma dividida em setores que se combatiam. - Então, amargurado: - Pensar que precisamos retornar às táticas daquela era bárbara.

O conspirador deu de ombros, cinicamente. - Conhece algo melhor?

- E mesmo assim, com toda essa loucura, podemos falhar.

- Não se nossos planos forem bem feitos.

O Ioara Paul Kane ergueu-se e suas mãos cerraram-se adiante de si. Louco! Você e seus planos! Pensa que conspirar é rebelião, ou a rebelião, vitória? Que pode fazer?

Você pode ferretear, por informação, e corroer em silêncio as raízes, mas não pode liderar uma rebelião. Eu posso organizar e preparar, mas não posso liderar uma rebelião.

Tymball vacilou. - Preparação - preparação perfeita... - é nada, digo-lhe. Você pode ter todo ingrediente químico necessário, e então todas as condições adequadas, e mesmo assim pode não haver reação. Em psicologia - particularmente psicologia das massas - como na química, é preciso ter um catalizador.

- O que, pelo espaço, quer você dizer?

- Você pode liderar uma rebelião? - gritou Kane. - Uma cruzada é uma guerra de emoção. Você pode controlar as emoções? Ora, seu conspiradorzinho, você não toleraria a luz de uma guerra aberta um só instante. Posso liderar uma rebelião? Eu, um velho homem de paz? Então quem deve ser o líder, o catalizador psicológico, que pode assumir a monótona argila inútil de sua preciosa "preparação", e dar-lhe o sopro da vida?

Os músculos dos maxilares de Russell Tymball tremeram. - Derrotismo! Tão cedo?

A resposta foi um mal-educado: - Não! Realismo!

Houve um silêncio irritado, e Tymball deu meia volta e saiu.

Era meia-noite, tempo da nave, e as festividades da noite estavam atingindo seu ponto alto. O grande salão da nave de carreira "Nova Flamejante" estava cheio de figuras resplandecentes, risonhas e revoluteantes, tornando-se mais festivas, com o passar da noite.

- Isto me recorda as recepções três vezes maldita às quais minha mulher me faz comparecer, lá em Lacto - reclamava Sammel Maronni a seu companheiro. - Pensei que me afastaria disso, ao menos aqui, no hiperespaço, mas, evidentemente, não consegui. - resmungou baixinho e olhou para a reunião com um olhar levemente reprovador.

Maronni estava vestido na última moda, desde a faixa de cabeça, púrpura, até as sandálias azul-celeste, e parecia excepcionalmente desconfortável. Sua figura corpulenta estava empacotada dentro de uma túnica vermelho-brilhante, terrivelmente apertada, e os puxões ocasionais em seu largo cinto indicavam que estava incomodado com seu mau caimento.

Seu amigo, mais alto e magro, envergava seu impecável uniforme branco com um à vontade oriundo da longa experiência, e seu porte imponente contrastava fortemente com a aparência ligeiramente ridícula de Saimel Maronni.

O exportador lactoniano estava consciente deste fato. - Caramba, Drake, você tem um excelente trabalho aqui. Veste-se como um nobre e não faz nada senão parecer agradável e responder aos cumprimentos. Quanto você ganha, por sinal?

- Não o suficiente. - O capitão Drake ergueu uma sobrancelha grisalha e olhou irônico para o lactoniano. - Gostaria que você tivesse meu emprego por uma semana, mais ou menos. Logo perderia o fôlego. Se pensa que tomar conta de viuvinhas ricas e esnobes da alta sociedade é um mar de rosas, seja bem-vindo. - Falou consigo mesmo, azedamente, por um momento, e então fez uma reverência para uma virago sobrecarregada de jóias, que passava, sorrindo. - É o que embranqueceu meus cabelos e me enrugou a testa, por Rigel.

Maronni tirou um longo cigarro Karen de sua algibeira e acendeu-o, deliciado. Soprou uma nuvem de fumaça verde no rosto do capitão, e sorriu, como um duende.

- Nunca ouvi um homem que não falasse mal de seu trabalho, mesmo quando é esta moleza, seu prostituto dissimulado. Ah, se não estou enganado, a esplendorosa Ylen Surat está de olho em nós.

- Oh, demônios rosados de Sírius! Tenho até medo de olhar. A bruxa velha está vindo em nossa direção?

- Com certeza... Você tem sorte! Ela é uma das mulheres mais ricas de Santanni, e viúva, também. O uniforme as atrai, suponho. Que pena que sou casado!

O capitão Drake retorceu o rosto numa careta assustadora. - Espero que um candelabro caia em cima dela.

E ao voltar-se, sua expressão se metamorfoseou numa de suave alegria, num instante. - Ora, madame Surat, pensei que não chegaria a ter uma chance de vê-la esta noite.

Ylen Surat, para quem a idade de sessenta anos já ia longe, riu-se, infantilmente. - Fique quieto, seu conquistador barato, ou você vai me fazer esquecer que vim aqui para repreendê-lo.

- Nada de errado, espero? - Drake sentiu o coração confranger-se. Já tinha tido experiências prévias com as queixas de madame Surat. As coisas usualmente estavam erradas.

- Muita coisa está errada. Acabam de me dizer que em cinqüenta horas chegaremos à Terra - se é assim que se pronuncia o nome.

- Perfeitamente correto - respondeu o capitão Drake, um pouco mais à vontade.

- Mas não estava indicada como escala quando embarcamos.

- Não, não estava. Mas, compreenda, é um assunto rotineiro. Partiremos dez horas após a aterrissagem.

- Mas isto é insuportável. Vai atrasar-me todo um dia. É necessário que eu chegue a Santanni nesta semana, e os dias são preciosos. Ora, nunca ouvi falar da Terra.

Meu guia - e tirou um volume encadernado em couro de sua bolsa, e folheou-o, nervosamente - nem sequer menciona o lugar. Ninguém, estou certa, tem qualquer interesse em parar ali. Se você insistir em desperdiçar o tempo dos passageiros numa parada perfeitamente inútil, levarei o assunto ao conhecimento do presidente da linha.

Lembro-lhe que tenho alguma influência, lá em casa.

O capitão Drake suspirou inaudivelmente. Já não era a primeira vez que ele havia sido lembrado da “alguma influência” de Ylen Surat. - Prezada senhora, está certa, inteiramente certa, perfeitamente certa - mas nada posso fazer. Todas as naves nas linhas de Sírius, Alfa Centauri, e Cygni devem fazer escala na Terra. Deve-se isto a um acordo ínterestelar, e mesmo o presidente da linha, não importa quanto ele possa ser estimulado por seus argumentos, nada poderia fazer.

- Além do que - interrompeu Maronni, que pensou ser hora de vir em auxílio do capitão assediado - creio que temos dois passageiros cujo destino é realmente a Terra.

- Isso mesmo; tinha esquecido. - O rosto do capitão Drake iluminou-se um pouco. - Eis aí; temos razões concretas para a parada, também.

- Dois passageiros em mil e quinhentos! Razões, de fato!

- A senhora é injusta - disse Maronni, cordialmente. - Afinal, é da Terra que se originou a raça humana. Sabe disso, suponho?

Ylen Surat ergueu sobrancelhas patentemente postiças. - Verdade? O olhar nulo de seu rosto mudou para um desdenhoso. - Bem, isso foi a milhares e milhares de anos atrás, não tem mais importância.

- Tem para os loaristas, e os dois que querem descer são loaristas.

- Você quer dizer - replicou a viúva - que ainda há pessoas, nesta era iluminada, que ficam estudando “nossa antiga cultura”; não é isso sobre o que sempre estão falando?

- É sobre o que Filip Sanat está sempre falando - riu-se Maronni. Deu-me um longo sermão há apenas alguns dias, sobre este mesmo assunto. E foi realmente interessante.

Havia muita substância no que dizia.

Assentiu levemente e continuou: - Ele tem uma excelente cabeça, o tal Filip Sanat. Poderia ter dado um bom cientista, ou homem de negócios.

- Fale-se dos meteoros, e ouça-os passando - disse o capitão, apontando para a direita, com o queixo.

- Vejam! - assombrou-se Maronni. - Lá está ele. Mas... Mas, pelo espaço, o que está fazendo aqui?

Filip Sanat era um elemento um tanto incongruente, ao ficar emoldurado pela porta, à distância. Sua longa túnica, púrpura escuro - marca do loarista - era uma mancha sombria sobre um cenário que, de outro modo, seria alegre. Seus olhos graves dirigiram-se para Maronni, e ergueu a mão, reconhecendo-o.

Os dançarinos, pasmados, abriram alas automaticamente, quando ele passava, olhando demorada e curiosamente, depois. Podia-se ouvir a onda de cochichos, que deixava em sua trilha. Filip Sanat, no entanto, não dava atenção a isto. Com os olhos rigidamente fixos adiante de si, e expressão impassivelmente imóvel, alcançou o capitão Drake, Sammel Maronni, e Ylen Surat.

Filip Sanat cumprimentou calorosamente os dois homens, e então, em resposta a uma apresentação, inclinou-se gravemente para a viúva, que o olhava com surpresa e declarado desprezo.

- Perdoe-me por perturbá-lo, capitão Drake - disse o rapaz, em voz baixa. - Apenas queria saber a que horas deixaremos o hiperespaço.

O capitão puxou um corpulento cronômetro de bolso. - Em uma hora; não mais.

- E então estaremos...?

- Pouco além da órbita do planeta IX.

- Seria Plutão. O Sol estará então à vista, ao entrarmos no espaço normal?

- Se estiver olhando na direção certa, estará perto da proa da nave.

- Obrigado - Filip Sanat fez que ia retirar-se, mas Maronni deteve-o.

- Espere, Filip, não vai deixar-nos, vai? Estou certo de que madame Surat aqui está morrendo de vontade de perguntar-lhe algumas coisas. Externou um grande interesse pelo loarismo. - Havia mais do que a suspeita de um piscar no olho do lactoniano.

Filip Sanat voltou-se polidamente para a viúva, que, tomada momentaneamente de surpresa, emudeceu, e logo se recuperou.

- Diga-me, meu jovem - prorrompeu - é verdade que ainda há pessoas como você? - Loaristas, quero dizer.

Filip Sanat estremeceu e olhou mal educadamente para sua interlocutora, mas não perdeu as estribeiras. Com calma polidez, disse: - Ainda restam pessoas que tentam manter a cultura e o modo de vida da antiga Terra.

O capitão Drake não pôde evitar uma pontinha de ironia. - Mesmo sob a cultura dos senhores lhasinu?

Ylen Surat soltou um gritinho de espanto. - Você quer dizer que a Terra é um mundo lhasinóico? Vamos, diga! - Sua voz ergueu-se para um guincho assustado.

- Ora, por certo - respondeu o capitão, tomado de surpresa, já arrependido de ter falado. - Não sabia?

- Capitão! - a voz da mulher estava histérica. - O senhor não deve aterrissar. Se o fizer farei muito barulho - mesmo. Não me exporei às hordas daqueles terríveis lhasinu - aqueles répteis horrorosos de Vega.

- Nada tem a temer, madame Surat - observou Filip Sanat, friamente. - A vasta maioria da população da Terra é bem humana. Apenas o um por cento que governa é lhasinu.

- Oh... - Uma pausa, e então, ferida: - Bem, não creio que a Terra possa ser tão importante, se nem mesmo é governada por humanos. Loarismo, de fato! Uma tola perda de tempo, eu a chamaria!

O rosto de Sanat ruborizou-se rapidamente, e, por um momento, ele parecia estar inutilmente lutando para conseguir falar. E quando falou, foi com agitação. - Sua opinião é muito superficial. O fato de que os Ihasinu controlam a Terra nada tem a ver com o problema fundamental do loarismo, que...

Acabou dando as costas, e saiu.

Sammel Maronni respirou profundamente ao acompanhar com os olhos o vulto que se retirava. - A senhora o atingiu na ferida, madame Surat, nunca o vi escapulir de uma discussão ou tentativa de explicação daquele modo, antes.

- Até que não é má pessoa - disse o capitão Drake.

Maronni riu-se. - Claro que não; somos do mesmo planeta, aquele rapaz e eu. Ele é um típico lactoniano, como eu.

A viúva pigarreou desajeitadamente. - Ora, vamos mudar de assunto, sim? Aquela pessoa parece ter lançado uma sombra sobre todo o salão. Por que vestem aquelas túnicas púrpura, horríveis? Tão fora de moda!

O loara Broos Porin relanceou para seu jovem acólito, que entrava. -Bem?

- Em menos de quarenta e cinco minutos, loara Broos.

E lançando-se sobre uma cadeira, Sanat apoiou uma face ruborizada e vincada sobre um punho fechado.

Porin olhou para o outro com um sorriso afetuoso. - Esteve discutindo com Sammel Maronni de novo, Filip?

- Não, não exatamente. - Ergueu-se, energicamente. - Mas, para que tudo isto, Loara Broos? Lá, no andar de cima, há centenas de humanos, despreocupados, vestidos alegremente, rindo, divertindo-se; e lá fora a Terra, descuidada. Apenas nós entre todas as pessoas da nave estamos aqui para contemplar o mundo de nosso passado.

Seus olhos evitaram os do mais velho, e sua voz tingiu-se de amargo.

- E, uma vez, milhares de humanos de todos os pontos da Galáxia aterrisavam na Terra, todos os dias. Os grandes dias do loarismo acabaram.

O Loara Broos riu. E não se poderia imaginar que uma risada tão calorosa pudesse sair de sua esbelta compleição. - Esta é pelo menos a milésima vez que ouço isso de você. Bobagens! Virá o dia em que a Terra de novo será lembrada. As pessoas de novo afluirão para cá. Aos milhares e aos milhões, voltarão.

- Não! Acabou!

- Bah! Os coaxantes profetas do fim já disseram isso repetidamente por toda a história. E eles ainda não provaram estar certos.

- Desta vez, estarão certos. - Os olhos de Sanat brilharam subitamente. - Sabe por quê? Porque a Terra está profanada pelos conquistadores reptilianos. Uma mulher acaba de me dizer - uma vã, estúpida e vazia mulher - que “eu não penso que a Terra possa ser tão importante, se nem mesmo é governada por humanos”. Ela disse o que bilhões devem dizer inconscientemente, e não tive palavras para refutá-la. Era um argumento ao qual não podia responder.

- E qual seria a sua solução, Filip? Vejamos, já pensou em algo?

- Expulsamo-los da Terra! Vamos torná-la mais uma vez um planeta humano! Nós lutamos contra eles na primeira invasão galáctica há dois mil anos, e os detivemos quando parecia que eles podiam absorver a Galáxia. Façamos a nossa segunda invasão e os mandemos de volta para Vega.

Porin suspirou e abanou a cabeça. - Menino esquentado! Nunca houve nenhum jovem loarista que não tivesse se inflamado com o assunto. Você superará isso, vai ver.

- Veja, meu jovem! - O Loara Broos levantou-se e agarrou o outro pelos ombros. - O homem e os lhasinu têm inteligência, e são as únicas duas raças inteligentes da Galáxia. São irmãos em mente e espírito. Esteja em paz com eles. Não odeie; é a emoção mais irracional. Ao invés disso, esforce-se por compreender.

Filíp Sanat fixava o chão, impassível, e não dava sinal de estar escutando. Seu mentor estalou a língua num suave reproche.

- Bem, quando for mais velho, entenderá. E agora, esqueça tudo isto, Filip. Lembre-se que a ambição de todo loarista verdadeiro será satisfeita para você. Em dois dias, atingiremos a Terra, e seu solo estará sob seus pés. Não é o bastante para fazê-lo feliz? Pense só! Quando retornar, receberá o título de “Loara”. Será um dos que visitaram a Terra. O Sol dourado será pregado a seu ombro.

A mão de Porin deslizou para o vistoso orbe dourado sobre a própria túnica, testemunha muda de suas três visitas prévias à Terra.

- Loara Filip Sanat - disse Sanat lentamente, olhos acesos. - Loara Filip Sanat. Soa lindamente, não acha? E falta tão pouco para isso.

- Já está se sentindo melhor. Mas, vamos, em alguns momentos deixaremos o hiperespaço e estaremos vendo o Sol.

Já quando falava, a envolvente e asfixiante hipersubstância que circundava a “Nova Flamejante”, estava passando por aquelas curiosas mudanças que marcam o começo da mudança para o espaço normal. O negrume iluminou-se um pouco e anéis concêntricos de várias tonalidades de cinza perseguiam-se através da escotilha com velocidade gradualmente crescente. Era uma exótica e linda ilusão óptica, que a ciência nunca conseguira explicar.

Porin desligou a luz do compartimento, e os dois sentaram-se quietos, no escuro, olhando a fraca fosforescência das faixas móveis, ao misturarem-se numa mancha.

Então, com uma brusquidão terrível e silenciosa, toda a estrutura da hipersubstância pareceu desfazer-se num turbilhonamento louco de cores brilhantes. E então tudo estava em paz de novo. As estrelas luziam quietamente, contra a abóbada do espaço normal.

E acima, no canto da escotilha brilhava o ponto mais luminoso do céu, com uma luminosa chama amarela, que acendeu as faces dos dois homens, em máscaras pálidas de cera. Era o Sol!

A estrela-mãe do Homem estava tão distante que mal fazia um disco perceptível, mas ainda era o objeto mais brilhante que se via. Em sua fraca luz amarela, os dois permaneceram silenciosamente pensativos, e Filip Sanat acalmou-se mais.

Em dois dias, a “Nova Flamejante” aterrissou.

Filip Sanat esqueceu a deliciosa comoção que se apossara dele no momento em que suas sandálias primeiro entraram em contato com a Terra verdejante, quando primeiro viu um oficial Ihasinu.

Pareciam, com efeito, humanos - ou, pelo menos, humanóides.

À primeira vista, as características humanas disfarçavam todo o resto.

O esquema do corpo não diferia essencialmente do homem. Um corpo de quatro membros, dois pés, braços medianos bem proporcionados, e pernas; o pescoço bem definido, estava tudo numa excepcional clareza. Só depois de alguns minutos é que os pormenores que assinalavam as diferenças entre as duas raças eram notados.

Os principais eram as escamas cobrindo a cabeça e uma linha espessa ao longo da espinha, até os rins. A própria face, com seu nariz chato, largo, com escamas finas e olhos sem pálpebras, era um tanto repulsiva, mas de modo algum bestial. Suas vestes eram parcas e simples, e sua fala, agradável ao ouvido. E, o que era mais importante, não havia disfarce da inteligência que transparecia por aqueles olhos negros e luminosos.

Porin notou a surpresa de Sanat com este primeiro encontro com os répteis de Vega, com sinais de satisfação.

- Como vê - assinalou - a aparência deles não é tão monstruosa. Por que o ódio deveria existir entre humanos e Ihasinu, então?

Sanat não respondeu. Claro, seu amigo mais velho estava certo. A palavra “Ihasinu” por tanto tempo esteve associada com as palavras “alienígena” e “monstro” em sua mente, que contra toda ciência e razão, ele subconscientemente esperava ver alguma bizarra forma de vida.

No entanto, sobrepondo-se a este tolo sentimento, induzia-se o mesmo ódio amedrontador que o acompanhava de perto, crescendo até a fúria ao passarem pela inspeção por um prepotente Ihasinu, que falava inglês. Na manhã seguinte, os dois partiram para Nova Iorque, a maior cidade do planeta. No conhecimento histórico da metrópole inacreditavelmente antiga, Sanat esqueceu por um dia os problemas galácticos. Foi um grande momento para ele quando finalmente postou-se diante da elevada estrutura e disse para consigo mesmo: “Este é o Memorial”.

O Memorial era o maior monumento da Terra, dedicado ao local de origem da raça humana, e era quarta-feira, o dia da semana em que dois homens “guardavam a Chama”.

Dois homens, apenas, no Memorial, vigiavam a bruxuleante pira que simbolizava a coragem humana, e a iniciativa humana - e Porin já havia providenciado de modo que a escolha, naquele dia, recaísse sobre ele mesmo e Sanat, sendo eles dois loaristas recém-chegados. E assim, na penumbra do ocaso, os dois sentavam-se, sozinhos, na espaçosa Sala da Chama, no Memorial. Na semi-obscuridade, iluminada apenas pelo brilho vacilante de uma chama amarela que dançava, uma paz silenciosa desceu sobre eles.

Havia algo sobre a aconchegante aura do lugar que afastava para bem longe qualquer perturbação mental. Havia algo nas sombras ondulantes, que oscilavam entre os pilares da longa colunata de cada lado, que projetavam um encanto hipnótico.

Gradualmente, caía-se numa modorra, e, com os olhos sonolentos, contempla-se a chama fixamente, até que se tornou um ser vivo de luz ondulando um vulto indistinto e silencioso ao seu lado.

Mas sons débeis são suficientes para perturbar uma divagação, especialmente quando contrastados com o que até então havia sido um profundo silêncio. Sanat empertigou-se de súbito, e agarrou o cotovelo de Porin, com força.

- Escute - sussurrou um aviso em voz baixa.

Porin emergiu violentamente de uma pacífica meditação, olhou para seu jovem companheiro com uma atenção incomodada, e então, sem palavra, levou a mão a uma orelha. O silêncio estava mais denso que nunca como um manto tangível.
Então, o mais fraco arrastar-se de pés sobre mármore, ao longo. Um murmúrio, nos limites inferiores da audibilidade, e então de novo o silêncio.

- O que é? - perguntou, surpreendido, a Sanat, que já se erguera de pé.

- Lhasinu! - rosnou Sanat, o rosto uma máscara de indignação permeada de ódio.

- Impossível! - Porin lutou para manter sua voz fria e inalterada, mas apesar disto, era trêmula. - Seria um acontecimento inaudito. Devemos estar apenas imaginando coisas. Nossos nervos estão excitados por este silêncio, é tudo. Talvez seja algum oficial do Memorial.

- Depois do pôr do sol, na quarta-feira? - disse Sanat, com voz estridente. - É tão ilegal quanto a entrada dos lagartos lhasinu, e muito mais improvável. É meu dever, como Guardião da Chama, investigar isto.

Fez menção de caminhar para a porta, nas sombras, e Porin agarrou seu pulso, amedrontado. - Não vá, Filip. Esqueçamos isto até o nascer do Sol. Nunca se sabe o que pode acontecer. O que você pode fazer, mesmo supondo que os lhasinu entraram no Memorial? Se você...

Mas Sanat não estava mais ouvindo. Rudemente, soltou-se do outro.

- Fique aqui! A Chama deve ser guardada. Voltarei logo.

Já estava a meio caminho da sala ampla, com chão de mármore. Cuidadosamente, aproximou-se da porta de vidro até a escada escura em espiral, que subia até a penumbra nos recessos desertos da torre.

Tirando as sandálias, começou a subir a escada, dando uma última olhada para a Chama, com sua luz abafada, e para o vulto nervoso e amedrontado, ao seu lado.

Os dois lhasinu olharam em volta, à luz leitosa da Átomo-lâmpada.

- Lugar sombrio, assustador - disse Threg Ban Sola. Sua câmera miniatura disparou três vezes. - Tome alguns daqueles livros nas paredes. Servirão como prova adicional.

- Pensa que devemos? - perguntou Cor Wen Hasta. - Estes macacos humanos podem sentir falta deles.

- Que sintam! - veio a fria resposta. - O que podem fazer? Aqui, sente-se! - Relanceou apressado para seu cronômetro. - Ganharemos cinqüenta créditos para cada minuto que ficarmos, de modo que podemos acumular uma quantia que nos dure um bom tempo.

- Pirat For é um idiota. O que o fez crer que não ganharíamos a aposta?

- Creio - respondeu Ban Sola - que ouviu sobre o soldado que foi despedaçado, no ano passado, por saquear um museu europeu. Os humanos não gostaram, muito embora o loarismo seja riquíssimo, sabe Vega o quanto. Os humanos foram disciplinados, claro, mas o soldado foi morto. De qualquer modo, Pirat For não sabe é que o Memorial fica deserto nas quartas-feiras. Isto vai lhe custar bastante dinheiro.

- Cinqüenta créditos por minuto. E já se passaram sete minutos, agora.

- Trezentos e cinqüenta créditos. Sente-se. Jogaremos cartas e ficaremos esperando o dinheiro crescer.

Threg Ban Sola tirou um baralho de seu bolso, pois, sendo típico e essencialmente lhasinu, apresentavam inegáveis traços de sua derivação humana.

- Ponha a Átomo-lâmpada sobre a mesa e sentarei entre ela e a janela - continuou, peremptório, embaralhando as cartas, enquanto falava. Hah! Garanto que nunca nenhum lhasinu jamais jogou numa atmosfera como esta. Vai triplicar o gosto do jogo.

Cor Wen Hasta sentou-se, e então levantou-se de novo. - Ouviu algo? - Olhou para as sombras além da porta semi-aberta.

- Não - Ban Sola deu de ombros e continuou embaralhando. - Não está ficando nervoso, está?

- Claro que não. Mesmo assim, se nos pegarem aqui nesta maldita torre, poderia não ser nada agradável.

- Não há a mínima chance. As sombras o estão deixando nervoso.

- Começou a distribuir as cartas.

- Sabe - disse Wen Hasta - estudando cuidadosamente suas cartas, não seria muito bom também se o Vice-rei viesse a saber disto, tampouco. Imagino que ele não seria condescendente com quem ofendesse os loaristas, por uma questão de diplomacia. Lá em Sírius, onde servia antes de ser transferido, a ralé...

- Isso mesmo, ralé - resmungou Ban Sola. - Proliferam como moscas, e combatem-se entre si como touros enfurecidos. Veja só as criaturas!

- Voltou suas cartas para baixo, e começou a argumentar. - Quero dizer, olhe para eles científica e imparcialmente. Quê são eles? Apenas mamíferos! Mamíferos que podem pensar, de certo modo, mas continuam apenas mamíferos. E é tudo.

- Eu sei. Já visitou algum dos mundos humanos? Ban Sola sorriu. - Talvez visite, logo, logo.

- Licença? - Wen Hasta indicava uma discreta admiração.

- Licença, por minhas escamas. Com minha nave! E com as armas disparando!

- Que quer dizer? - Houve um súbito brilho nos olhos de Hasta. Ban Sola fez-se misterioso. - Isto não deveria ser conhecido, mesmo entre nós, oficiais, mas você sabe, essas coisas acabam filtrando-se.

Wen Hasta assentiu. - É, eu sei. - Ambos instintivamente baixaram suas vozes.

- Bem, a Segunda Invasão será desencadeada, a qualquer modo. - Não!

- Verdade! E começaremos bem aqui. Em Vega, o Palácio Vice-real está zumbindo unicamente com isto. Alguns dos oficiais começaram uma loteria sobre a data exata do primeiro movimento. Eu mesmo apostei cem créditos contra vinte. Mas apostei apenas na semana mais próxima. Você pode apostar em cento e cinqüenta para um se está com coragem de escolher um dia em particular.

- Mas por que aqui neste planeta esquecido até pela Galáxia?

- Estratégia por parte do Ministério. - Ban Sola inclinou-se para a frente. - A posição em que estamos agora, nos defronta com um inimigo irredutivelmente dividido contra si mesmo. Se conseguirmos mantê-los assim, poderemos dominá-los, um por um.

Wen Hasta sorriu, concordando. - É um típico comportamento mamífero, segundo você. A evolução deve ter se divertido bastante quando deu um cérebro a um macaco.

- Mas a Terra tem um significado especial. É o centro do loarismo, porque os humanos tiveram aqui sua origem. Corresponde ao nosso próprio sistema de Vega.

- É verdade? Inacreditável! Este pedregulho insignificante?

- É o que eles dizem. De qualquer modo, não estive aqui na época, de modo que não teria a certeza. Mas, enfim, se pudermos destruir a Terra, poderemos destruir o loarismo, que está aqui centrado. Foi o loarismo, dizem os historiadores, que uniu os mundos contra nós no fim da Primeira Invasão. Sem loarismo, o último temor de unificação do inimigo se vai, e a vitória é fácil.

- Terrivelmente esperto! E como será a operação?

- Bem, os boatos dizem que vamos pegar todos os humanos da Terra e espalhá-los pelos mundos assujeitados. Então poderemos remover tudo o que na Terra cheire a mamíferos e fazer dela um mundo totalmente lhasinóico.

- Mas, quando?

- Não sabemos; daí a loteria. Mas ninguém apostou num período maior que daqui a dois anos.

- Viva Vega! Aposto dois contra um como acertarei um cruzador humano antes que você, quando chegar o tempo.

- Feito! - exclamou Ban Sola. - Aposto cinqüenta créditos.

Ergueram-se para dar as mãos, fechando a aposta, e Wen Hasta sorriu, olhando para seu cronômetro. - Outro minuto e teremos um total de mil créditos para nós. Pobre Pirat For. Vai gemer. Vamos agora; mais do que isto seria extorsão.

Riam-se, ao partirem, os dois lhasinu, suas longas túnicas farfalhando atrás dele. Não notaram a sombra ligeiramente mais escura contra a parede, no começo da escada, muito embora quase roçassem por ela, ao passarem. Nem perceberam os olhos em brasa focalizados sobre eles, ao descerem, sem fazer ruído.

O Loara Broos Porin saltou de pé, com um suspiro de alívio, ao ver Filip Sanat aproximando-se titubeante, através da sala, até ele.

Correu para ele, ansioso, apertando uma mão contra a outra.

- O que o retardou, Filip? Não sabe que terríveis pensamentos passaram por minha cabeça nesta última hora. Se não voltasse ainda em mais cinco minutos, poderia enlouquecer, com a angústia e a incerteza. Mas, o que está errado?

Foram necessários alguns instantes para que o esfuziante alívio do Loara Broos se atenuasse o bastante para notar as mãos do outro, que tremiam, descabelado e com olhos febris; mas quando o notou, todos os seus temores retornaram.

Contemplava Sanat consternado, mal ousando fazer perguntas, com medo das respostas. Mas Sanat não precisava ser apressado. Em sentenças curtas, tensas, relatou a conversação que espionara e suas últimas palavras deslizaram para um silêncio desesperador.

A palidez do Loara Broos era quase assustadora, e por duas vezes ele tentou falar, não conseguindo ir além de alguns engasgos grotescos. Então, finalmente. - Mas, é a morte do loarismo! O que poderíamos fazer?

Filip Sanat riu, como os homens riem quando estão convencidos de que não resta nada mais do que se rir. - O que poderíamos fazer? Podemos informar o Conselho Central?

Você sabe muito bem como são impotentes. Os diversos governos humanos? Você sabe muito bem quão eficientes aqueles loucos divididos seriam.

- Mas não pode ser verdade! Simplesmente, não pode!

Sanat permaneceu em silêncio por alguns segundos, e então seu rosto distorceu-se agonizado, e numa voz espessa de paixão, gritou: - Não tolerarei! Está escutando!

Não vai acontecer! Eu o evitarei!

Era fácil ver que ele tinha se descontrolado; que uma emoção incontida o dominava. Porin, com grandes gotas de transpiração nas sobrancelhas, agarrou-o pela cintura.

- Sente-se, Filip, sente-se! Está enlouquecendo?

- Não! - com um empurrão brusco, fez Porin sentar-se, enquanto a Chama ondulava e tremeluzia loucamente no fluxo de ar. - Estou ficando sadio. O tempo para idealismos e compromissos e subserviência acabou! Chegou o tempo da força! Lutaremos, e, pelo Espaço, venceremos!

Estava deixando a sala, correndo, desvairado.

Porin tropeçou, indo atrás dele. - Filip! Filip! - Parou no umbral da porta, num desespero amedrontado. Não podia ir além. Mesmo que o céu caísse, alguém deveria guardar a Chama.

Mas... Mas o que faria Filip Sanat? E pela mente torturada de Porin lampejaram as visões de uma certa noite, quinhentos anos antes, quando uma palavra descuidada, um soco,

um tiro, haviam provocado um incêndio sobre a Terra, que foi finalmente abafado com sangue humano.

O Loara Paul Kane estava sozinho naquela noite. O escritório interno estava vazio; a luz azul, abafada, sobre a escrivaninha severa e simples, a única iluminação da sala. Sua face delgada estava banhada pela luz fantasmagórica, e o queixo enterrado entre as mãos, meditativo.

E então, uma interrupção brutal, com a porta abrindo-se violentamente, e um descomposto Russel Tymball livrando-se das mãos de meia dúzia de homens e catapultando-se para dentro. Kane atentou, chocado, para a intrusão e ergueu uma das mãos, arregalando os olhos, apreensivo. Sua face era toda uma boquiaberta interrogação.

Tymball ergueu o braço num gesto tranqüilizador. - Está tudo bem. Apenas deixe-me recuperar o fôlego. - Ofegou um pouco e sentou-se educadamente, antes de continuar.

- Seu catalizador apareceu, Loara Paul e adivinhe onde. Aqui na Terra! Aqui em Nova Iorque! A menos de uma milha de onde você está sentado agora!

Loara Paul Kane observava Tymball atentamente: - Está louco?

- Não a ponto de você poder notar. Vou contar-lhe tudo, se não se importar em acender uma lâmpada ou duas. Você parece um fantasma, com essa luz azul. - A sala embranqueceu sob o brilho das Átomos, e Tymball continuou: - Fernie e eu estávamos retornando da reunião. Passávamos pelo Memorial quando aconteceu, e foi o destino que estava por trás da feliz coincidência que nos levou ao lugar certo no momento exato. Ao passarmos, alguém disparou pela saída lateral afora, saltou sobre os degraus de mármore da frente, e gritou “Homens da Terra!” Todos se voltaram para olhar - você sabe como fica cheio o setor do Memorial, às onze - e em dois segundos, ele tinha uma multidão.

- Quem falava, e o que ele estava fazendo dentro do Memorial? Estamos na quarta-feira à noite, como sabe.

- Ora - Tymball fez uma pausa - agora que você mencionou, ele deve ser um dos dois Guardiões. Era um loarista - a túnica era inconfundível. E também não era terráqueo!

- Ele usava o orbe amarelo?

- Não.

- Então sei quem ele era. É o jovem amigo de Porin. Prossiga.

- Lá estava ele! - Tymball estava se entusiasmando. - Estava a uns seis metros acima do nível da rua. Você não faz idéia de que figura impressionante ele fazia, com o

brilho das Luxites sobre ele. Era simpático, mas não atlético, moreno. Era o tipo ascético, se sabe o que quero dizer. Pálido, rosto magro, olhos inflamados, cabelos castanhos, longos.

- E quando falou! Não adianta tentar descrever; para apreciá-lo, seria preciso escutá-lo. Ele começou a dizer ao povo quais eram os desígnios dos lhasinu; gritava o que eu mesmo apenas murmuraria. Evidentemente, teve informações de boas fontes, pois chegou a pormenores - e como os apresentou! Fez com que parecessem bem reais e assustadores. Assustou até a mim com eles; fiquei de pé, amedrontado com o que ele dizia; e quanto ao povo, depois da segunda sentença, estavam hipnotizados.

Cada um deles teve a “ameaça lhasinóica” doutrinada repetidamente, mas esta era a primeira vez que eles escutaram - realmente escutaram!

- Então ele começou a vituperar os lhasinu. Discursou sobre sua bestialidade, sua perfidez, sua criminalidade, mas com um vocabulário que arrastou a todos pela mais baixa lama de um oceano venusiano. E cada vez que ele lançava um epíteto, a multidão exaltava-se urrando. Começou a parecer um catecismo. “Devemos permitir que isto continue?” gritou ele. “Nunca”, uivou a multidão. “Cederemos?” “Nunca!” “Resistiremos?” “Até o fim!” “Abaixo os lhasinu!” gritou. “Matem-nos”, clamaram todos.

- Gritei tão alto como qualquer deles - totalmente esquecido de mim mesmo.

- Não sei quanto tempo passou antes que os guardas lhasinu começaram a se aproximar. A população voltou-se contra eles, com o loarista conclamando-os. Já ouviu uma multidão gritando por sangue? Não? É o som mais terrível que se pode imaginar. Os guardas também pensaram assim, pois um olhar para o que estava perante eles, fez com que descem meia volta e corressem para salvar as vidas, a despeito de estarem armados. A multidão já havia crescido a milhares e milhares, então.

- Mas em dois minutos, soou a sirena de alarme - pela primeira vez em quinhentos anos. Acordei finalmente, e corri para o loarista, que não havia interrompido sua arenga um só momento. Estava claro que não podíamos deixá-lo cair nas mãos dos lhasinu.

- O resto foi o tumulto. Esquadrões da polícia motorizada atacaram-nos, mas Ferni e eu acabamos conseguindo agarrar o loarista, esquivamo-nos, e trouxemo-lo aqui.

Estou com ele na outra sala, amarrado e amordaçado, para mantê-lo quieto.

Durante toda a última metade da narrativa, Kane caminhara através da sala, nervosamente, pausando de vez em quando, considerando a situação. Pequenos pontos de sangue apareciam em seu lábio inferior.

- Crê que o tumulto saia de controle? - perguntou. - Uma explosão prematura...

Tymball abanou a cabeça, vigorosamente. - Já estão se dispersando. Desaparecendo aquele rapaz, a multidão perdeu o ânimo.

- Haverá muitos mortos ou feridos, mas... Bem, tragam o jovem agitador. - Kane sentou-se à sua escrivaninha e compôs a sua face num semblante de tranqüilidade.

Filip Sanat estava num estado lamentável quando ajoelhou-se ante seu superior. Sua túnica estava em tiras, e sua face, arranhada e ensangüentada, mas o fogo da determinação brilhava ainda fortemente em seus olhos penetrantes. Russell Tymball olhava-o, com a respiração presa, como se a magia da hora prévia ainda perdurasse.

Kane estendeu seu braço gentilmente. - Ouvi sobre sua escapada, meu rapaz, o que o impeliu a um ato tão tolo? Poderia muito bem ter-lhe custado a vida, para não dizer das vidas de milhares de outros.

Pela segunda vez naquela noite, Sanat repetiu a conversação que escutara - dramática e minuciosamente.

- Muito bem, muito bem - disse Kane, com um sorriso cinzento, com a conclusão da história. - E pensa que nada sabemos disto? Por muito tempo temos nos preparado contra este perigo, e chegou quase a atrapalhar todos os nossos planos cuidadosamente estabelecidos. Por seu apelo prematuro, pode ter causado um dano irreparável à nossa causa.

Filip Sanat enrubesceu. - Perdão, meu entusiasmo inexperiente...

- Exatamente - exclamou Kane. - Se bem que, se adequadamente dirigido, pode ser de grande ajuda para nós. Sua oratória e fogo juvenil podem operar maravilhas se bem dirigidos. Você estaria disposto a dedicar-se a esta tarefa?

Os olhos de Sanat faiscaram. - E precisa me perguntar? O Loara Paul Kane riu-se e relanceou jubiloso para Russell Tymball.

- Você o fará. Em dois dias, partirá para as estrelas exteriores. Com você, irão diversos dos meus homens. E agora, você está cansado. Será levado onde poderá se

lavar e tratar de seus ferimentos. Então, seria melhor que fosse dormir, pois precisará de suas forças nos dias que vierem.

- Mas... Mas o Loara Broos Porin - meu companheiro na Chama?

- Enviarei um mensageiro ao Memorial imediatamente. Dirá ao Loara Broos que você está em segurança, e servirá como segundo Guardião pelo resto da noite. Vá, agora!

Mas, quando Sanat, aliviado e delirantemente feliz, ergueu-se para sair, Russell Tymball saltou de sua cadeira e agarrou o pulso do loarista mais velho, convulsivamente.

- Pelo Grande Espaço! Escute!

O assobio agudo, penetrante, que chegava até o sanctum do escritório de Kane, era bastante eloqüente. O rosto de Kane ensombreceu-se.

- É a lei marcial!

Até os lábios de Tymball se tornaram pálidos. - Perdemos, afinal. Estão usando os distúrbios desta noite para desfechar o primeiro golpe. Estão atrás de Sanat, e o pegarão. Nem um rato passaria pelo cordão com que isolarão a cidade agora.

- Mas eles não podem agarrá-lo - os olhos de Kane reluziam. - Vamos levá-lo ao Memorial pela Passagem. Não se atreverão a violar o Memorial.

- Já o fizeram - veio o grito apaixonado de Sanat. - Não me esconderei dos lagartos. Vamos lutar.

- Silêncio! - disse Kane, e sigam-me sem ruído. Um painel na parede deslizou para o lado, e Kane moveu-se em direção a ele.

E ao fechar-se quase sem barulho nenhum, atrás deles, deixando-os no brilho frio de uma Átomo-lâmpada de bolso, Tymball murmurou: - Se eles estão prontos, mesmo o Memorial não servirá de proteção.

Nova Iorque estava fermentando. A guarnição lhasinóica reunira todas as suas forças, colocando a cidade em estado de sítio. Ninguém podia entrar. Ninguém podia sair.

Pelas principais avenidas, rolavam os veículos terrestres do exército, e acima, os estratocarros que policiavam as aerovias.

A população humana agitava-se, inquieta. Percorriam as ruas, reunindo-se em pequenos grupos que se desfaziam com a aproximação dos lhasinu. A magia de Sanat persistia, e aqui e ali, homens preocupados trocavam cochichos nervosos.

A atmosfera estalava com a tensão.

O Vice-Rei de Nova Iorque percebeu isso, sentado à sua mesa no Palácio, que erguia suas espirais acima das colinas de Washington. Olhou pela janela para o rio Hudson, que mais abaixo fluía, escuro, e dirigia-se aos lhasinu uniformizados diante dele.

- Deve haver uma ação positiva, capitão. Quanto a isto, está certo. E, ademais, se possível uma rebelião aberta deve ser evitada. Estamos em grande minoria numérica, e só temos cinco naves de guerra de terceira categoria em todo o planeta.

- Não é nossa força, mas o medo deles mesmos que os mantém inofensivos, Excelência. Seu ânimo foi completamente abatido nestes últimos séculos. O populacho se dispersaria diante de uma simples unidade de guardas. Esta é precisamente a razão porque devemos atacar agora. A população já se acovardou e precisam sentir o chicote imediatamente. A Segunda Invasão pode muito bem começar hoje à noite.

- Sim... - o Vice-Rei sorriu, sardônico. - Fomos apanhados distraídos, mas o... agitador deve ser usado como exemplo. Já o prendeu, claro.

O capitão sorriu desajeitado. - Não, o cão humano tem amigos poderosos. Ele é um loarista, sabe, Kane...

- Kane está se colocando contra nós? - Duas manchas rubras surgiram nos olhos do Vice-rei. - O imbecil presunçoso! As tropas devem prender o rebelde, a despeito dele - e a ele também, se objetar.

- Excelência! - a voz do capitão soou metálica. - Temos razões para crer que o rebelde possa estar se escondendo no Memorial.

O Vice-rei quase ficou de pé. Hesitou e sentou-se mais uma vez. - O Memorial! Isso apresenta dificuldades!

- Não necessariamente!

- Há certas coisas que os humanos não tolerariam. - Sua voz foi silenciando, hesitante.

O Capitão falou, decidido. - A rede segura firmemente não se move. Agindo depressa - um criminoso poderia ser arrancado da própria Sala da Chama - e matamos o loarismo de um só golpe. Não poderia haver luta após tamanho desafio.

- Por Vega! Fulminem-me, se você não está certo. Ótimo! Invadam o Memorial!

O capitão fez uma rígida reverência, voltou-se sobre os calcanhares, e deixou o Palácio.

Filip Sanat entrou de novo na Sala da Chama, o rosto magro mostrando raiva. - Todo o setor está patrulhado pelos lagartos. Todas as avenidas de aproximação ao Memorial foram fechadas.

Russel Tymball coçou o queixo. - Ora, eles não são tolos, nos deixaram num beco, e o Memorial não vai detê-los. De fato, podem ter decidido a fazer de hoje, O Dia.

Filip irritou-se, e sua voz era densa de fúria. - E vamos esperar aqui? Melhor morrer lutando, que morrer se escondendo.

- Melhor é não morrer, Filip - respondeu Tymball, quieto. Houve um momento de silêncio. O Loara Paul Kane estava sentado, contemplando os dedos.

Finalmente disse: - Se você tivesse que atacar agora, Tymball, quanto tempo poderia agüentar?

- Até que os reforços lhasinóicos pudessem chegar em número suficiente para nos esmagar. A guarnição terráquea, incluindo toda a Patrulha Solar, não é suficiente para deter-nos. Sem auxílio exterior, podemos lutar eficientemente por seis meses, no mínimo. Desafortunadamente, está fora de cogitação. - Sua compostura era imperturbável.

- Por que está fora de cogitação?

E seu rosto ruborizou-se subitamente, ao saltar, de pé. - Porque você não pode apenas apertar botões. Os lhasinu estão fracos. Meus homens sabem disso, mas a Terra não. Os lagartos têm uma arma, o medo! Não podemos derrotá-los, a menos que o povo esteja conosco, ao menos passivamente. - Sua boca torceu-se. - Você não pode avaliar as dificuldades práticas envolvidas. Já há dez anos que tenho estado a planejar, trabalhar, experimentar. Tenho um exército; e uma frota respeitável nos Apalaches. Eu poderia fazer as rodinhas girarem em todos os cinco continentes simultaneamente. Mas de que serviria isto? Seria inútil. Se eu tomasse Nova Iorque, se pudesse provar que os lhasinu não são invencíveis...

- Se eu pudesse expulsar o medo do coração dos humanos? - disse Kane, suavemente.

- Eu teria Nova Iorque até a madrugada. Mas seria preciso um milagre.

- Talvez! Pensa que pode passar pelo cordão e chegar até seus homens?

- Poderia, se precisasse. O que vai fazer?

- Saberá, quando acontecer. - Kane estava sorrindo, feroz. - E quando acontecer, ataque!

De repente, havia uma arma de Tonite na mão de Tymball, ao se afastar. Seu rosto redondo não estava mais com aspecto gentil. - Arriscarei, Kane, adeus!

O capitão subiu os desertos degraus de mármore do Memorial, arrogante. Estava ladeado por dois ordenanças armados.

Fez uma pausa diante da grande porta dupla que se avultava diante dele e olhou para os elegantes pilares que subiam graciosamente, nos lados.

Havia um leve sarcasmo em seu sorriso. - Impressionante, tudo isto, não?

- Sim, capitão! - veio a resposta.

- Ê misteriosamente escuro, também, exceto pelo fraco amarelo da Chama deles. Vêem sua luz? - Apontou na direção do vidro opaco das janelas inferiores, que brilhavam tremulamente.

- Sim, capitão!

- É escuro, misterioso e impressionante - e está para cair em ruínas.

- Deu risada, e logo trouxe a empunhadura de seu sabre sobre o relevo metálico da porta, numa salva atroadora.

Ecoou pelo vazio do interior e soou vaziamente pela noite, mas não houve resposta.

O ordenança a seu lado levou seu televisor à altura da orelha, para escutar as palavras que de lá saíam, em baixo volume. Fez continência. Capitão, os humanos estão se aglomerando em direção a este setor.

O capitão escarneceu. - Que venham! Diga para os canhões ficarem de prontidão apontando ao longo das avenidas. Qualquer humano que tentar passar pelo cordão de isolamento deve ser fulminado impiedosamente.

Seu comando gritado foi murmurado no televisor, e cem metros além, os guardas lhasinóicos apressaram seus canhões, e os apontaram. Um murmúrio baixo, incipiente, ergueu-se - um murmúrio de medo. Os homens se afastaram.

- Se a porta não se abrir - disse ameaçadoramente, o capitão - será posta abaixo. - Ergueu o sabre de novo, e de novo o clangor de metal contra metal.

Lenta e silenciosamente, a porta se escancarou, e o capitão reconheceu a severa figura vestida de púrpura, que estava diante dele.

- Quem perturba o Memorial na noite de Guardar a Chama? - perguntou solenemente o Loara Paul Kane.

- Muito dramático, Kane, fique de lado!

- Para trás! - as palavras soaram alto e claro. - Os lhasinu não devem se aproximar do Memorial.

- Dêem-nos nosso prisioneiro, e iremos embora. Recuse, e o pegaremos à força.

- O Memorial não abriga nenhum prisioneiro. É inviolável. Não podem entrar.

- Dê-nos passagem!

- Para trás!

O lhasinu rosnou, gutural, e apercebeu-se de um bramido fraco. As ruas em sua volta estavam vazias, mas a um quarteirão, em todas as direções estava a fina linha das tropas lhasinu, e além os humanos. Estavam agrupados num bloco ruidoso e seus rostos brilhavam, pálidos, sob as Cromolâmpadas.

- O que - resmungou o capitão consigo mesmo - a ralé ainda está grunhindo? - Sua pele rija enrugou-se nos maxilares e as escamas sobre sua cabeça ergueram-se, pontiagudas.

Virou-se para o ordenança com o televisor. - Ordene uma salva acima das cabeças deles.

A noite foi dividida em dois pelos relâmpagos purpurinos de energia, e o lhasinu riu-se alto do silêncio que se seguiu.

Voltou-se para Kane, que continuava de pé, no umbral. - Como vê, se espera auxílio de seu povo, ficará desapontado. A próxima salva será ordenada ao nível das cabeças.

Se pensa que estou blefando, experimente!

Os dentes se entrechocaram. - Saia da frente! - Um Tonite estava em sua mão erguida, e o polegar estava firme no gatilho.

O Loara Paul Kane recuou lentamente, olhos na arma. O capitão adiantou-se. E ao fazê-lo, a porta interior da ante-sala abriu-se violentamente, e a Sala da Chama ficou exposta. com a corrente de ar, a Chama estremeceu, e à sua visão, veio um grande grito dos espectadores distantes.

Kane voltou-se para ela, face erguida. O movimento de uma de suas mãos foi imperceptível.

E a Chama de súbito alterou-se. Intensificou-se e pulou até a abóbada do teto, uma coluna ardente de quinze metros de altura. O Loara moveu a mão de novo, e ao fazê-lo, a Chama ficou Carmim. A cor se intensificou e a luz carmesim daquele pilar chamejante espalhou-se pela cidade, fazendo das janelas do Memorial olhos fixos e rubros.

Longos segundos se passaram, enquanto o capitão paralisava-se, aturdido; e a massa distante de humanidade, caía em silêncio e espanto.

E então houve um vozerio confuso, que reforçou-se a culminou num grande clamor.

“Abaixo os Ihasinul”

Houve o clarão púrpura de um Tonite em algum lugar elevado, e o capitão acordou um instante atrasado. Atingido em cheio, dobrou-se devagar, morrendo; seu rosto frio e reptiliano, uma máscara de desprezo, até o fim.

Russel Tymbaíl abaixou sua arma e sorriu sardonicamente. - Um alvo perfeito contra a Chama. Excelente, Kane! A transformação da Chama era exatamente o gatilho emocional que precisávamos. Vamos!

Do teto da residência de Kane, apontou para o lhasinu, embaixo. E quando o fez, foi como se o inferno se abrisse. Homens brotavam como que do chão, armados. Tonites brilhavam de todos os lados, antes que os atônitos lhasinu pudessem acionar os gatilhos.

E quando o fizeram, era demasiado tarde, pois a população, abrasada de fúria, saiu de controle. Alguém urrou “Matem os lagartos!” e o grito foi absorvido num ulular rugido que subiu aos céus.

Como um monstro de múltiplas cabeças, a torrente de humanos arremeteu, desarmada. Centenas pereceram sob a fúria retardada das armas defensoras, e dezenas de milhares pisotearam os cadáveres, saltando mesmo sobre os canos.

Os lhasinu nunca recuavam. Suas fileiras diminuíam constantemente sob a mortal pontaria dos timbalistas, e os que restavam eram apanhados pela enchente humana que caia sobre eles e os despedaçava numa morte horrível.

O setor do Memorial brilhava, sob o rubor da Chama, e ecoava com a agonia dos moribundos, e a ululante sanha dos triunfadores.

Foi a primeira batalha da Grande Rebelião, mas não foi realmente uma batalha, ou mesmo loucura. Era anarquia concentrada.

Pela cidade, do extremo de Long Island até metade das planícies de Jersey os rebeldes saíam do nada e os lhasinu eram abatidos. E tão rapidamente quanto as ordens de Tymball se espalharam para ativar os atiradores, igualmente as novas da mudança da chama se espalharam de boca em boca e as narrativas foram se exagerando. Toda Nova Iorque se movimentava e lançava suas vidas individuais num único cadinho gigante da multidão.

Era incontrolável, irrespondível, irresistível. Os timbalistas acompanhavam onde ia, todos os esforços para controle, sem esperanças de sucesso, logo de início.

Como um rio caudaloso, abriu caminho pela metrópole, e onde passava, nenhum lhasinu restava.

O Sol daquela fatídica manhã nasceu para encontrar os dominadores da Terra ocupando um círculo minguante na Manhattan superior. com a fria coragem de soldados natos, aferravam-se às armas e enfrentavam os milhões que gritavam, atacavam. Devagar, recuavam; cada edifício, uma escaramuça; cada quarteirão, uma batalha desesperada.

Dividiram-se em grupos isolados, defendendo de início um prédio, e então seus andares superiores, e finalmente, o telhado.

Com o forte sol do meio-dia, apenas o Palácio restava. Sua última defesa desesperada ainda detinha os humanos. O causticante círculo de fogo a seu redor cobria o chão com corpos enegrecidos. O próprio Vice-rei, de sua sala do trono, dirigia a defesa; sua mão pousada sobre uma semiportátil.

E então, quando o povo finalmente fez uma pausa, Tymball aproveitou a oportunidade e assumiu a liderança. Armas pesadas abriram caminho até o front. Átomos e raios delta, do arsenal rebelde e dos arsenais capturados na noite anterior, apontavam seus canos mortais para o Palácio.

Canhão respondendo a canhão, e a primeira batalha organizada de máquinas, acendeu-se raivosamente. Tymball era uma figura onipresente, gritando, dirigindo, saltando de uma posição de tiro para outra, disparando sua própria Tonite, desafiadoramente, para o Palácio.

Sob uma barragem de fogo pesadíssimo, os humanos atacaram mais uma vez, penetraram os muros, e os defensores caíram. Um Átomo projétil esmagou-se pela torre central adentro e houve um instantâneo inferno de chamas.

Essa claridade foi a pira funerária dos últimos dos lhasinu em Nova Iorque. Os muros enegrecidos do palácio desmoronaram, num desabamento amplo, mas até o último momento, a sala incendiada a seu redor, o rosto horrivelmente mutilado, o Vice-rei manteve seu posto, apontando para o centro da força sitiante. E quando sua semiportátil gastou os últimos restos de sua energia e expirou, lançou-a pela janela, num último gesto de desafio, e mergulhou nas chamas, às suas costas.

Acima do terreno do Palácio, ao pôr do sol, com uma fornalha ainda crepitante como pano de fundo, flutuava a verde bandeira da terra independente.

Nova Iorque era, mais uma vez, humana.

Russell Tymball era uma figura lamentável quando mais uma vez entrou no Memorial naquela noite. Roupas em tiras, e sangue da cabeça aos pés, do corte não tratado em seu rosto, considerando a carnificina a seu redor, com olhos fartos.

Esquadrões voluntários, ocupados em remover os mortos e tratar dos feridos, ainda não haviam conseguido sequer começar a atenuar a obra mortal da rebelião.

O Memorial era um hospital improvisado. Havia poucos feridos, pois armas de energia são totalmente mortais; e destes poucos, quase nenhum sem gravidade. Era uma cena de indescritível confusão, e os gemidos dos feridos e moribundos misturavam-se terrivelmente com os gritos distantes de sobreviventes embriagados, que celebravam a vitória.

O Loara Paul Kane esgueirou-se por entre alguns dos enfermeiros, até Tymball.

- Diga-me, já acabou? - Sua face estava tensa.

- O começo, sim. A Bandeira da Terra está sobre as ruínas do Palácio.

- Foi abominável! O dia foi...foi... - Estremeceu e fechou os olhos.

- Se tivesse sabido antes, preferiria ver a Terra desumanizada e o Ioarismo destruído.

- Sim, foi mau. Mas os resultados poderiam ter tido um preço muitíssimo mais caro, e acabaram ficando baratos. Onde está Sanat?

- No pátio - ajudando os feridos. Todos estamos.Ê... é...- De novo faltou-lhe a voz.

Havia impaciência nos olhos de Tymball, e deu de ombros, exausto.

- Não sou um monstro empedernido, mas isto tinha de ser feito, e ainda é apenas o começo. Os eventos de hoje pouco significam. O levante ocorreu em quase toda a Terra, mas sem o entusiasmo fanático da rebelião em Nova Iorque. Os lhasinu não estão derrotados, nem sequer perto de estarem derrotados; não se iluda quanto a isso.

Mesmo neste momento, a Guarda Solar está disparando em direção à Terra, e as forças dos planetas exteriores estão sendo chamadas. Em pouquíssimo tempo, todo o Império Lhasinu convergirá sobre a Terra, e o confronto será tremendo, e sanguinário. Precisamos de ajuda!

Agarrou Kane pelos ombros e sacudiu-o fortemente. - Você entende? Precisamos de ajuda! Mesmo aqui em Nova Iorque, a primeira lufada da vitória desvanecerá amanhã. Precisamos de ajuda!

- Eu sei - disse Kane, em voz inalterada. - Pegarei Sanat e poderemos partir hoje. - Suspirou - se a ação de hoje foi de algum valor para avaliar seu poder como catalisador, podemos esperar grandes eventos.

Sanat subiu na pequena nave de dois lugares, meia hora depois, e tomou seu assento ao lado de Petri nos controles.

Estendeu a mão para Kane, pela última vez. - Quando voltar, haverá uma frota por detrás de mim.

Kane apertou fortemente a mão do jovem. - Dependemos de você, Filip. - Interrompeu-se e disse, devagar: - Boa sorte, Loara Filip Sanat!

Sanat enrubesceu de alegria com o título, ao retomar seu lugar. Petri acenou e Tymball gritou: - Cuidado com a Guarda Solar!

A porta estanque fechou-se, e então, com um rugido áspero, a pequenina nave estava já no céu.

Tymball seguiu-a até reduzir-se a um ponto, e menor ainda, e então dirigiu-se a Kane. - Tudo está agora nas mãos do Destino. E, Kane, como funcionou aquela alteração da Chama? Não me diga que ela ficou vermelha sozinha.

Kane abanou a cabeça devagar. - Não, aquele brilho rubro foi o resultado de abrir um pacote oculto de sais de estrôncio, originalmente ali colocado para impressionar os lhasinu, em caso de necessidade. O resto, foi química.

Tymball riu-se maldosamente. - Quer dizer, o resto foi psicologia das massas! E os lhasinu, penso, ficaram impressionados - e como!

Do espaço não vinha nenhum aviso, mas o detetor de massa zumbia. Peremptória e insistentemente. Petri enrijeceu em seu assento e disse: Não estamos em nenhuma zona de meteoros.

Filip Sanat prendeu a respiração, enquanto o outro girou o botão que acionava o peri-rotor. O campo estelar no visor deslocou-se com lenta dignidade, e então, viram.

Brilhava ao Sol como uma esfera do tamanho da metade de uma bola de futebol, laranja, e Petri rosnou: - Se nos localizaram, estamos feitos.

- Nave lhasinóica?

- Nave? Aquilo não é uma simples nave! É um cruzador de batalha de cinqüenta mil toneladas! O que está fazendo aqui, pela Galáxia, juro que não sei. Tymball disse que a Patrulha se dirigia para a Terra.

A voz de Sanat era calma. - Esse não. Podemos correr mais que ele?

- Só com muita sorte! - Petri agarrava-se à alavanca de controle. - Estão se aproximando.

As palavras foram como um sinal. O audioemissor ligou e a áspera voz lhasinu saiu de um sussurro até a estridência, ao ajustar-se o feixe de rádio. - Acionem os motores reversos, e preparem-se para abordagem!

Petri soltou os controles e deu uma olhada para Sanat. Sou apenas o motorista. O que quer fazer? Não temos a menor chance - mas se quiser jogar...

- Bem - disse Sanat, simplesmente - não vamos nos render, vamos? O outro sorriu, ao funcionarem os foguetes desaceleradores. – Nada mau para um loarista! Você sabe disparar um canhão de Tonite?

- Nunca tentei!

- Então aprenda como. Agarre aquele pequeno volante ali e fique de olho no visor, acima. Vê algo? - A velocidade estava caindo constantemente e o foguete inimigo se aproximava.

- Apenas estrelas!

- Muito bem, gire o volante - continue. Agora, tente na outra direção. Vê a nave agora?

- Sim! Ali está.

- Bom! Agora, centralize. Coloque-o no cruzamento das linhas de mira, e, pelo Sol, mantenha-o fixo ali. Agora, vou virar em direção à ralé dos lagartos - os foguetes laterais acenderam-se, quando falou - e você mantenha-o na mira.

A nave lhasinóica ia se avolumando constantemente, e a voz de Petri desceu para um murmurar tenso. - vou desligar nossa tela e vamos diretamente para eles. É um jogo. Se se surpreenderem, poderão desligar a tela deles e disparar; e se dispararem apressadamente, poderão se enganar.

Sanat assentiu, silenciosamente.

- Agora, no segundo em que você ver o lampejo púrpura do Tonite, puxe o volante, puxe com força; e depressa. Se se atrasar um só instantinho, estamos mortos. - Estremeceu.

- É um jogo!

Com isto, empurrou a alavanca de controle com força e gritou: Mantenha a mira!

A aceleração empurrou Sanat para trás, perdendo o fôlego, e o volante em suas mãos suarentas respondia relutantemente à pressão. A bola laranja tremia no centro do visor. Podia sentir suas próprias mãos tremendo, o que não ajudava nada. Os olhos piscavam com a tensão.

A nave lhasinu estava oscilando terrivelmente agora, e então, de sua proa, uma lâmina púrpura saltou na direção deles. Sanat fechou os olhos e saltou para trás.

Manteve os olhos fechados e esperou. Não houve nenhum som.

Abriu-os e logo olhou para os pés; pois Petri, mãos na cintura, estava rindo dele.

- Sorte típica de principiante - gargalhava. - Nunca manejou uma arma antes na vida e acerta um cruzador pesado com uma pontaria que raramente encontrei.

- Acertei? - engasgou Sanat.

- Não em cheio, mas o imobilizou. O que é satisfatório. E agora, assim que estivermos longe o bastante do Sol, iremos para o hiperespaço.

O vulto alto, de púrpura, de pé perto da escotilha central, contemplava saudoso o globo silencioso lá fora. Era a Terra, enorme, gloriosa.

Talvez seus pensamentos estivessem um pouco amargos ao considerar o período de seis meses que acabava de passar. Começara como a explosão de uma nova. O entusiasmo abrasou-se e propagou-se, saltando os abismos estelares de um planeta para o outro, com a velocidade do feixe hiperatômico. Governos divididos, subitamente pressionados pelo clamor ultrajado de seus povos, proporcionaram frotas equipadas. Inimigos de séculos, fazendo as pazes, e voando sob a mesma bandeira verde da Terra.

Talvez fosse demais esperar que a festa continuasse assim. Enquanto durou, os humanos foram irresistíveis. Uma frota estava perto de dois parsecs da própria Vega; outra havia capturado a Lua, e flutuava a um segundo-luz acima da Terra, onde os estropiados revolucionários de Tymball ainda resistiam bravamente.

Filip Sanat suspirou e voltou-se ao som de passos. Ion Smitt, com seus cabelos brancos, do contingente lactoniano, entrou.

- Seu rosto já conta a história - disse Sanat. Smith abanou a cabeça. - Parece sem esperanças.

Sanat virou-se de novo. - Sabia que tivemos novas de Tymball hoje? Estão lutando com o que podem tirar dos lhasinu. Os lagartos capturaram Buenos Aires, e toda a América do Sul está para cair sob o tacão deles. Estão desanimados - os íimbalistas - e enjoados, e eu também. - Virou a cabeça, de súbito. - Você diz que nossas novas naves-agulha asseguram a vitória. Então, por que não atacamos?

- Por uma razão - o soldado grisalho pôs uma perna sobre a cadeira - os reforços de Santanni não virão.

Sanat sobressaltou-se. - Pensei que estavam a caminho. O que aconteceu?

- O governo santaniano decidiu que sua frota é necessária à defesa de seu próprio planeta. - Um sorriso seco acompanhava suas palavras.

- Que defesa do planeta? Ora, os lhasinu estão a quinhentos parsecs de distância deles.

Smitt deu de ombros. - Uma desculpa é uma desculpa e não precisa ser coerente. Eu não disse que essa era a verdadeira razão.

Sanat passou a mão no cabelo e seus dedos dirigiram-se inconscientemente para o sol amarelo sobre seu ombro. - Mesmo assim! Ainda podemos lutar, com mais de cem naves. O inimigo nos supera em dois para um, mas com as naves-agulha e com a Base Lunar em nossa retaguarda, e os rebeldes atacando-os pelo outro lado... - Caiu num devaneio.

- Você não conseguirá fazê-los lutar, Filip. O esquadrão trantoriano é favorável à retirada. - Sua voz tornou-se nervosa. - De toda a frota, posso confiar em apenas vinte naves de meu próprio esquadrão - o lactoniano. Oh, Filip, você não conhece toda essa sujeira - nunca soube. Você ganhou o povo para a Causa, mas nunca conquistou os governos. A opinião popular forçou-os, mas agora que se envolveram, envolveram-se apenas por aquilo que podem ganhar.

- Não posso acreditar nisso, Smitt. com a vitória ao alcance deles...

- Vitória? Vitória para quem? É exatamente sobre esse osso que os planetas estão disputando. Numa reunião secreta das nações, Santanni exigiu o controle de todos os mundos lhasinóicos do setor de Sfrius - nenhum dos quais ainda foi reconhecido, e a proposta foi recusada. Ah, você não sabia disso. Consequentemente, decidiram que precisam cuidar da própria defesa, e retiram seus esquadrões.

Filip Sanat afastou-se, magoado, mas a voz de Ion Smitt continuava a martelar, impiedosamente.

- E então Trantor percebe que detesta e teme Santanni mais do que jamais sentiu contra os lhasinu, e a qualquer dia, agora, vai retirar sua frota, para evitar prejudicá-la enquanto as naves de seu inimigo estão quietas e em segurança, no porto. As nações humanas estão se despedaçando - o punho do oficial desabou sobre a mesa, como um trapo velho. - Foi o sonho de um louco pensar que os idiotas egoístas poderiam unir-se para qualquer propósito válido, por muito tempo.

Os olhos de Sanat logo eram fendas calculistas. - Espere um pouco! As coisas ainda podem funcionar bem, se apenas conseguirmos o domínio da Terra. A Terra é a chave de toda a situação. - Seus dedos tamborilavam sobre a borda da mesa. - Sua captura proporcionaria a centelha inicial. Exaltaria o entusiasmo dos humanos, que agora falta, até a fervura, e os governos - bem, eles teriam que seguir a onda, ou serem afogados.

- Sei disso. Se lutássemos hoje, tem a palavra de um soldado que teríamos a Terra amanhã. Eles sabem disso, também, mas não lutarão.

- Então... então eles precisam ser levados a lutar. A única maneira de forçá-los a lutar, é não deixar-lhes nenhuma alternativa. Não lutarão agora, porque podem se retirar quando quiserem, mas se...

Olhou para cima, rosto aceso. - Você sabe, não tirei esta túnica loarista nos últimos anos. Acha que suas roupas me servem?

Ion Smitt olhou para seu próprio corpo, volumoso, e sorriu. - Bem, podem não lhe servir direito, mas podem cobri-lo bem. Que está pensando fazer?

- vou contar-lhe, é terrivelmente arriscado, mas... Transmita as seguintes ordens imediatamente à guarnição da Base Lunar...

O almirante do esquadrão solar lhasinóico era um veterano marcado pela guerra, que detestava duas coisas acima de tudo: Humanos e civis. A combinação, na pessoa do humano alto e magro, numa roupa deselegante, punha um esgar de repulsa em seu rosto.

Sanat se debatia, nas garras de dois soldados lhasinu. - Diga que me soltem! - gritava na língua de Vega. - Estou desarmado!

- Fale - ordenou o almirante em inglês. - Eles não entendem sua língua. - Então, em lhasinóico, para os soldados: - Disparem quando eu ordenar.

Sanat acalmou-se. - Vim para discutir termos.

- Pensei nisso quando você mostrou a bandeira branca. No entanto, você vem numa nave de um só tripulante, do lado noturno de sua frota, como um fugitivo. Certamente você não pode falar por sua frota.

- Falo por mim mesmo.

- Então dou-lhe um minuto. Se não me interessar, ao fim desse tempo, você morrerá. - Sua expressão era petrificada.

Sanat tentou se libertar mais uma vez, sem sucesso. Seus captores seguraram-no com mais força.

- Sua situação - disse o terráqueo - é a seguinte: Não podem atacar o esquadrão humano, enquanto controlam a Base Lunar, sem sérios danos para sua frota, e não podem arriscar-se a isso, com a Terra hostil por trás de vocês. Ao mesmo tempo, por acaso sei que a ordem de Vega é expulsar os humanos do sistema solar a todo custo e seu imperador não gosta de...

- Você só tem dez segundos - disse o almirante, mas manchas vermelhas apareciam acima de seus olhos.

- Está certo, pois - veio a resposta apressada. - Que tal se eu lhe propuser pegar toda a frota humana numa armadilha?

Houve silêncio. Sanat continuou: - Que tal se eu lhe mostrar como tomar a Base Lunar, e cercar os humanos?

- Continue! - Foi o primeiro sinal de interesse ao qual o almirante havia se permitido.

- Estou no comando de um dos esquadrões e tenho algum poder. Se concordar com meus termos, podemos ter a Base evacuada em doze horas. Duas naves - o humano ergueu

dois dedos, veementemente - poderão tomá-la.

- Interessante - disse o lhasinu lentamente - mas, seus motivos? Qual a sua razão para fazer isto?

Sanat desconversou, despreocupado. - Não seria de seu interesse. Fui maltratado e preterido. Além do mais - seus olhos brilharam - a humanidade é uma causa perdida.

E por isto espero pagamento - um amplo pagamento. Prometa isto, e a frota é sua.

O almirante exprimiu seu desprezo. - Há um provérbio lhasinu: “Os humanos não são rápidos para nada, exceto para a traição”. Arranje a sua traição, e eu o recompensarei. Juro pela palavra de um soldado lhasinu. Pode retornar a suas naves.

Com um gesto, dispensou os soldados, e então, interrompendo-se à porta: - Mas, lembre-se, arrisco duas naves. Significam pouco em comparação à força total de minha frota, mas, se algum dano ocorrer à cabeça de um lhasinu pela traição humana... - As

escamas de sua cabeça estavam erguidas rigidamente, e os olhos de Sanat baixaram ante o frio olhar do outro.

Por um longo tempo, o almirante esteve sentado, sem se mover. Então, cuspiu. - Esta canalha humana! É uma desgraça até mesmo lutar contra eles!

A nau capitânia da frota humana flutuava a cem quilômetros acima da Lua, e dentro dela, os capitães dos esquadrões sentavam-se à volta de uma mesa e escutavam a acusação que fazia Ion Cet, aos gritos.

- ...digo-lhes que todas as suas ações implicam em traição. A batalha em Vega continua e se os lhasinu vencerem, o esquadrão Solar deles será reforçado até o ponto em que precisaremos retirar-nos. E se os humanos vencem, nossa traição aqui lhes expõe nosso flanco, tornando a vitória sem valor. Podemos vencer, digo-lhes, com as novas naves-agulha...

O sonolento líder trantoriano falou: - As naves-agulha nunca foram experimentadas antes. Não podemos arriscar uma grande batalha por experiência, quando as chances estão contra nós.

- Essa não era a sua opinião original, Porcut. Você, sim, e o resto de vocês... traidores covardes! Covardes! Pusilânimes!

Uma cadeira caiu para trás, quando alguém se ergueu, irritado, e outros o seguiram. O Loara Filip Sanat, de seu ponto de observação, na escotilha central, de onde contemplava a desolada paisagem lunar, embaixo, com devoradora concentração, voltou-se, alarmado. Mas Jem Porcut ergueu a mão, ameaçadoramente, pedindo ordem.

- Chega de nos degladiarmos - disse. - Represento Trantor, e recebo ordens apenas de meu planeta. Temos onze naves aqui, e o Espaço sabe quantas em Vega. Quantos tem Santanni? Nenhum! Por que os está mantendo em casa? Talvez para tirar vantagem do envolvimento de Trantor. Há alguém aqui que não tenha ouvido dos desígnios deles contra nós? Não vamos destruir nossas naves aqui em benefício deles. Trantor não lutará! Minha divisão parte amanhã! Nestas circunstâncias, os lhasinu estarão contentes e nos deixarão ir em paz!

Outro falou: - E Poritta, também. O tratado de Draconis tem pesado como neutrônio em volta de nossos pescoços, nestes vinte anos. Os planetas imperialistas recusam uma revisão, e não vamos lutar numa guerra que atende apenas aos interesses deles.

Uma depois das outras, exclamações ásperas reforçavam o perpétuo refrão: - Nossos interesses são contrários a isso! Não combateremos!

E, de repente, O Loara Filip Sanat sorriu. Deu as costas para a Lua e ria da disputa.

- Senhores - disse - ninguém irá embora.

Ion Cet suspirou de alívio e mergulhou em sua poltrona.

- Quem nos impedirá? - Inquiriu Porcut, desdenhoso.

- Os Ihasinu! Acabam de tomar a Base Lunar, e estamos cercados.

A sala era um vozerio de surpresa e desânimo. Uma confusão de gritos sucedeu-se, e então alguém exclamou, mais alto que o resto: - E o que é da guarnição?

- A guarnição destruiu as fortificações e evacuou a base, horas antes que os Ihasinu chegassem. O inimigo não encontrou resistência.

O silêncio que se seguiu foi muito mais terrificante que os gritos precedentes. - Traição - sussurrou alguém.

- Quem está por trás de tudo isto? - Um por um aproximaram-se de Sanat. Punhos fechados. Rostos inflamados. - Quem fez isso?

- Eu fiz - disse Sanat, calmamente.

Um momento de descrédito aturdido. - Cão! Porco loarista! Esquartejem-no!

E então recuaram diante do par de armas de Tonite que apareceu nas mãos de Ion Cet. O corpulento lactoniano adiantou-se e ficou na frente do mais jovem.

- Eu participei disto, também - resmungou. - Vocês terão de lutar, agora. É combater o fogo com o fogo, às vezes, e Sanat combateu a traição com a traição.

Jem Porcut ficou olhando para os dedos cuidadosamente, e acabou rindo. - Bem, não podemos nos esquivar agora, de modo que até que podemos lutar. Á menos que haja ordens diretas, não me incomodaria em dar mais um golpe contra os malditos lagartos...

A pausa relutante foi seguida por uma aclamação por rostos ainda envergonhados - prova positiva da concordância dos outros.

Em duas horas, o ultimato dos Ihasinu foi desprezado, e as cem naves do esquadrão humano se espalharam sobre a superfície de uma esfera imaginária - a formação padrão de defesa para uma frota cercada - e a Batalha da Terra estava começada.

Uma batalha espacial entre forças aproximadamente iguais assemelha-se a um gigantesco esgrima, em todos os pormenores, em que os eixos controlados de radiação mortal são as espadas, e as paredes impenetráveis de inércia elétrica são os escudos.

As duas forças adiantam-se em formação de batalha e manobram para tomar posição. Então o púrpura pálido de um feixe de Tonite se desencadeia numa fúria abrasadora contra a tela protetora de uma nave inimiga, e assim fazendo, sua própria tela é forçada a apagar-se por um instante. Por esse instante, torna-se vulnerável e é um alvo perfeito para um raio inimigo, que, quando disparado, torna sua nave original passível de ataque, momentaneamente. Em círculos crescentes, espalha-se. Cada unidade da frota, combinando a velocidade do mecanismo com a velocidade da reação humana, tenta penetrar a força adversária no momento crucial, e ainda mantendo sua própria segurança.

O Loara Filip Sanat sabia de tudo isto e ainda mais. Desde seu encontro com o cruzador, ao sair da Terra, estudara a guerra espacial, e agora, com as frotas de guerra posicionando-se, sentia os dedos coçarem, pedindo ação.

Virou-se para Cet. - vou lá embaixo, para os canhões.

O olhar de Cet estava no grande visor, a mão no transmissor de eterondas. - Vá, se quiser, mas não atrapalhe.

Sanat sorriu. O elevador particular do capitão levou-o ao nível dos canhões, e dali, havia quinze metros até um grupo ordenado de artilheiros e engenheiros, no Tonite Um. O espaço é precioso numa nave de guerra. Sanat podia sentir a falta de espaço numa sala, em que os homens ajustavam suavemente suas funções, para criar a máquina gigante, que era um grande cruzador.

Subiu os seis degraus até o Tonite Um e afastou o artilheiro. O artilheiro hesitou; seus olhos caíram sobre a túnica púrpura, saudou e desceu, relutante, os degraus.

Sanat dirigiu-se ao coordenador, na visitela do canhão. - Importa-se em trabalhar comigo? Minha velocidade de reação foi testada e classificada no grupo I-A. Tenho meu cartão de classificação, se quiser verificá-lo.

O coordenador enrubesceu e gaguejou: - Não senhor! É uma honra trabalhar com o senhor!

O sistema de amplificadores troou: - A postos! - e caiu um profundo silêncio, onde o ronronar das máquinas emitia sua nota sinistra.

Sanat falou, baixinho, para o coordenador: - Este canhão cobre todo um quadrante do espaço, não?

- Sim, senhor.

- Ótimo. Veja se consegue localizar um cruzador com o sinal de um sol duplo num eclipse parcial.

Houve um longo silêncio. As mãos sensíveis do coordenador estavam no volante, uma pressão delicada girando numa direção e noutra, de modo que o campo na visitela mudava constantemente. Olhos aguçados percorriam a fileira ordenada de naves inimigas.

- Aí está - disse. - Ora, é a capitânea.

- Exatamente! Mira nela!

Ao girar o volante, o campo acompanhou seu movimento, e a capitânea adversária deslocou-se até o cruzamento das linhas de mira. A pressão dos dedos do coordenador tornou-se mais leve e mais ágil.

- Centralizado! - disse. Onde as linhas se cruzavam, o pequeno ovóide ficou enquadrado.

- Mantenha-o assim! - ordenou Sanat, sério. - Não o perca por um segundo, enquanto estiver em nosso quadrante. O almirante inimigo está naquela nave e vamos destruí-la, você e eu.

As naves estavam agora chegando ao alcance de tiro e Sanat sentia-se tenso. Sabia que seria por pouco - muito pouco. Os humanos tinham a vantagem da velocidade, mas os lhasinu tinham o dobro em superioridade numérica.

Um raio tremeluzente disparou, e mais dez.

Houve um súbito brilho cegante de um púrpura intenso!

- Primeiro golpe - disse Sanat, ofegante. Relaxou. Uma das naves inimigas derivava, inerte, sua popa uma massa de metal fundido, ainda brilhando.

As naves adversárias ainda não estavam muito próximas. Tiros eram trocados à velocidade desconcertante. Por duas vezes, um raio púrpura mostrava-se nos limites extremos da visitela e Sanat percebeu com um estranho arrepio pela espinha que era um dos Tonites adjacentes de sua própria nave, que disparava.

O duelo de esgrima estava se aproximando de seu clímax. Dois relâmpagos brilharam, quase conjuntamente, e Sanat gemeu. Um dos dois fora uma nave humana. E por três vezes ouviu-se o zumbido inquietante, quando os Átomo-motores do nível inferior disparavam - o que significava um feixe inimigo dirigido contra sua própria nave, sendo aparado pela tela.

E, sempre, o coordenador mantinha a capitânea adversária centralizada. Passou-se uma hora, uma hora em que seis naves lhasinu e quatro humanas foram fulminantemente destruídas; uma hora em que o volante girava frações de grau nesta e naquela direção; deslocava-se em sua articulação universal, algumas linhas de mira, em uma dúzia de direções.

O suor empapava o cabelo do coordenador e escorria para seus olhos; seus dedos estavam quase insensíveis, mas aquela nave nunca deixava o ponto fatal em que as linhas de mira se cruzavam.

Sanat observava; dedo no gatilho - observava - e esperava.

Por duas vezes aquela nave brilhara com a luminosidade púrpura, seus canhões disparando e sua tela defensiva desligada; e por duas vezes o dedo de Sanat tremera no gatilho, mas se detivera. Não tinha sido rápido o bastante.

E então Sanat disparou, e ergueu-se de pé, ansioso. O coordenador gritou e largou o volante.

Numa gigantesca pira funerária de energia púrpura, a capitânea, com o almirante lhasinu dentro dela, cessou de existir.

Sanat ria. Sua mão adiantou-se, e a do coordenador veio encontrar-se com ela, num firme cumprimento pelo triunfo.

Mas o triunfo não durou nem o bastante para o coordenador dizer as primeiras palavras jubilantes que iam sair de sua boca, quando a visitela estourou de luz, com cinco naves humanas detonando simultaneamente, ao toque de feixes de energia mortais.

Os amplificadores soaram: Erguer telas! Cessar fogo! Passar para formação em agulha! Sanat sentiu a mortalha da incerteza apertar sua garganta. Sabia o que acontecera. Os lhasinu finalmente conseguiram montar seus canhões pesados na Base Lunar; canhões com três vezes a capacidade do maior dos canhões das naves de guerra - canhões que podiam destruir as naves humanas sem temer represália.

E assim terminou a esgrima, e a batalha de fato estava para começar. Mas seria uma batalha real de um tipo que ainda era desconhecido, e Sanat sabia que esse era o pensamento na cabeça de todos. Podia ver nas suas expressões graves, e o sentia em seu silêncio.

Poderia funcionar! E também poderia não funcionar!

O esquadrão humano reassumiu sua formação esférica e deslizou lentamente para fora, suas baterias ofensivas silenciadas. Os Ihasinu preparavam-se para o ataque final.

Desligados de quaisquer reforços, e incapazes de responder, com os canhões gigantescos das baterias lunares comandando o espaço das proximidades, parecia ser apenas uma questão de tempo, antes da rendição, ou aniquilação.

Os feixes de Tonite dos inimigos despejavam clarões continuados de energia, e as telas torturadas das naves humanas centelhavam e fluoresciam sob os violentos látegos de radiação.

Sanat podia ouvir o zumbido dos Átomo-motores subindo a um grito de protesto. Contra sua vontade, seus olhos sempre caíam sobre o medidor de energia, e a trêmula agulha caía, enquanto olhava, caindo pelo mostrador a uma velocidade sensível.

O coordenador umedeceu os lábios. - Pensa que vamos conseguir, senhor?

- Certamente! - Sanat estava longe de sentir sua aparente confiança. - Precisamos nos manter por uma hora - desde que eles não recuem.

E os Ihasinu não recuaram. Se o fizessem, significaria que suas linhas se enfraqueceriam, com um possível rompimento e fuga por parte dos humanos.

As naves humanas estavam rastejando lentamente - pouco mais que cem quilômetros por hora. Deslizando, subiam sobre os feixes de energia a esfera imaginária aumentando de tamanho, a distância entre as forças oponentes diminuindo sempre.

Mas dentro da nave, o indicador de potência estava caindo rapidamente, e o ânimo de Sanat com ele. Atravessou o andar dos canhões até onde soldados veteranos esperavam junto à enorme e reluzente alavanca, em antecipação a uma ordem que tinha que vir logo - ou nunca.

A distância entre os oponentes era agora apenas questão de um ou dois quilômetros - quase em contato, do ponto de vista da guerra espacial - e então veio a ordem através dos feixes etários isolados, de uma nave para outra.

Reverberou pelo andar dos canhões:

- Acionar agulhas!

Várias mãos tomaram a alavanca, as de Sanat entre elas, e puxaram para baixo. Majestosamente, a alavanca dobrou-se num arco para o chão, ao fazê-lo, um ruído de arrasto e uma batida surda, que abalou a nave. O cruzador se transformara numa “nave agulha”!

Na proa, uma seção da couraça havia deslizado para o lado e um pedaço de metal brilhante se projetou ameaçadoramente. Trinta metros de comprimento, estreitava-se graciosamente de uma base de três metros de diâmetro até uma ponta de agulha de diamante. À luz do Sol, o aço cromado da barra brilhava num esplendor metálico.

E todas as outras naves do esquadrão humano estavam com o mesmo equipamento. Cada uma havia se transformado em dez, quinze, vinte, cinqüenta mil toneladas de espadas. Um peixe-espada do espaço!

Em algum ponto da frota lhasinóica, ordens frenéticas devem ter sido dadas. De novo, a mais velha das táticas navais - velha mesmo na obscura madrugada da história, quando trirremes rivais haviam manobrado e empurrado uma à outra à destruição, com proas pontiagudas - o supermoderno equipamento de uma frota estelar não tinha defesa contra isto.

Sanat abriu caminho até a visitela e amarrou-se a uma poltrona antiaceleração, e sentiu as molas absorvendo o golpe para trás, quando a nave saltou numa súbita aceleração.

Não se incomodou com aquilo, porém. Queria ver a batalha! Não havia ninguém aqui, que arriscava tanto quanto ele. Eles arriscavam apenas suas vidas; e ele arriscava um sonho que criara, quase sozinho, do nada.

Tomara uma galáxia apática e a liderara em revolta contra os répteis. Tomara uma Terra a ponto de ser destruída e a arrastara para trás, quase sem auxílio. Uma vitória humana seria uma vitória para o Loara Filip Sanat, e ninguém mais.

Ele, e a Terra, e a Galáxia estavam agora confundidos num só. E contra isto, estava-se prestes a combater a última batalha, que estaria irremediavelmente perdida por sua traição proposital, a menos que as agulhas vencessem.

E se perdessem, a derrota gigantesca - a ruína da humanidade era também dele.

As naves lhasinóicas estavam saindo de lado, mas não o bastante rápido. Enquanto estavam lentamente acumulando impulso e se afastando. As naves humanas cortaram a distância de três quartos. Na tela, uma nave lhasinóica crescera até proporções colossais. Seu chicote de energia havia desaparecido, pois cada grama de potência era usado numa tentativa suicida de conseguir uma aceleração rápida.

E sua imagem cresceu, e a ponta brilhante que podia ser vista no extremo inferior da tela, apontava como um dardo faiscante para seu coração.

Sanat sentiu que não poderia tolerar a tensão. Cinco minutos e ele tomaria o lugar como o maior herói da Galáxia - ou seu maior traidor! Havia um latejar horrível e insuportável do sangue em suas têmporas.

Então, aconteceu.

Contato!

A tela confundiu-se numa fúria caótica de metal retorcido. Os assentos antiaceleração guincharam, com suas molas absorvendo o choque. As coisas ficaram claras lentamente.

A visitela oscilava violentamente enquanto a nave lentamente se estabilizava. A agulha da nave se quebrara, seu toco retorcido, mas a nave inimiga que havia penetrado era apenas um acúmulo de destroços.

Sanat segurou o fôlego ao inspecionar o espaço. Era um vasto oceano de naves arruinadas, e nos pontos mais distantes, os restos da frota inimiga estavam em fuga, com naves humanas em perseguição.

Houve o som de uma manifestação imensa atrás dele, e um par de mãos fortes sobre seus ombros.

Virou-se. Era Cet, veterano de cinco guerras, com lágrimas nos olhos.

- Filip - disse ele - ganhamos. Acabamos de receber notícias de Vega. A frota lhasinóica foi esmagada - e também com as agulhas. A guerra acabou, e ganhamos, você ganhou, Filip! Você!

Seu aperto de mão chegava a ser doloroso, mas o Loara Filip Sanat não se incomodava. Por um único, extático momento, ficou imóvel, rosto transfigurado.

A Terra estava livre! A Humanidade estava salva!

***

Por alguma razão, possivelmente por causa do horrível título, pelo qual eu enfaticamente me isento de responsabilidade, "O Frei Negro da Chama" é considerado a quintessência da minha primitiva incompetência. Pelo menos, os fãs que chegam a ler a história, pensam que podem me embaraçar, fazendo referência a ela.

Bem, não é uma boa história, admito, mas tem seus pontos interessantes.

Por exemplo, é um óbvio antecessor da minha bem sucedida série da Fundação*

** V. Fundação, Isaac Asimov, Ed. Hemus, São Paulo, SP. (N.T.) ** Publicado pela Ed. Hemus sob o título 827Era Galáctica. (N.T.)

Em "O Frei Negro da Chama", como na série Fundação, os seres humanos ocupam diversos planetas; e os dois mundos mencionados nesta, Trantor e Santanni, também desempenham importantes papéis na outra. (De fato, a primeira história da série Fundação aparecia uns dois meses depois de "O Frei Negro da Chama", graças ao atraso desta última.). Além do mais, há também uma forte sugestão em "O Frei Negro da Chama" de minha própria novela longa, "Pedrinha no Céu" ("Pebble in the Sky").

* que seria publicada oito anos mais tarde. Em ambas, a situação que figurei na Terra foi inspirada pela da Judéia sob os romanos. A batalha do clímax de "O Frei Negro da Chama" porém, foi inspirada pela Batalha de Salamina, a grande vitória dos gregos sobre os persas. (Ao contar a

história do futuro, sempre acho mais prudente orientar-me pela história do passado. O que foi verdade na série Fundação, também.).

O “Frei Negro da Chama” curou-me para sempre, aliás, de tentar repetidas revisões. Pode muito bem haver uma conexão entre o consenso de que a história é pobre e o fato de ter sido revisada seis vezes. Sei que há escritores que revisam e revisam e revisam, polindo tudo até ficar reluzindo, mas não sei fazer isso.

É meu hábito agora começar um primeiro rascunho, sem nenhum esboço. Componho livremente na máquina de escrever muito embora seja frequentemente questionado sobre isto por leitores que parecem pensar que um rascunho inicial só possa ser feito a lápis. Na verdade, escrever a mão começa a me cansar o pulso após uns quinze minutos, é muito lento, e difícil de ler. Por outro lado, posso escrever à máquina noventa palavras por minuto, e manter este ritmo por horas, sem dificuldade. Quanto aos esboços, tentei uma vez, e foi desastroso, como tentar tocar piano usando uma camisa de força.

Tendo completado o primeiro rascunho, releio-o e corrijo com caneta. Reescrevo tudo, já na versão definitiva. Não faço mais nenhuma revisão, voluntariamente. Se um editor me pede para fazer uma revisão claramente definida, com cuja filosofia concordo, então faço. Um pedido para outra, maior, do começo ao fim, ou uma segunda revisão depois da primeira, é outra história. Então sim, recuso-me a fazê-la.

Não é por temperamento arrogante. É que uma revisão muito grande, ou muitas revisões, indicam que aquele texto deve ser um fracasso. No tempo que levaria para salvar este fracasso, poderia escrever toda uma nova história e me divertir infinitamente mais, no processo. (Fazer uma revisão é mais ou menos como mascar um chiclete usado.) Os fracassos são então postos de lado, e mantidos para possível venda alhures - pois, o que é um fracasso para um editor, pode não ser para outro.

Pelo tempo em que eu estava trabalhando no “Frei Negro da Chama”, estava começando a me envolver em atividades dos “fãs”. Tinha me juntado a uma organização chamada “Os Futurianos” (“The Futurians”), que incluía um grupo de ardorosos leitores de ficção científica, e quase todos vieram a ser importantes no campo, como escritores, ou editores, ou ambos. Entre eles, Frederik Pohl; Donald A. Wollheim, Cyril Kornbluth; Richard Wilson; Damon Knight; etc.

Como tive ocasião de dizer antes, tornei-me amigo particular de Pohl. Durante a primavera e o verão de 1939, ele me visitou periodicamente, lendo meus manuscritos e anunciando que eu tinha “o melhor monte de histórias rejeitadas” que ele jamais tinha visto.

Começou a ser levantada a possibilidade de que ele poderia ser meu agente. Ele não era mais velho que eu, mas tinha muitíssimo mais experiência prática com editores e sabia muito mais sobre o ramo. Fiquei tentado, mas receava que isto poderia significar que eu não mais poderia ver Campbell, e valorizava minhas visitas mensais a ele como sendo demasiado para arriscar.

Em maio de 1939 escrevi uma história que chamei “Robbie”, e no dia 23 daquele mês, submeti-a a Campbell. Foi a primeira história sobre robôs que eu escrevera, e continha o germe do que mais tarde seria conhecido como as “Três Leis da Robótica”. Fred leu minha cópia e logo disse que era uma boa história, mas que Campbell a rejeitaria, por que tinha um final fraco, mais outras deficiências. Campbell realmente rejeitou - a 6 de junho, por precisamente as mesmas razões que Pohl me dera.

Fiquei muito impressionado com isso, e qualquer hesitação que tivesse em deixá-lo representar-me, desvaneceu-se - mas especifiquei que este agenciamento deveria ficar limitado a outros editores que não Campbell.

Dei-lhe “Robbie” após a rejeição, mas ele não teve sucesso em vendê-la, mesmo submetendo-a a uma revista inglesa de ficção científica (algo que eu mesmo nunca pensaria em fazer). Em outubro de 1939, porém, ele mesmo tornou-se editor de Astonishing Stories e Super Science Stories, cessando, portanto, de ser meu agente.*

* Uma década depois tornou-se meu agente de novo, por uns poucos anos. Nunca gostei de ser representado, porém, e exceto por Pohl, nestas duas ocasiões, nunca tive um agente, a despeito da vasta e complicada natureza de meus compromissos literários. Nem pretendo ter algum futuramente.

A 25 de março de 1940, porém, ele fez, como editor, o que não fizera como agente. Colocou a história publicando-a ele mesmo.

Apareceu em Super Science Stories sob um título alterado. (Pohl estava sempre mudando títulos.) Chamou a história “Strange Playfellow” (“Estranho Companheiro”), uma escolha miserável, em minha opinião. Eventualmente a história foi incluída como a primeira das nove da série interconectada dos “robôs positrônicos”, que constituíram o

livro “Eu, Robô” (“I, Robot”). No livro, restitui o título original, “Robbie”, e apareceu como “Robbie” em todas as republicações da história, desde então.

Quinze anos mais tarde, nasceu-me uma filha. Foi chamada Robyn e chamo-a Robbie. Foi-me perguntado mais de uma vez se havia alguma ligação. Dei-lhe o nome deliberadamente parecido com “robô” por causa de meu grande sucesso com histórias de robôs? A resposta é uma pura e simples negativa. Tudo foi pura coincidência.

Mais uma coisa - no curso de meu encontro com Campbell em 6 de junho de 1939 (aquele em que rejeitou “Robbie”), encontrei um bem estabelecido escritor de ficção científica da época, L. Sprague de Camp. O que começou uma grande amizade - talvez a minha maior amizade dentro da fraternidade da ficção científica - que continua até hoje.

Em junho de 1939, escrevi “Mestiço” (“Half-Breed”) e decidi dar uma chance a Fred Pohl. Não a submeti a Campbell, mas dei-a diretamente a Pohl, para ver o que ele poderia fazer com ela. Tentou Amazing, que a rejeitou. Assim, peguei-a de volta e tentei Campbell, de modo direto, usual. Campbell também a rejeitou.

Quando Pohl se tornou editor, porem, anunciou-me (a 27 de outubro, de 1939), que aceitaria “Mestiço”. Em meses posteriores também aceitou “Robbie”, e então “A Ameaça de Calisto” (“The Callistan Menace”). Comprou-me sete histórias no total, durante sua carreira editorial.

7

MESTIÇO

Jefferson Scanlon limpou a transpiração das sobrancelhas e respirou profundamente. com um dedo trêmulo, foi acionar o interruptor - e mudou de idéia. Seu último modelo, representando mais de três meses de trabalho sólido, era praticamente sua última esperança. Uma boa parte dos quinze mil dólares que ele pôde emprestar, estava ali. E agora, o fechamento de um comutador mostraria se teria ganho ou perdido.

Scanlon xingou-se de covarde e agarrou o comutador firmemente. Abaixou-se e abriu-o de novo com um movimento rápido. E nada aconteceu - seus olhos, por cansados que estivessem, não perceberam nenhum clarão da potência, acionada. O fundo de seu estômago gelou, e fechou a chave de novo, violentamente, e deixou-a fechada. Nada aconteceu: a máquina, de novo, era um fracasso.

Enterrou sua cabeça dolorida entre as mãos, e gemeu: - Ó Deus! Deveria funcionar - deveria. Minha matemática está certa e produzi os campos que desejava. Por todas as leis da ciência, esses campos deveriam partir o átomo. - Ergueu-se, abrindo a chave inútil, e começou a andar pela sala, em profundos pensamentos.

Sua teoria estava certa. Seu equipamento foi feito regidamente segundo suas equações. Se a teoria estava certa, o equipamento deve estar errado. Mas o equipamento estava certo, de modo que a teoria deve... vou sair daqui antes que enlouqueça - disse para as quatro paredes.

Agarrou seu chapéu e casaco do gancho atrás da porta, e estava fora da casa num torvelinho de movimento, batendo a porta atrás de si numa lufada de fúria.

Energia atômica! Energia atômica! Energia atômica!

As duas palavras repetiam-se de novo, e de novo, cantando uma monótona e enlouquecedora canção em seu cérebro. Um canto de sereia! E estava atraindo-o para a destruição; por este sonho ele desistira de um cargo confortável e estável de professor no M.I.T. (“Massachussets Institute of Technology”). Por ela havia se tornado um velho, aos trinta anos - o ímpeto da juventude há muito que se fora - um aparente fracasso.

E agora seu dinheiro estava desaparecendo rapidamente. Se o amor ao dinheiro é a raiz de todo o mal, a necessidade de dinheiro é certamente a raiz de todo o desespero.

Scanlon sorriu um pouco com a idéia - bem pensado.

Claro, havia lindas perspectivas se ele pudesse vencer a brecha que encontrara entre a teoria e a prática. O mundo seria dele - Marte também, e mesmo os planetas não visitados. Tudo dele. Tudo o que ele precisava fazer era descobrir o que estava errado com sua matemática - não, ele já o teria descoberto, estava no equipamento.

Muito embora... Gemeu em voz alta mais uma vez.

O sombrio encadear-se de seus pensamentos foi quebrado quando subitamente se apercebeu do tumulto de gritos de garotos, não muito longe. Scanlon abalou-se. Detestava barulho, especialmente quando estava deprimido.

Os gritos tornaram-se mais altos e dissolviam-se em fragmentos de palavras. - Pegue-o, Johnny! Ei! Veja como ele corre!

Uma dúzia de garotos surgiu de trás de um prédio em construção, a menos de duzentos metros, e correram desordenadamente na direção de Scanlon.

A despeito de si mesmo, Scanlon olhou para o grupo ruidoso, curiosamente. Estavam atrás de algo, com a alegria desvairada de crianças. com a escuridão, não podia ver bem o que era. Protegeu os olhos e forçou a vista. Um movimento brusco e um vulto isolado desvencilhou-se da turba e correu desesperadamente.

Scanlon quase deixou cair seu consolador cachimbo, de surpresa, pois o fugitivo era um “Tweenie”, um mestiço terráqueo-marciano. Não havia como confundir aquela macega de cabelos duros e brancos que se erguia rigidamente em todas as direções, como um porco-espinho. Scanlon estava boquiaberto - o que uma coisa daquelas estava fazendo fora de um asilo?

Os meninos alcançaram o Tweenie de novo, e o fugitivo saiu da visão. Os gritos aumentaram de volume, e Scanlon, chocado, viu uma pesada prancha erguer-se e cair com um som seco. Um profundo sentir da enormidade de suas próprias ações, ficando quieto enquanto uma criatura inofensiva estava sendo perseguida por um bando de moleques veio-lhe à mente, e antes que se desse conta, estava correndo para eles, punhos no ar, ameaçadores.

- Sumam, seus vândalos! Fora daqui antes que eu... - a ponta de seu pé entrou em violento contato com o traseiro do moleque mais próximo, e seus braços mandaram mais dois, manquitolando.

A entrada desta nova força mudou consideravelmente a situação. Meninos, qualquer que seja a superioridade que tenham, têm um medo instintivo de adultos, especialmente um adulto tão feroz e praguejante quanto Scanlon parecia ser. Em menos tempo que levou para Scanlon perceber que tinham se ido, foi deixado sozinho com o Tweenie, que estava meio deitado, e que entre soluços lançava olhares medrosos e incertos para seu salvador.

- Está ferido? - perguntou Scanlon, secamente.

- Não senhor. - O Tweenie ergueu-se, sem muita firmeza, a crista prateada de cabelo oscilando incongruamente. - Torci o tornozelo um pouco, mas posso andar. Preciso ir embora. Muito obrigado por ter-me ajudado.

- Ei! Espere! - A voz de Scanlon estava mais suave, pois ele se apercebera que o Tweenie, já bastante crescido, era incrivelmente magro; que suas roupas eram apenas uma massa de trapos sujos; e que havia um olhar de partir o coração, do mais completo cansaço, em seu rosto encovado.

E quando o Tweenie se voltou de novo para ele: - Está com fome?

O rosto do Tweenie se torceu, como se ele estivesse lutando uma batalha interior. Quando falou, foi numa voz baixa, embaraçada. - Sim, estou... um pouco,

- É o que parece. Venha até minha casa - apontou com o polegar sobre o ombro. - Você precisa comer. Parece que não lhe iriam mal tomar banho e trocar de roupas, também. - Virou-se, e mostrou o caminho.

Não falou de novo até quando abriu a porta da frente e entrou na sala. - Acho melhor que primeiro tome um banho, rapaz. Ali está o banheiro. Corra para lá e tranque a porta antes que Beulah o veja.

Sua advertência veio tarde demais. Um engasgo de surpresa fez Scanlon virar-se, embaraçado, e o Tweenie encolheu-se, recuando.

Beulah, a governanta de Scanlon, aproximou-se deles, seu rosto suave incendiado com indignação, e seu corpo baixote e gordo, transpirando exasperação por todos os poros.

- Jefferson Scanlon! Jefferson! - Olhou para o Tweenie com um desagrado chocado. - Como pode trazer esta coisa para casa! Perdeu seu senso de moral?

O pobre Tweenie estava lavado com a fúria dela, mas Scanlon, depois de seu primeiro pânico momentâneo, controlou-se. - Ora, vamos, Beulah. Isso não é digno de você.

Aqui está uma pobre criatura, esfomeada, surrada por um bando de moleques, e você não tem pena dele. Estou realmente desapontado com você, Beulah.

- Desapontado! - fungou a governante, embora sensibilizada. - Por causa daquela coisa desengonçada. Deveria estar numa instituição onde mantém esses monstros!

- Está bem; falaremos disso depois. Vá, garoto, tome seu banho. E Beulah, veja se consegue reunir algumas de minhas roupas velhas.

Com um último olhar de desaprovação, Beulah saiu da sala.

- Não se preocupe com ela, rapaz - Scanlon disse, quando saiu. Ela foi minha babá, e ainda tem uma espécie de sentimento de proprietária em relação a mim. Não lhe fará mal. Vá tomar seu banho.

O Tweenie era uma pessoa diferente quando finalmente sentou-se a mesa da sala de jantar. Agora que a camada de sujeira havia sido removida, havia algo harmonioso em sua face, e sua testa alta dava-lhe um aspecto marcadamente intelectual. Seu cabelo ainda ficava de pé, projetando-se para o alto, a despeito de estar molhado.

Com a luz, sua brancura brilhante assumia uma imponente dignidade, e para Scanlon perdia toda a feiúra.

- Gosta de galinha fria? - Perguntou Scanlon.

- Oh, sim! - entusiasticamente.

- Então sirva-se. E quando acabar, pode pegar mais. Sirva-se do que quiser, da mesa.

Os olhos de Tweenie brilharam, quando começou a trabalhar com os maxilares, e, entre os dois, a mesa estava limpa em poucos minutos.

- Bem, e agora - exclamou Scanlon quando o repasto atingira seu fim - penso que agora você pode responder algumas perguntas. Qual é seu nome?

- Chamam-me Max.

- Ah! E seu sobrenome?

O Tweenie deu de ombros. - Nunca me chamam de outra coisa, só Max - quando falam comigo. Não creio que um mestiço precise de um nome. - Não havia dúvidas quanto à amargura em sua voz.

- Mas o que estava fazendo, correndo como doido por aí? Por que não estava onde mora?

- Eu estava num orfanato. Qualquer coisa é melhor do que estar num orfanato, mesmo o mundo, que eu nunca tinha visto. Principalmente depois de Tom ter morrido.

- Quem era Tom, Max? - perguntou Scanlon educadamente.

- Ele era o único como eu. Era menor - quinze anos - mas morreu.

- Olhou para frente, ódio nos olhos. - Eles o mataram, sr. Scanlon. Era tão pequeno, e bom; não podia tolerar ficar sozinho, assim como eu. Ele precisava de amigos, e brincadeiras e - tudo o que ele tinha era eu. Ninguém falava com ele, porque era um mestiço. E quando ele morreu, não pude suportar aquilo, também. Fugi.

- Eles queriam ajudá-lo, Max. Não deveria se comportar assim. Você não é como as outras pessoas; eles não o compreendem. E eles devem ter feito algo por você. Você fala como alguém que já recebeu alguma educação.

- É verdade, eu podia ir às aulas - concordou, tristonho - mas eu tinha de sentar-me num canto, longe dos outros. Eles me deixavam ler tudo o que eu queria, porém, e sou grato ao menos por isso.

- Bem, Max, você não estava assim tão mal, não?

Max ergueu a cabeça e olhou para o outro, desconfiado. - Não vai me mandar de volta, vai? - quase se levantou preparando-se para fugir.

Scanlon tossiu, incomodado. - Claro, se não quer voltar, não vou obrigá-lo. Mas, seria o melhor para você.

- Não seria! - gritou Max, veemente.

- Faça então como quiser. De qualquer modo, é melhor que vá dormir. Você precisa disso. Conversaremos pela manhã.

Levou o ainda desconfiado Tweenie até o andar superior, e apontou-lhe uma pequena cama. - Pode passar a noite aqui. Estarei no quarto ao lado, e se precisar de alguma coisa, grite. - Ia saindo, quando se lembrou de algo. - Mas, lembre-se, não deve tentar fugir durante a noite.

- Palavra de honra; não vou.

Scanlon voltou, pensativo, para o quarto, que chamava de estúdio. Acendeu uma lâmpada fraca e sentou-se numa poltrona velha. Por dez minutos, deixou-se estar sem se mover, e pela primeira vez em seis anos, pensou em algo diferente de seu sonho de energia atômica.

Uma batida na porta soou, e com sua resposta resmungada, Beulah entrou. Estava nervosa, lábios apertados. Plantou-se firmemente diante dele.

- Ora, Jefferson! Pensar que você ia fazer isto! Se sua querida mãe soubesse disto...

- Sente-se, Beulah - Scanlon apontou a outra poltrona - e não se preocupe com minha mãe. Ela não teria se preocupado.

- Não; seu pai era um homem bondoso, simplório, também. E você é como ele, Jefferson. Primeiro, gasta todo o seu dinheiro com máquinas estúpidas que podem explodir com a casa a qualquer hora - e agora pega aquela horrível criatura das ruas... Diga-me, Jefferson - houve uma solene e temível pausa - você está pensando em mantê-lo aqui?

Scanlon sorriu, conformado. - Receio que sim, Beulah. Não poderia fazer outra coisa.

Uma semana depois, Scanlon estava em sua oficina. Durante a noite anterior, seu cérebro, descansado pela mudança na monotonia, trazida pela presença de Max, pensara numa possível solução do enigma do não-funcionamento de sua máquina. Talvez algumas das peças estavam defeituosas, pensou. Mesmo uma pequena falha em algumas das peças poderia tornar a máquina inoperante.

Mergulhou ardentemente no trabalho. Ao fim de meia hora, a máquina estava espalhada em sua bancada, e Scanlon estava sentado num banco alto, contemplando-a desconsoladamente.

Mal ouvira a porta abrir-se e fechar. Só quando o intruso tossiu duas vezes, que o absorto inventor percebeu que alguém mais estava presente.

- Oh... é Max. - Seu olhar abstraído reconheceu-o. - Quer algo de mim?

- Se está ocupado, posso esperar, sr. Scanlon. - Uma semana ainda não havia curado sua timidez. - Mas havia um monte de livros em meu quarto...

- Livros? Ah, posso mandar retirá-los, se não os quer lá. Suponho que não - são livros de escola, na maioria, se não me engano. E ainda um pouco adiantados para você.

- Até que não são muito difíceis - afirmou Max. Apontou para um livro que estava carregando. - Apenas queria que me explicasse um pouco da mecânica quântica. Há alguma na temática, com cálculo integral, que não entendi direito. Estou um pouco confuso. Aqui... espere, preciso encontrar...

Folheou as páginas, mas parou, ao se dar conta do que estava à sua volta. - Ei, diga - está desmontando seu modelo?

A questão trouxe os fatos de volta para Scanlon, de chofre. Sorriu, amargamente. - Não, ainda não. Apenas pensei que poderia haver algo errado com o isolamento das conexões que não o deixam funcionar. E não há - devo ter errado em algum lugar.

- Nada bom, sr. Scanlon - as sobrancelhas do rapaz enrugaram-se, de desapontamento.

- O pior é que não consigo imaginar o que está errado. Estou seguro de que a teoria é perfeita - verifiquei-a de todos os modos. Repassei a matemática repetidamente, e cada vez, a mesma coisa. Os campos de distorção espacial de tais e tais intensidades esmagarão o átomo em caquinhos. Mas, o fato é que nada acontece.

- Posso ver as equações?

Scanlon olhou, bem humorado, para seu hóspede, mas não podia ver nada em seu rosto senão o mais sério interesse. Ergueu os ombros. - Ali estão, sob aquele maço de papel amarelo sobre a escrivaninha. Não sei se poderá ler, fui muito descuidado na datilografia, e meu manuscrito é muito ruim.

Max inspecionou-os cuidadosamente e passou as folhas uma por uma. - Está um pouco difícil para mim, eu acho...

O inventor sorriu um pouco. - É o que pensei, Max.

Olhou em torno, pela sala desarrumada, e uma irritação súbita tomou conta dele. Por que a coisa não funcionava? Abruptamente, levantou-se e pegou seu casaco. - vou sair, Max - disse. - Diga a Beulah para não fazer nada quente para o meu almoço. Estaria frio antes de eu voltar.

À noitinha, ele abriu a porta da frente, e a fome era suficiente para evitar que ele percebesse, detendo-se, sobressaltado, que alguém estava trabalhando em seu

laboratório. Então veio a seus ouvidos um zumbido agudo, seguido por um silêncio momentâneo e então de novo o zumbido que se misturava a um forte estalar, que durava um momento, e desaparecia.

Correu pela sala e escancarou a porta do laboratório. A visão congelou-o numa atitude do mais puro assombro - uma incompreensão boquiaberta.

Lentamente, compreendeu as mensagens de seus sentidos. Seu precioso motor atômico havia sido montado de novo, mas desta vez de um modo tão estranho, que ficava quase sem sentido, pois mesmo seu olho treinado não podia ver nenhuma relação razoável entre as várias peças.

Imaginou tolamente se era um pesadelo, ou uma piada, e então tudo ficou claro para ele num estalo, pois ali, do outro lado da sala, estava o sinal inconfundível de uma escova de cabelo prateado protundindo sobre uma bancada, oscilando devagar de um lado para o outro, com o movimento do escondido dono da escovinha.

- Max! - gritou o inventor, enraivecido. Evidentemente, o estúpido garoto havia permitido que seu interesse o atraísse para experiências perigosas quaisquer.

Com o som, Max ergueu um rosto pálido, com a vista do qual a de seu protetor se enrubesceu. Aproximou-se de Scanlon com um andar relutante.

- O que fez? - exclamou Scanlon, olhando para ele, irritado. - Sabe com que esteve brincando? Há corrente bastante passando por essa coisa para eletrocutá-lo mais de duas vezes.

- Desculpe, sr. Scanlon. Tive uma idéia boba sobre tudo isto quando estava olhando as equações, mas estava receoso de dizer qualquer coisa, porque o senhor sabe muito mais do que eu. Depois que o senhor saiu, não pude resistir a tentação de experimentar, muito embora não tivesse a intenção de ir tão longe. Pensei que poderia desmontá-lo antes de sua volta.

Houve um silêncio que durou longos instantes. Quando Scanlon falou de novo, sua voz estava curiosamente suave. - Bem, o que você fez?

- Não vai se zangar?

- É um pouco tarde demais para isso. Você não se sairia mal, ao que parece.

- Bem, eu notei aqui, em suas equações - tirou uma folha, e então outra, e apontou - que sempre que ocorre a expressão que representa os campos de distorção espacial,

ela é sempre referida como função de x2 mais y2 mais z2. Como os campos, tanto quanto pude ver são sempre referidos como constantes, isto lhe daria a equação da esfera.

Scalon assentiu. - Sim, vi isso, mas nada tem a ver com o problema.

- Bem, eu pensei que poderia indicar a disposição necessária dos campos individuais, de modo que desliguei os distorceres e liguei de novo segundo uma esfera.

A boca do inventor ficou aberta. A misteriosa disposição de seu dispositivo parecia clara agora - e mais, eminentemente simples.

- E funciona? - ele perguntou.

- Não estou bem certo. As peças não foram feitas para esta disposição, de modo que no máximo é uma tentativa. E há o erro da constante...

- Mas funciona? Feche o comutador, raios! - Scanlon de novo era todo impaciência.

- Está bem, fique para trás. Ligarei a potência a um décimo do normal de modo que não teremos uma potência maior do que a que podemos controlar.

Fechou a chave lentamente, e no momento do contato, uma esfera luminosa de chama azul esbranquiçado saltou dos recessos da câmara central de quartzo. A agulha subia constantemente e não parou, até ficar pressionando o limite superior. A chama queimava continuamente, sem liberação aparente de calor, não obstante, perto de sua luz, mais intensamente brilhante que uma lâmpada de magnésio, as lâmpadas elétricas se dissipavam num amarelo opaco.

Max abriu o comutador mais uma vez, e a esfera luminosa avermelhou-se e morreu, deixando a sala comparativamente escura e avermelhada. O medidor de potência de saída mergulhou para zero de novo e Scanlon sentiu seus joelhos cederem, ao cair sobre uma cadeira.

Firmou seu olhar no confundido Tweenie, e naquele olhar havia respeito e admiração, e algo mais, também, pois havia medo. Nunca antes havia percebido que o Tweenie não era da Terra ou de Marte, mas membro de uma raça diferente. Notava agora a diferença, não nas alterações físicas comparativamente menores, mas no profundo e enigmático abismo mental que só agora compreendia.

- Energia atômica! - dizia, com voz roufenha. - E resolvida por um garoto, com menos de vinte anos.

A confusão de Max era dolorosa. - O senhor é que fez todo o trabalho, sr. Scanlon, anos e anos. Eu só notei um pormenor que o senhor mesmo poderia descobrir amanhã mesmo. - Sua voz desapareceu ante o olhar fixo e imóvel do inventor.

- Energia atômica - a maior descoberta do homem até hoje, e de fato a temos, nós dois.

Ambos, tutor e pupilo - pareciam assombrados ante a grandeza e o poder da coisa que haviam criado.

E naquele momento - a Era da Eletricidade morria.

Jefferson Scanlon fumava seu cachimbo, contente. Lá fora, a neve caía e o frio do inverno estava no ar, mas lá dentro, no confortável calor, Scanlon sentava-se e fumava e sorria para si mesmo. Do outro lado, Beulah, igualmente contente, cantarolava baixinho tricotando com suas agulhas, parando acenas ocasionalmente quando seus dedos passavam por uma porção particularmente intrincada do ponto. No canto próximo à janela, sentava-se Max, ocupado no seu usual passatempo da leitura, e Scanlon refletia com amortecida surpresa que ultimamente Max havia limitado sua leitura a novelas leves.

Muito acontecera desde aquele memorável dia há mais de um ano. Para começar, Scanlon era agora um cientista mundialmente famoso e idolatrado, e seria estranho se ele não fosse humano o bastante para se orgulhar disso. Em segundo lugar, embora não menos importante, a energia atômica estava refazendo o mundo.

Scanlon agradecia a todas as potências do mundo, repetidamente, pelo fato de a guerra ser coisa já de há dois séculos, pois do contrário, a energia atômica teria sido a ruína final da civilização. De fato a coalizão das Potências Mundiais que agora controlava o grande poder da energia atômica, era uma verdadeira bênção, e a estava introduzindo na vida do homem em lentos e graduais estágios, necessários para evitar convulsões econômicas.

Já a viagem interplanetária havia sido revolucionada. De aventuras arriscadas, as viagens a Marte e Vênus haviam se tornado excursões de férias, para serem feitas em um terço do tempo anteriormente necessário, e viagens aos planetas exteriores eram, pelo menos, exeqüíveis.

Scanlon acomodou-se em sua poltrona, e ponderou mais uma vez sobre a única mosca em seu pote de ungüento. Max recusara todo o crédito; violenta e teimosamente recusou-se a ter seu nome sequer mencionado. A injustiça disto desolava Scanlon, mas à

parte uma vaga menção a “assistentes competentes”, nada dissera; e pensar nisso ainda fazia com que se sentisse um grandíssimo grosseirão.

Um súbito ruído explosivo tirou-o de seu devaneio e ele voltou seus olhos desconcertados para Max, que fechara seu livro com toda a força.

- Olá! - disse Scanlon. - O que está errado, agora?

Max jogou o livro para o lado e ergueu-se, o lábio inferior num muxoxo. - Sinto-me só, é tudo.

Scanlon ficou sem saber o que dizer. - Creio que compreendo, Max - disse, depois. - Sinto muito quanto a você, mas as condições são tais que...

Max sorriu e, colocando o braço no ombro de seu pai adotivo, disse:

- Não quis dizer isso, você sabe. É apenas, bem, mas é que... gostaria de ter alguém da mesma idade com quem conversar... alguém como eu.

Beulah olhou para cima e pousou um olhar penetrante sobre o jovem Tweenie, mas nada disse.

Scanlon ponderou. - Você está certo, um amigo e um companheiro é a melhor coisa que se possa ter, e receio que Beulah e eu não nos encaixemos bem quanto a isto. Alguém igual a você, como diz, seria a solução ideal, mas é uma proposta difícil. - Coçou o nariz com um dedo, e olhou para o teto, pensativo.

Max abriu a boca como se fosse dizer algo mais, mas mudou de idéia e corou, por nenhuma razão aparente. Então murmurou, quase inaudível, para Scanlon: - Estou sendo muito bobo! - com uma volta rápida, marchou para fora da sala, batendo a porta com força ao sair.

O mais velho olhou com uma surpresa desagradável. - Bem! Que modos estranhos. O que está acontecendo com ele, recentemente, afinal?

Beulah parou as agulhas o bastante para observar, avidamente. - Os homens nascem bobos e não sabem ser diferentes.

- Ah, sim? - foi a resposta um tanto beligerante. - E você sabe o que o está incomodando?

- Certamente que sim. É tão evidente quanto essa gravata horrível que você está usando. Tenho notado já há meses! Pobre rapaz!

Scanlon sacudiu a cabeça. - Está falando por enigmas, Beulah.

A governanta deixou seu tricô de lado e olhou para o inventor, cansada. - É muito simples. O rapaz está com vinte anos. Precisa de companhia.

- Mas isso é o que ele disse. É essa a sua maravilhosa penetração?

- Ora, Jefferson; será que já faz tanto tempo que você mesmo teve vinte anos? Quer dizer honestamente que está pensando que ele se refere a companhia masculina!

- Oh - disse Scanlon, e então, iluminando-se de repente: - Ora! - e riu-se, loucamente.

- Bem, o que vai fazer a respeito?

- Acho que nada - o que pode ser feito?

- É uma bela maneira de falar de seu pupilo, quando está rico o bastante para comprar quinhentos asilos de órfãos do porão até o teto e nem sentir a falta do dinheiro.

Seria a coisa mais fácil do mundo encontrar uma jovenzinha Tweenie de bom aspecto para fazer-lhe companhia.

Scanlon olhou para ela, um olhar de intenso horror no rosto. - Está falando sério, Beulah? Está tentando sugerir que eu vá comprar uma mulher Tweenie para Max? Ora, o que sei sobre mulheres, especialmente mulheres Tweenie. Não sei quais são seus padrões. Posso até escolher uma que ele ache uma megera assustadora.

- Não levante essas objeções idiotas, Jefferson. Exceto pelo cabelo, têm a mesma cara que qualquer um, e deixo a seu cargo escolher uma bem bonita. Nunca houve nenhum solteirão tão velho e carcomido a ponto de não ser capaz de fazer ao menos isto.

- Não, não farei; de todas as péssimas idéias...

- Jefferson! Você é o tutor dele, deve-lhe isso...

As palavras forçosamente atingiram o inventor. - Devo isso a ele repetiu. - Nisso está certa, mais certa do que pensa. - Suspirou. - Creio que precisa ser feito.

Scanlon apoiava-se ora num, ora noutro pé trêmulo, sob o olhar aguçado da funcionária, cujo nome, na plaqueta de sua mesa, proclamava em grandes letras - Srta. Martin, Superintendente.

- Sente-se, senhor - disse, azeda. - Que deseja?

Scanlon limpou a garganta. Já perdera a conta dos asilos que visitara até agora, e a tarefa estava se tornando, rapidamente, demais para ele. Fez uma promessa mental de

que este seria o último - ou teriam que ter uma Tweenie da idade e aspecto desejados, ou esqueceria da coisa, como uma má viagem.

- Vim ver - começou, num discurso cuidadosamente preparado, mas gaguejado - se há algum Twee... mestiço marciano em seu asilo. É...

- Temos três - interrompeu a superintendente, áspera.

- Mulheres? - perguntou Scanlon, ansioso.

- Todas mulheres - replicou, e seus olhos indicavam suspeita.

- Ah, ótimo. Importa-se se eu as visse, é que...

O frio olhar da srta. Martin não se abalou. - Desculpe-me, mas antes de irmos mais adiante, gostaria de saber se está interessado em adotar um mestiço.

- Eu gostaria de fazer uma adoção, se eu for aprovado. Isso seria tão incomum?

- Certamente que é - foi a pronta réplica. - Compreenda que nestes casos, precisamos primeiro fazer uma minuciosa investigação da condição social da família, bem como econômica. É opinião do governo que estas criaturas estão melhor sob a supervisão do Estado, e a adoção seria difícil.

- Eu sei, madame, eu sei. Tenho tido alguma experiência prática neste assunto há quinze meses. Creio que posso satisfazê-la quanto às minhas condições sociais e financeiras sem muitos problemas. Meu nome é Jefferson Scanlon...

- Jefferson Scanlon! - A exclamação dela era quase um grito. Num átimo, seu rosto se expandiu num sorriso servil. - Claro, deveria tê-lo reconhecido das fotografias que já vi do senhor. Como fui estúpida. Por favor, não se dê ao trabalho de dar referências. Estou certa de que no seu caso - e com uma expressão particularmente cordial - nenhuma formalidade será necessária.

Tocou furiosamente uma campainha de mesa. - Traga aqui Madeline e as duas pequenas assim que puder - para a tímida empregada que respondeu. - Traga-as limpas, e avise-as para se comportarem o melhor que puderem.

Com isto, voltou-se para Scanlon mais uma vez. - Não demora, sr. Scanlon. É realmente uma imensa honra tê-lo aqui conosco, estou tão envergonhada com meu tratamento ríspido! De início não o reconheci, muito embora logo tivesse notado que o senhor deveria ser alguém de importância.

Se Scanlon já estava embaraçado pela anterior rispidez da superintendente, estava totalmente enervado por sua efusiva cordialidade. Limpava seus sobrolhos profusamente suados, sempre e sempre, respondendo por monossílabos incoerentes às vivazes perguntas que lhe eram feitas. Quando ele quase estava tomando a decisão de se levantar e escapar do dragão-fêmea correndo, a enfermeira anunciou as três Tweenies e salvou a situação.

Scanlon olhou para as três mestiças com interesse e súbita satisfação.

Duas eram apenas crianças, talvez de dez anos de idade, mas a terceira, de uns dezoito anos, era desejável, sob todos os pontos de vista.

Seu corpo esbelto era esguio e gracioso, mesmo na quieta atitude de espera que assumira, e Scanlon “solteirão empedernido e ressequido” que era, não pôde evitar um leve ar de aprovação.

Seu rosto era certamente o que Beulah chamaria de “bom aspecto” e seus olhos, agora postos no chão, timidamente, eram de profundo azul, o que parecia um ponto alto para Scanlon.

Mesmo seu estranho cabelo era belo. Era apenas moderadamente alto, não chegando a se comparar com a portentosa crista de Max, e sua tez pálida refletia o brilho da luz do sol.

As duas pequenas agarravam a saia de sua companheira mais velha e olhavam os adultos com olhos arregalados de medo, que aumentava, com o tempo.

- Creio, srta. Martin, que a mocinha será satisfatória - observou Scanlon. - Ela é exatamente o que eu procurava. Pode me dizer quando estarão prontos os papéis de adoção?

- Eu poderia aprontá-los para amanhã, sr. Scanlon. Num caso incomum como o seu, eu poderia facilmente fazer um arranjo especial.

- Obrigado, voltarei então... - e foi interrompido por um choramingo. Uma das pequenas Tweenies não conseguiu agüentar e prorrompeu em choro, logo seguida pela outra.

- Madeline - dirigiu-se a srta. Martin à mais velha. - Mantenha Rose e Blanche quietas. Que espetáculo mais detestável!

Scanlon interveio. Parecia-lhe que Madeline estava pálida demais e muito embora sorrisse e consolasse as outras, estava certo de que seus olhos estavam úmidos.

- Talvez - ele sugeriu - a mocinha não deseja deixar o orfanato. Claro, nem pensaria em levá-la, senão voluntariamente.

A srta. Martin sorriu, altaneira. - Ela não dará nenhum problema.

- Voltou-se para a jovem. - Já ouviu falar no grande Jefferson Scanlon, não?

- Si-im, srta. Martin - replicou a jovem, em voz baixa.

- Deixe-me tratar disto, srta. Martin - adiantou-se Scanlon. - Diga-me, garota, você realmente prefere ficar aqui?

- Oh, não! - ela respondeu, séria. - Gostaria muito de ir-me, mas com um olhar apreensivo para a srta. Martin - fui bem tratada aqui. Mas vê... o que fazer com as duas pequenas? Sou tudo o que elas têm, e se eu me for, elas... elas...

Interrompeu-se e agarrou as duas com um abraço forte. - Não quero deixá-las, senhor! - Beijou ambas, suavemente. - Não chorem, crianças. Não as deixarei. Não vão me levar.

Scanlon engoliu em seco com esta dificuldade e tirou um lenço para assoar o nariz. A srta. Martin olhava, com sua superioridade desaprovadora.

- Não se preocupe com a tolinha, sr. Scanlon - disse ela. - Creio que terei tudo pronto amanhã pelo meio-dia.

- Arranje os papéis de adoção para as três - foi a resposta brusca.

- O que? Todas as três? Está falando sério?

- Por certo. Posso fazer como quiser, não? - disse, em voz alta.

- Claro que sim, mas...

Scanlon saiu precipitadamente, deixando Madeline e a srta. Martin petrificadas, esta, completamente estupefata, a outra, num arroubo de alegria. Mesmo as crianças perceberam a mudança, e apenas soluçavam de vez em quando.

A surpresa de Beulah quando os encontrou no aeroporto, e viu três Tweenies, ao invés de uma, que esperava, não se pode descrever. Mas, ao fim a surpresa foi agradável, pois as pequenas Rose e Blanche conquistaram a velha governanta imediatamente. Seu primeiro cumprimento foram beijos molhados nas faces de Beulah, que a fez aquecer-se de alegria, e beijou-as, por sua vez.

Com Madeline, ficou encantada, sussurrando para Scanlon que ele sabia um pouco mais sobre esses assuntos do que pretendia.

- Se ela tivesse um cabelo decente - cochichou Scanlon em resposta - eu mesmo me casaria com ela, por certo - e sorriu, muito satisfeito consigo.

A chegada ao lar, no meio da tarde, foi motivo de grande excitação por parte dos mais velhos. Scanlon atraiu Max para acompanhá-lo num passeio pelos bosques, e quando o inocente Max saiu, perplexo, mas voluntariamente, Beulah afanou-se com deixar as três recém-chegadas à vontade.

A casa foi-lhes mostrada de cima a baixo, os quartos delas sendo indicados. Beulah pairava continuamente, brincando e rindo, até que as Tweenies perdessem toda a timidez e sentiam-se como se sempre se conhecessem.

Então, ao se aproximar a noite de inverno, voltou-se de repente para Madeline, e disse: - Está ficando tarde. Quer ir lá embaixo comigo e me ajudar a preparar a janta para os homens?

Madeline foi tomada de surpresa. - Os homens. Há, então, alguém além do sr. Scanlon?

- Oh, sim. É Max. Você ainda não o encontrou.

- É um parente seu?

- Não, menina. É outro pupilo do sr. Scanlon.

- Ah, percebo. - Enrubesceu, e sua mão, involuntariamente, passou por seus cabelos, Beulah num momento viu os pensamentos que passavam pela cabeça dela e acrescentou, com voz mais suave:

- Não se preocupe, querida. Ele não vai se preocupar por você ser uma Tweeníe. Ele gostará de conhecê-la.

Verificou-se, porém, que “gostar” era totalmente inadequado para as emoções de Max quando viu Madeline.

Entrou em casa antes de Scanlon, tirando seu casaco e sacudindo a neve de seus sapatos, ao mesmo tempo.

- Rapaz - falava, em voz alta, para o quase enregelado inventor que o seguia - porque estava tão ansioso para passear por aí num dia gelado como hoje, não sei. -

Cheirou o ar. - Ora, estarei sentindo o cheiro de costeletas de carneiro? - E foi para a sala de jantar, correndo.

Na porta, estancou, e perdeu o fôlego, quase sufocado. Scanlon foi entrando e sentando.

- Vamos - disse, desfrutando o rosto vermelho como um tijolo, do outro. - Sente-se; temos companhia hoje. Esta é Madeline, e esta é Rose, e esta é Blanche. E este - voltou-se para as garotas, já sentadas, e notou, com satisfação, que o rosto rosado de Madeline estava fixando, em confusão, o prato diante dela - é meu pupilo, Max.

- Como vão? - murmurou Max, olhos grandes como pires. - Prazer em conhecê-las.

Rose e Blanche gritaram de alegria, em resposta, mas Madeline apenas ergueu os olhos levemente e abaixou a cabeça de novo.

A refeição foi singularmente silenciosa. Max, muito embora tivesse se queixado de grande fome durante o cair da tarde, deixou sua costeleta e batatas esfriarem diante de si, enquanto Madeline brincava com sua comida como se não soubesse por que a comida estava ali. Scanlon e Beulah comeram bem e em silêncio, trocando olhares maliciosos entre uma garfada e outra.

Scanlon retirou-se depois da janta, pois ele corretamente sentia que o tato mais delicado de uma mulher era necessário nestes assuntos, e quando Beulah juntou-se a ele no estúdio algumas horas depois, logo viu que estava certo.

- Quebrei o gelo - disse ela, alegremente - estão conversando sobre suas vidas, agora, e se entendendo muito bem. Ainda estão com medo um do outro, e insistem em sentar-se um de cada lado da sala, mas isso passa, e depressa...

- É um belo par, hein, Beulah?

- Nunca vi mais belo. E as pequenas Rose e Blanche são uns anjos. Acabo de pô-las na cama.

Houve um curto silêncio, e então Beulah continuou, suave: - Foi a única vez em que você esteve certo e eu errada - aquela vez em que trouxe Max para casa e eu objetei -, mas essa vez compensa todo o resto. Você faz justiça à sua mãe, Jefferson.

Scanlon assentiu, sombriamente. - Gostaria de poder fazer todos os Tweenies tão felizes. Seria tão simples! Se os tratássemos como a seres humanos, e não como

criminosos, e lhes déssemos casas construídas especialmente para eles e calculadas particularmente para sua felicidade...

- E por que não faz isso? - interrompeu Beulah.

Scanlon olhou para a governanta, sério: - É exatamente o que ia propor. - Sua voz caiu então num murmúrio sonhador. - Pense só. Uma cidade de Tweenies - governada por eles e para eles - com seus próprios líderes e escolas e serviços públicos. Um pequeno mundo dentro de um mundo, onde os Tweenies possam se considerar humanos - ao invés de uma aberração cercada e observada por infinitas multidões de puros-sangues.

Pegou seu cachimbo e encheu-o devagar. - O mundo deve algo a um Tweenie, que nunca poderá pagar - e devo a ele também. vou fazê-lo. vou criar a Tweenópolis.

Naquela noite, ele não dormiu. As estrelas giravam em seus círculos, e empalideceram, por fim. O cinza da madrugada veio e iluminou-se, mas Scanlon estava sentado imóvel, sonhando e planejando.

Aos oitenta, a idade já se mostrava pela cabeça de Scanlon. A primavera tinha-se ido de seus passos, bem como seus ombros fortes e retos, mas sua saúde robusta ainda perdurava e sua mente, sob a mecha de cabelo, agora branco como o de um Tweenie, ainda trabalhava com o mesmo vigor.

Uma vida feliz não envelhece, e já por quarenta anos agora, Scanlon observava o crescimento de Tweenópolis, e com isto, encontrara a felicidade.

Ele podia vê-la agora estender-se perante ele como um grande e belo quadro, ao olhar pela janela. Uma pequena jóia de cidade, com uma população ligeiramente acima de mil habitantes, pousada em meio a trezentas milhas quadradas da fértil terra de Ohio.

Casas limpas e robustas, ruas amplas e claras, parques, teatros, escolas, lojas - uma cidade modelo, falando de décadas de esforço inteligente, e cooperação.

A porta se abriu atrás dele e reconheceu o passo leve, que era inconfundível. - É você, Madeline?

- Sim, pai - pois ele era conhecido apenas por este título por todos os habitantes de Tweenópolis. - Max está voltando, com o sr. Johanson.

- Ótimo - olhou ternamente para Madeline. - Vimos Tweenópolis crescer desde aqueles dias, há muito tempo, não?

Madeline assentiu e suspirou.

- Não suspire, querida. Valeu a pena os anos que dedicamos a isto. Se Beulah tivesse vivido para ver tudo agora.

Abanou a cabeça ao pensar na governanta, agora morta há um quarto de século.

- Não tenha esses pensamentos tristes - admoestou Madeline, por sua vez. - Aqui está o sr. Johanson. Lembre-se que é o quadragésimo aniversário, e um dia feliz; nada de tristezas.

Charles B. Johanson era o que é conhecido como um homem “maquiavélico”. Isto é, era uma pessoa inteligente, de visão, comparativamente versada em ciências, mas alguém que põe estas boas qualidades em prática apenas para favorecer seus próprios interesses. Consequentemente, foi longe na política, e foi o primeiro designado para o recém-criado posto de Secretário da Ciência e Tecnologia.

Seu primeiro ato oficial foi visitar o maior cientista e inventor do mundo, Jefferson Scanlon, que, em sua velhice, ainda não tinha par quanto ao número de invenções úteis entregues ao governo todo o ano. Tweenópolis foi uma surpresa para ele. Era vagamente conhecido no mundo exterior que a cidade existia, e era considerada um passatempo do velho cientista uma excentricidade inofensiva. Johanson encontrou bem elaborado projeto de conotações sinistras.

Sua atitude, porém, ao adentrar pela sala de Scanlon com seu guia Max era da mais franca cordialidade, ocultando bem certos pensamentos que passaram por sua cabeça.

- Ah! Johanson! - cumprimentou Scanlon - está de volta. Que pensa de tudo isto? - Seu braço apontava à sua volta.

- É surpreendente - algo maravilhoso de se contemplar - asseverou-lhe Johanson.

Scanlon sorriu. - Apraz-me ouvir isso. Temos uma população de 1.154 agora, e crescendo a cada dia. Você viu o que já fizemos, mas é nada perto do que faremos para o futuro - mesmo depois de eu morrer. No entanto há algo que eu gostaria de ver feito antes que eu morra, e, para isso, preciso de sua ajuda.

- E seria...? - perguntou o Secretário da Ciência e da Tecnologia, prudentemente.

- Apenas isto. Que o governo considere conceder a estes Tweenies, estes mestiços há tanto desprezados, total igualdade, política, legal, econômica, social, com terráqueos e marcianos.

Johanson hesitou. - Seria difícil. Há uma certa quantidade de um preconceito talvez compreensível contra eles, e até podermos convencer a Terra que os Tweenies merecem igualdade... - abanou a cabeça, em dúvida.

- Merecem a igualdade! -exclamou Scanlon,veementemente. -Ora, merecem mais. Eu sou moderado na minha demanda. - com estas palavras, Max, sentado quieto num canto, olhou para cima, mordendo o lábio, mas nada disse, ao continuar Scanlon: - Você não conhece o verdadeiro valor destes Tweenies. Combinam o melhor da Terra e de Marte.

Possuem os poderes de raciocínio frio e analítico dos marcianos, juntamente com o impulso emocional e energia ilimitada dos terráqueos. Tanto quanto se considere o intelecto, são superiores a você e eu, todos eles. E estou apenas pedindo igualdade.

O Secretário sorriu, conciliador. - O seu zelo talvez o engane, prezado Scanlon.

- Em absoluto. Por que pensa que apresentei tantos inventos bem sucedidos - como esse escudo gravitacional, que criei há alguns anos atrás. Pensa- que eu poderia tê-lo feito sem meus assistentes Tweenies? Foi Max aqui - Max abaixou os olhos ante o súbito olhar penetrante do membro do Gabinete - que deu o toque final à própria descoberta da energia atômica.

Scanlon jogou o cuidado pela janela, ao excitar-se. - Pergunte ao prof. Whitsun, de Stanford, e ele lhe contará. Ele é uma autoridade mundial em psicologia e sabe do que fala. Ele estudou o Tweenie e lhe dirá que o Tweenie é a próxima raça do sistema solar, destinada a tomar a supremacia de nós, puros-sangues, tão inevitavelmente como a noite segue o dia. Não crê que eles sejam dignos da igualdade, neste caso?

- Sim, creio que sim... definitivamente - replicou Johanson. Havia um estranho brilho em seus olhos, e um sorriso pérfido em seus lábios. Isto é de extrema importância, Scanlon, e tratarei disso imediatamente; de fato, creio que seria melhor que eu partisse já em meia hora, para pegar o estratocarro das 2:10.

Mal Johanson partira, quando Max se aproximou de Scanlon e falou, sem nenhum preâmbulo. - Há algo que eu gostaria de mostrar-lhe, pai, algo de que o senhor nada sabia até agora.

Scanlon demonstrava surpresa. - Que quer dizer?

- Venha comigo, pai, por favor; explicarei. - Sua expressão grave era quase assustadora. Madeline juntou-se aos dois na porta, e, a um sinal de Max, pareceu compreender a situação. Nada disse, mas seus olhos entristeceram-se e as linhas de sua testa pareceram aprofundar-se.

No mais completo silêncio, os três entraram no carro-foguete e dispararam através da cidade na direção da Colina do Bosque. Acima do Lago Clare, dirigiram-se de novo para o sopé da colina, numa alameda.

Um Tweenie alto e forte saltou de pé, ao aterrissar o carro, e estranhou a presença de Scanlon.

- Boa tarde, pai - falou respeitosamente em voz baixa, e lançou um olhar interrogador para Max, ao fazê-lo.

- Igualmente, Emmanuel - replicou Scanlon, distraído. De súbito apercebeu-se que diante dele estava uma abertura camuflada que se dirigia para dentro da colina.

Max indicou-lhe para segui-lo, e mostrou o caminho para dentro de uma abertura, que, após trinta metros, abria-se numa enorme caverna artificial. Scanlon deteve-se, assombrado, pois ante ele estavam três espaçonaves gigantescas, brilhando em branco-prateado, e equipadas, como claramente podia ver, com o mais moderno em energia atômica.

- Lamento, pai - disse Max - que tudo isto tenha sido feito sem o seu conhecimento. É o único caso semelhante na história de Tweenópolis.

Scanlon mal parecia estar ouvindo, ali de pé, aturdido, e Max continuou:

- O do centro é a capitânea - o Jefferson Scanlon. O da direita é o Beulah Goodkin, e o da esquerda, é o Madeline.

Scanlon acordou de sua confusão. - Mas o que tudo isto significa, com tanto segredo?

-Estas naves têm já estado prontas há cinco anos, aprestadas para decolagem imediata. Hoje à noite explodiremos um lado da colina e partiremos para Vênus – hoje à noite mesmo. Não lhe contamos nada até agora, pois não quisemos perturbar sua paz de espírito com uma infelicidade que há muito sabíamos viria a ser inevitável. Tínhamos pensado que talvez - sua voz baixara - poderíamos esperar até que o senhor não mais estivesse conosco.

- Fale! - gritou Scanlon, de repente - quero pormenores. Por que estão partindo logo quando estou certo de que posso conseguir a igualdade para vocês?

- Exatamente por isso - respondeu Max, lastimoso. - Suas palavras para Johanson aceleraram tudo. Enquanto os terráqueos e os marcianos nos viam como inferiores,e diferentes, apenas nos desprezavam e nos toleravam. Você disse a Johanson que somos superiores, e acabaríamos suplantando a humanidade. Agora, eles não têm outra alternativa, senão nos odiarem. Não haverá mais tolerância; disso posso deixá-lo certo. Partiremos antes da tempestade.

Os olhos do ancião arregalaram-se com a veracidade das afirmações do outro, que se lhe tornavam transparentes. - Eu vejo; preciso entrar em contato com Johanson.

Talvez possamos corrigir este terrível engano. - Deu com a mão na testa.

- Ora, Max - interpos-se Madeline, lacrimosa - por que não vai direto ao assunto? Queremos que o senhor venha conosco. Em Vênus, tão escassamente povoado, podemos achar um lugar onde poderemos nos desenvolver sem sermos incomodados por um tempo ilimitado. Podemos estabelecer nossa nação, livre e desimpedida, poderosa para defender seus direitos, não mais dependente de...

Sua voz desapareceu e fixou ansiosamente o rosto de Scanlon, agora tenso e perturbado. - Não - murmurou. - Não! Meu lugar é aqui, com os meus iguais. Vão, crianças, e estabeleçam sua nação. Ao fim, seus descendentes governarão o sistema solar. Mas eu; eu ficarei aqui.

- Então eu também ficarei - insistiu Max. - Você está velho, e alguém precisa cuidar de você. Devo-lhe a vida uma dúzia de vezes.

Scanlon abanou a cabeça, firmemente. - Não precisarei de ninguém. Dayton não é longe. Vão cuidar de mim, onde quer que eu esteja. Você, Max, é necessário à sua raça; é seu líder; vá!

Scanlon vagava pelas ruas desertas de Tweenópolis e tentava se ajustar à nova situação. Era difícil. Ontem, celebrara o quadragésimo aniversário de sua fundação - estava no ápice de sua prosperidade. Hoje, uma cidade fantasma.

Se bem que, estranho o bastante, estava sobre ele um espírito de exultação. Seu sonho se desfizera - mas apenas para dar lugar a um sonho mais luminoso. Alimentara enjeitados e trouxera uma raça à sua juventude, e por isso ele algum dia seria reconhecido como o fundador da super-raça.

Era sua criação que algum dia governaria o sistema. Energia atômica - anuladores gravitacionais - tudo desaparecia na insignificância. Este era seu verdadeiro presente para o Universo.

Assim, concluiu, era como Deus deveria sentir-se.

***

Assim como em “A Arma Terrível Demais Para Ser Usada”, a história tratava de preconceito racial em escala interplanetária. Voltei a este tema repetidamente – algo que não era de surpreender para um judeu que cresceu na era hitlerista.

Novamente minha ingenuidade aparece, pois não só presumia uma raça inteligente em Marte, onde tal coisa era bastante improvável, mesmo pela evidencia de 1939, mas presumia também que os marcianos eram suficientemente iguais aos terráqueos para permitir a miscigenação. (Apenas posso abanar a cabeça, cansado; eu sabia de tudo isto, em 1939; realmente sabia. Apenas aceitava os clichês da ficção científica, eis tudo. Eventualmente, parei de fazer isto.).

Meu tratamento da energia atômica era também primitivo ao extremo, e eu sabia disso, também, mesmo que na época em que escrevi a história, a fissão do urânio ainda não havia sido descoberta. A misteriosa referência do Tweenie a “uma função x mais y2 mais z meramente significa que fizera um curso de geometria analítica em Columbia havia pouco, e estava exibindo meu conhecimento da equação da esfera”.

Foi a primeira história em que tentei introduzir um motivo romântico, se bem que leve. Tinha que ser um fracasso. Na época em que escrevi esta história, ainda nunca tinha namorado com uma garota.

E o maior embaraço numa história repleta de embaraços, era a seguinte linha do sétimo parágrafo: “... Por ela, havia se tornado um velho, aos trinta anos – o ímpeto da juventude há muito que se fora”.

Escrevi isto aos dezenove anos. Para mim, o primeiro ímpeto da juventude há muito que se ia, no tempo em que alguém chegava aos trinta. Agora sei, claro, que mais de trinta anos depois, ainda me sinto no primeiro ímpeto da juventude.

Havia alguma razão para minha satisfação com “Mestiço” (“Half-Breed”), porém. Minha quarta história publicada foi a mais longa a ser publicada, até então. com uma extensão de nove mil palavras, estava arrolada no índice como “novela curta”, minha primeira história desta categoria a ser publicada.

Meu nome também apareceu na capa da revista. Foi a primeira vez que isto aconteceu.

Quase imediatamente após terminar “Mestiço”, comecei o “Sentido Secreto” (“The Secret Sense”), submetendo-o a John Campbell a 21 de junho, de 1939, e recebendo-o de volta no dia 28. Pohl também não conseguiu colocá-lo.

Pelo fim de 1940, porém, um par de revistas irmãs, Cosmic Stories (Histórias Cósmicas) e Stirring Science Stories (Histórias Científicas Emocionantes), estavam sendo planejadas, com Don Wollheim, colega futurista, escolhido como editor. As revistas estavam começando com um micro-orçamento, porém, é o único modo pelo qual poderiam existir era conseguir histórias por nada - ao menos nos números iniciais. Para este fim, Wollheim apelou para os futuristas e eles vieram. Os primeiros números consistiram inteiramente (creio) de histórias de Futuristas, sob seus próprios nomes, ou pseudônimos.

Eu também fui interpelado, e como naquela época estava convencido de que não poderia vender “O Sentido Secreto” em nenhum lugar, doei a história a Wollheim, que prontamente a aceitou.

Entrementes, ainda outra revista, Comet Stories, estava aparecendo, sob a editoria de F. Orlin Tremaine, que havia sido o predecessor de Campbell em Astounding.

Fui ver Tremaine diversas vezes, pois pensei que lhe poderia vender uma história, ou duas. Na segunda visita, a 5 de dezembro de 1940, Tremaine falou-me com alguma ênfase do próximo nascimento das revistas de Wollheim. Ao passo que ele pagava bem, dizia, Wollheim estava conseguindo histórias por nada, e com isto, podia publicar revistas que roubariam os leitores das revistas que pagavam. Qualquer autor que doasse histórias para Wollheim, assim contribuindo para a destruição das revistas competidoras, que pagavam, deveria ir para a lista negra, no campo.

Ouvi, assustado, sabendo que já tinha doado uma história por nada. Era uma história, na verdade, que eu sabia que nada valia, mas não havia me passado pela cabeça que estava prejudicando outros autores estabelecendo uma competição injusta.

Não tive coragem de dizer a Tremaine que eu era um dos culpados, mas assim que cheguei em casa, escrevi para Wollheim pedindo-lhe para aceitar uma de duas alternativas: ou poderia publicar a história sob um pseudônimo, de modo que minha culpa ficasse escondida, ou se insistisse em usar meu nome, poderia me pagar cinco dólares, de modo que se a questão viesse à baila, eu poderia honestamente negar ter-lhe dado a história.

Wollheim escolheu usar meu nome e mandou-me um cheque de cinco dólares, mas o fez com pouquíssima elegância (e, para dizer a verdade, ele não era, naqueles dias, conhecido pela suavidade de seu caráter). Acompanhava o cheque uma carta mal-educada que dizia, em parte, que eu estava sendo pago por um enorme preço por palavra, pois apenas meu nome tinha valor, e por isso estava recebendo $2,50 por palavra. Talvez estivesse certo. Neste caso, o preço por palavra era realmente um recorde, que até hoje não ultrapassei. Por outro lado, o pagamento total também foi um recorde. Nenhuma outra história que já escrevi recebeu um pagamento tão baixo.

Anos mais tarde, o bem conhecido historiador de ficção científica, Sam Moskowitz, escreveu uma curta biografia minha, que aparecia na Amazing de abril de 1962. No decurso da biografia, descreve uma versão dos fatos acima, e erroneamente afirma que foi John Campbell que se irritara com a doação de histórias sem pagamento, e fora ele que me ameaçara com a lista negra.

De modo algum!

Campbell nada teve a ver com isto, e mais, seria incapaz de fazer esta ameaça. Se soubesse antecipadamente que eu pretendia dar uma história, para uma revista competidora, apontaria minha tolice de forma perfeitamente amigável, e deixaria passar.

De fato, enquanto procurava manter minha culpa escondida de Tremaine, não tinha a intenção de escondê-la de Campbell. Em minha visita seguinte, a 16 de dezembro de 1940, confessei-me completamente, e ele deu de ombros.

Campbell, imagino, estava certo de que nenhuma revista que tivesse de depender de historias de graça poderia durar muito, pois as únicas histórias assim disponíveis, deveriam ser rejeitadas por todos. E estava certo. Cosmic Stories durou apenas três números, e Stirring Science Stories apenas quatro. “O Sentido Secreto” permaneceu sendo a única história minha que publicaram.

Quanto a Comet Stories, durou cinco números, e muito embora Tremaine tivesse hesitado com uma ou duas das minhas histórias, nunca comprou nenhuma.

8

O SENTIDO SECRETO

A alegre melodia de uma valsa de Strauss enchia o ambiente. A música deslizava e desaparecia sob os sensíveis dedos de Lincoln Fields, e através de olhos semicerrados, quase podia ver vultos que giravam, percorrendo o chão encerado de algum salão luxuoso.

A música sempre o afetara daquela maneira. Enchia sua mente com sonhos de pura beleza, e transformava sua sala num paraíso sonoro. Suas mãos saltitaram sobre o piano nas últimas deliciosas combinações de tons, e então detiveram-se, lentamente.

Suspirou, e por um momento permaneceu absolutamente silencioso, como tentando extrair a última essência de beleza das últimas ressonâncias. Então voltou-se e sorriu fracamente para o outro ocupante da sala.

Garth Jan retribuiu o sorriso, mas nada disse. Garth apreciava imensamente Lincoln Fields, apesar de pouco compreendê-lo. Eram mundos à parte - literalmente - pois Garth procedia das imensas cidades subterrâneas de Marte, ao passo que Fields era o produto da tentacular Nova Iorque, da Terra.

- Que tal, Garth, meu velho? - perguntou Fields, hesitante.

Garth abanou a cabeça, respondendo à sua moda, precisa, elaborada:

- Escutei atentamente e posso francamente dizer que não foi desagradável. Há um certo ritmo, alguma cadência, que, de fato, é reconfortante. Mas, belo? Não!

Havia piedade nos olhos de Fields - piedade quase de dolorosa intensidade. O marciano percebeu o olhar e entendeu tudo o que significava, se bem que não houvesse a menor fagulha de inveja como resposta. Sua figura, de gigante ossudo, permanecia dobrada sobre uma cadeira muito pequena para ele, e uma perna fina balançava, folgada, para a frente e para trás.

Fields lançou-se para a frente, saindo impetuosamente de seu assento, e agarrou seu companheiro pelo braço. - Venha cá! Sente-se você mesmo no banco.

Garth obedeceu, de bom grado. - Vejo que você quer fazer alguma experiência.

- Adivinhou. Já li alguns trabalhos científicos que tentavam explicar tudo sobre a diferença entre o equipamento sensorial terrestre e marciano, mas nunca entendi direito.

Tocou as notas C e F numa mesma oitava e olhou interrogativamente para o marciano*.

* Notas “dó” e “fá”. As letras vão de “A” a “G”, representando a letra “A” à nota “lá”. (N.T.)

- Se há alguma diferença - disse Garth, duvidoso - é muito pequena. Se estivesse escutando sem prestar atenção, certamente diria que você tocou a mesma nota duas vezes.

O terrestre estava admirado. - É isto? - Tocou C e G.

- Creio que posso notar a diferença, desta vez.

- Bem, suponho que tudo o que dizem sobre seu povo é verdadeiro. Pobres coitados - ter tão grosseira audição. Não sabem o que estão perdendo.

O marciano deu de ombros, fatalista. - Não se perde aquilo que nunca se teve.

Garth Jan quebrou o curto silêncio que se seguiu. - Percebe que este período da história é o primeiro em que duas raças inteligentes puderam se comunicar uma com a outra? A comparação do equipamento sensorial é interessantíssima, e alarga bastante nossa visão da vida.

- É verdade - assentiu o terráqueo - se bem que nós pareçamos ter toda a vantagem da comparação. Você sabe que um biólogo terrestre afirmou que estava assombrado como uma raça tão pobremente dotada de sentidos pode desenvolver uma civilização tão aperfeiçoada como a sua.

- Tudo é relativo, Lincoln. O que temos, é o que nos basta.

Fields sentia uma crescente frustração dentro de si. - Mas se você ao menos soubesse, Garth, se você soubesse o que está perdendo.

-Você nunca apreciou as belezas de um pôr do sol ou de flores dançando nos campos. Não pode admirar o azul do céu, o verde da grama, o amarelo do trigo maduro. Para você, o mundo consiste de tons de luz e sombra - estremeceu com a idéia - não pode cheirar uma flor ou apreciar o seu perfume delicado. Nem mesmo pode degustar

algo assim como uma boa e simples refeição. Você não tem paladar, nem olfato, nem pode ver a cor. Lamento seu mundo monótono.

- O que você diz é sem sentido, Lincoln, não desperdice sua piedade comigo, pois eu sou tão feliz como você. - Ergueu-se e apanhou sua bengala - necessária no campo gravitacional maior, da Terra.

-Não deve nos julgar com uma superioridade tão fácil, sabe disso. E isto parecia ser o aspecto amargo do assunto. - Não nos gabamos de certos feitos de nossa raça, sobre os quais nada sabem.

E então, como se profundamente lastimoso de suas palavras, um esgar espalhou-se por sua face, e dirigiu-se para a porta.

Fields sentou-se, abismado, pensativo por um momento, então pulou e foi atrás do marciano, que estava descendo a escada em direção à saída. Segurou Garth pelo ombro e insistiu que voltasse.

- O que você quis dizer com sua última observação?

O marciano desviou o rosto como se não conseguisse encarar a interpelação.

- Esqueça, Lincoln. Foi apenas um momento de indiscrição, quando sua piedade impertinente deu nos meus nervos.

Fields olhou-o agudamente. - É verdade, não? É lógico que os marcianos têm sentidos que os terráqueos não têm, mas ultrapassa os limites da razão que seu povo queira manter isto secreto.

-Talvez assim seja. Mas, agora que você descobriu isso por culpa de minha estupidez, talvez concorde em não levar o assunto adiante?

- Claro! Ficará tão secreto como numa tumba, se bem que, raios me partam se eu consigo ver algum sentido nisto. Diga-me, de que natureza é esse sentido secreto de vocês?

Garth Jan demonstrou indiferença. - Como posso explicar? Você pode definir a cor para mim, que nunca pude sequer imaginá-la?

- Não estou pedindo uma definição; diga-me seus usos, por favor... - apertou o ombro do outro - você bem que pode; dei minha promessa de manter-me em silêncio.

O marciano suspirou profundamente. - Não lhe servirá para muito. Será que seria satisfatório para você saber que se você me mostrasse dois recipientes, cada um com um líquido claro, poderia dizer imediatamente qual dos dois seria venenoso? Ou se me mostrasse um fio de cobre, poderia dizer instantaneamente se uma corrente elétrica está passando por ele, mesmo que fosse de um miliampêre? Ou que eu possa saber a temperatura de uma substância com três graus de precisão, mesmo que você a segure a cinco metros de distância? Ou eu poderia... bem, já disse demais.

- E isso é tudo? - perguntou Fields, numa exclamação desapontada.

- Que mais queria?

- Tudo o que você descreveu é muito útil; mas, onde a beleza disso? Esse seu estranho sentido não tem valor para o espírito assim como para o corpo?

Garth fez um movimento de impaciência. - Realmente, Lincoln, você fala tolamente. Respondi-lhe o que você perguntou - os usos que faço deste sentido. Certamente não tentei explicar sua natureza. Tome seu sentido para cores. Tanto quanto possa ver, seu único fim é estabelecer finas distinções que eu não posso. Você pode identificar certas soluções químicas, por exemplo, por algo que você chama de cor, quando eu seria forçado a fazer uma análise química. Qual a beleza disso?

Fields abriu a boca para falar, mas o marciano fez-lhe sinal para calar-se. - Eu sei; você vai discursar algumas bobagens sobre o pôr do sol ou algo assim. Mas o que sabe da beleza? Já soube o que é presenciar a beleza de um fio de cobre descoberto quando se liga uma corrente alternada? Já sentiu deliciosa delicadeza das correntes que se estabelecem num solenóide quando um imã passa através dele? Já foi a um portwem marciano?

Os olhos de Garth Jan estavam úmidos com as idéias que evocava, e Fields olhava, tomado de surpresa. Agora a situação estava invertida e seu sentimento de superioridade logo o abandonou.

- Toda raça tem seus próprios atributos - murmurou com um fatalismo que tinha traços de hipocrisia - mas não vejo razão por que manter tanto segredo. Nós, os terráqueos, não escondemos nenhum segredo de vocês.

- Não nos acuse de ingratidão - gritou Garth Jan, veemente. De acordo com a ética marciana, a ingratidão era o supremo vício - e àquela insinuação Garth perdeu um pouco o controle. - Nunca agimos sem razões, nós marcianos. E certamente não é por egoísmo que escondemos esta magnífica habilidade.

O terráqueo sorria, divertido. Estava na trilha de algo - sentia isso nos ossos - e o único modo de descobri-la era usando provocação.

- Não há dúvida que há alguma nobreza atrás de tudo. É um estranho atributo de sua raça que sempre possam encontrar algum motivo altruísta para suas ações.

Garth Jan mordeu o lábio, nervoso. - Não tem o direito de dizer isso. - Por um momento pensou em lembrar Fields para se preocupar com a sua futura paz de espírito como uma razão para silenciar, mas a última referência zombeteira do outro sobre “altruísmo” tornava isso impossível. Um sentimento de raiva crescia dentro dele, que o forçava a tomar sua decisão.

Não havia engano sobre o acento inamistoso que penetrara sua voz.

- Explicarei por analogia: - O marciano olhava para a frente ao falar, olhos semicerrados.

- Você me disse que eu vivo num mundo composto apenas de tons de claro e escuro. Você tenta descrever um mundo seu, composto de infinita variedade e beleza. Escuto, mas pouco me importo com isso. Nunca conheci isto, e nunca o poderei. Não se lamenta a perda daquilo que nunca se teve.

- Mas; e se você pudesse me dar a capacidade de ver a cor por cinco minutos? E se, por cinco minutos eu me deliciasse em maravilhas nem sequer sonhadas? E se, depois desses cinco minutos, tivesse de perder isso para sempre! Aqueles cinco minutos de paraíso valeriam uma vida e arrependimento, depois, uma vida insatisfeita por causa de minhas próprias limitações? Não seria muito mais simpático nunca me ter falado sobre as cores, logo de início, removendo essa onipresente tentação?

Fields erguera-se, nesta última parte da fala do marciano e seus olhos arregalaram-se, desconfiados. - Quer dizer que um terráqueo poderia ter os sentidos de um marciano, se quisesse?

- Por cinco minutos numa vida. - Os olhos de Garth Jan eram distantes. - E nesses cinco minutos o sentido...

Parou, confuso, e olhou irritado para seu companheiro. - Já sabe mais do que lhe pode fazer bem. Espero que não esqueça sua promessa.

Levantou-se apressado, e bamboleou para fora o mais depressa que pôde, apoiando-se pesadamente na bengala. Lincoln Fields não se moveu para detê-lo. Simplesmente ficou sentado, pensando.

A grande altura da caverna disfarçava seu teto em nebulosa obscuridade onde, a intervalos fixos, flutuavam globos luminescentes de radite.

O ar, aquecido por uma camada vulcânica subterrânea, passava numa brisa. Defronte a Lincoln Fields, estendia-se a ampla avenida pavimentada da principal cidade de Marte, desaparecendo na distância.

Pulou desajeitadamente até a entrada da casa de Garth Jan, com uma camada de doze centímetros de chumbo em cada sapato, um incessante incômodo. Muito embora ser melhor que os saltos incontroláveis que eram causados pelos músculos terrestres nesta gravidade mais fraca.

O marciano surpreendeu-se ao ver seu amigo de há seis meses, mas não muito contente. Fields demorou para perceber, mas simplesmente sorriu para si mesmo. As formalidades iniciais trocadas, feitas as observações convencionais, e os dois se sentaram.

Fields amassou o cigarro no cinzeiro e recostou-se, subitamente sério. - Vim pedir aqueles cinco minutos que você diz que pode me dar! Posso tê-los?

- É uma pergunta retórica? Certamente não parece precisar de resposta. – O tom de Garth era abertamente desdenhoso.

O terráqueo observou o outro, pensativo. - Importa-se se eu esboçar minha posição em poucas palavras?

O marciano sorriu, indiferente. - Não vai fazer qualquer diferença, mesmo.

- Pois vou arriscar. A situação é a seguinte: nasci e fui educado no luxo e fui terrivelmente mimado. Ainda nunca tive um desejo razoável que não pudesse satisfazer, e você não sabe o que significa não conseguir o que quero. Compreende?

Não houve resposta, e ele continuou: - Encontrei minha felicidade em belas paisagens, belas palavras, e belos sons. Fiz um culto à beleza. Numa palavra, sou um esteta.

- Interessantíssimo - a expressão pétrea do marciano não se alterou um nada - mas o que tem isto a ver com o problema em questão?

- Apenas isto: você fala de uma nova forma de beleza: desconhecida para mim até agora e mesmo inteiramente inconcebível, mas que poderia ser conhecida, se eu quisesse.

A idéia me atrai. Mais do que me atrai hipnotiza-me. De novo lembro-lhe que quando isto acontece, eu cedo; como sempre o fiz.

- Você nada pode neste caso - recordou Garth Jan - é mal-educado de minha parte relembrar-lhe isto, mas você não pode forçar a mim, sabe? Suas palavras de fato, são altamente ofensivas em suas implicações.

- Estou grato por dizer isso, pois me permite ser rude por minha vez, sem ofender minha consciência.

A única resposta de Garth Jan a isto foi um rosto autoconfiante.

- Faço-lhe este pedido - disse Fields, devagar - em nome da gratidão.

- Gratidão? - Retrucou violentamente o marciano.

Fields deu um sorriso largo. - É um apelo ao qual nenhum honrado marciano pode recusar, por sua própria ética. Deve-me gratidão, agora, porque foi através de mim que você ganhou a entrada nas casas dos maiores e mais respeitáveis homens da Terra.

- Sei disso - Garth Jan corou, agastado - não é polido de sua parte lembrar-me isso.

- Não tenho escolha. Você reconheceu a gratidão que me devia em palavras, lá na Terra. Peço a oportunidade de possuir esse sentido misterioso que você mantém tão secreto - em nome desta reconhecida gratidão. Pode recusá-lo agora?

- Sabe que não posso - foi a sombria resposta. - Hesitei apenas pelo seu próprio bem.

O marciano ergueu-se e esticou a mão gravemente. - Colocou-me num beco, Lincoln. Está feito. Afinal, não lhe devo nada mais. Isto pagará meu débito de gratidão. De acordo?

- De acordo! - Os dois apertaram as mãos e Lincoln Fields continuou, num tom totalmente diferente. -Ainda somos amigos, não? Esta pequena altercação não vai estragar tudo, vai?

- Espero que não. Venha! Convido-o para a refeição da noite e podemos discutir o lugar e a hora de seus, bem, cinco minutos.

Lincoln Fields tentou abafar um leve nervosismo que o assaltava, enquanto esperava na “sala de música” particular de Garth, Sentiu um repentino desejo de rir-se, ao vir-lhe a idéia de que se sentia exatamente como se estivesse numa sala de dentista.

Acendeu seu décimo cigarro, deu duas baforadas e jogou-o fora. Você está tornando isto muito elaborado, Garth.

O marciano disse indiferente: - Você tem apenas cinco minutos, de modo que posso muito bem dar-lhe o melhor uso possível. Você vai ouvir parte de um portwem, que é para nossos sentidos, o que é uma grande sinfonia (é esse o termo, não?) para a sua audição.

- Tenho de esperar muito? Para falar claro, é terrível.

- Estamos esperando por Novi Lon, que vai tocar o portwem, e por Done Vol, meu médico. Logo estarão aqui.

Fields dirigiu-se ao tablado baixo que ocupava o centro da sala e observou o intrincado mecanismo que lá estava, com um interesse curioso. A parte da frente estava encerrada em brilhante alumínio deixando expostos apenas seis fileiras de brilhantes botões pretos acima e cinco grandes pedais abaixo. Atrás, porém, estava aberto, e lá dentro, cruzavam-se e recruzavam-se fios sucessivamente mais finos em padrões incrivelmente complicados.

- Coisa curiosa, esta - observou o terráqueo.

O marciano juntou-se a ele, no tablado. - É um instrumento caro. Custou-me dez mil créditos marcianos.

- Como funciona?

- Não muito diversamente de um piano terrestre. Cada um dos botões superiores controla um circuito elétrico diferente. Separada e conjuntamente, um tocador hábil de portwem pode, manipulando os botões, formar qualquer padrão imaginário de correntes elétricas. Os pedais abaixo controlam a intensidade da corrente.

Fields assentiu, absorto, e passou os dedos sobre os botões a esmo. Por acaso, notou um pequeno galvanômetro localizado acima das teclas, saltando violentamente cada vez que tocava um botão. Além disso nada percebia.

- O instrumento está realmente tocando?

O marciano sorriu. - Sim, está. É um conjunto de acordes inacreditavelmente distorcidos, por sinal.

Sentou-se diante do instrumento e com um murmúrio de -Veja como se faz! - seus dedos deslizaram rápida e acuradamente sobre os brilhantes botões.

O som de uma aguda voz marciana gritando com acento estridente interrompeu-o, e Garth Jan parou, embaraçado. - É Novi Lon - disse apressadamente para Fields – como sempre não gosta do que toco.

Fields levantou-se para receber o recém-chegado. Andava encurvado, e evidentemente, era bem idoso. Finas rugas, especialmente perto dos olhos e boca, cobriam seu rosto.

- Então é este o jovem terráqueo - gritou num inglês carregado de sotaque. - Desaprovo sua rudeza, mas simpatizo com seu desejo de assistir a um portwem. É uma grande lástima que não possa ter nosso sentido por mais de cinco minutos. Sem isto, ninguém pode dizer que viveu.

Garth Jan riu-se. - Ele exagera, Lincoln. É um dos maiores músicos de Marte, e pensa que qualquer um que não assista a um portwem esteja condenado ao fogo do inferno.

- Abraçou-o amistosamente. - Foi meu professor, em minha juventude, e muitas foram as longas horas durante as quais esforçou-se por ensinar-me as corretas combinações de circuitos.

- E acabei falhando, seu jumento - replicou o velho marciano. Ouvi a tentativa de tocar, quando entrei. Ainda não apreendeu direito a combinação forrg ass. Estava profanando a memória do grande Bar Danin. Meu aluno! Bah! Uma desgraça!

A entrada do terceiro marciano, Done Vol, evitou que Novi Lon continuasse sua diatribe. Garth, contente com a interrupção, aproximou-se do médico, pressuroso.

- Está tudo pronto?

- Sim - rosnou Vol asperamente - e esta experiência, garanto, será particularmente desinteressante. Já sabe de todos os resultados. - Seus olhos caíram sobre o terráqueo, a quem observava com desprezo. É esse o que deseja ser inoculado?

Lincoln Fields assentiu, ansioso, e sentiu sua garganta e boca secarem, de súbito. Olhava para o médico inseguramente e sentia-se desconfortável com a vista de um frasco com um líquido claro e uma hipodérmica que o médico tirara da caixa que carregava.

- Que vai fazer? - perguntou.

- Ele simplesmente vai inoculá-lo; levará apenas um instante. Garth Jan o reconfortava. - Como sabe, os órgãos dos sentidos são grupos diversos de células no córtice cerebral. São ativadas por um hormônio, e usa-se uma preparação sintética dele para estimular as células dormentes de um eventual marciano que nasça, como que “cego”. Você receberá o mesmo tratamento.

- Ora! E os terrestres também possuem estas células do córtice?

- Num estado muito rudimentar. O hormônio concentrado as ativará, mas apenas por cinco minutos. Depois disto, serão literalmente queimadas como resultado de sua atividade forçada. E depois, não poderão ser reativadas em quaisquer circunstâncias.

Done Vol completou suas preparações finais e aproximou-se de Fields. Sem dizer palavra, Fields estendeu seu braço direito e a hipodérmica mergulhou nele.

Com a operação completada, o terráqueo esperou por um momento ou dois e tentou uma risada nervosa, forçada. - Não sinto nenhuma alteração.

- Não sentirá, por uns dez minutos - explicou Garth - leva algum tempo. Sente-se e relaxe. Novi Lon começou a “Canais do Deserto”, de Bar Danin; é a minha favorita; e quando o hormônio começar seu trabalho, você se encontrará envolvido, no meio de tudo.

Agora que o dado estava irrevogavelmente lançado, Fields encontrava-se solidamente calmo. Novi Lon tocava furiosamente, e Garth Jan, à direita do terráqueo, já estava absorvido pela composição. Mesmo Done Vol o implicante doutor, esquecera sua falta de educação por alguns instantes.

Fields riu-se, baixinho. Os marcianos prestavam toda a atenção, mas para ele a ante-sala estava desprovida de qualquer som e, quase, de qualquer outra sensação, também. O que... não; era impossível, claro, mas se fosse tudo uma elaboradíssima piada? Moveu-se, incomodado, e afastou a idéia de sua mente, já começando a irritar-se.

Os minutos passaram; os dedos de Novi Lon voavam; a expressão de Garth Jan era do mais irrestrito enlevo.

Então Lincoln Fields piscou os olhos rapidamente. Por um momento, um nimbo de cor parecia cercar o músico e seu instrumento. Não conseguia identificar direito - mas lá estava. Cresceu e espalhou-se até que a sala estava cheia. Outros tons juntaram-se a estes e mais outros.

Moviam-se e entrelaçavam-se; expandiam-se e contraíam-se; mudando com a velocidade do relâmpago, no entanto, permanecendo o mesmo. Disposições intrincadas de pontilhados brilhantes formavam e se dissipavam, martelando silenciosas erupções coloridas nos olhos daquele homem.

Simultaneamente, veio a impressão sonora. De um sussurro, cresceu para um clamor glorioso, retinindo, que oscilava por toda a escala em tremulações. Parecia estar ouvindo todos os instrumentos, do contrabaixo à viola a um só tempo, e, paradoxalmente, cada um soava em seu ouvido numa nitidez solitária.

E juntamente com isto, veio a sensação mais sutil do odor. Se uma suspeita, apenas um traço, dissolveu-se num fantasmagórico campo florido. Fragrâncias exoticamente delicadas seguiam umas às outras em sucessões cada vez mais fortes; em suaves bafejos de prazer.

E isto não era tudo. Fields sabia. De algum modo, ele sabia que o que via, ouvia, e cheirava eram meras ilusões - miragens de um cérebro que freneticamente tentava interpretar um conceito inteiramente novo segundo os caminhos velhos e familiares.

Gradualmente, as cores e os sons e as fragrâncias morreram. Seu cérebro começava a perceber que aquilo com que se deparava era algo até então não experimentado.

O efeito do hormônio tornou-se mais forte, e subitamente, numa rápida explosão, Fields percebeu o que estava sentindo.

Não, nem ouvia, nem cheirava, nem gostava, nem sentia. Ele sabia o que era, mas não podia pensar numa só palavra para aquilo. Devagar, percebeu que não havia palavra para aquilo. E ainda mais devagar percebeu que não havia nenhum conceito para aquilo.

Não obstante, sabia o que era.

O que atingia seu cérebro era algo que consistia de puras ondas de deleite; algo que o erguia acima de si mesmo e o mergulhava de cabeça num universo antes dele desconhecido. Estava caindo por uma infindável eternidade de... algo. Não era som ou visão mas era... algo. E que o envolvia e compunha seu ambiente; eis o que era. Era sem limites e infinito em sua variedade, e a cada esmagadora onda, vislumbrava um horizonte mais distante, e o maravilhoso manto de sensação tornou-se mais espesso, e suave, e belo.

Então, uma dissonância. Como uma pequena fenda, de início; maculando uma beleza perfeita. Então, espalhando-se e crescendo, até que, finalmente, despedaçou-se poderosamente, se bem que sem nenhum som.

Lincoln Fields, aturdido e assombrado, encontrou-se de novo na “sala de música”.

Saltou de pé e agarrou Garth Jan pelo braço, violentamente - Garth! Por que ele parou? Diga-lhe para continuar! Diga-lhe!

A expressão de incompreensão de Garth transformou-se em pesar. Ele ainda está tocando, Lincoln.

A expressão embriagada do terráqueo não indicava entender o que se passava. Olhou à volta, com um olhar vago. Os dedos de Novi Lon moviam-se sobre o teclado, tão ágeis quanto sempre; a expressão de sua face continuava absorta. Aos poucos, a verdade avultou-se, e os olhos vazios do terráqueo encheram-se de horror.

Sentou-se, soltando um grito rouco, e afundou a cabeça nas mãos.

Os cinco minutos haviam passado! Não haveria outros de novo!

Garth Jan estava sorrindo; um sorriso de assustadora malícia. - Eu lamentei há um momento, Lincoln, mas agora estou contente; estou contente! Você me forçou a isto.

Espero que esteja satisfeito, porque eu por certo que estou. Pelo resto de sua vida - sua voz caiu para um murmúrio sibilante - você se lembrará destes cinco minutos e saberá o que está perdendo - algo que nunca poderá reaver. Você está cego, Lincoln; cego!

O terráqueo ergueu um rosto transtornado e sorriu, mas era apenas uma horrível exibição dos próprios dentes. Custou-lhe toda parcela de força de vontade que possuía para manter alguma compostura.

Não tinha como falar. Com um passo incerto, saiu da sala, cabeça erguida até o fim.

E lá dentro, aquela vozinha amarga, repetia de novo, e de novo: Você entrou como um homem normal! E saiu cego - cego - CEGO!

***

O verão de 1939 foi cheio de dúvidas e incertezas, para mim.

Em junho, eu me havia graduado por Columbia, e obtido o grau de bacharel em ciências. Até aqui, muito bem. Porém, meu segundo “round” de tentativas para entrar para a escola de medicina falhou, como o primeiro. Para dizer a verdade, não tinha estado realmente ansioso para estudar medicina, e tinha tentado apenas meio convicto, mas ainda assim, fiquei abatido.

E o que fazer, agora? Não queria procurar algum emprego insignificante, mesmo se o encontrasse, de modo que tive de continuar com a escola. Estava me especializando em química, de modo que, não conseguindo a escola de medicina, o próximo passo natural era partir para meu grau de doutor, naquele campo.

A primeira questão era se eu poderia suportar isto, financeiramente. (Teria sido a primeira questão, igualmente, se eu tivesse entrado na escola de medicina.) O colégio já havia sido apertado em todos os anos, e meus pequenos rendimentos, pelo que escrevia, de $200 durante o último ano de escola, havia sido de considerável ajuda. Naturalmente, eu teria que continuar a escrever, e naturalmente, da mesma forma, minha depressão tornava esta tarefa muito difícil. Consegui escrever uma história naquele verão; chamava-se “Vida Antes do Nascimento” (“Life Before Birth”).

“Vida Antes do Nascimento” foi minha primeira tentativa de escrever algo diferente de ficção científica. Era do campo contíguo da fantasia (tão imaginosa quanto a ficção científica, mas sem a restrição de exigir plausidade científica).

A razão para a minha tentativa quanto a fantasia foi que no começo de 1939, Street &Smith começou a publicação de uma nova revista, Unknown (Desconhecido), da qual Campbell era editor.

Unknown cativou-me imediatamente. Apresentava historias que hoje são categorizadas como “fantasia para adultos”, e o estilo parecia, para meu eu de dezenove anos, ainda mais avançado e literário do que o de Astounding. Claro, eu queria desesperadamente colocar uma história nesta nova e maravilhosa revista.

“Vida Antes do Nascimento” era uma tentativa neste sentido, mas além do simples fato de que era uma fantasia, não me lembro de mais nada sobre isto. Foi apresentada a

Campbell a 11 de julho e estava de volta às minhas mãos, no dia dezenove. Nunca foi aceita, e não mais existe.

Agosto foi ainda pior. Toda a Europa abalou-se com a odiosa possibilidade da guerra, e a 19 de setembro, a Segunda Guerra Mundial começou com a invasão germânica da Polônia. Não conseguia fazer nada nesta época, senão escutar o rádio. Foi só a 11 de setembro que pude me acalmar o bastante para começar outra história, “Os Irmãos” (“The Brothers”).

Era ficção científica, e lembro-me que era a respeito de dois irmãos, um bom, e outro mau, e uma invenção científica que um, ou outro, estava construindo. A 5 de outubro, apresentei-a a Campbell, e a 11 de outubro, foi rejeitada. Também nunca foi publicada, e não mais existe.

Assim passou o verão, infrutiferamente, e agora tinha que me defrontar com outro problema. A Universidade de Columbia não estava com a menor pressa de me aceitar para pós-graduação. Pensavam que eu estava querendo me valer desta posição apenas como um meio de passar o tempo até que pudesse de novo tentar a escola de medicina.

Jurei que não era isto, mas minha posição era vulnerável, porque como estudante pré-médico não precisei fazer o curso de físico-química, e não o fizera. Esta matéria, porém, era necessária para a pós-graduação em química.

Persisti, e afinal a junta de admissões fez-me a seguinte sugestão: teria que seguir cursos de pós-graduação para um ano, e ao mesmo tempo teria que fazer físico-química e tirar ao menos um B. Se não conseguisse esta nota, teria de desistir, e os custos não seriam reembolsados.

Um dos membros da comissão contou-me, alguns anos mais tarde, que me foi oferecido isto na crença de que eu não aceitaria uma carga tão pesada. Porém, como eu nunca tivera problemas em passar de ano, nunca me ocorreu que um conjunto de exigências que meramente pedia de mim que eu fizesse certas matérias, seria algo contra mim.

Concordei, e quando ao fim do primeiro semestre haviam apenas três A”s em físico-química numa classe de sessenta, e eu era um deles, a prova fora vencida”.

Por volta de dezembro, estava afundado o bastante no trabalho de meu curso para certificar-me de que satisfaria todas as exigências de nota. A única incerteza que restava era financeira. Precisava voltar a escrever.

A 21 de dezembro, comecei “Homo Sol”, e completei-a a 19 de janeiro de 1940, dia anterior a meu vigésimo aniversário. Enviei a história a 4 de janeiro, e naquele dia, no escritório de Campbell, encontrei Theodore Sturgeon e L. Ron Hubbard, dois membros já estabelecidos do corpo estável de escritores de Campbell. (Hubbard, desde então, adquiriu fama mundial de outra forma, o criador dos cultos da Dianética e da Cientologia.)

Não há sinal, em meu diário, de qualquer desencorajamento, mas depois de um ano e meio de esforços assíduos, não conseguira vender a Campbell mais do que uma historia, das dezoito que havia escrito até então. Ele rejeitara oito histórias antes de comprar “Tendências”, e havia rejeitado sete histórias, depois disto. (Duas histórias, que vendi alhures, ele nunca viu e não teve chance de rejeitá-las. Se as tivesse visto, por certo que as rejeitaria.)

Um fator da falta de desencorajamento era inabalável interesse de Campbell. Enquanto ele não se cansasse de ler a minhas histórias e aconselhando-me a respeito delas tão simpaticamente, por que eu me cansaria escrevendo-as? Então, também, minhas vendas ocasionais a revistas outras que não Astounding (houvera seis delas) e, especialmente a abertura de um novo e atraente mercado na forma das revistas de Pohl, ajudaram-me a manter a moral elevada.

Para “Homo Sol”, minha décima-nona história, não houve rejeição imediata. De novo, Campbell pedia revisões. Precisei revisá-las duas vezes, mas não veio a ser outra “O Frei Negro da Chama”. A segunda revisão foi satisfatória, e a 17 de abril de 1940, recebi meu segundo cheque de Campbell (e, naquele tempo, meu sétimo cheque, ao todo). E mais, era de setenta e dois dólares, tendo a história 7.200 palavras, e foi o maior cheque que havia recebido por uma história, até aquela época.

Estranhamente, o que me lembro mais nitidamente sobre aquele cheque foi um incidente que teve lugar naquela noite, na doceria de meu pai, onde eu ainda trabalhava todo dia e onde deveria continuar trabalhando por mais dois anos. Um freguês ofendeu-se por eu ter esquecido de dizer “obrigado” depois de sua compra; um crime que eu frequentemente cometia porque de hábito estava trabalhando sem uma atenção consciente, mas estava me concentrando profundamente nas permutações de enredos que estavam ressoando vaziamente na caverna de meu crânio. O freguês resolvera repreender-me por minha óbvia desatenção e aparente falta de prestimosidade. “Meu filho”, disse ele, “ganhou cinqüenta dólares com trabalho duro, na última semana. O que faz para viver?”

“Escrevo”, respondi, “e ganhei isto por uma história, hoje”, e segurei o cheque para que ele pudesse ver.

Foi um momento muito compensador.

9

HOMO SOL

A sétima milésima qüinquagésima quarta sessão do Congresso Galáctico estava em reunião solene no vasto salão semicircular de Eon, segundo planeta de Arcturus.

Lentamente, o presidente ergueu-se de pé. Seu amplo porte Arcturiano demonstrou leve excitação ao observar os delegados circunstantes. Seu senso do dramático fazia-lhe interromper-se por um momento antes de fazer o anúncio oficial pois, afinal, a entrada de um novo sistema planetário na grande família galáctica não é algo provável de acontecer sequer uma vez durante toda a vida de um homem.

Um silêncio tumular prevaleceu ao longo daquela pausa. Os duzentos e oitenta e oito delegados; um de cada dos duzentos e oitenta e oito do mundo do Sistema, com atmosfera de oxigênio e química à base de água esperavam pacientemente que ele falasse.

Seres de tipo e forma humanos estavam ali. Alguns eram altos e magros, outros baixos e gordos, outros largos e fortes. Havia aqueles com cabelo longo e duro, outros com uma pelagem cinza esparsa cobrindo a cabeça e o rosto, outros com cachos grossos e loiros voltados para cima, e ainda outros inteiramente carecas. Alguns possuíam longas orelhas em forma de trombeta, longas e cobertas de pêlos; outros tinham as membranas do tímpano no nível de suas têmporas. Havia aqueles, presentes, com grandes olhos de gazela com uma luminosidade púrpura, outros com olhos pequenos, como pontos negros. Havia um delegado com pele verde, outro com uma tromba de vinte centímetros, e outro com vestígios de cauda. Internamente, a variação era quase infinita.

Mas eram todos semelhantes em duas coisas.

Eram todos humanóides. Todos tinham inteligência.

A voz do delegado presidente ressoou, então: - Delegados! O sistema do Sol descobriu o segredo da viagem interestelar, e, por esse ato, torna-se elegível para entrada na Federação Galáctica.

Uma tempestade de gritos de aprovação ergueu-se dos presentes, e o arcturiano ergueu a mão, pedindo silêncio.

- Tenho aqui - continuou - o relatório oficial de Alfa Centauri, em cujo quinto planeta os humanóides do Sol desceram. O relatório é inteiramente satisfatório, de modo que a proibição de viagens e comunicações com o sistema solar está cancelada. O Sol está livre, e aberto às naves da Federação. Agora mesmo, há uma expedição do Sol em preparação, sob a liderança de Joselin Arn, de Alfa Centauri, para entregar àquele sistema o convite formal para a Federação.

Interrompeu-se, e de duzentas e oitenta e oito gargantas veio o grito:

- Viva Homo Sol! Homo Sol! Viva!

Eram as boas-vindas tradicionais da Federação, para todos os novos mundos.

Tan Porus ergueu-se a toda sua altura de um metro e setenta - era alto, para um rigueliano - e seus olhos argutos, verdes, demonstravam irritação.

- Veja só, Lo-fan. Por seis meses aquele polvo esquisito de Beta Draconis IV tem me ludibriado...

Lo-fan passou um longo dedo em sua testa e uma orelha cabeluda torceu-se diversas vezes. Havia viajado oitenta e cinco anos-luz para estar aqui em Arcturus II com o maior psicólogo da Federação; e, mais especificamente, para ver este estranho molusco cujas reações haviam desconcertado o grande rigueliano.

Via-o agora: uma massa vermelho escuro, macia, de carne macia que retorcia sua forma tentacular numa plácida despreocupação dentro do grande tanque que o abrigava.

Com inabalável serenidade, alimentava-se de uma verdejante cultura subaquática.

- Parece comum o bastante - disse Lo-fan.

- Há! - retorquiu Tan Porus. - Veja isto.

Puxou a cortina e mergulhou a sala na escuridão. Apenas uma fraca luz azul brilhou sobre o tanque, e na penumbra, o polvo draconiano mal podia ser discernido.

- Aqui vai o estímulo - resmungou Porus. - A tela acima de sua cabeça acendeu-se em luz verde suave, enfocada diretamente acima do tanque. Persistiu por um momento e deu lugar a um vermelho pálido e então quase de imediato a um amarelo brilhante. Por meio minuto, disparou irregularmente por todo o espectro e então, com um clarão final de branco brilhante, soando um tom de sino.

Morrendo os ecos da nota, um tremor perpassou o corpo do polvo. Relaxou e mergulhou devagar ao fundo do tanque.

Porus puxou de lado a cortina. - Completamente adormecido - falou, baixinho. - Ainda não falhou. Todo o espécime que tivemos cai como morto na hora em que essa nota soa.

- Dormindo, hein? Estranho. Tem os valores dos estímulos?

- Certamente! Bem aqui. Os comprimentos de onda exatos das luzes estão listados, mais a duração de cada unidade luminosa, mais a freqüência exata da nota que soa ao fim.

O outro pesquisou os números, desconfiado. Sua testa enrugou-se e suas orelhas ergueram-se, com a surpresa. De um bolso interior, tirou uma régua de cálculo.

- Que tipo de sistema nervoso tem o animal?

- Dois-B. Puro e simples, e ordinário 2-B. Fiz os anatomistas, fisiologistas, e ecologistas verificarem até que ficassem com o rosto azul. 2-B é tudo o que descobrem.

Loucos idiotas!

Lo-fan nada disse, mas empurrou a regueta para a frente e para trás cuidadosamente. Parou e olhou mais atentamente, deu de ombros e apanhou um dos grandes volumes na estante acima de sua cabeça. Folheou as páginas e tirou alguns números, dentre as letras pequenas. De novo, à régua de cálculo.

Finalmente, parou. - Não faz sentido - disse, desanimado.

- Sei disso! Tentei seis vezes, de seis modos diferentes, explicar essa reação; e falhei a cada vez. Mesmo se estabeleço um sistema que explique seu adormecimento, não posso explicar a especificidade do estímulo.

- Ele é altamente específico? -perguntou Lo-fan, com a voz alcançando os tons mais elevados.

- É essa a pior parte - quase gritou Tan Porus. Inclinou-se para a frente e deu um tapinha no joelho do outro. - Se você altera o comprimento de onda de qualquer das unidades de luz de cinqüenta Angstrons em qualquer direção, qualquer, ele não dorme. Desloque-se a duração de uma unidade luminosa dois segundos em qualquer direção... e

não dorme. Desloque a freqüência do tom num extremo de uma oitava em qualquer direção... e não dormirá. Mas, consiga a combinação correta, e logo entra em coma.

As orelhas de Lo-fan eram duas trombetas peludas, eretas. - Galáxia! - comentou. - Como descobriu a combinação?

- Não descobri. Aconteceu em Beta Draconis. Algum colégio de terceira estava dando um curso de laboratório para seus calouros, sobre reações à luz e som de moluscóides, e o fazia há anos. Algum aluno faz suas combinações de luz e som e este maldito espécime põe-se a dormir. Naturalmente, assustou-se, e apresentou o caso ao professor.

Este, tentou-o com outro polvo, que também foi dormir. Alteram a combinação... e nada acontece. Voltam à original... e dorme. Depois de terem brincado bastante com a coisa para se convencerem que não conseguiam nada, enviaram-no para Arcturus, justo para mim. Há seis meses que não durmo direito.

Uma nota musical soou e Porus voltou-se, impaciente.

- Que é?

Mensagem do delegado presidente do Congresso, senhor - veio a resposta em som metálico, pelo televisor sobre sua mesa.

- Mande-o para cá.

O mensageiro ficou apenas o bastante para entregar a Porus um envelope selado de aspecto impressionante, e disse, mais alegre: - Grandes novas, senhor. O sistema do Sol qualificou-se para admissão.

- E daí? - grunhiu Porus, baixinho, quando o outro saiu. - Todos sabíamos que acabaria acontecendo.

Rasgou o envoltório exterior de cellofibra do envelope, e removeu um maço de folhas lá de dentro. Folheou-as e fez uma careta.

- Ora,por Rigel!

- Que há de errado? - perguntou Lo-fan.

- Estes políticos ficam me incomodando com as coisas mais inconseqüentes. Como se não houvesse outro psicólogo em Eron. Veja! Estivemos esperando que o sistema solariano resolvesse o princípio do hiperátomo a qualquer século, agora. Finalmente o fizeram e uma expedição deles desceu em Alfa Centauri. Imediatamente,

dia de festa para os políticos! Devemos enviar uma expedição nossa para convidá-los a se reunirem à Federação. E, claro, devemos ter um psicólogo para convidá-los de modo a que tenham a reação certa, porque, na verdade, não há ninguém nas forças armadas que tenha um treinamento adequado em psicologia.

Lo-fan concordou, sério. - Eu sei, eu sei. Temos também os mesmos problemas. Não precisam da psicologia, até que arranjam uma enrascada, e então vêm correndo.

- Bem, é claro que eu não vou ao Sol. Este polvo dorminhoco é importante demais para deixar de lado. De qualquer modo, é um trabalho de rotina, esse, de angariar novos mundos; uma reação tipo A que qualquer idiota pode controlar.

- A quem mandará?

- Não sei. Tem muitos principiantes excelentes meus subordinados que podem fazer este tipo de coisa de olhos fechados. Mandarei um deles. Enquanto isso, vou encontrá-lo amanhã na faculdade, não?

- Sim, e poderá ouvir-me, também. vou fazer uma preleção sobre o estímulo do tato no dedo.

- Ótimo! Já trabalhei com isso, de modo que estarei interessado em ouvir o que tem a dizer. Até amanhã, então.

Deixado a sós, Porus voltou mais uma vez ao relatório oficial sobre o sistema solariano, que o mensageiro lhe havia entregue. Folheou-o descuidadamente, sem nenhum interesse particular, e finalmente colocou-o de lado, com um suspiro.

- Lor Haridin poderia fazê-lo - resmungava sozinho. - É um bom menino, e merece uma folga.

Ergueu seu pequeno vulto da cadeira, e, com o relatório embaixo do braço, deixou seu escritório e foi-se pelo longo corredor, do lado de fora. Ao parar diante de uma porta no outro extremo, uma luz piscou e uma voz lá dentro pediu-lhe que entrasse.

O rigueliano abriu a porta e pôs a cabeça para dentro. - Ocupado, Haridin?

Lor Haridin olhou para cima, e ficou de pé na hora. - Pelo grande espaço, chefe, claro que não! Não tenho tido nada para fazer desde que acabei o trabalho sobre reações de cólera. Talvez teria alguma coisa para mim?

- Tenho; se pensa que gostaria de fazê-lo. Já ouviu falar do sistema solariano, não?

- Claro! Os visores só falam dele. Conseguiram a viagem interestelar, não é isso?

- Isso mesmo. Uma expedição sairá de Alfa Centauri para o Sol em um mês. Precisarão de um psicólogo para ajudar o trabalho, e eu estava pensando em enviá-lo.

O jovem cientista enrubesceu de prazer, até o topo de sua cabeça careca. - Está falando sério, chefe?

- Por que não? Isto é... se você pensa que pode fazê-lo.

- Claro que posso - Haridin empertigou-se, quase ofendido. - Reação tipo A! Não posso falhar.

- Precisa aprender a língua deles, você sabe, e a administrar o estímulo na língua solariana. Nem sempre é coisa fácil.

Haridin deu de ombros. - Mesmo assim, não há o que errar. Num caso como este, a tradução precisa ter eficiência de apenas setenta e cinco por cento para 99,6% do resultado desejado. Foi um dos problemas que tive de resolver para meu exame de qualificação. De modo que isso não me assusta.

Porus riu-se. - Está bem, Haridin, eu sei que você pode. Pegue as coisas que precisar aqui da universidade e assine os papéis para ausência por tempo indefinido.

E se puder, Haridin, escreva algum trabalho sobre esses solarianos. Na pior das hipóteses, pode ganhar alguma promoção com ele.

O psicólogo “júnior”hesitou. - Mas, chefe, isso é coisa velha; as reações humanóides são tão conhecidas quanto... quanto...Não dá para escrever nada sobre eles.

- Há sempre algo, se observar bastante, Haridin. Nada é completamente conhecido; não esqueça. Se olhar na página 25 do relatório, por exemplo, verá um item que se refere ao cuidado com que os solarianos se armaram, ao deixar a nave deles.

- O outro achou a página indicada. - É razoável - disse. - Reação inteiramente normal.

- Certamente. Mas insistiram em conservar suas armas durante toda sua estadia, mesmo quando foram saudados e bem-vindos por humanóides amigáveis. Isso é um desvio bem perceptível do normal. Investigue - talvez valha a pena.

- Como quiser, chefe. Obrigado pela oportunidade que está me dando. E diga-me; como está indo o polvo?

Porus franziu o nariz. - Minha sexta tentativa morreu ontem. É revoltante. - E com isto, foi-se.

Tan Porus, de Rigel, tremia de raiva ao dobrar o maço de papéis que segurava, em dois, e rasgá-los. Ligou o televisor com um golpe brusco.

- Ligue-me com Santins do departamento de matemática, imediatamente - falou, ríspido.

Seus olhos verdes disparavam fogo para a figura plácida que apareceu no visor quase no mesmo instante. Brandiu o dedo para a tela.

- Por Eron, qual é a intenção dessa análise que me enviou, sua minhoca da lama de Betelgeuse?

As sobrancelhas do outro ergueram-se, em completa surpresa. - Não me acuse, Porus. São suas equações, não minhas. Onde as arranjou?

- Não se preocupe com isso. É coisa do departamento de psicologia.

- Está bem! E resolvê-las é coisa do departamento de matemática. É a sétima série das equações mais esquisitas que já vi. Pior ainda. Você fez dezessete hipóteses que não tinha direito de fazer. Levamos duas semanas para ajustar tudo, e chegamos a...

Porus sobressaltou-se, aqui. - Sei ao que chegaram. Simplesmente rasguei as folhas. Tomaram dezoito variáveis independentes em vinte equações, representando dois meses de trabalho, e resolveram-nas ao fim da última página, com aquela gema da sabedoria oracular: “a” é igual a “a”. Todo esse trabalho, e o que consigo é uma identidade.

- Mesmo assim, não é culpa minha, Porus. Você argumenta em círculos, e em matemática, isso significa uma identidade, e não há nada que se possa fazer para evitá-lo.

- Tentou um sorriso: - O que está procurando, afinal? a é realmente igual a a, não?

- Ora, cale a boca! - O televisor foi desligado, e o psicólogo apertou os lábios e fervia por dentro. O sinal luminoso acima do televisor acendeu-se de novo.

- O que quer agora?

Era a voz calma e impessoal do recepcionista que lhe respondeu: Mensageiro do governo, senhor.

- Ao inferno o governo! Diga-lhe que morri.

- É importante, senhor. Lor Haridin voltou de Sol e quer vê-lo. Porus alterou a voz. - Sol? Que Sol? Ah, lembro-me. Mande-o para cá, mas diga-lhe para ser rápido.

- Entre, Haridin - dizia um pouco depois, já mais calmo, quando entrava o jovem arcturiano, o semblante um pouco mais cansado do que há seis meses quando deixara o sistema arcturiano.

- Bem, meu jovem, escreveu aquele trabalho?

O arcturiano olhava para suas unhas. - Não, senhor!

- Por que não? - Os olhos de Porus perscrutavam o interlocutor. Não me diga que teve problemas.

- Bastante, chefe. - As palavras saíam-lhe com dificuldade. - A própria comissão psicológica mandou-me vê-lo, depois de ouvir meu relatório. O fato é que o sistema solariano ré... recusou-se unir-se à Federação.

Tan Porus pulou da cadeira como um boneco de mola e por acaso é que não caiu no chão.

- O quê?

Haridin assentiu com a cabeça, e limpou a garganta.

- Vamos, pela Grande Nebulosa Negra - praguejou o rigueliano, abalado - não é um belo dia este? Primeiro, dizem-me que “a” é igual a “a”, e então você vem e diz que não acertou com uma reação tipo A - fracassou completamente!

O psicólogo júnior retrucou: - Não falhei. Há algo errado com os próprios solarianos. Não são normais. Quando aterrissei, eles caíram sobre nós. Houve uma fantástica celebração - totalmente irrestrita. Nada era suficientemente bom para nós. Entreguei o convite perante o parlamento deles e na língua deles mesmos - uma língua simples, que eles chamam Esperanto. Aposto minha vida como minha tradução era 95% perfeita.

- Bem? E então?

- Não consigo entender o resto, chefe. Primeiro, houve uma reação neutra, e fiquei um pouco surpreso, e então - estremeceu com o retrospecto - em sete dias apenas;

apenas sete dias, chefe, todo o planeta mudou completamente. Não pude acompanhar a psicologia deles, nem de perto, nem de longe. Trouxe de volta cópias dos jornais deles, onde objetam juntar-se a “monstruosidades alienígenas”, e recusavam-se a serem “governados por não-humanos de mundos a parsecs de distância”. Pergunto-lhe se isso faz sentido.

- E foi apenas o começo. Foi muitos anos-luz pior que isso. Ora, pela boa Galáxia, passei por todas as reações tipo G, tentando entendê-los, e não pude. Ao fim tivemos de partir. Estávamos em real perigo físico por causa daqueles... terráqueos, como chamam a si mesmos.

Tan Porus mordeu o lábio um pouco. - Interessante! Tem seu relatório consigo?

- Não. Está com a comissão psicológica. Estão repassando-o minuciosamente todo o dia.

- E o que dizem?

O jovem arcturiano vacilou. - Não o dizem abertamente, mas deixam uma forte impressão de que pensam que o relatório não é exato.

- Bem, eu decidirei sobre isso, depois de lê-lo. Enquanto isso, venha comigo ao Parlamento, e você poderá me responder algumas perguntas, a caminho.

Joselin Arn, de Alfa Centauri, coçava as mandíbulas barbudas, com sua mão de seis dedos, e olhava sob órbitas proeminentes e semicírculo de faces diversas que olhavam para ele. O quadro de psicólogos era composto de psicólogos de uma variedade de mundos, e seus olhares, não era a coisa mais fácil do mundo de se enfrentar.

- Fomos informados - começou Frian Obel, chefe da comissão e nativo de Vega, berço dos homens de pele verde - que aquelas seções do relatório concernentes ao estado militar de Sol são de sua autoria.

Joselin Arn inclinou a cabeça, numa concordância silenciosa.

- E está pronto a confirmar o que afirmou aqui, a despeito de sua improbabilidade inerente? Você não é um psicólogo, sabe?

- Não! Mas sou um soldado! - Os maxilares do centauriano moviam-se teimosamente, enquanto sua voz grave reboava por todo o salão. Não conheço equações, nem gráficos, mas espaçonaves eu conheço. Vi as deles, e comparei com as nossas, e as deles são melhores. Vi sua primeira nave interestelar. Dêem-lhes cem anos e terão melhores motores hiperatômicos do que nós. Vi suas armas. Têm quase tudo o

que temos, num estágio de sua história milênios antes de nós. O que eles ainda não têm, virão a ter, e logo. O que já têm, aperfeiçoarão.

- Vi suas fábricas de munições. Vi seus soldados - e preferiria lutar com eles do que contra eles.

- Disse tudo isso no relatório; digo-o de novo agora.

Suas frases bruscas terminaram, e Frian Obel esperou que o murmúrio dos homens à sua volta cessasse.

- E o resto de sua ciência; medicina, química, física? Como estão?

- Não sou o melhor juiz para essas coisas. Vocês têm o relatório daqueles que as conhecem, porém, e tanto quanto eu sei, eu os endosso.

- E mesmo assim, esses solarianos são humanóides verdadeiros?

- Pelos mundos à volta de Centaurus, sim!

O velho cientista reclinou-se com um gesto enfadado, e lançou um olhar pela mesa, de cima a baixo.

- Colegas - disse - fazemos pouco progresso repassando este amontoado de impossibilidades. Temos uma raça de humanóides com dotes tecnológicos superlativos; possuindo ao mesmo tempo uma crença intrinsecamente anticientífica em forças sobrenaturais, uma predileção incrivelmente infantil pela individualidade, tanto singularmente quanto em grupos, e, pior de tudo, falta de visão suficiente para abarcar uma cultura galáctica.

Olhou para o centauriano, de frente a ele.

- Tal raça deve existir, se acreditamos no informe, e os axiomas fundamentais da psicologia devem ruir. Mas, eu, pessoalmente, recuso-me a acreditar nisso, para ser vulgar, um gás de cometa. É claramente um caso de incompetência, a ser investigado pelas autoridades adequadas. Espero que todos concordem comigo quando digo que este informe seja lançado fora e que uma segunda expedição liderada por um especialista no assunto, e não por um inexperiente psicólogo júnior, ou um soldado...

O som da voz do cientista foi abafado subitamente pelo golpear de um punho de aço contra a mesa. Joselin Arn, com seu corpanzil fuzilando de cólera, perdeu a compostura e deu vazão à sua fúria marcial.

- Agora, pelos filhotes de vermes de Templis, pelos vermes que rastejam e mosquitos que voam, pelas latrinas e lugares infestados, e pela própria morte

encapuçada, não permitirei isto. Vão ficar aí sentados com suas teorias e sua milenar sabedoria e negar o que eu vi com meus próprios olhos? Será que meus olhos - e estes lançavam fogo enquanto falava - negarão a si mesmos apenas por causa de alguns rabiscos que suas mãos paralíticas garatujaram no papel?

- Para o núcleo de Centaurus com esses sábios de poltrona, é o que digo, e os psicólogos em primeiro lugar. Explodam com esses homens que se enterram em seus livros e seus laboratórios e ficam cegos para o que acontece no mundo vivo lá fora. Psicologia, heim? Pútrida, fedorenta...

Alguém batendo em seu cinto fez com que se virasse, olhos arregalados, punhos fechados. Por um momento, olhou em volta, em vão. Então, olhando para baixo, encontrou-se com os olhos verdes enigmáticos de um pigmeu, cujo olhar fixo parecia afogar sua ira com água gelada.

- Eu o conheço, Joselin Arn - disse Tan Porus, devagar, escolhendo suas palavras com todo cuidado. - É um bravo homem e bom soldado, mas vejo que não gosta de psicólogos.

E você está errado nisso, pois é sobre a psicologia que repousa o sucesso político da Federação. Elimine-a e nossa União desmorona, nossa grande Federação derrete-se, o sistema galático fica em pedaços. - Sua voz desceu para algo mais melodioso. - Você jurou defender o sistema contra todos os seus inimigos, Joselin Arn; e você mesmo agora se tornou seu pior inimigo. Você ataca seus alicerces. Está roendo suas raízes. Envenena sua fonte. Está desonrado. Em desgraça. Você é um traidor.

O soldado centauriano abanava a cabeça, inerme. Enquanto Porus falava, um profundo e amargo remorso o invadia. A lembrança de suas palavras de poucos momentos antes pesava em sua consciência. Quando o psicólogo acabou, Arn abaixou a cabeça e chorou. As lágrimas desciam por aquelas faces enrugadas, marcadas pela guerra, lágrimas que ele não tinha já havia quarenta anos.

Porus falou de novo, e desta vez sua voz trovejava: - Acabe com essa choradeira, seu covarde. O perigo está perto. Homens a postos! Joselin Arn despertou, e o arrependimento que há um momento o dominava, foi-se como se nunca tivesse existido.

A sala sacudia com as risadas e o soldado percebeu a situação. Fora modo de Porus puni-lo. com seu conhecimento completo das entradas e saídas tortuosas da mente humana, apenas precisava tocar no botão certo e. ..

O centauriano mordeu o lábio, embaraçado, mas nada disse.

Mas o próprio Tan Porus não riu. Provocar o soldado era uma coisa; humilhá-lo, era bem outra. com um pulo, estava sobre a cadeira e pousou sua mão pequena sobre o ombro maciço dele.

- Não se ofenda, amigo; foi uma pequena lição; apenas isso. Lute contra os sub-humanóides e os ambientes hostis de cinqüenta mundos. Desafie o espaço numa nave arruinada.

Desafie os perigos que quiser. Mas nunca, nunca ofenda um psicólogo. Ele poderá irritar-se realmente da próxima vez.

Arn inclinou a cabeça para trás e gargalhou, ruidosa e aliviadamente e abalou o salão com seu vigor de terremoto.

- Seu conselho é bem-vindo, psicólogo. Pode me queimar com um átomo, se não sei que está certo. - E saiu do salão com seus ombros ainda agitados pela risada abafada.

Porus pulou da cadeira e encarou a comissão.

- É uma interessante raça de humanóides, essa que encontramos, colegas.

- Ah - disse Obel, secamente - o grande Porus sente-se impelido a vir em defesa de seu pupilo. Sua digestão parece ter melhorado, desde que se sente capaz de engolir o informe de Haridin.

Haridin, de pé, cabisbaixo, a um canto, enrubesceu, enfurecido, mas não se moveu.

Porus enrugou a testa, mas sua voz não se alterou. - Sim, e se analisamos corretamente o relatório, pode-se originar uma revolução científica. É uma mina de ouro psicológica; é o Homo Sol, o achado do milênio.

- Seja específico, Tan Porus - alguém interrompeu. - Seus truques estão bem para um cabeça dura de Centaurus, mas a nós você não engana.

O fogoso rigueliano exteriorizou um pouco de sua irritação. Brandiu um pequeno punho na direção do que falou.

- Serei mais específico, Inar Tubal, seu peludo percevejo do espaço.

- A prudência e a irritação travavam uma batalha dentro dele. - Existe mais num humanóide do que vocês pensam; certamente mais do que vocês, aleijados mentais podem entender. Só para mostrar o quanto vocês não sabem, seu ressecado bando de fósseis, vou pôr-me a mostrar-lhes um pouco de psicotecnologia que vai revirar-lhes as entranhas. Pânico, idiotas, pânico! Pânico mundial!

Houve um horrível silêncio. - Você disse pânico mundial? - gaguejou Frian Obel, com sua pele verde tornando-se cinza. - Pânico?

- Sim, seu papagaio. Dê-me seis meses e cinqüenta assistentes e lhes mostrarei um mundo de humanóides em pânico.

Obel tentava inutilmente responder. Sua boca fazia uma heróica tentativa para permanecer séria, e falhou. Como a um sinal, toda a comissão esqueceu a dignidade e caiu para trás numa única explosão de gargalhadas.

- Eu me lembro - disse Inar Tubal, de Sirius, quase engasgando, seu rosto riscado de lágrimas de tanto rir - de um aluno meu que uma vez disse ter descoberto um estímulo que induziria pânico mundial. Quando conferi seus resultados, descobri um expoente com uma casa decimal errada. Estava a dez ordens de magnitude fora do objetivo. Quantas casas decimais você errou, colega Porus?

- E a lei de Kraut, Porus, que diz que não se pode deixar em pânico mais de cinco humanóides de uma só vez? Deveremos editar uma resolução revogando-a? E talvez também a teoria atômica, para aproveitar o embalo?

- E Semper Gor, de Capella, ria, divertido.

Porus subiu à mesa e agarrou o martelinho de Obel. - O próximo que rir vai levar isto em sua cabeça vazia. - Houve um rápido silêncio.

- Vou levar cinqüenta assistentes - gritou o rigueliano - e Joselin Arn vai me levar ao Sol. Quero que cinco de vocês me acompanhem: Inar Tubal; Semper Gor e quaisquer outros três; assim poderei ver suas caras estúpidas quando eu tiver feito o que disse. - Sopesou o martelo, ameaçador. - Bem?...

Frian Obel olhava placidamente para o teto. - Está bem, Porus. Tubal, Gor, Helvin, Prat e Winson podem ir com você. E ao fim do tempo especificado, testemunharemos um pânico planetário, o que será muito interessante, ou veremos você se retratar, o que também será muito interessante. - E com estas palavras, ria-se, por dentro.

Tan Porus olhava, meditativo, pela janela. Terrápolis, capital da Terra, espalhava-se sob ele até os limites do horizonte. Seu ruído surdo chegava até a altura de quinhentos metros, onde estava.

Havia algo sobre aquela cidade, invisível e intangível, mas não menos real. Sua presença era bem evidente para o pequeno psicólogo. O manto asfixiante de um medo úmido que se espalhava pela metrópole lá embaixo, fora tecido por ele mesmo - um terrível manto de obscura incerteza, que se agarrava com unhas e dentes aos corações da humanidade e parava perto, bem perto, de um pânico declarado.

O bramido da cidade continha vozes, e as vozes eram do medo.

O rigueliano virou-se, descontente. - Ei, Haridin - rugiu.

O arcturiano afastou-se do televisor. - Chamou-me, chefe?

- Que pensa que estou fazendo? Falando sozinho? Quais são as notícias da Ásia?

- Nada de novo. Os estímulos ainda não são fortes o bastante. Os amarelos parecem de disposição mais estável que os brancos dominantes, da América e Europa. Mandei ordens para não aumentarem os estímulos, porém.

- Isso mesmo, não devem - concordou Porus. - Não podemos arriscar um pânico ativo. Ruminou em silêncio. - Escute, estamos quase acabando. Mande-os atingir umas poucas cidades grandes; são mais suscetíveis; e que voltem.

Voltou-se para a janela, de novo. - Pelo Espaço! Que mundo! Que mundo! Todo um novo ramo da psicologia se abriu; um nunca imaginado. Psicologia das massas, Haridin, Psicologia das massas. - E abanava a cabeça, impressionado.

- Há muito sofrimento, porém, chefe - falou em voz baixa o mais velho. - Este pânico passivo paralisou completamente o comércio e os negócios. A vida comercial do planeta está completamente estagnada. O nobre governo está indefeso - não sabem o que está errado.

- Descobrirão, quando eu achar conveniente. E quanto ao sofrimento bem; não gosto disso também, mas é apenas um meio para um fim, um fim terrivelmente importante.

Seguiu-se um curto silêncio, e então a boca de Porus torceu-se num sorriso irônico. - Aqueles cinco incompetentes voltaram da Europa ontem, não?

Haridin sorriu. - Sim! E mancando! Suas previsões se verificaram ate a quinta casa decimal. Está tudo como prevíramos.

- Ótimo! Só lamento não ver a cara de Obel agora, depois da última mensagem que lhe enviei. E, a propósito - sua voz abaixou - quais são as novas sobre eles?

Haridin ergueu dois dedos. - Duas semanas, e estarão aqui.

- Duas semanas... duas semanas - remoeu Porus, jubilante. Levantou-se e foi para a porta. - Creio que vou ao encontro de meus caríssimos colegas para passar com eles o resto do dia.

Os cinco cientistas da comissão ergueram as cabeças de suas anotações e caíram num embaraçado silêncio, quando Porus entrou.

Este sorriu demoniacamente. - Suas notas são satisfatórias, cavalheiros? Sem dúvida, devem ter encontrado umas cinqüenta ou sessenta falácias em minhas hipóteses fundamentais, não?

Hybron Prat De Alfa Cefeu coçava a confusa massa cinzenta que ele chamava de cabelo. - Não confio nos truques heréticos que esta sua notação matemática maluca pode fazer.

O rigueliano emitiu uma risada curta. - Inventa uma melhor, então. Até agora, tem sido um bom trabalho de controlar reações, não acham?

Houve um coro pouco musical de limpeza de gargantas, mas nenhuma resposta definida.

- Não acham? - disse Porus, retumbante.

- Bem, se foi - retrucou Kim Winson, exasperado - onde está o pânico? Tudo está muito bem. Estes humanóides são aberrações cósmicas, mas onde está o grande espetáculo que você ia nos mostrar? Até que quebre a Lei de Kraut, toda esta exibição não vale um micro-meteorito.

- Vocês estão vencidos, cavalheiros, estão vencidos - cacarejou o psicólogo anão. - Provei minha tese - este pânico passivo é tão impossível, de acordo com a psicologia clássica, quanto a forma ativa. Estão tentando negar os fatos e salvar a cara agora, agarrando-se a minúcias técnicas. Vão para casa, senhores; vão para casa e escondam-se sob a cama.

Os psicólogos são apenas humanos. Podem analisar os motivos que os guiam, mas são escravos desses mesmos motivos, assim como o mais comum dos mortais. Esses psicólogos, famosos por toda a galáxia, sofrem sob o chicote do orgulho ferido e

vaidades destruídas, e sua obstinada teimosia é a reação mecânica que daí deriva. Sabiam disto e sabiam que Porus sabia o mesmo e era o que tornava tudo mais difícil.

Inar Tubal observou, com seus olhos avermelhados, irritados. - Pânico ativo, ou nada, Tan Porus. Foi o que você prometeu, e é o que queremos. Queremos sua promessa literalmente, ou vamos pôr a boca no mundo. Pânico ativo, ou relataremos seu fracasso!

Porus estava estufado de raiva, e, com um tremendo esforço, falou, calmamente: - Sejam razoáveis, cavalheiros; não temos equipamento para controlar um pânico ativo. Nunca encontramos esta forma monstruosa que eles têm aqui na Terra. E se sair de controle? - Abanava a cabeça energicamente.

- Isole-o, então - sugeriu Semper Gor. - Comece-o e dissipe-o. Faça todos os preparativos que quiser, mas faça-o!

- Se puder - grunhiu Hybron Prat.

Mas Tan Porus tinha seu ponto fraco. Seu humor frágil estava em cacos à sua volta. Sua língua ágil assolou a atmosfera e inundou o intragável psicólogo com ondas após ondas de blasfêmia concentrada.

- Seja como quiserem, cabeças de vácuo! Como quiserem, para o Espaço, todos vocês! - Estava sem fôlego. - Vamos iniciar aqui mesmo em Terrápolis, assim que os homens estiverem de volta. Mas é melhor que saiam de baixo.

E com um último olhar de desprezo, marchou para fora da sala.

Tan Porus separou as cortinas com um gesto da mão, e os cinco psicólogos à sua frente evitaram seus olhos. As ruas da capital da Terra estavam desertas da população civil. A marcha cadenciada dos militares patrulhando as estradas da cidade soava como uma marcha fúnebre. O céu de inverno estava baixo, sobre um cenário de corpos esparsos... e o silêncio; o silêncio que se segue a uma orgia de desvairada destruição.

- Foi muito arriscado, por algumas horas, colegas - a voz de Porus estava cansada. - Se tivesse ultrapassado os limites da cidade, nunca poderíamos tê-lo interrompido.

- Horrível! Horrível! - murmurava Hybron Prat. - Foi uma cena que faria um psicólogo dar seu braço direito para assistir... e sua vida para esquecer.

- E, no entanto, são humanóides! - falava Kin Winson.

Semper Gor ergueu-se, em repentina decisão. - Vê a significação disto, Porus? Estes terráqueos são simplesmente atomite descontrolada. Não podem ser manipulados.

Se fossem duas vezes os gênios tecnológicos que são, seriam inúteis. com sua psicologia de massas, pânico em massa, seu superemocionalismo, simplesmente não se enquadram na definição humanóide.

Porus ergueu os sobrolhos. - Ora, gases de cometa! Individualmente, somos tão emotivos como eles. Eles transportam isto para a ação coletiva, e nós não; é a única diferença.

- E é o bastante! - exclamou Tubal. - Já nos decidimos, Porus. Tomamos a decisão, no ponto máximo da... do... daquilo. O sistema solar deve ser deixado isolado.

É um foco de infecção e não o queremos. Tanto quanto concerne à Galáxia, O Homo Sol será colocado na mais estrita quarentena. Ponto final!

O rigueliano riu-se, baixinho. - Pela Galáxia, pode ser final, mas, e para o Homo Sol?

Tubal deu de ombros. - Não nos concernem.

Porus riu-se, por sua vez.- Diga-me, Tubal, cá entre nós; já tentou uma integração em relação ao tempo da equação 128, seguida por uma expansão com tensores Karoleanos? - não; nunca.

- Bem, então dê uma olhada nestes cálculos, e divirta-se.

Os cinco cientistas agruparam-se em torno da folha que Porus lhes apresentara. As expressões se alteraram do interesse para o assombro, e então para algo que se aproximava do pânico.

Naru Helvin rasgou as folhas ao meio, com um movimento espasmódico. - É mentira! - gritou.

- Estamos mil anos à frente deles agora, e nessa época, estaremos com outros dois mil anos de avanço! - retrucou Tubal. - Não conseguirão fazer nada contra o global da população da Galáxia.

Tan Porus riu-se num só tom, coisa difícil de conseguir, mas muito desagradável de se ouvir. - Ainda não acreditam na matemática. É típico de seu comportamento, claro. Está bem, veja se os especialistas podem convencê-los, como devem, a menos que o contato com esses humanóides os tenha modificado. Joselin! Joselin Arn! Venha cá!

O comandante centauriano veio, saudou automaticamente, e ficou olhando, em expectativa.

- Uma das suas naves pode derrotar uma das naves do Sol em batalha, se necessário?

Arn sorriu amargamente. - Não, de modo algum, senhor. Estes humanóides quebram a lei de Kraut em pânico; e também lutando. Temos um corpo de especialistas tripulando nossas naves; enquanto que esse povo tem uma só tripulação que funciona como uma unidade, sem individualidade. Manifestam uma forma de luta-pânico, eu imagino, seria a melhor palavra. Cada indivíduo numa nave se torna um órgão da nave. Conosco, como sabe, isso é impossível.

- Além do mais, este mundo é uma multidão de gênios enlouquecidos. Pelo que sei, levaram nada menos que vinte e dois aparelhos, interessantes, porém inúteis, que viram no Museu Thalsoon, quando nos visitaram, viraram-nos do avesso e fizeram deles alguns dos aparelhos militares mais desagradáveis que já vi. Conhecem o detetor gravitacional de Julmun Thill? Usado, aliás, com pouca eficiência, para localizar depósitos de minérios antes da invenção do moderno método de potencial elétrico?

- Transformaram-no de alguma forma, num dos mais mortíferos orientadores de fogo que tive o desprazer de conhecer. Pode apontar uma arma ou projetor para um alvo completamente invisível no espaço, no ar, água, ou rocha.

- Nós - disse Tan Porus, otimista - temos frotas bem maiores que as deles. Poderíamos sobrepujá-los, não?

Joselin Arn abanou a cabeça. - Derrotá-los agora, provavelmente. Não seria fácil, porém, e não seria uma vitória esmagadora. Certamente, a idéia não é convidativa.

O problema é que, militarmente, esse bando de maníacos por engenhocas inventa coisas a uma taxa horrível. Tecnologicamente, são tão instáveis como uma onda na água; a nossa civilização é mais como uma duna. Vimos suas fábricas de veículos terrestres instalar uma seção completa de máquinas operatrizes para a produção de um novo modelo de automóvel... e desmontá-la seis meses depois, por ter se tornado totalmente obsoleta!

- Agora entramos em contato com a civilização deles, para acrescentá-la às nossas anteriores duzentas e oitenta; um pequeno avanço percentual. Eles, por sua vez, acrescentaram toda uma nova civilização à sua anterior - um progresso de cem por cento!

- Qual seria - perguntou Porus - nossa posição militar se simplesmente os ignorássemos por duzentos anos?

Joselin deu uma pequena gargalhada. - Se o pudéssemos, ou seja, se eles nos deixassem, é o que posso responder com segurança. Eles só podem ser enfrentados agora.

Duzentos anos que eles explorem os novos caminhos sugeridos por seu breve contato conosco, e estariam fazendo coisas que não poderia imaginar. Espere duzentos anos e não haverá batalha: haverá uma anexação.

Tan Porus inclinou-se formalmente. - Obrigado, Joselin Arn. Foi esse o resultado de meu trabalho matemático.

Joselin Arn saudou e deixou a sala.

Voltando-se para os cinco cientistas paralisados, Porus continuou: Espero que os doutores cavalheiros ainda reajam de forma ao menos vagamente humanóide. Estão convictos de que não nos cabe decidir acabar com todo intercâmbio com esta raça? Podemos; mas eles não o farão!

- Loucos! - cuspiu o insulto. - Pensam que vou perder tempo argumentando com vocês? vou fazer as leis, compreendem? Homo Sol vai entrar para a Federação. Serão treinados para a maturidade em duzentos Anos. E não estou lhes pedindo; estou comunicando! - O rigueliano olhou para eles agressivamente.

- Venham comigo! - ordenou, brusco.

Seguiram-no, submissos, e entraram nos aposentos de Tan Porus. O pequenino psicólogo afastou uma cortina e revelou uma pintura em tamanho natural.

- Isso não lhes lembra nada?

Era o retrato de um terráqueo, mas tal como nenhum dos psicólogos ainda havia visto. De porte digno e harmonioso, com uma das mãos cofiando uma grande barba, e a outra segurando a única peça de vestuário que o cobria, parecia personificar a majestade.

- Este é Zeus - disse Porus. - Os terráqueos primitivos criaram esta imagem como a personificação do trovão e do relâmpago. - Encarou os intrigados colegas. - Lembra-lhes algo?

- Homo Canopus? - arriscou Helvin, incerto.

Por um momento, a face de Porus relaxou-se, agradecido, e então endureceu-se de novo. - Claro! - respondeu. - Por que hesitar? É o próprio Canopus, até a grande barba loira.

E então: - Há algo mais. - Puxou outra cortina.

O retrato era de uma mulher. De grandes seios e quadris largos, um sorriso inefavelmente gracioso em seu rosto, e suas mãos pareciam acariciar os talos de grão que cresciam, viçosos, por entre seus pés.

- Deméter! - exclamou Porus. - A personificação da fertilidade, como A mãe idealizada. Quem ela lhes lembra?

Não houve hesitações desta vez. Cinco vozes em uníssono: -Homo Betelgeuse! Tan Porus sorria, deliciado. - Pronto; aí está... Bem?

- Bem o quê? - respondeu Tubal.

- Não vêem - o sorriso desapareceu. - Não é claro? Seu tolo! Se cem Zeus e cem Deméteres descessem à Terra como parte de uma "missão comercial" e fossem por acaso psicólogos treinados... Agora percebem?

Semper Gor riu-se. - Pelo Tempo, Espaço e Micrometeoritos. Claro! Os terráqueos seriam como argila nas mãos de suas próprias personificações da tempestade e da maternidade redivivos. Em duzentos anos... ora, em duzentos anos, poderíamos fazer qualquer coisa.

- Mas essa sua chamada "missão comercial", Porus - interpôs Prat.

- Como você faria o Homo Sol aceitá-la, de início?

Porus inclinou a cabeça para um lado. - Caro colega Prat - explicou - você supõe que eu criei o pânico passivo apenas para dar um "show" ou apenas para satisfazer às suas cabeças de pau? Este pânico passivo paralisou a indústria, e o governo terráqueo defronta-se com a revolução - outra forma de ação das massas que deve ainda ser investigada. Ofereça-lhes um comércio galáctico e prosperidade eterna, e pensa que não se atirariam à oportunidade? Desde quando a massa tem consistência?

O rigueliano interrompeu logo o falatório que se seguiu, com um gesto impaciente. - Se não têm mais nada a perguntar, senhores, vamos começar nossos preparativos para partir. Francamente, estou cansado da Terra e, mais que isso, estou terrivelmente ansioso para voltar àquele polvo que estou estudando.

Abriu a porta e gritou, pelo corredor: - Ei, Haridin! Diga para Arn preparar a partida para daqui a seis horas. Vamos partir.

- Mas... mas... - O coro de desconcertadas objeções cristalizou-se em ação imediata quando Semper Gor disparou em direção a Porus, e o agarrou, quando este estava a ponto de sair. O pequeno rigueliano debateu-se em vão contra a força do outro.

-Solte-me!

- Já agüentamos demais, Porus - disse Gor - e agora você vai se acalmar e comportar-se como um humanóide. O que quer que diga, não vamos partir enquanto não acabarmos. Vamos negociar uma missão comercial com o governo terrestre. Precisamos garantir a aprovação da comissão... Precisamos pegar nosso psicólogo; precisamos...

Aqui, Porus, com um safanão, soltou-se. - Vocês supõem que só por um momento eu esperaria que a sua preciosa comissão começasse a sonhar em pensar em considerar fazer alguma coisa sobre a situação nas próximas duas ou três décadas?

- A Terra concordou com meus termos incondicionalmente, já há um mês. A equipe de canopeanos e betelgeusianos já havia partido cinco meses atrás e desceu anteontem. Foi apenas com a ajuda deles que conseguimos interromper o pânico de ontem, se bem que vocês nem suspeitaram disso. Provavelmente pensaram que fizeram tudo sozinhos. Hoje, senhores, eles têm a situação em completo controle e os seus serviços não são mais precisos. Vamos voltar para casa.

***

“Homo Sol” tinha o tipo de enredo que agradava a Campbell. Muito embora os seres humanos, na história, estejam muito atrás de outras inteligências da Galáxia, é claro que há algo especial acerca deles, têm uma incomum capacidade de progredirem muito depressa, e os outros deveriam tomar cuidado com eles.

Campbell gostava de histórias onde os seres humanos mostravam-se superiores a outras inteligências, mesmo aquelas mais avançadas tecnologicamente. Agradava-lhe ver os humanos mostrando possuir um senso único de ousadia, ou de humor, ou uma impiedosa habilidade de matar quando necessário, que sempre lhes trazia a vitória sobre outras inteligências, mesmo contra todas as expectativas.

Por vezes tenho a desconfortável impressão, no entanto, de que esta atitude refletia os sentimentos de Campbell na escala menor, da Terra. Parecia-me que ele aceitava a superioridade natural dos americanos sobre os não-americanos, e parecia assumir automaticamente a imagem de um americano como alguém originário do noroeste da Europa.

Não posso dizer que Campbell era racista, no mau sentido do termo. Não posso lembrar-me de nenhum ato dele que poderia ser interpretado como antipático, e certamente ele nunca, nenhuma vez, fez-me sentir incomodado pelo fato de que eu era judeu. Entretanto, ele parecia tomar como certo, de algum modo, o estereótipo do nórdico branco como o verdadeiro representante do Homem Explorador, de Homem Ousado, do Homem Vitorioso.

Discuti extensamente o assunto com ele, ou tão violentamente quanto pude, e nos anos a seguir nosso relacionamento seria o mais tenso possível (considerando-se nossa amizade, e tudo o que eu lhe devia) por causa da questão dos direitos civis. Eu estava do lado liberal da coisa, e ele era conservador, e nossas opiniões nunca concordaram quanto a isso.

Tudo isto tinha uma influência importante em meu trabalho de ficção científica. Não gostei da atitude de Campbell quanto à humanidade defrontada com outras inteligências, e foram precisas duas revisões de “Homo Sol” antes que Campbell pudesse aproximá-la daquilo que queria. Mesmo assim, ele inseriu diversos parágrafos, aqui e ali, sem me consultar, na versão final.

Tentei evitar tal situação, para o futuro. Uma maneira era afastar-se das tradições daqueles escritores que teciam tramas contra a gigantesca teia de galáxias inteiras e contendo muitas inteligências - notadamente aquelas de E. E. Smith e do próprio Campbell. Ao invés disso, comecei a pensar em histórias envolvendo uma galáxia habitada apenas por inteligências humanas.

Isto frutificou, bem cedo, na série da Fundação*.

* Fundação: Isaac Asimov, Ed. Hemus, São Paulo, S.P. (N.T.).

Sem dúvida, o enfoque Smith-Campbell faz mais sentido. É quase certo que dentre as centenas de bilhões de mundos numa grande galáxia, deveriam haver centenas, ou mesmo milhares de diferentes espécies inteligentes. Que houvesse apenas uma, isto é, nós, como postulei, é altamente improvável.

Alguns críticos de ficção científica (particularmente Sam Moskowitz) deram-me o crédito por ter inventado a galáxia puramente humana, como se fosse alguma espécie de progresso literário. Outros podem ter pensado, em particular (pois nunca ouvi nada declarado), que eu tinha apenas inteligências humanas na galáxia porque faltava-me imaginação para criar extraterrestres.

Mas o fato é que eu estava apenas tentando evitar um choque com as opiniões de Campbell; não quis estabelecer uma situação em que eu seria forçado a encarar as alternativas de adotar as opiniões de Campbell, quando as achava repugnantes, ou deixar de vender uma história (que eu também achava repugnante).

A 25 de março de 1940, no dia da apresentação final de “Homo Sol”, fui visitar Fred Pohl em seu escritório. Contou-me que a reação a “Mestiço” havia sido tal que ele sentia que era justificável uma série. Foi a primeira vez que me pediam para escrever uma história específica com aceitação virtualmente aceita adiantadamente.

Gastei maio e abril trabalhando na série: “Os Mestiços em Vênus”, e apresentei-a a Pohl a 3 de junho. A 14 de junho, ele a aceitou. A história tinha dez mil palavras, a mais longa que eu havia vendido, por aquela época. E ainda por cima, as revistas de Pohl estavam indo tão bem, que sua verba tinha aumentado, e ele podia pagar-me cinco oitavos de centavo por palavra, ou seja, $62,50.

Apareceu no número de Astonishing que chegou às bancas a 24 de outubro de 1940, quase dois anos depois de minha primeira venda. Era um dia importante para mim,

também porque era a primeira vez que a ilustração da capa de uma revista fora tirada de uma das minhas histórias. Finalmente, “chegara às capas”.

O título da história e meu nome estavam na capa em caixa alta. Era a lisonjeira indicação de que meu nome poderia ser cotado para vender revistas, a partir de então.

10

OS MESTIÇOS EM VÊNUS

A úmida e sonolenta atmosfera estremeceu violentamente e como que partiu-se em duas. A planície deserta abalou-se três vezes, enquanto os pesados projéteis ovóides caíam do espaço exterior. O som da aterrissagem reverberou das montanhas a um lado até a luxuriante floresta, do outro, e então tudo ficou silencioso de novo.

Uma por uma, três portas escancararam-se ruidosamente, e vultos humanos saíram, numa hesitante fila indiana. Primeiro lentamente, e então com uma turbulência impaciente, pela primeira vez pisavam no novo mundo, até que a área circundando as naves estava cheia de gente.

Mil pares de olhos perscrutavam o panorama, e mil bocas conversavam excitadamente. E ao vento de um outro mundo, mil cristas de cabelo branco de um pé de altura ondulavam graciosamente.

Os Tweenies desceram em Vênus!

Max Scanlon suspirou pesadamente. - Aqui estamos!

Afastou-se da escotilha e mergulhou em sua poltrona. - São crianças felizes; e não os culpo. Ganhamos um mundo novo - todo para nós - o que é uma grande coisa. Mas, mesmo assim, há dias difíceis à nossa frente. Estou quase com medo! É um projeto tão apressadamente empreendido, mas tão difícil de levar a bom termo.

Um braço suave passou sobre seus ombros, e ele o agarrou firmemente, sorrindo para os suaves olhos azuis, que encontraram os seus. - Mas você não está com medo, heim, Madeline?

- Por certo que não! - e então sua expressão tornou-se grave. - Se nosso pai tivesse vindo conosco. Você... você sabe que ele significava mais para nós que para os outros. Fomos os... os primeiros que ele tomou sob sua proteção, não?

Houve um longo silêncio depois disso, cada um caindo em meditação.

Max suspirou. - Lembro-me dele naquele dia há quarenta anos - casaco velho, cachimbo, tudo. E acolheu-me. A mim, um desprezado mestiço! E.. . encontrou você para mim, Madeline!

- Eu sei - havia lágrimas em seus olhos. - Mas ele ainda está conosco, Max, e sempre estará... aqui, e aqui - e sua mão passou sobre o coração dela e o de Max.

- Ei, papai, pegue-a; pegue-a!

Max virou-se, ao som da voz de seu filho mais velho, apenas em tempo de agarrar os pequenos braços e pernas que se lançavam contra ele.

Ergueu-se, sério, à sua frente - Deverei devolvê-la a seu pai, Elsie? Parece que ele a quer.

A garotinha esperneava, alegre. - Não, não, eu quero você, vovô. Quero que você me leve lá fora com a vovó para ver como tudo é bonito.

Max dirigiu-se a seu filho, e despachou-o severamente. - Afaste-se, pai desnaturado, e deixe o vovô ter uma chance.

Arthur ria-se e enxugava um rosto vermelho. - Segure-a, por favor. Ela levou a mim e minha mulher por uma corrida maluca por aí. Tivemos de arrastá-la de volta para que ela não saísse correndo para a floresta, não é, Elsie?

Elsie, ao ser chamada, logo se lembrou do desgosto recente. - Vovô, diga-lhe para me deixar ver as árvores bonitas; ele não quer que eu vá. Desvencilhou-se de Max e foi para a saída. - Veja, vovô, veja, são árvores! Não é mais preto. Eu detestava aquele escuro, você não?

Max inclinou-se e acariciou o suave cabelo branco da menina, suavemente. - Sim, Elsie, eu detestava, quando escuro. Mas não está mais preto, e nunca mais ficará.

Agora, vá com a vovó. Ela vai arranjar um pedaço de bolo para você. Vá, corra!

Seguiu as formas que se afastavam de sua esposa e neta, com olhos sorridentes, e então, ao se voltar para seu filho, logo ficaram sérios de novo.

- Bem, Arthur?

- Bem, pai, e agora?

- Não há tempo a perder; precisamos começar a construir imediatamente subterrâneos!

Arthur passou a uma atitude atenta: - Subterrâneo! - Considerou, desanimado.

- Eu sei; eu sei; não disse nada antes, mas precisa ser feito. A qualquer custo, precisamos desaparecer da face do sistema solar. - Há terráqueos em Vênus - de sangue puro. Não são muitos, é verdade, mas há alguns. Não devem nos encontrar - pelo menos, não até que estejamos preparados para qualquer eventualidade. O que nos vai custar anos.

- Mas, pai, subterrâneos?! Viver como toupeiras, escondidos da luz e do ar. Não gosto disso.

- Ora, bobagem; não fique dramatizando as coisas. Viveremos na superfície; mas a cidade, as centrais de energia, as reservas de água e comida, os laboratórios - tudo isto deve ficar embaixo, impenetrável.

O velho Tweenie afastou o assunto com um gesto, com impaciência.

- Esqueça isso, por ora. Quero falar sobre algo mais - algo que já discutimos.

Os olhos de Arthur ensombreceram-se, e desviou o olhar para o teto. Max ergueu-se e colocou as mãos sobre os musculosos ombros do filho.

- Já passei dos sessenta, Arthur. O quanto ainda me resta para viver, não sei. De qualquer forma, o melhor que fiz já pertence ao passado, e é melhor que eu ceda a liderança a alguém mais jovem e vigoroso.

- Pai, isso é palavrório sentimental, e sabe disso. Não há nenhum de nós capacitado sequer a limpar seus sapatos e ninguém vai escutar por um só instante qualquer plano de apontar um sucessor, enquanto o senhor ainda estiver vivo.

- Não vou lhes pedir que ouçam. Está feito - e você é o novo chefe. O rapaz abanou a cabeça firmemente. - Não pode me fazer aceitar contra minha vontade.

Max sorriu ironicamente. - Receio que você está se esquivando à responsabilidade, filho. Está deixando seu pobre pai exposto aos esforços e asperezas de uma tarefa muito além das forças de sua idade.

- Papai! - Veio a resposta chocada. - Não é isso; sabe que não; você...

- Então prove. Encare as coisas da seguinte maneira: nossa raça precisa de uma liderança ativa, e eu não posso oferecê-la. Estarei sempre aqui - enquanto viver - para aconselhá-lo e ajudá-lo o melhor que eu puder, mas de agora em diante, você precisa tomar a iniciativa.

Arthur estava apreensivo, e as palavras saíam dele relutantemente. Está bem, então. Tomarei a posição de comandante de campo. Mas lembre-se, você é o comandante em chefe.

- Ótimo! E agora, vamos celebrar a ocasião. - Max abriu um armário e retirou dele uma caixa, da qual extraiu um par de charutos. Suspirou.

- O suprimento de tabaco está quase a zero e não teremos mais até que tenhamos cultivado o nosso, mas... fumarei em homenagem a nosso novo líder.

Uma fumaça azulada subia, enroscando-se, e Max olhava para seu filho através dela. - Onde está Henry?

Arthur sorriu. - Não sei! Não o vi desde que descemos. Posso dizer-lhe com quem está, porém.

Max resmungou. - Sei disso, também.

- O garoto está crescendo a olhos vistos. Não se passarão muitos anos, pai, antes de estar estragando uma segunda leva de netos.

- Se forem tão bons quanto a primeira leva, espero viver o bastante para vê-los todos.

E pai e filho sorriram afetuosamente, ouvindo, sem nada dizer, o som abafado da alegria de centenas de Tweenies lá fora.

Henry Scanlon inclinou a cabeça para um lado e ergueu a mão, pedindo silêncio. - Está escutando água corrente, Irene?

A garota a seu lado concordou. - Naquela direção.

- Vamos para lá, então. Vi um rio passando rapidamente antes de descermos, e talvez seja ele.

- Está bem, mas creio que deveríamos é voltar para as naves.

- Para quê? - Henry parou e olhou para ela. - Pensei que você gostaria de esticar as pernas depois de semanas numa nave lotada.

- É que pode ser perigoso.

- Não aqui no planalto, Irene. Os planaltos venusianos são praticamente uma segunda Terra. Você pode ver que estamos num bosque, e não numa floresta fechada. Se estivéssemos, porém, no litoral... - interrompeu-se, como se tivesse se lembrado de

algo. - Além do mais, do que deveríamos ter medo? Eu estou com você, não? – E pôs a mão sobre a arma de tonite em sua cintura.

Irene reprimiu um súbito sorriso e relanceou para seu orgulhoso companheiro. - Sei bem que está comigo. É esse o perigo.

O peito de Henry esvaziou-se audivelmente; retrucou: - Muito engraçado. E tenho me comportado muito bem, ainda por cima. - Afastou-se cabisbaixo, e falou, distante, para as árvores. - O que me lembra que amanhã é o aniversário de Dafne. Prometi a ela um presente.

- Arranje-lhe uma cinta para emagrecer - veio a rápida resposta. - Aquela gorducha!

- Quem é gorda? Dafne. Ora, acho que não... - Considerou o assunto cuidadosamente, com um olho contemplativo sobre a garota a seu lado.

- Minha descrição dela seria, digamos... “de constituição robusta”.

- Ela é gorda - a voz de Irene era, de um momento para outro, um silvo, e um vinco marcava sua testa. - E seus olhos são verdes, - Adiantou-se, de queixo erguido, convencida, com sua própria figura.

Henry apressou o passo e alcançou-a. - Claro, prefiro sempre as meninas mais magras.

Irene voltou-se para ele, brandindo os punhos. - Não sou magra, seu macaco incrivelmente idiota!

- Mas Irene, quem disse que eu me referia a você? - Sua voz era solene, mas seus olhos eram risonhos.

A garota enrubesceu intensamente, e afastou-se, com os lábios tremendo. O sorriso se foi da expressão de Henry, agora preocupado. Seu braço estendeu-se, hesitante, e deslizou em torno dos ombros dela.

- Zangada, Irene?

O sorriso que logo iluminou o rosto dela era tão brilhante como o brilho faiscante de seu cabelo prateado ao forte sol.

- Não - respondeu.

Seus olhos encontraram-se, e por um instante, Henry hesitou - e descobriu que quem hesita, está perdido; pois com um movimento rápido e um riso abafado, Irene estava longe, de novo.

Apontando por entre um espaço entre as árvores, ela gritou: - Olhe, um lago! - e estava correndo para lá.

Henry, um pouco irritado, resmungou algo, e correu também.

A paisagem era realmente terráquea. Uma corredeira abria caminho por entre árvores esguias e então alargava-se por um lago plácido de algumas milhas de largura.

O silêncio era quebrado apenas pela respiração dos lagartos verdes que se acomodavam nos galhos mais altos das árvores.

O casal de Tweenies ficou de mãos dadas, na margem, absorvendo a beleza do panorama.

Então, um ruído na água, perto, e Irene mergulhou nos braços de seu companheiro.

- O que há?

- N-nada; algo se moveu na água, creio.

- Ora, imaginação, Irene.

- Não; eu vi algo. Subiu e... Henry não me aperte tanto...

Ela quase perdeu o equilíbrio quando Henry largou-a de repente, e sacou sua arma de tonite.

Logo à frente deles, uma cabeça verde, gotejante, erguia-se da água e olhava-os com olhos grandes e projetados. Sua grande boca sem lábios abria e fechava rapidamente, mas nenhum som saía.

Max Scanlon olhava, pensativo, para as pedregosas colinas à frente, com as mãos atrás das costas.

- Então, é o que pensa?

- Certamente, papai -insistia Arthur, entusiasmado. - Se nos enterramos sob essas montanhas de granito, nem a Terra em peso poderia nos alcançar. Não levaríamos nem dois meses para abrir a caverna toda, com a energia ilimitada de que dispomos.

- Hum! Exigirá cuidado!

- Eu conseguirei!

- Regiões montanhosas estão sujeitas a terremotos.

- Podemos estabelecer estato-raios o suficiente para segurar o planeta, quanto mais um terremoto.

- Estato-raios devoram energia por atacado, e uma falha na transmissão, seria o fim.

- Podemos interligar cinco geradores separados, os mais seguros que pudermos construir. Os cinco não poderão quebrar juntos.

O velho Tweenie sorriu. - Está bem, filho, vejo que planejou tudo. Vá em frente! Comece quando quiser e lembre-se, está tudo com você!

- Ótimo! Vamos voltar às naves. - E começaram a descer a encosta de pedras.

- Sabe, Arthur- disse Max, parando, de repente - estive pensando sobre aqueles estato-raios.

- Sim? - Arthur ofereceu seu braço e os dois retomaram seu caminho.

- Ocorreu-me que se os fizéssemos bidimensionais e os encurvássemos, teríamos a defesa perfeita, enquanto nossa energia durasse um estatocampo.

- É preciso radiação quadridimensional para isso - a idéia é boa, mas não pode ser executada.

- Ah, sim? Pois escute o seguinte...

O que Arthur estava para ouvir teve de ficar para depois, pelo menos por aquele dia. Um grito à frente fez com que erguessem a cabeça, e viram que Henry Scanlon vinha correndo para eles, e seguindo-o, a uma boa distância, e bem mais devagar, vinha Irene.

- Pai! Tive um trabalhão para encontrá-lo. Onde esteve?

- Aqui mesmo; e você?

- Ora, por aí. Escute, pai; sabe daqueles anfíbios que os exploradores dizem que habitam os lagos dos planaltos de Vênus, não? Bem, localizamos muitos deles, um grupo considerável, não, Irene?

Irene fazia uma pausa, recuperando o fôlego, e confirmou. - São muito engraçadinhos, sr. Scanlon; todos verdes. - E enrugou o nariz, rindo.

Arthur e seu pai trocaram olhares de dúvida. O primeiro insistiu. Estão certos de que não andaram “vendo coisas”? Lembro-me uma vez, Henry, que você viu um meteoro

no espaço, nos assustou, e então descobriu que era um reflexo de você mesmo no vidro da escotilha.

Henry, dolorosamente consciente dos risinhos de Irene, falou, com ar beligerante: - Ei, Art, acho que você está merecendo uns puxões de orelha. E já estou velho o bastante para fazê-lo, eu acho.

- Calma aí, vocês - veio a voz peremptória do Scanlon pai. - E você, Arthur, deveria aprender a respeitar a dignidade de seu irmão mais jovem. O que Arthur quer dizer, Henry, é que esses anfíbios são tão esquivos quanto coelhos. Até hoje só se pôde vê-los de relance.

- Mas nós vimos, pai, um monte deles. Acho que foram atraídos por Irene. Ninguém resiste a ela.

- Eu sei que você não pode - e Arthur ria-se, alto.

Henry empertigou-se de novo, mas o pai interpôs-se entre os dois. Ora, por que não crescem? Vamos lá ver esses anfíbios.

- Fascinante! - exclamava Max Scanlon. - São tão amigáveis quanto crianças; não entendo...

Arthur abanou a cabeça. - Tampouco eu, pai. Durante cinqüenta anos, nenhum explorador pôde olhar direito um deles; e aqui estão eles, enxameando como moscas.

Henry estava jogando pedrinhas no lago. - Vejam isto!

A pedrinha fez sua trajetória arqueada até a água, e ao afundar, seis formas verdes saltaram numa pirueta e deslizaram suavemente sob a superfície. Num instante, um deles estava na superfície de novo e a pedrinha foi jogada de volta aos pés de Henry.

Os anfíbios estavam se agrupando mais perto em número crescente, aproximando-se da borda do lago, agarrando-se aos juncos da margem e olhavam, de olhos arregalados, para os Tweenies. Suas pernas musculosas, dotadas de membranas, podiam ser discernidas, abaixo da superfície, movendo-se para a frente e para trás, com uma graça preguiçosa. Sem cessar, as bocas sem lábios abriam e fechavam, num ritmo estranho e irregular.

- Creio que estão falando, sr. Scanlon - disse Irene.

- É bem possível - concordou o velho Tweenie, pensativo. - Suas caixas cranianas são razoavelmente grandes, e podem possuir considerável inteligência. Se sua cavidade bucal e ouvido estão sintonizados para ondas sonoras de freqüências mais altas ou mais baixas que as nossas, não seríamos capazes de ouvi-los - o que muito bem poderia explicar a ausência de som.

- Provavelmente estão discutindo sobre nós tão empolgados quanto nós - disse Arthur

- Sim, e imaginando que espécie mais maluca é a nossa - acrescentou Irene.

Henry nada disse. Estava se aproximando da margem do lago com passos cuidadosos. O chão estava lamacento sob seus pés, e os juncos se adensavam. O grupo mais próximo de anfíbios voltou seus olhos ansiosos para ele, e um ou dois largaram e deslizaram para longe.

Mas o mais próximo não se moveu. Sua grande boca estava fechada; seus olhos estavam atentos - mas ele não se movia.

Henry parou, hesitou, e então esticou a mão. – Olá, fíbio!

Fíbio olhou para a mão estendida. Muito cuidadosamente, seu próprio membro anterior, com suas membranas, esticou-se para tocar os dedos do Tweenie. com um puxão, retirou o membro e a boca do fíbio agitava-se numa excitação silenciosa.

- Cuidado - veio a voz de Max, de trás. - Você o assusta, assim. Sua pele deve estar terrivelmente sensível, e objetos secos devem irritá-lo. Mergulhe a mão na água.

Lentamente, Henry obedeceu. Os músculos do anfíbio retesaram-se, para escapar a qualquer movimento súbito, mas não veio nenhum. De novo a mão do Tweenie estava esticada, desta vez molhada.

Por um longo minuto, nada aconteceu, pois o fíbio parecia debater consigo mesmo o que fazer a seguir. E então, após duas hesitações, e rápidas retiradas, os dedos tocaram-se de novo.

- Olá, fíbio - disse Henry, e apertou a mão verde na sua. Seguiu-se um puxão súbito, e então uma resposta entusiástica da pressão, a ponto de machucar os dedos do Tweenie. Evidentemente encorajados pelo exemplo do primeiro fíbio, seus amigos se aproximavam, agora, oferecendo uma floresta de mãos.

Os outros três Tweenies caminharam pela lama, e por sua vez, ofereceram as suas mãos molhadas.

- Engraçado - disse Irene - sempre que aperto as mãos deles, parece que penso sobre cabelos.

Max voltou-se para ela. - Cabelo?

- Sim, o nosso. Imagino cabelos longos e brancos, espetados para cima, brilhando ao sol. - Sua mão ergueu-se inconscientemente para suas próprias tranças macias.

- Ei! - Interrompeu Henry. - Notei isso, também, agora que você mencionou. Apenas quando aperto as mãos deles, porém.

- E você, Arthur? - perguntou Max. Arthur assentiu, de sobrolhos erguidos.

Max sorriu e golpeou a palma com o outro punho. - Ora, é uma espécie de telepatia primitiva, muito fraca para funcionar sem o contato físico, e mesmo então capaz apenas de transmitir umas poucas idéias simples.

- Mas, pai, por que cabelo? - perguntou Arthur.

- Talvez tenha sido a nossa cabeleira que os tenha atraído, de início. Nunca viram nada igual e, bem, quem pode explicar a psicologia deles?

Logo ficou de joelhos, e jogou água sobre sua alta crista de cabelos. Houve um agitar-se da água, e o aparecimento de corpos verdes, com a aproximação dos fíbios.

Uma pata verde passou suavemente pela crista branca, seguida por comentários silenciosos. Competindo entre si por posições vantajosas, pelo privilégio de tocar o cabelo, assim ficaram, até que Max, por puro cansaço, foi forçado a erguer-se de novo.

- São provavelmente nossos amigos eternos, agora - observou. Um bando estranhíssimo, com certeza.

Foi Irene, então, que notou um grupo de fíbios a uma centena de metros de distância. Flutuavam, quietamente, sem fazer nenhum esforço para se aproximar. - Por que aqueles não se aproximam? - perguntou. Voltou-se para um dos fíbios e apontou, fazendo gestos agitados, de significado dúbio. Recebeu apenas olhares solenes, como resposta.

- Não é assim, Irene - advertiu Max. Ergueu sua mão, apertou a de um fíbio e ficou imóvel por um instante. Quando soltou a mão, o fíbio mergulhou e desapareceu.

Logo o outro grupo estava se aproximando, lentamente.

- Como conseguiu? - Irene estava intrigada.

- Telepatia! Segurei sua mão firmemente e imaginei um grupo isolado de fíbios, e uma grande mão se estendendo sobre o lago, para cumprimentá-los. - Sorriu. - São bastante inteligentes, ou não teriam entendido tão depressa.

- Ora, vejam, são fêmeas! - exclamou Arthur, boquiaberto. - Céus, e amamentam seus filhos!

Os recém-chegados eram mais delgados e de cor mais clara que os outros. Adiantavam-se acanhadamente, encorajadas pelos machos, e esticavam as mãos timidamente, cumprimentando.

- Ohhh - disse Irene, alegremente surpresa. - Vejam isso!

Ela estava ajoelhada na lama, com os braços esticados para a fêmea mais próxima. Os outros três olhavam, num silêncio fascinado, enquanto a nervosa fíbia segurava sua carga mais perto do peito.

Mas os braços de Irene faziam gestos convidativos. - Por favor, por favor. É tão bonitinho; não vou machucá-lo.

Se a mãe fíbia entendia, era duvidoso, mas com um gesto súbito, ela estendeu um volumezinho verde de vida tremulante e depositou-o nos braços que o esperavam.

Irene ergueu-se, com interjeições de agrado. Pezinhos membranosos se debatiam e olhos redondos e assustados a olhavam. Os outros três aproximaram e olharam, curiosamente.

- É a coisa mais linda do mundo! Veja sua boca, como é engraçadinha; não quer segurá-lo, Henry?

Henry afastou-se, como se agredido. - Nunca! Provavelmente eu o deixaria cair.

- Não está percebendo alguma imagem mental, Irene? - perguntou Max, atento.

Irene parou um pouco e respondeu. - N-não; ele é muito pequeno; talvez... ah, sim! Está. - E começou a rir - está com fome!

Devolveu o pequeno fíbio para sua mãe, cuja boca estava em transportes de alegria, e seus braços musculosos agarraram o filhote. O pequeno fíbio girou a cabeça para dar um último olhar para a criatura que o havia segurado por um instante.

- Criaturas amigáveis - disse Max - e inteligentes. Podem ficar com seus lagos e rios. Ficaremos com a terra, e não vamos interferir com eles.

Um Tweenie estava na cordilheira Scanlon e seu binóculo apontava para a Divisa a dez milhas adiante, nas colinas. Por cinco minutos, o binóculo não se moveu e o Tweenie ficou como uma estátua gigante feita da mesma rocha das montanhas circundantes.

O binóculo baixou, e o rosto do Tweenie estava pálido. Correu pela encosta até a entrada guardada e oculta para a Cidade Vênus.

Disparou por entre os guardas sem dizer palavra e desceu para os níveis inferiores onde a rocha sólida ainda estava sendo desfeita em nada e conformada à vontade por explosões de super energia.

Arthur Scanlon olhou para cima e com uma imediata premonição de desastre, fez um gesto para deter os desintegradores.

- O que há de errado, Sorrell?

O Tweenie inclinou-se e cochichou uma só palavra ao ouvido de Arthur.

- Onde? - a voz de Arthur sobressaltou-se asperamente.

- Do outro lado da Cordilheira. Estão chegando pela Divisa agora, em nossa direção. Identifiquei o brilho do sol sobre o metal e... - segurou o binóculo.

- Meu Deus! - Arthur esfregou a testa distraidamente e então voltou-se para o Tweenie, que o observava ansioso, nos controles do desintegrador. - Continuem como planejado! Sem alterações!

Correu para cima, onde estava a entrada, e deu ordens rápidas. - Tripliquem a guarda imediatamente.

Ninguém, exceto eu ou quem estiver comigo, pode sair. Mande alguns homens para reunir quem estiver passeando por aí e mande que fiquem abrigados e não façam ruídos desnecessários.

E então voltou, pela avenida central, para os aposentos de seu pai.

Max Scanlon ergueu a cabeça de seus cálculos e sua testa suavizou-se lentamente.

- Olá, filho; algo errado? Outro estrato resistente?

- Não, nada disso - Arthur fechou a porta cuidadosamente, e abaixou a voz. - Terráqueos!

Por um momento, Max não se moveu. A expressão de seu rosto congelou-se por um instante, e então, com um suspiro, afundou em sua cadeira e as rugas de sua testa aprofundaram-se, como se estivesse exausto.

- Colonos?

- Parece que sim. Sorrell disse que havia mulheres e crianças entre eles. Havia várias centenas ao todo, equipados para se estabelecerem; e vinham nesta direção.

Max gemeu. - Ora, mas quanta sorte! com todas as imensas áreas de Vênus para escolher, e vieram para cá. Vamos dar uma olhada em primeira mão nisso.

Vinham pela Divisa numa fila longa e sinuosa. Pioneiros enrijecidos, com suas mulheres desgastadas pelo trabalho e seus filhos, educados quase como animais, semibárbaros.

Os veículos baixos e largos jogavam desajeitadamente pelo terreno irregular, carregados com massas amorfas de utilidades domésticas.

Os chefes examinavam a paisagem e falavam palavras curtas e rápidas. - Quase chegando, Jem. Estamos perto das colinas, agora.

E o outro replicou, calmo: - É há terra boa para cultivo à frente. Podemos fazer nossas fazendas e morar aqui. - Suspirou. - Foi muito duro agüentar este último mês; felizmente, chegamos.

E das montanhas à frente - as últimas antes de chegar ao vale - os Scanlons, pai e filho, pontos invisíveis, na distância, espiavam os recém chegados, com o coração apreensivo.

- A única coisa para a qual não estávamos preparados - e aconteceu!

Arthur falava lenta e relutantemente. - São poucos, e desarmados.

Podemos afastá-los em uma hora. - E com uma repentina decisão - Vênus nos pertence!

- Sim, podemos expulsá-los em uma hora, até em dez minutos. Mas eles voltariam aos milhares, e armados. Não estamos prontos para enfrentar a Terra, Arthur.

O mais jovem mordeu o lábio e as palavras eram murmuradas, meio envergonhadamente. - Pelo bem da raça, pai, poderíamos matá-los todos.

- Nunca! - exclamou Max, com seus velhos olhos brilhando. - Não seremos nós os primeiros a atacar. Se matarmos, não devemos esperar mercê da Terra; e não mereceremos nenhuma.

- Mas, papai, o que mais poderemos fazer? Não podemos esperar clemência da Terra já como estamos. Se formos localizados; se eles sequer suspeitarem de nossa existência, toda a nossa hégira se tornará sem sentido, e perderemos, já no início.

- Eu sei; eu sei.

- Não podemos nos mudar agora - continuou Arthur, apaixonadamente. - Gastamos meses preparando a Cidade Vênus. Como poderíamos recomeçar?

- Não podemos - concordou Max, sem alterar a voz. - A menor tentativa de mudança nos evidenciaria. - Podemos apenas...

- Viver como toupeiras, afinal. Fugitivos caçados! Refugiados amedrontados! É isso?

- Como quiser; mas precisamos nos esconder, Arthur, e nos enterrarmos.

- Até quando?

- Até que eu; ou nós, aperfeiçoemos um estato-raio bidimensional. Cercados por uma defesa impenetrável, poderemos sair. Pode levar anos; pode levar uma semana. Não sei.

- E a cada dia nos arriscamos a ser localizados. A qualquer dia, batalhões de puros-sangues podem cair sobre nós e nos eliminar. Precisaremos andar na corda bamba a cada dia, semana após semana, mês após mês...

- Precisamos - a boca de Max estava cerrada, seus olhos com um azul glacial.

Lentamente voltaram à Cidade Vênus.

Lá, as coisas estavam quietas, e os olhos estavam voltados para o nível superior e para as saídas ocultas. Lá estava o ar e o sol, e o espaço... e os terráqueos.

Haviam se estabelecido várias milhas acima da correnteza. Suas casas toscas estavam sendo erigidas. A terra em volta estava sendo limpa. As fazendas estavam sendo formadas. As plantações começavam.

E nos subterrâneos, mil e cem Tweenies escavavam suas casas esperando que um ancião conseguisse as fugazes equações que permitiriam que um estato-raio se espalhasse em duas dimensões, e se encurvasse.

Irene meditava, taciturna, sentada numa borda rochosa e olhava à frente, onde a fraca luz indicava a existência de uma saída para fora. Suas pernas bem formadas balançavam lentamente, para frente e para trás, enquanto Henry Scanlon, a seu lado, procurava desesperadamente manter o olhar distanciado, no ar.

- Sabe de uma coisa, Henry?

- Que?

- Aposto que os fíbios poderiam nos ajudar.

- Ajudar-nos a fazer o quê, Irene?

- A nos livrarmos dos terráqueos.

Henry considerou a idéia cuidadosamente. - O que a faz pensar nisso?

- Bem, eles são espertos - talvez mais do que imaginemos. Suas mentes são diferentes, e talvez isso possa ser vencido. Além do que... tenho uma desconfiança. – Retirou a mão de repente. - Não precisa segurá-la, Henry.

Henry engoliu em seco. - Eu... eu pensei que você poderia perder o equilíbrio, onde está; poderia cair, sabe?

- Oh! - Irene reparou no degrau de um metro. - É verdade; é um pouco alto aqui.

Henry decidiu que podia aproveitar a deixa, e agiu de acordo. Houve um momento de silêncio, enquanto ele pensava na possibilidade de ela estar sentindo frio, mas antes de decidir que ela provavelmente estava, falou de novo.

- O que eu queria dizer, Henry, é o seguinte: Por que não saímos e vamos ver os fíbios”?

- Papai me arrancaria a cabeça, se eu tentasse algo dessa espécie.

- Seria divertido.

- Sim, mas perigoso. Não podemos arriscar que alguém nos veja.

- Irene deu de ombros, resignada. - Bem, se você está com medo, não falamos mais disso.

Henry engasgou e enrubesceu. Pulou do degrau. - Quem está com medo? Quando você quer ir?

- Agora, Henry; neste minuto. - Seu rosto inflamara-se com o entusiasmo.

- Está certo; vamos. - Começou quase a correr, arrastando-a consigo. - E então uma idéia ocorreu-lhe, e interrompeu-se.

Voltou-se para ela, sério. - vou mostrar-lhe se estou com medo. Seus braços subitamente estavam em volta dela, e seu pequeno grito de surpresa foi eficientemente abafado.

- Céus - disse Irene, quando estava em condições de falar, de novo.

- Como você foi bruto!

- Certamente, que sou um renomado bruto - falou Henry, ao focalizar os olhos de novo, e livrou-se da sensação de estar flutuando. - Agora, vamos ver aqueles fíbios; e lembre-me, quando for presidente, de fazer um monumento ao cara que inventou o beijo.

Saíram à superfície passando pelo corredor nas rochas, pelas costas das sentinelas, saindo pela porta cuidadosamente camuflada.

A presença de fumaça no horizonte sul era a sombria evidência da presença humana, e com isso em mente, os dois jovens Tweenies esgueiraram-se pelos arbustos rumo à floresta, até o lago dos fíbios.

Se de alguma forma misteriosa deles, os fíbios perceberam a presença dos amigos, não sabiam, mas mal chegaram às margens, quando manchas verdes se aproximaram sob a água, indicando a chegada das criaturas.

Uma cabeça larga, de olhos arregalados, saiu à superfície, e, num instante, outras cabeças salpicavam a superfície do lago.

Henry molhou a mão e apertou a pata amiga que se estendia para ele.

- Como vai, fíbio .

A boca movia-se e fazia sua resposta sem som.

- Pergunte-lhe sobre os terráqueos, Henry - apressou Irene. Henry aparentava impaciência.

- Espere um pouco. Leva algum tempo; estou fazendo o melhor que posso.

Por dois lentos minutos, os dois, o Tweenie e o fíbio, ficaram imóveis e olhavam nos olhos um do outro. E então, o fíbio afastou-se, a alguma ordem silenciosa, todas as criaturas do lago desapareceram, deixando os Tweenies sozinhos.

Irene estava meio desconcertada. - Que aconteceu?

Henry também ignorava. - Não sei; pensei nos terráqueos e ele parecia saber o que eu queria dizer. Então eu imaginei os terráqueos lutando contra nós e nos matando; e ele pensou em muitos de nós e apenas poucos deles, e uma outra luta, em que nós dávamos cabo deles. Mas então eu imaginei a nós matando-os e então muitos mais deles: hordas intermináveis deles, e então...

Mas a menina estava tapando seus ouvidos torturados. - Meu Deus; não é de admirar que a criatura não entendeu. Espero que não tenha enlouquecido.

- Bem, fiz o melhor que pude - foi a resposta, desconsolada. - Foi tudo por causa de sua idéia maluca, de qualquer jeito.

Irene não levou adiante sua resposta além da primeira sílaba, pois num instante, o lago estava cheio de fíbios, de novo. - Voltaram - ela acabou dizendo.

Um fíbio se adiantou e tomou a mão de Henry, ao passo que os outros reuniram-se em volta, muito excitados. Passaram-se diversos minutos silenciosos, e Irene se impacientava.

- E então? - perguntou ela.

- Silêncio, por favor; não consigo entender; é algo sobre grandes animais, ou monstros, ou... - Sua voz se dissipou, e enrugava a testa, em grande concentração.

Assentiu com a cabeça, primeiro distraído, e depois, vigorosamente.

Afastou-se e tomou as mãos de Irene. - Agora compreendi; e é a solução perfeita. Podemos salvar a Cidade Vênus sozinhos, Irene, com a ajuda dos fíbios, se quiser ir até a planície comigo amanhã. Podemos levar conosco um par de pistolas de Tonite e comida, e seguirmos o rio, não levaremos mais de dois ou três dias, ida e volta. Que acha?

A juventude não é particularmente ponderada, e a hesitação de Irene era apenas para fazer efeito. - Bem... talvez não devêssemos ir sozinhos, mas... mas irei; com você. - Havia um leve reforço da última palavra. Dez segundos mais tarde, os dois estavam a caminho, de volta para Cidade Vênus, e Henry pensava, se afinal, não seria melhor fazer dois monumentos ao sujeito que inventou o beijo.

O bruxuleio vermelho-amarelado do fogo iluminava a crista de cabelo de Henry, e lançava sombras móveis sobre seu rosto meditativo.

Era quente na planície, e o fogo piorava as coisas, se bem que Henry se mantinha perto do fogo e mantinha-se velando a adormecida Irene, do outro lado.

A exuberante vida da selva venusiana respeitava o fogo, e as chamas significavam segurança.

Estavam a três dias do altiplano, agora. A correnteza se transformara num rio largo, e preguiçoso, com as margens cobertas com espuma verde das algas. Os bosques agradáveis deram lugar a impenetrável selva. Os sons misturados dos seres vivos aumentaram em volume e num barulhento crescendo. O ar se tornara mais quente e mais úmido; o chão, mais barrento; a paisagem cada vez menos familiar e fantástica.

E, porém, não havia nenhum perigo real; disto, Henry estava convicto. A vida dotada de peçonha era desconhecida em Vênus, e os monstros de pele coriácea que dominavam a selva, o fogo à noite e os fíbios durante o dia, os manteriam afastados.

Por duas vezes o ensurdecedor grito de um centossauro soara à distância, e o ruído de árvores sendo abatidas fizeram com que os dois Tweenies se aproximassem, com medo. Ambas as vezes, os monstros haviam se afastado.

Esta era a terceira noite, e Henry estava inquieto. Os fíbios pareciam confiar que antes da manhã eles poderiam começar a viagem de volta, e de algum modo a idéia da Cidade Vênus era atraente. A aventura estava sendo desfrutada, e a cada hora, a glória de sua bravura cintilante crescia aos olhos de Irene - o que era maravilhoso - mas mesmo assim, a Cidade Vênus e o planalto eram uma coisa agradável de se pensar.

Deitou-se de bruços e contemplou o fogo, pensando sobre seus vinte anos de idade; ou quase vinte anos.

- Caramba - e arrancou um pouco de grama - já era hora de eu pensar em casamento. - E seu olhar dirigiu-se involuntariamente para o vulto adormecido ao lado do fogo.

Como que em resposta, houve um tremor de pálpebras, e um olhar vago de olhos de um azul profundo. Irene sentou-se e espreguiçou-se.

- Não consigo dormir - reclamou, futilmente passando a mão no cabelo. - Está tão quente. - Olhou para o fogo, desgostosa.

O bom humor de Henry persistiu. - Você dormiu durante horas... e roncava como um trombone.

Os olhos de Irene arregalaram-se: - Mentira! - E então, com uma voz beirando a tragédia. - Eu ronco, é?

- Claro que não! - ria-se Henry, parando apenas com o repentino e doloroso contato do pé de Irene e a boca de seu estômago. - Aiai! disse ele.

- Não fale mais comigo, senhor Scanlon! - foi a fria observação da garota.

Foi a vez de Henry experimentara tragédia. Ergueu-se num desalento quase pânico, e deu um passo em direção à garota. E então gelou onde estava, com um grito cortante de um centossauro. Quando se apercebeu, encontrou-se abraçando Irene.

Enrubescendo, ela largou-o, e então soou de novo o grito do animal, e lá estava ela de novo, segurando-o.

O rosto de Henry estava pálido, a despeito de parecer firme. - Acho que os fíbios assustaram os centossauros. Venha, vamos perguntar-lhes.

Os fíbios eram manchas indistintas na madrugada cinzenta que principiava. Filas e filas de indivíduos tensos e abstraídos era o que se podia ver. Apenas um parecia estar desocupado, e quando Henry cessou de segurar-lhe a mão, disse: - Pegaram três centossauros, e é tudo o que podem controlar. Voltaremos ao planalto agora mesmo.

O sol nascente encontrou o grupo a duas milhas rio acima. Os Tweenies, seguindo a margem, lançavam olhares cansados para a selva próxima. Através de clareiras ocasionais,

vastos corpanzis cinzentos podiam ser discernidos. O ruído dos urros reptilianos era quase contínuo.

- Lamento tê-la trazido, Irene - desculpou-se Henry. - Não estou tão certo agora de que os fíbios possam manter o controle sobre os monstros.

Irene abanou a cabeça. - Está tudo bem, Henry. Eu queria vir. Apenas... pensei que os fíbios poderiam levar os animais sozinhos; eles não precisam de nós.

- Mas eles precisam! Se um centossauro sair de controle, irá direto para os fíbios, e eles não escapariam. Nós temos as armas de Tonite para matar os sáurios se o pior acontecer... - sua voz desapareceu e olhou para a arma mortífera em sua mão, triste consolo que era naquele instante.

A primeira noite foi passada em claro para ambos os Tweenies. Em algum lugar, invisíveis das margens do rio, os fíbios se revezavam e seu controle telepático sobre os gigantescos centossauros de vinte pernas mantinha seu fraco domínio. Lá na selva, os monstros, de trezentas toneladas, rugiam impacientemente contra a força que os impelia

ao longo do rio contra sua vontade, e lutavam impotentes contra a barreira invisível que evitava que se aproximassem do rio.

Ao lado da fogueira, um casal de Tweenies, perdido entre as montanhas de carne, de um lado, e a frágil proteção de uma rede telepática do outro, contemplavam saudosos o planalto, quarenta milhas adiante.

O progresso era lento. Quando os fíbios se cansavam, os centossauros ficavam mais indóceis. Mas, gradativamente, o ar foi se tornando mais frio. A vegetação densa da selva rarefez-se e a distância à Cidade Vênus encurtou.

Henry alegrou-se com os primeiros sinais da familiar floresta temperada com um trêmulo sinal de alívio. Apenas a presença de Irene evitava que ele renunciasse à sua posição de herói.

Sentia-se lamentavelmente ansioso para que essa jornada quixotesca terminasse, mas apenas comentou: - Está tudo quase acabado, exceto pelo falatório quando chegarmos. E pode apostar que vamos ter que agüentar isso, Irene; mas seremos os heróis, você e eu.

A tentativa de Irene para mostrar entusiasmo era fraca. - Estou cansada, Henry. Vamos repousar. - Caiu lentamente para o chão, e Henry, depois de fazer sinal para os fíbios, também parou.

- Quanto falta ainda, Henry? - Quase sem força, ela encontrava-se com a cabeça apoiada, exausta, no ombro dele.

- Mais um dia, e amanhã, a estas horas, já estaremos em casa. Ele parecia desolado. - Você acha que não deveríamos ter tentado, não é?

- Bem, naquela hora, tinha me parecido uma boa idéia.: - É, eu sei, percebi que tenho muitas idéias que parecem boas na hora, mas às vezes se transformam em péssimas. - Abanou a cabeça, filosofando. - Não sei por que, mas é assim que acontece.

- Tudo o que sei - acrescentou Irene - é que não me importo com dar mais um só passo em minha vida. Eu não me levantaria agora nem que...

Sua fala foi interrompida quando seus belos olhos azuis desviaram-se para a direita. Um dos centossauros caminhava para a água de um pequeno afluente do rio que acompanhavam. Cambaleando na água, seu imenso corpo serpentine subia sobre dez

fortes pares de pernas, e brilhava horrivelmente. Sua cabeça, horrível, oscilava contra o céu e seu grito assustador cortava o céu. Mais um juntou-se a ele.

Irene estava de pé. - O que está esperando, Henry; vamos! Depressa!

Henry pegou sua arma de Tonite e seguiu-a.

Arthur Scanlon engoliu nervoso sua quinta xícara de café e com algum esforço, focalizou o audioemissor. Seus olhos já estavam muito cansados. Esfregou-os, já vermelhos de irritação, e olhou por sobre o ombro para a pessoa que dormia, inquieta, ali perto.

Aproximou-se dela e puxou-lhe o cobertor.

- Pobre mãe - murmurou e inclinou-se para beijar os lábios pálidos. Voltou-se para o audioemissor e segurou-o firme. - Espere até que eu o apanhe, seu maluco idiota.

Madeline acordou. - Ainda está escuro?

- Não - mentiu Arthur, numa tentativa de sorriso. Teremos notícias antes do pôr-do-sol, mãe. Durma e deixe-me cuidar das coisas. Papai está lá em cima trabalhando no estato-campo e diz que está fazendo progressos. Em alguns dias tudo estará em paz. - Sentou-se em silêncio ao lado dela e agarrou sua mão. Seus olhos cansados fecharam-se mais uma vez.

A lâmpada de aviso piscou e, com um último olhar para sua mãe, saiu para o corredor. - Bem?

O Tweenie que o esperava saudou-o. - John Barno comunica que parece que está se formando uma tempestade. - E entregou um informe oficial.

Arthur examinou-o displicentemente. - Era o que faltava! Já não aconteceu o bastante? O que mais se pode esperar de Vênus?

- Esta será particularmente má, segundo todas as indicações. A concentração iônica da atmosfera superior está num máximo inédito. O barômetro caiu como nunca antes. O rio Beulah transbordou e está subindo rapidamente.

O outro enrugou a testa. Não há nenhuma entrada da Cidade Vênus que não esteja pelo menos a cinqüenta metros acima do nível do rio. Quanto à chuva, nosso sistema de escoamento é bastante confiável. - Sorriu. - Volte e diga a Barno que pode chover à vontade em minha opinião; por quarenta dias e quarenta noites, até. Talvez até expulse os terráqueos.

Voltou-se, para se afastar, mas o outro Tweenie não se moveu: Desculpe, senhor, mas isso não é o pior. Um grupo de reconhecimento hoje...

Arthur sobressaltou-se. - Reconhecimento? Quem ordenou que saísse?

- Seu pai, senhor. Deveriam estabelecer contato com os fíbios, não sei por que motivos.

- Bem, continue.

- Senhor, os fíbios não foram localizados.

E agora, pela primeira vez, Arthur estava realmente perturbado em seu mau humor. - Foram-se?

O Tweenie fez que sim. - É como se tivessem ido buscar abrigo da tempestade que se aproxima. É o que faz Barno recear o pior.

- Dizem que os ratos desertam dos navios que vão afundar - murmurou Artur. Apoiou a cabeça em suas mãos trêmulas. - Meu Deus! Tudo de uma só vez! Tudo de uma vez!

A madrugada escura ocultava o manto de nuvens que se abaixava sobre as montanhas à frente, e ressaltava os relâmpagos que se repetiam continuadamente.

Irene estremeceu. - Está ficando frio e ventoso, não?

- Esse vento frio das montanhas, acho que vamos ter uma tempestade. - Henry concordou, ausente. - Creio que o rio está ficando mais largo.

Um curto silêncio, e então, com vivacidade. - Mas veja, Irene, apenas mais algumas milhas até o lago, e estaremos praticamente no povoado dos terráqueos. Já está quase acabando.

Irene concordou. - Estou aliviada; também pelos fíbios.

Ela tinha razão, quanto a isto. Os fíbios estavam nadando devagar, agora. Um destacamento adicional chegara no dia anterior, descendo a correnteza, mas mesmo com os reforços, o progresso tinha quase cessado. Um frio desusado estava afetando os répteis e cediam à força mental cada vez mais relutantemente.

As primeiras gotas caíram logo depois de terem passado pelo lago. Estava escuro, e à luz azulada dos raios e relâmpagos, as árvores em volta deles eram espectros que dirigiam dedos ondulantes para o céu. Um clarão adiante marcou a pira funerária de uma árvore, atingida pelo raio.

Henry empalideceu. - Vamos para a clareira à frente. Num tempo como este, as árvores são perigosas.

A clareira de que ele falava já era a orla da povoação terráquea. As casas de construção tosca, pequenas contra a fúria dos elementos, mostravam luzes aqui e ali indicativas da ocupação humana. E quando o primeiro centossauro irrompeu por entre árvores esmagadas, a tempestade começou a cair com toda sua fúria.

Os dois Tweenies se aproximaram. - Agora é com os fíbios - gritava Henry, que mal podia ser ouvido acima do ruído do vento e da chuva. Espero que consigam fazê-lo.

Os três monstros convergiram para as casas à frente. Moviam-se mais rapidamente enquanto os fíbios reuniam seus últimos elementos de força mental.

Irene enterrou sua cabeça encharcada no ombro de Henry, da mesma forma encharcado. - Não posso olhar! As casas vão se despedaçar como caixas de fósforo. Pobre gente!

- Não, Irene; eles pararam!

Os centossauros espateavam o solo e seus gritos soavam claramente acima da tempestade. Os terráqueos surpreendidos saíam de sua cabanas.

Apanhados desprevenidos - a maioria tendo sido tirada da cama e defrontados com uma tempestade venusiana e os monstros de pesadelo do planeta, não se pensou em ação organizada. Tal como estavam, levando nada senão suas roupas, saíram correndo.

Houve a mais total confusão. Um ou dois, como fraca tentativas de presença de espírito, tentaram alguns tiros ineficazes contra as montanhas de carne diante deles e então correram.

E quando parecia que todos estavam longe, os répteis gigantes foram para a frente mais uma vez e onde haviam estado as casas, foram deixadas lascas esmagadas.

- Eles nunca voltarão, Irene, nunca voltarão. - Henry estava sem fôlego com o sucesso de seu plano. - Somos heróis agora, e... - sua voz ergueu-se para um grito.

- Irene, para trás! Corra para as árvores!

Os urros dos centossauros tomaram um tom mais profundo. O mais próximo voltou sobre seu par posterior de pernas e sua cabeçorra, sessenta metros acima do chão,

recortava-se horrivelmente contra os relâmpagos. com um tropel surdo, voltou-se e foi para o rio - que sob o látego da tempestade era agora uma inundação descontrolada.

Os fíbios haviam perdido o controle!

A arma de tonite de Henry logo entrou em ação, ao empurrar Irene para longe. Ela, porém, recuou devagar, apontando sua própria arma.

A esfera de luz púrpura que significava um disparo feito, fez o centossauro mais próximo gritar em agonia, com sua poderosa cauda derrubando as árvores a seu alcance.

Cegamente, com um buraco onde antes havia uma perna, atacou.

Um segundo clarão púrpura e ele estava no chão com um ruído surdo, seu último grito num crescendo amedrontador.

Mas os outros dois monstros já estavam carregando contra eles. Dirigiam-se cegamente para a fonte de força que os havia mantido cativos quase uma semana, correndo violentamente, com toda a força de sua fúria irracional, rumo ao rio. E no caminho dos monstros, os Tweenies.

A correnteza caudalosa estava às suas costas. A floresta era um labirinto de árvores caídas e um ruído ensurdecedor.

Então, subitamente, os sinais das armas de tonite foram notados à distância. Luzes púrpura - uma agitação na mata - gritos espasmódicos e então um silêncio em que mesmo o vento, como se assombrado pelos acontecimentos, sossegasse por um momento.

Henry deu vazão a seu júbilo e improvisou uma dança de guerra. Vieram da Cidade Vênus, Irene! - ele gritava. - Pegaram os centossauros e tudo está acabado! Salvamos os Tweenies!

Aconteceu num instante. Irene deixou cair sua arma e chorava de alívio. Estava correndo para Henry e tropeçou - e o rio levou-a.

- Henry! - O som era levado pelo vento.

Por um terrível momento, Henry encontrou-se incapaz de ação. Podia apenas ficar olhando, estupidamente, sem poder acreditar, para o ponto em que Irene estivera, e então estava na água. Mergulhou na escuridão que o rodeava, desesperado.

- Irene! - Tomou fôlego com dificuldade. A correnteza o empurrava.

- Irene! - Não havia resposta. Nada senão a água e o escuro.

E então algo tocou-o. Tentou soltar-se, instintivamente, mas aquilo continuava segurando-o. Sentiu-se carregado no ar. Seus pulmões, torturados, respiravam convulsivamente.

Um rosto sorridente de fíbio olhava para ele e depois, nada senão impressões confusas de uma escuridão molhada.

Tornou-se consciente de onde estava por etapas. Primeiro, estava sentado sobre um cobertor sob as árvores, com outros cobertores enrolados apertadamente à volta dele. Então, sentiu a quente radiação de lâmpadas de aquecimento acima dele, e a luz das átomo-lâmpadas. As pessoas estavam reunidas à sua volta e ele percebeu que não mais estava chovendo.

Olhou, meio desacordado à sua volta, e então: - Irene!

Ela estava ao lado dele, tão enrolada como ele, sorrindo fracamente.

- Estou bem, Henry. Os fíbios me trouxeram de volta, também.

Madeline estava inclinada sobre eles e ele engoliu o café quente que lhe era oferecido à boca. - Os fíbios nos contaram sobre o que vocês os ajudaram a fazer.

Estamos orgulhosos de você, filho, de você e de Irene.

O sorriso de Max transformava seu rosto numa imagem de orgulho paternal. - A psicologia que usaram foi perfeita. Vênus é grande o bastante; tem áreas seguras demais para se esperar que os terráqueos voltem a lugares que se mostraram infestados de centossauros - por um bom tempo, ainda. E quando eles voltarem, teremos nosso estato-campo.

Arthur Scanlon saiu de seu mau humor. Bateu no ombro de Henry e então, tomando a mão de Irene: - Seu guardião e eu - disse a ela - vamos arranjar uma celebração para amanhã, de modo que vá descançar. Será a maior festa que já viu.

Henry falou: - Celebração, heim? Bem, vou dizer-lhe o que se pode fazer. Depois da festa, pode-se anunciar um noivado.

- Um noivado? - Madeline sentou-se, interessada. - Que quer dizer?

- Um noivado para me casar - veio a resposta, impaciente. - Creio que já tenho idade para isso, eu acho. O dia de hoje prova isso!

Os olhos de Irene estavam fixados à grama, em furiosa concentração.

- Com quem, Henry?

- Heim? com você, claro. Ora, com quem mais seria?

- Mas você não me perguntou nada. - As palavras eram ditas devagar e com grande firmeza.

Por um momento, Henry corou e então disse, sério: - Bem, não vou perguntar; estou lhe ordenando! E o que me diz disto?

Inclinou-se para o lado dela, e Max Scanlon, rindo, afastou as outras pessoas. Silenciosamente, saíram.

Um formato indistinto se aproximava, e os dois Tweenies separaram-se, confusos. Tinham se esquecido dos outros.

Mas não era outro Tweenie. - Ora, é um fíbio! - exclamou Irene.

Arrastou-se deselegantemente, pela grama, com o auxílio insuficiente de seus braços musculosos. Aproximando-se, apoiou-se cansado sobre seu estômago, e estendeu seu braço.

Seu propósito era claro. Irene e Henry agarraram a mão. Houve silêncio por um momento ou dois, e os grandes olhos do fíbio brilharam solenes, à luz das átomo-lâmpadas.

Então houve uma súbita interjeição de embaraço de Irene e uma tímida risada de Henry. O contato foi quebrado.

- Você captou o mesmo que eu? - perguntou Henry.

Irene estava vermelha. - Sim, uma longa fileira de fíbios bebês, talvez quinze.

- Ou vinte - sugeriu Henry - com longos cabelos brancos!

***

O entusiasmo de Campbell era moderado, mas estava querendo ver como saía a tal série, se eu a escrevesse. Escrevi-a assim que terminara “Os Mestiços em Vênus”, e chamei-a “O Imaginário” (“The Imaginary”). Muito embora não se utilizasse de nenhum dos principais personagens de “Homo Sol”, a confrontação humano-não humano estava ausente, o que provavelmente não ajudava, na opinião de Campbell. Apresentei-a a 11 de junho, e recebi-a de volta - uma rejeição, série ou não - a 19 de junho.

Pohl rejeitou-a, também. Tremaine leu-a com mais simpatia e estava pensando em levá-la para Comet, ao que sabia, mas aquela revista parou sua publicação, e a história voltou ao mercado. Acabei retirando-a de circulação, mas dois anos depois, vendi-a à revista de Pohl - numa época em que Pohl não mais era editor.

Mas, mesmo com meus problemas e não sendo sempre bem sucedido, consegui fazer $272 durante meu primeiro ano enquanto graduado, o que foi de enorme ajuda.

A história, o que não é de surpreender, reflete minha situação pessoal na época. Eu tinha ido para um colégio para rapazes e agora que estava no curso superior, o ambiente era misto, pela primeira vez.

No outono de 1939, descobri que uma linda loura ficava a meu lado na minha aula de laboratório de química orgânica sintética. Naturalmente, senti-me atraído.

Persuadi-a a sair comigo algumas vezes, a primeira das quais sendo em meu vigésimo aniversário, quando a levei ao Radio City Music Hall. Por cinco meses, namorei com ela, num tolo romantismo.

Ao fim do ano letivo, porém, ela conseguiu seu grau de mestrado em artes, e decidindo não continuar para o doutoramento saiu da escola e arranjou um trabalho em Wilmington, Delaware, deixando-me para trás, saudoso e infeliz.

Superei a coisa, claro, mas enquanto ela estava na escola, escrevi “Os Mestiços em Vênus”. De todas as histórias que até então havia escrito, era a mais romântica.

O nome da heroína era Irene, que era o nome de minha bela colega.

Meramente com alguns encontros, no nível de segurar a mãozinha, não fizeram a mágica necessária para me tornar capaz de manipular as paixões, na literatura, e

continuei a me utilizar de garotas esparsamente, nas histórias posteriores - o que foi bom, eu acho.

O sucesso de “Os Mestiços em Vênus” fez com que a idéia de escrever séries parecesse boa. Uma série de uma história bem sucedida deve afinal, ser uma venda certa.

De modo que quando ainda estava trabalhando nos “Mestiços em Vênus”, sugeri a Campbell que eu escrevesse uma seqüência de “Homo Sol”.

11

O IMAGINÁRIO

O teletransmissor lampejava seu sinal indefectível, enquanto Tan Porus displicentemente continuava sentado a seu lado. Seus olhos verdes penetrantes brilhavam com seu triunfo, e seu pequeno corpo estava vibrando com a euforia. Nada poderia melhor ter indicado a grandiosidade da ocasião do que sua extraordinária posição – Tan Porus estava com os pés sobre sua mesa!

O transmissor acendeu-se e uma fisionomia arcturiana ampla olhava mau-humorada para o psicólogo rigueliano.

- Você precisava me arrancar da cama, Porus? Estamos no meio da noite!

- É dia claro nesta parte do mundo, Final. Mas tenho algo para lhe contar que o fará esquecer de seu sono.

Gar Final, editor do JPG - Jornal de Psicologia Galáctica - permitiu que um traço de atenção cruzasse seu rosto. Apesar dos defeitos de Tan Porus - e sabia lá Arcturus quão numerosos eram - ele nunca tinha dado um alarme falso. Se ele dizia que algo grande estava no ar, não seria simplesmente grande - era colossal!

Era evidente que Porus estava se divertindo. - Final - disse ele - o próximo artigo que enviar para o seu pasquim será a coisa mais importante que você terá imprimido.

Final estava impressionado. - Você realmente está falando sério? perguntou, tolamente.

- Que tipo de pergunta idiota é essa? Claro que sim. Escute... - Seguiu-se um silêncio dramático, enquanto a tensão no rosto de Final atingia proporções dolorosas.

Então veio o sussurro de Porus. - Resolvi o problema do polvo!

Claro que a reação foi a que Porus esperava. Houve uma explosão no outro extremo da linha, e por trinta interessantes segundos, o rigueliano ficou surpreso em saber que o severo e respeitável Final tinha um colorido vocabulário.

O polvo de Porus já era uma fábula, pela galáxia. Já havia dois anos, que ele estivera às voltas com o obscuro animal draconiano que persistia em ir dormir quando não devia. Havia estabelecido equações e as decomposto com uma regularidade que havia se transformado em piada junto aos psicólogos da Federação - e nenhuma explicara a reação inusitada. Agora, Final havia sido arrancado da cama para ser informado que a solução havia sido alcançada - e só.

Final vociferou uma frase de conclusão, que só faltou fazer quebrar o transmissor.

Porus esperou que a tempestade amainasse e então disse, calmamente: - Mas, você sabe como resolvi?

A resposta do outro foi um resmungo indistinto.

O rigueliano começou a falar rapidamente. Todo traço de diversão abandonou sua fisionomia, e depois de algumas sentenças, todos os sinais de irritação deixaram a de Final.

A expressão do arcturiano era a de um interesse ávido. - Não! dizia.

-Sim!

Quando Porus terminou, Final apressou-se como doido para chamar a gráfica para retardar a publicação do número seguinte do JPG por duas semanas.

Furo Santins, chefe do departamento de matemática da Universidade de Arcturus, olhava demoradamente para o colega siriano.

- Não, e não! Você está errado! Suas equações eram verdadeiras. Eu mesmo as verifiquei.

- Matematicamente, sim - retrucou o siriano de rosto redondo mas psicologicamente, não tinham nenhum significado.

Santins bateu com a mão na testa. - Significado; ouçam só a conversa do matemático. Pelo espaço, homem, o que a matemática tem a ver com significado? A matemática é uma ferramenta, e enquanto pode ser manipulada para dar respostas adequadas e fazer predições corretas, o significado real pouco importa. Digo isto em favor de Tan Porus - a maioria dos psicólogos não conhece matemática suficiente para manipular uma régua de cálculo eficientemente, mas ele conhece a matéria.

O outro assentiu, duvidoso. - Creio que sim. Mas usar grandezas imaginárias nas equações psicológicas abusa um pouco da minha fé na ciência. Raiz quadrada de menos um! E estremeceu...

O salão dos graduados no Hall da Psicologia estava lotado e ouvia-se o burburinho da atividade. Os rumores da solução de Porus para o já clássico problema do polvo, propagara-se depressa, e a conversação era só sobre isto.

No centro do grupo mais numeroso, estava Lor Haridin. Era jovem, com o recém-adquirido status de graduado. Mas como assistente de Porus, nestas condições, era o senhor da situação.

- Vejam, amigos - o que é exatamente, eu não sei. É esse o segredo do velho. Tudo o que lhes posso dizer é que tenho uma idéia geral da solução.

Os outros se aproximaram mais. - Ouvi dizer que ele teve de inventar uma nova notação matemática para o polvo - alguém disse - como daquela vez que tivemos problemas com os humanóides do Sol.

Lor Haridin abanou a cabeça. - Pior! O que o fez pensar nesse recurso, não posso imaginar. Foi por um estalo, ou por um pesadelo, mas de qualquer modo, introduziu quantidades imaginárias - raiz quadrada de menos um.

Houve um grande silêncio e então alguém disse: - Não acredito!

- Mas é o fato! - foi a complacente resposta.

- Mas não faz sentido. O que a raiz quadrada de menos um pode representar, psicologicamente? Ora, significaria... - Estava fazendo rápidas avaliações em sua cabeça, como a maioria dos outros - ...que as sinapses neurais estavam ligadas a nada mais, nada menos do que quatro dimensões!

- Por certo - disse outro. - Suponho que se você estimular o polvo hoje, ele reaje ontem. É o que um imaginário significaria. Pelos gases dos cometas! É isso mesmo!

- Por isso que você não é como Porus - interveio Haridin. - Pensa que ele se preocupa com quantos imaginários há nas etapas intermediárias se todos apresentam a raiz de menos um ao final da solução? Tudo o que lhe interessa é que tenham o sinal certo na resposta; uma resposta que explicará o fator sono. Quanto à sua significação física, o que importa? A matemática é apenas uma ferramenta, de qualquer modo.

Os outros consideraram isto em silêncio, admirados.

Tan Porus sentava-se em sua sala a bordo da mais luxuosa e recente nave interestelar e olhava para o jovem à frente dele, contente. Ele estava num surpreendente bom humor e, talvez pela primeira vez na vida dele, não se importou em ser interrompido pelos argutos e eficientes funcionários da Éter Reportagens.

O eter-repórter a seu lado considerava, calado, a afabilidade do cientista. Por uma amarga experiência, descobrira que os cientistas, em geral, detestam os repórteres e que psicólogos, em particular, achavam divertido aplicar um pouco de sua ciência neles, para induzir reações terrivelmente engraçadas... para os outros.

Lembrou-se daquela vez que aquele velhote de Canopus tinha-o convencido que a vida nas árvores era o supremo bem. Foram precisos vinte homens para arrastá-lo para o chão, e um psicólogo experiente para fazê-lo voltar ao normal.

Mas aqui estava o maior de todos eles, Tan Porus, efetivamente respondendo perguntas, como um ser humano.

- O que eu gostaria de saber, professor - dizia o repórter - é exatamente o que quer dizer essa quantidade imaginária. Isto é - interpôs apressadamente - não a matemática - acreditamos em sua palavra, quanto a isso, mas apenas uma idéia geral que o humanóide em geral possa aprender. Por exemplo, ouvi dizer que o polvo tem uma mente quadridimensional.

Porus gemeu. - Por Rigel! Baboseiras quadridimensionais! Para ser sincero, aquele imaginário que usei - que parece ter caído no gosto popular - provavelmente nada indica além de alguma anomalidade no sistema nervoso do polvo, mas exatamente o que, não sei. Certamente, para os métodos grosseiros da ecologia e microfisiologia, nada incomum apareceu. Sem dúvida, a resposta estaria na física atômica do cérebro da criatura, mas aí, não tenho esperanças de penetrar. - Havia algum desdém em sua voz. - Os físicos atômicos estão muito atrasados em relação aos psicólogos para se esperar que se atualizem agora.

O repórter manejava furiosamente a caneta. A manchete do dia seguinte estava clara em sua mente -.Psicólogo Famoso Ridiculariza Físicos Atômicos!

E também a manchete do dia seguinte: Físicos Indignados Denunciam Psicólogo Famoso!

Os feudos científicos eram matéria predileta da Éter reportagens, particularmente as rixas entre físicos e psicólogos, que, como era bem sabido, detestavam-se mutuamente.

O repórter olhou para cima, empolgado. - Diga, professor, os humanóides da galáxia interessam-se, como sabe, pela vida particular de seus cientistas. Espero que o senhor não se importe se eu fizer algumas perguntas sobre sua viagem de volta a Rigel IV.

- Continue - disse Porus, cordialmente. - Diga-lhes que é a primeira vez que volto para casa, em dois anos. Estou ansioso para isso. Arcturus é um pouco amarelo demais para os meus olhos, e a mobília de vocês é muito grande.

- É verdade que o senhor é casado?

Porus pigarreou. - Humm. Sim, a mulher mais suave da galáxia. Também estou saudoso para revê-la. Escreva isso.

O repórter anotava. - Por que o senhor não a trouxe a Arcturus consigo?

Um pouco da cordialidade saiu do rosto do rigueliano. - Gosto de estar sozinho quando trabalho. As mulheres estão bem no lugar que lhes convém. Além do mais, minha idéia de férias é passá-las sozinho. Não escreva isso.

O repórter obedeceu. Olhou para o pequeno vulto do cientista, com aberta admiração. - Diga, professor, como o senhor consegue que ela fique em casa? Gostaria que me contasse o segredo. - Então, esperançoso, acrescentou: - Eu poderia fazer o mesmo!

Porus riu-se. - vou contar-lhe, filho. Quando você é um psicólogo experiente, você é o chefe de sua família!

Encerrou a entrevista e então, agarrando o braço do repórter. Seus olhos verdes estavam agressivos. - E escute, filho, esta última observação também não entra na história, sabe?

O repórter empalideceu e recuou. - Não senhor! Não senhor! Temos um pequeno provérbio em nossa profissão, que diz: “Nunca faça burradas com um psicólogo, ou ele fará de você um burro!”

- Ótimo! E posso cumpri-lo literalmente, se for preciso.

O jovem repórter fez uma saudação rápida, limpou o suor frio de sua testa e saiu depressa, com sua história. Por um instante, particularmente no último, sentiu-se por um fio. Registrou em sua memória que deveria recusar toda entrevista futura com psicólogos - a menos que aumentassem seu salário.

A dezenas de bilhões de milhas de distância, o orbe branco de Rigel atingia os olhos de Porus e seu coração sentia-se aliviado.

Reação tipo B - nostalgia; reflexo condicionado por associação de Rigel com cenas de alegria e felicidade...

Palavras, frases, equações volteavam por seu ágil cérebro, mas apesar de tudo isto, estava contente. E em pouco tempo, o humano triunfou do psicólogo e Porus abandonou a análise pela alegria superior de uma felicidade livre de críticas.

Sentou-se, depois da metade do período de sono duas noites antes da chegada, para poder ver Hanlon, quarto planeta de Rigel, seu mundo natal. Em algum lugar naquele planeta, à margem de um mar tranqüilo, havia um pequeno sobrado. Uma casa pequena - não aquelas estruturas gigantes, próprias apenas para arcturianos e outros humanóides volumosos.

Era verão agora e a casa estaria inundada com a luz madrepérola de Rigel, e depois do forte amarelo-avermelhado de Arcturus, isso seria muito repousante.

E - ele quase soltou uma interjeição de alegria - na primeira noite ele insistiria em se fartar de tryptex assado. Não comia isso já há dois anos, e sua esposa fazia o melhor tryptex do sistema.

Sentiu algum remorso ao pensar em sua esposa. Foi um truque sujo, fazê-la esperar por dois anos em casa, mas precisava ser feito. Relanceou para os papéis mais uma vez. Havia um pouco de nervosismo em seus dedos, ao compulsar as folhas. Tinha gasto todo um dia calculando as reações dela ao vê-lo pela primeira vez, depois de dois anos de ausência, e não seriam nada agradáveis.

Nina Porus era uma mulher temperamental, e ele teria de trabalhar depressa e eficientemente.

Localizou-a depressa na multidão. Sorriu. Era bom vê-la, mesmo quando suas equações prediziam uma longa e séria tempestade. Relembrou seu discurso inicial mais uma vez, e fez uma alteração de última hora.

E então ela o localizou. Acenou, agitada, e destacou-se do povo. Estava perto de Tan Porus antes que ele se apercebesse, e o seu afetuoso abraço deixou-o surpreso.

Não era a reação esperada! Algo estava errado.

- Tan Porus, pensei que nunca mais o veria. É tão bom tê-lo comigo de novo, não faz idéia como é bom. Tudo está bem em casa, claro, mas nunca é a mesma coisa, sem você.

Os olhos de Porus estavam petrificados. Essas palavras eram totalmente diversas do comum de Nina. Para os ouvidos sensíveis de um psicólogo, soava como delírios de um maníaco. Nem mesmo teve a presença de espírito de resmungar nos intervalos certos. Gelado em seu assento, sem dizer palavra, olhava o chão se afastar, e o ar zunindo, enquanto se aproximavam de sua casinha perto do mar.

Nina Porus tagarelava alegremente - o aspecto normal de sua conversa sendo que ela controlava os dois extremos de um diálogo com impecável eficiência.

- E é claro, querido, preparei um tryptex inteiro, assado em fogo lento, guarnecido com sarnees. E claro, que tal aquele negócio com aquele novo planeta, Terra, não é? Fiquei tão orgulhosa de você quando ouvi dizer...

E assim por diante, até que a voz dela degenerou num conglomerado de sons sem sentido.

Onde estavam suas lágrimas? Onde suas reclamações, ameaças, uma autopiedade apaixonada?

Tan Porus fez um grande esforço durante o jantar. Olhava para a travessa fumegante de tryptex diante dele, com uma estranha falta de apetite, dizendo: - Isto me lembra aquela vez, em Arcturus, quando jantei com o Delegado Presidente...

E entrou em minúcias, demorando-se com a alegria e o abandono daquela ocasião, tecendo lirismos sobre como se divertira, ressaltando, quase sem sutileza, o fato de que não havia sentido falta dela, e finalmente, num último ímpeto de desespero, mencionando casualmente a presença de um surpreendente número de mulheres riguelianas no sistema Arcturiano.

E todo o tempo sua esposa ficava sentada, sorrindo: - Maravilhoso, querido - dizia - estou tão contente por você ter se divertido tanto! Coma seu tryptex.

Mas Porus não comeu seu tryptex. O mero pensar em comida o nauseava. com um demorado e desalentado olhar para ela, levantou-se com a dignidade que ainda lhe restava, e retirou-se para seu quarto.

Rasgou as equações furiosamente, e deixou-se cair numa poltrona. Transpirava fúria, pois evidentemente alguma coisa estava errada com Nina. Terrivelmente errada!

Mesmo o interesse por outro homem - e apenas por um instante aquilo lhe passou pela cabeça como uma possível explicação - não causaria tão grande revolução de caráter.

Puxava os cabelos; havia algum fator escondido, mais surpreendente do que aquilo - mas não tinha idéia do que poderia ser. Naquele momento, Tan Porus daria todos os seus bens para que sua mulher entrasse e fizesse ao menos uma tentativa para arrancar seu escalpo, como antigamente.

E lá embaixo, na sala de jantar, Nina Porus tinha um brilho astuto penetrando seus olhos.

Lor Haridin pousou sua caneta. - Entre!

A porta abriu e seu amigo, Eblo Ranin, entrou, limpou um canto da mesa, e sentou-se.

Haridin, tive uma idéia. - Sua voz, estranhamente, era como um sussurro culpado.

Haridin olhou para ele, suspeitosamente.

- Como daquela vez que você preparou aquela armadilha para o velho Obel?

Ranin abalou-se. Gastara dois dias escondido no tubo de ventilação para fazer aquilo. - Não, estou falando sério. Escute, Porus deixou-o encarregado do polvo, não?

- Ah, percebo o que você quer dizer. Nada feito. Posso alimentar o polvo, mas é tudo. Se eu mexesse o bastante para sequer induzir um tropismo de mudança de cor, o chefe não gostaria nada.

- Ao espaço com ele! Está a parsecs de distância, de qualquer modo.

- Ranin mostrou um exemplar de dois meses antes do JPG, e abriu-o . Já acompanhou as experiências de Liveel em Procvon U.? Sabe, campos magnéticos aplicados com e sem radiação ultravioleta.

- Está fora de meu campo - respondeu Haridin - ouvi dizer, mas é só. E que há com isso?

- Bem, é uma reação tipo E que dá, acredite ou não, um forte efeito Fimbal em praticamente todos os casos, particularmente nos invertebrados superiores.

- Hummm!

- Agora, se experimentássemos com este polvo, poderíamos...

- Não, não e não! - Haridin abanava a cabeça violentamente - Porus me quebraria a cara. Pelas grandes estrelas e pequenos meteoros, me despedaçaria!

- Escute, seu tonto - Porus não pode lhe dizer o que fazer com o polvo. É Frian Obel que tem a última palavra. Ele é o chefe do quadro de psicólogos, não Porus.

Tudo o que você tem que fazer é requerer a permissão dele, e a conseguirá. Cá entre nós, desde aquele episódio do Homo Sol, no ano passado, ele não tolera mais ver Porus.

Haridin enfraqueceu. - Vá você perguntar-lhe. Ranin engasgou. - Não, afinal de contas acho que eu não deveria. Ele começa a suspeitar que eu lhe preguei aquela peça, e prefiro ficar longe dele.

- Hummm. Bem, está certo!

Lor Haridin parecia não ter dormido por uma semana - mostrando que às vezes as aparências não enganam. Eblo Ranin olhava-o com paciente simpatia, e suspirava.

- Olhe, não quer sentar? Santin disse que teria os resultados finais hoje, não?

- Eu sei, eu sei, mas é humilhante. Gastei sete anos com matemática. E agora faço um erro tolo e não consigo encontrá-lo!

- Talvez não exista erro, afinal.

- Não seja estúpido. - A resposta é simplesmente impossível. Deve ser impossível. Precisa ser. - Enrugou a testa. - Ora, nem mesmo sei o que pensar.

Continuou concentrado em sua tentativa de gastar o topete, meditando, amargurado. Sentou-se.

- São aquelas integrais de tempo. Não se pode trabalhar com elas. Você as examina, tentando por meia hora, descobrir como começar, e elas lhe dão dezessete respostas possíveis. Você precisa escolher aquela que faz sentido, e por Arcturus! Ou todas servem, ou nenhuma! Testando oito delas, como neste problema, e temos

permutações bastantes para o resto de nossas vidas. Resposta errada! É fantástico como sobrevivi a tudo isto!

O olhar que ele lançou para o volume de “Tabelas Integrais no Tempo” de Helo, não rasgou-lhe a capa, para surpresa de Ranin. A lâmpada de aviso piscou e Haridin pulou para a porta. Tomou o pacote do mensageiro e rasgou o embrulho, apressadamente. Olhou na última página, a observação de Santin: “Seus cálculos estão certos. Congratulações” - seria uma grande surpresa para Porus! Melhor entrar logo em contato com ele.

Ranin lia sobre os ombros do outro, e por um longo minuto, olharam um para o outro.

- Eu estava certo - falou Haridin, baixo, olhos arregalados. - Encontramos algo em que não se exclui o imaginário. Conseguimos uma reação previsível que inclui uma quantidade imaginária!

O outro engoliu em seco e com esforço, afastou seu estupor. - Qual a sua interpretação?

- Pelo grande espaço! Como, pela galáxia, eu poderia saber? Precisamos ver Porus.

Ranin estalou os dedos e agarrou o colega pelos ombros. - Não, não vamos. É a nossa chance. Se pudermos levar isto a cabo, estamos feitos para o resto da vida.

- Gaguejava, excitado. - Arcturus! Qualquer psicólogo daria a vida duas vezes para ter esta oportunidade.

O polvo draconiano rastejava placidamente de um canto para outro, sem se impressionar com o grande solenóide que circundava seu tanque. A massa de fios retorcidos, os bornes, a lâmpada de vapor de mercúrio em cima, nada significavam para ele. Mordia contente as plantas marinhas à sua frente, e estava em paz com o mundo.

Não era o mesmo com os dois jovens psicólogos. Eblo Ranin verificava apressadamente a complicada instalação num esforço de última hora para certificar-se de tudo.

Lor Haridin ajudava-o, quando conseguia parar de roer as unhas.

- Tudo está pronto! - Concluiu Ranin, e enxugou a testa, cansado.

- Vamos ligar!

A lâmpada de vapor de mercúrio acendeu-se e Haridin fechou as cortinas. À fria luz sem componente vermelha, dois rostos esverdeados espiavam atentamente o polvo.

Remexia-se sem parar, com seu cor-de-rosa transformando-se num negro opaco à luz de mercúrio.

- Ligue a corrente - instou Haridin. Houve um pequeno estalido; e nada mais.

- Sem reação? - perguntou Ranin, quase falando consigo mesmo. E então prendeu a respiração, com o outro aproximando-se.

- Algo aconteceu com o polvo. Parece ter brilhado um pouco - ou são meus olhos?

O brilho tornou-se perceptível e então parecia destacar-se do corpo do animal e tomado formato esférico sozinho. Longos minutos passaram-se.

- Está emitindo algum tipo de radiação, campo, força, seja lá o que for - e parece haver uma expansão com o tempo.

Não houve resposta, e nem poderia haver. De novo esperaram, e observaram.

E então Ranin emitiu uma exclamação abafada e agarrou o cotovelo de Haridin. - Pelos cometas em pedaços, o que está fazendo?

A esfera globular brilhante de seja lá o que for estava esticando um pseudópodo. Uma brilhante projeçãozinha tocou o ramo ondulante de alga, e onde tocava as folhas, tornava-se marrom e tremulava!

- Corte a corrente!

O comutador foi acionado, a lâmpada apagou-se, abriram-se as cortinas, e os dois olharam um para o outro, nervosamente.

- Que foi isso?

Haridin abanou a cabeça. - Não sei. Foi algo definitivamente demencial. Nunca vi nada parecido.

- Você também nunca viu um imaginário numa equação antes, tampouco, não? De fato, não penso que aquele campo em expansão seja qualquer forma de energia...

Seu fôlego foi exalado num longo assobio e afastou-se lentamente do tanque com o polvo. O molusco estava imóvel, mas à sua volta, as algas do tanque estavam secas e murchas.

Haridin engasgou. Puxou as cortinas, e no escuro, o globo de luz mortiça ocupava metade do tanque. Pequenos tentáculos recurvados de luz estendiam-se para as algas remanescentes e um fio pulsante se estendia através do vidro e deslizava sobre a mesa.

O medo na voz de Ranin a transformara num som que mal podia ser compreendido.

- É uma reação retardada. Testou-a pelo Teorema de Wilbon?

- Como poderia? - O coração do outro pulsava fortemente e seus lábios secos tentavam articular palavras. - O teorema de Wilbon não faz sentido com um imaginário na equação. Nem pensei em usá-lo.

Ranin passou à ação energicamente. Deixou a sala e estava de volta num instante com um animalzinho semelhante a um esquilo, que guinchava, de seu próprio laboratório.

Jogou-o no caminho do fio de luz que se propagava sobre a mesa, e segurou-o ali com uma régua.

O fio brilhante ondulou, pareceu sentir a presença de vida de uma forma cega, e investiu contra ela. O pequeno roedor guinchou uma vez, um grito agudo de tortura infinita, e relaxou. Em dois segundos era uma caricatura enrugada e ressecada do que era antes.

Ranin praguejou e deixou cair a régua, pois o fio de luz - um pouco mais luminoso e mais espesso, começou a se voltar para ele.

- Bem - resolveu Haridin - vamos acabar com isto! - Abriu uma gaveta e tirou de dentro uma arma de tonite, cromada. Seu fino feixe de luz púrpura atingiu o polvo e explodiu numa fúria silenciosa contra a orla da esfera de força. O psicólogo atirou repetidamente, e então apertou o gatilho para formar um feixe contínuo de destruição que acabou quando a fonte da arma esgotou-se.

E a esfera luminescente continuava intacta. Engolfou todo o tanque.

As algas eram massas marrons de coisa morta.

- Chame a Diretoria - gritou Ranin - está totalmente fora de nosso controle!

Não houve confusão - os humanóides, em grandes massas, simplesmente não estão sujeitos a pânico, se não se contam os habitantes meio gênios, meio humanóides dos planetas do Sol - e a evacuação da Universidade foi levada a cabo sem problemas.

- Um louco - dizia o velho Mir Deana, eminente físico de Arcturus U. - pode fazer mais perguntas do que mil sábios poderiam responder. Passou a mão por sua barba hirsuta, e o seu nariz em forma de botão fungou alto, em desdém.

- Que quer dizer com isso? - perguntou Frian Obel, ríspido. Sua pele verde de vegano escureceu, indicando raiva.

- Digo que, analogamente, um louco de dimensões cósmicas, um psicólogo pode fazer confusão maior do que mil físicos podem desfazer.

Obel respirou fundo. Tinha sua opinião própria a respeito de Haridin e Ranin, mas nenhum físico debilóide iria...

A figura gorducha de Qual Wynn, presidente da universidade, aproximava-se deles, apressadamente. Estava sem fôlego e falava ofegando.

- Entrei em contato com o Congresso Galáctico e eles estão arranjando a evacuação de todo Eron, se necessário. - Sua voz tornou-se suplicante. - Não há nada que se possa fazer?

Mir Deana suspirou. - Nada, ainda! Tudo o que sabemos é: o polvo está emitindo alguma espécie de campo de radiação pseudo-vivente que não é de natureza eletromagnética.

Seu progresso não pode ser detido por nada que tentamos, matéria ou vácuo. Nenhuma de nossas armas pode afetá-lo, pois dentro do campo, os atributos comuns espaço-tempo não valem.

O presidente abanou uma cabeça preocupada. - Mau; mau! Chamaram Porus? - Parecia estar recorrendo à última esperança.

- Sim - respondeu Frian Obel, preocupado. - Ele é o único que realmente conhece aquele polvo. Se ele não puder nos ajudar, ninguém poderá. - Olhou para o branco brilhante dos prédios da universidade, aonde a grama em mais da metade do campus era uma palha marrom, e as árvores, queimadas e arruinadas.

- Você acha - disse o presidente, voltando-se para Deana mais uma vez - que o campo pode espalhar-se pelo espaço interplanetário?

- Pelas novas incandescentes, não sei o que pensar! - explodiu Deana, e afastou-se, desesperado.

Houve um triste e sombrio silêncio.

Tan Porus estava imerso na mais profunda apatia. Não percebia os brilhantes lampejos coloridos acima dele. Não ouvia um som dos tons melodiosos que enchiam o auditório.

Ele sabia apenas de uma coisa - que havia sido convencido a ir a um concerto. Concertos, acima de tudo, eram anátema para ele, e em vinte anos de casado, tinha se esquivado deles com uma agilidade e facilidade que apenas o maior de todos os psicólogos poderia ter usado. E agora...

Ele foi arrancado de seu estupor pelos súbitos sons discordantes vindos de trás.

Houve alguma movimentação perto da saída, alguns braços protestando, e então uma voz estridente: - Estou aqui a negócios urgentes do Congresso Galáctico de Eron, Arcturus. Tan Porus está na audiência?

Tan Porus pulou de sua poltrona. Uma desculpa para poder sair do auditório era uma dádiva dos céus.

Abriu a mensagem que lhe era entregue pelo mensageiro e devorou seu conteúdo. Na segunda sentença, a euforia deixou-o. Ao terminar, ergueu um rosto em que apenas seus penetrantes olhos verdes pareciam vivos.

- Quando podemos partir?

- A nave está esperando agora.

- Vamos, então.

Deu um passo à frente, e então parou. Havia uma mão em seu ombro.

- Aonde vai? - perguntou Nina Porus. Havia como que aço em sua voz.

Tan Porus sentiu-se quase sufocado. Previu o que aconteceria. Querida, preciso ir para Eron imediatamente. O destino de um mundo, de toda a galáxia, quem sabe, está em perigo. Não sabe como é importante...

- Está bem, vá! E eu irei com você.

O psicólogo inclinou a cabeça.

- Está bem, querida - disse, e suspirou.

O quadro de psicólogos agitava-se e zumbia e olhava ocasionalmente para o grande gráfico diante deles.

- Francamente, cavalheiros - dizia Tan Porus - não estou muito certo a respeito disso, mas... bem, vocês viram meus resultados, e também os verificaram. E é o único estímulo que dará uma reação de cancelamento.

Frian Obel coçava o queixo, nervoso. - Sim, a matemática está clara. Um aumento da atividade hidrogeniônica além do pH3 estabeleceria uma integral de Demane e isso...

Mas, escute, Porus, não estamos tratando com espaço-tempo. A matemática pode não funcionar - talvez nada funcione.

- É a nossa única chance. Se estivermos tratando com o espaço-tempo normal, poderíamos simplesmente jogar ácido o bastante para matar o maldito polvo ou fritá-lo com uma tonite. Mas, tal como é, não temos outra escolha senão arriscarmo-nos com...

Altas vozes o interromperam. - Deixem-me passar! Pouco me importa se há alguma conferência!

A porta se escancarou e o grande vulto de Qual Wynn entrou. Olhou para Porus de alto a baixo. - Porus, digo-lhe que está enlouquecendo. O Parlamento está me acusando, como presidente da universidade, como responsável por tudo isto, e agora Deana diz que... - caiu em silêncio e Mir Deana, de pé atrás dele, sem perder a compostura, continuou a história.

- O campo agora cobre mais do que mil milhas quadradas e sua taxa de crescimento está crescendo constantemente. Parece não haver dúvida agora que pode chegar ao espaço interplanetário, se assim o quiser - interestelar também, dado o devido tempo.

- Está escutando? Está escutando? - Wynn estava quase dançando, com sua ansiedade. - Não pode fazer algo? A galáxia está ameaçada, estou lhe dizendo! É o fim!

- Ora, não deixe amarrotar sua túnica por isso, - resmungou Porus e deixe-nos cuidar disso. - Voltou-se para Deana. - Os seus estúpidos físicos não fizeram sequer algumas investigações rudimentares sobre a velocidade de penetração do campo através de substâncias diversas?

Deana fez que sim, com a cabeça.

- A penetração varia, em geral, inversamente com a densidade. O ósmio, irídio e platina são os melhores. Chumbo e ouro são razoáveis.

- Bem! Era de se esperar! O que preciso então é uma roupa revestida de ósmio, com um elmo de vidro com chumbo. E façam tanto o revestimento quanto o elmo firmes e espessos.

Qual Wynn olhava, horrorizado. - Revestimento de ósmio! Ósmio! Pela grande nebulosa, pense na despesa.

- Estou pensando - respondeu Porus, glacialmente.

- Mas a universidade vai responder por tudo; eles... - recuperou-se com dificuldade, com os olhares sombrios dos psicólogos concentrados sobre ele. - Quando precisam dela? - falou, fracamente.

- Você realmente vai sozinho?

- Por que não? - perguntou Porus, saindo da roupa.

Mir Deana respondeu: - O capacete de vidro segurará o campo não mais do que uma hora, e você provavelmente terá uma penetração parcial em muito menos tempo. Não sei se você conseguirá.

- Deixe que eu me preocupe com isso. - Interrompeu-se, e então continuou, incerto. - Estarei pronto em alguns minutos. Gostaria de falar com minha esposa primeiro... e sozinho.

A entrevista foi curta. Era uma das poucas ocasiões em que Porus esquecia que era um psicólogo e falava o que o coração lhe ditava, sem se interromper, ou considerar a reação natural de quem o ouvia.

Uma coisa ele sabia - por instinto mais que raciocínio - era que sua esposa não choraria nem faria considerações sentimentais, no que estava certo. Apenas nos últimos segundos é que seus olhos abaixaram e sua voz tremeu. Tirou um lenço de sua manga e saiu correndo da sala.

O psicólogo olhou na direção dela e abaixou-se para pegar o pequeno caderno que ela deixara cair ao tirar o lenço. Sem nem olhar para ele,guardou-o no bolso interior de sua túnica.

Sorriu, melancólico. - Um talismã!

A brilhante nave de Tan Porus, de um só lugar, penetrava pelo “campo da morte”. De imediato, pesava sobre ele uma pegajosa sensação de desolação.

Deu de ombros. - Imaginação! Não posso ficar nervoso agora!

Havia uma vaguíssima cintilação, mais sentida do que vista, no ar à sua volta. E então invadiu a nave, e, olhando para cima, o rigueliano viu os cinco pássaros eronianos que havia trazido, mortos dentro de sua gaiola, um montículo de penas eriçadas.

- O "campo da morte" está aqui dentro. - Já havia penetrado a fuselagem da nave.

O aparelho estancou, numa descida inábil, no grande estádio da universidade, e Tan Porus, uma figura exótica, em sua roupa de ósmio, saiu. Olhou à sua volta, a paisagem deprimente. Dos restos de grama no chão, até o brilho que escondia o azul normal do céu - tudo parecia morto. Entrou no saguão da Psicologia.

Seu laboratório estava escuro; as cortinas ainda estavam fechadas. Abriu-as e estudou o tanque do polvo. O fornecimento de água ainda estava funcionando, pois o tanque continuava cheio. Porém, era a única coisa normal. Apenas alguns fiapos marrons de matéria decomposta estavam, aonde antes haviam algas. O polvo estava inerte sobre o fundo do tanque.

Tan Porus suspirou. Sentia-se cansado e entorpecido. Sua mente estava enevoada. Por longos minutos, olhou à sua volta, ausente.

Então, com algum esforço, ergueu a garrafa e olhou o rótulo - ácido hidroclórico 12 molar.

Falava baixo, consigo mesmo. - Duzentos cc. Jogar tudo lá dentro. O que abaixará o pH; se a atividade hidrogeniônica significa alguma coisa aqui.

Estava às voltas com a tampa do vidro, e de repente pôs-se a rir. Tinha se sentido exatamente assim como da única vez em que estivera bêbado.

Tentou afastar o entorpecimento de seu cérebro. - Tenho apenas alguns minutos para acabar - acabar o quê? Não sei... alguma coisa, acho. Despejar esta coisa. Despejar...

Despejar! - E cantarolava uma tola canção popular enquanto o ácido se diluía no tanque.

Tan Porus sentia-se satisfeito consigo mesmo, e ria. Mexeu a água com seu punho, e riu-se mais um pouco. Ainda estava cantando aquela canção.

E então começou a perceber a sutil mudança do ambiente. Deu alguns passos desajeitados, e parou de cantar. E então apercebeu-se, como que atingido por uma ducha fria, que o brilho da atmosfera tinha desaparecido!

Com um movimento rápido, abriu o capacete e jogou-o de lado. Respirou profundamente, o ar ainda estava estagnado, mas era respirável.

Tinha acidificado a água no tanque, e destruíra o campo em sua origem. Mais uma vitória para a matemática da psicologia!

Tirou sua roupa de ósmio e espreguiçou-se. A pressão em seu peito recordava-lhe algo. Retirando o pequeno livro que sua mulher deixara cair, disse: - O talismã funcionou! - e sorriu, indulgente para com a sua fantasia.

O sorriso congelou quando ele viu o título do livro.

O título era - Curso Intermediário de Psicologia Aplicada – Volume 5.

Foi como se algo grande e pesado tivesse caído sobre a cabeça de Porus, fazendo-o compreender algo. Nina estivera estudando psicologia aplicada durante dois anos inteiros!

Era este o fator que faltava, e que precisava considerar, agora. Teria de usar integrais triplas do tempo, mas...

Ligou o comutador do comunicador, e esperou que estabelecesse contato.

- Alo! Aqui é Porus! Ouçam, todos vocês! O campo da morte se foi! Venci o polvo! - Desligou e acrescentou, triunfante - e também minha esposa!

Estranhamente - ou talvez, não tão estranhamente - foi este último feito que o agradava mais.

* * *

O que há de mais interessante para mim, em “O Imaginário”, é que já delineia a “psico-história” que deveria ter um papel importante na série Fundação*.

* V. Fundação (trilogia) - Ed. Hemus, São Paulo, S, P. (N.T.)

Foi nesta história, e em sua precursora, “Homo Sol”, que pela primeira vez tratei a psicologia como uma ciência matematicamente requintada.

Foi naquela época que fiz outra tentativa com Unknown, e o fiz com uma história chamada “O Olmo” (“The Oak”), que, segundo me lembro, era algo sobre um olmo que servia de oráculo e dava informações ambíguas. Submeti-a a Campbell a 16 de julho de 1940, e foi prontamente rejeitada.

Uma das coisas ruins em escrever para Unknown, era que a revista era como um beco sem saída. Se Unknown rejeitava uma história, não haveria nenhum outro lugar onde apresentá-la. Era possível tentar Weird Tales, uma revista mais velha que qualquer outra de ficção científica, mas lidava com histórias de horror meio superadas, e pagava muito pouco. Eu realmente não estava interessado em tentar algo com eles. (Além do que, ambas rejeitaram tanto “Vida antes do Nascimento” (“Life Before Birth”) e “O Olmo” (“The Oak”) quando as apresentei a eles!.).

Porém, 29 de julho de 1940 foi um ponto de inflexão em minha carreira, se bem que na época, não pudesse percebê-lo. Até então, tinha escrito vinte e duas histórias, em vinte e cinco meses. Destas, eu tinha vendido (ou estava para vender), treze, enquanto que nove nunca foram vendidas, e não mais existem. Os números não eram notáveis, nem tampouco desprezíveis, vamos dizer, medíocres.

Entretanto, veio a acontecer que exceto por dois contos curtos, casos à parte, nunca mais escrevi uma história de ficção que não seria comprada. Descobrira o filão.

Mas não o de Campbell em especial. Em agosto, escrevi “Hereditariedade” (“Heredity”), que apresentei a Campbell no dia 15, e que ele rejeitou duas semanas depois.

Afortunadamente, Pohl aceitou-a imediatamente.

12

HEREDITARIEDADE

O dr. Stefansson folheava o grosso maço de folhas datilografadas, que estava diante dele. - Está tudo aqui, Harvey, vinte e cinco anos de trabalho.

O prof. Harvey, com suas maneiras afáveis, fumava despreocupadamente seu cachimbo. - Bem, sua parte está acabada, e a de Markey também, em Ganimedes. Agora, é com os gêmeos.

Um curto silêncio ruminativo, e então o dr. Stefansson moveu-se, incomodado. - Vai dar as notícias para Allen logo?

O outro assentiu, quietamente. - Terá de ser feito antes de chegarmos a Marte, e quanto mais cedo, melhor. - Fez uma pausa, e acrescentou, um pouco angustiado: - Imagino como deve ser, depois de vinte e cinco anos, descobrir um irmão gêmeo que nunca se viu. Deve ser um choque.

- Como George encarou a novidade?

- Não acreditou, de início, e não o culpo. Markey teve de se esforçar bastante para convencê-lo de que era verdade. Suponho que terei o mesmo trabalho com Allen.

- Batia o cachimbo, para limpá-lo e abanava a cabeça.

George sorriu. - Aposto que sim.

- Seria capaz de ir até Marte para ver os dois juntos - observou o dr. Stefansson, meditativo.

- Não fará isso, Stef. Esta experiência foi muito demorada e significa demais para que você a arruine com um gesto tão inconseqüente.

- Eu sei, eu sei! Hereditariedade versus ambiente! Talvez, finalmente, a resposta. - Falava quase consigo mesmo, como se repetisse uma velha e familiar fórmula.

- Dois gêmeos idênticos, separados no momento do nascimento; um educado na velha e civilizada Terra; o outro, um pioneiro em Ganimedes. E então, em seu vigésimo-

quinto aniversário, levados a se encontrarem pela primeira vez em Marte. - Meu Deus! Gostaria que Cárter tivesse vivido até ver o fim disto. São filhos dele.

- É... lamentável, mas estamos vivos, assim como os gêmeos. Levar a experiência a seu termo será nosso tributo a ele.

Não se diria, ao ver pela primeira vez a filial marciana de "Produtos Medicinais", que é cercada apenas e tão-somente pelo deserto. Não se podem ver as imensas cavernas subterrâneas onde os fungos nativos de Marte são cultivados artificialmente em grandes campos florescentes. O intrincado sistema de transporte que conecta todas as partes das milhas quadradas dos campos ao prédio central, é invisível. O sistema de irrigação; os purificadores de ar; os canos, tudo escondido.

E o que se vê é o grande prédio baixo de tijolos vermelhos e o deserto marciano, cor de ferrugem, seco, à volta toda.

Era tudo o que George Carter tinha visto ao chegar de táxi-foguete, mas para ele, ao menos, as aparências não haviam enganado. Seria incomum se estranhasse, pois sua vida em Ganimedes fora orientada, em cada fase, rumo à eventual gerência geral dessas mesmas instalações. Conhecia cada polegada quadrada das cavernas lá embaixo, tal como se tivesse nascido e crescido lá.

E agora estava sentado no pequeno escritório do prof. Lemuel Harvey, e permitia apenas o mais leve traço de incomodidade em seu aspecto impassível. Seus olhos azuis glaciais procuravam os do prof. Harvey.

- Esse... esse meu irmão gêmeo; estará aqui logo?

O prof. Harvey confirmou: - Está a caminho, agora mesmo. George Carter descruzou as pernas. Sua expressão era quase de meditação. - Ele se parece bastante comigo, não?

- Bastante; como sabe, vocês são gêmeos idênticos.

- Humm! Acho que sim! Gostaria de tê-lo conhecido antes; em Gamiy! - Franziu a testa. - Ele viveu na Terra todo o tempo, não?

Uma expressão de interesse marcava o rosto do prof. Harvey. Disse, de súbito: - Você não gosta de terráqueos?

- Não, não exatamente - veio logo a resposta - só que os terráqueos são meio molengas; todos os que conheci, são.

Harvey sorriu, e a conversa cessou.

O sinal da porta despertou Harvey de suas divagações, assim como George Carter, fazendo-o saltar de sua cadeira, no mesmo instante. O professor apertou o botão da mesa, e a porta se abriu.

A pessoa que lá estava entrou, e parou. Os gêmeos se defrontaram.

Foi um momento tenso, parado, e o prof. Harvey acomodou-se em sua poltrona, cruzou os dedos e olhava, atentamente.

Os dois detiveram-se, empertigados, a três metros um do outro, sem fazer um movimento para diminuir a distância. Faziam um curioso contraste - ainda mais assinalado por causa da grande semelhança entre os dois.

Dois olhares azuis glaciais contemplavam-se. Cada um via um longo nariz reto sobre lábios cheios e vermelhos, cerrados. As maçãs proeminentes, tanto num, como no outro, o queixo anguloso e proeminente, igual em ambos. Havia até mesmo a estranha inclinação das sobrancelhas, em expressões iguais de interesse em parte absorto, em parte interrogativo.

Mas, toda a semelhança terminava no rosto. As roupas de Allen Carter tinham a marca de Nova Iorque em cada polegada quadrada. Sua blusa folgada, seus calções púrpura, meias de “cellulite”, cor salmão, até as sandálias brilhantes em seus pés, era uma personificação da última moda terráquea.

Por um fugaz momento, George Carter tomou consciência de um sentimento de sua falta de elegância, com sua camisa de mangas justas, e gola alta, de linho de Ganimedes.

Seu casaco desabotoado e suas calças volumosas presas em botas altas de sola grossa, eram desajeitados e provincianos. Mesmo ele sentiu isso, por um instante.

Do bolso em sua manga, Allen tirou uma cigarreira - foi o primeiro movimento que um deles fez -abriu-a, tomou um delgado cilindro de tabaco envolto em papel, que espontaneamente acendeu-se coma primeira baforada.-

George hesitou por uma fração de segundo, e sua ação subseqüente era quase de desafio. Sua mão mergulhou no bolso interior de seu casaco e tirou de lá um charuto verde, feito de vegetais de Ganimedes. Um fósforo inflamou-se, e por um longo momento, com algumas baforadas, igualou-se com o cigarro do irmão.

E então Allen riu-se - uma risada alta, aguda. - Seus olhos são um pouco mais juntos, acho.

- É, bem pode ser. Seu cabelo é um pouco diferente. - Havia uma leve desaprovação em sua voz. A mão de Allen passou por seu longo cabelo marrom claro, cuidadosamente cacheado nas pontas, enquanto seus olhos fixavam o rabicho descuidadamente atado do longo cabelo do outro.

- Suponho que devemos nos acostumar um com o outro; estou disposto a tentar. - O gêmeo terráqueo estava avançando agora, mão estendida.

George sorriu. - Aposto que sim; vamos lá. As mãos se encontraram e se apertaram.

- Seu nome é Allen, não? - disse George.

- E o seu, George, não? - respondeu Allen.

E então, por alguns instantes, eles nada disseram. Apenas olhavam-se e sorriam, ao esforçarem-se por superar o abismo de vinte e cinco anos que havia entre eles.

O olhar impessoal de George Carter passava por sobre o tapete da cultura púrpura, de pouca altura, que se estendia em quadrados bem delineados, pelas distâncias imprecisamente definidas das cavernas. Os jornais e repórteres poderiam decantar o “ouro dos fungos” de Marte, e os extratos purificados, das culturas aos pacotes já tratados, que se tornaram indispensáveis à profissão médica em todo o sistema solar. Ópio, vitaminas purificadas, um novo específico vegetal contra pneumonia - as culturas quase valiam seu peso em ouro.

Mas eram simplesmente uma lavoura, para George Carter - plantas que deveriam ser cultivadas até seu desenvolvimento completo, colhidas, reunidas em fardos, e enviadas aos laboratórios de Areópolis, a centenas de milhas.

Reduziu à metade a velocidade de seu pequeno veículo terrestre, e inclinou-se, pela janela, furioso. - Ei, seu amassador de lama, aí! Você, com o rosto enlameado! Olhe o que está fazendo; mantenha essa maldita água dentro do canal!

Acomodou-se e acelerou o carro de novo. O ganimedeano resmungava colérico, consigo mesmo: - Esses homens daqui são piores do que inúteis. Tantas máquinas para fazerem o trabalho, que dão a seus miolos férias permanentes, ao que parece.

O carro foi freado, e ele desceu. Abrindo caminho por entre os fungos, aproximou-se do grupo de homens em torno da máquina em forma de aranha, no caminho de circulação à frente.

- Bem, aqui estou; o que é que há, Allen?

A cabeça de Allen destacou-se por detrás do outro lado da máquina. Acenou para os homens à volta dele. - Vamos parar um pouco! - e correu para o irmão.

- George, funciona. É lenta e meio desajeitada, mas funciona. Podemos aperfeiçoá-la, agora que já temos o básico. E em pouco tempo, estaremos prontos para...

- Agora espere um pouco, Allen. Lá em Ganny, vamos sempre devagar. Faz viver mais tempo, sabe? O que é que você tem aí?

Allen fez uma pausa e limpou o suor da testa. Seu rosto brilhava com graxa, suor, e alegria. - Estive trabalhando nesta coisa desde que saí do colégio. É uma modificação de algo que temos na Terra - mas ainda não está aperfeiçoada. É uma colheiteira mecânica.

Tinha apanhado um quadrado de papel dobrado de seu bolso e falava entusiasticamente, ao abri-lo sobre o chão à sua frente. - Até agora, a colheita tem sido um estrangulamento na produção, para não falar dos quinze a vinte por cento de perdas, devido a serem colhidos fungos verdes, e outros já passados. Afinal, os olhos humanos são apenas olhos humanos, e os fungos... Veja, aqui!

O papel estava aberto e Allen estava agachado, na frente dele. George inclinava-se sobre seu ombro, com uma atenção intrigada.

- Como vê, é uma combinação de fluoroscópio e célula fotoelétrica. O estado do fungo pode ser indicado pelos esporos dentro dele. Esta máquina é ajustada de modo que o circuito certo é ligado com a exata combinação de claro e escuro, formada pelos esporos maduros dentro do fungo. Por outro lado, este segundo circuito... mas é melhor que eu lhe mostre.

Estava de pé de novo, estalando de entusiasmo. com um pulo, já estava no assento baixo, na traseira da máquina, e acionou uma alavanca.

Lentamente, a máquina se voltou para os fungos e seu “olho” deslocava-se lateralmente, a doze centímetros do chão. Ao passar em cada fungo, um longo braço

esquelético estendia-se, cortando-o a um centímetro do chão, e depositando-o numa rampa, da máquina. Em sua parte posterior, formava-se uma pilha de fungos colhidos.

- Podemos instalar uma fardadeira, também, mais tarde. Percebeu que a máquina não tocou alguns fungos? Não estão maduros. Espere até que chegue a um passado, e veja o que ela faz.

Soltou uma interjeição de triunfo, um segundo depois, quando um fungo foi cortado e jogado ao chão.

Parou a máquina. - Viu? Num mês, creio que podemos começar a utilizá-la nos campos.

George Carter olhava, amargurado, para seu irmão. - Levará mais de um mês, eu acho. Pode levar uma eternidade.

- O que quer dizer, uma eternidade? Basta acelerarmos...

- Nem mesmo importa se apenas tiver que ser pintada de púrpura. Isso não vai aparecer nos meus campos.

- Seus campos?

- É... meus - foi a fria resposta - tenho poder de veto igual ao seu. Não pode fazer nada sem que eu aprove, e não terá minha aprovação para isto. De fato, quero que tire essa coisa daqui. Não é necessária.

Allen desceu da máquina e encarou o irmão. - Você deixou que eu usasse este lugar, para fazer experiências, sem vetos, e você vai respeitar isso.

- Está bem, então, mas mantenha essa maldita máquina fora do resto dos campos.

O terráqueo aproximou-se do outro, lentamente. Havia um olhar perigoso em seus olhos. - Veja, George, não gosto de sua atitude, e não gosto do modo como você está usando seu poder de veto. Não sei o que você se acostumou a controlar lá em Ganimedes, mas você está por cima, agora, e ainda tem uma porção de noções provincianas, que precisa tirar da cabeça.

- Só se eu quiser. E se você quiser brigar comigo, é melhor irmos ao seu escritório. Discutir na frente dos homens é ruim para a disciplina.

O caminho de volta à central foi percorrido no mais absoluto silêncio. George assobiava, abstraído, e Allen cruzava os braços e olhava o caminho à frente com evidente indiferença. O silêncio continuou ao entrarem no escritório do terráqueo. Allen apontou

uma cadeira, e o ganimedano pegou-a, sem dizer palavra. Tirou um dos seus onipresentes charutos e esperou que o outro falasse.

Allen inclinou-se para a frente e apoiou os cotovelos sobre a mesa. Começou, precipitadamente.

- Há muita coisa nesta situação, George, que é um mistério para mim. Não sei porque criaram você em Ganimedes, e eu na Terra, e não sei por que não deixaram que soubéssemos um do outro, ou por que fizeram de nós dois gerentes, com poder de veto sobre o outro, mas sei que a situação rapidamente está se tornando intolerável.

- Esta empresa precisa de modernização, e você sabe disso. No entanto, você tem usado seu veto em cada pequeno avanço que eu penso em introduzir. Não conheço seu ponto de vista, mas suspeito que você ainda está vivendo em Ganimedes. Se você ainda pensa naquela estagnação, aviso-lhe para mudar, e depressa. Sou da Terra, e esta organização vai ser administrada com a organização e a eficiência da Terra. Está compreendendo?

George soprou seu fumo perfumado para o teto, antes de responder, mas quando o fez, seus olhos pareciam penetrantes, e sua voz era cortante.

- Terra, heim? A eficiência da Terra? Bem, Allen, gosto de você. Não posso evitá-lo. Você é tão parecido comigo, que não gostar de você seria não gostar de mim mesmo.

Detesto dizer isto, mas sua educação foi toda errada.

Sua voz tornou-se severamente acusatória. - Você é um terráqueo. Bem, olhe para si mesmo. Um terráqueo é, no máximo, meio homem, e naturalmente, depende de máquinas.

Mas você por acaso pensa que eu desejo que a empresa seja operada por máquinas, apenas por máquinas? Para que servem os homens?

- Os homens operam as máquinas - veio a resposta breve e irritada.

O ganimedano ergueu-se, e um punho desceu sobre a mesa. - As máquinas é que operam os homens, e você sabe disto. Primeiro você as usa, depois, depende delas; e, finalmente, você é escravo delas. Lá na sua preciosa Terra, você só tinha máquinas, máquinas, máquinas, e como resultado, o que é que você é? Vou dizer-lhe - meio homem!

Empertigou-se. - Ainda gosto de você; o bastante para desejar que você vivesse em Ganimedes comigo. Por Júpiter, caramba! Faria de você um homem.

- Acabou? - disse Allen.

- Acho que sim!

- Então vou dizer-lhe algo. Não há nada errado com você que não possa ser corrigido vivendo num planeta decente. Tal como é, entretanto, você pertence a Ganimedes. Aconselho-o a voltar para lá.

- Não está pensando em me dar um golpe baixo, está?

- Não; não poderia lutar contra minha imagem ao espelho, mas se seu rosto fosse apenas um pouco diferente, gostaria de experimentar um pouco.

- Pensa que poderia fazê-lo? Um terráqueo como você? Sente-se, acho que ficamos um pouco nervosos. Nada pode se arranjar deste modo.

Sentou-se mais uma vez, tentando fumar seu charuto já apagado, e, agastado, lançou-o ao tubo do incinerador.

- Onde está sua água? - perguntou.

Allen sorriu. - Você objetaria se uma máquina a fornecesse?

- Máquina? O que quer dizer? - O ganimedano olhou em volta, desconfiado.

- Veja! Instalei isto há uma semana. - Tocou num botão em sua mesa, e um "clic" soou embaixo dela. Ouviu-se o som de água por um segundo, mais ou menos, e então um círculo metálico ao lado da mão direita do terráqueo deslizou para um lado e um copo de água foi empurrado para cima.

- Pegue. - Ofereceu Allen.

George tomou-o, cauteloso, e bebeu. Jogou o copo vazio no tubo do incinerador, e então olhou demorada e pensativamente para seu irmão. Posso ver esse seu aparelho de água?

- Claro. Está sob a escrivaninha. Aqui, vou abrir para você.

O ganimedano alojou-se lá embaixo, enquanto Allen observava, hesitante. Uma mão morena esticou-se de lá, de repente, e uma voz abafada pediu: - Dê-me uma chave de fenda.

- Ei! O que vai fazer?

- Nada, nada mesmo. Apenas quero investigar um pouco esta engenhoca.

A chave de fenda foi entregue, e por alguns minutos, não houve nenhum som, exceto alguns ruídos ocasionais de metal sendo arranhado. Finalmente, George retirou seu rosto, corado, e ajeitou seu colarinho, amarfanhado, com satisfação.

- Que botão eu aperto, para a água?

Allen indicou, e o botão foi apertado. Ouviu-se a água. O terráqueo permanecia sentado, estupefato, olhando da escrivaninha para seu irmão. E então notou alguma umidade em seus pés.

Sobressaltou-se, olhou para baixo, e falou, desanimado: - Ora, miserável, o que fez? - Um riacho de água escorria de sob a mesa e o ruído da água ainda continuava.

George dirigiu-se calmamente para a porta. - Apenas arranjei-lhe um curto-circuito. Aqui está sua chave de fenda; conserte de novo. - E logo antes de bater a porta:

- É o que eu penso de suas preciosas máquinas; funcionam errado nas horas erradas.

A campainha era insistente, e Allen Carter abriu um olho, mal-humorado. Ainda estava escuro. com um suspiro, ergueu um braço até a cabeceira da cama, e ligou o áudio emissor. A voz aguda de Amos Wells guinchou nervosamente para ele. Os olhos de Allen arregalaram-se e sentou-se na cama.

- Está louco! - Pulou para suas calças, ao falar. Em dez segundos estava galgando os degraus de três em três. Disparou para dentro do escritório principal, exatamente atrás de seu apressado irmão.

O lugar estava lotado, e seus ocupantes, agitados.

Allen afastou seu longo cabelo dos olhos. - Liguem o holofote da torre!

- Já está ligado - alguém disse, desesperançado.

O terráqueo correu para a janela e olhou para fora. O feixe amarelo alcançava uns poucos metros, e perdia-se na escuridão. Foi para a janela, e ergueu-a alguns centímetros; ouviu-se o assobio do vento, e uma tempestade de tosses, dentro da sala. Allen fechou-a e logo levou as mãos aos olhos, lacrimejantes.

George falou, entre espirros. - Não estamos localizados na região de tempestades de areia. Não pode ser.

- Mas é - assegurou Wells, ainda guinchando. - É a pior que já vi. Começou a toda força, a partir do nada. Pegou-me desprevenido. Quando eu fechei todas as saídas para cima, já era tarde.

- Tarde! - Allen desviou sua atenção de seus olhos cheios de areia e logo perguntou - tarde para quê?

- Para nossos veículos. Nossos foguetes sofreram mais. Não há um que não esteja com seus motores entupidos com areia. E o mesmo com as bombas de irrigação e sistema de ventilação. Os geradores subterrâneos estão em segurança, mas tudo o mais deverá ser desmontado e montado de novo. Ficaremos por uma semana, pelo menos; talvez mais.

Houve um silêncio denso, porém curto, e então Allen disse: - Você fica encarregado, Wells, ponha os homens num turno dobrado e trate das bombas de irrigação primeiro.

Precisam estar funcionando em vinte e quatro horas, ou metade da plantação morrerá. Espere... Vou com você.

Voltou-se para sair, mas seus passos interromperam-se, quando viu Michael Anders, oficial de comunicações, correndo escada acima.

- O que é que há?

Anders falava, ofegante: - O maldito planeta enlouqueceu. Houve o maior terremoto da história com seu centro a menos de dez milhas de Areópolis.

Houve um coro de - O quê? - e uma algaravia de imprecações. Os homens aproximaram-se, ansiosamente; muitos tinham parentes e esposas na metrópole marciana.

Anders continuava: - Aconteceu de repente. Areópolis está em ruínas, e há muitos incêndios. Não há pormenores, mas o transmissor de nosso laboratório em Areópolis desligou há minutos.

Ergueu-se uma babel de comentários. As novas propagaram-se até o interior da Central, e a excitação já estava chegando a proporções de pânico. Allen deu um grito.

- Quietos, todos! Não há nada que possamos fazer para ajudar Areópolis. Temos nossas próprias preocupações. Esta estranha tempestade está relacionada com o terremoto, de algum modo, e é isto o que podemos enfrentar agora. Todos de volta a seu

trabalho, agora, e trabalhem depressa. Precisarão de nós em Areópolis, muito cedo. - Voltou-se para Anders. Você! Volte para o receptor e não desligue até que entre em contato com Areópolis de novo. Vem comigo, George?

-Não, acho que não - foi a resposta. - Vá cuidar de suas máquinas. Vou lá para baixo, com Anders.

Chegou a madrugada, opaca, sem luz, quando Allen Carter voltou à Central. Estava cansado - de corpo e alma - e tinha exatamente este aspecto. Entrou na sala do rádio.

- As coisas estão caóticas. Se...

Houve um "Shh", e George acenava. Allen calou-se. Anders estava inclinado sobre o receptor, girando pequenos botões, nervosamente.

Anders ergueu a cabeça. - Não adianta, sr. Cárter, não consigo falar com eles.

- Está bem; fique aqui e fique de olho. Avise-me se aparecer algo. Saiu, segurando o irmão pelo braço, arrastando-o para fora.

- Quando poderemos ter a próxima remessa, Allen?

- Não em menos de uma semana. Não temos nada que possa rodar ou voar, durante alguns dias ainda, e levará mais algum tempo, até que possamos colher alguma coisa.

- Temos alguns estoques à mão agora?

- Algumas toneladas de fungos diversos; principalmente os púrpura. A remessa da Terra, na última terça-feira, levou quase tudo o que tínhamos.

George estava pensando.

Seu irmão esperou um momento, e interpelou-o. - Bem, o que está pensando? Quais são as notícias de Areópolis?

- Péssimas! O terremoto arrasou com três quartos da cidade e o resto parece estar incendiado. Cinqüenta mil pessoas desabrigadas. Não vai ser brincadeira, o outono marciano com o sistema de gravitação artificial quebrado.

Allen assobiou: - Pneumonia!

- E resfriados, e gripes, e uma meia dúzia de doenças, para não falar das pessoas queimadas. O velho Vincent está desesperado.

- Quer um suprimento?

- Seu estoque só vai durar dois dias. Ele precisa ter mais.

Ambos estavam falando baixo, quase com indiferença, com aquela ampla compreensão que é o que torna todas as crises toleráveis.

Houve uma pausa, e então George falou de novo: - O que poderíamos fazer?

- Nada, em menos de uma semana, nem se nos matássemos de trabalhar. Se eles puderem enviar uma nave assim que a tempestade acabar, poderemos enviar o que temos, como algo provisório, até colhermos o resto.

- Mesmo assim, pense; o aeroporto de Areópolis está em ruínas. Não há naves operacionais.

Silêncio, de novo. Então Allen falou, numa voz tensa, baixa: - O que está esperando? Que quer dizer com essa sua cara?

- Estou esperando que você admita que suas malditas máquinas falharam, na pior emergência que encontramos.

- Sim, admito - rosnou o terráqueo.

- Ótimo! E agora, devo mostrar o que o engenho humano pode fazer. - Estendeu uma folha de papel para seu irmão. - Cópia da mensagem que enviei a Vincent.

Allen olhou para seu irmão, e demorou-se em ler os rabiscos a lápis.

- Vamos entregar tudo o que tivermos à mão, em trinta e seis horas. Espero que sirva para sua manutenção por alguns dias, até que possamos ter uma remessa pronta.

As coisas estão ruins por aqui também.

- E como vai fazer? - perguntou Alien, ao acabar.

- Vou mostrar-lhe - respondeu George, e Allen percebeu, pela primeira vez, que estavam nas cavernas, depois de ter deixado a Central.

George indicou o caminho, por cinco minutos, e parou diante de um objeto avultado, na escuridão. Ligou as lâmpadas do lugar e disse: Um caminhão de deserto!

Não era nada imponente. com o cavalo mecânico baixo na frente e três carretas abertas, atarracadas, atrás, apresentava a imagem da decrepitude obsoleta. Quinze anos antes, havia sido relegado ao ferro-velho, pelos trenós de deserto, e cargueiros-foguete.

O ganimedano falava: - Revisei-o eu mesmo há uma hora, eu mesmo, e ainda está em condições. Tem rolamentos selados, ar condicionado, e motor de combustão interna.

O outro olhou, estranhando. Havia uma expressão de desagrado em seu rosto. - Quer dizer que queima combustível químico.

- Sim! Gasolina! Por isso que eu gosto dele. Lembra-me Ganimedes. Em Gannie, tinha um motor a gasolina que...

- Mas, espere um pouco. Não temos gasolina aqui.

- Não, acho que não. Mas temos muito hidrocarboneto líquido, por aqui. Que tal o solvente D? É quase só octana. Precisamos de alguns tanques.

Allen disse: - Está bem, mas o caminhão leva apenas duas pessoas.

- Eu sei; um sou eu.

- E eu, o outro.

George falou: - Sabia que você diria isso - mas não vai ser só apertar o botão e deixar correr. Acha que pode enfrentar a viagem, terráqueo?

- Acho que sim, Gannie.

O sol nascera duas horas antes de o motor do caminhão ser ligado, mas, lá fora, a tempestade estava ainda mais violenta.

A avenida principal dentro das cavernas estava zumbindo com a atividade. Figuras grotescas, com os olhos espiando através do vidro espesso de máscaras improvisadas, recuaram, quando as rodas largas do caminhão, especiais para a areia, começaram a girar, lentamente. As três carretas atrás estavam cheias com fungos púrpura, cobertas com lonas, e amarradas, e agora haviam dado o sinal para abrir a porta.

A alavanca foi empurrada para baixo, e as portas duplas separaram-se, protestando, com o acúmulo de areia. Através de um torvelinho de areia, que havia sido soprada para dentro, o caminhão começou a sair, e atrás, vultos com roupas de proteção contra a areia tentavam limpar suas viseiras, e fechavam a porta de novo.

George Carter, já acostumado com a vida em Ganimedes, enfrentou a súbita mudança de gravidade, ao deixarem os campos Gravitor das cavernas, com uma inspiração profunda.

Suas mãos seguravam firmes o volante. Seu irmão terráqueo, porém, estava em condições bem outras. Aquele nó nauseante no estômago desapareceu muito lentamente,

e demorou para que sua respiração irregular e profunda se aproximasse de algo normal, de novo.

E o terráqueo percebia que o outro o estava observando com o canto dos olhos, com um leve sorriso.

Era um grande esforço, para evitar gemer, porém seus músculos abdominais enrijeciam-se, e a transpiração inundava seu rosto.

As milhas passavam devagar, mas a ilusão de imobilidade era quase tão completa como no espaço. A paisagem era cinza - uniforme, monótona, invariável. O ruído do motor era ronronar áspero, e os estalidos do purificador de ar eram hipnóticos. Ocasionalmente, encontravam uma lufada mais forte do vento, e um arabesco de areia desenhava-se contra a janela, com um milhão de pontos ruidosos, separados.

George mantinha os olhos fixos na bússola, à sua frente. O silêncio era quase opressivo.

E então o ganimedano virou a cabeça, perguntando: - O que há de errado com o raio desse ventilador?

Allen esgueirou-se para cima, cabeça contra o teto, e então voltou, pálido. -Parou. - Levará horas até que a tempestade pare. Precisamos de ar, até então. Vá lá atrás e veja o que pode fazer. - Sua voz era fria e trivial.

- Ei! - disse, enquanto o outro tratava de ir para a traseira da cabine. - A caixa de ferramentas; tem vinte minutos, antes que o ar se torne irrespirável. E já está começando a ficar ruim.

As nuvens de areia adensavam-se, e a fraca lâmpada amarela acima da cabeça de George iluminava fracamente o interior da cabine.

Ouviu-se o som de pancadas atrás, e a voz de Allen: - Ora, o que esta corda está fazendo aqui? - Martelou um pouco, e então, praguejou.

- Esta coisa está entupida com ferrugem.

- O que há mais de errado? - Quis saber o ganimedano.

- Não sei. Espere, até que eu limpe. - Mais marteladas, e um som sibilante seguiu-se.

Allen voltou para seu assento. Seu rosto pingava um suor misturado com ferrugem e limpá-lo com as costas de uma mão igualmente suada e cheia de ferrugem, de nada adiantava.

- A bomba está vazando como uma chaleira, agora que a ferrugem foi removida. Deixei-a na velocidade máxima, mas continua funcionando só por milagre.

- Comece a rezar - replicou George - por um botão para apertar. O terráqueo franziu a testa, e passou a olhar para a frente apreensivo e silencioso.

Às quatro da tarde, o ganimedano observou: - O ar está começando a se rarefazer, parece.

Allen como que despertou, assustado. O ar estava denso e úmido, lá dentro. O ventilador, atrás, sibilava entre cada “clic”, e os “clics” estavam diminuindo seu ritmo.

Não duraria muito agora.

- Quanto já percorremos?

- Cerca de um terço da distância - foi a resposta. - Como está se saindo?

- Bastante bem - retrucou Allen, e fechou-se de novo em sua concha.

Veio a noite, e as primeiras brilhantes estrelas da noite marciana despontavam, quando com um último e inútil sopro, o ventilador desligou.

- Raios! - comentou George. - Não posso respirar mais esta pasta, de qualquer modo. Abra a janela.

O frio vento cortante de Marte entrou, e com ele, as últimas areias da tempestade. George tossiu ao puxar seu capuz sobre as orelhas, e ligou o aquecedor.

- Ainda se pode sentir o gosto da areia.

Allen olhou, pensativo, para o céu. - Ali está a Terra, com a Lua logo em seu encalço.

- Terra? - repetiu George, com algum desdém. Seu dedo apontava para o horizonte. - Ali está o velho Júpiter.

E jogando a cabeça para trás, cantou numa forte voz de barítono:

“Quando o orbe dourado de Jove
Brilha nos céus lá em cima,
Minha alma anseia voltar

Para aquela terra feliz que conheço,

Para o bom e velho Ganimeeeeeeeedeees!!!"

A última nota tremeu e interrompeu-se, repetidamente, cada vez mais rapidamente até que seu uivo vibrante quase se tornava ensurdecedor.

Allen olhava para seu irmão, abismado. - Como fez isso? George sorriu. - É o trino de Ganimedes. Nunca ouviu antes? O terráqueo abanou a cabeça. - Já ouvi falar, mas apenas isso. O outro tornou-se um pouco mais cordial. - É claro, só se pode fazer isso numa atmosfera rarefeita. Devia ter me ouvido em Gannie. Quando estou em forma, posso fazê-lo cair da cadeira. Espere até que eu acabe este café, e então cantarei para você a estrofe vinte e quatro da "Balada de Ganimedes".

Tomou fôlego e começou:

"Há uma ruiva que eu amo Esperando, à luz de Jove, Esperando ali, por miiiiiiimm!!! Então..." Allen agarrou-o pelo braço, e sacudiu-o. O ganimedano logo calou-se.

- O que há? - perguntou.

- Havia um ruído de pés no teto, há pouco. Há algo aí em cima. George olhou para cima. - Segure o volante, vou lá.

Allen abanou a cabeça. - Eu mesmo vou. Não confiaria em guiar esta máquina caindo aos pedaços.

Estava no estribo logo em seguida.

- Continue guiando! - gritou, e jogou um dos pés na direção do teto.

Gelou nesta posição, quando percebeu duas fendas amarelas, com olhos fixos nele. Não levou nem um segundo para perceber que estava face a face com um keazel, situação tão desconfortável quanto, na Terra, descobrir uma cascavel na própria cama.

Havia pouco tempo para comparações mentais, naquela posição, com os equivalentes terráqueos, pois o keazel avançou, com seus dentes venenosos brilhando, à luz das estrelas.

Allen tentou se firmar, mas não conseguiu. Caiu na areia em câmara lenta, e o corpo escamoso e frio do réptil marciano estava sobre ele. A reação do terráqueo foi quase instintiva. Sua mão se esticou e segurou o focinho estreito da criatura.

Naquela posição, o animal e o homem congelaram, com a rigidez de estátuas. O homem estava tremendo, e dentro dele, o coração batia rápida e fortemente. Mal se atrevia a mover um dedo. Na incomum gravidade marciana, viu que não conseguia avaliar os movimentos de seus membros. Os músculos não se coordenavam e as pernas se balançavam, inesperadamente. Tentou ficar parado e pensar.

O keazel reclamou, e de seus lábios, fechados pelos músculos do terráqueo, saiu um assobio trêmulo. A mão de Allen começou a ficar escorregadia, com a transpiração, e sentiu o focinho do animal virar-se um pouco em sua mão. Segurou mais forte, assustando-se. Fisicamente o keazel não podia enfrentar um terráqueo, mesmo que estivesse cansado, assustado, e pouco acostumado àquela gravidade, mas uma mordida qualquer, era tudo o que bastava.

O keazel debateu-se, de repente; seu dorso encurvou-se, e suas pernas esticaram-se. Allen continuou segurando, com as duas mãos, e não podia soltá-lo. Não tinha uma arma, nem uma faca. Não havia pedras na areia nivelada, no deserto, para quebrar a cabeça do animal. O caminhão já desaparecera na noite, e ele estava só, só, com um keazel.

Desesperado dobrou a cabeça do animal. Conseguia ouvir a própria respiração, intensa, e também aquele assobio baixo.

Allen ficou em cima do bicho, e afundou os joelhos sobre seu abdômen frio, coberto de escamas. Torceu a cabeça, mais e mais. O keazel lutava, mas os músculos terráqueos de Allen mantinham-se firmes. Podia quase sentir a agonia do animal nas últimas etapas, quando reuniu suas forças: algo estalou.

E o animal parou.

Ergueu-se, quase soluçando. O vento da noite marciana cortava, e a transpiração congelava seu corpo. Estava só no deserto.

A reação logo se fez sentir. Havia um zumbido intenso em suas orelhas e começou a ter dificuldades em manter-se de pé. O vento continuava, terrível; mas de algum modo, ele não mais o sentia.

O zumbido em suas orelhas se transformou numa voz, uma voz que era um grito estranho, através do vento forte.

- Allen, onde está? Raios, seu molenga, onde está? Allen! Allen! Uma nova vida chegou ao terráqueo, jogou a carcaça do keazel sobre os ombros e foi tropeçando em direção à voz.

- Aqui, Gannie, aqui!

E tropeçou, cegamente, nos braços do irmão. George começou, rude: - Caramba, terráqueo, não consegue nem se manter de pé sobre um caminhão a vinte por hora? Você poderia... Sua voz diluiu-se, quase engasgando.

Allen disse, cansado: - Havia um keazel, no teto. Derrubou-me. Pegue, ponha em algum lugar. Há uma recompensa de cem dólares por pele de keazel que se leve a Areópolis.

Não se lembrou claramente de nada, na meia hora seguinte. Quando as coisas ficaram mais claras, estava no caminhão de novo com um gosto de café quente na boca.

O motor estava lá de novo, com seu barulho, e o agradável calor dos aquecedores o rodeava.

George estava sentado a seu lado, olhos fixos no deserto, à frente. De vez em quando, pigarreava e dava uma olhada para seu irmão; havia um olhar estranho em seus olhos.

Allen disse: - Escute, preciso ficar acordado, e você, já parece meio morto; que tal me ensinar aquele trinado de Ganimedes? Parece que pode até levantar os defuntos.

O ganimedano olhou ainda mais estranhamente, e falou: - Claro; observe minha garganta, enquanto eu faço de novo.

O sol estava a meio caminho do zênite quando chegaram ao canal.

Uma hora antes da madrugada, ouviram os estalidos da geada, sob as pesadas rodas, o que significava o fim do deserto, e a aproximação dos oásis dos canais. com o nascer do sol, os estalidos sumiram, e a lama reduzia a velocidade do caminhão. Os tufos patéticos de vegetação verde-cínza, rala, que pontilhavam a paisagem, foram as primeiras variações em relação à eterna areia vermelha, desde que os dois tinham começado a jornada.

E então Allen inclinou-se para a frente e tomou o braço do irmão: Olhe, ali está o canal, logo à frente.

O “canal”, um pequeno tributário do grande canal Jefferson, apresentava apenas um fio d’agua nesta estação do ano. Era uma linha torturosa de umidade, e pouco mais que isso. De ambos os lados, áreas de lama negra, que se encheriam com uma correnteza gelada, dali a um ano.

O caminhão inclinou-se, cuidadosamente descendo o declive suave, fazendo um caminho sinuoso entre os rochedos esparsos, trazidos pelas torrentes da primavera, e deixados lá, com a diminuição das águas.

Descia, sobre a lama, e atravessava desajeitadamente as poças. Saltava, barulhento, sobre as pedras, e sujava-se entre o mato, abrindo caminho pelo fio de água no meio do canal, e começou a subir, pela encosta do outro lado.

E, num golpe súbito que lançou os dois para fora de seu assento, derrapou, fez um último esforço para prosseguir, e depois recusou-se a se mover.

Os irmãos desceram e verificaram a situação. George praguejava vigorosamente, com um sotaque ganimedano bastante acentuado.

- Por Júpiter, maldição! Estamos numa enrascada! Também, refocilando assim na lama, como um porco do inferno!

Allen passou a mão no cabelo, cansado. - Bem, não fique aí olhando. Estamos ainda a cem milhas, ou mais, de Areópolis. Precisamos sair daqui.

- Claro, mas como? - Suas imprecações decaíram para uma respiração sibilante, ao ir para o caminhão pegar uma corda. Olhava para ela, incerto.

- Vá lá para dentro, Allen, e quando eu puxar, aperte aquele pedal. Estava amarrando a corda ao eixo dianteiro, enquanto falava. Esticou-a, dando alguns passos com a lama até os tornozelos.

- Está bem, agora, pise! - gritou, - Seu rosto estava vermelho com a força que fazia, e os músculos de seu dorso tensionavam-se. Allen, dentro do veículo, apertava o pedal indicado contra o chão, ouvia um ruído intenso do motor, e as rodas de trás girando em falso. O caminhão deu um impulso para a frente, e voltou.

- Não adianta - falou George. - Não consigo firmar o pé. Se o chão estivesse seco, eu poderia fazê-lo.

- Se o chão estivesse seco, não estaríamos atolados - retorquiu Allen. - Dê-me essa corda.

- Pensa que pode conseguir, se eu não consegui? - foi a reação furiosa, mas o outro já havia saído do veículo.

Allen havia visto o grande rochedo bem enterrado, quando estava no caminho, e foi com alívio que ele descobriu que estava ao alcance da corda. Esticou-a e enrolou a outra extremidade em volta do rochedo. Amarrou-a frouxamente e puxou, certificando-se de que estava firme.

Seu irmão inclinou-se para fora da janela, enquanto ele voltava, agitando um punho ganimedano fechado, no ar.

- Ei, maluco, que está fazendo? Pensa que aquela pedrona vai nos puxar?

- Cale-se! - gritou Allen - e acelere, quando eu puxar.

Ficou a meio caminho entre a pedra e o caminhão e agarrou a corda.

- Acelere! - gritou ele, por sua vez, e com um puxão, fez força em sua direção.

O caminhão moveu-se; suas rodas firmaram-se. Por um momento, hesitou, com o motor gritando, a toda velocidade, e as mãos de George tremendo, ao volante. E então, saiu; e quase ao mesmo tempo, a rocha, na outra ponta da corda esticada, saiu da lama com um ruído de sucção, e caiu de lado.

Allen desamarrou a corda e correu para o caminhão.

- Continue avançando! - gritou, e pulou para o estribo, com a corda arrastando-se a seu lado.

- Como conseguiu? - perguntou George, olhos esbugalhados, de admiração.

- Não estou com forças para explicar agora. Quando chegarmos a Areópolis, e depois que pudermos dormir, vou mostrar-lhe o triângulo das forças, e mostrar-lhe como aconteceu. Não foi uma questão de músculos. Não olhe para mim como se eu fosse Hércules.

George desviou o olhar, com algum esforço. - Triângulo das forças, é? Nunca ouvi falar, mas se é mesmo que pode fazer, a educação é uma grande coisa.

- Pelos gases comentários! Ainda temos café? - Olhou para a última garrafa, balançou-a perto de sua orelha, decepcionado, e disse: - Bem, vamos praticar o tal trinado.

Está quase bom, e me aperfeiçoei bastante.

Bocejou gargantuescamente. - Conseguiremos chegar ao cair da noite?

- Talvez!

O canal estava atrás deles, agora.

O sol, avermelhado, estava se pondo, lentamente, atrás da Cordilheira Meridional, que é uma das duas cadeias montanhosas de Marte. É uma região de colinas, antigas, erodidas, atrás das quais está Areópolis.

Possui a única paisagem digna de nota, em Marte, e também o maravilhoso atributo de poder, pelas correntes ascendentes de suas encostas, extrair uma chuva ocasional da atmosfera marciana, extremamente seca.

Ordinariamente, talvez, um par da Terra e de Ganimedes poderia ter passeado por esta zona pitoresca, mas este não era absolutamente o caso com os irmãos Cárter.

Olhos inchados pela falta de sono, brilhavam mais uma vez com a visão das colinas no horizonte. Os corpos, quebrados pela exaustão, tensionavam-se repetidamente quando subiam as encostas.

E o caminhão prosseguia; pois logo depois das colinas, estava Areópolis. O caminho por onde passavam não era mais uma reta, determinada pela bússola, sobre território plano. Seguia trilhas estreitas e coleantes sobre solo rochoso.

Tinham chegado aos Picos Gêmeos, e aí houve alguns engasgos do motor, que então silenciou.

Allen sentou-se, e havia cansaço e desagrado em sua voz. - O que há com esta máquina repulsiva, agora?

Seu irmão deu de ombros. - Nada que eu não estivesse esperando nesta última hora. Estamos sem gasolina. Mas, não importa. Estamos nos Picos Gêmeos, a apenas dez milhas da cidade. Podemos chegar lá em uma hora, e então eles podem mandar alguém vir buscar os fungos.

- Dez milhas em uma hora! - protestou Allen. - Está louco! - Seu rosto logo se torceu, em agonia. - Meu Deus! Não poderemos chegar em menos de três horas, e já é quase meia noite. Ninguém pode sobreviver tanto à noite marciana. George, nós...

George estava puxando o irmão para fora do carro à força. - Por Júpiter, raios, Allen, não deixe que o molenga em você apareça agora. Podemos fazer o percurso em

uma hora, estou dizendo. Nunca tentou correr em gravidade inferior? É como voar. Veja como eu faço.

E se afastava, como que voando baixo, deslocando-se em saltos que o fizeram quase desaparecer como um ponto pela montanha acima, num instante.

Acenou, e ouviu sua voz baixa: - Venha!

Allen começou, e caiu na terceira passada, braços abertos e pernas descoordenadas. Ouviam-se à distância as gargalhadas do ganimedano.

Allen levantou-se, irritado, e limpou-se. Caminhando normalmente, subiu a colina.

- Não leve a mal, Allen - disse George - é preciso aprender o truque, e eu já tenho prática, de Ganimedes. Pense que está correndo sobre um colchão macio. Corra ritmicamente - num ritmo muito lento - e corra perto do chão; não pule alto. Assim; veja!

O terráqueo tentou, olhando o irmão. Seus primeiros passos incertos tornaram-se mais seguros e longos. Suas pernas esticavam-se e seus braços balançavam, ao alcançar seu irmão, passo a passo.

George gritou-lhe algum encorajamento, e acelerou sua corrida. Fique a pouca altura sobre o chão, Allen. Não pule antes que a ponta de seus pés tenha tocado o chão.

Os olhos de Allen brilhavam, e por um instante, o cansaço foi esquecido. - Isto é grande! É como voar, ou como ter molas nos sapatos.

- Deveria ter vivido em Ganimedes comigo. Temos estádios especiais para corridas a baixa gravitação. Um corredor experimentado pode fazer sessenta quilômetros por hora, às vezes, e eu mesmo consigo fazer cinqüenta; claro, a gravidade lá é inferior à de Marte.

O cabelo era soprado para trás, ao vento, e a pele se avermelhava com o vento frio que passava. As manchas avermelhadas da luz do sol subiam cada vez mais as colinas, e acabaram desaparecendo. O breve ocaso marciano começou seu rápido obscurecimento. A estrela vespertina - a Terra, já estava brilhando, e seu satélite um pouco mais próximo que na noite anterior.

Os minutos passavam despercebidos por Allen. Estava demasiado absorto com a nova sensação de correr em gravidade fraca, para fazer algo além de seguir seu irmão.

Mesmo o frio crescente mal era percebido conscientemente.

Era George que, de uma pequena incomodidade, passou a uma expressão de pânico.

- Ei, Allen! - Inclinando-se para trás, parou num pequeno pulo, ágil e gracioso. Allen tentou fazer o mesmo, perdeu o passo, e caiu de cara no chão. Levantou-se, praguejando.

O ganimedano fez ouvidos moucos às pragas, e seu olhar estava sombrio, no escuro. - Sabe onde estamos, Allen?

Allen sentiu a garganta apertar-se, ao olhar rapidamente em volta. As coisas pareciam diferentes na semi-obscuridade, mas pareciam mais diferentes do que deviam.

Era impossível que estivessem tão diferentes.

- Já deveríamos ter visto a Careca do Velho agora, não?

- Já deveríamos ter visto há muito. Deve ter sido o terremoto. Deslizamentos de terra devem ter alterado os morros. Os picos podem ter sido desmanchados. - Sua voz era fraca. - Allen, não adianta nos enganarmos. Estamos completamente perdidos.

Por um momento, quedaram-se silenciosos e incertos. O céu estava rubro, e as colinas recolhiam-se dentro da noite. Allen umedecia seus lábios roxos de frio, com sua língua seca.

- Devemos estar a pouca distância. Poderemos passar bem perto da cidade, se continuarmos.

- Considere a situação, terráqueo - veio a resposta nervosa, quase gritada. - É noite, em Marte. A temperatura já está abaixo de zero e caindo a cada minuto. Não temos tempo de procurar; precisamos chegar lá diretamente. Se não estivermos lá em meia hora, não chegaremos nunca.

Allen bem sabia daquilo, e a menção do frio aumentava sua consciência dele. Falou com os dentes batendo, ao fechar melhor seu casaco forrado de peles.

- Poderíamos acender uma fogueira! - A sugestão não era muito convicta, murmurada indistintamente, e anulada imediatamente pelo outro.

- Com o quê? - George estava prostrado, com o desapontamento e frustração. - Viemos até aqui, e agora provavelmente morreremos congelados, a um quilolitro da cidade.

Vamos, continuemos correndo; temos uma chance em cem.

Mas Allen puxou-o. Havia um brilho febril em seus olhos. - Fogueiras! - ele disse. - É uma possibilidade. Vamos arriscar algo que pode ajudar?

- Não custa tentar; mas, depressa, a cada minuto eu...

- Então corra na direção do vento, e não pare.

- Por quê?

- Não importa. Faça o que eu digo, corra na direção do vento!

Não havia falso otimismo em Allen, quando ele saiu correndo no escuro, tropeçando em pedras soltas, escorregando por declives, sempre com o vento soprando em suas costas. George corria a seu lado, uma mancha vaga, disforme, na noite.

O frio estava piorando, mas não tão frio quanto a apreensão que roia as entranhas do terráqueo.

A morte é desagradável!

E então chegaram ao topo de uma elevação, e da garganta de George veio um “Por Júpiter!” triunfal.

O chão, à frente deles, até onde a vista alcançava, estava pontilhado de fogueiras. A destruída Areópolis estava à frente, com seus habitantes desalojados tornando a noite tolerável pelo expediente rudimentar de queimar madeira.

E nas encostas das colinas, dois vultos cansados riam-se, e abraçavam-se de alegria, no gelo da noite.

Finalmente chegaram!

O laboratório de Areópolis, nos limites da cidade, era um dos poucos prédios ainda de pé. Dentro dele, com uma iluminação improvisada, químicos tresnoitados estavam distilando as últimas gotas de remédio. Lá fora, os remanescentes da força policial da cidade estavam distribuindo os preciosos medicamentos aos diversos centros médicos de emergência estabelecidos em zonas diversas das ruínas assinaladas por fogueiras, que fora a metrópole marciana.

O velho Hal Vincent supervisionava o processo, e seus olhos cansados sempre vigiavam as colinas, ansiosamente, esperando, não sem duvidar, a preciosa carga de fungos.

E então dois vultos saíram da escuridão e quase caíram diante dele.

Uma fria ansiedade tomou conta dele. - Os fungos! Onde estão? Vocês os trouxeram?

- Nos Picos Gêmeos - falou Allen. - Uma tonelada ou mais, num caminhão de deserto. Mande alguém buscá-lo.

Um grupo de carros da polícia partiu antes que ele tivesse acabado de falar, e Vincent exclamou, surpreso: - Um caminhão de deserto? Por que não enviaram uma nave?

O que há de errado com vocês? O terremoto...

Não recebeu nenhuma resposta direta. George arrastou-se até a fogueira mais próxima com uma expressão beatífica em seu rosto exausto.

- Ahhh, como está quente! - Lentamente, curvou-se e caiu dormindo, antes de chegar ao chão.

Allen tossiu. - Bah! O molenga de Ganimedes; não conseguiu... agüentar...

E o chão subiu e acertou-o no rosto.

Allen acordou com o sol da tarde em seus olhos e o cheiro de bacon frito no nariz. George aproximou a frigideira dele e disse com a boca cheia:

- Sirva-se.

Apontou para o caminhão vazio, atrás do laboratório. - Já estão com a matéria-prima.

Allen assentiu, calado. George limpou a boca com as costas da mão, e perguntou: - Allen, como achou a cidade? Tenho estado aqui tentando descobrir como.

- Foram as fogueiras - foi a resposta, abafada. - Era o único modo de se conseguir calor, e fogueiras em quilômetros quadrados de terra causam uma corrente ascendente de ar quente, fazendo com que o ar frio das colinas circundantes se aproxime. - E acompanhava suas palavras com gestos. - O vento das colinas se dirigia para a cidade, para substituir o ar quente, e nós seguimos o vento; uma espécie de bússola natural, apontando para onde queríamos ir.

George continuava calado, chutando com um vigor embaraçado as cinzas da fogueira da noite anterior.

- Escute, Allen, eu o julguei mal. Você era um terráqueo desfibrado para mim, até que... - Interrompeu-se, respirou fundo, e desabafou: Ora, por Júpiter, você é meu irmão

gêmeo, e estou orgulhoso disso. Nem a Terra inteira poderia apagar o sangue de um Cárter que você tem.

O terráqueo abriu a boca para responder, mas seu irmão interrompeu-o. - Cale a boca, até que eu acabe. Depois que voltarmos, você pode usar aquela colheiteira, ou qualquer coisa mecânica que quiser. Não está mais vetada. Se a Terra e as máquinas podem fazer homens como você, então estão certas. - Mas também havia alguma ironia em sua voz, agora. Você tem de admitir que sempre que as máquinas quebram - de caminhões de irrigação e foguetes até ventiladores e caminhões de deserto - são sempre os homens que acabam fazendo as coisas, a despeito de tudo o que sabe lá Marte se poderia fazer.

Allen desvencilhou-se da mão que lhe tapava a boca.

- As máquinas fazem o que podem - disse, sem muita convicção.

- Sim, mas é tudo o que podem fazer. Quando surge uma emergência, um homem precisa fazer muito mais que o melhor que pode, ou está acabado.

O outro parou, concordou e apertou firmemente a mão do irmão. Bem, não somos tão diferentes. A Terra e Ganimedes estão muito bem colados aos nossos exteriores, mas por dentro...

Parou um momento.

- Vamos lá, dar aquele velho grito de Ganimedes.

E das gargantas dos dois irmãos, saiu um estranho grito que dificilmente teria sido ouvido antes nos ares marcianos.

***

Ganhei a capa de novo, com “Hereditariedade”.

Com relação a essa história, lembro-me de um comentário que recebi de um jovem chamado Scott Feldman (que ainda era adolescente, mas que depois foi, com Scott Meredith, um dos mais importantes agentes literários do ramo). Desaprovou a história, porque introduzi dois personagens no começo, que desapareceram da história e nunca mais se ouviu falar deles.

Uma vez que isto me foi apontado, pareceu-me, de fato, ser uma falha considerável e surpreendi-me por Campbell ou Pohl não mo terem indicado. Nunca cheguei a ter coragem de perguntar, no entanto.

Mas, fez-me atentar para minhas histórias com mais cuidado, daí em diante, e perceber que escrever não é só inspiração e deixar-se levar ao sabor da pena. É preciso perguntar-se coisas quase mecânicas, assim como - “Que faço com este personagem, agora que tive o trabalho de utilizá-lo? “.

Na época em que Campbell estava rejeitando “Hereditariedade”, e Pohl a aceitava, eu estava escrevendo “História” (“History”). O mesmo acabou acontecendo. Submeti-a a Campbell a 13 de setembro. Foi rejeitada, e, eventualmente, Pohl aceitou-a.

13

HISTÓRIA

O braço anêmico de Ullen empurrava a caneta cuidadosamente, penosamente, pelo papel; seus olhos, fracos, piscavam atrás de grossas lentes. A lâmpada de aviso piscou duas vezes antes que ele atendesse.

Virou uma página, e falou: - É você, Johnnie? Entrre, por favor.

Sorriu gentilmente, seu magro rosto marciano aceso de alegria.

- Sente-se, Johnnie; mas prrimeiro abaixe a corrtina. O brrilho dze seu grrandze Sol terráqueo me perrturrbah. Ah, melhorr, e agorrrah, zente-ze e vique muitoh, muitoh quieto um pouquinho, porrque eztou muito ocupadoh.

John Brewster mudou de lugar uma pilha de folhas mal arranjadas e sentou-se. Limpou a poeira dos cantos de um velho livro na cadeira ao lado e olhou, reprovador, para o historiador marciano.

- Ainda está às voltas com essas coisas empoeiradas? Não se cansa?

- Por fafor, Johnnie - Ullen não olhou para cima - vai desmarcar a página. Esze livro é a Era Hitleriana, de William Stewart, e é muito difícil de ler. Há tantas palavrras que ele usa, que ele não ezplica.

Sua expressão, ao olhar para Johnnie, era de arrogante petulância. Eles nunca ezplicam seus termos. É tão anticientífico. Em Marte, antes mesmo de começar, dizemos - "Esda e" uma lisda de TODAS as devinições de terrmos a zerem usados. Como, de outra forma, as pessoas podem falar claramente? Hmpf! Esses terráqueos são malugos!

- Ora, Ullen, esqueça. Por que nem olha para mim. Nem sequer nota nada?

O marciano suspirou, tirou os óculos, limpou-os cuidadosamente, e cuidadosamente, colocou-os de novo. Olhou para Johnnie impessoalmente.

- Bem, penzo que zão zuaz novaz roupaz, não?

- Roupa nova! É tudo o que pode dizer, Ullen? É um uniforme. Agora faço parte das forças armadas. - Ficou de pé, numa imagem de exuberância juvenil.

- O que zão ezaz "Forzaz Arrmadaz"? - perguntou Ullen, despreocupadamente.

Johnnie engoliu em seco e sentou-se, meio desanimado. - Sabe, eu realmente acho que você não ouviu dizer que Vênus e a Terra têm estado em guerra, a partir da semana passada. Aposto que não ouviu dizer.

- Tenho eztado ogupado. - Enrugou a testa e apertou os lábios. Em Marte, não há guerra; pelo menos, não há mais. Nós costumávamos lutar, mas foi há muito tempo.

Zerta vez, houve cientistas, também, e izo então, há muito, muito tempo. Agora, há zomente uns poucos de nós; e não lutamos. Não há felizidade, azzim. – Pareceu agitar-se e falou mais bruscamente. - Diga-me, Johnnie, sabe onde pozzo encontrar o que significa "honra nacional"? É algo que me intriga. Não pozo irr adiante a menos que poza entender izto.

Johnnie levantou-se, brilhando no impecável verde do Serviço Terrestre. Riu-se, indulgente. - Você não tem jeito mesmo, Ullen, coruja velha. Não vai me desejar sorte? Vou para o espaço amanhã.

- Ora, e há perigo?

A resposta foi bem humorada: - Perigo? O que acha?

- Então, procurar o perigo é insensato. Por que o faz?

- Você não entenderia, Ullen. Apenas deseje-me sorte e diga que espera que eu saia inteiro da guerra.

- Certamente!!! Não desejo que ninguém morra. - Estendeu a mão para a que se lhe estendia. - Cuide-se, Johnnie; espere, antes que ze vá, traga-me o livro de Stwart.

Tudo é tão pezado aqui na Terrra. Pezado. Pezado... E as palavras não têm devinizões.

Suspirou, e estava de volta a seus livros quando Johnnie saía da sala.

- Eze povo bárrbarro - resmungou sonolentamente, para si mesmo.

- Guerra! Penzam que matando... - sua voz baixou e dissolveu-se num rosnar pastoso, enquanto seus olhos seguiam seu dedo deslizando pela página.

- A partir do momento da união do mundo anglo-saxão numa só entidade governamental, e mesmo até a primavera de 1941, era evidente que...

- Ezez terráqueos malugos!

Ullen inclinou-se pesadamente sobre suas muletas, nos degraus da biblioteca da Universidade e uma mão fina protegia seus olhos lacrimejantes do terrível sol da Terra.

O céu estava azul, sem nuvens, imperturbável. Mas, em algum lugar lá em cima, além da camada de ar do planeta, naves de aço estavam manobrando e lampejando, num encarniçado combate. E sobre a cidade, caíam as pequenas "gotas da morte", as

famigeradas bombas radioativas que, sem ruído e inexoravelmente, abriam uma cratera de cinco metros onde quer que caíssem.

A população da cidade dirigia-se para os abrigos e afundando-se nas celas revestidas de chumbo. Olhando para cima, calados, ansiosos, passaram por Ullen. Guardas uniformizados davam ordens à multidão, dirigindo os desorientados, e apressando os atrasados.

O ar estava cheio de ordens gritadas.

- Vá para o abrigo, velho. Melhor se apressar. Não pode ficar aí. Ullen voltou-se para o guarda que se dirigia a ele e lentamente dirigiu seus pensamentos para aquela situação.

- Dezgulpe, terráqueo, mas não pozzo me mover deprezza nozeu mundo. - Bateu com uma muleta no mármore do chão. - As coizas zão tão pezadas; se eu fozze junto com os outros eu poderia zer esmagado.

Sorriu cordialmente, de sua pouca altura, e o guarda coçou o queixo.

- Está bem, velhote, acho que posso ajudá-lo. Deve ser realmente difícil para os marcianos; segure essas muletas.

Com algum esforço, carregou o marciano nos braços. - Mantenha suas pernas perto de meu corpo, porque vamos viajar depressa.

Seu vulto desajeitado passava por entre fileiras de terráqueos. Ullen fechou os olhos, pois o movimento rápido em gravidade maior revirava seu estômago. Abriu-os depois no recesso do abrigo, escuro e com teto baixo.

O guarda o depositou cuidadosamente e ajustou as muletas sob os braços de Ullen. Muito bem, agora cuide-se, heim?

Ullen olhou em volta e foi para um banco no outro extremo do abrigo. Atrás, ouviu-se o fechar sinistro da porta de chumbo.

O historiador marciano retirou um bloco bastante gasto, de seu bolso, e começou a rabiscar notas. Nem sequer notava o burburinho da conversa à sua volta, e os fragmentos de conversas animadas que logo encheram a atmosfera.

E então, quando foi coçar a cabeça com a outra ponta de seu lápis, encontrou o olhar do homem sentado a seu lado. Sorriu, distraidamente, e voltou às suas notas.

- Você é marciano, não? - seu vizinho falava depressa, com uma voz aguda. - Não gosto muito de estranhos, mas não tenho nada em particular contra os marcianos. Mas esses venusianos, eles...

A voz suave de Ullen o interrompeu. - O ódio está errado, eu acho. Ezza guerrra, é uma grrande gomplicazão, sim, muito grrande. Interfere com meu trabalho, e vocês, terráqueos, deveriam parar com ela. Não é?

- Pode apostar que sim - veio a resposta enfática. - Vamos revirar o planeta deles pelo avesso, e os venusianos junto.

- Vozê quer dizer atacar as cidades deles, como está acontecendo agora, conosco? - o marciano piscava, pensativo. - Acha que izzo zeria o melhorr?

- Raios, claro que sim!

- Mas veja. - Ullen pousou um dedo esquelético sobre a palma de uma das mãos e continuou calmamente a argumentar: - Não seria mais fácil atingir as naves com a arma de partir-em-pedaços? Não acha? Ou será que o povo venusiano tem as telas protetoras?

- Que arma você disse?

Ullen ruminou cuidadosamente. - Suponho não ser este o nome com que vocês a chamam, mas eu não sei muito sobre armas, de qualquer jeito. Nós a chamamos em Marte skellingbeg, o que significa, na sua língua, "arma de partir em pedaços". Agora, sabe o que é?

Não houve resposta direta, exceto algo que mal poderia ser chamado de resmungo. O terráqueo afastou-se de seu companheiro e passou a olhar para a parede oposta, meio agitado..

Ullen percebeu o retraimento do outro, e deu de ombros, cansado. Não que eu me preocupe muito com izzo, apenas a guerrra é uma grrande confusão. Deveria acabar - suspirou - mas, não me importo!

Seus dedos começavam a manipular o lápis mais uma vez, quando olhou de novo.

- Diga-me, por favor, qual o nome daquele país onde Hitler morreu? Os seus nomes terráqueos são tão complicados, creio que começa com M.

Seu vizinho fulminou-o com o olhar, e afastou-se. Os olhos de Ullen seguiram-no, estupefatos.

E então soou o sinal do fim do ataque.

- Ah, sim - disse Ullen - Madagáscar! Que nome mais bobo!

O uniforme de Johnnie Brewster estava gasto, agora, um pouco mais amassado no colarinho e nos ombros, e um pouco gasto nos joelhos e cotovelos.

Ullen passava o dedo ao longo da cicatriz ao longo do antebraço direito de Johnnie. - Não dói mais, Johnnie?

- Não foi nada! Só um arranhão! Peguei o venusiano que conseguiu fazer isto. Está longe, no outro mundo, agora.

- Ficou muito tempo no hospital?

- Uma semana! - acendeu um cigarro, tirou alguns papéis da mesa do marciano, e sentou-se sobre ela. - Passei o resto do tempo com minha família, e arranjei ainda algum tempo para vir vê-lo.

Inclinou-se, dando um tapinha afetuoso no marciano. - Não vai dizer que está contente em me ver?

Ullen tirou os óculos, e olhou para o terráqueo. - Ora, Johnnie, está tão mzerto zobre se estou contente em vê-lo, que pede que eu diga algumas palavras? - Fez uma pausa. - vou anotar isso. Vocês, terráqueos tolos, sempre precisam ficar dizendo uns para os outros ezas coizas zimples; mas não acreditam nelas, afinal. Em Marte...

Estava limpando os óculos metodicamente, ao falar, e agora os recolocara. - Johnnie, os terráqueos não têm a arma de partir-em-pedaços? Encontrei uma pessoa no abrigo antiaéreo, uma vez, e ele não sabia do que eu estava falando.

Johnnie ergueu os sobrolhos. - Também não sei. Por que pergunta?

- Porque me parece estranho que vocês tenham de lutar tão empenhadamente contra ezzes venusianos, se eles parecem não ter as telas protetoras contra ezza arma. Johnnie, eu gostaria que a guerra acabasse. Faz sempre com que eu interrompa o meu trabalho para ir para o abrigo.

- Calma,Ullen, não comece a gaguejar. O que é essa arma de partirem-pedaços? Um desintegrador? O que sabe sobre ela?

- Eu? Não sei nada sobre ela. Pensei que você zoubesse; por izzo que perguntei. Lá em Marte, em nozza história, eles falam da utilização desse tipo de arma nas nozzas antigas guerras. - Mas não sabemos mais nada sobre armas, agora. De qualquer modo, são tão idiotas, porque o outro lado sempre sabe de algo que serve de proteção, e tudo fica como antes. Johnnie, você poderia ir lá embaixo e pedir um exemplar de "O Princípio da Viagem Espacial", de Higginboddam?

O terráqueo brandia os punhos, impotente. - Ullen, seu maldito marciano pedante - não percebe que isto é importante? A Terra está em guerra! Guerra! Guerra!

- Bem, então parem com a guerra. - Havia irritação na voz de Ullen.

- Não há paz e sozzego em nenhum lugar da Terra. Gostaria que fozze assim ao menos com esta biblioteca. Johnnie, cuidado, que está fazendo? Está me machucando!

- Desculpe, Ullen, mas você vai ter que me acompanhar. Precisamos verificar este assunto. - Johnnie colocou o marciano, que tentava protestar, na cadeira de rodas, e estava já saindo, antes que o historiador se desse conta.

Um táxi-foguete estava ao fim dos degraus da biblioteca, e o piloto e o astronauta ergueram a cadeira, para colocá-la lá dentro. Com um rastro de fumaça, saíram.

Ullen reclamou da aceleração, mas Johnnie ignorou-o. - Washington em vinte minutos, amigo - disse para o piloto - e ignore os sinais.

O secretário engomado falou, num tom glacial: - O almirante Korsakoff vai recebê-lo, agora.

Johnnie apressou-se, apagando o cigarro. Olhou rapidamente para o relógio, e resmungou.

Com o movimento da cadeira de rodas, Ullen despertou de um sono agitado. Ajustou os óculos. - Eles finalmente vão nos deixar entrar, Johnme?

-Shh!

O olhar impessoal de Ullen passou pela rica decoração da sala, com grandes mapas da Terra e de Vênus sobre a parede, uma escrivaninha imponente, a um canto. Contemplou o vulto gordo e barbudo atrás da escrivaninha, e o rapaz a seu lado, magro e ruivo.

O marciano tentou erguer-se da cadeira. - O senhor não é o Dr. Doming? Eu o vi no ano passado, em Princeton. Lembra-se de mim, não? Naquela ocasião derram-me meu título honorrárrio.

O Dr. Thorning adiantou-se e apertou sua mão. - Certamente; o senhor falou sobre os métodos marcianos da história, não?

- Ora, o senhor se lembra, obrigado! Mas é uma grande oportunidade para mim, poder encontrá-lo. Diga-me, enquanto cientista, qual seria sua opinião sobre minha teoria de que a insegurança social da era hitleriana tinha sido a causa da falta...

O Dr. Thorning sorriu. - Discutirei isso depois com o senhor, Dr. Ullen. Agora, o almirante Korsakoff quer algumas informações, com as quais espera acabar com a guerra.

- Exatamente - Korsakoff falava secamente, olhando para Ullen. Muito embora sendo marciano, presumo que o senhor favoreça a vitória dos princípios da liberdade e da justiça sobre as práticas deletérias da tirania venusiana.

Ullen olhou, hesitante. - Izo me zoa familiarmente... Mas não penzo muito nizzo. Querr dizer, talvez, que a guerra acabe?

- Sim, com a vitória.

- Ora. "Vitória" é uma palavra tão tola. A história prova que uma guerra decidida pela superioridade militarr, estabeleze a baze para futurras guerras de retaliazão e vinganza. Pode-se ler um bom ensaio zobrre o azunto, por um tal James Chalkins. Foi publicada nos idoz de 2050.

- Meu senhor!

Ullen ergueu a voz, em total indiferença aos cochichos de Johnnie.

- Agorra, parra acabar com a guerra, realmente, deverriam dizer parra o pofo de Vênus: não é necessárrio lutarmos; vamos converrsarr...

Um punho desceu sobre a escrivaninha, e uma ameaça em voz baixa.

- Raios, Thorning, pergunte-lhe o que quer saber, dou-lhe cinco minutos.

Thorning abafou seu riso. - Dr. Ullen, queremos que nos fale o que sabe sobre o desintegrador.

- Desintegrador? - Ullen fez cara de quem nada sabia.

- Aquele sobre o qual falou ao tenente Brewster.

- Ummm... ah! Quer dizer, a arma de fazer-em-pedaços; não, não sei nada a respeito. Oz historriadorres marzianos falam dela, às vezez, maz nenhum deles sabe algo sobrre ela; o lado técnico, querro dizzerr.

O físico assentiu, paciente. - Eu sei, eu sei; mas o que eles dizem? Que tipo de arma é?

- Bem, do jeito que elez falam dela, faz oz metaiz se dezpedaçarrem. Como vocêz chamam a coisa que faz com que oz metaiz fiquem inteiroz?

- Forças intramoleculares?

Ullen estranhou, e falou, pensativo: - Tal vez; esqueci a palavra marciana; lembro-me que é uma palavra comprida. De qualquer modo, essa arma, faz com que eza forrça que mantém os metaiz inteirros, dezaparrecerr, e o metal se desfaz em pó. Mas zó funciona naquelez tréz metaiz: ferro; cobalto e... Aquele outro!

- Níquel - ajudou Johnnie.

- Sim, sim, níquel!

Os olhos de Thorning brilharam..- Ahá! Os metais ferromagnéticos. Deve haver um campo magnético oscilante nisto, ou sou um venusiano. Como era, Ullen?

O marciano suspirou. - Ezaz palavraz terráqueas malucas; vejamoz, o que zei da arrma é do trabalho de Hogel Beg. Foi; estou certo, em seu Historia Cultural e Social do

Terceiro Império. Era uma grande obrra em vinte e quatro volumes, mas sempre achei bastante medíocre. Sua técnica de apresentação de...

- Por favor - interrompeu Thorning - a arma...

- Ah, sim, aquilo! - Aprumou-se em sua cadeira, esforçando-se por se lembrar. - Ele fala de eletricidade que vai e vem muito, muito depressa, e sua pressão... - interrompeu-se, olhando para o rosto do almirante - eu acho que a palavra era pressão, mas não tenho certeza, porque é difícil traduzir. A palavra marciana é cranstad. Isso ajuda?

- Creio que quer dizer "potencial", Dr. Ullen! - Interveio Thorning, aliviado.

- Bem, se é o que acha. Esse potencial também se altera muito deprressa, e as duas mudanças são sincronizadas de algum modo com o magnetismo que... também muda, e é tudo o que sei. - Sorriu, hesitante.

- Acho que devemos voltar, agora. Está bem, não?

O almirante não deu resposta. - Consegue decifrar alguma coisa daí, doutor?

- Muito pouco - admitiu o físico - mas me dá uma ou duas pistas. Podemos conseguir esse livro de Berg, mas não ajudaria muito. Repetiria o que ouvimos. Dr. Ullen, há algum livro científico em seu planeta?

O marciano disse, lamentando: - Não, Dr. Doming, forram todoz deztruidoz durrante a reação Kaliniana. Em Marte não acreditamos na ciênzia. A históorria mostrou que dela não vem a felicidade.

Voltou-se para o jovem terráqueo a seu lado.- Johnnie, vamos agora, por favor.

Korsakoff dispensou os dois com um gesto da mão.

Ullen inclinou-se cuidadosamente sobre o manuscrito em letras pequenas, e acrescentou uma palavra. Relanceou para Johnnie Brewster, que abanou a cabeça e pousou a mão sobre o braço do marciano. Sua testa mostrava preocupação.

- Ullen - disse, brusco - está numa complicação.

- Heim? Eu? Problemas? Ora, Johnnie, não é assim. Meu livro está indo bem, todo o prrimeirro volume eztá gompleto, e com algum polimento, será editado logo.

- Ullen, se você não puder dar informações definidas sobre o desintegrador, não poderei responder pelas conseqüências.

- Masjádizzetudo o que zabia...

- Não vai adiantar. Você precisa lembrar-se mais, Ullen, precisa.

- Mas, conhecimento onde não há nenhum, é impozível; é um axioma. - Ullen estava de pé, apoiando-se numa muleta.

- Sei disso - murmurou Johnnie, abatido - mas você precisa entender.

- Os venusianos estão controlando o espaço, nossas guarnições dos asteróides foram derrotadas, e na semana passada, Fobos e Deimos caíram. As comunicações entre a Terra e a Lua estão quebradas, e Deus sabe quanto o esquadrão lunar pode aguentar. A Terra não tem mais segurança, e está sendo mais severamente bombardeada. Ullen, não compreende?

O aspecto confuso de Ullen intensificava-se. - A Terra está perdendo?

- Claro que sim!

- Então... Desistam. É a coisa mais lógica. Afinal, porr que gomeçaram? Terráqueos idiotas...

Johnnie estava com os dentes cerrados. - Mas se tivermos o desintegrador, não perderemos.

Ullen deu de ombros: - Johnnie, está ficando cansativo, ouvir sempre a mesma história. Vocês terráqueos têm mentes muito limitadas. Esgute, não seria melhor se eu lesse para você um pouco do meu manuscrito? Faria bem à sua mente.

- Está bem, Ullen, já que não entende, vou dizer claramente. Se você não disser a Thorning o que ele quer ouvir, vai ser preso e julgado por traição.

Houve um silêncio curto, e então, um balbuciar confuso. - Tr... traição? Quer dizer que eu traí... - O historiador tirou os óculos e limpou-os, com mão trêmula. - Não é verdade. Está tentando me assustar.

- Não, não estou. Korsakoff pensa que você sabe mais do que disse. Está certo que você quer vender sua informação, ou que mais provavelmente, vendeu-a aos venusianos.

- Mas, Doming...

- Thorning também não está muito seguro. Precisa salvar a própria pele. Os governos terráqueos, nos momentos de tensão, não são muito famosos por serem razoáveis.

- Havia lágrimas em seus olhos. - Ullen, deve haver algo que você possa fazer. Não só por você, mas pela Terra.

A respiração de Ullen intensificou-se. - Então eles pensam que eu venderia meu conhecimento científico. Então é com tais insultos que recompensam minha ética, meu senso de integrrídade? - Sua voz estava espessa de fúria e pela primeira vez, desde que Johnnie o conhecera, começou a vociferar em seu gutural marciano. - Não dirrei uma zó

palavra. Podem me prrenderr, ou mesmo madarr-me, mas não posso esquecer esse inzulto!

Não havia dúvida quanto à firmeza expressa por seus olhos, e Johnme sentia-se abatido. O terráqueo não se moveu, ao sinal luminoso.

- Responda, Johnnie - disse o marciano, calmo - devem derr vindo me buscar.

Num instante, a sala estava cheia de uniformes verdes. O Dr. Thorning e os outros dois com ele eram as únicas pessoas presentes em roupas civis.

Ullen esforçou-se por ficar de pé. - Senhorrez, não precizam dizerr nada. Ouvi dizerr que penzam que eztou vendendo o que zei - vendendo porr dinheirro - como que cuspia estas palavras. - É algo que nunca foi dito de mim antes; coisa que não mereço. Se querem prrender-me imediatamente, estou pronto, mas não dirrei maiz nada, nem sinto ter nada mais a ver com o governo da Terra.

Um oficial adiantou-se logo, mas o Dr. Thorning o afastou.

- Calma, Dr. Ullen - ele disse jovialmente - não tire conclusões apressadas. Apenas vim para perguntar se não há nenhum fato adicional que possa se lembrar, qualquer coisa, por mais insignificante que possa lhe parecer...

Houve um pesado silêncio. Ullen apoiava-se em sua muletas, mas conservava-se de pé.

O Dr. Thorning sentou-se imperturbavelmente; de sobre a escrivaninha do historiador, tomou toda a pilha de manuscritos. - Ah, este é o manuscrito em que o senhor está trabalhando, Brewster falou-me a respeito dele. - Olhou, curiosamente. - Bem, claro que percebe que sua atitude forçará o governo a confiscar tudo isto.

- Como? - O rosto de Ullen dissolveu-se em desânimo. Sua muleta escorregou e ele caiu em sua cadeira.

O físico segurou a muleta. - Não se aproxime, Dr. Ullen, eu cuido disto. - Folheou as páginas, ruidosamente. - Se for preso por traição, então os seus escritos se tornarão subversivos.

- Subversivos! - a voz de Ullen estava rouca. - Dr. Doming, não sabe o que está falando. É meu - meu maior trabalho. - Sua voz reanimou-se.

- Por favor Dr. Doming, devolva-me o manuscrito.

O outro segurava-o exatamente além do alcance dos dedos do marciano.

- Se... - foi a resposta.

- Mas eu não sei!

O suor escorria pelo rosto pálido do historiador. Sua voz retomou.

- Tempo! Dê-me tempo! Mas, deixe-me penzar, e por favor, não faça nada com esse manuscrito.

Os dedos do outro apertavam dolorosamente o ombro de Ullen.

- Juro que queimo seu manuscrito em cinco minutos se...

- Espere, vou contar-lhe. Em algum lugar, não me lembro onde, dizze que na arrma usava-se um metal espezial para parte da fiação. Não sei que metal, mas a água o estrragava e tinha de ser mantido isolado, também do ar...

- Por Júpiter! - foi a exclamação de um dos companheiros de Thorning. - Chefe, não se lembra do trabalho de Aspartier sobre fios de sódio em atmosfera de argônio, cinco anos atrás...

Os olhos do Dr. Thorning estavam meditativos. - Espere... Espere Raios! Estava bem à nossa frente!

- Agora lembro! - exclamou Ullen. - Foi em Karisto. Estava discutindo a queda de Gallonie e eza foi uma das cauzas secundárias;a falta daquele metal; e então ele menzionou...

E estava falando para uma sala vazia, e por alguns instantes, estava calado, assombrado.

- Meu manuscrito! - começou a reuni-lo, pois estava espalhado pelo chão, andando de gatinhas, desamassando cada folha cuidadosamente.

- Bárbaros! Estragando um trabalho cientifico!

Ullen abriu mais uma gaveta, e remexeu seu conteúdo. Fechou-a e olhou em volta. - Johnnie, onde pôs aquela bibliografia?

Olhou para a janela. - Johnnie!

Johnnie Brewster respondeu: - Espere um pouco, Ullen; lá vêm eles.

As ruas lá embaixo eram uma explosão de cores. Numa longa fila, em marcha, aproximava-se o verde da frota espacial, o ar sobre ele, cheio de confete, e serpentinas.

O ruído era uma aclamação constante.

- Essa gente louca - considerava Ullen. - Estavam festivos do mesmo jeito quando começaram, e houve uma parada igualzinha; e agora, outra! Malugos! - Voltou à sua cadeira.

Johnnie seguiu-o. - O governo vai dar seu nome a um novo museu, não?

- Zim - foi a resposta seca. Olhou pela mesa, desesperado. - O Museu de Guerra Ullen - e será cheio de antigas armaz, desde a faca de pedra, até a artilharia anti-aérea.

É eze o zeu eztranho senzo de justiça. Onde, raios e trovões, está aquela bibliografia?

- Aqui - respondeu Johnnie, tirando o documento do bolso de Ullen. - Nossa vitória deveu-se à sua arma, velha para você, mas serviu, de qualquer forma.

- Vitória! Claro! Até que Vênus se rearme e se prepare de novo e volte a lutar, por vingança. Toda a história mostra que... Mas, não importa. É inútil ficar insistindo.

- Acomodou-se bem em sua cadeira. - Deixe-me mostrar-lhe uma verdadeira vitória. Deixe-me ler para você um pouco do primeiro volume de meu trabalho. Já está editado, sabe?

Johnnie riu-se. - Vá adiante, Ullen. Estou agora até com vontade de ouvi-lo ler todos os seus doze volumes, palavra por palavra.

E Ullen sorriu, afável. - Faria bem, para seu intelecto.

***

"História", como percebem, menciona o fim de Hitler. Foi escrito nos primeiros dias de setembro de 1940, quando Hitler parecia no auge de seu sucesso. A França havia sido derrotada e ocupada e a Inglaterra estava em risco, e parecia improvável que sobrevivesse. Mesmo assim, eu não duvidava que acabaria sendo derrotado. Não entrevi seu fim no suicídio, porém. Pensei que tal como Napoleão e o Kaiser, acabaria sua vida no exílio. Madagascar foi o lugar que escolhi.

Também mencionadas nas historias estão “as pequenas “Gotas da Morte”, as famigeradas bombas radioativas que sem ruído, e inexoravelmente, abriam uma cratera de cinco metros, onde caíam”.

Na época que eu escrevi a história, a fissão do urânio tinha sido descoberta e anunciada. Eu não havia ouvido falar dela, porém, e não me dei conta que a realidade superaria minha prezada imaginação de escritor de ficção científica.

A 23 de outubro de 1940, visitei Campbell e delineei para ele outra história de robôs que pretendia escrever, uma história planejada para ser chamada "Ração" ("Reason").

Campbell estava francamente entusiasmado. Tive problemas para escrevê-la, e tive de recomeçar várias vezes, mas acabou ficando pronta, e a 18 de novembro, apresentei-a a John. Aceitou-a no dia 22, e foi publicada no número de abril de 1941 de Astounding.

Foi a minha terceira história que ele aceitara e a primeira em que ele não pediu uma revisão. (Contou-me, de fato, que ele gostara tanto dela, que quase me pagou uma gratificação.)

Com " Ração", o "robô positrônico" teve sua série iniciada, e meus dois personagens mais bem sucedidos, Gregory Powell e Mike Donovan (aperfeiçoamentos de Turner e Snead, de Anel em Volta do Sol) fizeram sua estréia. Eventualmente, "Ração", e outras, da série, que se seguiram, juntamente com "Robbie", que Campbell rejeitara, apareceram em Eu, Robô (I, Robot).

* Já publicado em português: I,Robô. (N.T.)

O sucesso de "Ração" não significava que eu não mais teria rejeições de Campbell.

A 6 de dezembro de 1940, influenciado pela época natalina, e pensando que uma história de natal deve ser vendida no máximo até julho, para poder sair num número de Natal, comecei "Natal em Ganimedes" ("Christmas in Ganymede"). Apresentei-a no dia 23, mas a época natalina não alterou seu julgamento. Rejeitou-a.

Tentei Pohl a seguir, e como já acontecera naquele ano, aceitou-a. Neste caso, por razões de que falarei mais tarde, voltou atrás em sua aceitação. Vendi-a no verão seguinte (27 de junho de 1941, na época certa do ano), para Startling Stories, a revista irmã mais nova de Thrilling Wonder Stories.

14

NATAL EM GANIMEDES

Olaf Johnson cantarolava de boca fechada, e seus olhos de um azul de porcelana estavam vagos, enquanto ele admirava o grande pinheiro no canto da biblioteca. Muito embora a biblioteca fosse o maior recinto na cúpula, Olaf não o achava espaçoso o bastante para a ocasião. Entusiasticamente,inclinou-se para a grande caixa a seu lado e pegou o primeiro rolo de papel crepom vermelho e verde.

Que súbito ímpeto sentimental tinha inspirado a Produtos Ganimedanos a enviar um conjunto completo de decoração natalina para a cúpula, ele não se interrogava. Olaf estava calmo, e em seu trabalho voluntário de chefe decorador natalino, estava contente com o que lhe cabia.

Sobressaltou-se, e praguejou, baixinho, O sinal luminoso de reunião geral estava piscando, apopleticamente. Com um ar cansado, Olaf deixou o martelo que acabara de pegar, o rolo de papel, limpou um pouco de purpurina de seu cabelo, e dirigiu-se para a sala dos oficiais.

O comandante Scott Pelham estava em sua cadeira alta à cabeceira da mesa, quando Olaf entrou. Seus dedos estavam tamborilando desordenadamente o tampo de vidro da mesa. Olaf encarou os olhos furiosos do comandante calmamente, pois nada havia de errado com seu departamento, nestas últimas revoluções do satélite.

A sala logo se encheu, e os olhos de Pelham estreitavam-se, enquanto, rapidamente, contava os narizes.

- Estamos todos aqui. Homens, estamos numa crise!

Houve uma vaga agitação. Os olhos de Olaf dirigiram-se para o teto, e relaxou. As crises atingiam a cúpula a cada revolução, mais ou menos. Normalmente, vinham a ser um súbito aumento da quota de oxite a ser extraída, ou a qualidade inferior da última remessa de folhas de karen. Alertou-se porém, com as palavras seguintes.

- Quanto à crise tenho uma pergunta a fazer - a voz de Pelham era de barítono, e ficava desagradavelmente áspera, quando estava irritado. Que porco imbecil agitador contou aos nativos aquelas malditas lendas?

Olaf pigarreou nervoso, e imediatamente se tornou o centro das atenções. Engoliu em seco, subitamente alarmado, e sua testa enrugou-se. Estremeceu.

- E... eu - gaguejou, e logo caiu em silêncio. Seus dedos longos faziam um gesto de súplica. - Quero dizer, eu estava lá ontem, depois do é... último suprimento de folhas de karen, e os nativos estavam indo devagar, e...

Uma enganadora suavidade transparecia na voz de Pelham. Sorriu.

- Você falou aos nativos sobre o Papai Noel, Olaf?

O sorriso parecia estranhamente com o esgar de um lobo, e Olaf ficou desarmado. Assentiu, cabisbaixo.

- Ah, você falou?! Ótimo, você lhes falou sobre o Papai Noel! E ele vem com um trenó que voa pelos ares com oito renas, que o puxam, não é?

- Bem, não é verdade? - Olaf perguntou, aborrecido.

- E você desenhou as renas, apenas para se certificar de que não havia mal-entendidos. E também ele tem roupas vermelhas e uma barba branca, e barras brancas.

- É, é isso mesmo - concordava Olaf, intrigado.

- E ele tem um grande saco, cheio até a boca, com presentes para os meninos e meninas bonzinhos, que ele traz descendo pela chaminé, e põe os presentes dentro das meias.

- Claro.

- Também lhes disse quando ele vem, não? Mais uma revolução, e ele vai nos visitar.

Olaf sorriu, desenxabido. - É, comandante, eu ia dizer-lhe. Estou montando a árvore e...

- CALE A BOCA!!! - o comandante estava ofegando, bufando. Sabe o que aqueles nativos aprontaram???

- Não, comandante.

Pelham inclinou-se sobre a mesa, na direção de Olaf, e gritou:

- Eles querem que Papai Noel vá visitá-los!!!

Alguém riu, mas logo tentou inutilmente abafar a risada, com o olhar furibundo do comandante.

- E se Papai Noel não for visitá-los, vão abandonar o trabalho! - repetiu. - Simplesmente para - greve!

Não houve mais risadas, depois disto. Se havia mais do que uma só idéia naquele grupo, ninguém o demonstrava. Olaf expressou-a:

- Mas, e a quota?

- Mas, que você acha? - rosnou Pelham - preciso fazer desenhos para você? A Produtos Ganimedanos precisa de cem toneladas de volframita, oito toneladas de folhas de karen, e cinqüenta toneladas de oxite a cada ano, ou perde sua licença. Suponho que não há ninguém aqui que não saiba disto. Acontece que este ano acaba em duas revoluções em Ganimedes, e estamos com um atraso de cinco por cento.

Havia um silêncio assustador.

- E agora os nativos não vão trabalhar, a menos que tenham o Papai Noel. Sem trabalho, não há quota, nem mais licença, nem empregos!

Compenetrem-se disto, seus idiotas de terceira categoria! A companhia perdendo sua franquia, perdemos os empregos mais bem pagos do sistema solar. Despeçam-se deste emprego, pessoal, a menos...

Interrompeu-se, olhou para Olaf, e acrescentou:

- A menos que, na próxima revolução, tenhamos um trenó voador, oito renas, e um Papai Noel. E por todo o detrito espacial dos anéis de Saturno, vamos ter isso, especialmente um Papai Noel!

Dez rostos empalideceram.

- Tem algo em mente, comandante? - perguntou alguém numa voz mal articulada.

- Sim, para dizer a verdade, tenho.

Recostou-se em sua cadeira. Olaf Johnson começou a transpirar, olhando para um indicador apontado para ele.

- Ora, comandante! Mas, o indicador não se movia.

Pelham penetrou na ante-sala, removeu sua máscara de oxigênio, e os cilindros ligados a ela. Um por um, livrou-se de suas roupas pesadas, e com um suspiro final, jogou de lado um par de pesadas botas altas, de seu traje espacial.

Sim Pierce interrompeu sua cuidadosa inspeção da última remessa de folhas de karen, e lançou um olhar esperançoso sobre seus olhos.

- Bem? - ele perguntou.

Pelham deu de ombros. - Prometi-lhes o Papai Noel. Que mais poderia fazer? Também dobrei as rações de açúcar, de modo que voltaram ao trabalho - por enquanto.

- Quer dizer, até que o prometido Papai Noel não apareça. - Pierce ergueu-se e sacudiu uma folha de karen no rosto do comandante, para enfatizar. - É a coisa mais tola que já ouvi. Não pode ser feito. Não há Papai Noel!

- Tente dizer isso para os Ossis. - Pelham deixou-se cair sobre uma cadeira e sua expressão tornou-se cinzenta. - O que Benson está fazendo?

- Quer dizer, aquele trenó voador que ele diz que pode improvisar?

- Pierce ergueu uma folha para ele, com um olhar crítico. - Ele é um doido, se quiser saber. O velho maluco foi para o subnível esta manhã e está lá ainda. Tudo o que sei é que pegou o eletrodissociador de reserva e o desmontou. Se algo acontecer com o principal, simplesmente significa que estamos sem oxigênio.

- Bem - Pelham ergueu-se pesadamente - por mim, prefiro que morramos asfixiados. Seria um modo fácil de sair desta. Vou lá embaixo.

Saiu, batendo a porta atrás de si.

No subterrâneo, olhou à sua volta, admirado, pois a sala estava atulhada com peças cromadas. Levou-lhe algum tempo para reconhecer aquilo como os restos de um compacto e eficiente eletrodissociador, no dia anterior. No centro, um contraste anacrônico, um empoeirado trenó sobre esquis enferrujados. Debaixo dele, ouvia-se o ruído de marteladas.

- Ei, Benson! - chamou Pelham.

Um rosto suado saiu de debaixo do trenó, e um jato de tabaco mascado lançou-se para a onipresente escarradeira de Benson.

- Por que está gritando tanto? Este é um trabalho delicado.

- Para que diabos servem todas essas engenhocas? - perguntou PeIham.

- Trenó voador; idéia de minha lavra. - O entusiasmo brilhava nos olhos de Benson, e o fumo, em sua boca, mudava de uma bochecha para outra, enquanto falava. - O trenó foi trazido aqui nos velhos tempos, quando pensavam que Ganimedes era coberto de neve, como os outros satélites de Júpiter. Tudo o que preciso fazer é instalar alguns gravo-repulsores do dissociador à parte inferior, que o deixará sem peso, quando estiverem ligados. Jatos de ar comprimido farão o resto.

O comandante mordia os lábios, duvidando.

- Vai funcionar?

- Claro que sim. Muitas pessoas já pensaram em utilizar os repulsores para viajar pelo ar, mas eles são insuficientes, especialmente em campos gravitacionais intensos.

Aqui em Ganimedes, com um campo de um terço da gravidade da Terra, e atmosfera rarefeita, uma criança poderia operá-lo. Mesmo Johnson poderia operá-lo, se bem que eu não lamentaria se ele caísse e quebrasse seu maldito pescoço.

- Está bem, então, escute aqui; temos bastante daquela madeira púrpura dos nativos. Chame Charlie Finn e diga-lhe para pôr aquele trenó numa plataforma. Precisa estender-se uns seis metros ou mais para a frente, com trilhos na periferia da projeção.

Benson cuspiu e praguejou, por trás do cabelo que lhe caía sobre os olhos.

- Qual é a idéia, comandante? A risada de Pelham era nervosa.

- Aqueles Ossis estão querendo ver renas, e é o que terão. Aqueles animais precisarão ficar sobre alguma coisa, não?

- Claro! Mas, espere! Não há renas em Ganimedes.

O comandante parou, antes de sair. Seus olhos estreitaram-se, numa careta, o que acontecia sempre que se lembrava de Olaf Johnson.

Olaf está caçando oito espinhudos para nós. Eles têm quatro patas, uma cabeça numa ponta, e um rabo na outra. É o bastante para os Ossis.

O velho engenheiro mastigou esta informação, e riu-se, maldosamente.

- Ótimo! Vou adorar ver este trabalho pronto.

- Eu também - remoeu Pelham.

E saiu, marchando, enquanto Benson, ainda sorrindo, deslizou para baixo do trenó de novo.

A descrição do comandante, de um espinhudo, era concisa e pouco fiel, omitindo diversos pormenores interessantes. Por exemplo, um espinhudo tem uma longa tromba móvel, duas grandes orelhas que oscilam suavemente para frente e para trás, e dois expressivos olhos vermelhos. Os machos têm espinhos flexíveis, de cor carmesim, ao longo da espinha, que parecem agradar as fêmeas, sobremaneira. Combine-se isto com uma cauda musculosa, coberta de escamas, e um cérebro nada medíocre, e temos um "espinhudo" - isso, se conseguir apanhar um.

Foi exatamente esse pensamento que ocorreu a Olaf Johnson, enquanto rastejava de uma projeção rochosa em direção ao bando de vinte e cinco animais, que ruminavam a vegetação rasteira e esparsa. O mais próximo deles ergueu a cabeça quando Olaf, vestido de peles e de aspecto grotesco, com sua máscara de oxigênio, se aproximava.

Porém, como esta espécie não tem inimigos naturais, meramente contemplaram aquele vulto com olhares languidamente reprovadores, e retornaram à sua mastigação trabalhosa, porém nutritiva.

As noções de Olaf para capturar caça grossa eram sumárias. Procurou no bolso alguns tabletes de açúcar, esticou o braço, dizendo:

- Aqui, venham!

As orelhas do animal mais próximo retorceram-se, com o aborrecimento. Olaf chegou mais perto e esticou a mão com o açúcar de novo.

- Venha, aproxime-se!

O quadrúpede viu o açúcar e virou os olhos para ele. Sua tromba torceu-se, quando cuspiu o último bocado de vegetação, e aproximou-se. Com o pescoço esticado, farejou.

Então, num movimento rápido e ágil, lambeu o tablete e o engoliu. A mão de Olaf errou o golpe, e nada apanhou.

Meio frustrado, Olaf estendeu mais açúcar.

- Aqui, príncipe, aqui, Fido!

O animal emitiu um som baixo e trêmulo, em sua garganta. Era um som de prazer. Evidentemente aquela estranha monstruosidade à frente dele, tendo enlouquecido, pretendia alimentá-lo com aqueles pedacinhos de suculência concentrada para sempre. Voltou com a mesma presteza que antes. Mas, como Olaf segurou firme desta vez, o ruminante quase levou-lhe um dedo, também.

O grito de Olaf não foi injustificado. Uma mordida que pode ser sentida através de luvas espessas é uma respeitável mordida!

Avançou abertamente para o espinhudo. Há coisas que ainda esquentam o sangue dos Johnsons, e evocam o antigo espírito dos Vikings. Ter o dedo mordido, particularmente por uma alimária estúpida, é uma dessas coisas.

Havia um olhar incerto nos olhos do espinhudo, quando recuou. Não lhe eram oferecidos aqueles cubos brancos, e ele não estava bem certo sobre o que aconteceria a seguir. A incerteza desapareceu inesperadamente, quando duas mãos enluvadas desceram sobre suas orelhas. Deu um grito agudo, e disparou para frente.

Um espinhudo tem um certo senso de dignidade. Não gosta que puxem suas orelhas, particularmente quando outros espinhudos, inclusive algumas fêmeas não comprometidas, formam um semicírculo, e ficam olhando.

O terráqueo caiu de costas e ficou naquela posição por um momento. Enquanto isto, o espinhudo afastou-se alguns metros, cavalheirescamente esperando que Johnson ficasse de pé.

O velho sangue Viking espumou ainda mais em Olaf. Depois de esfregar o ponto machucado, onde aterrissará sobre seu cilindro de oxigênio, pulou, esquecendo-se da baixa gravidade ganimedana. Voou a um metrô e meio acima do espinhudo.

Havia assombro nos olhos do animal, enquanto contemplava Olaf, pois era um salto portentoso. Mas havia alguma dúvida, também. Parecia não haver propósito nenhum naquela manobra.

Olaf caiu de costas de novo, sobre o cilindro, do mesmo jeito. Estava começando a se sentir um pouco embaraçado. Os sons que vinham do círculo de espectadores soavam já como risota.

- Riam! - murmurou amargurado - ainda não comecei a lutar. Aproximou-se do espinhudo lentamente, cuidadosamente. Fez um círculo, esperando a reação do outro. O animal disparou. Olaf desviou-se e o espinhudo cabeceou. O animal então recuou e Olaf negaceou.

Olaf ficava se lembrando de novos palavrões todo o tempo. O forte "U-r-r-r" que vinha de sua garganta parecia completamente falto da fraternidade natalina.

Houve um súbito silvo no ar. Olaf sentiu algo colidindo contra seu crânio, bem atrás de sua orelha esquerda. Desta vez deu uma cambalhota para trás, e caiu de cabeça.

Houve ruídos excitados da assistência, e o espinhudo abanou sua cauda, em triunfo.

Olaf livrou-se da impressão de que ele estava flutuando de uma hora para outra num espaço cheio de estrelas, e ergueu-se.

- Ei - exclamou ele - usar o rabo é golpe baixo! Pulou para trás quando a cauda disparou em sua direção de novo, e então mergulhou para a frente, para agarrar o animal. Agarrou suas patas e o animal caiu sobre suas costas, com um pequeno grito, indignado. Agora, era um caso entre músculos da Terra contra músculos de Ganimedes, e Olaf tornou-se um homem de força bruta. Esforçou-se por se levantar, e o espinhudo achou-se carregado nos ombros do estranho.

O animal objetou furiosamente e tentou provar suas objeções com uma judiciosa rabanada. Mas, estava numa posição inconveniente e o golpe assobiou, inofensivo, pela cabeça de Olaf.

Os outros espinhudos abriram caminho para o terráqueo com expressões entristecidas. Evidentemente, eram todos bons amigos do animal capturado, e detestavam vê-lo perder uma luta. Voltaram à sua refeição, numa resignação filosófica, completamente convencidos que era "kismet". Do outro lado das rochas, Olaf atingiu sua caverna preparada. Houve uma breve luta contra o espernear antes de conseguir sentar-se na cabeça do espinhudo e fazer nós suficientes na corda, para mantê-lo ali.

Umas poucas horas depois, tinha encurralado seus oito espinhudos, já adquirindo a técnica que vem com uma longa prática. Poderia dar valiosas indicações a um vaqueiro da Terra, sobre como pegar o touro à unha. Também poderia dar lições a um estivador, sobre transpiração simples e composta.

Era a noite da véspera de Natal, e por todo o Domo Ganimedano havia um ruído ensurdecedor e agitação, como uma nova explodindo, mas com efeitos sonoros. Em torno do trenó enferrujado, montados em sua grande plataforma de madeira, cinco terráqueos estavam batalhando com um espinhudo.

O espinhudo tinha opiniões bem definidas sobre a maioria das coisas, e uma de suas opiniões mais definitivas e insistentes, era que jamais iria onde não desejava ir. Fez isso bem claro, sacudindo uma cabeça, uma cauda, três espinhas e quatro pernas em cada direção possível, com toda a força possível.

Mas os terráqueos insistiram, e não muito gentilmente. A despeito de altos e agoniados guinchos, o espinhudo foi erguido à plataforma, arrastado a seu lugar, e irremediavelmente atado.

- OK! - gritou Peter Benson. - Passem a garrafa.

Segurando a tromba do espinhudo com uma mão, Benson brandiu a garrafa embaixo dela, com a outra. A besta estremeceu e gemeu. Houve um gole borbulhante e o chiado apreciativo. O pescoço do espinhudo esticou-se, pedindo mais.

Benson suspirou. - Nosso melhor brandy.

Virou a garrafa e atirou-a de lado, meio vazia. O animal, olhos revirando rapidamente em suas órbitas, fez o que pareceu uma tentativa de dançar alegremente. Não durou muito, porém, pois o metabolismo ganimedano é quase que imediatamente afetado pelo álcool. Seus músculos enrijeceram-se, num rigor embriagado, e com um soluço ruidoso, desabou sobre suas patas.

- Arrastem o próximo! - berrou Benson.

Numa hora, os oito espinhudos eram outras tantas estátuas catalépticas. Usaram-se forquilhas para apoiá-los de pé. O efeito era rústico, rudimentar, mas serviria.

Quando Benson abriu a boca para perguntar onde Olaf Johnson estava, este valoroso apareceu, nos braços de três camaradas, e estava oferecendo uma resistência tão denotada quanto a do espinhudo. Suas objeções, porém, eram altamente articuladas.

- Não vou a lugar nenhum com esta fantasia! - ele rugia, enfiando um dedo no olho mais próximo. - Estão me ouvindo?!

Certamente, havia causa para objeções. Mesmo em seus melhores dias, Olaf nunca tinha sido de coração mole. Mas, em sua presente condição, assemelhava-se a um híbrido entre o pesadelo de um espinhudo e a concepção de Picasso, de um patriarca.

Vestia a fantasia convencional de Papai Noel. Suas roupas eram tão vermelhas quanto podiam ser, com papel higiênico vermelho grudado à sua roupa espacial. O "arminho" era tão branco quanto algodão (que era, de fato, de algodão). Sua barba, mais algodão colado sobre pano, pendurada frouxamente de suas orelhas. Com aquilo por baixo, e máscara de oxigênio por cima, mesmo os mais corajosos eram forçados a desviar o olhar.

Não haviam apresentado um espelho a Olaf, ainda. Mas, entre o que ele conseguia ver de si mesmo, e o que seu instinto lhe dizia, ele receberia um bom e luminoso raio na cabeça como a um irmão.

Aos trancos e empurrões, foi empurrado até o trenó. Outros vieram "ajudar", até que Olaf nada mais era além de um retorcer-se reprimido, e uma voz abafada.

- Choltem-me - ele dizia, sufocado - choltem-me, e enfrentem-me um por um!

Tentou alguns murros, para mostrar sua coragem, mas as várias mãos em cima dele deixavam-no incapaz de mexer um dedo sequer.

- Entre! - ordenou Benson.

- Vão pró inferno! - disse Olaf, ofegante - não vou entrar em nenhum atalho para o suicídio, e podem pegar seu maldito trenó voador e...

- Escute - interrompeu Benson - o comandante Pelham está esperando por você, do outro lado. Vai esfolá-lo vivo se não se apresentar em meia hora.

- O comandante Pelham também pode pegar o trenó e...

- Então, pense no seu emprego! Pense em cento e cinqüenta por semana. Pense no pagamento de vários anos à frente. Pense em Hilda, lá na Terra, que não vai se casar com um desempregado. Pense em tudo isso!

Johnson pensou, confundido. Pensou um pouco mais, entrou no trenó, amarrou nele a sacola, e ligou os gravo-repulsores. Com um terrível praguejar, abriu o jato posterior.

O trenó disparou para frente, e ele segurou-se, para não cair do trenó, para trás, por um fio. Passou a segurar-se dos lados, olhando as colinas à sua volta, à medida que se erguiam e desciam, a cada impulso irregular do periclitante trenó.

Com o vento intensificando-se, as ondulações ficaram mais fortes. E quando Júpiter apareceu, sua luz amarelada evidenciou cada fissura do solo rochoso, e o trenó

parecia sempre dirigir-se para cada uma delas. E quando o planeta gigante emergira completamente do horizonte, a praga da bebida, que evapora do organismo Ganimedano tão depressa quanto chega, começou a ser removida dos animais.

O último espinhudo acordou primeiro, cuspiu alguma bebida e jurou nunca mais voltar a beber. Tendo tomado essa resolução, olhou à volta, calmamente. Não ficou muito impressionado. Apenas gradualmente o fato impôs-se a ele de que seus pés não estavam sobre o chão sólido de Ganimedes. Oscilava e movia-se, o que parecia muito incomum.

Se bem que ele podia atribuir isso à sua recente orgia, se não fosse tão descuidado a ponto de lançar o olhar pela borda da plataforma à qual estava ancorado. Nenhum espinhudo jamais morrera de ataque do coração, tanto quanto se saiba, mas, olhando para baixo, este quase foi o primeiro. Seu grito agonizante de horror e desespero trouxe os outros animais à consciência, se bem que com dores de cabeça. Por um momento houve um confuso burburinho de conversação, enquanto os animais tentavam afastar a dor de suas cabeças, e aproximar-se dos fatos. Ambos os objetivos foram atingidos e começaram a espernear. Não espernearam muito, porque estavam firmemente fixados ao chão. Mas, exceto pelo fato de não estarem indo a lugar algum, reproduziam todos os movimentos de um galope. E o trenó desgovernou-se.

Olaf agarrou sua barba um segundo antes que caísse de suas orelhas.

- Ei! - gritava.

Era algo assim como dizer "Oa!", para um furacão.

O trenó balançava, empinava, num tango histérico. Dava safanões súbitos, como se inspirado a estourar sua madeira contra a crosta de Ganimedes. Enquanto isso, Olaf rezava, praguejava, chorava, e acionava a um tempo todos os jatos de ar comprimido.

Ganimedes girava, e Júpiter era só um borrão. Talvez o espetáculo de Júpiter dançando o "shimmy"* que acalmara os espinhudos.

* N.T. - Variante mais agitada do foxtrot.

Ou mais provável, não mais se importavam com nada. Fosse como fosse, pararam, fizeram calorosos discursos de despedida, uns para os outros, confessaram seus pecados, e esperaram pela morte.

O trenó estabilizou-se, e Olaf retomou o fôlego mais uma vez. Só para cortar a respiração de novo, quando viu o curioso espetáculo do chão e colinas acima, e o céu negro e o volumoso Júpiter lá embaixo.

Foi neste ponto, também, que ele se pôs em paz com o Eterno, e esperou o fim.

*"Ossi" é abreviatura de "ostrich"**

**N.T. - "avestruz" em inglês.

E é com avestruzes que os nativos de Ganimedes se parecem, exceto que seus pescoços são mais curtos, suas cabeças são maiores, e suas penas parecem que vão cair a qualquer momento. Á isto, adicione-se um par de braços raquíticos e emplumados, com três magros dedos separados. Podem falar inglês, mas quando se os ouve, desejar-se-ia nunca tê-los ouvido.

Havia cinqüenta deles na estrutura baixa de madeira púrpura que era sua "sala de conferências". No montículo na frente da sala - escura com a fumaça de fétidas tochas de madeira púrpura - sentava-se o Comandante Scott Pelham e cinco de seus homens. À frente deles, erguia-se o mais desalinhado Ossi de todos, inflando seu amplo tórax com sons rítmicos e trovejantes.

Parou por um momento e apontou para um buraco estropiado, no teto.

- Óia! - guinchou. - Chaminé, "óis fizemu". "A"ai Noé vem vindo.

Pelham grunhiu, aprovadoramente. O Ossi cacarejou, feliz. Apontou para os saquinhos de mato tecido pendurados nas paredes.

Oia".M"Eias. "A"ai Noep"oe "resente nelas!

É... - disse Pelham, sem nenhum entusiasmo. - Chaminé e meias. Muito bonito. - Falou pelo canto da boca para Sim Pierce, que estava a seu lado, sentado. – Mais meia hora neste depósito de lixo vai me matar. Quando é que aquele doido vai chegar?

Pierce mexeu-se, sentindo-se incomodado.

- Escute, fiz alguns cálculos. Estamos com uma margem de segurança em tudo, exceto as folhas de karen, ainda nos faltam quatro toneladas. Se pudermos acabar com esta maluquice na próxima hora, então poderemos começar o próximo turno e fazer os Ossis trabalhar dobrado, e cobriremos o déficit - Acomodou-se melhor. - Sim, acho que conseguiremos.

- Mal conseguiremos - replicou Pelham, sombrio. - Isso se Johnson não vier com outra trapalhada.

O Ossi estava falando de novo, pois os Ossis gostam de conversar.

- Todo ano, vem Nata. Nata bunitu, tudu mundu amigu. Ossi g"osta du Nata. "Ocê gosta du Nata?

- Sim, muito... - Pelham rosnou, polidamente, - Paz em Ganimedes, boa vontade entre os homens; especialmente Johnson. Onde, diabos está aquele cretino, por sinal?

Ele caiu numa incômoda impaciência, enquanto Ossi pulava para cima e para baixo umas poucas vezes, numa forma meditativa, evidentemente, num gesto inconsciente.

Continuou a saltitar, variando com pequenos passos de dança, igualmente saltitantes, até que os punhos de Pelham começaram a fazer gestos de estrangulamento. Só um grito excitado, vindo do buraco na parede, dignificado pelo termo "janela", evitou que Pelham cometesse um "Ossicídio".

Os Ossis acorreram, e os terráqueos atrás, querendo ver.

Contrastando com o amarelo de Júpiter, delineava-se um trenó voador, completo, com renas. Era um vulto pequeno, mas não havia dúvida. Papai Noel estava chegando.

Só havia uma coisa errada com a figura. O trenó, "renas" e tudo, estavam mergulhando para a frente a uma velocidade terrível, e voando de cabeça para baixo.

Os Ossis desmancharam-se numa cacofonia cacarejante.

- "A" ai Noé! "A"ai Noé! "A"ai Noé!

Saíram todos pela janela, como animados espanadores enlouquecidos. Pelham e seus homens usaram a porta, muito baixa para eles.

O trenó estava se aproximando, jogando de um lado para o outro, e vibrando como um volante descentralizado. Olaf Johnson aparecia pequenino segurando desesperadamente um lado do trenó com ambas as mãos.

Pelham gritava, incoerentemente, engasgando com a fina atmosfera, sempre que esquecia de respirar pelo nariz. Então parou, e ficou olhando, apavorado.

O trenó, quase em seu tamanho natural, agora, estava mergulhando. Se tivesse sido uma seta de Guilherme Tell, não estaria melhor apontada para o meio dos olhos de Pelham.

- Todos para baixo! - e mergulhou no chão.

O vento da passagem do trenó assobiou e soprou por seu rosto. A voz de Olaf pôde ser ouvida por um instante, aguda e indistinta. O ar comprimido expandiu-se, deixando rastos de vapor condensado.

Pelham estava no chão, agarrado à crosta gelada de Ganímedes. Então, joelhos tremendo mais do que os de uma dançarina de hula, ergueu-se, devagar. Os Ossis, que se espalharam, já se reuniam de novo, à distância, o trenó fazia a curva.

Pelham observava enquanto oscilava e flutuava, ainda girando. Deu um salto na direção do Domo, virou para um lado, endireitou-se, e ganhou velocidade.

Naquele trenó Olaf trabalhava como um demônio. Com as pernas abertas, manobrava com o peso de seu corpo. Suando e praguejando, tentando não olhar para Júpiter "lá embaixo", fazia o trenó oscilar com amplitude cada vez maior. Estava oscilando num ângulo de 180°, e Olaf sentia seu estômago reclamando veementemente.

Segurando o fôlego, aplicou bastante impulso no pé direito, e sentiu o trenó virar demasiado. Na extremidade da oscilação, desligou o gravorepulsor e, na fraca gravidade de Ganimedes, o trenó apontou para baixo. Naturalmente, como o veículo era mais pesado embaixo, devido ao metal do gravo-repulsor na sua parte inferior, endireitou-se, enquanto caía.

Mas isto era um pequeno consolo ao comandante, que achou-se mais uma vez diretamente no caminho do trenó.

- Para baixo! - e jogou-se de novo.

O trenó silvou logo acima, bateu com um estalido, contra um rochedo, saltou vinte e cinco pés pelo ar, desceu com um estampido, e Olaf caiu para fora.

Papai Noel tinha chegado.

Com um suspiro profundo e estremecido, Olaf pôs a sacola nas costas, ajustou sua barba e acariciou a cabeça de um dos espinhudos, que sofriam em silêncio. A morte podia estar próxima, mas ele a enfrentaria de queixo erguido, nobremente, como um Johnson.

Dentro da cabana, para dentro da qual os Ossis correram de novo, um "thump" anunciou a chegada da sacola do Papai Noel, no telhado, e um segundo "tud" a chegada do próprio Papai Noel. Um rosto assustador apareceu pelo furo malfeito no telhado.

- Feliz Natal! - grasnou e despencou.

Olaf aterrissou sobre suas garrafas de oxigênio.

Os Ossis pulavam para cima e para baixo, como bolas de borracha com comichões.

Olaf mancou pesadamente até a primeira meia, e depositou ali a bola multicolorida que retirou de sua sacola, uma das muitas que originalmente deveriam ser ornamento da árvore de Natal. Uma a uma, depositou o resto em cada meia que ali havia.

Tendo completado o serviço, agachou-se, exausto, e dessa posição, observou o que se seguia, com um olhar de peixe morto. A alegria e o riso que sacode a pança do Papai Noel, suas características tradicionais, estavam completa e radicalmente ausentes deste.

Os Ossis estavam paralisados, em êxtase. Até que Olaf tivesse depositado a última bola, mantiveram-se sentados, e em silêncio. Mas quando ele terminou, o ar vibrou aos gritos dissonantes e discordantes que se ergueram. Em meio segundo, cada Ossi tinha uma bola na mão.

Tagarelavam entre si acaloradamente, segurando cuidadosamente as bolas de Natal, e segurando-as carinhosamente contra seus peitos. Então compararam umas com as outras, juntando-se para observar as mais particularmente bonitas.

O mais desaprumado dos Ossis aproximou-se de Pelham e puxou-lhe a manga. - "A"ai Noé bonzinhu - cacarejou. - Oia, ganhamu óvus! Olhou reverentemente para sua bola de Natal, e disse: - "Ena que "ao sejam óvus di Ossi. "Evem sé óvus di "A"ai Noé, né?

Seu dedo ossudo cutucou Pelham no estômago.

- Não!!! - berrou Pelham. - Raios, não!

Mas o Ossi não estava escutando. Mergulhou a bola bem fundo no calor de suas penas e disse:

- B'unita cor. Quanto tempo, 'té qui 'A'ai Noé piqueno sai du ovu? U quê qui us A'ai Nuézinho comi? Olhou para cima. - Vamu toma muitu 'uidado. Insinamu ''A'ai Nuézinho, fica esperto i inteligenti, comu Ossi.

Pierce agarrou o braço do Comandante Pelham.

- Não discuta com eles - cochichou, apoplético. - Que importa se eles pensam que são ovos de Papai Noel? Vamos! Se trabalharmos como loucos, ainda podemos preencher a quota. Vamos começar.

- Está bem - admitiu Pelham. Virou-se para o Ossi. - Diga a todos para irem trabalhar. - Falava alto e claro. Vamos trabalhar, entenderam? Depressa! Depressa! Vamos!

Gesticulou com os braços. Mas o desajeitado Ossi tinha parado. Disse, devagar:

- Tabaiamu, mas lonson diz que Nata vem todo anu.

- Um Natal não é o suficiente para vocês? - Pelham replicou.

- Nhão! - exclamou o Ossi. - Que'emu 'A'ai Noé anu qui vem. Ganha mais ôvu. E nu ôtu anu, e nu ôtu, e nu ôtu. Mais ôvu de ''A'ai Noézinhus. Se 'A'ai Noé num vem, num t'aba'ia.

- Bem, isso ainda leva muito tempo - disse Pelham. - Então conversaremos. Então, já terei enlouquecido completamente, ou vocês terão esquecido.

Pierce abriu a boca, fechou-a, hesitou, abriu, fechou, e finalmente conseguiu falar.

- Comandante, eles querem que o Papai Noel venha todo ano.

- Eu sei, mas eles não vão se lembrar disso no ano que vem.

- Mas o senhor não compreende. Um ano para eles é uma revolução de Ganimedes em torno de Júpiter. No tempo da Terra, são sete dias e três horas. Querem que o Papai Noel venha toda semana!

- Toda semana! - Pelham embatucou. - Johnson disse-lhes... Por um momento, tudo ficou vermelho à sua frente. Engasgou, e automaticamente seus olhos buscaram Olaf.

Olaf esfriou até a medula e levantou-se, apreensivo, deslizando rumo à porta. Ali, parou, como se uma súbita lembrança da tradição lhe viesse à mente. Com a barba pendurada de um lado só, grasnou:

- Feliz Natal para todos, e boa-noite para todos!

Correu para o trenó como se todos os demoninhos do Hades estivessem atrás dele. Os demônios não, mas o Comandante Scott Pelham.

***

Em janeiro de 1941 (no mês em que atingi a maioridade), empreendi algo novo: escrever de parceria.

Fred Pohl, afinal, não era simplesmente um editor. Era também um escritor que começava carreira. Viria a ser um gigante no campo, mas naqueles primeiros dias, estava labutando com apenas o tipo de modesto sucesso que eu conseguia. Sozinho, e em colaboração com outros Futuristas, produziu histórias sob diversos pseudônimos. O que usava mais frequentemente era "James McCreigh".

Por acaso, havia escrito sob aquele pseudônimo um pequeno conto de fantasia chamado "O Homenzinho no Metrô", em relação ao qual tinha esperanças, mas não conseguia dar-lhe forma satisfatória. Perguntou-me se eu o reescreveria, e o pedido me lisonjeou. Além do mais, eu estava tentando penetrar na revista Unknown, e se não conseguia só, talvez conseguisse em parceria. Não era orgulhoso; pelo menos no ramo de fantasia.

Aceitei a tarefa e cumpri-a literalmente, de um só golpe. Tamanha facilidade não ajudou, porém. Submeti-a a Campbell para Unknown em 27 de janeiro de 1941, pie reieitou-a.

Precisei devolvê-la a Pohl. .

Pohl porém, com a verdadeira alma do agente, não desistia nunca, e em 1950 , muito depois de eu ter esquecido completamente a história, conseguiu colocá-la numa pequena publicação chamada Fantasy Book.

15

O HOMENZINHO NO METRÔ

(com James MacCreigh)

As estações de metrô são lugares onde as pessoas geralmente desembarcam, de modo que, quando ninguém saiu do primeiro carro na estação da Avenida Atlantic, o condutor Cullen, da I.R.T., começou a ficar preocupado. De fato ninguém tinha descido do primeiro carro desde que a viagem para Flatbush tinha se iniciado - embora dezenas de pessoas tenham embarcado durante todo o percurso.

Estranho! Muito estranho! Esse era o tipo de coisa que fazia os condutores bem-educados tirarem seus bonés e coçarem suas cabeças. Assim o fez o condutor Cullen.

Isto não o ajudou em nada, mas ele repetiu o processo na Rua Bergen, a próxima estação, onde, novamente, nenhum ocupante do primeiro carro saiu. E na Grand Army Plaza, ele acrescentou ao processo de coçar a cabeça, algumas antigas palavras gaélicas passadas de pai para filho durante séculos. Elas ionizavam a atmosfera envolvente, mas não afetavam a situação. Na Eastern Parkway, Cullen tentou fazer uma experiência. Ele cuidadosamente não abriu as portas do primeiro carro. Inclinou-se para frente ansiosamente, virou sua cabeça e olhou - e o que viu podia ser considerado um milagre. O passageiro do metrô de Nova Iorque não é tímido, educado, nem modesto, e as portas que não se abrem imediatamente são abertas a pontapés. Mas desta vez não houve nenhum pontapé, nenhum grito, nem mesmo um grito alterado. Os olhos de Cullen se arregalaram. Ele estava ficando zangado. Na Avenida Franklin, onde novamente entrou em contato com o Expresso, ele abriu as portas com violência e xingou a multidão. De todas as portas saíam passageiros de ambos os sexos e de todas as idades, exceto os daquele terrível primeiro carro. Neste, entraram três homens e uma garotinha, embora Cullen pudesse ver claramente o leve abaulamento das paredes, causado pela superlotação do carro. Durante o resto da viagem até a Avenida Flatbush, Cullen ignorou completamente o primeiro carro, concentrando-se naquela última parada onde todo mundo tinha que descer. Todo mundo! Passaram-se President, Church, e Beverly Road e Cullen viu-se contanjdo as estações que faltavam até a estação final de Flatbush.

Eles pareciam um bonito grupo de passageiros. Liam seus jornais, olhavam fixos para a escuridão que passava rapidamente do lado de fora da janela, ou para as pernas da moça da frente, ou para o nada, como pessoas comuns. Só que não queriam desembarcar. Eles nem mesmo queriam passar para o carro seguinte, onde havia lugares vazios.

Imagine os nova-iorquinos resistindo ao impulso de passar de um carro para outro e perdendo a chance de deixar as portas abertas e usufruir da corrente de ar puro.

Mas era Avenida Flatbush! Cullen esfregou as mãos, abriu as portas violentamente e gritou na sua melhor maneira ininteligível "Ponto Final!". Ele repetiu duas ou três vezes roucamente e várias pessoas naquele maldito carro olharam para ele. Havia reprovação em seus olhos. Você nunca ouviu falar da campanha do prefeito contra o barulho, eles pareciam dizer. O último passageiro a descer tinha deixado o trem e os que vinham, espalhados, já estavam entrando. Houve alguns olhares curiosos para o carro apinhado de gente, mas não muitos. O nova-iorquino considera tudo o que ele não consegue entender como uma publicidade gratuita. Cullen recorreu novamente ao seu gaélico e correu precipitadamente pela plataforma em direção à cabine do maquinista. Ele precisava de apoio moral. O maquinista devia estar fora de seu carro preparando-se para sua próxima viagem, mas não estava. Cullen podia vê-lo através do vidro da porta, debruçado sobre os controles e olhando ociosamente para o pára-choque à sua frente.

- Gus! - gritou Cullen. - Saia! Há uma coisa...

Nesse momento sua língua se travou, porque não era Gus. Era um velhinho baixinho, que sorriu educadamente e mexeu os dedos, cumprimentando.

O espírito irlandês de Patrick Cullen se rebelou. Com um grito, ele agarrou a borda da porta e tentou empurrá-la para abrir. Ele devia saber que aquilo não iria adiantar. Então, respirando fundo, e encomendando o dito espírito irlandês a Deus, ele investiu contra a porta e se projetou em cima da massa de pessoas assombradas naquele primeiro carro. O impulso jogou-o a quase dois metros de distância e então lá ficou ele estendido. Atrás dele, aqueles que ele tinha derrubado, levantavam-se dos colos de seus companheiros de viagem, desculpando-se com a verdadeira delicadeza nova-iorquina (consistindo de um resmungo, um grunhido e uma careta) e retornando aos seus jornais.

E então sentindo-se impotente, ele ouviu o apito do chefe da estação. Estava na hora de seu próprio trem sair. O dever o chamava! Com um esforço sobre-humano, avançou em direção à porta, mas ela se fechou antes que ele pudesse chegar lá e o trem começou a se mover.

Ocorreu a Cullen que ele tinha perdido um relatório pela primeira vez e disse: - Maldição! - Depois que o trem tinha andado uns quinze metros, notou que eles estavam indo na direção errada e, desta vez, não disse nada. Afinal, o que havia para dizer - mesmo no mais puro gaélico!

Como podia um trem ir na direção errada para a Avenida Flatbush. Não havia mais trilhos. Não havia nenhum túnel mais. Havia um pára-choque para evitar que os maquinistas excêntricos tentassem empurrar algum carro. Era absurdo. Mesmo o Big Deal não podia fazê-lo. Mas lá estavam eles!

Havia também estações neste novo túnel - largas o bastante para apenas um carro. Mas aquilo estava certo, porque somente um carro estava viajando. O resto tinha se destacado de algum modo, provavelmente para fazer a viagem de rotina para Bronx Park.

Havia, talvez, uma dúzia de estações no trajeto com nomes curiosos. Cullen conseguiu ler somente alguns, devido à velocidade do trem. Um era Archangel Boulevard, outro Serph Road e outro Cherub Plaza. E então, o trem entrou numa estação enorme, que se parecia extraordinariamente com uma caverna, e parou. Ela era imensa, com cerca de cem metros, e de forma quase esférica. Os trilhos iam até o centro exato, sem tirantes, e as plataformas dos lados dos trilhos também estavam suspensas no ar.

O condutor era a única pessoa no carro, o resto tendo descido na Hosanah Square. Ele apoiou-se mancando na alavanca de porcelana, olhando fixamente para um anúncio de baton. A porta da cabine do maquinista abriu-se e o homenzinho saiu. Ele lançou um olhar para Cullen, virou-se e depois olhou novamente para Cullen.

- Ei - disse - quem é você?

Cullen virou-se lentamente, ainda segurando a alavanca. - Apenas o condutor. Não se preocupe comigo. Estou me demitindo. Não gosto do serviço.

- Oh, meu Deus, isto é inesperado! - O homenzinho sacudiu sua cabeça e fez tch-tched com a língua. - Eu sou o Sr. Crumley - explicou. Eu roubo coisas. Principalmente pessoas. Algumas vezes, carros de metrô - mas eles são tão grandes, desajeitados, não acha?

- Senhor - gemeu Cullen. - Eu estou pensando há duas horas, e não cheguei a nenhuma conclusão. Quem é o senhor, afinal?

- Eu lhe disse - sou o Sr. Crumley. Estou praticando para ser um deus.

- Um marinheiro? - disse Cullen. - Você quer dizer um marinheiro?

- Oh, não - respondeu o Sr. Crumley com uma expressão de desagrado. - Eu disse deus, como em Jeová. Olhe! - Ele apontou para fora da janela da parede da caverna.

Para onde seu dedo apontou, a rocha começou a se revolver e cresceu. Ele moveu seu dedo e lá estava uma perfeita cadeia de rochas formando um minúsculo h invertido.

- Aquele é o meu símbolo - disse Crumley modestamente. - Místico, não é? Mas aquilo não é nada. Espere até que eu tenha realmente organizado as coisas. Deus meu, eu lhes darei milagres!

A cabeça de Cullen virava de um lado para o outro, para o símbolo da rocha e o sorriso afetado do Sr. Crumley, até que começou a ficar tonto e então parou.

- Ouça - ele perguntou asperamente. - Como você conseguiu tirar aquele carro da Avenida Flatbush? De onde saiu aquele túnel? Algumas daquelas pessoas são estrangeiras...

- Oh, meu Deus, não! - respondeu o Sr. Crumley. - Eu fiz aquilo sozinho, e de tal modo, que ninguém notou. Foi um pouco difícil. Consumiu-se o meu ectoplasma. Fazer milagres quando existem pessoas é muito mais difícil, porque você tem que lutar contra a vontade delas. A menos que haja muitos Fiéis, não consegue fazê-lo. Agora que eu consegui cerca de cem mil, eu posso fazê-lo, mas houve uma vez - ele balançou a cabeça, recordando - quando eu não conseguia nem mesmo levitar um bebê – ou curar um leproso. Oh, bem, estamos perdendo tempo. Devíamos estar na próxima fábrica.

Cullen se animou. Fábrica era mais prosaico. - Eu tive um irmão ele disse - que trabalhava numa fábrica de malhas, mas...

- Oh, por Deus, Sr. Cullen. Estou me referindo às minhas Fábricas de Fiéis. Eu tenho de educar as pessoas para acreditarem em mim, sabe, e fazer sermão é uma tarefa tão enfadonha. Eu acredito na produção em massa. Eu pretendo ser chamado algum dia de Henry Ford da Utopia. Ora, só eu, tenho doze Fábricas no Brooklyn e quando produzir Fiéis suficientes, eu os espalharei pelo mundo inteiro.

Ele suspirou. - Meu Deus, se eu tivesse Fiéis suficientes! Eu teria de ter um milhão antes que as coisas pudessem evoluir por si mesmas e até então tenho de providenciar eu mesmo os mínimos detalhes. É tão maçante! Eu até tenho de ficar lembrando aos meus Fiéis quem sou eu - até aos Discípulos. A propósito, Cullen - eu li sua mente, por acaso, é por isso que sei seu nome - você quer ser um Fiel, é claro.

- Bem - disse Cullen nervosamente.

- Ora, vamos. Alguns deuses teriam ficado zangados com sua intromissão e acabado com você - ele estalou os dedos - assim. Eu não, porque eu penso que matar pessoas é algo sujo e impensado. Mesmo assim, você terá que ser um Fiel.

Agora Patrick Cullen era um irlandês inteligente. Isto é, ele admitia a existência de espíritos, duendes e fadas, e aceitava os espíritos mediúnicos, lobisomens, vampiros e outras tolices como essas. Quanto às coisas sobrenaturais, ele era bem-educado demais para zombar. Ainda assim, Cullen não pretendia renegar sua religião.

Sua teologia era fraca, mas para um mortal pretender ser uma divindade cheirando à heresia, não dizendo sacrilégio e blasfêmia, era demais até mesmo para ele.

- Você é um impostor - ele gritou corajosamente - e vai acabar direto no inferno do jeito que você vai.

O Sr. Crumley estalou a língua. - Que linguagem horrível você usa. E tão desnecessária! É claro que você acredita em mim.

- Oh, sim?

- Bem, então, se você é tão teimoso, eu farei um pequeno milagre. Não é conveniente, mas agora - ele fez movimentos vagos com sua mão esquerda - você acredita em mim.

- Certamente - disse Cullen, ofendido. - Eu sempre acreditei. Como é que estou indo, idolatrando você? Eu quero fazer isto da maneira correta.

- Apenas tenha fé em mim, e isto é o suficiente. Agora você deve ir às fábricas e depois o mandaremos de volta para casa - eles nunca saberão onde você esteve - e você pode viver a sua vida como um Fiel!

O condutor sorriu enlevado. - Oh, que vida feliz! Eu queria ir às fábricas.

- É claro que você queria - replicou o Sr. Crumley. - Você também queria ser um bom Crumleyite, não queria? Venha! - Ele apontou para a porta do carro e esta se abriu. Eles saíram e Crumley continuou apontando, A rocha foi diminuindo aos poucos à frente até desaparecer atrás. Cullen atravessou a parede, seguindo aquela figurinha que era seu deus. Aquilo era um deus, pensou Cullen. Qualquer deus que pudesse fazer aquilo era um deus danado de bom para se acreditar.

E então ele estava na fábrica - outra caverna, somente maior. O Sr. Crumley parecia gostar de cavernas. Cullen não prestou muita atenção à sua volta. De qualquer modo, ele não podia ver muito devido à névoa violeta claro que embaçava sua visão. Ele teve a impressão de ver uma correia transportadora movimentando-se lentamente, com

homens parados a intervalos ao longo dela. Discípulos, ele pensou. E as peças que estavam sendo fundidas naquela correia provavelmente eram Infiéis, ou pessoas inúteis.

Havia um homem observando-o, sorrindo. Um Discípulo, pensou Cullen, e bem naturalmente fez o sinal da cruz para ele. Ele nunca o tinha feito antes, mas foi fácil.

O Discípulo respondeu da mesma forma.

- Ele me disse que você estava vindo - disse o Discípulo. - Ele disse que fez um milagre especial para você. Isto é realmente uma distinção. Você quer que eu lhe mostre o que há em volta da correia?

- É claro!

- Bem, esta é a fábrica Um. É o centro nervoso de todas as fábricas do país. As outras dão apenas tratamento preliminar e fazem somente Fiéis. Nós fazemos Discípulos.

- Oh, Deus, Discípulos! Eu vou ser um Discípulo? - perguntou Cullen impacientemente.

- Depois de ter recebido um milagre dele. É claro! Você é alguém, você sabe. Existem apenas cinco pessoas de quem ele se encarrega pessoalmente.

Esta foi uma maneira gloriosa de fazer as coisas. Tudo o que o Sr. Crumley fez foi glorioso. Que deus! Que deus!

- Você começou assim também?

- Certamente - disse o Discípulo, placidamente. - Eu sou uma pessoa importante também. Eu apenas desejaria que fosse mais importante ainda.

- Para quê? - disse Cullen, num tom de voz chocado. - Você está se queixando das ordens do Sr. Crumley? (que ele prospere). Isto é um sacrilégio.

O Discípulo mudou de posição, sentindo-se desconfortável. - Bem, eu tenho umas idéias e gostaria de experimentá-las.

- Você tem idéias, heim? - murmurou Cullen maldosamente. - O Sr. Crumley sabe? (que ele viva para sempre).

- Bem, francamente, não! Mas mesmo assim - o Discípulo olhou por sobre os ombros cuidadosamente e se chegou mais perto - eu não sou o único. Há muitos de nós que pensam que o Sr. Crumley (que as bênçãos caiam sobre ele) é um pouco antiquado. Por exemplo, veja as luzes neste lugar.

Cullen olhou para cima. As luzes eram do mesmo tipo que aquelas da caverna-terminal. Elas deviam ter sido roubadas de alguma linha do metrô I.R.T. Cópias perfeitas de sinais pare-e-ande e de sinalizadores de saídas.

- O que há de errado? - ele perguntou.

O Discípulo sorriu desdenhosamente. - Falta originalidade a elas. Você pensaria que um deus de grau A faria algo de novo. Quando ele apanha as pessoas, ele o faz através do metrô e obedece as regras do metrô. Ele espera que o chefe da estação lhe diga para seguir; ele pára em todas as estações; usa eletricidade, etc. O que nós precisamos - o Discípulo estava gesticulando desconsoladamente e gritando - é mais iniciativa, mais audácia. Temos que acelerar as coisas e dirigi-las com eficiência e energia.

Cullen encarou-o furiosamente, acusando-o. - Você é um herege. Você está condenado à maldição. - Ele procurou desesperadamente por um sino, apito, gongo ou tambor, que pudesse convocar o grande Crumley, mas não encontrou nada.

O outro piscava os olhos, pensando rápido. - Ouça - disse grosseiramente - veja que horas são. Eu estou atrasado. É melhor que você suba na correia para o seu primeiro tratamento.

Cullen estava irritado com a assistência negligente que o Sr. Crumley estava tendo de seu discípulo inferior, mas um tratamento é um tratamento, e fazendo o sinal da cruz devotamente, ele subiu na correia. Achou-a bastante confortável apesar da trepidação. O Discípulo acenou para o primeiro preceptor de Cullen - outro Discípulo - que estava em pé ao lado de algo parecido com um quadro-negro. Cullen tinha observado os outros enquanto estavam discutindo sobre Crumley e tinha notado o processo de pergunta e resposta ocorrido. Ele tinha notado isto particularmente.

Consequentemente, ele ficou surpreso, quando o segundo Discípulo, ao invés de usar seu pesado indicador para apontar uma pergunta no quadro, virou-o para o lado oposto e baixou-o sobre a sua cabeça.

As luzes se apagaram!

Quando ele voltou a si, estava sob a correia, bem no fundo da caverna. Ele estava amarrado, e o Discípulo Rebellious e mais outros três estavam falando sobre ele.

- Ele não podia ser persuadido - o Discípulo estava dizendo. Crumley deve ter-lhe dado um tratamento duplo ou algo assim.

- É o último tratamento duplo que Crumley terá dado - disse o baixinho gordo.

- Esperemos que sim. Como vão indo as coisas?

- Muito bem. Muito bem mesmo. Nós nos comunicamos com a Seção Quatro cerca de duas horas atrás. Foi um milagre perfeito.

O Discípulo estava satisfeito. - Ótimo! Como é que estão as coisas na Seção Quatro?

O baixinho gordo estalou os lábios. - Bem, agora não tão exaltadas. Por alguma ração, eles estão conseguindo estranhos efeitos por lá. Estão acontecendo milagres.

Até mesmo os Crumleítas mais inferiores podem fazê-los e algumas vezes eles... Acontecem. É extremamente aborrecido.

- Humm, isto é mau. Se houver empecilhos demais, Crumley suspeitará. Se ele investigar por lá primeiro, poderá reconverter todos eles num segundo, antes que ele venha aqui e então, sem o apoio deles nós talvez não sejamos fortes o bastante para enfrentá-lo.

- Ouça - disse o gordo apreensivamente - nós não somos fortes o bastante agora, você sabe. Nada disto acontecerá se estivermos preparados. Nós somos suficientemente fortes - salientou o Discípulo asperamente para enfraquecê-lo o bastante para que ele nos dê um deus já começado, e depois disto...

- Um novo deus. Heim? - disse o outro. Ele concordou com a cabeça sabiamente.

- Certo - disse o Discípulo. - Um novo deus, criado por nós, pode ser destruído por nós. Ele estaria completamente sob nosso controle e então, ao invés de um tirano, podemos ter uma espécie de - er - conselho.

Houve sorrisos gerais e todos pareciam felizes.

- Mas nós discutiremos isto mais tarde, numa outra vez - continuou o Discípulo rapidamente. - Vamos demonstrar um pouco de nossa Fé. Crumley não é estúpido, vocês sabem, e não queremos que ele note nenhuma negligência. Vamos agora. Todos juntos.

Eles fecharam seus olhos, concentraram-se um pouco, e depois abriram-nos com um suspiro.

- Bem - disse o baixinho gordo - terminou. É melhor eu voltar agora.

Cullen o observava, sob a correia. Ele se parecia estranhamente com uma galinha ao empoleirar-se numa árvore quando ele flexionava os joelhos e olhava fixo para cima. Depois ele aumentava muito a semelhança, quando abria os braços, dava um pequeno pulo e saía voando. Cullen podia seguir seu vôo olhando apenas para os olhos dos três remanescentes. Aqueles olhos olhavam cada vez mais para o alto, seguindo o gordo até o topo da caverna. Havia um ar de auto-satisfação naqueles olhos. Eles estavam muito felizes com seus milagres.

Depois, todos eles foram embora, deixando Cullen com sua santa indignação. Ele estava chocado até o âmago de seu ser com esta pecaminosa rebelião, esta apostasia, esta... esta... Não havia palavras para isto, até mesmo em gaélico. Imagine criar um deus que poderia estar sob o controle dos criadores. Era uma heresia antropomórfica (onde ele

tinha ouvido aquela palavra?) e atingia as raízes de toda a religião. Ia ele ficar lá, quieto, e observar algo atingir as raízes de toda a religião? Ia ele se submeter a ter o Sr. Crumley (que ele possa nadar através dos mares do êxtase) deposto? Nunca!

Mas as cordas o fizeram mudar de idéia, e, assim, lá ficou ele parado. E então seus pensamentos se interromperam. Ouviu-se um som baixo, ressonante - um som que teria sido o de uma voz se não tivesse sido lançado tão incrivelmente baixo. Havia um quê de ameaça nele que imediatamente atraiu a atenção de todos. A de Cullen, que tremia nos seus grilhões; a dos outros na caverna, que tremiam ainda mais, sem estarem presos; da própria correia, que parou de repente com um espasmo e tremia fortemente.

O Discípulo Rebellious caiu de joelhos e tremia mais do que qualquer um dos outros. A voz se fez ouvir novamente, desta vez numa linguagem reconhecível. - Onde está aquele vagabundo, Crumley? - berrou.

Não houve tempo para uma resposta. Uma grande sombra se avolumou no centro do hall e lançou um raio negro na correia. Uma labareda se levantou onde o raio tinha tocado e se espalhou lentamente para fora. Por onde a labareda passava, a correia deixava de existir. O fogo estava longe de Cullen, mas haviam humanos mais perto e entre estes existia um verdadeiro pandemônio.

Cullen queria muito unir-se ao vôo, mas infelizmente o Discípulo que o tinha amarrado, evidentemente tinha sido um escoteiro. De nada adiantou ele se sacudir, se retorcer e se contorcer para se livrar das teimosas cordas, então ele recorreu ao gaélico e ao desejo.

Ele desejou que estivesse livre. Ele desejou que não estivesse amarrado. Desejou que estivesse bem longe daquela chama devoradora. Ele desejou uma porção de coisas, algumas impublicáveis, mas principalmente aquelas.

E então ele sentiu alguma coisa deslizando e, aos seus pés, estava uma pilha de fibras de cânhamo. Evidentemente, as forças liberadas pela rebelião estavam ficando fora de controle aqui, como também na Seção Quatro. O que o baixinho gordo tinha dito? "Estão acontecendo milagres. Até mesmo os Crumleítas mais inferiores podem fazê-los e algumas vezes eles acontecem".

Mas por que perder tempo? Ele correu em direção à parede de pedra e expressou um desejo a ela, para que se dissolvesse. Ele expressou-o diversas vezes, com variações gaélicas, mas a parede não amoleceu nem mesmo um pouquinho. Ele olhou atentamente, descontrolado, e então viu o buraco. Ele estava do lado da caverna, diametralmente à

posição de Cullen no fim do hall, e distante cerca de três voltas da correia. A espiral ascendente passava justamente embaixo dele.

Por alguma ração, Cullen pulou a agarrou a borda inferior da espiral, contorceu-se para entrar dentro dela e começou a correr. O fogo da desintegração estava atrás dele e bem longe, mas estava ganhando terreno. Ele correu na correia até a terceira volta, não tendo tempo de ficar tonto com a viagem circular. Mas quando ele chegou lá, o buraco, grande, preto e convidativo, era um pouquinho mais alto do que ele poderia pular. Ele se encostou na parede, ofegante. A labareda tinha agora se transformado em duas, rastejando em ambas as direções, de uma brecha de sessenta centímetros na correia. Todos na caverna, umas duzentas pessoas, movimentavam-se, e cada uma delas fazia um tipo de barulho.

De alguma forma, a visão o estimulou. Ela o encorajou às novas investidas para entrar no buraco. Impetuosamente, ele tentou galgar a parede escarpada, mas não conseguiu.

E então o Sr. Crumley meteu sua cabeça fora do buraco e disse: - Oh, misericórdia, que bagunça terrível! Meu Deus! Venha aqui para cima, Cullen. Por que você está aí embaixo?

Uma grande paz desceu sobre Cullen. - Olá, Sr. Crumley - ele gritou. - Que o senhor possa sentir a essência das rosas para sempre.

O Sr. Crumley parecia satisfeito. - Obrigado, Cullen. - Ele fez um sinal com a mão e o condutor estava ao seu lado - uma simples questão de levitação. Mais uma vez, Cullen convenceu-se, no seu íntimo, de que ali estava um deus.

- E agora - disse o Sr, Crumley - devemos nos apressar. Eu perdi a maior parte de meu poder quando os Discípulos se rebelaram, e meu carro do metrô está meio atolado. Eu precisarei de sua ajuda. Depressa!

Cullen não tinha tempo para admirar o carro no fim do túnel. Ele saltou da plataforma atrás de Crumley e se atirou cerca de trinta metros pelo tubo, onde o carro estava parado. Ele foi transportado pelo ar para dentro do carro pela porta dianteira aberta com a ajuda de um dançarino de revista musical. O Sr. Crumley tinha cuidado disto.

- Cullen - disse o Sr. Crumley - dê partida nesta coisa e leve-a de volta à linha habitual. E tenha cuidado; ele está esperando por mim.

- Quem?

- Ele, o novo deus. Imagine aqueles loucos - não, idiotas - pensando que poderiam criar um deus controlável, quando a verdadeira essência da divindade é a incontrolabilidade.Claro, quando eles fazem um deus para me destruir, eles fazem um Destruidor, e ele destruirá tudo o que eu criei, inclusive meus Discípulos.

Cullen trabalhava rapidamente. Ele sabia como dar partida no carro 30990; qualquer condutor saberia. Ele correu até a outra extremidade do carro, onde estava a alavanca de controle, puxou-a para fora e retornou-a à máxima velocidade.

Isto era tudo o que ele precisava. Havia força no trilho; as luzes estavam acesas, e não havia sinais vermelhos entre ele e o Céu. O Sr. Crumley sentou-se. - Acalme-se. Ele talvez deixe você passar. Eu vou desaparecer e talvez ele não me note. De qualquer forma, ele não lhe quer fazer mal - eu espero. Meu Deus, desde que tudo isto começou na Seção Quatro, as coisas estão numa tal bagunça.

Oito estações se passaram antes que alguma coisa acontecesse e então veio a estação de Utopia Circle e - bem, nada realmente aconteceu. Foi só uma impressão – por uns poucos segundos, ele teve a impressão de que havia gente em volta dele observando-o cuidadosamente com uma hostilidade virulenta. Não era exatamente gente, mas uma pessoa. Nem era exatamente uma pessoa, mas um enorme olho, observando - observando - observando - observando. Mas isto passou e quase que imediatamente Cullen viu um letreiro branco e preto da "Avenida Flatbush" ao lado do túnel. Ele apertou os freios depressa, porque havia um trem esperando lá. Mas os controles não funcionaram como deviam e o carro avançou até entrar em contato com os carros da frente. Com um suave click, acoplou e o 30990 era justamente o último carro do trem.

Aquilo era obra do Sr. Crumley, é claro. Este estava em pé atrás dele, observando-o. - Ele não o pegou, pegou? Não, vejo que não.

- Ainda há algum perigo? - perguntou Cullen ansiosamente.

- Acho que não - respondeu o Sr. Crumley tristemente. - Depois de ter destruído toda a minha criação, não haverá mais nada para ele destruir, e, desprovido de uma função, ele simplesmente deixará de existir. Isto é o resultado deste trabalho -malfeito, desorganizado. Estou decepcionado com os seres humanos.

- Não diga isto - disse Cullen.

- Digo - anunciou o Sr. Crumley selvagemente. - Os seres humanos não estão qualificados para serem deuses. Eles causam muitos problemas e preocupações. Um deus de cabelos grisalhos não inspiraria nenhum respeito e suponho que você ache que um deus pareça muito nobre, todo grisalho. Malditos sejam todos os humanos! Eles

podem passar sem mim. De agora em diante irei para a África e tentar com chimpanzés. Aposto como eles são um material muito melhor.

- Mas, espere - gemeu Cullen. - E eu? Eu acredito no senhor.

- Oh, meu caro, isto não resolveria nada. Retorne ao normal! O Sr. Crumley fez um gesto com a mão, e Cullen, mais uma vez, um irlandês temente a Deus, soltou uma imprecação no mais puro gaélico e investiu contra ele.

- Seu tratante caluniador...

Mas não havia mais o Sr. Crumley. Havia somente o chefe da estação, perguntando muito indelicadamente - em inglês - o que, com os diabos, havia com ele.

***

Lamento dizer que não me lembro exatamente, desta vez, quais as partes do conto são minhas e quais as de Pohl. Examinando cuidadosamente, posso dizer, "Esta parte parece ser minha, esta não", mas não poderia jurar se estou certo ou não. Fantasy Book foi uma publicação duvidosa que durou apenas oito edições. "O Homenzinho no Metrô" ("The Little Man on the Subway") estava na sexta.

Um fato engraçado sobre esta edição de uma revista de pequena tiragem que tinha de aproveitar o que pudesse encontrar entre o material rejeitado, era que ela incluía "Scanners Live in Vain", de Cordwainer Smith. Este foi o primeiro conto publicado de Smith e ele não publicou outro por oito anos ou mais. Na década de 60, Smith (um pseudônimo para um homem cuja verdadeira identidade não foi revelada senão após a sua morte) tornou-se um escritor de considerável importância, e este seu primeiro conto tornou-se um clássico.

Enquanto estava trabalhando no "The Little Man on the Subway", eu também estava escrevendo outro conto sobre "robô positrônico" chamado "Liar!" Nesta, apareceu pela primeira vez minha personagem Susan Calvin (ela foi a personagem de dez dos meus contos até o presente momento e não eliminei a possibilidade dela aparecer novamente).

Foi enquanto Campbell e eu estávamos discutindo sobre este conto, por acaso, em 16 de dezembro de 1940, que "As Três Leis da Robótica" (Three Laws of Robotics") foi terminado. (Eu digo que foi Campbell quem o terminou e ele diz que fui eu - mas eu sei que estou com a ração - foi ele.)

"Liar!" foi aceito imediatamente por Campbell em fins de janeiro, sem revisão, e apareceu na publicação de maio de 1941 ao Astounding. Foi minha quarta publicação naquela revista. O fato de ter sido publicado um mês após "Ração" ("Reason"), ajudou a firmar a posição dos contos sobre o "robô positrônico" nas mentes dos leitores como uma série. "Liar!" apareceu finalmente em Eu, Robô (I, Robot).

A venda de dois contos sobre "robô positrônico", "Ração" ("Reason") e "Liar!", virtualmente pouco a pouco me estimulou a continuar no gênero. Quando eu sugeri ainda outro conto a Campbell em 3 de fevereiro de 1941, ele aprovou, mas disse que não queria que eu, no começo da carreira, me prendesse totalmente a uma fórmula rígida.

Ele sugeriu que eu primeiro escrevesse outros tipos de contos. Como era um bom menino, obedeci.

De fato, naquele mesmo dia decidi tentar novamente a ficção. Escrevi um pequeno conto (1.500 palavras) chamado "Masks", e somente os céus sabiam sobre o que versava, porque eu não. Apresentei-o a Campbell para Unknown em 10 de fevereiro e ele rejeitou-o. O conto se perdeu, não existe mais.

No fim daquele mês eu também escrevi um conto intitulado "O Trote" ("The Hazing"), destinado a Pohl. Apresentei-o a ele em 24 de fevereiro e ele rejeitou-o imediatamente.

Finalmente apresentei-o a Thrilling Wonder Stories. Eles pediram uma revisão, fui obrigado a fazê-la, e eles o aceitaram em 29 de julho de 1941.

* com relação ao conto "C homenzinho no metro" , o autor faz um trocadilho com as palavras "gob" (marinheiro) e "god" (deus), perdendo-se o sentido na tradução. (N.T.)

16

O TROTE

O Campus da Universidade de Arcturus, no segundo planeta de Arcturus, Eron, é, durante as férias do meio do ano, um lugar entediante e, além disso, quente, de modo que Myron Tubal, estudante do segundo ano, achou a vida enfadonha e desconfortável. Pela quinta vez naquele dia ele passou pela sala de estar dos estudantes não-graduados, numa tentativa desesperada de travar conhecimento com alguém, e finalmente sentiu-se gratificado ao notar Bell Se fan, um jovem de pele esverdeada do quinto planeta de Vega.

Sefan, como Tubal, tinha sido reprovado em bio-sociologia e estava estudando durante as férias para um exame de segunda época. Coisas como aquelas criavam fortes laços de amizade entre os segundanistas.

Tubal resmungou um cumprimento, deixou cair seu enorme corpo sem pêlos - ele era um nativo dos Sistema Arcturiano - na maior cadeira e disse: - Você já viu o novo calouro?

- Já! Chegou seis semanas antes do semestre do outono começar! Tubal bocejou. - Estes são um tipo especial de calouros. Eles são a primeira leva do Sistema Solariano - dez deles.

- Sistema Solariano? Você quer dizer aquele novo sistema que se uniu à Federação Galáctica três, quatro anos atrás?

- Aquele mesmo. Acho que sua capital mundial chama-se Terra.

- Bem, o que me diz deles?

- Não muita coisa. Eles estão aqui, isto é tudo. Alguns deles têm pêlos sobre o lábio superior e parecem muito bobos, também. Sob outros aspectos, eles se parecem como qualquer um de uma dúzia ou mais de raças de humanóides.

Nessa hora a porta se abriu repentinamente e o pequeno Wri Forase entrou correndo. Ele era do único planeta de Deneb, e a pequena e cinzenta penugem que cobria sua cabeça e face se eriçaram com agitação, enquanto seus grandes olhos purpúreos brilhavam excitadamente.

- Ei - ele falou rapidamente, sem fôlego - vocês viram o terráqueo?

Sefan suspirou. - Ninguém nunca vai mudar de assunto? Tubal estava acabando de me contar sobre eles.

- Estava? - Forase parecia desapontado. - Mas, mas ele lhe disse que estes são aquela raça anormal que protestou quando o Sistema Solariano entrou para a Federação?

- Eles me parecem normais - disse Tubal.

- Não estou falando do ponto de vista físico - disse o denebiano aborrecidamente. - É o aspecto mental do caso. Psicologia! Isto é o que interessa! - Forase ia ser um psicólogo algum dia.

- Oh, isto! Bem, o que há de errado com eles?

- Sua psicologia das massas como uma raça está totalmente errada balbuciou Forase. - Ao invés de se tornarem menos emotivos com números, como é o caso de todos os outros tipos de humanóides conhecidos, eles se tornam mais emotivos! Em grupos, estes terráqueos provocam tumultos, pânicos, enlouquecem. Quanto mais eles são, é pior. Pois então, ajudem-me, nós até mesmo inventamos uma nova notação matemática para resolver o problema. Vejam!

Num rápido movimento ele tinha nas mãos seu bloco de notas e estilete; mas a mão de Tubal os segurou antes que o estilete tivesse feito um risco. Tubal disse: - Pare! Eu tive uma idéia genial!

- Imagine! - murmurou Sefan.

Tubal ignorou-o. Ele sorriu novamente e esfregou sua mão pensativamente sobre sua careca.

- Ouçam - disse, com repentina vivacidade. Sua voz baixou para um tom de sussurro conspiratório.

Albert Williams, recentemente chegado da Terra, despertava de seu sono e sentiu um dedo espetando e explorando o espaço entre as suas primeira e segunda costelas.

Ele abriu os olhos, virou a cabeça e ficou olhando fixo, estupefato; depois, com a respiração ofegante, sentou-se rapidamente e procurou o interruptor da luz.

- Não se mova - disse a figura envolta em sombras ao lado de sua cama. Houve um "clic" surdo e o terráqueo viu-se no centro de um facho branco de um flash de bolso.

Ele piscou e disse: - Quem, com os diabos, é você?

- Você vai se levantar da cama - replicou a aparição impassivelmente. - Vista-se e venha comigo.

Williams sorriu mostrando os dentes selvagemente. - Tente me fazer isto.

Não houve resposta, mas o facho do flash moveu-se ligeiramente e caiu sobre a outra mão da sombra. Ela segurava um "chicote neurônico", aquela pequena e divertida arma que paralisa as cordas vocais e mexe com os nervos, num transe de agonia. Williams engoliu em seco e desceu da cama. Ele se vestiu em silêncio e então disse:

- Está bem, o que faço agora?

O "chicote" cintilante fez um gesto, e o terráqueo moveu-se em direção à porta.

- Vá andando em frente - disse o desconhecido.

Williams andou para fora do quarto, pelo corredor silencioso, e desceu oito degraus sem ousar olhar para trás. Do lado de fora, no Campus, ele parou e sentiu o metal na sua cintura.

- Você sabe onde é o Obel Hall?

Williams fez que sim com a cabeça e começou a andar. Ele passou pelo Obel Hall, virou à direita na Avenida da Universidade, e depois de ter andado meia milha, saiu da estrada e passou por entre as árvores. Uma espaçonave se avolumava na escuridão, com portinholas cuidadosamente acortinadas e com apenas uma fraca luz mostrando onde a câmara de compressão abria uma fenda.

- Entre! - Ele foi empurrado para cima de um lance de escada e para dentro de uma pequena sala. Ele piscou os olhos, olhou à sua volta e contou em voz alta.

-... sete, oito, nove e comigo, dez. Eles nos pegaram a todos, imagine.

- Não é imaginação - rosnou Eric Chamberlain de mau-humor. É uma certeza. - Ele estava esfregando sua mão. - Estou aqui há uma hora.

- O que houve com a mão? - perguntou Williams.

- Dei um jeito nela quando bati na mandíbula do rato que me trouxe aqui. Ele é tão forte como a carcaça da espaçonave.

Williams sentou-se com as pernas cruzadas no chão e apoiou sua cabeça contra a parede.

- Alguém tem alguma idéia sobre o que é isto tudo?

- Sequestro! - disse o pequeno Joey Sweeney. Seus dentes estavam batendo.

- Com os diabos, para quê? - bufou Chamberlain. - Se algum de nós é milionário, não sabia disto. Eu sei que não sou!

Williams disse: - Olhem, não vamos adotar uma resolução temerária. Sequestro ou qualquer coisa deste gênero está fora de cogitação. Esta gente não pode ser criminosa.

É lógico que uma civilização que desenvolveu a psicologia até seu mais alto grau, como esta Federação Galáctica, seria capaz de eliminar o crime sem precisar suar.

- Piratas - gemeu Lawrence Marsh. - Eu acho que não, mas é apenas uma sugestão.

- Malucos! - disse Williams. - A pirataria é um fenômeno de fronteiras. Esta região espacial foi civilizada há dezenas de milênios.

- Apesar disso, eles possuem armas - insistiu Joe - e eu não gosto disto. - Ele tinha deixado seus óculos em seu quarto e olhava ao redor com uma ansiedade míope.

- Isto não significa muito - respondeu Williams. - Agora, eu estava pensando. Aqui nós somos... dez calouros recentemente chegados à Universidade Arcturus. Na nossa primeira noite aqui fomos mandados sair misteriosamente de nossos quartos e para dentro de uma espaçonave estrangeira. Isto sugere alguma coisa a mim. O que acham?

Sidney Morton levantou sua cabeça de seus braços o bastante para dizer sonolentamente: - Eu pensei nisto também. Parece que estamos envolvidos num maldito trote. Gente, eu acho que os segundanistas locais estão apenas se divertindo.

- Exatamente - concordou Williams. - Alguém tem qualquer outra idéia? - Silêncio. - Está bem, então, não há nada a fazer senão esperar. Pessoalmente eu vou pôr meu sono em dia. Eles podem me acordar se precisarem de mim.

Naquele momento a nave balançou e ele perdeu o equilíbrio.

- Bem, estamos decolando - para onde quer que estejamos indo.

Momentos depois, Bell Sefan hesitou apenas um instante antes de entrar na sala de controles. Quando ele finalmente entrou, deparou com um Wri Forase bastante excitado.

- Como estão indo as coisas? - perguntou o denebiano.

- Pessimamente - respondeu Sefan irritado. - Se eles entrarem em pânico, então estou perdido. Eles vão dormir agora.

- Acordados! Todos eles? Mas o que eles estavam dizendo?

- Como posso saber? Eles não estavam falando galáctico, e eu não consigo entender nem uma palavra de sua linguagem infernal estrangeira.

Forase atirou as mãos para o ar, desgostoso.

Tubal finalmente falou. - Ouça, Forase, eu estou matando uma aula de bio-sociologia, a qual não podia perder. Você garantiu a psicologia desta proeza. Se ela resultar num fracasso, eu não vou gostar.

- Bem, pelo amor a Deneb - falou Forase bastante irritado - vocês dois são um belo par de medrosos! Vocês esperavam que eles começassem a gritar e a espernear? Arcturus ardente! Espere até que cheguemos ao Sistema Spicano, sim? Quando nós os

abandonarmos durante a noite... - Ele deu uma risada nervosa de repente. - Isto vai ser a peça mais extravagante desde que amarramos aqueles morcegos fedorentos ao órgão cromático no Concert Night.

Tubal sorriu de satisfação, mas Sefan recostou-se na cadeira e comentou pensativamente: - E se alguém, digo - Presidente Wynn - ouvir sobre isto?

O arcturiano nos controles encolheu os ombros. - É somente um trote. Eles serão fáceis de enganar.

- Não se faça de surdo, M. T. Isto não é coisa de criança. O Planeta Quatro, Spica - de fato, o Sistema Spicano inteiro - foi expulso para as naves galácticas e você sabe disso. Existe agora uma raça sub-humanóide nele. Eles têm que se desenvolver totalmente livres de interferência até que eles descubram sozinhos o movimento interestelar. Esta é a lei e eles são rigorosos quanto a isto. Espaço! Se eles descobrirem tudo, nós estaremos em maus lençóis.

Tubal virou-se em sua cadeira. - Como você espera que o Presidente Wynn, em Arcturus - maldita seja sua estúpida pele! - descubra sobre nós? Agora, prestem bem atenção, não estou dizendo que a história não se espalhará pelo campus, porque perderá metade da graça se não contarmos a ninguém. Mas como saberão os nomes? Ninguém nos delatará. Vocês sabem disto.

- Está bem - disse Sefan e encolheu os ombros. E então Tubal disse: - Pronto para o hiperespaço! Ele apertou as teclas e apareceu a estranha chave interna que assinalava a partida da nave do espaço normal.

Os dez terráqueos estavam cansados e demonstravam isto. Lawrence Marsh olhou de soslaio para seu relógio novamente. - Duas e meia - ele disse. - Já faz trinta e seis horas agora. Espero que eles acabem logo com isto.

- Isto não é um trote - gemeu Sweeney. - Está durando muito tempo.

Williams enfureceu-se. - Por que todos vocês parecem meio-mortos? Eles têm nos alimentado regularmente, não têm? Eles não nos amarraram, amarraram? Eu diria que é evidente que eles estão cuidando muito bem da gente.

- Ou - falou Sidney Morton na sua voz arrastada, descontente nos engordando para a matança. - Ele fez uma pausa e todos se enrijeceram. Não havia erro quanto à estranha chave interna que eles tinham percebido.

- Apanhe aquilo! - disse Eric Chamberlain com súbito arrebatamento. - Nós estamos voltando novamente ao espaço normal, e isto significa que estamos apenas a

uma ou duas horas do lugar para onde quer que estejamos indo. Temos de fazer alguma coisa!

- Apoiado! - bufou Williams. - Mas, o quê?

- Nós somos em dez, não somos? - gritou Chamberlain, inflando os peitos. - Bem, eu só vi um deles de longe. Da próxima vez que ele entrar, e logo estará na hora de outra refeição, nós o atacaremos.

Sweeney parecia doente. - E aquele chicote neurônico que ele sempre carrega com ele?

- Aquilo não nos matará. Em todo caso, ele pode nos pegar a todos antes que o imobilizemos.

- Eric - disse Williams rudemente - você é um idiota. Chamberlain ficou vermelho de raiva e fechou as mãos lentamente, ameaçando-o com os punhos. - Eu estou justamente com vontade de treinar uma pequena prática de persuasão. Chame-me disto novamente, sim?

- Sentem-se! - Williams não se deu ao trabalho de levantar os olhos.

- E não se esforcem muito em justificar meu epíteto. Todos nós estamos nervosos e excitados, mas isto não significa que devamos enlouquecer juntos. De qualquer modo, ainda não. Antes de mais nada, eliminando o chicote, atacar o nosso carcereiro poderá não dar certo. Nós vimos apenas um, mas ele é do Sistema Arcturiano, tem mais de dois metros de altura e deve pesar tranquilamente uns cento e cinqüenta quilos. Ele nos liquidará - todos os dez - com seus punhos. Pensei que você já tivesse tido um desentendimento com ele, Eric.

Fez-se um silêncio pesado.

Williams acrescentou: - E mesmo que pudéssemos nocauteá-lo e acabar com os outros que possam estar na nave, nós ainda não teremos a mínima idéia de onde estamos ou como retornar ou até mesmo como dirigir a nave. - Uma pausa. Depois: - Então?

- Malucos! - disse Chamberlain virando-se para o outro lado, lançando um olhar ameaçador em silêncio.

A porta abriu-se com um pontapé e o gigante arcturiano entrou. com uma das mãos ele esvaziou a sacola que trazia e com a outra mantinha seu chicote neurônico cuidadosamente apontado para eles.

- Última refeição - resmungou.

Houve uma disputa geral pelas latas de alumínio, ainda mornas do aquecimento recente. Morton lançou um olhar de nojo para aquilo.

- Ouça - ele gaguejou em galáctico - você pode nos fazer uma troca? Estou cansado deste goulash horrível de vocês. Esta é a quarta lata!

- E daí? É a sua última refeição - falou asperamente o arcturiano e saiu. Todos ficaram paralisados de medo.

- O que ele quis dizer com aquilo? - disse alguém contendo o fôlego.

- Eles vão nos matar! - Sweeney estava com os olhos esbugalhados, um pouco de pânico em sua voz.

A boca de Williams estava seca e ele sentiu um ódio irracional crescer contra o medo contagiante de Sweeney. Ele hesitou - o garoto só tinha dezessete anos – e disse: - Acabe com isto, sim? Vamos comer.

Duas horas mais tarde eles sentiram o choque que significava aterrissagem e fim da viagem. Naquele momento ninguém falou, mas Williams pôde sentir a onda de medo que oprimia cada vez mais, à medida que os minutos se passavam.

Spica desapareceu de repente no carmesim do horizonte e soprava um vento frio. Os dez terráqueos, agrupados miseravelmente sobre o topo da colina coberta de rochas, olhavam seus captores mal-humoradamente. Foi o enorme arcturiano, Myron Tubal, quem falou, enquanto o vegano de pele esverdeada, Bill Sefan e o denebiano baixinho cabeludo, Wri Forase, permaneciam placidamente em segundo plano.

- Vocês têm seu fogo - disse o arcturiano grosseiramente - e há muita madeira em volta para mantê-lo aceso. Isto manterá as feras afastadas. Nós lhes deixaremos um par de chicotes antes de irmos, e que servirão como proteção se algum dos aborígenes do planeta os incomodar. Vocês terão que usar de esperteza para arranjar comida, água e abrigo.

Ele foi embora. Chamberlain soltou um urro de repente e pulou atrás do arcturiano. Ele foi mandado de volta cambaleando, sem que o outro tivesse feito algum esforço com o braço.

A porta da nave se fechou atrás dos três homens extraterrenos. Quase que imediatamente a nave decolou e disparou na direção vertical.

Williams quebrou, finalmente, o silêncio petrificante. - Eles deixaram os chicotes. Eu ficarei com um e você pode ficar com o outro, Eric.

Um a um, os terráqueos sentaram-se de novo ao lado do fogo, apavorados. Williams forçou um sorriso. - Há bastante caça por aqui - a região é bem provida de árvores.

Ora vamos, nós somos dez e eles terão que voltar algum dia. Vamos mostrar a eles que nós terráqueos somos mais fortes do que eles pensam. O que acham, rapazes?

Ele estava falando a esmo agora. Morton disse com indiferença: Por que você não cala a boca? Você não está tornando as coisas mais fáceis.

Williams levantou-se. Ele sentiu um frio na boca do estômago. A noite começava a cair e o círculo da luz sobre o fogo resumia-se numa pequena área bruxuleante que terminava em sombras. Marsh sufocou um grito de repente e seus olhos se arregalaram.

- Há alg-alguma coisa vindo!

A sensação que se seguiu congelou-se em atitudes de atenção que prendiam a respiração.

- Você está louco - começou Williams roucamente - e parou de repente ao inconfundível e deslizante som que alcançou suas orelhas.

- Apanhe seu chicote! - gritou para Chamberlain.

Joe Sweeney começou a rir de repente - um riso forçado, estridente. E então, um grito agudo encheu o ar e as sombras caíram sobre eles.

Em outra parte também estavam acontecendo coisas.

A nave de Tubal andava a esmo afastando-se do quarto planeta de Spica, com Bill Sefan nos controles. Tubal estava confinado em seu próprio alojamento, terminando rapidamente com uma garrafa de licor denebiano em dois goles. Wri Forase observava tristemente a operação.

- Custa vinte créditos uma garrafa - ele disse - e só tenho alguns.

- Bem, não me deixe beber mais do que devo - disse Tubal generoso. - Passe-me garrafa por garrafa. Está tudo bem comigo.

- Um trago como este - resmungou o denebiano - e estarei bêbado até os exames de outono.

Tubal prestou-lhe pouca atenção. - Isto - ele começou - estará na história do Campus como o trote...

Nesse momento ouviu-se um som penetrante, como o zunido de uma bala, que as paredes intermediárias não conseguiram abafar, e então as luzes se apagaram. Wri Forase sentiu-se pressionado contra a parede. Ele lutava para respirar e gaguejava, arfando.

- P-Pelo Espaço, nós estamos à to-toda velocidade! O que há de er-errado com o compensador?

- Maldito compensador! - gritou Tubal, levantando-se. - O que há de errado com a nave?

Ele saiu tropeçando porta afora pelo corredor igualmente às escuras, com Forase arrastando-se atrás dele. Quando irromperam na sala de controles, encontraram Sefan rodeado pelas fracas luzes de emergência, sua pele esverdeada brilhando de suor.

- Meteoro - ele falou. - Ele prejudicou nossos distribuidores de potência. Está tudo acelerado. As luzes, unidades de calor e rádio estão desativados, enquanto que os ventiladores estão simplesmente pifando. - Ele acrescentou: - E a Seção Quatro está perfurada.

Tubal encarou-o fora de si. - Idiota! Por que você não controlou o indicador de massa?

- Eu controlei, seu pedaço de cimento gigante - gritou Sefan - mas ele nunca registrou! - Ele-nunca-registrou! Não era isto o que você esperava de um calhambeque de segunda mão, alugado por duzentos créditos? Ele passou pela tela como se fosse o espaço celeste vazio.

- Cale-se! - Tubal abriu com violência o armário e gemeu - São todos modelos arcturianos. Eu devia ter verificado antes. Você pode usar algum destes, Sefan?

- Talvez. - O vegano coçou uma orelha, duvidando.

Em cinco minutos, Tubal entrou pela porta se equilibrando e Sefan , tropeçando desastradamente, o seguia. Passou-se meia hora antes que retornassem. Tubal retirou seu capacete. - É o fim!

ri Forase sufocou um grito. - Você quer dizer - que está tudo acabado?

arcturiano fez que sim com a cabeça. - Nós podemos consertá-la, mas levará tempo. O rádio não tem mais conserto, de modo que não podemos conseguir ajuda.

Conseguir ajuda! - Forase parecia chocado. - Era só o que faltava. Como explicaríamos o fato de estarmos dentro do Sistema Spicano? Enviar mensagens pelo rádio é o mesmo que cometer suicídio. Se pudermos voltar sem precisar pedir ajuda, estaremos salvos. Perder algumas aulas não nos prejudicarão muito.

voz de Sefan irrompeu desanimadamente. - Mas e aqueles terráqueos apavorados no Spica Quatro?

boca de Forase se abriu, mas ele não disse uma palavra. Ela se fechou novamente, e, se alguma vez um humanóide parecesse estar doente, Forase era aquele humanóide.

quilo era apenas o começo.

Demorou um dia e meio para pôr em ordem as linhas de transportes de força do calhambeque espacial. Demorou mais dois dias para desacelerar para chegar ao ponto de partida de segurança. Demorou quatro dias para retornar ao Spica IV. Total - oito dias.

Quando a nave flutuou novamente sobre o lugar onde eles tinham abandonado os terráqueos, era meio-dia e o rosto de Tubal ao inspecionar a área através do televisor estava em profunda concentração. Bruscamente, ele quebrou um silêncio que tinha se tornado pesado.

Suponho que fizemos todos os erros estúpidos que seriam possíveis de se fazer. Nós os deixamos justamente perto de uma aldeia de nativos. Não há nem sinal dos terráqueos.

Sefan balançou sua cabeça desconsoladamente. - Isto é um mau negócio.

Tubal enterrou sua cabeça em seus compridos braços, até os cotovelos. - Isto é o fim. Se não morreram de medo, os nativos devem tê-los apanhado. A violação dos sistemas solares proibidos é bastante ruim - mas agora é puro assassinato, imagino.

- O que temos a fazer - disse Sefan - é descer lá e descobrir se ainda há alguém vivo. Temos obrigação de fazer isso por eles. Depois daquilo... - Ele engoliu em seco. Forase concluiu num sussurro: - Depois daquilo, seremos expulsos de Universidade, psico-revisão e trabalhos manuais pelo resto da vida....

- Esqueça! - vociferou Tubal. - Nós enfrentaremos isto quando chegar a hora.

Lentamente, muito lentamente, a nave girava em círculos para baixo, e pousou numa clareira rochosa onde, oito dias atrás, dez terráqueos tinham sido abandonados.

- Como vamos lidar com estes nativos? - virou-se Tubal para Forase com as sobrancelhas enrugadas levantadas (não havia cabelos nelas, é claro).

- Ora vamos, filho, utilize alguma psicologia sub-humanóide. Nós somos somente três e não quero nenhum problema.

Forase encolheu os ombros e seu rosto peludo se franziu, perplexo.

- Eu estava justamente pensando sobre isto, Tubal. Eu não sei usar nenhuma psicologia.

- O quê! - explodiram Sefan e Tubal gritando ao mesmo tempo.

- Ninguém sabe - acrescentou o denebiano apressadamente. - É um fato. Afinal, nós não deixamos que os sub-humanóides entrassem para a Federação até que fossem totalmente civilizados e nós os colocamos de quarentena desde então. Você acha que temos muitas oportunidades de estudarmos sua psicologia?

O arcturiano sentou-se pesadamente. - Isto está se tornando cada vez melhor. Por favor, cara-peluda, pense. Sugira alguma coisa!

Forase coçou sua cabeça. - Bem-uh-o melhor que temos a fazer é tratá-los como humanóides normais. Se nos aproximarmos lentamente, afastarmos as palmeiras, não fizermos nenhum movimento brusco e mantivermos a calma, deveremos ser bem sucedidos. Agora, lembre-se, estou dizendo "deveremos". Não posso ter certeza disto.

- Vamos embora, e dane-se a certeza - insistiu Sefan impacientemente. - De qualquer modo, isto não importa muito. Se eu morrer aqui, não terei de voltar para casa.

- Seu rosto tinha um ar de quem estava sendo perseguido. - Quando eu penso no que a minha família vai dizer...

Eles saíram da nave e aspiraram a atmosfera do quarto planeta de Spica. O sol estava no meridiano e reluzia lá em cima como uma enorme bola de basquete laranja.

Lá fora nos bosques, um pássaro piou uma vez, parecendo ser um corvo. Fez-se um silêncio absoluto.

- Humph! - disse Tubal com as mãos nos quadris. - É o suficiente para fazer a gente ficar com sono. Nenhum sinal de vida de forma alguma. Bem, qual é o caminho para a aldeia?

Houve uma discussão sobre três caminhos a seguir, mas não durou muito. Primeiro, o arcturiano, os outros dois o seguindo de perto, eles desceram a passos largos a encosta em direção à extensa floresta. Quando já tinham andado uns três quilômetros dentro da floresta, as árvores pareciam vivas, pois uma onda de nativos caiu silenciosamente dos seus galhos. Wri Forase caiu no primeiro momento da avalanche. Bill Sefan tropeçou, resistiu por um momento, depois bateu em retirada com um gemido. Somente o enorme Myron Tubal ficou em pé. com as pernas escarranchadas e gritando feito um louco, ele batia às cegas, a torto e a direito. Os nativos atacantes batiam-lhe e pulavam em cima dele como gotas de água de um volante em rotação. Baseando sua defesa no princípio do moinho de vento, ele encostou-se numa árvore.

Aí ele cometeu um erro. No galho mais baixo daquela árvore estava um nativo agachado, mais precavido e mais inteligente que seus companheiros. Tubal já tinha observado que os nativos estavam equipados com rabos musculosos e fortes e tinha

anotado mentalmente o fato. De todas as raças na Galáxia, apenas uma outra, Homo Gamma Cepheus, possuía rabos. Entretanto, o que ele não percebeu, era que estes rabos eram como tentáculos.

Isto ele descobriu quase que imediatamente, porque o nativo no galho acima de sua cabeça enrolou seu rabo para baixo e passou-o como um relâmpago em volta do pescoço de Tubal e apertou-o. O arcturiano agitou-se loucamente em agonia, e o atacante com o rabo estava se sacudindo em sua árvore.

Suspenso com a cabeça para baixo e girando num ritmo intenso, o nativo, entretanto, mantinha sua presa é apertava firmemente aquele rabo-garra. O mundo escurecia.

Tubal estava inconsciente antes de cair ao chão.

Tubal voltou a si lentamente, com uma sensação desagradável de dor aguda devido à rigidez do seu pescoço. Ele tentou em vão friccionar aquela rigidez e levou alguns segundos para perceber que estava firmemente amarrado. O fato assustou-o, pondo-o de sobreaviso. Ele ficou ciente, primeiro, de que estava deitado sobre seu estômago; segundo, do horrível barulho em volta dele; terceiro, de Sefan e Forase amarrados perto dele e, por último, que ele não podia se soltar.

- Ei, Sefan, Forase! Vocês estão me ouvindo?

Foi Sefan quem respondeu alegremente. - Seu velho bode draconiano! Nós pensamos que você tivesse morrido.

- Eu não morro tão fácil - gemeu o arcturiano. - Onde nós estamos?

Houve uma pequena pausa. - Na aldeia dos nativos, suponho – disse Wri Forase lentamente. - Você já ouviu alguma vez um barulho como este? O tambor não parou um minuto desde que eles nos jogaram aqui.

- Vocês viram alguma coisa de...

De repente Tubal foi agarrado e rodopiou. Ele estava sentado agora e seu pescoço doía mais do que antes. Choupanas cobertas de colmo e feitas de toras verdes, caindo aos pedaços, brilhavam no primeiro sol da tarde. Num círculo ao redor deles, observando em silêncio, estavam nativos de longos rabos e pele escura. Devia haver centenas, todos usando cocares de penas e carregando lanças curtas providas de farpas.

Seus olhos estavam sobre a fila de figuras agachadas misteriosamente em primeiro plano, e sobre estes Tubal lançou seu olhar zangado. Era evidente que eles eram os líderes da tribo. Vestidos com vistosos mantos franjados de peles mau-curtidas, eles pareciam ser ainda mais bárbaros pelo fato de estarem usando compridas máscaras

de madeira pintadas com caricaturas da face humana. com passos medidos, a horrível figura mascarada se aproximou dos humanóides.

- Alo - disse, e levantou a máscara, tirando-a. - De volta tão cedo?

Por um longo tempo Tubal e Sefan não disseram absolutamente nada, enquanto que Wri Forase teve um prolongado acesso de tosse. Finalmente, Tubal respirou fundo. - Você é um dos terráqueos, não é?

- Isso mesmo. Sou Al Williams. Pode me chamar de Al.

- Eles não o mataram ainda?

Williams sorriu alegremente. - Eles não mataram nenhum de nós. Muito pelo contrário. Cavalheiros - ele curvou-se exageradamente - apresento-lhes os novos deuses-er-tribais.

- Os novos o quê? - falou Forase, arfando. Ele ainda estava tossindo.

- Er-deuses. Sinto muito, mas não conheço a palavra galáctica para um deus.

- O que vocês "deuses" representam?

- Nós somos uma espécie de entidades sobrenaturais - objetos para serem adorados. Vocês não os têm?

Os humanóides fitavam-nos, com ar infeliz.

- Sim, na verdade - Williams sorriu - nós somos pessoas de grande poder.

- Sobre o que vocês estão falando? - exclamou Tubal com indignação. - Por que eles deveriam pensar que vocês têm grandes poderes? Vocês terráqueos são, fisicamente, abaixo da média - bem abaixo!

- É a psicologia da coisa - explicou Williams. - Se eles nos viram aterrissar num grande e cintilante veículo que viaja misteriosamente pelo ar e que decola feito um foguete, eles acreditam que nós somos sobrenaturais. Isto é psicologia bárbara elementar.

Os olhos de Forase pareciam estar ao ponto de saltarem à medida que Williams continuava.

- A propósito, o que os deteve? Imaginamos que tudo isto foi algum tipo de trote, e foi, não foi?

- Ouça - interrompeu Sefan. - Eu acho que você está nos contando um monte de lorotas. Se eles pensaram que vocês eram deuses, por que não pensaram o mesmo de nós?

Nós tínhamos a nave também, e...

- Aí - disse Williams - foi onde nós começamos a interferir. Nós explicamos - através de desenhos e mímica - que vocês eram diabos. Quando vocês finalmente voltaram - e nós estávamos felizes em ver que a nave estava voltando - eles sabiam o que fazer.

- O que - perguntou Forase, demonstrando grande temor em sua voz - são diabos!

Williams suspirou. - Vocês da Galáxia não conhecem nada? - Tubal moveu seu pescoço dolorido lentamente. - Que tal nos deixar em paz agora? - ele gritou. - Eu dei um jeito no meu pescoço.

- Por que essa pressa? Afinal de contas, vocês foram trazidos aqui para serem sacrificados em nossa honra.

- Sacrificados!

- Isso mesmo. Vocês vão ser esculpidos com facas.

Fez-se um silêncio mortal. - Não queira nos meter medo! - Tubal conseguiu finalmente falar. - Não somos terráqueos que ficam apavorados ou amedrontados, você sabe.

- Oh, nós sabemos disso. Eu não o enganaria por nada neste mundo. Mas uma simples e selvagem psicologia sempre vale um pequeno sacrifício humano, e...

Sefan contorceu-se nas suas cordas e tentou se atirar contra Forase num ímpeto de raiva. - Pensei que você tinha dito que ninguém conhecia nenhuma psicologia sub-humanóide!

Tentando apresentar desculpas para sua ignorância, não é, seu aleijado, peludo e de olhos esbugalhados, filho de um lagarto vegano mestiço! Em que boa confusão nós estamos agora!

Forase recuou. - Agora espere! Apenas...

Williams percebeu que a piada tinha ido longe demais. - Acalme-se - ele falou tranquilizando-o. - Seu inteligente trote explodiu direto na cara de vocês – explodiu lindamente - mas não vamos prolongá-lo. Acho que já nos divertimos bastante com vocês. Sweeney está agora com o chefe dos nativos, explicando que estamos partindo e levando vocês três conosco. Esperem um momento, Sweeney está me chamando.

Quando Williams retornou dois segundos mais tarde, sua expressão estava estranha, tendo se esverdeado um pouco. De fato, ele ficou cada vez mais verde com o passar do tempo.

- Parece - ele engoliu em seco - que nosso contra-trote explodiu em nossas caras. O chefe dos nativos insiste no sacrifício!

Fez-se um longo silêncio, enquanto os três humanóides pensavam sobre a situação. Por momentos nenhum deles pôde dizer uma palavra.

- Eu disse a Sweeney - acrescentou Williams taciturnamente - para voltar e dizer ao chefe que se não fizesse como tínhamos dito, algo terrível irá acontecer à sua tribo. Mas é puro blefe e ele talvez não acredite. Uh... sinto muito, rapazes. Acho que fomos longe demais. Se as coisas ficarem realmente ruins, nós os soltaremos e nos uniremos na luta.

- Solte-nos agora - falou Tubal com raiva, seu sangue gelando. Vamos acabar com isto!

- Espere! - gritou Forase freneticamente. - Deixe o terráqueo tentar um pouco de sua psicologia. Continue, terráqueo. Concentre-se!

Williams ficou pensando, até que seu cérebro começou a latejar.

- Sabem - ele disse debilmente - nós perdemos um pouco de nosso - prestígio divino desde que fomos incapazes de curar a mulher do chefe. Ela morreu ontem. - Ele balançou abstratamente a cabeça para si mesmo. - O que nós precisamos é de um milagre que impressione. Er-vocês não têm algum em seus bolsos?

Ele se ajoelhou ao lado deles e começou a procurar. Wri Forase tinha um estilete, um bloco de notas, um pente de dentes finos, um pouco de pó contra coceira, um maço de créditos e algumas bugigangas. Sefan tinha uma coleção indescritível de material similar. Foi do bolso de Tubal que Williams retirou um pequeno objeto preto parecido com uma pistola, com um enorme cabo e um pequeno cano. - O que é isto?

Tubal mostrou-se carrancudo. - É sobre isto que tenho estado sentado todo este tempo? É uma pistola para soldar que usei para consertar um furo feito por um meteoro na nossa nave. Ela não presta; quase não tem potência.

Os olhos de Williams brilharam. Seu corpo inteiro se eletrizou de excitação. - Isto é o que você pensa! Vocês da Galáxia nunca conseguiram enxergar além de seus narizes. Por que vocês não descem à Terra por uns tempos - e aprendem alguma coisa?

Williams estava correndo agora em direção aos seus companheiros conspiradores. - Sweeney! - gritou. - Diga àquele maldito chefe com rabo de macaco que num segundo vou ficar furioso e derrubar o céu sobre a cabeça dele. Ameace-o!

Mas o chefe não esperou pela mensagem. Ele fez um gesto de desafio e os nativos saíram todos numa correria. Tubal gritou e seus músculos estalaram contra as cordas. A pistola de soldar na mão de Williams encheuse de vida, sua fraca potência lançando raios.

A choupana dos nativos mais próxima queimou em súbitas chamas.

Seguiu-se outra - e outra - e a quarta - e então a pistola de soldar parou de repente. Mas aquilo foi suficiente. Nem um nativo permaneceu em pé.

Todos eles estavam rastejando, gemendo e gritando por perdão. O chefe gemia e gritava mais alto que todos.

- Diga ao chefe - disse Williams a Sweeney - que isto foi só uma pequena e insignificante amostra do que estamos pensando em fazer com ele!

Aos humanóides, ao cortar a corda que os amarrava, acrescentou complacentemente: - Apenas um pouco de psicologia simples e selvagem. Somente depois de estarem de volta à nave e no espaço novamente, foi que Forase perdeu seu orgulho. - Mas eu pensei que os terráqueos nunca tivessem desenvolvido a psicologia matemática! Como vocês sabiam de todas aquelas coisas sub-humanóides? Ninguém na Galáxia chegou a tanto!

- Bem - sorriu Williams - nós temos um certo conhecimento da maneira prática de proceder com as atividades da mente bárbara. Vejam vocês - nós viemos de um mundo onde a maioria das pessoas, de certo modo, ainda não é civilizada. Por isso, nós temos de saber!

Forase concordou com a cabeça, lentamente. - Seus terráqueos malucos! Pelo menos, este pequeno episódio nos ensinou uma coisa.

- O que é?

- Nunca - disse Forase, utilizando-se uma segunda vez da gíria terrestre - ameace um bando de malucos. Eles podem ser mais malucos do que você pensa!

***

Lendo meus contos enquanto estava preparando meu livro, achei ser "The Hazing" o único conto publicado, cujo título sozinho não me dizia nada. Mesmo depois de o ter relido. Se eu tivesse dado o conto sem meu nome assinado nele e se me pedissem para lê-lo e adivinhar o nome do autor, provavelmente teria me confundido. Talvez isto signifique alguma coisa.

Parece-me, entretanto, que o conto se opõe à experiência do "Homo Sol".

Eu tive melhor sorte com Fred Pohl com outro conto, "Supernêutron", que escrevi no fim do mesmo mês de fevereiro, quando escrevi também "Masks" e "The Hazing". Eu o apresenteia ele em 3 de março de 1941, e ele o aceitou em 5 de março.

Naquele tempo, menos de três anos depois da minha primeira proposta, eu estava ficando um tanto impaciente com as recusas. De qualquer maneira, a notícia da aceitação do "Supernêutron" foi registrada no meu diário com um "Há algum tempo que não faço uma venda - cinco semanas e meia desde a última".

17

SUPERNÊUTRON

Foi na décima sétima reunião da Honorável Sociedade de Ananias que sentimos o maior medo de nossas vidas coletivas e, consequentemente, elegemos Gilbert Hayes para o cargo de Presidente Perpétuo.

A sociedade não é grande. Antes da eleição de Hayes nós éramos apenas quatro: John Sebastian, Simon Murfree, Morris Levin e eu. No primeiro domingo de cada mês nos encontrávamos para o almoço, e nestas ocasiões mensais justificava-se o título de nossa Sociedade, apostando-se a conta do jantar na nossa habilidade em mentir.

Era um processo bem complicado, com regras parlamentares rigorosas. A cada reunião um membro contava uma estória, e duas condições tinham de ser obedecidas. Sua estória tinha de ser uma mentira incrível, complicada e fantástica; e tinha de parecer verdadeira. Permitia-se aos membros - e eles o faziam - atacar alguns e todos os pontos da estória, fazendo perguntas ou pedindo explicações.

Triste do narrador que não respondesse todas as perguntas imediatamente, ou quem, respondendo, contradizia-se. A conta do jantar era sua! A perda financeira era pequena, mas a humilhação era grande. E então houve aquela décima sétima reunião - e Gilbert Hayes. Hayes era um dos muitos não-sócios que compareciam ocasionalmente para ouvir a mentira de depois do jantar, pagando sua própria despesa, e, é claro, sendo proibido de participar; mas nesta ocasião ele era o único presente com exceção dos sócios.

O jantar tinha terminado, eu tinha sido eleito presidente (era minha vez de presidir), e as atas tinham sido lidas quando Hayes inclinou-se para frente e disse calmamente:

- Eu gostaria de ter uma chance hoje, cavalheiros.

Eu franzi as sobrancelhas. - Aos olhos da Sociedade o sr. não existe, sr. Hayes. É impossível a sua participação.

- Então deixe-me fazer uma declaração - ele respondeu. - O Sistema Solar vai acabar exatamente às duas horas e dezessete minutos e meio desta tarde.

Houve um tumulto dos diabos e eu olhei para o relógio elétrico em cima do televisor. Era 1:14 minutos da tarde. Eu disse com hesitação: - Se o sr. tem alguma coisa para substanciar esta extraordinária declaração, seria mais interessante. Hoje é a vez do sr. Levin, mas se ele quiser cedê-la, e se o resto da Sociedade concordar...

Levin sorriu e assentiu, e os outros concordaram.

Eu bati o martelo. - O sr. Hayes tem a palavra.

Hayes acendeu seu charuto e olhou para ele pensativamente. - Eu tenho pouco mais de uma hora, cavalheiros, mas começarei do princípio cerca de quinze anos atrás.

Naquela época, embora tivesse me demitido, eu era um astrofísico no Observatório Yerkes -jovem, mas promissor. Eu estava na pista da solução de um dos eternos quebra-cabeças
da astrofísica, a fonte dos raios cósmicos - e cheio de ambição.

Ele fez uma pausa e continuou num tom de voz diferente: - Sabem, é estranho que com todo o nosso progresso científico nos últimos dois séculos, nós nunca tenhamos descoberto nem aquela fonte misteriosa, nem também a misteriosa ração da explosão de uma estrela. Eles são os dois eternos quebra-cabeças e sabemos tão pouco sobre eles hoje como sabíamos nos dias de Einstein, Eddington e Millikan.

- Contudo, como disse, eu pensei que estivesse na pista do raio cósmico, de modo que pretendia confirmar minhas idéias pela observação, e para isso, tive que sair no espaço. Foi no ano 2129, vejam vocês, logo após a última guerra, e o Observatório estava destruído - pois não estávamos todos?

- Eu fiz o melhor que pude. Aluguei um velho modelo 07, empilhei dentro dele minha aparelhagem e saí por aí sozinho. E mais, eu tive de sair sorrateiramente do porto sem a certidão de despacho, não desejando passar pela burocracia que o exército de ocupação me teria feito passar. Era ilegal, mas eu queria meus dados - de modo que me dirigi num ângulo reto para o elíptico, na direção do Pólo Sul Celestial, aproximadamente, e deixei o Sol um bilhão de milhas atrás de mim.

- A viagem que fiz e os dados que consegui não são importantes. Eu nunca relatei nem um, nem outro. A estória se baseia no planeta que descobri.

Nesse momento, Murfree levantou aquelas sobrancelhas cerradas e disse: - Eu gostaria de prevenir o cavalheiro, sr. Presidente. Nenhum sócio conseguiu se livrar com um planeta falso.

Hayes sorriu carrancudo. - Eu me arriscarei. Continuando, foi no décimo oitavo dia da minha viagem que eu detectei o planeta, um pequeno disco laranja do tamanho de uma

ervilha. Naturalmente, um planeta naquela região do espaço é algo de sensacional. Eu me dirigi para ele, e imediatamente descobri que não tinha nem mesmo arranhado a superfície daquele estranho planeta. Viver lá de modo algum era fenomenal - mas além disso, ele não possuía absolutamente nenhum campo gravitacional.

O copo de vinho de Levin espatifou-se no chão. - Sr. Presidente ele falou ofegante - eu exijo a imediata desqualificação do cavalheiro. Nenhuma massa pode existir sem alterar o espaço à sua volta, criando assim um campo gravitacccional.Ele fez uma declaração impossível e deve, portanto, ser desclassificado. - Seu rosto estava vermelho de raiva.

Mas Hayes levantou sua mão. - Eu peço tempo, sr. Presidente. A explicação será dada no seu devido tempo. Dá-la agora só complicaria as coisas. Por favor, posso continuar?

Eu considerei: - Em vista da natureza de sua estória, estou disposto a ser leniente. O deferimento é concedido, mas por favor, lembre-se de que no final será exigida uma explicação. O senhor perderá se não a der.

- Está certo - disse Hayes. - Por enquanto, os senhores terão de aceitar a minha declaração de que o planeta absolutamente não tinha gravidade. Isto é definitivo, porque eu tinha equipamento astronômico completo na minha nave, e embora meus instrumentos fossem muito sensíveis, eles registravam um zero absoluto.

- Ele também se movia ao contrário, porque o planeta não estava afetado pela gravidade de outras massas. Novamente, saliento o fato de que ele não estava afetado de modo algum. Isto eu não fui capaz de determinar no momento, mas a observação subseqüente por um período de anos, mostrou que o planeta estava se deslocando numa órbita de linha reta e numa velocidade constante. Como ele estava bem dentro da influência do sol, o fato de que sua órbita não era nem elíptica, nem hiperbólica, e que, embora se aproximando do sol, ele não estava aumentando a velocidade, mostrou definitivamente que ele era independente da gravidade solar.

- Espere um momento, Hayes. - Sebastian franziu o cenho até que seu pré-molar de ouro cintilasse. - O que mantinha este maravilhoso planeta unido? Sem gravidade, por que ele não se quebrou em pedaços e se espalhou?

- Simplesmente por inércia! - foi a resposta imediata. - Não havia nada para separá-lo. Uma colisão com outro corpo de comparável tamanho poderia ter feito isto - deixando fora de cogitação a possibilidade da existência de alguma outra força de ligação peculiar ao planeta.

Ele suspirou e continuou: - Isto não acaba com as propriedades de corpo. Sua cor vermelho-laranja e seu baixo poder refletivo, ou albedo,levou-me a outra pista, e eu fiz a espantosa descoberta de que o planeta era inteiramente transparente a todo o espectro electromagneto das ondas de rádio aos raios cósmicos. Era somente na região da parte vermelha e amarela da oitava luz visível que ele era razoavelmente opaco. Daí sua cor.

- Por que aconteceu isto? - perguntou Murfree.

Hayes olhou para mim. - Esta é uma pergunta irracional, sr. Presidente. Eu afirmo que poderiam me pedir para explicar por que o vidro é totalmente transparente a qualquer coisa acima ou abaixo da região ultravioleta, de modo que o calor, a luz e os raios-X possam atravessá-lo, enquanto ele permanece opaco à própria luz ultravioleta.

Este tipo de coisa é uma propriedade própria da substância e deve ser aceita como tal sem explanações.

Eu bati forte com o meu martelo. - Pergunta declarada imprópria!

- Eu protesto - declarou Murfree. - Hayes cometeu um erro. Nada é perfeitamente transparente. O vidro de espessura suficiente interceptará até mesmo os raios cósmicos.

Você quer dizer que a luz azul atravessaria um planeta inteiro, ou o aqueceria, por exemplo?

- Por que não? - replicou Hayes. - O fato daquela transparência perfeita não existir na sua experiência não significa que ela não exista completamente. Não há, certamente, leis neste sentido. Este planeta era perfeitamente transparente, exceto uma pequena região do espectro. Este é um fato definido de observação.

Meu martelo bateu novamente. - Explicação declarada suficiente. Continue, Hayes.

Seu charuto tinha se apagado e ele fez uma pausa para acendê-lo novamente. Depois: - Em outros aspectos, o planeta era normal. Ele não era bem do tamanho de Saturno - talvez metade do diâmetro entre ele e Netuno. Experiências subsequentes mostraram que ele possui massa, embora seja difícil de descobrir quanta - com certeza, mais do que o dobro da da Terra. com massa, ele possuía as propriedades usuais de inércia e momentum - mas não gravidade.

Era 1:35, agora.

Hayes seguiu meus olhos e disse: - Sim, faltam somente quarenta e cinco minutos. Eu me apressarei!... Naturalmente, este excêntrico planeta levou-me a pensar; e isto, mais o fato de que eu já tinha desenvolvido certas teorias com relação aos raios cósmicos e às novas, levaram-me a uma interessante conclusão.

Ele respirou fundo. - Imaginem - se puderem - nosso cosmos como uma nuvem de - bem, superátomos, que...

- Desculpe-me - exclamou Sebastian, levantando-se - você está pretendendo basear alguns pontos de sua explicação fazendo analogias entre estrelas e átomos, ou entre sistemas solares e órbitas eletrônicas?

- Por que você pergunta? - inquiriu Hayes calmamente.

- Porque se você está fazendo isto, eu exijo a desclassificação imediata. A crença de que os átomos são sistemas solares em miniatura, está classificado com o sistema ptolemaico do universo. A idéia nunca foi aceita por cientistas de responsabilidade, mesmo no princípio do desenvolvimento da teoria atômica.

Eu concordei. - O cavalheiro está correto. Tal analogia não será permitida como parte da explicação.

- Eu protesto - disse Hayes. - Em seu curso escolar, em física ou química elementar, vocês se lembrarão de que, no estudo das propriedades dos gases, frequentemente simulava-se, a título de ilustração, que as moléculas do gás eram minúsculas bolas de bilhar. Isto significa que as moléculas do gás são bolas de bilhar?

- Não - admitiu Sebastian.

- Isto apenas significa - continuou Hayes - que as moléculas de gás agem similarmente a bolas de bilhar em alguns aspectos. Por isso, os movimentos de um são melhor visualizados pelo estudo dos movimentos de outro. Bem, estou apenas tentando salientar um fenômeno no nosso universo de estrelas, e para uma melhor facilidade de visualização, eu o comparo a um similar, e melhor dizendo, fenômeno no mundo dos átomos. Isto não significa que as estrelas são átomos ampliados.

Ele me convenceu. - A questão foi bem abordada - eu disse. - O sr. pode continuar com sua explicação, mas se o presidente julgar que a analogia é falsa, o sr. será desclassificado.

- Está bem - concordou Hayes - mas nós passaremos a outra questão por um momento. Alguém de vocês se lembra das primeiras usinas atômicas de cento e setenta anos atrás e como funcionavam?

- Eu acho - murmurou Levin - que elas utilizavam o método clássico de fissão do urânio para obtenção de força. Elas bombardeavam urânio com nêutrons baixos, e dividiam-no em masúrio, bário, raios gama e mais nêutrons, estabelecendo assim um processo cíclico.

- Certo! Bem, imaginem que o universo estelar atuasse às vezes notem bem, isto é uma metáfora e não deve ser considerada literalmente como um corpo composto de átomos de urânio, e imaginem este universo estelar sendo bombardeado de fora por objetos que podem atuar algumas vezes como os nêutrons na escala atômica. Tal Supernêutron, atingindo o sol, pode causar a explosão deste em radiação e mais Supernêutron. Em outras palavras, teríamos uma nova. - Ele olhou em volta esperando uma discordância.

- Que justificativa o sr. tem para esta idéia? - perguntou Levin.

- Duas: uma lógica e outra por observação. Primeiro a lógica. As estrelas estão essencialmente em equilíbrio matéria-energia; sem alteração observada, ou espectral ou sob outros aspectos, elas ocasionalmente explodem. Uma explosão indica instabilidade, mas onde? Não dentro da estrela, porque ela tem estado em equilíbrio por milhões de anos. Não de um ponto dentro do universo, porque as novas ocorrem em concentração constante em todo o universo. Portanto, por eliminação, somente de um ponto fora do universo. Segundo, pela observação. Eu encontrei um destes Supernêutron!

Murfree disse com indignação: - Suponho que seja aquele planeta sem gravitação que o sr. encontrou?

- Isso mesmo.

- Então o que o faz pensar que ele é um Supernêutron? O sr. não pode usar sua teoria como prova, porque o sr. está usando o próprio Supernêutron para sustentar a teoria. Nós não temos permissão de fazer debates aqui.

- Eu sei disso - declarou Hayes, secamente. - Eu recorrerei novamente à lógica. O mundo dos átomos possui uma força coesiva na carga eletromagnética sobre elétrons e prótons. O mundo das estrelas possui uma força coesiva na gravidade. As duas forças somente são semelhantes sob aspectos gerais. Por exemplo, existem duas espécies de cargas elétricas, positiva e negativa, mas somente uma de gravidade - e inumeráveis diferenças menores. Ainda assim, uma analogia tão remota me parece permissível.

Um nêutron numa escala atômica é uma massa sem força coesiva atômica - carga elétrica. Um Supernêutron numa escala estelar tem de ser uma massa sem a força coesiva-gravidade.

Portanto, se eu encontro um corpo sem gravidade, parece razoável admitir que ele seja um Supernêutron.

- O senhor considera isto uma prova científica exata? - perguntou Sebastian sarcasticamente.

- Não - admitiu Hayes - mas ela é lógica, não diverge de nenhum fato científico que conheço e contribui para estabelecer uma explicação consciente das novas. Isto deveria ser suficiente para o nosso propósito no momento.

Murfree estava olhando atentamente para suas unhas. - E para onde esse seu supernêutron está se dirigindo?

- Eu sabia que o sr. ia perguntar isto - disse Haves sombriamente. Foi o que eu me perguntei. Às 2:09'4" de hoje,ele atingirá o quartel do sol, e oito minutos mais tarde, a radiação resultante da explosão destruirá a Terra.

- Por que você não relatou tudo isto? - gritou Sebastian.

- O que adiantaria? Não havia nada a ser feito sobre isto. Nós não podemos lidar com massas astronômicas. Toda a força disponível na Terra não teria sido suficiente para desviar o enorme corpo de sua trajetória. Não existe escapatória dentro do próprio Sistema Solar, porque Netuno e Plutão e os outros planetas se tornarão gasosos, e a viagem interestelar ainda não é possível. Como o homem não pode existir independentemente no espaço, ele está condenado. Por que contar tudo isto? ê que resultaria depois que eu os tivesse convencido de que a sentença de morte estava assinada? Suicídios, ondas de crimes, orgias, messias, evangelistas e tudo de ruim e fútil que vocês poderiam imaginar. E, afinal, é tão ruim a morte causada pela nova? Ela é instantânea e simples. Às 2:17 vocês estão aqui. Às 2:18 vocês são uma massa de gás atenuado. É tão rápido e fácil uma morte, que quase não é morte.

Fez-se um longo silêncio depois disto. Eu me senti desconfortável. Existem mentiras e mentiras, mas esta parecia como se fosse verdadeira. Hayes não tinha aquele pequeno trejeito no lábio ou aquele pequeno brilho no olhar que denotava o triunfo de ter alcançado um grande sucesso. Ele estava extremamente sério. Eu podia ver que os outros sentiam o mesmo. Levin estava sorvendo seu vinho, com mão trêmula.

Finalmente, Sebastian tossiu ruidosamente e perguntou: - Há quanto tempo você descobriu este supernêutron e onde?

- Quinze anos atrás, um bilhão de milhas ou mais distante do sol.

- E todo esse tempo ele vem se aproximando do sol?

- Sim, a uma velocidade constante de duas milhas por segundo.

- Ótimo, eu o peguei! - Sebastian quase riu de seu recurso. - Por que os astrônomos não o localizaram durante todo este tempo?

- Meu Deus! - respondeu Hayes impacientemente. - É evidente que você não é um astrônomo. Agora que louco procuraria um planeta no Pólo Sul Celestial, quando eles são encontrados somente na eclíptica?

- Mas - salientou Sebastian - apesar disso, a região foi estudada. Foi fotografada!

- Certamente! Pelo que me consta, o supernêutron foi fotografado uma centena de vezes - um milhão de vezes, se preferir - embora o Pólo Sul seja a região do céu menos observada. Mas o que o diferencia de uma estrela? com seu baixo albedo, ele nunca passou de undécima grandeza em luminosidade. Afinal, é bastante difícil, de qualquer forma, detectar quaisquer planetas. Urano foi localizado diversas vezes antes de Herschel perceber que ele era um planeta. Plutão levou anos para ser encontrado, mesmo quando eles estavam procurando por ele. Lembre-se também que, sem gravidade, ele não provoca perturbações planetárias e que a ausência desta elimina a mais óbvia indicação de sua presença.

- Mas - insistiu Sebastian desesperadamente - assim que ele se aproximasse do sol, seu tamanho aparente aumentaria e começaria a mostrar um disco perceptível através do telescópio. Mesmo se sua luz refletida fosse muito fraca, certamente obscureceria as estrelas atrás dele.

- Certo - admitiu Hayes. Não direi que um levantamento realmente minucioso da Região Polar não o teria descoberto, mas tal levantamento foi feito há muito tempo e as pesquisas superficiais atuais pelas novas, tipos especiais de spectre, etc., não são de modo algum completas. Então, quando o supernêutron se aproxima do sol, ele começa a aparecer somente na aurora e no crepúsculo - em forma de estrela matutina e vespertina - de modo que a observação se torna muito mais difícil. E assim, na verdade, ele não foi observado - e é o que deveria ter sido previsto.

Novamente se fez silêncio, e eu percebi que meu coração estava batendo forte. Eram duas horas em ponto e não tínhamos sido capazes de nos livrarmos da estória de Hayes. Nós tínhamos de provar rápido que ela era uma mentira ou morreríamos de puro suspense. Estávamos todos olhando o relógio.

Levin começou a luta. - É uma coincidência terrivelmente estranha que o supernêutron deveria estar se dirigindo direto para o sol. Quais são as chances contra ele?

Lembrem-se que seria a mesma coisa que enumerar as chances contra a verdade da estória.

Eu interrompi. - Esta é uma objeção ilegítima, sr. Levin. Para citar improbabilidade, por maior que seja, não é suficiente. Somente a total impossibilidade ou menção de incongruência pode servir para desclassificar.

Mas Hayes fez um gesto com a mão. - Está bem. Deixe-me responder. Tomando-se um supernêutron e uma estrela, as chances de colisão, de frente, são quase infinitamente pequenas. Entretanto, estatisticamente, se se lançar supernéutrons demais no universo, então, dado um suficiente tempo, cada estrela deverá ser atingida mais cedo ou mais tarde. O espaço deve ser saturado com supernéutrons - isto é, um em cada mil parsecs cúbicos - de modo que, apesar das grandes distâncias entre as estrelas e as relativas minúcias dos alvos, a cada ano, em nossa única Galáxia ocorrem vinte novas - isto é, registram-se, anualmente, vinte colisões entre Supernêutron e estrelas.

- A situação não é, na verdade, diferente do urânio sendo bombardeado com neutrons comuns. Apenas um neutron em cem milhões pode provocar uma colisão, mas, num dado tempo, todos os núcleos finalmente explodem. Se houver uma inteligência fora do universo controlando este bombardeio - por favor, é uma simples hipótese, e não parte de meu argumento - um ano para nós provavelmente é uma fração infinitesimal de um segundo para eles. As colisões, para eles, podem estar ocorrendo na ração de bilhões para os segundos deles. A energia está sendo desenvolvida, talvez, ao ponto onde o material que compõe este universo tenha se aquecido até o estado gasoso - ou ao correspondente do estado gasoso de lá. O universo está se expandindo, vocês sabem - como um gás.

- Ainda assim, para que o primeiro Supernêutron tenha entrado no nosso sistema para se dirigir direto para o sol, parece... - Levin terminou a frase gaguejando debilmente.

- Santo Deus! - falou bruscamente Hayes - quem lhes disse que foi o primeiro? Centenas podem ter passado pelo sistema em períodos geológicos. Um ou dois podem ter passado nos últimos cem anos ou mais. Como saberíamos? Mesmo quando um deles está se dirigindo direto para o sol, os astrônomos não o encontram. Talvez este tenha sido o único que passou desde que o telescópio foi inventado, e antes dessa época, é claro... E nunca se esqueça de que, não possuindo gravidade, eles podem ir direto ao meio do sistema, sem afetar os planetas. Apenas uma colisão nos registros do sol, e então é tarde demais.

E olhou para o relógio. - 2:05! Temos de vê-lo agora contra a luz do sol. - Ele se levantou e suspendeu a persiana da janela. A luz amarela do sol inundou o recinto e eu me afastei do raio solar empoeirado. Minha boca estava seca como um deserto. Murfree

estava esfregando sua sobrancelha, mas pelas suas faces e pescoço notavam-se gotas de suor.

Hayes tirou vários negativos de filme revelados e distribuiu-os. - Vejam, eu vim preparado. - Ele levantou um e olhou-o à luz do sol. - Aqui está ele - comentou placidamente. - Meus cálculos mostraram que ele deveria estar em trânsito em relação à Terra no momento da colisão. Muito conveniente!

Eu estava olhando para o sol, também, e senti meu coração parar de bater. Lá, bem claro contra a luz do sol, estava uma pequena mancha preta, perfeitamente redonda.

- Por que ele não se evapora? - gaguejou Murfree. - Ele deve estar quase na atmosfera do sol. - Não acredito que ele estivesse tentando desmascarar a história de Hayes. Ele não estava pensando naquilo. Ele estava honestamente procurando informações.

- Eu lhes disse - explicou Hayes - que ele é transparente à quase toda radiação solar. Somente a radiação que ele absorve pode se transformar em calor e esta é uma percentagem muito pequena de tudo que ele recebe. Além disso, ele não é uma substância comum. Provavelmente é muito mais refratário do que qualquer coisa na Terra, e a superfície Solar está somente em 6.000 graus centígrados.

Ele mostrou um polegar sobre seus ombros. - São 2:09', cavalheiros. O Supernêutron disparou e a morte está a caminho. Nós temos oito minutos.

Nós estávamos mudos diante de um terror que era simplesmente insuportável. Eu me lembro da voz de Hayes, um tanto prosaica, dizendo: "Mercúrio acabou de passar!", depois, alguns minutos mais tarde, "Vênus se foi!", e finalmente, "Faltam trinta segundos, cavalheiros!".

Um olhar de espanto cresceu e se espalhou pela face de Hayes. Ele levantou o relógio e olhou fixo para ele, depois olhou atentamente o seu filme mais uma vez à luz do sol.

- Ele se foi! - Ele virou-se e nos encarou. - É inacreditável. Eu pensei nele, mas não me atrevia a levar tão longe a analogia atômica. Vocês sabem que nem todos os núcleos atômicos explodem quando são atingidos por um nêutron. Alguns, o cádio, os absorve um após o outro, como as esponjas absorvem a água. Eu...

Ele fez novamente uma pausa, respirou fundo e continuou contemplativamente: - Até mesmo o mais puro bloco de urânio contém vestígios de todos os outros elementos.

E num universo de trilhões de estrelas atuando como urânio, faz com que um insignificante milhão de estrelas tipo cádmio valha... nada! No entanto, o sol é uma delas!

A humanidade nunca mereceu isto!

Ele continuou falando, mas estávamos finalmente aliviados e não escutávamos mais. Num rasgo de loucura, elegemos Gilbert Hayes para o cargo de Presidente Perpétuo por aclamação entusiástica, e votamos a estória como a mais extraordinária mentira jamais dita.

Mas há uma coisa que me preocupa. Hayes atende plenamente às exigências do cargo; a Sociedade tem alcançado mais sucesso do que nunca - mas eu acho que ele, afinal de contas, deveria ter sido desclassificado. Sua estória preenchia a segunda condição; ela parecia verdadeira. Mas eu acho que ela não preenchia a primeira condição.

Eu acho que ela era verdadeira!

***

A esta altura, eu tinha uma seqüência na minha cabeça. "Supernêutron" foi com certeza planejado para ser apenas o primeiro de uma longa série de contos inteligentes e muito engenhosos para serem contados nas reuniões da "Honorável Sociedade de Ananias". Mas não saiu como eu esperava. Nunca houve uma segunda estória, nem mesmo o começo de uma, nem mesmo a idéia para uma.

Quando eu estava escrevendo "Supernêutron", em fevereiro de 1941, ouvi falar de fissão de urânio e tinha até mesmo discutido sobre isto em alguns detalhes com Campbell.

Eu consegui fazer referência a ele no curso da estória como "o método clássico de fissão de urânio para obtenção de força". Eu também falei do metal cádmio como um absorvente do nêutron. Não foi nada mal para um conto publicado em 1941, e eu algumas vezes me referia a ele em público para causar uma maior impressão.

Observem, contudo, que no mesmo parágrafo no qual mencionei a fissão, também falei de "masúrio". De fato, foi o nome dado ao elemento 43 em 1926, mas aquela descoberta foi provada ser um falso alarme. O elemento foi realmente descoberto em 1937 e deram-lhe o nome agora reconhecido de "technetium". Parece, então, que eu pude enxergar muito além no futuro e ver a fissão do urânio como uma fonte prática de potência, mas não pude ver no passado, o nome correto para o elemento 43.

Isto nos leva a 17 de março de 1941, e à solução de um dos momentos críticos da minha carreira literária. Até aquele dia eu tinha escrito trinta e um contos. Destes eu já tinha vendido dezessete e ainda estava vendendo mais quatro. De todos estes contos, talvez três, não mais, revelaram ter um valor mais do que efêmero, e aqueles foram os três contos de "robôs positrônicos" que eu tinha até então escrito: "Robbie", "Reason", e "Liar!".

Recordando meus primeiros três anos como escritor, posso julgar a mim mesmo por ser nada mais do que um decidido e (talvez) esperançoso escritor de terceira categoria.

Isto é tudo que eu considerava a mim mesmo, então. Ninguém, naquela época, me considerava uma estrela de primeira grandeza nos céus da ficção científica - exceto, talvez, Campbell.

Qual era a probabilidade, então, naquele 17 de março de 1941, de que eu me sentasse e escrevesse alguma coisa que por trinta anos tem sido considerado por um

número surpreendente de pessoas um notável pequeno clássico de revista de ficção científica? Foi uma daquelas coisas que não podia possivelmente acontecer - mas aconteceu.

Tudo começou quando eu, como de costume, estava indo para o escritório de Campbell, e me surgiu uma idéia. Eu não me lembro o que era, mas o que quer que tenha sido, ele a rejeitou imediatamente, não porque fosse uma má idéia, mas porque ele tinha algo que queria me mostrar que apagava qualquer outra coisa da minha mente. Ele tinha encontrado uma citação de Ralph Waldo Emerson que dizia: "Se as estrelas tivessem que aparecer por uma noite em milhões de anos, como os homens acreditariam, adorariam e preservariam por várias gerações a lembrança da cidade de Deus?"*

* Alguém sabe em que ensaio e com relação a que Emerson disse isto? De vez em quando eu faço uma pesquisa desultória através dos livros de citações ou uma coleção de Emerson, mas ainda não a encontrei. Espero que ela exista e que a citação tenha sido dada corretamente.

Campbell me perguntou o que eu achava que aconteceria se as estrelas aparecessem somente a longos intervalos. Eu não tinha nada inteligente a sugerir.

- Eu acho que os homens enlouqueceriam - disse ele pensativamente. Nós conversamos sobre aquela idéia durante algum tempo e eu fui para casa escrever um conto sobre o assunto, um que Campbell e eu decidimos desde o princípio que teria o título de "Nightfall" ("O Cair da Noite").

Eu comecei naquela noite. Posso me lembrar exatamente dos detalhes: o apartamento de meus pais no Windsor Place no Brooklyn, em frente à loja de doces; meu próprio quarto, ao lado da sala de estar, está bem claro em minha mente, com a posição da minha cama, minha escrivaninha, minha máquina de escrever - e eu começando a trabalhar.

Nos anos que se seguiram, os fãs votariam ocasionalmente para escolher os melhores contos de ficção científica de todos os tempos. Bastante frequentemente, "Nightfall" acabaria em primeiro lugar. Há alguns anos atrás, os membros da "Science Fiction Writers of America" fizeram uma votação para saberem quais os melhores contos de ficção científica já publicados, para a inclusão numa antologia do "Hall of Fame". "Nightfall" acabou em primeiro lugar com uma considerável margem de votos. E, é claro, foi publicado, até agora, uma dezena de vezes em antologias.

Com tudo isto, pode-se provar que "Nightfall" é o melhor (ou pelo menos o , mais popular) conto de ficção científica já publicado em revistas. Bem, eu frequentemente imagino, com um sobressalto, o que poderia ter acontecido na tarde de 17 de março de 1941 se algum espírito angelical tivesse sussurrado no meu ouvido: "Isaac, você está a ponto de escrever o melhor conto de ficção científica de nosso tempo". Eu teria, sem sombra de dúvida, ficado petrificado. Eu não teria sido capaz de escrever uma palavra.

Mas nós não sabemos o futuro e batia alegremente à máquina escrevendo o conto e terminando-o em 9 de abril de 1941. Naquele dia, eu o apresentei a Campbell. Ele pediu que fosse feita uma pequena revisão. Eu me encarreguei disso, e em 24 de abril de 1941, ele comprou o conto.

Ele estabeleceu vários recordes para mim. Foi o conto mais longo que eu já tinha vendido, um pouco mais de treze mil palavras. Quando Campbell me pagou um bônus (meu primeiro), o preço da palavra era de um centavo e um quarto, e o cheque total foi de cento e sessenta e seis dólares, mais do que o dobro que qualquer pagamento que eu já tinha recebido antes **.

Depois, também, "Nightfall" foi publicado na edição de setembro de 1941 do Astounding como a primeira novela. Pela primeira vez, fui a capa daquela revista, com "Nightfall, de Isaac Asimov" em letras garrafais.

** "Black Friar of the Flame" tinha três mil palavras a mais do que "Nightfall", mas o primeiro foi vendido seis meses depois, custando cada palavra simplesmente um centavo, rendendo-me apenas cento e sessenta e um dólares. Evidentemente os primeiros lucros também não são os únicos. "Nightfall" me rendeu alguns milhares de dólares desde 1941 e me renderá ainda mais; "Black Friar of the Flame" ainda não me rendeu um centavo além do cheque original, até sua publicação neste livro.

O mais importante de tudo foi que a publicação de "Nightfall" me colocou, por comum acordo (três anos após ter começado minha carreira) na lista dos grandes escritores de ficção científica.

Que pena, o conto não está incluído aqui. Ele está (é claro) em Nightfall and Other Stories ***.

*** Contando, naquela coleção, como "Nightfall" veio a ser escrito, mencionei que tinha recebido por ele cento e cinquenta dólares, calculando de memória. Mais uma vez, devo confessar falibilidade. Os registros acusam cento e sessenta e seis dólares. Isto não é uma questão

importante e talvez não signifique nada, mas eu conheço meus leitores. Explicando isto agora, eu evito que dezenas de cartas sejam enviadas mencionando a discrepância e exigindo uma explicação.

"Nightfall" ("O Cair da Noite"), sem título definitivo em português, será publicado, brevemente, na série Ficção Científica Hemus, ed. Hemus.

O entusiasmo de ter escrito "Nightfall" e o sincero e ilimitado elogio de Campbell a ele devia, alguém deve ter pensado, ter me levado a escrever furiosamente, mas isto não ocorreu. A primavera de 1941 foi uma época ruim para mim.

Eu podia, a qualquer momento, deixar Columbia naquela metade do ano com um diploma universitário, mas eu não lucraria com isto. Eu não tinha nenhum emprego com que me preocupar, de modo que podia apenas esperar e tentar aumentar o meu valor para algum provável empregador, chegando ao máximo, que era o doutorado.

Mas isto significava que eu tinha que fazer uma serie de intermináveis e complicados "exames de aptidão", os quais eu tinha de passar a fim de poder começar a pesquisa, sem a qual eu não conseguiria o Ph.D. Passar era difícil e eu não me sentia preparado de modo algum, mas eu tinha que tentá-los algum dia, e, além disso, se eu não conseguisse passar, poderia continuar frequentando os cursos e repetir os exames de aptidão numa outra época.

E foi assim que, em maio, deixei a máquina de escrever de lado, estudei seriamente para meus exames, fi-los - e não passei. Eu fiz o possível para conseguir a opção de uma futura repetição e também recebi meu M.A. como uma espécie de prêmio de consolação, mas ainda assim eu estava bastante desanimado.

(E no imenso mundo exterior, embora a Gra-Bretanha tivesse sobrevivido ao bombardeio aéreo, ainda assim Hitler parecia não parar nunca. Ele invadiu os Balkans e estava novamente obtendo vitórias espetaculares, e isto também era desanimador.

Foi somente em 24 de maio de 1941 que pude voltar a escrever. Produzi "Não é Definitivo" ("Not Final!") que apresentei a Campbell em 2 de junho, mas só foi aceita no dia 6, sem nenhum bônus.

18

NÃO É DEFINITIVO!

Nicholas Orloff inseriu um monóculo em seu olho esquerdo, com toda a incorruptível britanidade de um russo educado em Oxford, e disse, reprovadoramente: - Mas, meu caro senhor Secretário! Meio bilhão de dólares!

Leo Birnam deu de ombros, cansado, e deixou seu corpo fraco afundar-se ainda mais na poltrona. - A alienação precisa ser executada, comissário. O governo colonial aqui em Ganimedes está começando a desesperar. Até agora, tenho conseguido contê-los, mas como secretário dos negócios científicos, meus poderes são pequenos.

- Eu sei, mas... - e Orloff abriu suas mãos, desamparado.

- Suponho que sim - concordou Birnam. - O governo imperial acha mais fácil desviar o olhar. É o que têm feito inevitavelmente até agora. Tenho tentado já há um ano fazê-los compreender a natureza do perigo que paira sobre todo o Sistema, mas parece impossível. Mas estou apelando para o senhor, comissário; está há pouco em seu posto, e pode encarar imparcialmente o caso joviano com um olhar imparcial.

Orloff tossiu e olhou para as pontas de suas botas. Nos três meses depois de suceder a Gridley como comissário colonial tinha evitado tratar de qualquer coisa que se relacionasse com "aqueles jovianos apopléticos". O que ia de acordo com a política de gabinete estabelecida, que rotulara o caso joviano como caso encerrado, muito antes que ele tivesse assumido o cargo.

Mas agora que Ganimedes estava se tornando incômodo, encontrou-se sendo enviado para Jovópolis, com instruções para segurar os "malditos provincianos". Era uma posição desagradabilíssima.

Birnam estava falando: - O governo colonial chegou ao ponto de necessitar tanto do dinheiro, de fato, que se não conseguirem, vão publicar tudo.

A fleuma de Orloff desfez-se inteiramente, apanhando o monóculo, quando caiu. - Mas, meu amigo!

- Sei o que significaria. Adverti-os quanto a isto, mas não deixam de ter ração. Uma vez que o lado oculto do caso joviano seja revelado, uma vez que o povo tome

conhecimento, o governo imperial não vai durar nem uma semana no poder. E quando os Tecnocratas vierem, vão nos dar o que quer que pedirmos. A opinião pública vai providenciar isso.

- Mas também vai criar pânico, e histeria...

- Certamente! Por isso hesitamos. Mas pode chamar a isto de ultimatum. Queremos sigilo, precisamos de sigilo; mas precisamos ainda mais de dinheiro.

- Percebo. - Orloff estava pensando depressa, e as conclusões às quais chegava não eram agradáveis. - Nesse caso, seria aconselhável investigar mais profundamente o caso. Se você tem os papéis referentes às comunicações com o planeta Júpiter...

- Tenho - replicou Birnam, secamente - assim como o governo do Império, em Washington. Não vai adiantar, comissário. É o mesmo naco que foi roído pelos oficiais da Terra durante todo o ano passado, e não vai nos levar a lugar algum. Quero que venha á Estação Etérica comigo.

O ganimedano erguera-se de sua poltrona, e olhava para Orloff, sobrecenho cerrado, de cima de seus seis pés e meio de altura. Orloff corou. - Está me dando ordens?

- De certa forma sim. Digo-lhe que não há tempo. Se pretende agir, deve fazê-lo depressa, ou desistir. - Birnam fez uma pausa, então acrescentou: - Espero que não se importe em andar. Não permitem a aproximação de veículos a motor da Estação Etérica, normalmente, e posso servir-me da caminhada para explicar alguns fatos. São apenas duas milhas daqui.

- Vamos lá. - Foi a brusca resposta.

A viagem para cima, até o nível imediatamente abaixo do chão foi feita em silêncio, que foi quebrado por Orloff quando adentraram na penumbra da ante-sala.

- Está frio aqui.

- Eu sei. É difícil manter a temperatura normal tão perto da superfície. Mas estará ainda mais frio, lá fora. Por aqui!

Birnam havia escancarado a porta de um armário, e apontava as roupas penduradas lá dentro... - Vista-as. Vai precisar delas.

Orloff passava a mão sobre elas. - São pesadas o bastante?

Birnam estava às voltas com a sua roupa, enquanto falava. - São aquecidas eletricamente. Vai achá-las bem quentinhas. Assim! Encaixe as pernas da calça dentro das botas, e feche-as bem.

Virou-se e, grunhindo, trouxe um cilindro duplo de ar comprimido da prateleira a um canto do guarda-roupa. Verificou seu mostrador; então girou a válvula. Houve um chiado de gás escapando, que Birnam farejou, satisfeito.

- Sabe mexer com isto? - perguntou, ao parafusar um tubo flexível metalizado, em cuja outra extremidade estava um objeto curiosamente recurvado, de vidro espesso, transparente.

- O que é?

- Máscara de oxigênio! O que há na atmosfera de Ganimedes é argônio e nitrogênio, meio a meio. Não há nada respirável. - Acomodou o cilindro em posição, e apertou suas fivelas, nas costas de Orloff.

Orloff balbuciou: - É pesado. Não posso caminhar duas milhas com isto.

- Não será pesado lá fora. - Birnam apontou para cima, distraidamente, e abaixou a máscara sobre a cabeça de Orloff. - Apenas não se esqueça de inspirar pelo nariz, e expirar pela boca, e não vai ter nenhum problema. Aliás, faz pouco tempo que comeu?

- Almocei antes de ir ter com você.

Birnam comentou desdenhosamente: - Bem, é meio desaconselhável. - Tirou um pequeno receptáculo metálico de um de seus bolsos e jogou-o para o comissário. – Ponha uma dessas pílulas na boca, e fique chupando.

Orloff, desajeitado com suas luvas grossas, acabou conseguindo tirar um esferóide marrom da latinha, que colocou na boca. Seguiu Birnam por uma rampa suave acima.

O fim do corredor deslizou para um lado, suavemente quando o alcançaram, e houve uma fraca aspiração, com o escape de ar para a rarefeita atmosfera de Ganimedes.

Birnam agarrou o cotovelo do outro, e praticamente o arrastou para fora.

- Liguei seu tanque de ar no máximo - gritou. - Respire fundo, e fique chupando a pílula.

A gravitação voltara ao normal de Ganimedes ao cruzarem o umbral da porta, e Orloff, após um terrível momento de levitação aparente, sentiu seu estômago dar uma pirueta e explodir. Ficou nauseado, e revirou a pílula com a língua, numa tentativa desesperada de autocontrole. A mistura rica em oxigênio nos tanques de ar queimava sua garganta, e, gradualmente, Ganimedes parou de balançar. Seu estômago estremeceu de volta a seu lugar. Tentou caminhar.

- Vá com calma, agora - veio a voz reconfortadora de Birnam. - É sempre assim, nas primeiras vezes que se muda rapidamente de campo de gravitação. Ande devagar, e pegue ritmo, ou vai levar um tombo. Assim, já está pegando o jeito.

O chão parecia de borracha. Orloff podia sentir a pressão do braço do outro segurando-o a cada passo, para evitar que passasse a pular. Os passos eram mais longos agora - e mais baixos, conforme ia pegando o ritmo. Birnam continuou falando, a voz um pouco abafada por detrás do pedaço de couro que envolvia sua boca e queixo.

- Cada um com seu próprio mundo - gracejou - visitei a Terra, há alguns anos, com minha mulher, e passei bem mal. Não conseguia aprender a andar na superfície de um planeta sem uma máscara. Ficava sempre me engasgando - verdade! A luz do sol era muito forte e o céu era muito azul, e a grama era muito verde. Nunca esqueci a vez que tentaram me fazer dormir num quarto no vigésimo andar, com a janela aberta, e à luz da lua. Voltei na primeira espaçonave que vinha nesta direção, e nunca mais pretendo voltar. Como está se sentindo agora?

- Ótimo! Esplêndido! - Agora que o desconforto inicial se dissipara, Orloff estava achando a baixa gravitação sensacional. Olhava à sua volta. O chão partido, com colinas ondulantes, banhado numa luz amarela intensa, estava coberto com arbustos rasteiros de folhas largas que apresentavam a disposição ordeira do cultivo.

Birnam respondeu à pergunta não formulada. - Há dióxido de carbono no ar, para manter as plantas vivas, e todas elas podem fixar o nitrogênio atmosférico. É o que faz a agricultura ser a maior indústria de Ganimedes.

Aquelas plantas valem seu peso em ouro como fertilizantes, na Terra, e o dobro ou o triplo disto como fontes de meia centena de alcalóides que não são encontrados em nenhum outro lugar do sistema. E, é claro, todos sabem que a verdura de Ganimedes superou em muito o tabaco da Terra.

Ouviu-se o rumor de um estrato-foguete no ar, agudo, na fina atmosfera, e Orloff olhou para cima.

Ele parou - estarrecido - e esqueceu de respirar!

Foi sua primeira visão de Júpiter no céu.

Uma coisa é ver Júpiter, frio, nítido, contra o fundo de ébano do espaço. A seiscentas mil milhas, já é bastante majestoso. Mas em Ganimedes, roçando o cimo das colinas, seus contornos atenuados, levemente borrados pela fraca atmosfera, brilhando suavemente num céu púrpura, onde umas poucas estrelas fugidias se atreviam a

competir com o gigante joviano não é descritível por qualquer combinação imaginável de palavras.

De início, Orloff contemplou o volumoso disco em silêncio. Era descomunal, trinta e duas vezes o diâmetro aparente do Sol, tal como visto da Terra. Sua faixa aparecia como tonalidades coloridas fracas contra o fundo amarelo, e a grande Mancha Vermelha era um borrão laranja, na borda ocidental.

E por fim, Orloff murmurou, em voz baixa: - É lindo!

Leo Birnam olhava, também, mas não havia admiração em seus olhos. Havia o cansaço mecânico de ter visto a mesma coisa inumeráveis ocasiões, e também uma expressão de repulsa declarada. A tira em seu queixo escondia seu esgar, mas a força que aplicava no braço de Orloff deixou marcas através do tecido espesso da roupa de superfície.

Disse, devagar: - É o panorama mais Hediondo do Sistema.

Orloff relutantemente desviou a atenção para seu companheiro. Hein? - Então, contrafeito: - Ah, sim, aqueles misteriosos jovianos.

Com isto, o ganimedano avançou, com raiva, a grandes saltos oscilantes, de quinze pés. Orloff foi em seu encalço, desajeitado, mantendo o equilíbrio com dificuldade.

- Escute aqui - disse, ofegante.

Mas Birnam não estava escutando. Estava falando fria e amarguradamente. - Vocês na Terra podem se dar ao luxo de ignorar Júpiter. Não estão sabendo de nada. É apenas um pontinho no seu céu, uma sujeira de mosca. Não vivem aqui em Ganimedes, vendo aquele colosso amaldiçoado nos espiando. Sempre a cada quinze horas - escondendo só Deus sabe o que em sua superfície. Escondendo algo que fica esperando, e esperando, e tentando sair. Como uma bomba gigantesca esperando para explodir!

- Bobagens! - Orloff conseguira alcançá-lo. - Ande mais devagar, não consigo acompanhá-lo.

Birnam reduziu suas passadas à metade, e falou, tenso: - Todos sabem que Júpiter é habitado, mas ninguém pára para pensar no que isso significa. Digo-lhes que aqueles jovianos, sejam lá o que forem, nasceram para o trono. São líderes naturais do Sistema Solar.

- Pura histeria - resmungou Orloff. - O governo imperial não tem ouvido outra coisa da colônia, já por um ano.

- E vocês têm desprezado isso, pois escute! Júpiter, descontando a espessura de sua atmosfera colossal, tem oitenta mil milhas de diâmetro. O que quer dizer que tem uma

superfície cem vezes maior que a Terra, e mais de cinqüenta vezes a de todo o Império Terrestre. Sua população, seus recursos, seu potencial bélico são proporcionais.

- Apenas números...

- Sei o que quer dizer. - Birnam continuou. - As guerras não são feitas com números, mas com ciência e organização. Os jovianos têm ambas. No quarto de século durante o qual temos mantido contato com eles, aprendemos um bocado. Eles têm energia atômica, e rádio. E num mundo de amônia a grande pressão - um mundo, em outras palavras, onde quase nenhum dos metais pode existir enquanto metais por qualquer intervalo de tempo, por causa da tendência a formarem complexos amoniacais solúveis - eles conseguiram elaborar uma civilização complexa. O que significa que eles tiveram de elaborar plásticos, vidros, silicatos e materiais sintéticos de construção de alguma espécie. O que significa uma química tão desenvolvida quanto a nossa, e aposto como já estão mais adiantados.

Orloff esperou bastante, antes de responder. - Mas o quanto vocês estão certos sobre a última mensagem deles. Na Terra, estamos inclinados a duvidar que os jovianos possam ser possivelmente tão irracionalmente beligerantes quanto foram descritos.

O ganimedano deu uma risada curta. - Eles cortaram toda comunicação depois daquela última mensagem, não? O que não soa amigável, para ambos os lados, não? Asseguro-lhe que fizemos o possível e o impossível para restabelecer contato.

- E mais, não me interrompa. Deixe-me explicar-lhe algo mais. Por vinte e cinco anos, aqui em Ganimedes, um pequeno grupo tem se esfaldado para extrair algum sentido de um conjunto de "clics" variáveis muito distorcidos, e cheios de estática em nosso aparelho de rádio, pois aqueles estalidos são nossa única conexão com as inteligências vivendo sobre Júpiter. Foi tarefa para um mundo de cientistas, mas nunca tivemos mais do que uma dúzia na Estação. Eu fui um deles, bem no começo, e como filólogo, fiz minha parte ajudando a construir e interpretar o código que se estabeleceu entre nós e os jovianos, de modo que você pode ver que estou falando com real conhecimento de causa.

- Foi um trabalho terrível e cansativo. Cinco anos antes de passarmos dos "clics" elementares de aritmética: três mais quatro, sete; a raiz quadrada de vinte e cinco é cinco; seis fatorial é setecentos e vinte. Depois disto, meses passaram-se antes que pudéssemos elaborar e verificar, através de outras comunicações, um só novo fragmento de idéia.

- Mas - e eis o problema - na época em que os jovianos cortaram relações, nós os entendíamos bem. Não havia mais possibilidade de erro de compreensão, não mais do que Ganimedes de súbito sair da órbita de Júpiter. E sua última mensagem era uma ameaça, e uma promessa de destruição. Não há dúvida; não há a menor dúvida!

Estavam caminhando por uma passagem não muito profunda, onde a luz amarela de Júpiter deu lugar a uma profunda escuridão.

Orloff estava perturbado. O caso nunca lhe fora apresentado daquela forma. Disse: - Mas a ração, homem, que ração lhe demos para...

- Ração nenhuma! Foi simplesmente assim: os jovianos finalmente descobriram, por nossas mensagens - exatamente onde e porque, eu não sei que nós não éramos jovianos.

- Bem, claro.

- Não era "claro", para eles. Em suas experiências, eles nunca se depararam com inteligências não-jovianas. Por que considerariam eles uma exceção em favor de outras, do espaço?

- Você disse que são cientistas - a voz de Orloff assumira uma frieza cautelosa. - Por que não pensariam que ambientes diferentes poderiam gerar vida diferente?

Nós sabíamos disso. Nunca pensamos que os jovianos eram terráqueos, mesmo nunca tendo encontrado outras inteligências que não as da Terra.

Estavam de volta à inundação da luz jupiteriana de novo, e uma região gelada espalhava-se, ambarina, à direita.

Birnam respondeu: - Eu disse que eles eram químicos e físicos mas nunca disse que eram astrônomos. Júpiter, meu prezado comissário, tem uma atmosfera de três mil milhas ou mais, de espessura, e todo esse gás bloqueia tudo, menos o Sol e os quatro maiores satélites de Júpiter. Os jovianos nada sabem sobre outros planetas.

Orloff meditava. - E então, eles decidiram que éramos estranhos. E daí?

- Se não somos jovianos, perante eles, não somos gente. Donde, por definição, conclui-se que um não joviano, era um... Verme.

O protesto automático de Orloff foi interrompido por Birnam. - Perante seus olhos, eu disse, somos vermes, e sempre seremos. E mais, vermes com a peculiar audácia de ter tentado falar com jovianos - com seres humanos. Sua última mensagem foi, palavra por palavra: "Os jovianos são os senhores. Não há lugar para vermes. Vamos destruí-los imediatamente." Duvido que houvesse qualquer animosidade naquela mensagem - era simplesmente a enunciação de um fato. Mas eles estavam falando sério.

- Mas por quê?

- Por que o homem exterminou a mosca doméstica?

- Ora, vamos, não está apresentando seriamente uma analogia dessa natureza.

- Por que não, pois é certo que os jovianos nos consideram uma espécie de mosca - uma mosca insuportável, que ousa aspirar à inteligência.

Orloff fez uma última tentativa: - Mas, sinceramente, senhor Secretário, parece impossível que a vida inteligente adote uma tal atitude.

- Você está familiarizado com qualquer outro tipo de vida inteligente, que não a nossa? - veio a resposta sarcástica, imediatamente. - Acha-se competente para tratar da psicologia jupiteriana? Sabe o quanto pode diferir de nós um joviano, fisicamente? Pense no mundo deles, com a gravitação duas vezes e meia maior que a da Terra; com seus oceanos de amônia - oceanos dentro dos quais se pode jogar a Terra inteira, sem causar perturbação considerável; com sua atmosfera de três mil milhas, arrastada para baixo, pela imensa gravitação, a densidades e pressões em suas camadas superficiais, que fazem o fundo dos oceanos da Terra parecerem um vácuo de baixa pressão. Nós tentamos imaginar que tipo de vida poderia existir nessas condições, e desistimos. É completamente incompreensível. Espera que a mentalidade deles, então, seja menos compreensível? Nunca! Aceite a situação tal como está. Eles pretendem nos destruir. É tudo o que sabemos, e tudo o que precisamos saber.

Ergueu sua mão enluvada, quando terminou, e apontou. - Ali está a Estação Etérica, à frente.

A cabeça de Orloff olhou em volta. - Subterrânea?

- Certamente! Tudo, exceto o observatório. É a cúpula de aço e quartzo, à direita - aquela pequena.

Pararam à frente de dois grandes rochedos que flanqueavam um acúmulo de terra, e de trás de cada um, um soldado de máscara, em uniforme laranja, com desintegradores prontos, avançaram para os dois.

Birnam ergueu o rosto contra a luz de Júpiter, e os soldados fizeram continência e recuaram. Uma curta palavra foi lançada ao microfone de pulso de um deles, e a abertura camuflada entre os rochedos abriu-se em duas, e Orloff seguiu o secretário, na câmara estanque que se abria.

O terráqueo teve um último vislumbre da vastidão de Júpiter antes que a porta, ao se fechar, cortasse qualquer cena da superfície.

Não era mais bonito!

Orloff não se sentiu bem normal de novo, até que se sentou na macia almofada do escritório particular do Dr. Edward Prosser. Com um suspiro do mais completo alívio, espetou o monóculo sob sua sobrancelha.

- O Dr. Prosser se importaria se eu fumasse aqui, enquanto esperamos? - perguntou.

- À vontade - respondeu Birnam, indiferente. - Minha idéia seria arrastar Prosser para longe de seja lá o que for que esteja fazendo agora, mas é um cara estranho. Conseguiremos mais com ele se esperarmos até - que se disponha a atender-nos. - Tirou um pedaço já roído de tabaco esverdeado de sua caixa, e mordeu sua ponta, raivosamente.

Orloff sorriu, através da fumaça de seu próprio cigarro. - Não me incomodo em esperar. Ainda tenho algo a dizer. Como vê, por enquanto, Sr. Secretário, conseguiu me assustar, mas afinal, uma vez que os jovianos pretendem nos fazer mal, assim que chegarem até nós, permanece o fato - e aqui, sublinhou suas palavras enfaticamente - de que eles não conseguem chegar até nós.

- Uma bomba sem detonador, hein?

- Exatamente! É a própria simplicidade, e nem vale a pena discutir. Você admitirá, suponho, que sob nenhuma circunstância os jupiterianos podem sair de Júpiter.

- Sob nenhuma circunstância? - havia uma certa ironia na lenta resposta de Birnam. - Pode-se analisar isso?

Fitou a ponta rubra de seu cigarro. - Já é lugar comum dizer que os jovianos não podem deixar Júpiter. O fato foi altamente propalado pelos sensacionalistas da Terra e de Ganimedes, e muito sentimentalismo foi debulhado sobre as infelizes inteligências irrevogavelmente presas à superfície, devendo para sempre contemplar o universo lá fora, olhando, olhando, imaginando, e nunca conseguindo sair.

- Mas, afinal, o que segura os jupiterianos em seu planeta? Dois fatores! Eis tudo! O primeiro, é o imenso campo gravitacional do planeta. Duas vezes e meia o da Terra.

Orloff concordou: - Ruinzinho!

- E o potencial gravitacional de Júpiter é ainda pior, pois por causa de seu grande diâmetro, a intensidade de seu campo gravitacional decresce com a distância, apenas a um décimo do da Terra. É um problema terrível - mas que já foi resolvido.

- Como? - Orloff empertigou-se.

- Têm energia atômica. A gravitação - mesmo a de Júpiter - nada significa, uma vez que se ponham núcleos instáveis para trabalhar.

Orloff esmagou seu cigarro, para apagá-lo, com um gesto nervoso. Mas a atmosfera deles...

- Sim, e é isso que os está impedindo. Estão vivendo no fundo de um oceano atmosférico de três mil milhas de profundidade, onde o hidrogênio de que é composta está esmagado, tão-somente pela pressão, a algo que se aproxima da densidade de hidrogênio sólido. Continua sendo gás, porque a temperatura de Júpiter está acima de seu ponto crítico, mas, apenas tente avaliar a pressão que pode tornar o hidrogênio gasoso com a metade do peso da água. Vai se surpreender com o número de zeros necessários.

- Nenhuma espaçonave, de metal ou qualquer outro material pode suportar esta pressão. Nenhuma espaçonave terráquea pode descer em Júpiter sem ser esmagada como um ovo, e nenhuma espaçonave joviana pode deixar o seu planeta sem estourar como bolha de sabão. Este problema ainda não foi resolvido, mas o será algum dia. Talvez amanhã, talvez em quatrocentos anos, ou mil anos. Não sabemos, mas quando for resolvido, os jovianos estarão em cima de nós. E esse problema pode ter uma solução bem direta.

- Não vejo como...

- Campos de força! Nós os temos agora, como sabe.

- Campos de força! - Orloff parecia genuinamente atônito, e mastigou o termo repetidamente consigo mesmo, por alguns momentos. - São usados como escudos contra meteoros para naves, na zona dos asteróides, mas não vejo a aplicação ao problema joviano.

- O campo de força ordinário - explicou Birnam - é uma zona fraca, de energia rarefeita, estendendo-se por mais de cem milhas, ou ainda mais, à volta da nave. Pode parar meteoros, mas é igual ao espaço vazio, para um objeto como uma molécula de gás. Mas, e se você tomasse esta mesma região de energia e a comprimisse a uma espessura de um décimo de Polegada. As moléculas ricocheteariam contra ela. E usando-se geradores mais fortes, comprimindo o campo a um milésimo de polegada, as moléculas ricocheteariam mesmo com a inimaginável pressão da atmosfera jupiterreanna, e então, construindo-se uma nave dentro do campo... - e deixou a sentença incompleta.

Orloff estava pálido. - Não está querendo dizer que pode ser feito?

- Aposto qualquer coisa como os jupiterianos estão tentando fazer isto. E nós estamos tentando o mesmo, aqui, na Estação Etérica.

O comissário colonial aproximou sua cadeira de Birnam, agarrando seu pulso. - Por que não bombardeamos Júpiter com bombas atômicas. Quero dizer, vamos dar-lhes um bombardeio intensivo! Com aquela gravitação, e área, não podemos errar.

Birnam sorriu, desanimadamente. - Pensamos nisso. Mas, bombas atômicas apenas abririam buracos na atmosfera. E mesmo que penetrassem, divida a superfície de Júpiter pela área de danos de uma bomba, e descubra por quantos anos precisaríamos bombardear Júpiter, à ração de uma bomba por minuto, antes que começássemos a causar qualquer dano significativo. Júpiter é grande! Nunca se esqueça disso!

Seu cigarro tinha se apagado, mas ele não se interrompeu, para acendê-lo. Continuou em voz baixa, e tensa. - Não, não podemos atacar os jovianos, enquanto estiverem em Júpiter. Precisamos esperar que saiam - e uma vez que o façam, vão nos superar em número. Um número terrivelmente superior - de modo que precisamos compensar a margem, com recursos científicos.

- Mas - Orloff aparteou, e havia um tom de temor fascinante em sua voz - como podemos adivinhar o que eles têm?

- Não podemos. Precisamos reunir tudo o que pudermos, e esperar; pelo melhor. Mas há algo que sabemos que terão, e são os campos de força. Não podem sair sem eles. E se eles os têm, também precisamos tê-los, e é o problema que aqui tentamos resolver. Não vão nos garantir a vitória, mas sem eles, sofreríamos derrota certa. E agora sabe porque precisamos do dinheiro - e mais do que apenas isso. Precisamos que a Terra se ponha a trabalhar. Precisa começar um movimento para armamentos científicos, e subordinar tudo a isso. Percebe?

Orloff estava de pé. - Birnam, estou com você - cem por cento. Pode contar comigo, lá em Washington.

Não havia dúvida quanto à sua sinceridade. Birnam apertou a mão que se lhe oferecia, e naquele instante, a porta se abriu, e um homenzinho irrompeu no recinto.

O recém-chegado falou convulsivamente, somente para Birnam: - De onde veio? Tentei entrar em contato. A secretária disse que não estava. Então, cinco minutos mais tarde, aparece aqui. Não entendo. - E afanava-se furiosamente, à escrivaninha.

Birnam sorriu. - Se tiver tempo, doutor, pode dizer alo para o Comissário Colonial Orloff.

O Dr. Edward Prosser virou-se sobre a ponta dos pés, como um bailarino, e olhou o terráqueo da cabeça aos pés, duas vezes. - O novo cara, hein? Conseguiremos algum

dinheiro? Precisamos. Temos trabalhado na corda bamba. Talvez nem precisemos mais. Depende. - Estava de novo na escrivaninha.

Orloff parecia um tanto desconcertado, mas Birnam parecia compreender o doutor, e contentou-se com um olhar imóvel, através do monóculo.

Prosser deu umas palmadinhas num livrinho preto de couro, num escaninho, jogou-se em sua cadeira giratória, e deu uma volta.

- Foi bom ter vindo, Birnam - disse, folheando o livrinho. - Tenho algo para lhe mostrar. E também para o comissário Orloff.

- Por que nos fez esperar? Onde esteve?

- Ocupado! Ocupado como um porco faminto. Não durmo há três noites. - Ergueu o olhar, e seu rosto enrugado estava corado, de alegria. Tudo se encaixou, subitamente.

Como num quebra-cabeça. Nunca vi nada como isto, antes. Fez-nos dar pulos, sabe?

- Conseguiu os campos densos que procurava? - perguntou Orloff, animando-se.

Prosser impacientava-se. - Não, é outra coisa. Venham. - Olhou para seu relógio, e pulou da cadeira. - Temos meia hora. Vamos.

Um pequeno veículo com motor elétrico esperava lá fora, e o professor falava, excitado, enquanto o carrinho zumbia pelas rampas, rumo às profundezas da Estação.

- Teoria! - falava. - Teoria! Terrivelmente importante. Ponha um técnico num problema. Vai ficar fazendo tentativas. Gasta uma vida inteira. E não chega a nada.

Vai ficar apenas andando em círculos, ao acaso. Um cientista de verdade trabalha com a teoria. Deixa a matemática resolver seus problemas. - Transbordava de satisfação.

O carro brecou bem na frente de uma grande porta dupla e Prosser saiu, pressuroso, seguido pelos outros, menos agitados.

- Por aqui! Por aqui! - dizia. Abriu logo a porta, e guiou-os pelo corredor até uma escada estreita, e uma passagem exígua que circundava uma sala de três andares de altura. Orloff reconheceu o reluzente elipsóide de quartzo e aço, eriçado de canos, dois andares abaixo, como sendo um gerador atômico.

Ajustou seu monóculo e apreciou a fervilhante atividade, lá embaixo. Um homem, com fones de ouvido, numa cadeira alta, à frente de um painel de controle apinhado de botões, olhou para cima, e acenou. O professor respondeu-lhe, sorrindo.

Orloff disse: - Criam aqui seus campos de força?

- Exatamente! Já viu um?

- Não - o comissário sorriu, melancólico. - Nem mesmo sei o que é, exceto que pode ser usado como escudo contra meteoros.

Prosser falou: - É muito simples. Coisa elementar. Toda matéria é composta de átomos. Os átomos são mantidos juntos por forças interatômicas. Retire os átomos. Deixe as forças interatômicas. Isso é um campo de força.

Orloff fez cara de não ter entendido, e Birnam conteve o riso, e coçou a cabeça.

- Essa explicação lembra-me o nosso método ganimedano de suspender um ovo a uma milha de altura, no ar. É assim: suba numa montanha de uma milha de altura, e ponha o ovo lá. Então, deixando o ovo onde está, retira-se a montanha, e... pronto.

O comissário deu uma gargalhada, e o irascível Dr. Prosser mordeu os lábios reprovadoramente.

- Vamos, sem piadas. Os campos de forças são importantíssimos. Precisamos estar prontos para os jupiterianos, quando vierem.

Um súbito ruído áspero, lá de baixo, afastou o professor da amurada.

- Venham para trás da proteção, aqui - balbuciou. - O campo de vinte milímetros está acumulando Muita radiação.

O ruído quase caiu a zero, e os três saíram para fora, de novo. Não havia mudança aparente, mas Prosser esticou a mão pela amurada e disse:

- Sintam!

Orloff estendeu cuidadosamente um dedo, assombrou-se, golpeou com a palma da mão. Era como apertar uma esponja de borracha macia, ou molas, muito resistentes.

Birnam tentou, também. - É melhor do que tudo que já tentamos, não? - E explicando para Orloff: - Uma proteção de vinte milímetros pode conter uma pressão atmosférica de vinte milímetros de mercúrio contra o vácuo, sem vazamento apreciável.

O comissário assentiu. - Percebo! Precisariam de uma proteção de setecentos e sessenta milímetros, para conter a pressão atmosférica terrestre.

- Sim! Seria um campo de uma atmosfera. Bem, Prosser, é isto que o animou tanto?

- Esta tela de vinte milímetros? Claro que não. Posso chegar até duzentos e cinqüenta milímetros, usando o pentassulfeto de vanádio, na desintegração do praseodímio.

Mas não é necessário. Os técnicos o fariam e explodiriam com tudo. O cientista checa com a teoria, e tudo vai suavemente. - Piscou. - Estão intensificando o campo agora. Vejam!

- Devemos ficar atrás do protetor?

- Não é preciso, agora. A radiação é ruim só no começo.

O ruído de novo, mas não tão alto como antes. Prosser gritou para o homem no painel de controle, e um aceno com a mão aberta foi a resposta.

Então o homem nos controles ergueu o punho fechado, e Prosser exclamou: - Passamos os cinqüenta milímetros! Sintam o campo!

Orloff estendeu a mão e tateou, curioso. A espuma de borracha tinha endurecido! Tentou apertá-la entre o polegar e o indicador, tão perfeita era a ilusão, mas então a "borracha" desvaneceu-se no ar, sem opor resistência.

Prosser fez "tsc-tsc", impaciente. - Não há resistência a força, em ângulo reto. Mecânica elementar.

O homem dos controles estava gesticulando de novo. - Passamos de setenta - explicou o professor. – Estamos desacelerando, agora. O ponto crítico é 83,42.

Apoiou-se na amurada e chutou os outros dois. - Saiam! Perigo!

E então gritou: - Cuidado! O gerador está oscilando!

O ruído subira a um máximo, e o homem dos controles trabalhava freneticamente nos botões. Do núcleo de quartzo do gerador atômico central, o vermelho opaco dos átomos partindo-se, aumentara de brilho perigosamente.

Houve uma interrupção do barulho, um rugido reverberante, e um golpe de ar que atirou Orloff contra a parede.

Prosser precipitou-se. Havia um corte acima de seu olho. - Ferido? Não? Ótimo! Ótimo! Estava esperando algo assim. Deveria ter avisado. Vamos descer. Onde está Birnam?

O alto ganimedano erguia-se do chão, e limpava o pó da roupa. Aqui estou. O que estourou?

- Nada. Uma perturbação. Vamos, descendo. - Limpou a testa com um lenço, e foi à frente, descendo a escada.

O homem dos controles removeu seus fones, ao aproximar-se, e desceu de seu banco. Parecia cansado, e seu rosto, um pouco sujo, estava coberto de suor.

- A maldita coisa começou a 82,8, chefe. Quase me apanhou.

- Foi assim, então? - grunhia o professor. - Dentro dos limites de erros, não? Como está o gerador? - Ei, Stoddard!

O técnico respondeu de seu posto, no gerador. - O tubo 5 esgotou-se. Vai levar dois dias para substituir.

Prosser voltou-se, satisfeito, e disse: - Funcionou. Exatamente como esperado. O problema está resolvido, cavalheiros. Acabaram as preocupações. Voltemos ao meu escritório. Quero comer. E dormir.

Não se referiu de novo ao assunto até estar de novo atrás de sua mesa, no escritório, falando então entre grandes bocados de um sanduíche de fígado acebolado.

Dirigiu-se a Birnam. - Lembra-se do trabalho sobre tensão do espaço, em junho? Falhou, mas insistimos. Finch teve um palpite, na semana passada e eu o desenvolvi.

Tudo encaixou-se em seus lugares. Como se estivesse lubrificado. Nunca vi nada igual, antes.

- Continue - disse Birnam, calmamente. Conhecia Prosser o suficiente para evitar mostrar impaciência.

- Viu o que aconteceu. Quando um campo supera os 83,42 milímetros, torna-se instável. O espaço não suportará a tensão. Enverga-se e o campo explode. Buummm!

A boca de Birnam abriu-se, e os braços da cadeira de Orloff estalaram, com uma repentina pressão. Um instante de silêncio, e então Birnam falou, hesitantemente.

- Quer dizer que os campos de força mais fortes que isso são impossíveis?

- São possíveis. Podem ser criados. Mas quanto mais densos forem, maior sua instabilidade. Se eu tivesse chegado ao campo de duzentos e cinqüenta milímetros, teria durado um décimo de segundo. Então, pum! Teria explodido a Estação. E a mim! Os técnicos poderiam fazê-lo. O cientista é avisado pela teoria. Trabalha seguro, como fiz. Sem perigo.

Orloff espetou o monóculo no bolso, e disse, em voz trêmula: - Mas se um campo de força é o mesmo que as forças interatômicas, por que o aço tem uma força interatômica tão forte, sem dobrar o espaço? Há uma falha aí.

Prosser olhou, aborrecido. - Não há falha. A força crítica depende do número de geradores. No aço, cada átomo é um gerador de campo de força. O que significa trezentos quimilhões de geradores, para cada onça de matéria. Se pudéssemos usar tantos... Atualmente, o limite prático seriam cem. O que apenas eleva o ponto crítico a noventa e sete, aproximadamente.

Ficou de pé, e continuou, entusiasmado: - Não, o problema está acabado, estou lhe dizendo. Absolutamente impossível criar um campo de força capaz de manter a atmosfera terrestre por mais de um centésimo de segundo. A atmosfera joviana, então, está fora dos limites. Os números dizem isso, com a confirmação experimental. O espaço não agüenta mais!

- Deixe os jupiterianos se matarem de trabalhar. Não poderão sair! E isso é definitivo!

Hal Tuttle ergueu a cabeça, quando o capitão Everett, da espaçonave Transparente, a mais nova das Linhas Espaciais Cometa, entrava em sua sala particular de observação, no nariz da nave.

O capitão falou: - Um espaçograma acaba de chegar do escritório central, em Tucson. Devemos pegar o comissário colonial Orloff em Jovópolis, Ganimedes, e levá-lo de volta à Terra.

- Ótimo! Localizamos alguma nave?

- Não; não. Estamos bem longe das rotas comuns. O Sistema só saberá de nós quando o Transparente descer em Ganimedes. Será o maior acontecimento na viagem espacial, desde a primeira viagem à Lua. - Sua voz suavizou-se. - O que está errado, Hal? É seu triunfo, afinal.

Hal Tuttle olhou para cima, para o negror do espaço, lá fora. - Suponho que seja. Dez anos de trabalho, Sam. Perdi um braço e um olho naquela primeira explosão, mas não os lamento. É a reação que me afeta. O problema está resolvido; o trabalho de minha vida está encerrado.

- Bem como toda nave de casco de aço, no Sistema.

Tuttle sorriu. - É; difícil de conceber, não? - Apontou para fora.

- Vê as estrelas? Parte do tempo, não há nada entre elas e nós. Dá-me um certo mal-estar. - E disse meditativo: - Por nove anos, trabalhei para nada. Não era um teórico, e nunca realmente tive certeza do que conseguiria; simplesmente experimentei de tudo. Tentei maior força, e o espaço não agüentava. Paguei por isso com um olho e um braço, e comecei de novo.

O capitão Everett fechou um punho e bateu no casco, um casco através do qual brilhavam as estrelas, desimpedidas. Houve o ruído surdo de carne batendo contra uma superfície firme - mas nenhuma resposta, da parede invisível.

Tuttle concordou. - É bem sólida, agora - se bem que ligue e desligue oitocentas mil vezes por segundo. Tive a idéia com a lâmpada estroboscópica. Você sabe - piscam tão depressa que dão a impressão de iluminação constante.

- É assim com o casco. Não fica ligado tempo bastante para encurvar o espaço. Não fica desligado o bastante para permitir um vazamento apreciável da atmosfera. E o efeito final é uma resistência superior à do aço.

Fez uma pausa, e acrescentou, devagar: - E não há limites para o efeito. Aumente-se a freqüência. Faça-se o campo ligar e desligar milhões de vezes por segundo, bilhões de vezes. Pode-se obter campos fortes o bastante para conter uma explosão atômica. O trabalho de minha vida!

O capitão Everett bateu no ombro do outro. - Ora, deixe disso, homem. Pense na descida em Ganimedes. Vai ser o diabo! Uma enorme publicidade. Pense na cara de Orloff, por exemplo, quando descobrir que vai ser o primeiro passageiro da história a viajar numa espaçonave com um casco de campo de força! Como pensa que ele vai se sentir?

Hal Tuttle deu de ombros. - Penso que vai se sentir muito bem.

***

Com "Não é Definitivo!" ("Not Final!"), completei meu terceiro ano de escritor - três anos desde minha viagem inicial até o escritório de Campbell. Naquele tempo,ganhava pouco menos de mil dólares (não era tão mau, num tempo em que uma bolsa de estudo era de apenas quatrocentos dólares por ano) e eu tinha cerca de um quarto daquela importância numa conta de poupança.

No entanto, pode-se ver que não havia nada naquele saldo que pudesse me levar a pensar que escrever seria um possível modo de ganhar a vida - especialmente desde que eu nem sonhava com escrever nada além de ficção científica para revistas.

A 10 de junho de 1944, no decurso de uma conversa com Fred Pohl, mencionei minha frustração por não ter conseguido fazer uma venda para Unknown. Fred disse que ele tinha tido uma boa idéia para fantasia, e a partir daqui, foi apenas um pulo para fazermos sociedade. Discutimos a idéia, eu a escreveria, dividiríamos o resultado da venda, caso se realizasse, meio a meio.

Fred deveria estar mesmo precisando, porque (como descobri três dias mais tarde) suas revistas estavam indo mal e ele estava para ser dispensado de seu cargo de editor.

Era ruim, claro, mas não era uma catástrofe irremediável. Pohl tinha quase dois anos de valiosa experiência editorial, e viria o tempo em que isto o manteria bem e numa função muito mais importante e duradoura como editor de Galaxy, que durante as décadas de “50 e “60 deveria emparelhar com Astounding, na liderança do ramo”“.

Quanto a mim, não tinha do que me queixar. Pohl havia aceito oito de minhas histórias (mais de um quarto delas eu havia escrito, e quase a metade, já havia vendido, então). Destas, seis já haviam sido publicadas, e uma ("Supernêutron"), estava seguramente escalada para publicação no próximo número de Astonishing. O que deixava a nona, "Natal em Ganimedes" ("Christmas on Ganymede"). Ainda não havia sido paga, nem havia sido composta, e lamentavelmente, Pohl teve de devolvê-la. No entanto, vendi-a em duas semanas para Thrilling Wonder Stories por um pouco mais do que Pohl poderia pagar-me, de modo que não houve prejuízo algum. - E muito embora, eu perdesse, lamentavelmente, um mercado, Pohl havia me acompanhado através do período em que me desenvolvera a um ponto em que Campbell e Astounding mesmo, poderiam se tornar meu maior mercado.

De início, quando "Natal em Ganimedes" foi devolvida, pensei que fosse porque as revistas de Pohl tivessem sido suspensas conjuntamente. Se a editora tinha resolvido isso, tinham mudado de idéia. Astonishing continuou por mais uns dois anos, até ser morta pela segunda guerra, e sua crise de papel. Super Science Stories sobreviveu à segunda guerra mundial, e mesmo um pouco depois da década de 40, e ainda deveria publicar mais uma de minhas histórias.

Mas, voltando a 10 de junho. Tomando a idéia de Fred para uma história de fantasia - escrevi a história sozinho, chamando-a "Direitos Legais" ("Legal Rights"). De novo, porém, a parceria não funcionou. A 8 de julho, Campbell rejeitou-a, a primeira rejeição que recebi dele em meio ano.

Por aquela época, porém, Fred estava agenciando de novo. Dei-lhe a história, meio envergonhado, e esqueci. Ele mudou o nome para "Ritos Legais" ("Legal Rites") (muito melhor) e reescreveu-a parcialmente. Sete anos mais tarde, ele conseguiu vendê-la.

19

RITOS LEGAIS

(com James MacCreigh)

As estrelas já haviam surgido, embora o sol houvesse acabado de mergulhar no horizonte e o céu do oeste estivesse como ouro sangrento atrás de Serra Nevada.

- Ei! - estrilou Russel Harley. - Volte aqui!

Mas o motor do velho Ford estava fazendo muito barulho; o motorista não o escutou. Harley xingava enquanto via o velho carro sacudir pelos sulcos arenosos com seus pneus semimurchos. Sua lanterna traseira lhe dizia um não vermelho. Não, você não pode ir embora hoje à noite; não, você terá que ficar aqui e agüentar firme.

Harley resmungou e tornou a subir a escada da varanda da velha casa de madeira. De qualquer forma, era bem feita. As escadas, apesar de terem meio século, não rangiam embaixo dele nem mostravam rachaduras.

Harley apanhou as malas que havia deixado cair ao mudar abruptamente de opinião - couro falso e gastas, assim eram elas - e carregou-as para dentro da casa. Largou-as num sofá empoeirado e olhou a sua volta.

O calor estava sufocante e o cheiro do deserto lá fora havia impregnado a sala. Harley espirrou.

- Água - disse em voz alta. - É disso que eu preciso.

Havia vagueado por todos os compartimentos do andar térreo antes de parar e dar um tapa na cabeça. Água encanada... Naturalmente não havia água encanada neste buraco a oito milhas no deserto adentro! O máximo pelo que poderia esperar era um poço... Se tanto.

Estava escurecendo. Nenhuma luz elétrica, é claro. Irritado, andou às tontas pelas salas escuras até alcançar os fundos da casa. A porta de tela rangeu metalicamente conforme foi aberta. Havia um balde pendurado perto da porta. Ele o apanhou, inclinou-o e sacudiu para fora toda a areia solta que havia. Examinou o “quintal dos fundos” - com

aproximadamente trinta mil acres visíveis de areia montanhosa, pedras e manchas de artemísia e ocotéia queimada. Nenhum poço.

O velho louco conseguiu água em algum lugar, pensou selvagemente. Obstinado, desceu pelos degraus do fundo e começou a errar pelo deserto. Acima de sua cabeça as estrelas estavam brilhando, um milhão de bilhões delas, mas o crepúsculo havia chegado ao fim, fazendo com que ele enxergasse vagamente. O silêncio era ameaçador.

Apenas um sussurro fraco de brisa pela areia e o deslizar de seus sapatos.

Avistou um raio estelar vindo da moita de artemísia mais próxima e foi nesta direção. Havia uma poça de água, formada no ângulo de dois enormes penedos. Fixou seus olhos duvidosamente, para depois dar de ombros. Era água. Melhor que nada. Mergulhou o balde na pequena poça. Não sabendo como agir, encheu-o com um quarto de areia solta, enquanto agitava a água no fundo da poça. Quando o ergueu, pela boca, até seus lábios, cuspiu com força o primeiro gole e xingou violentamente.

Então, usou a cabeça. Pôs o balde no chão, esperou um pouco até os grãos de areia assentarem, fez uma concha de água com as mãos, levou-a até aboca...

SCHCH. SCHCH. SCHCH...

- Diabos! Harley se levantou e olhou a sua volta, subitamente confuso. Parecia água pingando de algum lugar num fogão em brasa, cintilando ao se transformar, chiando, em vapor. Não viu nada, apenas a areia, a artemísia e a poça de água morna e enjoativa. SCHCH...

Então ele viu e seus olhos arregalaram-se. Vindas do nada, gotas pegajosas e escuras, mais densas do que água, caíam no chão lentamente, como que desafiando a gravidade.

E quando caíam, cada gota cintilava e deslizava pela superfície, desaparecendo, depois. Estavam a oito pés dele, mais ou menos visíveis sob a luz das estrelas.

E então: - Saia da minha terra! - disse a voz vinda do nada.

Harley saiu. Quando chegou a Rebel Butte três horas mais tarde, mal conseguia andar, sentindo desesperadamente não ter ficado um pouco mais, o suficiente para beber mais um bom gole de água, apesar de todos os diabos do inferno. Mas ele havia corrido durante as três primeiras milhas. Tivera bons motivos para isto. Lembrou-se, com um

arrepio, de como o ar claro do deserto havia se tornado leitoso ao redor do fio de água e havia avançado sobre ele ameaçadoramente.

E quando chegou no primeiro bar iluminado por querosene de Rebel Butte e, hesitando, entrou, o olhar fascinado do dono do bar para a frente do seu casaco barato lhe deu a prova de que ele não havia enlouquecido repentinamente, nem se embriagado com a estranha sensação do ar fresco do deserto. Estava em toda frente de sua roupa e por mais que esfregasse, só conseguia grudá-lo mais. Sangue!

- Uísque! - disse com uma voz estranha, cambaleando em direção ao bar. Puxou do bolso uma nota gasta, deixando-a cair no mogno.

O vinte-e-um no fundo da sala havia parado. Harley estava bem consciente dos olhos dos jogadores, do garçom e do homem alto e magro apoiado no bar. Todos estavam olhando para ele.

O garçom cortou a magia do momento. Alcançou, sem olhar, uma garrafa atrás dele e colocou-a no balcão na frente de Harley. Despejou água de uma jarra num copo e colocou-a também no balcão, com um medidor ao lado da garrafa.

- Eu podia contar pra você que isto aconteceria - disse num tom despreocupado. - Só que você não teria acreditado em mim. Você tinha que encontrar Hank para acreditar que ele estava lá.

Harley se lembrou de sua sede e esvaziou o copo de água, depois se serviu de uma dose de uísque sem esperar pela água para suavizar o gole. O uísque descendo lhe deu uma boa sensação, quase que suficiente para parar com seus tremores internos.

- Sobre o que vocês estão conversando? - disse, finalmente. Virou seu corpo e inclinou-se para esconder, em parte, as manchas no seu casaco. O dono do bar riu.

- Velho Hank - disse. - Eu soube imediatamente quem você era, antes mesmo do tom voltar e me contar onde tinha pegado você. Eu sabia que você era o sobrinho vagabundo de Zeb Harley e que tinha vindo para pegar o Harley Hall e vender ele antes mesmo do seu tio esfriar no caixão.

Os jogadores de vinte-e-um estavam olhando-o; Russel Harley percebeu. Apenas o homem magro, mais distante no bar, é que parecia ter se desinteressado dele. Estava se servindo de mais uma bebida, muito ocupado com este serviço.

Harley corou. - Ouça - disse - eu não vim aqui para pedir conselhos. Eu queria uma bebida. Eu estou pagando por ela. Não se meta nisto.

O dono do bar deu de ombros. Deu-lhe as costas e foi até a mesa de jogo. Após alguns segundos, um dos jogadores se virou, também, e atirou uma carta na mesa. Os outros fizeram o mesmo.

Harley estava decidindo engolir seu orgulho e conversar novamente com o dono do bar - ele parecia saber alguma coisa a respeito do que Harley havia passado, e poderia ser útil - quando o homem magro deu um tapinha em seu ombro. Harley voltou-se bruscamente e quase derrubou seu copo. Absorto e nervoso, não havia percebido que o outro se aproximara.

- Meu jovem - disse o magro - meu nome é Nicholls. Venha comigo e vamos discutir este negócio. Acho que podemos ser úteis um ao outro.

Até mesmo o carro de doze cilindros que Nicholls dirigia sacudia como um vagão de carga pelos sulcos arenosos que levavam ao lugar que o velho Zeb - rindo - chamara de “Harley Hall”.

Russel Harley virou o pescoço e ficou olhando para o monte de parafernália que havia no assento extra. - Não estou gostando disso - reclamou. - Nunca tive nada a ver com fantasmas. Como posso saber se este troço vai funcionar?

Nicholls sorriu. - Você terá que acreditar em minha palavra. Já lidei com fantasmas. Se quiser, pode dizer que eu me qualificaria como exterminador de fantasmas.

Harley resmungou. - Mesmo assim, não estou gostando disso.

Nicholls lhe dirigiu um olhar astucioso. - Você gosta da perspectiva de possuir Harley Hall, não? E da perspectiva de procurar todo o dinheiro que seu tio parece ter escondido em algum lugar por ali? - Harley deu de ombros. - Claro que gosta - disse Nicholls, voltando os olhos para a estrada. - E com muita razão. Os boatos são de que o número deve ser bem alto, meu jovem.

- Suponho que aí é que você entra - disse Harley, mal-humorado. - Eu encontro o dinheiro - que não deixa de ser meu - e lhe dou uma parte. Quanto?

- Discutiremos isto mais tarde - disse Nicholls. Sorriu distraidamente enquanto olhava para frente.

- Vamos discutir isto agora!

O sorriso desapareceu do rosto de Nicholls. - Não - disse. - Não vamos. Estou lhe fazendo um favor, meu caro. Lembre-se disso. Em troca, você fará tudo como eu disser, sempre!

Harley digeriu isto cuidadosamente e não era muito agradável. Esperou alguns segundos antes de mudar de assunto.

- Eu estive aqui uma vez quando o velho estava vivo - disse. - Ele não disse nada sobre nenhum fantasma.

- Talvez ele tenha pensado que você o acharia... bem, estranho disse Nicholls. - E talvez você o achasse. Quando esteve aqui?

- Oh, há muito tempo - disse Harley, evasivo. - Mas estive aqui um dia inteiro e parte da noite. O velho era doido varrido mas não guardava nenhum fantasma no sótão.

- Este fantasma era um amigo dele - Nicholls disse. - O senhor encarregado do bar já deve ter-lhe dito isto. Seu finado tio era uma espécie de solitário. Morava nesta casa a doze milhas do nada, quase nunca aparecia na cidade e não deixava ninguém ser seu amigo. Mas não era exatamente um eremita. Tinha a companhia de Hank.

- Boa companhia.

Nicholls inclinou a cabeça seriamente. - Oh, isso eu não sei - disse.

- Pelo que diziam, eles se davam bem. Jogavam cartas e xadrez - parece que Hank foi um grande jogador. Foi morto assim, segundo os boatos. Pegou alguém roubando por baixo e saiu pra cima dele. E perdeu. Uma bala perfurou sua garganta, provocando uma morte bastante sangrenta. - Virou a direção, colocando seu peso neste serviço, e conseguiu tirar o carro fora dos sulcos da “estrada”, dirigindo-o para uma areia sem marcas que levava à velha casa para onde iam.

- Isto - terminou ao parar o carro na frente da varanda - explica o sangue que acompanha sua aparição.

Harley abriu a porta devagar e saiu, sentindo-se apreensivo com a velha casa caindo aos pedaços. Nicholls desligou o motor, saiu e foi imediatamente para a traseira do carro.

- Vamos lá - disse, arrastando para fora as coisas que estavam naquele lugar. - Me dê uma ajuda aqui. Não vou carregar tudo isso sozinho.

Harley se aproximou meio relutante, olhou o curioso sortimento de feixes de madeira seca, metros de corda colorida, giz, macinhos feios de ervas daninhas murchas, ossos descorados de pequenos animais e outras coisas igualmente desagradáveis, sem nenhum entusiasmo.

SCHCH. SCHCH.

- Ele está aqui! - gritou Harley. - Ouça! Ele está em algum lugar por aqui nos olhando.

-Ha!

A risada foi profunda, desagradável e... incorpórea. Harley olhou a sua volta desesperadamente, à procura do lendário fio de sangue. E o encontrou; vinha do ar, bem ao lado do carro, pingando no chão graciosamente, chiando e desaparecendo lá mesmo.

- Estou olhando você, sim senhor - disse a voz sinistramente. Russel, seu corrupto barato, eu não lhe sirvo para nada, assim como você nunca me serviu. Vivo ou morto, esta terra é minha! Eu a dividi com seu tio, seu patife, mas não a dividirei com você. Dê o fora!

Os joelhos de Harley amoleceram e ele cambaleou, aturdido, até o pára-choque traseiro, sentando-se nele. - Nicholls - disse confusamente.

- Õ, controle-se - disse Nicholls, irritado. Tirou uma bola de fio espalhafatoso, vermelho e verde, com curiosos nós atados ao longo dele, enfiando na mão de Harley. Depois, defrontou-se com o fio de sangue e fez uns passes rápidos na sua frente. Seus lábios se moviam silenciosamente, observava Harley, mas não pronunciava nenhuma palavra.

Houve um grito abafado vindo da fonte das gotas de sangue. Nicholls bateu as mãos com força e voltou-se para Harley.

- Pegue esta corda que está em suas mãos e estique-a em volta da casa - disse. - Em toda a volta, e certifique-se de que ela esteja passando bem no meio das portas e janelas. Não é grande coisa mas vai segurá-lo até a gente ter montado toda essa tralha.

Harley concordou com a cabeça e depois apontou um dedo duro para as gotas de sangue, agora chiando e fumegando com mais raiva do que antes. -E aquilo ali? - conseguiu soltar.

Nicholls sorriu complacentemente. - Eu o segurarei aqui até as vacas voltarem pra casa - disse. - Ande!

Inadvertidamente, Harley inalou profundamente uma fumaça branca nociva e tossiu até as lágrimas escorrerem pelo rosto. Quando se recuperou olhou para Nicholls, que estava lendo em silêncio um livro de couro verde cujas páginas pareciam orelhas de cachorro. Disse: - Posso parar com isto agora?

Nicholls fez uma careta de descontentamento e balançou a cabeça sem olhar para ele. Continuou lendo, enquanto seus lábios se contorciam com sílabas que não pertenciam a nenhuma língua conhecida por Harley, e depois fechou o livro, passando a mão pela testa.

- Está bem - disse. - Até agora, tudo bem. - Deu alguns passos para ver melhor o pote fervendo que Harley estava mexendo acima do console da lareira e deu uma examinada cuidadosa dentro dele.

- Está quase pronto - disse. - Tire-o do fogo e deixe esfriar um pouco.

Harley colocou-o no chão, e depois apertou, com a mão esquerda, seu bíceps dolorido. A coisa tinha a consistência de um doce verde enjoativo.

- E agora? - perguntou.

Nicholls não respondeu. Levantou os olhos meio surpreso com o repentino grito de triunfo vindo de fora, seguido pelo uivo do vento gelado.

- Hank deve estar solto - disse despreocupadamente. - Acho que ele não pode nos fazer nenhum mal, mas acho melhor nós nos apressarmos.

- Remexeu na pilha de trastes, já reduzida, que havia trazido do carro e pegou uma broxa. - Passe este troço por todas as portas e janelas. Todas, menos a porta da frente. Eu tenho outra coisa para ela. - Apontou para o que parecia ser o eixo frontal de um velho Modelo-T. - Deixe isto na soleira. Ferro frio. Você pode muito bem pular isto, mas Hank não conseguirá passar. Já foi corretamente tratado com a melhor taumaturgia.

- Pular isto - Harley repetiu. - Pra que eu iria querer pular isto?

Ele está lá fora.

- Ele não o machucará - disse Nicholls. - Você vai carregar um amuleto - aquele ali - que o manterá afastado. Provavelmente ele não o machucaria de jeito nenhum, já que é

um fantasma de ordem baixa que não consegue se materializar com muita densidade. Mas só para não correr riscos, carregue o amuleto e não fique lá fora por muito tempo. Isto não poderá mantê-lo afastado para sempre, não por mais de meia hora. Se por acaso você tiver que sair e ficar fora durante algum tempo, amarre este maço de ervas em seu pescoço. - Nicholls sorriu. - Entretanto, isto é apenas para casos de emergência. Funciona pelo princípio da assa-fétida. Os fantasmas não conseguem ficar em nenhum lugar perto dessas ervas - mas você também não vai gostar muito. Elas têm - hã - um odor bem definido.

Debruçou-se cuidadosamente sobre o pote, de novo, dando uma cheirada. Espirrou.

- Bem, já está suficientemente frio - disse - antes que endureça, mexa-se. Comece a espalhar isto lá em cima - e certifique-se de não ter esquecido nenhuma janela.

- O que você vai fazer?

- Eu - disse Nicholls bruscamente - ficarei aqui. Comece.

Mas não ficou. Quando Harley terminou seu desagradável serviço e desceu, chamou por Nicholls mas o homem se fora. Harley foi até a porta e olhou para fora; o carro também se fora. Deu de ombros. - Pois bem - disse, e começou a tirar os panos de pó da mobília.

Em algum canto da mente fria e legal do advogado Turnbull, ele comparava a semelhança entre um pesadelo e insanidade.

Fixava os olhos na cadeira de pelúcia a sua frente, notando, distintamente apreensivo, como o fio vermelho estranhamente sem peso e sem começo desaparecia ao cair no chão, deixando, entretanto, traços de lama ocre no tecido. O som também era desagradável: SCHCH. SCHCH...

A voz continuou impacientemente: - Maldita seja a sua burrice humana! Eu posso ser um fantasma, mas Deus sabe que não estou tentando assombrá-lo. Amigo, você não é tão importante assim para mim. Veja se entende - eu estou aqui a negócios.

Turnbull percebeu que não se pode molhar lábios secos com uma língua desidratada. - Negócios legais?

- Claro. O fato de eu ter sido morto violentamente e de continuar minha existência num plano astral não quer dizer que eu tenha perdido meus direitos legais. Quer?

O advogado balançou a cabeça, desconcertado. Disse: - Isto ficaria mais fácil para mim se você não fosse invisível. Será que você não pode dar um jeito nisso?

Houve uma breve pausa. - Bem, eu poderia me materializar por um minuto - disse a voz. - É um trabalho difícil... Terrivelmente difícil para mim. Há muitos dentre nós, entidades astrais, que acham isto tão fácil quanto cair da cama, mas... Bem, já que tenho que fazer isto, vou tentar uma vez.

Surgiu um brilho no ar acima da poltrona e uma fumaça leitosa e fina condensou-se numa figura sentada intangível. Turnbull não sentiu nenhum prazer em ver que, através da figura, os traços da poltrona ainda eram vagamente visíveis. A figura afinou. Assim que os traços tomaram um formato - assim que os olhos saltados de Turnbull avistaram um nariz aquilino saliente e uma barba crespa - a figura foi diminuindo e explodiu com um barulho suave.

A voz disse fracamente: - Não pensei que fosse tão ruim assim. Estou sem prática. Acho que esta foi a primeira materialização à luz do dia que fiz em setenta e cinco anos.

O advogado ajeitou seus óculos sem aro e tossiu. Macacos me mordam, pensou, o pior de tudo é que estou acreditando!

- Muito bem - disse em voz alta. Então, apressou-se em continuar, antes que o visitante se ofendesse: - O que você quer exatamente? Eu sou apenas um advogado do interior, sabe? Meu trabalho é pura rotina...

- Sei tudo sobre seu trabalho - disse a voz. - Você pode pegar o meu caso - é um problema de terras. Quero processar Russel Harley.

- Harley? - Turnbull colocou os dedos no rosto. - Algum parente de Zeb Harley?

- Sobrinho dele - e seu herdeiro, também.

Turnbull confirmou com a cabeça. - Sim, estou lembrado agora. A filha de minha esposa mora em Rebel Butte e já estive lá. Foi muita coincidência você ter me procurado...

A voz riu. - Não foi coincidência - disse, suavemente.

- Oh. - Turnbull ficou quieto por um momento. Então, disse: Entendo. - Deu uma olhada marota na cadeira. - Ações judiciais custam dinheiro, Sr. ... Acho que não mencionou seu nome.

- Hank Jenkins - disse a voz prontamente. - Sei disso. Será... que vamos ver. Será que seiscentos e cinqüenta dólares seriam o suficiente?

Turnbull engoliu. - Acho que sim - disse num tom relativamente neutro - relativo em relação ao que ele estava pensando.

- Digamos, então, que esta soma corresponderá aos seus honorários. Acontece que eu escondi uma soma considerável em ouro quando eu era... Isto é, antes de me tornar uma entidade astral. Tenho absoluta certeza de que não foi mexida. Acho que você terá que chamá-la de posse indevida, tendo que dar metade dela para o estado, mas são mil e trezentos dólares no total.

Turnbull concordou com a cabeça, judiciosamente. - Na hipótese de conseguirmos localizar seu tesouro - disse - acho que seria bastante satisfatório. - Inclinou-se para trás em sua cadeira, parecendo legal. Havia recuperado seu auto-domínio.

E meia hora mais tarde disse lentamente: - vou aceitar seu caso.

O juiz Lawrence Gimbel sempre havia gostado de seu trabalho. Mas seus honoráveis treze anos de magistratura perderam o sabor para ele quando assumiu uma expressão de cansaço e pegou seu martelo. Este caso era confuso demais para seu gosto.

O meirinho procedeu a sua fala e a sala abarrotada do tribunal sentou-se em massa. Gimbel, num gesto breve, levou uma das mãos aos olhos antes de falar.

- O advogado do queixoso está pronto?

- Sim, meritíssimo. - Turnbull, sozinho em sua mesa, levantou-se e fez uma reverência.

- O advogado do acusado?

- Pronto, meritíssimo! - disse Fred Wilson com voz firme. Olhou para Turnbull e sua mesa solitária com um brilho de interesse; em seguida, voltou-se para Russel Harley e cochichou algo em seu ouvido. O jovem concordou taciturnamente e deu de ombros.

Disse Gimbel: - Julgo que os advogados de ambos os lados desistiram do julgamento do júri neste caso de Henry Jenkins versus Russel Joseph Harley.

Os dois advogados concordaram. Gimbel continuou: - Em vista da natureza incomum deste caso, imagino que se mostrará necessário conduzi-lo com uma certa dose de informalidade.

O único propósito desta corte é chegar aos fatos verdadeiros em questão e pronunciar um veredito de acordo com as leis pertinentes a estes fatos. Não farei questão de cerimônia. Não obstante não tolerarei qualquer distúrbio ou irregularidade desnecessária. Os espectadores farão a gentileza de lembrar que sua presença aqui foi permitida. Qualquer tipo de demonstração resultará na dissolução da corte.

Olhou severamente para os rostos brancos que, voltados para ele, brilhavam sem demonstrar inteligência. Segurou um suspiro ao dizer: - O advogado do queixoso pode começar.

Turnbull levantou-se depressa e olhou para o juiz.

- Meritíssimo - disse - nós nos propomos demonstrar que meu cliente, Henry Jenkins, foi privado de seus direitos pelo acusado. O Sr. Jenkins, em virtude de uma residência provada de mais de vinte anos na casa localizada na Estrada 22, a oito milhas ao norte da cidade de Rebel Butte, com o pleno conhecimento de seu proprietário legal, adquiriu certos direitos. Usando terminologia legal, definimos estes direitos como os da possessão adversa. Os leigos os chamariam de direitos consuetudinários - direitos de usucapião.

Gimbel dobrou as mãos e tentou relaxar. Usucapião... Para um fantasma! Suspirou mas continuou atento às palavras de Turnbull.

- Devido â morte de Zebulon Harley, proprietário da casa envolvida - talvez mais conhecida como Harley Hall - o acusado herdou o título da propriedade. Não questionamos seus direitos a ela. Mas meu cliente tem direito de igualdade em Harley Hall; direito à existência plena e livre, o acusado expulsou meu cliente à força, por meios que causaram grande aborrecimento a ele, pondo, mesmo, em perigo sua própria existência, Gimbel concordou com a cabeça. Se ao menos este caso tivesse algum precedente... Mas não tinha; lembrou-se com mau-humor das horas que havia passado folheando todos os tipos de livros de direito, à procura de alguma coisa que pudesse abranger o caso. Segundo ele, o melhor que poderia ser feito seria tirar imediatamente o caso do tribunal - um juiz não podia permitir que fosse alvo de risadas, pelo menos se fosse ambicioso. E o riso do público era praticamente a única certeza que havia neste caso. Mas Wilson começara uma luta tão intensa que prevalecera o temperamento do juiz. De qualquer forma, ele nunca realmente gostara de Wilson.

- Pode apresentar suas testemunhas - disse.

Turnbull concordou. Disse ao meirinho: - Chame Henry Jenkins ao banco das testemunhas.

Antes de o meirinho abrir a boca, Wilson já estava em pé.

- Protesto! - berrou. - O chamado Henry Jenkins não pode se qualificar como testemunha.

- Por que não? - perguntou Turnbull.

- Porque ele está morto!

O juiz agarrou seu martelo com uma das mãos e a testa com a outra. Bateu-o na mesa para acalmar a sala.

Turnbull continuava lá, sorrindo. - Naturalmente - disse - o senhor tem provas do que disse.

Wilson rosnou. - É claro. - Consultou suas anotações. - O chamado Henry Jenkins é o fantasma, espírito ou espectro de um Hank Jenkins, que esteve à procura de ouro neste território há um século atrás. Foi morto por uma bala que lhe atravessou a garganta, disparada pela arma de um Longtom Cooper, e foi declarado legalmente morto no dia 14 de setembro de 1850.

Cooper foi enforcado pelo seu crime. Seja qual for o truque que possa usar como evidenciado contrário, este atestado de morte legal permanece completamente válido.

- Quais as provas que o senhor tem sobre a identidade de meu cliente 308 com este Hank Jenkins? - perguntou Turnbull rigidamente. - O senhor a nega?

Turnbull deu de ombros. - Eu não nego nada. Não estou sendo interrogado. Além disso, o único pré-requisito de uma testemunha é que ela conheça o valor de um juramento.

Henry Jenkins foi examinado por John Quincy Fitzjames, professor de psicologia da Universidade da Califórnia do Sul. Os resultados - tenho aqui uma declaração juramentada do Dr. Fitzjames sobre eles, que apresentarei como uma prova - mostram claramente que o quociente de inteligência de meu cliente é bem acima do normal e que um exame psiquiátrico não revela nenhuma anomalia importante que possa prejudicar sua validade como testemunha. Insisto que meu cliente possa testemunhar a seu próprio favor.

- Mas ele está morto! - gritou Wilson. - Ele está invisível neste momento!

- Meu cliente - disse Turnbull rigidamente - não está presente no momento. Sem dúvida alguma, isto é responsável pelo que o senhor chamou de invisibilidade. – Fez uma pausa devido aos comentários que se espalharam pelo tribunal. As coisas estão correndo otimamente, pensou, sorrindo.

- Tenho aqui outra declaração - disse. - Está assinada por Elihu James e Terence MacRae que chefiam, respectivamente, os departamentos de física e biologia na mesma universidade. Diz que meu cliente demonstra todos os fenômenos vitais de vida. Estou preparado para chamar ao banco estas minhas três testemunhas especializadas, caso for necessário.

Wilson fez uma carranca mas não disse nada. O juiz Gimbel inclinou-se para frente, - Não vejo como possa recusar ao queixoso o direito de testemunhar - disse. - Se os três especialistas que prepararam estes relatórios testemunharem a respeito dos fatos ali contidos, então Henry Jenkins poderá ir ao banco.

Wilson sentou-se, largando o corpo. Os três especialistas falaram rápida e secamente. Wilson lhes fez apenas as perguntas mais formais.

O juiz declarou um rápido recesso. No corredor externo, Wilson e seu cliente acenderam cigarros, olhando-se com antipatia.

- Eu me sinto como um idiota - disse Russel Harley. -Participando de um processo contra um fantasma.

- Foi o fantasma que abriu o processo - Wilson o fez se lembrar. Se ao menos a gente tivesse conseguido segurar a coisa por mais umas duas semanas, até a volta do outro juiz, poderíamos impedir que o caso fosse a julgamento.

- Mas, então, por que não esperamos?

- Porque você estava com uma maldita pressa! - disse Wilson. Você e aquele idiota do Nicholls... Tão confiante que nem viria ao julgamento.

Harley deu de ombros e pensou, com tristeza, no seu fracasso em exorcizar completamente o fantasma de Hank Jenkins. Havia sido uma bagunça. Jenkins havia escapado de alguma forma do círculo encantado que os dois haviam desenhado ao redor dele, dentro do qual esperavam mantê-lo até que o julgamento fosse cancelado por não-comparecimento.

- Isto é uma outra coisa - disse Wilson. - Onde está Nicholls? Harley tornou a dar de ombros. - Sei lá. A última vez que o vi foi em seu escritório. Ele veio me procurar logo

após o oficial de justiça ter me apresentado uma intimação lá na casa. Trouxe-me até você - disse que o haviam recomendado a ele. Daí, você, ele e eu conversamos sobre o caso durante algum tempo. Ele saiu, após ter-me emprestado um dinheirinho para ajudar no seu sinal. Desde então, nunca mais o vi.

- Gostaria de saber quem me recomendou a ele - disse Wilson, mal-humorado. - Acho que ele nunca recomendou ninguém. Não estou gostando muito deste caso... E não estou gostando muito de você. Harley resmungou mas não disse nada. Jogou fora seu cigarro. Estava com o gosto daquele lixo pendurado em seu pescoço - tudo tinha aquele gosto. Nicholls não havia mentido quando disse que Harley não iria gostar muito daquele maço de ervas que espantaria o fantasma do velho Jenkins, Realmente, fediam.

O meirinho do tribunal estava no corredor gritando alguma coisa e as pessoas, pouco a pouco, começavam a entrar. Harley e seu advogado entraram, também.

Quando o julgamento havia recomeçado, o meirinho disse: - Henry Jenkins! Wilson ficou imediatamente em pé. Abriu a porta da câmara do juiz e disse algo em voz baixa. Então, deu um passo para trás, como que para abrir espaço para alguém passar.

SCHCH. SCHCH...

Houve um grito contido geral quando o fio de sangue sobrenatural começou a se mover lentamente pelo ar até o banco das testemunhas. Este era o fantasma - o queixoso do caso mais absurdo de toda a história da jurisprudência.

- Muito bem, Hank - cochichou Turnbull - Você terá que se materializar o suficiente para que possa fazer o juramento.

O meirinho afastou-se, nervoso, da coluna de fumaça leitosa que apareceu diante dele, com um formato vagamente humano. Uma mão fantasmagórica, meio transparente, estendeu-se para tocar a Bíblia. A voz do meirinho tremia enquanto ele pronunciava o juramento, para depois ouvir a resposta vinda do coração da coluna enevoada.

A névoa vagueou até o banco das testemunhas, dobrou-se de modo curioso - aproximadamente na altura do quadril - e se desfez com um estouro.

O juiz bateu seu martelo com força. O zum-zum de alarme que havia surgido entre os espectadores desapareceu.

- Vou avisá-los novamente - declarou - que indisciplina não será tolerada. O advogado do queixoso pode prosseguir.

Turnbull andou até o banco das testemunhas e dirigiu-se ao vazio.

- Seu nome?

- Sua ocupação?

Houve uma ligeira pausa. - Não tenho nenhuma. Acho que vocês diriam que sou aposentado.

- Sr. Jenkins, qual é exatamente a relação que o senhor tem com a construção conhecida como Harley Hall?

- Venho ocupando-a a noventa anos.

- Durante este tempo, o senhor chegou a conhecer o finado Zebulon Harley, proprietário do Hall?

- Conheci Zeb muito bem.

Turnbull concordou com a cabeça. - Quando o senhor o conheceu? - perguntou.

- Na primavera de 1907. Zeb acabara de perder sua esposa. Sabe, depois disso, ele fez de Harley Hall sua casa de todos os momentos de sua vida. Tornou-se... bem, mais ou menos um eremita. Antes disso, nunca havíamos nos encontrado, visto que ele raramente estava no Hall. Mas naquela época, tornamo-nos amigos.

- Quanto tempo durou esta amizade?

- Até ele morrer, no outono passado. Eu estava com ele quando morreu. Ainda tenho algumas lembranças que, então, ele me deixou. - Ouviu-se nitidamente um suspiro nostálgico vindo do banco das testemunhas que, então, foi literalmente borrifada com um líquido lamacento vermelho. As gotas que caíam pareciam hesitar por um momento e seu barulho de chiado estava mudo, como que tomado de profunda emoção.

Turnbull continuou: - Na época, suas relações com ele eram boas?

- Eu diria excelentes - respondeu firmemente o vazio. - Todas as noites, sentávamos juntos. Quando não jogávamos cartas ou xadrez, ficávamos lá sentados, conversando sobre as notícias do dia. Ainda tenho o livro onde costumávamos marcar os resultados do xadrez e das cartas. O próprio Zeb fazia as marcações, com sua própria letra.

Turnbull abandonou a testemunha por um momento. Encarou o juiz com um sorriso. - Ofereço como prova - disse - o livro mencionado. Também, um anel dado ao queixoso pelo finado Sr. Harley e uma cópia das peças de Gilbert e Sullivan. Na guarda deste livro está escrito pelo próprio Harley “Ao velho Hank”.

Voltou-se novamente para o banco das testemunhas vazio e pingando sangue.

Disse: - Em todos os seus anos de associação, Zebulon Harley alguma vez lhe pediu para deixar a casa ou pagar um aluguel?

- Claro que não. Zeb não!

Turnbull concordou com a cabeça. - Muito bem - disse. - Agora, só mais uma ou duas perguntas. O senhor poderia contar com suas próprias palavras o que aconteceu, após a morte de Zebulon Harley, que o fez abrir este processo?

- Bem, em janeiro, o jovem Harley...

- O senhor quer dizer Russel Joseph Harley, o acusado?

- Sim. Ele chegou em Harley Hall no dia cinco de janeiro. Eu lhe pedi que saísse e foi o que aconteceu. No dia seguinte, ele voltou com outro homem. Colocaram um talismã na soleira da porta de entrada e, logo depois, selaram todas as soleiras e janelas do Hall com uma substância nociva para mim. Estas atividades foram acompanhadas pelos feitiços mais fatais da Ars Magicorum. Depois, ele adicionou um Círculo de Exclusão com um raio de pouco mais que uma milha, circundando todo o Hall. - Entendo - disse o advogado. - O senhor poderia explicar à corte 311 os efeitos destas atividades?

- Bem - disse a voz pensativamente - é um pouco difícil pôr em palavras. Não posso passar o Círculo sem despender uma grande quantidade de energia. Mesmo se conseguisse, não poderia entrar na casa devido ao talismã e aos selos.

- O senhor poderia entrar pelo ar? Através de uma chaminé, talvez?

- Não. O Círculo de Exclusão é realmente uma esfera. Tenho absoluta certeza de que este esforço me destruiria.

- Com efeito, então, o senhor está inteiramente impedido de entrar na casa que ocupou por noventa anos, devido aos atos propositais de Russel Joseph Harley, o acusado, e de um cúmplice seu, anônimo.

- Correto.

Turnbull sorriu. - Obrigado. É só.

Voltou-se para Wilson, cujo rosto estivera concentrado melancolicamente durante todo o interrogatório. - A testemunha é sua - disse.

Wilson levantou-se imediatamente e dirigiu-se a passos largos ao banco das testemunhas.

Beligerantemente, disse: - O senhor diz que seu nome é Henry Jenkins?

-Sim.

- Este é seu nome agora, o senhor quer dizer. Qual era o seu nome antes?

- Antes? - Havia surpresa na voz que emanava da parte de cima das gotas de sangue. - Antes do quê?

Wilson fez uma carranca. - Não se faça de ignorante - disse asperamente. - Antes de o senhor morrer, é claro.

- Protesto! - Turnbull estava em pé, fuzilando Wilson com o olhar.

- O advogado da defesa não tem o direito de falar sobre uma morte hipotética de meu cliente!

Gimbel, num gesto cansado, ergueu uma das mãos e cortou as palavras que se formavam nos lábios de Wilson. - Concedido - disse. - Não foi apresentada nenhuma prova que identifique o queixoso com o explorador morto em 1850... Ou com qualquer outra pessoa.

A boca de Wilson se contorceu numa careta azeda. Continuou num tom mais baixo.

- O senhor diz, Sr. Jenkins, que ocupou Harley Hall durante noventa anos.

- Noventa e dois no mês que vem. O Hall só foi construído - pelo menos, em sua forma atual - em 1876, mas ocupei a casa que havia lá anteriormente.

- O que o senhor fez antes disso?

- Antes disso? - A voz fez uma pausa e depois disse, em dúvida: Não me lembro.

- O senhor está sob juramento! - disse Wilson, furioso.

A voz tornou-se mais firme. - Noventa anos é muito tempo - disse.

- Não me lembro.

- Vamos ver se consigo refrescar sua memória. É verdade que há noventa anos atrás, no próprio ano em que o senhor diz ter começado a ocupar Harley Hall, Hank Jenkins foi morto num duelo de revólver?

- Pode ser verdade, se o senhor está dizendo. Eu não me lembro.

- O senhor se lembra de que o tiroteio ocorreu a não mais de cinqüenta pés do local de Harley Hall?

- Pode ser.

- Bem, então - gritou Wilson - não é verdade que quando Hank Jenkins morreu violentamente seu espírito assumiu existência? Que foi condenado a assombrar o local do crime por toda a eternidade?

A voz disse neutramente: - Não tenho conhecimento disso.

- O senhor nega que se sabe muito bem nesta região que o fantasma de Hank Jenkins assombra Harley Hall?

- Protesto! - gritou Turnbull. - Opinião popular não é uma prova.

- Concedido. Retire a pergunta dos autos.

Wilson, aflito, perdeu o controle. Numa voz perigosamente desigual, disse: - Perjúrio é uma ofensa criminal. Sr. Jenkins, o senhor nega ser o fantasma de Hank Jenkins?

O tom foi de surpresa. - Ora, é claro que sim.

- O senhor é um fantasma, não é?

Rispidamente: - Eu sou uma entidade no plano astral.

- Acredito que isto é o que se chama de um fantasma, não?

- Eu não tenho culpa de como é chamado. Eu ouvi o senhor dizer um monte de nomes. Isto seria uma prova?

Houve uma onda de riso na audiência. Gimbel bateu o martelo no banco.

- A testemunha - disse - irá restringir-se a responder às perguntas. Wilson berrou: - Apesar do que o senhor diz, é verdade, não é? Que o senhor é apenas um espírito de um ser humano que morreu de forma violenta?

A voz vinda das gotas de sangue retorquiu: - Repito que sou uma entidade do mundo astral. Não sei dizer se já fui um ser humano, um dia.

O advogado virou-se para o banco, desesperado.

- Meritíssimo - disse - peço-lhe que instrua a testemunha no sentido de que cesse este jogo de palavras. Está bastante evidente que a testemunha é um fantasma e que é, portanto, o remanescente de algum ser humano, ipso facto. Há forte evidência de que ele é o fantasma de Hank Jenkins que foi morto em 1850. Mas este ponto não é essencial. O que está definido é que ele é o fantasma de alguém que está morto e, portanto, está desqualificado para agir como testemunha! Exijo que seu testemunho seja retirado dos autos.

Turnbull imediatamente começou a falar. - O advogado da defesa apelará para sua autoridade para rotular meu cliente de fantasma - diante de sua declaração repetida de que ele é uma entidade do plano astral? Qual é a definição legal de um fantasma?

O juiz Gimbel sorriu. - O advogado da defesa pode prosseguir com o interrogatório - disse.

O rosto de Wilson ficou roxo. Limpou a testa com um lenço e lançou um olhar penetrante ao fio de sangue que pingava e chiava.

- Seja lá o que o senhor for - disse - responda-me esta pergunta. O senhor pode atravessar uma parede?- Ora, posso. Claro. - Notou-se um tom definido de surpresa na voz vinda do nada. - Mas não é tão fácil como alguns pensam. Realmente, é preciso muito esforço. - Não se preocupe com isto. O senhor pode atravessar? -Sim.

- O senhor poderia ser preso por algum meio físico? Será que algemas poderiam prendê-lo? Ou cordas, correntes, paredes de prisão ou uma câmara de aço hermeticamente selada?

Jenkins não pôde responder. Turnbull, pressentindo perigo, interrompeu o interrogatório na mesma hora. - Protesto contra esta linha de perguntas. É completamente irrelevante.

- Pelo contrário - gritou Wilson bem alto - refere-se totalmente às qualificações do chamado Henry Jenkins como testemunha! Peço que ele responda à pergunta.

O juiz Gimbel disse: - Protesto rejeitado. A testemunha responderá a pergunta.

A voz vinda da cadeira respondeu altivamente: - Não me importo de responder. De modo geral, as barreiras físicas não querem dizer nada para mim.

O advogado da defesa empertigou-se triunfantemente.

- Muito bem - disse, satisfeito. -Muito bem. - Então dirigindo-se ao juiz, com as palavras vindo dura e rapidamente: - Afirmo, meritíssimo, que o chamado Henry Jenkins não se qualifica legalmente como testemunha num tribunal. Está claro que não há valor em se compreender a natureza de um juramento se uma violação deste não pode causar nenhuma espécie de punição. As afirmações de um homem que pode cometer perjúrio impunemente não têm valor. Peço que sejam retiradas dos autos.

Turnbull alcançou o banco do juiz em dois passos.

- Eu já havia antecipado este ponto, meritíssimo - disse rapidamente. - Entretanto, pela própria natureza do caso, está claro que meu cliente pode ser definitivamente restringido em seus movimentos - magias, pentagramas, talismãs, amuletos, Círculos de Exclusão e sabe Deus o que mais. Tenho aqui uma lista - que estou preparado para entregar ao bailio da corte - dos vários métodos para se confinar uma entidade astral numa área restrita, por períodos que variam desde alguns momentos até toda a eternidade. Além disso, assinei um acordo de cinco mil dólares, antes do começo do julgamento, o qual estou pronto para pagar caso o meu cliente seja preso e escape, se for considerado culpado de alguma infração como testemunha.

O rosto de Gimbel, que por um momento mostrava-se espantado, foi se acalmando lentamente. Concordou com a cabeça. - O tribunal está satisfeito com a afirmação do advogado do queixoso - declarou. - Parece não haver dúvidas de que o queixoso pode ser punido por qualquer infração, e a moção da defesa está recusada.

Wilson tinha o semblante encolerizado, mas deu de ombros. - Está certo - disse. - É só.

- O senhor pode descer, Sr. Jenkins - disse Gimbel, e olhou fascinado para a coluna de gotas de sangue que se levantou e boiou pelo chão no corredor, até sair da sala.

Turnbull tomou a se aproximar do banco do juiz. Disse: - Gostaria de colocar em evidência estas notas, o diário do finado Zebulon Harley.

Foi mostrado ao meu cliente pelo próprio Harley, no outono passado. Chamo a atenção especialmente para as anotações do dia seis de abril de mil novecentos e dezessete, nas quais menciona a entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial e marca os resultados de uma série de onze jogos de cartas que jogou com o personagem identificado como “Velho Hank”. Com a permissão da corte, vou ler as anotações daquele dia, e também várias outras anotações dos quatro anos seguintes. Por favor, reparem nas referências a alguém conhecido de várias formas como “Jenkins”, “Hank Jenkins” e - numa passagem extremamente significativa - “Velho Invisível”.

Wilson afligiu-se silenciosamente durante a leitura compassada do diário de Harley. Havia raiva em seu rosto, mas ele prestou muita atenção e, quando a leitura foi terminada, levantou-se com um salto.

- Eu gostaria de saber - perguntou - se o advogado do queixoso está de posse de qualquer diário após mil novecentos e vinte.

Turnbull balançou a cabeça. - Aparentemente, Harley nunca manteve um diário, com exceção dos quatro anos representados neste aqui.

- Então, peço que a corte se recuse a admitir este diário como prova por dois motivos - disse Wilson. Levantou dois dedos para mencionar os pontos. - Em primeiro lugar, a prova apresentada é frívola. As poucas referências vagas e insatisfatórias a Jenkins nunca o descrevem especificamente o que ele é - um fantasma, uma entidade astral ou o que quiserem. Em segundo lugar, a prova, mesmo que se esqueça o primeiro ponto, refere-se apenas aos anos até mil novecentos e vinte e um. O caso refere-se à suposta ocupação de Harley Hall pelo chamado Jenkins nos últimos vinte anos - a partir de vinte e um. Portanto, a prova é evidentemente irrelevante.

Gimbel olhou para Turnbull, que sorria calmamente.

- A referência ao "Velho Invisível" não tem nada de vaga - disse.

- É uma indicação precisa do caráter astral de meu cliente. Além disso, uma prova sobre a amizade de meu cliente com o finado Sr. Zebulon Harley antes de mil novecentos e vinte e um é completamente relevante, visto que tal amizade, uma vez estabelecida, deveria muito provavelmente continuar por um tempo indefinido. A menos, é claro, que a defesa seja capaz de apresentar uma prova do contrário.

Disse o juiz Gimbel: - O diário está aceito como prova.

Turnbull disse: - Encerro meu caso, por hora.

Houve um zum-zum na audiência enquanto o juiz examinava o diário e o entregava ao meirinho para ser marcado e registrado.

Wilson levantou-se. Disse ao meirinho: - Russel Joseph Harley.

Mas o jovem Harley estava recalcitrante. - Não - disse em pé, apontando para o banco das testemunhas. - Aquela coisa está coberta de sangue! O senhor não espera que eu me sente naquela poça de sangue, não é?

O juiz Gimbel inclinou-se para olhar a cadeira. Os pingos de sangue da aparição que havia testemunhado haviam deixado sua marca. Marrom lamacento em toda a frente da cadeira. Gimbel se pôs a pensar como é que o fantasma reabastecia seu suprimento de fluido, mas desistiu.

- Entendo seu ponto - disse. - Bem, de qualquer forma, está ficando um pouco tarde. Esta cadeira será retirada e substituída. Nesse ínterim, declaro suspensa a sessão até amanhã de manhã, às dez horas.

Russel Harley, sentiu a repulsa e desaprovação do ascensorista, e franziu a testa. Ele não era um hóspede popular no hotel, e sabia disso. Seu erro, entretanto, estava em pensar que o maço nocivo de ervas em seu pescoço era a causa de tudo. Sua personalidade odiosa tinha muito a ver com a atitude fria da gerência e dos outros hóspedes.

Dirigiu-se ao bar, ignorando as cabeças que se voltavam surpresas para seguirem o rastro malcheiroso de sua passagem. Entrou no salão de drinks, em couro vermelho e cromo, e lançou um olhar à procura do advogado Wilson.

E piscou os olhos quando o viu. Wilson não estava sozinho. Na mesa, com ele, estava uma figura escura e alta, dando as costas a Harley. Só as costas bastavam para reconhecê-lo. Nicholls!

Wilson o vira. - Olá, Harley - disse, todo sorrisos e afabilidade na presença do homem com o dinheiro. - Chegue aqui e sente-se. O senhor Nicholls me encontrou agora há pouco, e eu o trouxe para cá.

- Olá - disse Harley sombriamente, e Nicholls balançou a cabeça. Os músculos de suas faces pulsavam, e ele parecia estar sob tensão, estranhamente apreensivo na presença de Harley. Todavia, havia um brilho no olhar que lançou ao jovem Harley, e sua voz foi suficientemente amigável - embora altiva - quando disse:

- Olá, Harley. Como está indo o julgamento?

- Pergunte a ele - disse Harley, apontando um dedo para Wilson, enquanto deslizava os joelhos sob a mesa para sentar-se. - Ele é o advogado. Ele é quem deve saber estas coisas.

- Ele não sabe.

Harley deu de ombros e esticou o pescoço para chamar a garçonete.

- Oh, acho que sim... Uísque e água! - Deu um olhar aprovador à garota enquanto esta confirmava o pedido com a cabeça e saía em direção ao bar, e depois tornou a voltar sua atenção a Nicholls. - O problema é que disse - Wilson pode pensar que sabe, mas acho que ele está enganado.

Wilson fechou a cara. - Você está querendo dizer... - começou, mas Nicholls ergueu uma das mãos.

- Não vamos brigar - disse Nicholls. - Que tal você responder à minha pergunta? Eu tenho uma participação nisso e quero saber. Como está indo o julgamento?

Wilson adquiriu a expressão mais franca que conhecia. - Francamente - disse - não muito bem. Receio que o juiz esteja do outro lado. Se você tivesse me ouvido e tivesse procurado ganhar tempo até o outro voltar...

- Eu não tinha tempo para esperar - disse Nicholls. - Tenho que ir a outro lugar daqui a alguns dias. Já devia estar a caminho agora mesmo. Você acha que poderíamos perder o caso?

Harley deu uma risada ríspida. Quando Wilson o olhou, pegou a bebida da bandeja da garçonete e bebeu-a. O sorriso permaneceu em seu rosto quando ouviu Wilson dizer suavemente:

- Há uma boa dose de perigo, sim.

- Hum. - Nicholls se pôs a examinar suas unhas. - Talvez eu tenha escolhido o advogado errado.

- Claro que sim. - Harley fez um sinal para a garçonete e pediu outra bebida. - Quer saber mais o que eu acho? Acho que você pegou o cliente errado, que fez papel de palhaço. Estou enjoando disso. Essa droga no meu pescoço tem um cheiro horroroso. E também, como é que eu vou saber se adianta alguma coisa? Pelo que estou vendo, só serve para cheirar mal, e só.

- Funciona - disse Nicholls sucintamente. - Eu não o aconselharia a andar sem isto. O finado Hank Jenkins não é um fantasma muito forte, se fosse teria estraçalhado você e mastigado suas ervas como sobremesa mas sem a proteção disso que você usa no pescoço, iria se tornar um humano muito inquieto assim que Jenkins descobrisse o fato.

Colocou na mesa o copo com vinho tinto que estivera cheirando sem beber, e olhou para Wilson atentamente. - Eu pus dinheiro nisso disse - eu esperava que você fosse capaz de orientara parte legal. Estou vendo que vou ter de fazer mais ainda. Agora, ouça-me com atenção, porque não pretendo repetir. Há um ângulo neste caso que passou pela sua perspicácia legal embotada. Jenkins diz ser uma entidade astral, o que, sem dúvida alguma, ele é. Agora, em lugar de tentar provar que ele é um fantasma,

legalmente morto, e portanto desqualificado como testemunha, coisa que você tem feito, que tal se você fizesse isso...

Continuou a falar rápida e objetivamente.

E quando os deixou um pouco mais tarde, Wilson levando Harley até seu quarto e jogando-o na cama, o advogado sentiu-se feliz pela primeira vez em muitos dias.

Russel Joseph Harley, com um pouco de ressaca e muito nervoso, foi chamado ao banco como a primeira testemunha em seu próprio favor. Wilson disse: - Seu nome?

- Russel Joseph Harley.

- O senhor é sobrinho do finado Zebulon Harley, que lhe legou a residência conhecida como Harley Hall?

-Sim.

Wilson voltou-se para o juiz. - Ofereço esta cópia do testamento do finado Sr. Zebulon Harley como prova. Todos os seus bens foram deixados ao seu sobrinho e único parente vivo, o acusado.

Turnbull falou de sua mesa. - O queixoso não disputa de modo algum o direito do acusado sobre Harley Hall.

Wilson continuou: - O senhor não passou parte de sua infância em Harley Hall e visitou o lugar depois de adulto algumas vezes?

-Sim.

- Alguma vez, alguma coisa com formato de fantasma, espectro ou entidade astral manifestou-se em sua presença em Harley Hall?

- Não, eu me lembraria se houvesse.

- Alguma vez seu finado tio mencionou tal manifestação a você?

- Ele? Não.

- É só.

Turnbull aproximou-se para o interrogatório.

- Sr. Harley, quando é que viu seu tio pela última vez antes de sua morte?

- Foi em mil novecentos e trinta e oito. Em setembro - por volta do dia dez ou onze do mês.

- Quanto tempo o senhor passou com ele?

Harley corou inexplicavelmente. - Ah... Só um dia - disse.

- Antes disso, quando o senhor o viu?

- Bem, só quando eu era bem jovem. Meus pais se mudaram para a Pensilvânia em mil novecentos e vinte.

- E desde então - exceto a sua visita de um dia em mil novecentos e trinta e oito - houve algum tipo de comunicação entre seu tio e o senhor?

- Não, creio que não. Ele era um cara estranho - solitário. Um pouco avariado, acho.

- Bem, o senhor era um sobrinho carinhoso. Mas em vista do que acabou de dizer, parece estranho o fato de seu tio nunca lhe ter falado sobre o Sr. Jenkins? Ele nunca teve muita oportunidade para isso, teve?

- Teve uma chance em mil novecentos e trinta e oito, mas não a aproveitou - disse Harley desafiadoramente.

Turnbull deu de ombros. - Terminei - disse.

Gimbel começou a parecer entediado. Havia previsto algo mais feérico. Disse: - A defesa tem mais alguma testemunha?

Wilson sorriu implacavelmente. - Sim, meritíssimo - disse. Este era seu grande momento, e tornou a sorrir quando disse suavemente: - Gostaria de chamar ao banco das testemunhas o Sr. Henry Jenkins.

No silêncio de espanto que se seguiu, o juiz Gimbel inclinou-se para frente. - O senhor quer dizer que deseja chamar o queixoso para testemunhar pela defesa?

Serenamente: - Sim, meritíssimo.

Gimbel fez uma careta. - Chame Henry Jenkins - disse de modo cansado ao meirinho e afundou de volta à sua cadeira.

Turnbull parecia alarmado. Mordeu os lábios, tentando decidir se protestava contra este surpreendente procedimento, mas, finalmente, deu de ombros quando o meirinho gritou o nome do fantasma.

Turnbull correu pelo corredor e saiu. Sua voz foi ouvida na ante-sala, e depois voltou mais devagar. Atrás dele vinha o fio de gotas de sangue: SCHCH. SCHCH...

- Um momento - disse Gimbel, retomando vida. - Não tenho nenhuma objeção contra seu testemunho, Sr. Jenkins, mas o Estado não precisa se sujeitar à despesa desnecessária de reestofar a cadeira das testemunhas, toda vez em que o senhor é chamado. Bailio, traga qualquer tipo de tapete ou qualquer coisa para se jogar em cima da cadeira, antes de o Sr. Jenkins fazer o juramento.

Uma lona foi providenciada às pressas e ajustada à cadeira; Jenkins materializou-se o suficiente para fazer o juramento, e sentou-se.

- Diga-me, Sr. Jenkins - disse - quantas "entidades astrais" - creio que é assim que o senhor se chama - existem?

- Não tenho como saber. Muitos bilhões.

- Em outras palavras, tanto quanto o número de seres humanos mortos violentamente?

Turnbull levantou-se, repentinamente agitado, mas o fantasma simplesmente não caiu na armadilha. - Não sei. Só sei que existem bilhões.

O sorriso de satisfação do advogado permaneceu claro. - E todos estes bilhões estão constantemente entre nós, em todo lugar, apenas permanecendo invisíveis. É isso?

- Oh, não. Muito poucos ficam na Terra. E entre estes, um número menor ainda tem algo a ver com os humanos. A maioria dos humanos é cacete para nós.

- Bem, quantos o senhor diria que estão na Terra? Cem mil?

- Talvez até mais. Mas isso é puro chute.

Turnbull interrompeu de repente. - Eu gostaria de saber o significado destas perguntas. Protesto contra este tipo de perguntas, o qual considero irrelevante.

Wilson era um modelo de dignidade legal. Retorquiu: - Estou tentando elucidar alguns fatos de grande valor, meritíssimo. Isto pode mudar toda a característica do caso. Peço a sua paciência por um ou dois minutos.

- O advogado da defesa pode prosseguir - disse Gimbel concisamente.

Wilson mostrou seus caninos num sorriso largo. Continuou com as gotas de sangue diante dele. - Bem, o ponto de vista de seu advogado é que o finado Sr. Harley permitiu que uma "entidade astral" ocupasse sua casa durante vinte anos ou mais, com seu pleno conhecimento e consentimento. Isto me parece completamente improvável, mas vamos, por enquanto, pensar ser este o caso.

- Certamente! É a verdade.

- Então, diga-me, Sr. Jenkins, o senhor tem dedos?

- Tenho - o quê?

- O senhor me ouviu! Disse Wilson bruscamente. - O senhor tem dedos, dedos de carne e osso, capazes de deixar uma impressão?

- Ora, não. Eu...

Wilson prosseguiu rapidamente. - Ou, será que tem uma foto sua ou amostras de sua caligrafia - ou qualquer tipo de identificação material? Tem alguma dessas coisas?

A voz foi claramente lamuriosa. - O que o senhor quer dizer?

A voz de Wilson tornou-se dura e ameaçadora. - Quero dizer, pode provar que o senhor é a entidade astral tida como a ocupante da casa de Zebulon Harley? É o senhor... Ou é alguma outra criatura desconhecida, despersonalizada, sem rosto e intocável - uma das centenas de milhares que, segundo o senhor perambulam por onde bem entendem, sem poderem ser trancadas de modo algum? Pode provar que o senhor é alguém em particular?

- Meretíssimo! - A voz de Turnbull era quase um grito quando finalmente conseguiu ficar em pé. - A identidade de meu cliente nunca foi questionada!

- Está sendo agora! - rugiu Wilson. - O advogado do queixoso apresentou um personagem que denomina de “Henry Jenkins”. Quem é este Jenkins? O que ele é? Seria mesmo um indivíduo - ou uma agregação destas misteriosas “entidades astrais” que supomos estarem em todo lugar, mas que nunca vemos? Se ele é um indivíduo, seria o indivíduo? E como podemos saber, mesmo ele dizendo que é? Vamos ver se ele apresenta provas - fotografias, uma certidão de nascimento, impressões digitais. Vamos ver se ele traz testemunhas de identificação que conheceram ambos os fantasmas e que estão preparadas para jurarem que estes fantasmas são o mesmo fantasma. Caso contrário, não há nenhum caso! Meritíssimo, peço que a corte pronuncie um veredito imediato a favor do acusado!

O juiz Gimbel fixou seu olhar em Turnbull. - O senhor tem algo a dizer? - perguntou. - O argumento da defesa parece bastante convincente. A menos que o senhor possa apresentar algum tipo de prova sobre a identidade de seu cliente. Não tenho outra alternativa a não ser ficar a favor da defesa.

Por um momento, só houve um silêncio. Wilson, triunfante; Turnbull, furiosamente frustrado.

Como seria possível identificar um fantasma?

E então, ouviu-se a voz divertida vinda do banco das testemunhas.

- Esse negócio já foi muito longe - disse acima do chiado e do respingo de seu próprio sangue. - Creio que posso apresentar uma prova que satisfará a corte.

O rosto de Wilson caiu com a rapidez de um elevador expresso. Turnbull segurou a respiração, com medo de ter esperança.

O juiz Gimbel disse: - O senhor está sob juramento. Prossiga.

Não havia outro som na sala quando a voz disse: - O Sr. Harley, aqui, falou de uma visita a seu tio em mil novecentos e trinta e oito. Sou testemunha disto. Passaram uma noite e um dia juntos. Não estavam sozinhos. Eu estava lá.

Ninguém estava olhando para Russel Harley; caso contrário, provavelmente teriam visto a palidez repentina que passou por seu rosto.

A voz agitada continuou. - Talvez eu não devesse ter me intrometido como me intrometi, mas de qualquer forma, o velho Zeb não me escondia nenhum segredo. Eu ouvi o que eles conversaram. O jovem Harley estava trabalhando num banco em Filadélfia, naquela época. Seu primeiro grande emprego. Ele precisava de dinheiro, e precisava muito. Havia um déficit em seu departamento. Uma mulher chamada Sally...

- Pare! - gritou Wilson. - Isto não tem nada a ver com a sua identificação. Não fuja do assunto!

Mas Turnbull começara a compreender. Ele também estava gritando, quase que excitado demais para ser coerente. - Meritíssimo, meu cliente tem que ter permissão para falar. Se ele tem o conhecimento de uma conversa íntima entre o finado Sr. Harley e o acusado, isto seria uma prova de que gozava da confiança do finado Sr. Harley e, portanto, de que ele é a entidade astral que morou em Harley Hall por tanto tempo!

Gimbel concordou com a cabeça, decididamente. - Lembro ao advogado da defesa de que esta é sua própria testemunha. Sr. Jenkins, continue.

A voz recomeçou: - Como eu estava dizendo, o nome da mulher...

- Cale a boca, desgraçado! - Harley gritou. Levantou-se de um salto e voltou-se suplicante para o juiz. - Ele está torcendo o assunto. Faça ele parar! Claro que eu sabia

que meu tio tinha um fantasma. Ele é o próprio, dúvida, este desgraçado. Se ele quiser, pode ficar com a casa... Eu dou o fora. Dou o fora de todo este estado maldito!

Sua loquacidade terminou e ele virou-se descontroladamente. Somente a intervenção de um oficial de justiça é que o impediu de atirar-se para fora da sala.

O bater do martelo e o trabalho duro do meirinho e de seu pessoal conseguiram restaurar a ordem na sala do tribunal. Quando tudo havia quase voltado à normalidade, o juiz Gimbel, transpirando e aborrecido, disse: - No que se refere a mim, a identificação da testemunha está completa. A defesa tem mais alguma prova para apresentar?

Wilson, rabugento, deu de ombros. - Não, meritíssimo.

- Advogado do queixoso?

- Nada, meritíssimo. Encerro o meu caso.

Gimbel passou a mão pelo seu cabelo ralo e piscou. - Neste caso disse - sou a favor do queixoso. Será movida uma ordem para que o acusado Russel Joseph Harley, retire do terreno de Harley Hall todos os feitiços pentagramas, talismãs e outros meios de exorcismo empregados; para que cesse e desista de qualquer tentativa, qualquer que seja a sua natureza, para expulsar o inquilino no futuro; e para que Henry Jenkins, o queixoso, tenha a permissão de ocupar e usar plenamente o território designado como Harley Hall, até o término de sua... Ah... Existência natural.

O martelo foi batido. - O caso está encerrado.

- Não leve isto tão a sério - disse uma voz calma atrás de Russel Harley. Voltou-se bruscamente. Nicholls estava subindo a rua atrás dele desde o tribunal, juntamente com Wilson.

Nicholls disse: - Você perdeu o caso, mas ainda está vivo. Deixe-me lhe pagar uma bebida. Aqui, talvez.

Conduziu-os a um bar e os fez se sentarem antes de terem tempo para protestar. Deu uma olhada no seu caro relógio de pulso. - Tenho alguns minutos - disse. - Depois, realmente tenho que sair. É urgente.

Chamou um barman e pediu para todos. Depois, olhou para o jovem Harley e deu um sorriso largo, enquanto punha uma nota no balcão para pagar as bebidas. - Harley - disse - eu tenho um lema que seria bom você lembrar em horas como estas. Posso dá-lo de presente a você, se quiser.

- O que é?

- “O pior ainda está por vir.”.

Harley rosnou e engoliu a bebida sem responder. Wilson disse: - O que eu não entendo é o motivo pelo qual não vieram nos falar antes do julgamento a respeito dessa história do cliente encantadoramente ilícito que você me arrumou. Nós não teríamos ido a julgamento.

Nicholls deu de ombros. - Eles tinham seus motivos - disse. - Afinal de contas, um caso de exorcismo, mais ou menos, não importa. Mas as ações judiciais abrem precedentes.

Você é um advogado de muitas qualidades, Wilson; entende o que quero dizer?

- Precedentes? - Wilson fitou-o boquiaberto por um momento; depois, arregalou os olhos.

- Já vi que você me entendeu. - Nicholls confirmou com a cabeça.

- De agora em diante, neste estado - e em virtude e por força de constitucionalidade, em todos os estados do país - um fantasma tem o direito legal de mal-assombrar uma casa!

- Meu Deus! - disse Wilson. Começou a rir baixo, mas um riso que; vinha do fundo do peito.

Harley fixou os olhos em Nicholls. - De uma vez por todas - murmurou - diga-me: qual é a sua parte em tudo isso?

Nicholls tornou a sorrir.

- Pense um pouco nisso - disse alegremente. - Você começará a entender. - Cheirou o vinho mais uma vez e colocou o copo na mesa calmamente...

E desapareceu.

***

Como já mencionei antes, nunca fui um leitor de Weird Tales, e este tipo de ficção nunca me cativou. Entretanto, em 1950, quando "Ritos Legais" foi finalmente publicado, Weird Tales aproximava-se do fim de seu trigésimo ano, e fico contente por ter escrito nela pelo menos uma vez antes de seu fim, ainda que tenha sido apenas uma meia colaboração. Foi a maior história daquela edição, aparecendo na capa.

"Ritos Legais" e "O Homenzinho no Metro" são as únicas obras de ficção que eu escrevi como colaborador e, na verdade, não gostei deste processo. Mais tarde, em minha carreira, tive a oportunidade de colaborar com quatro ou cinco livros de não-ficção e também não gostei disso, tampouco tiveram êxito as minhas colaborações. Sou essencialmente um isolado e gosto de ter inteira responsabilidade por aquilo que escrevo.

No caso de "Ritos Legais", parece-me que o começo é uma nova versão de Pohl; a cena do julgamento é predominantemente minha; o fim... Não me lembro.

Fantasia não foi o único tipo de história que continuei tentando obstinadamente, sem muito sucesso. Um outro tipo foi o ridículo de modo geral. Nunca vendi nenhum dos dois a Campbell, mas pelo menos vendi o ultimo em outro lugar.

Até mesmo enquanto eu escrevia "Ritos Legais", estava trabalhando em outra história de robô, só que humorística - ou o que eu considerava humor. Chamei-a "Fonte de Poder" e, pelo menos, fiz melhor do que perder meu tempo tentando dá-la a Campbell. Mandei-a diretamente a Thrilling Wonder e, quando rejeitaram-na, tentei a Amazing.

Amazing comprou-a no dia 8 de outubro de 1941 - minha primeira venda a esta revista, desde aqueles primeiros dias excitantes do outono de 1938. Quando apareceu nas bancas (dois dias após Pearl Harbor) na edição de fevereiro de 1942, vi que a revista havia mudado o título para "O Robô AL-76 Extravia-se".

Embora "O Robô AL-76 Extravia-se" fosse uma história de "robô positrônico", na verdade não combinava com as outras três que havia escrito até então. Quando "Eu, Robô", minha primeira coleção de histórias de "robôs positrônicos", foi formada, em 1950, não incluí "O Robô AL-76 Extravia-se" neste volume. Quando, entretanto, em 1964, "O Resto dos Robôs" foi formado, senti-me na obrigação, devido ao título, pelo menos, de incluir todas as histórias de robôs restantes até então publicadas; portanto, "O Robô AL-76 Extravia-se" foi incluída.

O dia 1 de agosto de 1941 (“O Robô AL-76 Extravia-se” ainda estava no lento processo de datilografia, porque a invasão nazista da União Soviética me distraía) foi um outro dia importante em minha carreira de escritor. Fui ver John Campbell naquele dia e, não querendo me encontrar com ele sem uma idéia, fui meditando pelo caminho até lá.

O destino de “Peregrinação” (que logo se tornaria “O Frei Negro da Chama”) ainda estava em andamento, e eu queria escrever outro conto histórico-futurista. Portanto, sugeri a Campbell que eu escrevesse um conto contra a base da lenta queda 322 Império Galáctico (algo que eu pretendia modelar com bastante franqueza sobre a queda do Império Romano).

Campbell ficou aceso. Passamos duas horas juntos e, no final, não ia mais ser conto, mas uma série indefinidamente longa de histórias a respeito da queda do primeiro Império Galáctico e da ascensão do Segundo.

Submeti a primeira história da série Fundação, a Campbell no dia 8 de setembro de 1941, a qual foi aceita no dia quinze. Foi publicada na edição de maio de 1942 da revista Astounding.

Nos oito anos seguintes escrevi mais sete histórias do que acabou por se chamar a série Fundação, e estas foram finalmente reunidas em três volumes -. Fundação, Fundação e Império e Segunda Fundação, os quais, no conjunto, foram chamados “A Trilogia Fundação”.

De toda a minha ficção científica, estes livros foram os que obtiveram maior sucesso. Primeiramente publicados em 1951, 1952 e 1953, respectivamente, eles têm sido impressos constantemente em capa dura, desde esta época, apesar da publicação de numerosas edições em brochura. E em 1966, na 24ª Convenção Mundial de Ficção Científica, em Cleveland, a série “Fundação” recebeu um Hugo (equivalente ao Oscar, na ficção científica) como “A Melhor Série de Todos os Tempos”.

Depois de Fundação, eu estava pronto para tentar uma história séria de robô positrônico pela primeira vez em meio ano. Esta, “Rodeio”, foi submetida a Campbell no dia 20 de outubro de 1941, e ele a aceitou no dia vinte e três. Foi publicada na edição de março de 1942 da revista A stounding e, finalmente, incluída em “Eu, Robô”.

Então, eu tinha de me pôr a trabalhar na continuação de Fundação. Fundação não havia tido um fim conclusivo, na presunção de que teria uma seqüência, a qual eu devia escrever. No dia 17 de novembro, a continuação, “Rédea e Sela”, que foi a segunda

história da série Fundação, foi submetida a Campbell, que a aceitou no mesmo dia - um recorde de velocidade. Além disso, era a historia mais longa que já havia escrito - dezoito mil palavras - e, mesmo não tendo recebido nenhuma gratificação, o cheque, de $ 180, foi o cheque de maior valor até então por mim recebido. "Rédea e Sela" foi, finalmente, incluída em Fundação.

Agora, finalmente, eu tinha uma série de longas histórias em andamento, juntamente com minha série de contos "robô positrônico". Eu estava me sentindo muito bem.

No dia 17 de novembro de 1941, o dia em que submeti e vendi "Rédea e Sela", Campbell me contou sobre seu plano de iniciar uma nova seção em Astounding, que seria chamada "Probabilidade Zero". Seria uma seção de contos curtos, de quinhentas a mil palavras, no gênero das mentiras plausíveis e divertidas de Munchausen. A idéia de Campbell era que, além do valor de entretenimento destes contos, eles ofereceriam um lugar onde os iniciantes poderiam penetrar no mercado, sem competirem tão duramente com os escritores reconhecidos. Formaria os degraus para o status profissional.

Era uma boa idéia na teoria e até deu um pouco certo. Ray Bradbury, mais tarde um dos mais conhecidos e bem sucedidos escritores de ficção científica, entrou neste campo com um artigo na seção "Probabilidade Zero", na Astounding de julho de 1942. Hal Clement e George O. Smith também escreveram para a seção quase no começo de suas carreiras.

Infelizmente, não funcionou suficientemente. Campbell teve que começar a seção com profissionais, esperando que os amadores continuassem o trabalho, uma vez que vissem o que Campbell queria. Entretanto, nunca houve um número suficiente de amadores que satisfizesse os padrões de Campbell, mesmo para contos curtos de qualquer natureza; então, após doze publicações da "Probabilidade Zero", num espaço de dois anos e meio, Campbell desistiu.

No dia 17 de novembro, entretanto, ele estava apenas começando e queria que eu lhe escrevesse uma "Probabilidade Zero". Fiquei encantado ao ver que ele me considerava neste estágio de adiantamento, capaz de fazer-lhe algo segundo um pedido, imediatamente me pus a escrever um conto curto chamado "Grande Jogo". No dia 24 de novembro de 1941, mostrei-o a Campbell. Deu uma olhada e, para meu espanto, devolveu-me. Não era o que ele queria.

Gostaria de poder me lembrar do assunto de “Grande Jogo”, pois pensei nele o suficiente para tentar submetê-lo à revista Collier”s (uma revista admirável, impressa em papel brilhante) em 1944 - e foi rejeitado, é claro”. Entretanto, o título não me faz lembrar de nada, e a história não existe mais.

Tentei uma segunda vez e fiz uma historinha humorística de robô positrônico chamada “Primeira Lei”. Mostrei-a a Campbell no dia 1 de dezembro , mas também não gostou desta. Entretanto, desta vez guardei a história. Graças a Deus, finalmente eu aprendera que as histórias têm que ser cuidadosamente guardadas para a eternidade, por mais que sejam rejeitadas e por mais que você pense que estão aposentadas. “Grande Jogo” foi minha décima-primeira historia que desapareceu, mas também foi a última.

No caso de “Primeira Lei”, surgiu uma revista que não existia em 1941, para a qual me pediram algo. A revista em questão era a Fantastic Universe cujo editor, Hans Stefan Santesson, pediu que eu escrevesse uma história por um preço que estaria bom em 1941, mas que no meio da década de 50, relutei em aceitar. Entretanto, lembrei-me de “Primeira Lei” e a mandei. Santesson aceitou-a e publicou-a na edição de outubro de 1956 da revista Fantastic Universe; finalmente a incluí no livro “O Resto dos Robôs”.

De volta à “Probabilidade Zero”...

Tentei uma terceira vez com um conto curto chamado “Gatinhos do Tempo”, que escrevi na manhã de domingo de 7 de dezembro de 1941, terminando-o um pouco antes do rádio enlouquecer com as notícias de Pearl Harbor. Levei-o a Campbell : no dia seguinte (a vida continua!) e desta vez ele o aceitou, mas “sem parecer muito entusiasmado”, segundo meu diário.

20

OS GATINHOS DO TEMPO

Quem me contou, há muito tempo atrás, foi o velho Mac, que morava numa choupana na colina perto de minha velha casa. Ele tinha sido um mineiro nos Asteróides, durante a Corrida de 37, e passava a maior parte do tempo, agora, cuidando de seus sete gatos.

- O que faz o senhor gostar tanto de gatos, Sr. Mac? Perguntei-lhe. O velho mineiro me fitou e coçou o queixo. - Bem - disse – eles me faz lembrar dos meus gatinhos em Palias. Aqueles sim é que eram gatos - danado de inteligente - e os gatinhos mais esperto que já vi. Tudo morto! Fiquei sentido e disse o que sentia. Mac deu um suspiro.

- Os gatinhos mais espertos que existiu - repetiu. - Eles tinha quatro dimensão.

- Quatro dimensões, Sr. Mac? Mas a quarta dimensão é o tempo. Eu havia aprendido isto no ano anterior, na terceira série.

- Então, quer dizer que você tem um pouco de escola, hein? - Pegou seu charuto e se pôs a enchê-lo lentamente. - Claro que a quarta dimensão é o tempo. Esses gatinhos tinha um pé de comprimento, seis polegada de altura e quatro polegada de largura e se espichavam pró meio da semana que vem. Isso aí é quarta dimensão, né? Viu, se você acarinhava a cabeça deles, eles só mexiam o rabo no dia seguinte, tarveis. Alguns dos grande só abanava o rabo no outro dia. Verdade!

Fiquei em dúvida, mas não disse nada.

Mac continuou: - Eles também era os melhor cão de guarda de toda a criação. Eles tinha de ser. Ora, se eles avistasse um ladrão ou qualquer suspeito, gritavam que nem um banshee* . E quando um via um ladrão hoje, ele gritava ontem, então a gente tinha sempre um aviso vinte e quatro horas antes.

*Banshee: espírito sobrenatural que com seus lamentos anuncia morte iminente na família. (N.T.)

Minha boca abriu-se. - No duro?

- Palavra de honra! Ocê quê sabe cume que a gente dava cumida prá eles? A gente esperava eles ir dormir, sabe, e então nóis sabia que eles estava ocupado digerindo a refeição. Esses gatinhos do tempo sempre digeriam suas comida exatamente três horas antes de comer, porque o estômago deles se espichava esse tanto no passado.

Então, quando eles ia dormir, nóis costumava olhar a hora, preparava o jantar deles e dava pra eles exatamente três horas depois.

Agora, ele já havia acendido seu charuto e estava soltando algumas baforadas no ar. Balançou a cabeça num gesto triste. - Só que uma vez eu errei. Tadinho do gatinho do tempo. Uma manhã, ele foi dormir as nove e, não sei porquê, eu fiquei com a idéia de que era oito. Claro que eu levei a comida dele às onze. Procurei ele por todo canto mas não conseguia encontrar.

- O que tinha acontecido, Sr. Mac?

- Bem, a gente não podia querer que as entranha de um gatinho do tempo aceitasse o café da manhã apenas duas horas depois de digerir ele. Seria querer demais. Finalmente, encontrei ele embaixo da minha caixa de ferramentas no galpão de fora. Ele tinha rastejado até lá e morrido de indigestão uma hora antes. Tadinho dele! Depois disso, eu sempre punha um alarme, e nunca mais fiz esse erro.

Houve um silêncio curto e pesaroso, e eu retomei a conversa com um suspiro respeitoso: - Antes, o senhor disse que todos morreram. Morreram todos assim?

Mac balançou a cabeça solenemente. - Não! Eles costumava pegar resfriado de nóis e morrer de uma semana a dez dias antes de pegar. Nóis não tinha começado com muitos deles e um ano depois que os mineiros descobriram Palias, só tinha uns deis deles e dois fraquinho e doente, o pobrema, meu caro, era que quando eles morria, ficavam tudo despedaçado; simplesmente apodreciam muito depressa. Especialmente aquele negocinho de quatro dimensão que eles tinham no cérebro, que fazia eles agir daquele jeito. Custaram pra gente milhões de dólares.

- Como assim, Sr. Mac?

- Foi assim, ó: alguns cientistas que voltaram pra Terra suberam dos nossos gatinhos do tempo, e sabiam que todos morreriam antes que eles pudesse chegar na próxima conjunção. Então, eles ofereceram pra gente um milhão de dólares para cada gatinho do tempo que a gente conservasse pra eles.

- E vocês conservaram?

- Bem, nóis tentamos, mas não dava jeito. Depois de morrer, eles não servia pra nada, e a gente tinha de enterrar eles. Nóis tentamos pôr eles no gelo, mas isto só servia pra conservar a parte de fora. O interior era uma porcaria só, e era o interior que os cientista queriam.

- Claro que, com cada gatinho do tempo custando um milhão de dólares, a gente não queria que isso acontecesse. Um de nóis descobriu que se a gente pusesse um gatinho do tempo na água quente quando estivesse quase pra morrer, a água iria encharcar ele todinho. Depois, quando ele morresse, a gente congelaria a água e ele ficaria um pedaço sólido de gelo, e daí não apodreceria.

Eu estava de queixo caído. - Deu certo?

- Tentamos um montão de vezes, filho, mas nóis não conseguia congelar a água com a rapidez necessária. Quando ela virava gelo, o negócio de quatro dimensões do cérebro dos gatinhos já tava podre. Congelamos a água cada vez mais depressa mas não dava. No fim, a gente só tinha um gatinho do tempo e ele também tava pra morrer. A gente ficou desesperada - e daí, um dos caras teve uma idéia. Bolou uma geringonça complicada que congelava a água em menos de um segundo.

- A gente catou o último gatinho e pusemos ele na água quente e ligamos a máquina. O coitadinho olhou pra gente pela última vez, soltou um sonzinho engraçado e morreu.

Nóis apertamos o botão e congelamos ele todinho num quarto de segundo. - Neste momento, Mac soltou um suspiro que deve ter pesado uma tonelada. - Mas não adiantou.

O gatinho do tempo estragou em quinze minutos e a gente perdeu o último milhão de dólares.

Retomei meu fôlego. - Mas Sr. Mac, o senhor acabou de dizer que congelou o gatinho do tempo em um quarto de segundo. Ele não tinha tempo para estragar.

- Foi isso, meu rapaz - disse seriamente. - O diabo é que congelamos muito depressa. O gatinho do tempo não se conservou porque a gente congelou a água tão rápido que o gelo ainda estava quente!

***

A coisa mais curiosa a respeito deste pequeno artigo é que não foi publicado com meu próprio nome. Campbell queria que um artigo naquela primeira publicação de "Probabilidade Zero" fosse de autoria de um novato, justamente para encorajar os iniciantes cuja colaboração ele desejava. Ele teve três inscrições para esta nova seção e as outras duas foram de L. Sprague de Camp e de Malcolm Jameson. Ambos já estavam firmados nesta carreira e eram (apesar de "Nightfall") mais renomados do que eu. Na minha condição inferior, coube a mim usar um pseudônimo e fingir ser um novato.

Entendi a idéia de Campbell e, não muito entusiasmado, concordei. Usei o nome George E. Dale. Foi a única vez que usei um pseudônimo em revistas. Anos mais tarde, "usei o pseudônimo Paul French numa série de histórias de ficção científica para adolescentes, por razoes que, por si só, formam outra história". Este foi um caso especial e em 1971 e 1972 estas seis histórias foram publicadas em brochuras com meu próprio nome. Agora "Os Gatinhos do Tempo" é publicada aqui com o meu nome e a inscrição finalmente está perfeita.

Seguiu-se um período de dois meses no qual não escrevi nada.

Os motivos foram dois. Em primeiro lugar, Pearl Harbor colocou os Estados Unidos na guerra, no dia em que escrevi "Os Gatinhos do Tempo", e aqueles primeiros dois meses após o estouro foram por"demais desastrosos e dolorosos para permitirem muitas composições de ficção".

Como se não bastasse isso, chegara a hora novamente de eu tentar prestar os exames que me permitiriam ou não fazer pesquisa. Tinha uma forte sensação de que estava à beira de um abismo. Se eu fosse reprovado pela segunda vez, seria o fim para mim em Columbia. Consequentemente, nas horas em que eu não estava trabalhando na loja de doces de meu pai ou pendurado no rádio, estava estudando. Eu não tinha tempo nenhum para mais nada.

Para me garantir, desesperado que estava, inscrevi-me no curso de doutoramento da Universidade de Nova Iorque, para o caso de outra reprovação. Depois de ter prestado meus exames, no fim de janeiro de 1942, acabei realmente assistindo a algumas aulas na U.N.I., enquanto esperava pelos resultados dos exames. - Mas não vou mantê-los em suspense. Na sexta-feira, no dia treze de fevereiro, os resultados foram anunciados. Eu havia passado desta vez.

Durante o intervalo entre os exames e o resultado, consegui escrever “Vitória Involuntária”. Era uma história de robô positrônico que era uma seqüência de “Não é Definitivo”que não fora uma história de robô positrônico. É óbvio que eu estava tentando manter a noção desta série tanto quanto possível, na esperança de conseguir vendas mais seguras.

Submeti-a a Campbell no dia 9 de fevereiro de 1942 e, se por acaso pensei que Campbell fosse incapaz de rejeitar uma história da série, eu estava redondamente enganado. Tampouco ficou impressionado com “Nightfall” e com Fundação a ponto de ser incapaz de uma rejeição severa.

No dia 13 de fevereiro, no próprio dia de minha sagrada entrada na lista dos que tinham permissão para fazerem pesquisa para o Ph. D., meus humores ficaram um tanto quanto abalados quando recebi de volta a “Vitória Involuntária” (“Victory Unintentional”) com uma rejeição oculta, que consistia no seguinte, in totum: “CH3CjCH2CHjSH”.

Campbell sabia muito bem que esta era a fórmula do “butilmercaptano”, responsável pelo seu fedor, e eu também sabia disso muito bem, e Campbell sabia muito bem que eu sabia.

Bem, de qualquer forma, consegui vendê-la à Super Science Stories para o editor que sucedeu Pohl, no dia 16 de março de 1942; foi publicada na edição de agosto de 1942 desta revista. Apesar de não a ter incluído em Eu, Robô, tive de incluí-la necessariamente em O Resto dos Robôs.

Entretanto, depois disso, veio outro período infrutífero, o maior pelo qual eu passaria. Uma vez terminada “Vitória Involuntária”, só voltei à máquina de escrever após quatorze meses! É claro que não foi o “bloqueio de escritor” convencional, pois nunca passei por isso. Foi antes a chegada de uma vasta e tripla mudança em minha vida.

A primeira mudança consistia no fato de que eu estava começando a levar a sério minhas pesquisas em química, sob a orientação do professor Charles R. Dawson. Pesquisa é um trabalho de período integral e, mesmo assim, eu ainda tinha de conciliá-la de alguma forma com as minhas obrigações na loja de doces de meu pai; consequentemente, restava muito pouco tempo para eu escrever.

Depois, como se isto não bastasse, aconteceu uma segunda mudança simultaneamente...

Em janeiro de 1942, entrei para uma organização chamada “O Clube dos Escritores do Brooklyn”, que havia me enviado um convite. Interpretei o convite como o reconhecimento de minha categoria como “escritor”, e não haveria possibilidade de eu recusá-lo.

A primeira reunião que assisti foi no dia 19 de janeiro de 1942. Acabou sendo bastante agradável. Recebi de braços abertos esta oportunidade de tirar de minha cabeça meus exames e os desastres da guerra (embora eu me lembre de ter passado uma parte desta primeira reunião discutindo a possibilidade de Nova Iorque ser bombardeada).

A maioria dos membros do clube não havia conseguido um avanço maior na profissão do que eu; tampouco eram, a não ser eu, escritores de ficção científica. A principal atividade consistia na leitura de nossos próprios manuscritos para que os outros pudessem fazer suas críticas. Visto que logo descobriram que eu lia “com expressão”, tornei-me o leitor-chefe, papel este que me agradava. (Passariam ainda oito anos até eu descobrir meu dom de conferencista.)

Na terceira reunião que assisti, no dia 9 de fevereiro de 1942, estava presente um jovem, Joseph Goldberger, que eu não conhecia. Tinha alguns anos a mais do que eu. Neste dia, fiz a maior parte das leituras e Goldberger ficou impressionado o suficiente para sugerir, após o término da reunião, que nós dois, com nossas garotas, saíssemos para fazer um programa, para que pudéssemos nos conhecer. Atrapalhado, tive que explicar que eu não tinha uma garota. com um gesto expansivo, disse que arranjaria uma para mim.

E foi o que fez. No dia 14 de fevereiro de 1942 (Dia dos Namorados e um dia após meu sucesso nos exames) fui encontrá-lo no Astor Hotel às 8 30 da noite. Estava com sua namorada e esta estava com a dela, Gertrude Blugerman, que ia ser minha garota daquela noite. - Apaixonei-me, e quando não estava pensando em pesquisa, estava pensando nela.

Mas houve também uma terceira mudança, de certo modo a mais drástica...

Com a guerra, o mercado de empregos mudou repentinamente: houve uma demanda de técnicos treinados de todo tipo.

Robert Heinlein, por exemplo, era um engenheiro de verdade que havia sido treinado em Anápolis. Sua saúde o havia afastado do serviço ativo na Marinha e assim mantivera, mas sua ligação com Anápolis fez com que ele trabalhasse como engenheiro

civil na Base Aeronaval de Testes do Estaleiro da Marinha dos Estados Unidos, Filadélfia. Saiu à procura de outras pessoas qualificadas que pudesse convencer a unirem-se a ele, especialmente entre seus companheiros escritores de ficção científica.

Conseguiu que L.Sprague de Camp viesse para a Base Aeronaval, e no dia 30 de março de 1942, recebi uma carta do estaleiro naval me pedindo que considerasse a possibilidade de trabalhar com eles.

Eu sou bastante objetivo e, após ter trabalhado para obter meu Ph.D. durante um ano e meio, normalmente não abandonaria tudo isso a não ser por motivo de força maior.

- Mas lá estava a força maior. Estava apaixonado e queria me casar muito mais do que obter meu certificado. Ocorreu-me que poderia suspender meus trabalhos para o Ph.D. com o pleno consentimento da escola, graças à emergência da guerra e também que poderia retomá-los após a guerra. E aceitando um emprego e adiando – apenas adiando - minha pesquisa, eu poderia me casar.

Fui à Filadélfia para uma entrevista no dia 10 de abril e aparentemente preenchi os requisitos necessários. Aceitei o emprego e no dia 14 de maio, tendo finalmente deixado para sempre a loja de doces de meu pai (pelo menos como funcionário), mudei-me para Filadélfia. Felizmente, ficava apenas a uma hora e meia de Nova Iorque de trem (naquela época eu não sabia dirigir e, mesmo que soubesse, não conseguiria obter gasolina devido ao racionamento). Portanto, voltava a Nova Iorque todos os fins de semana.

No dia vinte e quatro do mês, eu havia persuadido Gertrude a se casar comigo, e no dia 26 de julho nos casamos.

Durante estes meses, não me incomodou o fato de que não estava escrevendo nada. Havia muita coisa para eu pensar - primeiro, a guerra, depois a pesquisa, depois o emprego e finalmente o casamento.

Além disso, até o começo de 1942, só pensei em minha profissão de escritor como um meio de ajudar os meus gastos na faculdade. Era engraçado; era excitante; e o sucesso que consegui obter era profundamente gratificante - mas havia sido feita com um propósito e este propósito havia sido atingido. Não tinha a mínima noção de que escrever pudesse ser minha carreira; de que possivelmente pudesse ser minha carreira.

Minha carreira deveria ser a química. Durante todo o tempo em que estava escrevendo e vendendo histórias, estava também me matando em Columbia. Uma vez conseguido meu Ph.D pretendia viver como pesquisador químico em alguma grande

indústria com um salário munificiente de, por exemplo, cem dólares por semana. (Como filho de um doceiro, criado durante a depressão, eu sofria fascinações estonteantes ao pensar em mais de cem dólares por semana; por isso limitei minhas ambições a esta quantia.). Para ser exato, meu emprego em Filadélfia me pagava apenas cinqüenta dólares por semana no começo, mas um jovem casal conseguiu viver com isto, naquela época, com taxas muito pequenas, com um apartamento custando $42,50 por mês e jantar para dois num restaurante na base de dois dólares (incluindo gorjeta).

Não era o máximo de meus sonhos, mas era apenas um emprego temporário de guerra, afinal de contas. Uma vez terminada a guerra, voltaria às minhas pesquisas, obteria meu Ph.D. e um emprego melhor. Nesse ínterim, até mesmo um salário de $2 600 por ano me fazia parecer desnecessário escrever. Até o dia de meu casamento, eu havia escrito quarenta e duas histórias, das quais vinte e oito haviam sido vendidas (e mais três ainda estavam para serem vendidas). O total de meus ganhos como solteiro num espaço de quatro anos havia sido $1 788,50 por aquelas vinte e oito histórias. Isso dava uma média de ganhos semanais de um pouco menos que $8,60, ou seja, 1,64 por história.

Naquela época, nunca sonhei poder fazer algo melhor que isso. Não tinha intenção de escrever qualquer coisa que não fosse ficção científica ou fantasia para as revistas sensacionalistas, que pagavam, no máximo, um centavo por palavra - um centavo e um quarto com gratificação.

Para eu ter até mesmo os poucos cinqüenta dólares por semana que conseguia com meu trabalho, seria necessário que eu escrevesse e vendesse umas quarenta histórias por ano e, naquele tempo, isto me parecia inconcebível.

Não houve problemas quando trabalhei numa máquina de escrever para pagar minha escola, quando não tinha nenhuma outra fonte de renda; mas com que propósito eu deveria estar escrevendo agora? E com uma semana de seis dias, com cinqüenta e quatro horas por semana e com a excitação de um casamento novo, quem tinha tempo?

A própria existência da ficção científica parecia estar desaparecendo. Eu havia deixado minha coleção de revistas em Nova Iorque, nunca mais vira Campbell regularmente, nem Paul, tampouco qualquer um dos escritores de ficção científica que eram meus amigos íntimos. Quase que também nem lia as revistas comuns que surgiam.

Eu poderia ter deixado a ficção científica morrer de uma vez, e minha carreira de escritor com ela, se não fossem alguns pequenos lembretes do mundo exterior e um comichão dentro de mim que queriam dizer (embora na época eu não soubesse) que

escrever significava para mim muito mais que um modo conveniente de ajuntar algum dinheirinho extra.

Eu mal havia começado a trabalhar na Base Aeronaval, por exemplo, quando a edição de junho de 1942 de Astounding foi publicada com a minha história “Rédea e Sela”, sendo ela a capa da revista.

Estava além das minhas forças resistir à tentação de levar uma cópia ao serviço e mostrá-la ao pessoal. Não podia deixar de sentir a importância que ganhei como “escritor”. No fim deste verão e no outono, outras três histórias foram publicadas: “Vitória Involuntária” (“Victory Unintentional”) e “O Imaginário” (“The Imaginary”) na revista Super Science Stories pós-Pohl e “O Trote” (“The Hazing”) na revista Thrilling Wonder Stories. Todas mantiveram o mundo da ficção científica vivo em mim.

E embora meu círculo de editores de ficção científica, escritores e leitores de Nova Iorque tivessem se ido, não fiquei inteiramente abandonado.

Trabalhavam comigo na Base Aeronaval Robert Heinlein e L. Sprague de Camp, e mantive um íntimo relacionamento social com ambos. Sem dúvida, os dois haviam desistido de escrever na época, mas tinham obtido muito mais êxito do que eu, e os idolatrava como se fossem heróis. Além do mais, John D. Clark, que era um fã ardente da ficção científica e que havia escrito e publicado algumas histórias em 1937, estava morando em Filadélfia naquela época e nos víamos frequentemente. Todos os três mantiveram em mim a atmosfera da ficção científica.

Entretanto, foi no dia 5 de janeiro de 1943 que aconteceu o verdadeiro estopim. Neste dia, recebi uma carta de Fred Pohl dizendo que estava planejando reescrever “Ritos Legais” e ia tentar vendê-la de novo. Isto me entusiasmou. Ele não conseguiria vender a história por mais seis anos, mas, naturalmente, eu não tinha como lhe dizer isto. Para mim parecia que era iminente outra venda e que eu ainda era um escritor na ativa.

Além disso, “Ritos Legais” era uma fantasia e eu ainda não havia satisfeito meu longo desejo de escrever e vender uma fantasia à revista Unknown. Havia tentado cinco vezes e fracassado as cinco.

No dia 13 de janeiro, bem de recente, uma semana após a chegada da carta e quatorze meses após minha última estória escrita, não pude resistir a um impulso. Sentei-me para escrever uma fantasia chamada “Autor! Autor!”

Logo descobri que estava faltando alguma coisa. Era a primeira vez que tentava escrever alguma coisa para Campbell sem trocar idéias com ele. Perdi a inspiração que invariavelmente surgia com as minhas conversas com ele; sentia falta de seu encorajamento. Na verdade, não tinha a mínima certeza de que poderia escrever algo sem ele. Assim sendo, a história foi se arrastando e passei por períodos estéreis. Só fui terminar o primeiro esboço no dia 5 de março e a versão final só ficou pronta para ser enviada pelo correio no dia 4 de abril de 1943.

Eu havia levado quase três meses para escrever a história. É claro que a história era de doze mil palavras, mas “Rédea e Sela”, que de novo tinha a metade da extensão tomara-me apenas três semanas.

Talvez se “Autor! Autor!” tivesse sido rejeitada passasse muito tempo até que eu tivesse coragem de tentar de novo. Felizmente, nunca pude comprovar isto. Pus a história no correio para Campbell no dia 6 de abril de 1943 (a primeira vez que remeti uma história a ele, em vez de entregá-la pessoalmente), e no dia doze recebi o cheque de aceitação. Não me pediu nem mesmo uma revisão e mais ainda, Campbell me pagou uma gratificação pela primeira vez desde “Nightfall”. Recebi um centavo e um quarto por palavra, ou $150 ao todo. Minha sexta tentativa na revista Unknown havia dado certo.

Era equivalente ao que eu recebia em três semanas na Base Aeronaval, por algo que fizera, contando as interrupções, em três meses. Entretanto, o trabalho de três meses em “Autor! Autor!” havia sido muito diferente daquele de três semanas na Base Aeronaval, e o recebimento de um cheque de $150 era infinitamente mais excitante do que pegar um cheque parecido, ou até maior, ganho num emprego onde se bate um cartão de ponto. (Sim, é verdade. Eu batia meu cartão de ponto na Base Aeronaval.).

Entretanto, aconteceu que a felicidade que senti com a venda era prematura. Eu havia chegado ao auge na revista Unknown tarde demais e, ainda que eu tivesse o dinheiro, não tinha a revista. Robert Heinlein trouxe-me a triste noticia no dia 2 de agosto, menos de quatro meses após a venda.

A revista Unknown estava passando por uma época difícil. As vendas não estavam suficientemente altas, e após os primeiros dois anos de operação, as revistas passaram a sair bimestralmente ao invés de mensalmente. Nessa época, a guerra havia provocado um racionamento de papel e a Editora Street & Smith decidiu economizar todo papel possível para a bem sucedida Astounding e abandonar a Unknown.

Quando fiz minha venda, havia apenas mais três edições de Unknown para serem publicadas e não havia lugar em nenhuma delas para “Autor! Autor!”. A história permaneceu nos cofres de Street & Smith indefinidamente; uma história vendida, mas não publicada; e o cheque de $ 150 ficou privado de sua melhor parte.

Há, entretanto, um final feliz. Vinte anos mais tarde, Don Bensen de Pyramid Publications estava publicando em brochura uma antologia de estórias da revista Unknown, e me pediu uma introdução. Com uma alegre nostalgia, concordei, escrevendo-a no dia 15 de janeiro de 1963, quase vinte anos após o dia em que havia começado a escrever a única história que vendi à revista. Durante a introdução referi-me à triste história de minhas tentativas de escrever para a Unknown.

Os anos 60 não eram os anos 40. Em 1963, a simples menção da existência de uma história de Asimov nunca publicada produziu excitação, e Bensen me escreveu em três dias, dizendo que queria ver a história. Desenterrei o manuscrito (agora eu os guardava, ainda que por vinte anos) e o enviei a ele.

Pediu minha permissão para incluí-la numa segunda antologia de histórias da revista Unknown (mostrando que havia sido aceita pela revista). Expliquei-lhe que também precisaria da permissão de Campbell e do editor. Eles a forneceram gentilmente e, em janeiro de 1964, vinte e um anos depois de ter sido escrita, “Autor! Autor!” foi finalmente publicada e eu, finalmente - até certo ponto e ligeiramente - escrevi para a Unknown.

21

AUTOR! AUTOR!

Aconteceu com Graham Dorn, e não pela primeira vez, uma séria desvantagem ao jurar que iria até ao inferno por uma garota, por mais querida que fosse. Às vezes, ela acredita em sua miserável palavra.

Este é um modo de dizer que ele havia sido atocaiado, coagido e forçado por sua noiva a falar na Sociedade Literária de sua tia solteira. Não ria! Não é nada engraçado na tribuna do conferencista. Cada cara que se tem de olhar!

Deixando os pormenores de lado, Graham Dorn havia sido atirado numa plataforma e colocado em posição ereta. Havia lido um discurso sobre “O Lugar das Estórias de Mistério na Literatura Americana” num tom amedrontado. Nem mesmo o fato de sua preciosa June o ter escrito (parte do suborno para fazê-lo falar em primeiro lugar) conseguia disfarçar o fato de que era essencialmente um lixo.

Daí, quando ele chafurdava, falando em sentido figurado, em sua própria coagulação mental, a inquisição não tendo começado, eis que chegou a hora da discussão informal e das variadas demonstrações efusivas da platéia feminina.

- Oh, Sr. Dorn, o senhor trabalha baseado na inspiração? Quero dizer, o senhor simplesmente se senta e então lhe vem uma idéia - assim, de repente? E o senhor tem que ficar acordado a noite toda e beber café para mantê-lo acordado até conseguir anotar sua idéia?

- Oh, sim. Certamente. (Suas horas de trabalho eram das duas às quatro da tarde, dia sim dia não, e bebia leite.) - Oh, Sr. Dorn, o senhor deve ter que fazer pesquisas terríveis para conseguir aqueles assassinos estranhos. Quanto, mais ou menos, o senhor tem que pesquisar antes de poder escrever uma história?

- Mais ou menos seis meses, geralmente. (Os únicos livros que usava para pesquisa era uma enciclopédia de seis volumes e o Almanaque do Mundo do ano retrasado.)- Oh, Sr. Dorn, o senhor criou seu Reginald de Meister baseado num 332 personagem real? Só pode ser. Ele é, oh, tão convincente em cada detalhe.

- Ele foi baseado num amigo de infância meu, muito querido. (Dorn nunca conhecera ninguém como de Meister. Vivia constantemente com medo de conhecer alguém como ele. Ele até mantinha astuciosamente um anel da moda contendo um sutil veneno oriental, para o caso de isso acontecer. Tudo isso para de Meister.). Em algum lugar atrás daquele nó de mulheres, June Billings estava sentada e sorria com um orgulho doentio e de proprietário.

Graham passou um dedo pela garganta e foi até o fim com esta pantomima de sufocamento fatal, o mais desobstruidamente possível. June sorria, concordava com a cabeça, mandava-lhe um delicado beijo e não fazia nada.

Graham decidiu para sempre, levar uma vida austera, solitária e sem mulheres e só escrever infâmias em suas histórias.

Estava respondendo por monossílabos, alternando “sins” e “nãos”. Sim, ele realmente tomava cocaína de vez em quando. Ele achava que ajudava o impulso criador. Não, não achava que podia permitir que Hollywood dirigisse de Meister. Achava que o cinema não era a verdadeira expressão da verdadeira Arte. Além disso, era apenas uma mania passageira. Sim, leria os manuscritos da Srta. Crums, se ela os trouxesse. Muito contente com isto. Era tão divertido ler os manuscritos de amadores e os editores eram realmente tão brutos.

Então, foi anunciado o lanche e houve um vácuo repentino. A cabeça de Graham levou menos de um segundo para desobstruir. A massa feminina havia se aglutinado num único espécime. Tinha um metro e cinqüenta e sete de altura e trinta e nove quilos de peso. Graham tinha dois metros e três centímetros de altura e noventa e cinco quilos de músculos. Provavelmente teria conseguido manejá-la sem dificuldade, especialmente visto que seus braços estavam ocupados com uma bolsa paquidérmica. Todavia ele se sentiu um tanto frágil, para não dizer, algo constrangido, para derrubá-la. Não parecia ser a melhor coisa a se fazer.

Ela estava avançando, com uma admiração e fervor desgostosamente claros em seus olhos, e Graham sentia a parede atrás de si. Não havia nenhuma porta ao alcance de seus braços, em nenhum dos lados.

- Oh, Sr. de Meister - por favor, deixe-me chamá-lo de Sr. de Meister. Sua criação é tão real para mim que não consigo pensar no senhor como simplesmente Graham Dorn. O senhor não se importa, não é?

- Não, não, claro que não - gargarejou Graham do melhor modo que pôde, sentindo uma aflição nos trinta e dois dentes. - Muitas vezes penso em mim como Reginald, nos meus momentos mais frívolos.

- Obrigada. Não pode imaginar, querido Sr. de Meister, como tenho ansiado por encontrá-lo. Li todas as suas obras e acho que são maravilhosas.

- Fico contente por pensar assim. - Entrou imediatamente na modéstia costumeira. - Ora, elas não são nada. Ha, ha, ha! Gosto de agradar aos leitores, mas ainda há muito para se melhorar. Ha, ha, ha!

- Mas sabe, o senhor é realmente. - Isto foi dito com intensa veemência. - Quero dizer bom, realmente bom. Acho maravilhoso ser um autor como o senhor. Deve ser quase como ser Deus.

Graham fitou-a confusamente. - Não para os editores, irmã.

A irmã não compreendeu o cochicho. Continuou: - Ser capaz de criar personagens vivos do nada; desvendar almas para todo o mundo; transformar pensamentos em palavras; construir figuras e criar mundos. Sempre pensei que um escritor fosse a pessoa mais gloriosamente dotada de toda a criação. É preferível ser um escritor inspirado passando fome numa água-furtada do que um rei em seu trono. O senhor não acha?

- É lógico - mentiu Graham.

- O que são os grosseiros bens materiais do mundo comparados com as maravilhas das emoções e feitos criados num mundo por nós mesmos?

- É verdade. O que são?

- E a posteridade, pense na posteridade!

- Sim, sim. Penso nisso frequentemente.

Ela tomou suas mãos. - Eu só lhe faria um pequeno pedido. O senhor poderia - disse, corando ligeiramente - o senhor poderia dar ao pobre Reginald - se me permite chamá-lo assim só desta vez - a oportunidade de se casar com Letitia Reynolds. O senhor a fez um tanto cruel demais para com ele. Tenho certeza de já ter chorado por isso durante horas, às vezes. Ele é real demais, demais para mim.

E vindo de algum lugar, apareceu um lenço com babado de renda, que foi até seus olhos. Ela o afastou, sorriu corajosamente e retirou-se. Graham Dorn respirou, fechou os olhos e desmoronou suavemente nos braços de June.

Seus olhos se abriram com uma convulsão. - Você pode considerar - disse severamente - o nosso noivado em frangalhos. Apenas minha consideração pelos seus pobres e idosos pais é que impede que você seja conhecida, a partir deste momento, como a ex-noiva de Graham Dorn.

- Querido, você é tão nobre. - Massageou a camisa do noivo com sua face. - Venha, vou levá-lo para casa e banhar suas pobres feridas.

- Está bem, mas você terá que me carregar. Será que sua preciosa e adorável tia perdeu a cabeça?

- Mas por quê?

- Por uma coisa: ela teve o atrevimento de me apresentar como o pai, que Deus me perdoe, do famoso Reginald de Meister.

- E você não é?

- Vamos cair fora desta nojeira. E ouça isto. Não sou autor nem qualquer outra coisa deste personagem. Eu o renego e o atiro à escuridão. Cuspo em cima dele. Eu o declaro um filho ilegítimo, um miserável degenerado e filho de um cão, e quero que um raio caia sobre mim se ele alguma vez tornar a meter o nariz nojento em minha máquina de escrever.

June ajeitou a gravata de Graham enquanto estavam no táxi. - Muito bem, filhinho, vamos ver a carta.

- Que carta?

Ela esticou sua mão. - A dos editores.

Graham resmungou e arrancou-a do bolso de sua jaqueta. - Estou pensando em me convidar para um chá na casa daquele coração de pedra. Ele tem um encontro com uma pitada de estricnina.

- Deixe os elogios para mais tarde. O que ele diz? Hum... Não é exatamente o que se esperava... Sente que de Meister não está em sua forma costumeira... Talvez uma pequena revisão no sentido de... Tem certeza de que o romance pode ser ajustado... Estão sendo devolvidos.

June empurrou a carta para o lado. - Eu lhe disse que não deveria ter eliminado Sancha Rodriguez. Ela era o que você precisava. Você está tornando a parte amorosa muito fraca.

- Escreva você então! Chega de Meister. Está ficando muito clubista este negócio de me chamarem de Sr. de Meister, e a minha foto é publicada nos jornais com o nome de Sr. de Meister. Eu não tenho individualidade. Nunca ninguém ouviu falar em Graham Dorn. Sou sempre Dorn, Dorn, entende, o cara que escreve aquela besteira do de Meister, você sabe muito bem.

June gritou com voz aguda: - Seu bobo! Você está com ciúmes de seu próprio detetive.

- Não estou com ciúmes de meu próprio personagem. Ouça! Odeio histórias de detetives. Nunca as leio depois de escrevê-las. Escrevi a primeira como uma sátira inteligente, incisiva e mordaz. Tinha a finalidade de arruinar a escola inteiramente falsa dos escritores de mistério. Foi por isso que inventei este de Meister. Ele era o detetive que ia liquidar com todos os detetives. O Asno Completo, de Graham Dorn.

- Então, o público, juntamente com cobras, víboras e crianças ingratas, recebe essa sujeira de braços abertos. Escrevi mistério atrás de mistério tentando convencer o público...

Graham Dorn desanimou um pouco com a futilidade disso tudo.

- Bem. - Sorriu de modo abatido e a grande alma ergueu-se acima da adversidade. - Você não vê? Tenho que escrever outras coisas. Não posso desperdiçar minha vida.

Mas quem vai ler um romance sério escrito por Graham Dorn, agora que estou completamente identificado com o de Meister?

- Você pode usar um pseudônimo.

- Não posso usar um pseudônimo. Tenho orgulho de meu nome.

- Mas você não pode acabar com de Meister. Querido, seja razoável.

- Uma noiva normal - disse Graham amargamente - gostaria que seu futuro marido escrevesse algo que valesse realmente a pena e que se tornasse um grande nome na literatura.

- Bem, eu realmente quero isso, Graham. Mas só um pouquinho de Meister de vez em quando para pagar as contas acumuladas.

- Ha! - Graham jogou seu chapéu contra os olhos para esconder o sofrimento de um grande espírito agoniado. - Agora, você diz que não posso me salientar a menos que eu prostitua minha arte até esse ponto. Chegamos em sua casa. Saia. Vou para casa escrever uma boa carta ardente para o nosso senil Sr. MacDunlap.

- Faça exatamente como quiser, coração - acalmou June. - E amanhã, quando se sentir melhor, você virá chorar em meu ombro e nós planejaremos uma revisão de "Morte no Terceiro Convés", está bem?

- O noivado - disse Graham arrogantemente - está rompido.

- Sim, querido. Estarei em casa amanhã às oito.

- Isto não tem nenhum interesse para mim. Adeus!

Editores e redatores são intocáveis, é claro. São deles a herança da mão estendida e do sorriso de dentes bem feitos; a inclinação da cabeça e o tapinha nas costas.

Mas talvez em algum lugar, na privacidade dos buracos para onde os autores correm quando cai a noite, consegue-se uma vingança particular. Lá, frases podem ser pronunciadas sem que ninguém as ouça, cartas que não precisam ser enviadas podem ser escritas e talvez uma foto de um redator, sorrindo pensativamente, esteja colocada num relicário acima da máquina de escrever pra servir de alvo a algum jogo de dardos.

Tal foto de MacDunlap, usada desta maneira, iluminava o aposento de Graham Dorn. E o próprio Graham Dorn, com sua roupa de escrever habitual (roupa de sair e máquina de escrever), olhava, carrancudo, para a quinta folha de papel em sua máquina de escrever. As outras quatro estavam amarfalhadas na boca do cesto de papel, condenadas por serem água-com-açucar.

Começou:

"Caro senhor -" e acrescentou lenta e viciosamente, "ou Senhora, conforme o caso." Batia as palavras com fúria, conforme lhe vinha a inspiração, não fazendo caso do fio tênue de fumaça que se contorcia em direção ao teto, vindo das chaves superaquecidas:

"O senhor diz que não pensa muito em de Meister nesta história". Bem, eu não penso muito em de Meister, ponto final. O senhor pode algemar sua carcaça imunda juntamente com a dele e pular da Ponte Brooklyn. E espero que drenem o rio Leste bem antes de o senhor pular.

“De agora em diante, minhas obras serão destinadas a algo mais elevado do que a sua desprezível publicação. E virá o dia em que olharei este período de minha carreira com o ódio que é o justo...”

Alguém estava batendo no ombro de Graham enquanto este escrevia o último parágrafo. Graham, com raiva, de vez em quando dava um safanão naquela mão, inutilmente.

Agora, parou, virou-se e dirigiu-se cortesmente ao estranho presente no recinto: - Quem é você, seu idiota? E pode sair sem ter o trabalho de me responder. Não vou considerá-lo mal-educado.

O recém-chegado sorriu graciosamente. Seu cumprimento com a cabeça provocou uma onda de um aroma delicado, proveniente de um produto para os cabelos, que chegou até Graham. Seu queixo inclinado e duro projetou-se intensamente quando disse com voz bem modulada:

- De Meister é o nome. Reginald de Meister. Graham sacudiu seus alicerces mentais e os ouviu ranger.

- Glub - disse.

- Como?

Graham recuperou-se.- Eu disse “glub”, uma palavra código que significa qual de Meister.

- O de Meister - explicou de Meister, gentilmente.

- Meu personagem? Meu detetive?

De Meister procurou um lugar para se sentar e suas feições bem talhadas assumiram o ar da insatisfação bem educada tão admirado nos melhores círculos. Acendeu um cigarro turco, que Graham reconheceu imediatamente como sendo a marca favorita de seu detetive, batendo-o lenta e cuidadosamente no dorso de sua mão, num gesto igualmente característico.

- É isso aí, meu velho - disse de Meister. - Isto é excruciantemente engraçado. Acho que sou seu personagem, sabe, mas vamos fazer de conta que não. Ficaria horrivelmente esquisito.

- Glub - tornou a dizer Graham, como resposta.

Sua mente fervia à procura de alternativas. Ele não bebera mais, o que era uma pena; portanto, não estava bêbado. Tivera uma excelente digestão e não estava

superaquecido; portanto, não era uma alucinação. Nunca sonhava e sua imaginação estava sob rígido controle. E visto que, como todos os autores, ele era considerado um pouco mais do que um doido varrido, insanidade estava fora de cogitação.

O que tornava de Meister simplesmente uma impossibilidade, deixando Graham aliviado. Realmente, só mesmo um autor muito pobre pode ainda não ter aprendido a grande arte de ignorar impossibilidades na feitura de um livro.

Disse tranquilamente: - Tenho aqui um volume do meu último trabalho. Você se importaria de encontrar sua página e voltar para ela? Sou um homem ocupado e só Deus sabe como estou cheio de ver você nessas asneiras que escrevo.

- Mas estou aqui a negócios, meu chapa. Primeiramente, tenho que chegar a um acordo amigável com você. As coisas estão extremamente desagradáveis para mim.

- Olha, sabe que está me enchendo? Não tenho o hábito de conversar com personagens míticos. Regra geral, não tenho amizade com eles. Além do que, já estava no tempo de você saber que não existe.

- Meu caro amigo, eu sempre existi. A existência é uma coisa tão subjetiva.

O que uma mente pensa que existe, realmente existe. Eu, por exemplo, existi em sua mente desde a primeira vez que pensou em mim.

Graham estremeceu. - Mas o problema é o seguinte: o que você está fazendo fora de minha mente? Será que está ficando pequena para você? Quer um maior campo de ação?

- De modo algum. É uma mente bastante satisfatória, a seu modo, mas consegui uma existência mais concreta somente hoje à tarde e agarrei esta oportunidade para poder ter a conversa, que já mencionei, frente a frente com você. Você sabe, aquela senhora magra e sentimental de sua sociedade...

- Que sociedade? - perguntou Graham inutilmente. Agora, tudo estava terrivelmente claro para ele.

- Aquela onde você fez um discurso - de Meister, por sua vez, estremeceu - sobre as histórias de detetives. Ela acreditou tão naturalmente em minha existência que agora existo.

Terminou seu cigarro e jogou-o fora com um movimento negligente do pulso.

- O lógico - declarou Graham - é inevitável. Agora a resposta é não para o que você está querendo.

- Dá para você perceber, meu velho, que se você parar de escrever histórias com de Meister, minha existência ficará sem graça e fantasmagórica como a de todos os detetives fictícios aposentados? Eu teria que viver na névoa cinzenta do Limbo com Holmes, Lecocq e Dupin.

- Em minha opinião, uma perspectiva fascinante. Um destino bastante apropriado. Os olhos de Reginald de Meister tornaram-se gélidos e, de repente, 337 Graham lembrou-se de um trecho da página 123 da história "O Caso do Cinzeiro Quebrado":

Seus olhos, até então despreocupados e desatentos, endureceram-se: em dois pedaços de gelo azul e paralisaram o mordomo, que vacilou para trás com um grito abafado nos lábios.

Evidentemente, de Meister não perdeu nenhuma de suas características presentes nos livros em que figurava.

Graham vacilou para trás com um grito abafado nos lábios.

De Meister disse ameaçadoramente: - Seria melhor para você se as histórias de mistério de Meister continuassem. Entende?

Graham recuperou-se, conseguindo mostrar uma fraca indignação. - Agora, espere um pouco. Você está descontrolado. Lembre-se: de certo modo, eu sou seu pai. É isso mesmo. Seu pai mental. Você não pode me dirigir ultimatuns ou me ameaçar. Não é a atitude de um filho. É uma falta de respeito e amor.

- E mais uma coisa - disse de Meister, indiferente às palavras de Graham. - Temos que resolver de uma vez este negócio de Letitia Reynolds. Sabe, está ficando extremamente enfadonho.

- Agora, você está bancando o bobo. Minhas cenas de amor têm sido amplamente proclamadas como milagres de ternura e sentimento, não encontrados em uma entre mil histórias policiais de mistério. - Espere. Vou lhe mostrar algumas críticas. Não me importo tanto com as suas tentativas de ditar minhas ações, mas quero ser um mico de circo se você criticar minhas obras.

- Esqueça as críticas. Ternura e toda essa porcaria é exatamente o que não quero. Tenho estado atrás da linda senhora já em cinco volumes, comportando-me como um verdadeiro asno. Isto tem que parar.

- De que modo?

- Tenho que me casar com ela em sua história atual. Ou isso, ou torná-la uma amante boa e respeitável. E você terá que parar de me fazer tão vitoriano e cavalheiro com as damas. Eu sou apenas humano, meu velho.

- Impossível! - disse Graham - e isto inclui sua última observação. De Meister tornou-se severo. - Realmente, meu caro, para um autor, você demonstra a mais espantosa falta de consideração com o bem-estar de um personagem que o sustentou por um bom número de anos.

Graham engasgou-se com o absurdo. - Me sustentou? Em outras palavras, você acha que eu não conseguiria vender histórias reais, não é? Bem, vou lhe mostrar. Eu não escreveria outra história com de Meister por um milhão de dólares. Nem mesmo por cinqüenta por cento de direitos autorais e todos os direitos concedidos pela televisão.

E então?

De Meister fechou a cara e proferiu as palavras que haviam soado como o fim para tantos criminosos: - Vamos ver, mas você ainda não está livre de mim.

Desapareceu com seu queixo sempre saliente.

O rosto contorcido de Graham assumiu uma expressão impassível e lentamente - muito lentamente - levou as mãos ao crânio, apalpando-o cuidadosamente.

Pela primeira vez numa vida mental longa e razoavelmente vulgar, sentiu que seus inimigos estavam certos e que uma boa lavagem a seco não iria absolutamente ferir sua mente.

Cada coisa que existia dentro dela!

Graham Dorn tocou a campainha com o cotovelo pela segunda vez. Ele se lembrava perfeitamente de que ela havia dito que estaria em casa às oito.

O postigo foi aberto. - Olá!

-Olá!

Silêncio!

Graham disse em tom de lamúria: - Está chovendo lá fora. Posso entrar para me secar?

- Não sei. Nós estamos noivos, Sr. Dorn?

- Se não estou - foi sua seca resposta - então tenho repelido os ataques frenéticos de centenas de garotas apaixonadas - todas lindas - sem nenhuma razão.

- Ontem, você disse...

- Ah, mas quem presta atenção no que digo? Sou esquisito nessas coisas. Olhe, trouxe umas flores para você. - Ergueu as flores na frente do postigo.

June abriu a porta. - Rosas! Que coisa plebéia. Entre, fofura, e pode manchar o sofá. Opa, antes de dar um passo, o que você tem embaixo do braço? Não é o manuscrito de "Morte no Terceiro Convés", é?

- Correto. Não aquela porcaria de manuscrito. Este é diferente. A voz de June gelou. - Não é sua preciosa história, é?

Graham ergueu bruscamente a cabeça. - Como você soube dela?

- Você despejou a trama para cima de mim nas bodas de prata de MacDunlap.

- Não fiz isto. Não poderia, a menos que estivesse bêbado.

- Oh, mas você estava, ou melhor, fedendo é o termo certo. E também com dois coquetéis.

- Bem, se eu estava bêbado, não poderia lhe ter contado a trama certa.

- A história não se passa num distrito de uma mina de carvão?

- Ha... É.

- E as pessoas envolvidas são reais, terrestres, naturais, personagens com o pé na terra, falando e pensando exatamente como você e eu?

- É uma história de forças econômicas básicas? Os personagens humanos são erguidos, atirados para baixo e rodopiados, todos à mercê da mina de carvão e da indústria mecanizada de hoje?

- Ha... É.

June balançou a cabeça como alguém que se lembrara de algo. - Eu me lembro muito bem. Primeiro, você ficou bêbado e com enjôo. Depois, melhorou e me contou os primeiros capítulos. Depois, eu é que fiquei.

Aproximou-se do escritor furioso. - Graham. - Pousou sua cabeça dourada no ombro do noivo e murmurou suavemente. - Por que você não continua com as histórias de Meister? Você ganha cada cheque com elas. Graham desvencilhou-se dela. - Você é uma maldita mercenária, incapaz de compreender a alma de um autor. Pode considerar o nosso noivado rompido.

Sentou-se com tudo no sofá e cruzou os braços. - A menos que você concorde em ler o manuscrito da história e me faça sua análise habitual.

- Posso lhe dar a minha análise de “Morte no Terceiro Convés” primeiro?

- Não.

- Muito bem! Em primeiro lugar, seu interesse pelo amor está se tornando enjoativo.

- Não está. - Graham, indignado, colocou o dedo em riste. - Tem uma fragrância doce e sentimental, como de um dia dos tempos antigos. Eu estou com a crítica que diz isto. - Começou a revirar a sua carteira.

- Oh, raios. Será que você vai começar a citar aquele cara do Pillsboro (Okla.) Clarion? Provavelmente, ele é seu primo em segundo grau. Você sabe que suas duas últimas histórias não renderam quase nada. E “Morte no Terceiro Convés” não está vendendo nada.

- Tanto melhor... Ui! - Esfregou sua cabeça violentamente. - Para que você fez isto?

- Porque o Único lugar que eu podia bater tão forte quanto queria, sem aleijá-lo, era sua cabeça. Ouça! O público está cansado de sua antiquada Letitia Reynolds.

Por que você não a deixa encharcar sua “brilhante coroa de cabelos dourados” com querosene e conhecer o casamento?

- Mas June, a personagem é tirada da vida. De você!

- Graham Dorn! Não estou aqui para ouvir insultos. O mercado de mistério de hoje tende para a ação, para a violência, para o amor honesto e você ainda está naquele melado de doçura e sentimentalismo de cinco anos atrás.

- Mas este é o caráter de Reginald de Meister.

- Ora, mude seu caráter, então. Ouça! Você apresenta Sancha Rodriguez. Essa é boa. Gosto dela. É mexicana, ardente, exaltada, quente e está apaixonada por ele. Daí, o

que você faz? Primeiro, ele se porta como um cavalheiro impecável; depois, você a liquida no meio da história.

- Hum, estou entendendo... - Você acha mesmo que seria melhor se de Meister perdesse a cabeça. Um beijo ou coisa parecida...

June cerrou seus dentes adoráveis e seus punhos adoráveis. - Oh, querido, como estou contente pelo amor ser cego! Se alguma vez ele desse uma espiadinha, eu não poderia suportá-lo. Olhe, você vai fazer com que de Meister e Rodriguez se apaixonem. Eles vão ter um caso durante toda a história e você pode pôr sua horrível Letitia num convento. Provavelmente, ela será muito mais feliz lá, pelo jeito que você a fez parecer.

- Isso é o que você sabe sobre a história, coração. Acontece que Reginald de Meister está apaixonado por Letitia Reynolds e a quer, e não esta Rodriguez.

- E o que o leva a pensar assim?

- Ele me disse.

- Quem lhe disse?

- Reginald de Meister.

- Que Reginald de Meister?

- O meu Reginald de Meister.

- O que você quer dizer com o seu Reginald de Meister?

- Meu personagem, Reginald de Meister.

June levantou-se, pôs-se a respirar profundamente e disse com voz muito calma: - Vamos começar tudo de novo.

Desapareceu por um momento e voltou com uma aspirina. - Seu Reginald de Meister, de seus livros, contou-lhe, em pessoa, que estava apaixonado por Letitia Reynolds?

- É isso mesmo.

June engoliu o comprimido.

- Bem, June, eu lhe explicarei do modo como ele me explicou. Todos os personagens realmente existem... Pelo menos, na mente dos autores. Mas quando as pessoas começam a acreditar realmente neles, começam a existir verdadeiramente, porque aquilo em que as pessoas acreditam existe, no tocante a elas, e de qualquer forma, o que é a existência?

Os lábios de June tremeram. - Oh, Gramie, não diga isso. Minha mãe nunca permitirá que eu me case com você se o colocarem num sanatório.

- Não me chame de Gramie, June, pelo amor de Deus. Eu lhe digo que ele estava bem ali, tentando me dizer o que escrever e como escrevê-lo. Era quase tão ruim quanto você. Ora, vamos, não chore, baby.

- Não consigo evitar. Sempre pensei que você fosse louco, mas nunca pensei que você fosse louco!

- Muito bem, qual é a diferença? Não vamos mais falar sobre isso. Nunca mais vou escrever outra história de mistério. Afinal de contas... (entregou-se a um estado de indignação) - quando se chega no ponto em que meu próprio personagem - meu próprio personagem - tenta me dizer o que escrever, é porque se foi longe demais.

June olhou por cima de seu lenço. - Como você sabe que era mesmo de Meister?

- Deus do céu. Assim que ele bateu seu cigarro turco na mão e começou a pular letras como flocos de neve numa tempestade, soube que acontecera o pior.

O telefone começou a tocar. June deu um salto. - Não atenda, Graham. Provavelmente, é do sanatório. Eu lhes direi que você não está aqui. Alo. Alo. Oh, Sr. MacDunlap.

- Deu um suspiro de alívio, recobrou a fala e cochichou com voz rouca: - Podia ser uma armadilha.

- Olá, Sr. MacDunlap!... Não, ele não está aqui... Sim, acho que posso entrar em contato com ele... Amanhã, na casa de Martin, ao meio-dia... Eu lhe direi... Com quem?... Com quem? - Pôs o fone no gancho bruscamente.

- Graham, você deve almoçar com MacDunlap amanhã.

- Só se ele pagar! Só se ele pagar!

Os grandes olhos azuis de June ficaram maiores e mais azuis: - E Reginald de Meister deverá jantar com você.

- Que Reginald de Meister?

- Seu Reginald de Meister. - Meu Reg...

- Oh, Gramie, não vá. - Seus olhos embaçaram: - Será que você não vê, Gramie? Agora eles nos porão num sanatório de loucos... E o Sr. MacDunlap também. E,

provavelmente, ficaremos todos na mesma cela acolchoada. Oh, Gramie, três é gente demais. E seu rosto desmanchou-se em lágrimas.

Grew S. MacDunlap (seus inimigos espalharam a vil mentira de que o S. significava Sicrano) estava sozinho à mesa quando Graham Dorn entrou. Graham sentiu um leve prazer com este fato.

Não tanto pela presença de MacDunlap, entende, mas pela ausência de Meister.

MacDunlap fitou-o por cima dos óculos e engoliu um comprimido para o fígado, seu doce favorito.

- Ha-ha. Ei-lo aqui. Que piada sem graça você está fazendo comigo? Você não tinha o direito de me misturar com uma pessoa como de Meister sem me avisar que era real.

Eu poderia ter tomado algumas precauções. Poderia ter alugado um guarda-costas. Poderia ter comprado um revólver.

- Ele não é real. Maldito seja! Metade dele foi sua idéia.

- Isto - tornou MacDunlap ardentemente - é uma calúnia. E o que você quer dizer com "ele não é real"? Quando se apresentou, tomei três comprimidos para o fígado de uma só vez mas ele não desapareceu. Sabe o que significa três comprimidos? Três comprimidos, do tipo que eu tomo (o médico teria um colapso se soubesse) poderiam fazer um elefante desaparecer... Se não fosse real. Tenho certeza.

Graham disse com um tom de cansaço: - Mesmo assim, ele só existe em minha mente.

- Em sua mente, eu sei que ele existe. Sua mente deveria ser investigada por uma associação de proteção à qualidade dos alimentos e por outra especializada no combate às drogas.

As diversas respostas polidas que ocorreram simultaneamente a Graham dissiparam-se quase imediatamente por conterem uma enorme proporção de imprecações anglo-saxônicas.

Afinal de contas...ha, ha... Um editor é um editor, por mais anglo-saxônico que seja.

Disse Graham: - Agora, impõe-se a pergunta de como vamos nos livrar de Meister.

- Livrar-nos de Meister? - Os óculos de MacDunlap pularam fora com seu sobressalto e ele os pegou com uma mão. Sua voz tornou-se grossa com a emoção. - Quem quer se livrar dele?

- Você quer deixá-lo por aí?

- É pecado - disse MacDunlap tremendo. - Perto dele, meu cunhado é um anjo.

- Ele não tem nada que fazer fora dos meus livros.

- Para mim, ele não tem nada que fazer dentro deles. Desde que comecei a ler seus manuscritos, meu médico acrescentou comprimidos para os rins e xarope para tosse aos meus remédios. - Olhou para seu relógio e pegou um comprimido para os rins. - Meu pior inimigo deveria ser apenas um editor por ano.

- Sendo assim, por quê - perguntou Graham pacientemente - você não quer se livrar de Meister?

- Porque ele é publicidade. Graham ficou parado, confuso.

- Veja! Qual outro escritor tem um detetive real? Todos os outros - fictícios. Todo mundo sabe disso. Mas o seu... O seu é real. Podemos resolver casos e receber grandes elogios nos jornais. Ele fará com que o Departamento de Polícia pareça bobo. Fará...

- Isto - interrompeu Graham categoricamente - é a proposta mais obscena que já atingiu meus ouvidos em toda a minha vida.

- Isto dará dinheiro.

- Dinheiro não é tudo.

- Diga-me uma coisa que ele não é... Shh! - Deu um chute que quase fraturou o tornozelo esquerdo de Graham e levantou-se com um sorriso convulsivo: - Sr. de Meister!

- Desculpe, meu velho - disse uma voz letárgica. - Quase que não deu, sabe. Um monte de compromissos. Deve ter sido enfadonho para você.

As orelhas de Graham Dorn tremeram convulsivamente. Olhou por cima do ombro e inclinou-se para trás o mais possível que se conseguiria na posição sentada. Reginald de Meister havia feito germinar um monóculo desde sua última visita, e seu olhar monocular era calculado para gelar o sangue nas veias.

O cumprimento de Meister foi despreocupado. - Meu caro Watson! Que prazer em vê-lo. Isto me enche de satisfação.

- Por que não vai para o inferno? - perguntou Graham curiosamente.

- Meu caro amigo. Oh, meu caro amigo.

MacDunlap gargalhou: - É disso que eu gosto. Piadas! Brincadeiras! Torna agradável o início de tudo. Agora, mãos à obra?

- Certamente. Creio que o jantar está a caminho, não? Então, só vou pedir uma garrafa de vinho. O de sempre, Henry. - O garçom cessou sua andança pelas mesas, desapareceu e voltou deslizando com uma garrafa, despejando, aos borbotões, seu conteúdo num copo.

De Meister provou-o delicadamente: - Você foi tão gentil, meu velho, ao fazer-me um freqüentador deste lugar em suas histórias. Até agora, continua a ser verdade e não poderia ser mais conveniente. Todos os garçons me conhecem. Sr. MacDunlap, suponho que tenha convencido o Sr. Dorn sobre a necessidade de continuar com as histórias de Meister.

- Sim - disse MacDunlap.

- Não - disse Graham.

- Não ligue para ele - disse MacDunlap. - Ele é temperamental. Sabe como são esses autores.

- Não ligue para ele - disse Graham. - Ele é microcefálico. Sabe como são esses editores.

- Olhe, amiguinho. Suponho que MacDunlap não tenha lhe mostrado o lado desagradável de se agir com teimosia.

- O quê, por exemplo, seu sem-vergonha? - perguntou Graham polidamente.

- Bem, você já foi alguma vez mal-assombrado?

- Assim como alguém vir atrás de mim e dizer Buuu!

- Meu caro, ouça o que digo. Sou muito mais sutil do que isso. Posso mal-assombrar realmente alguém com métodos modernos e atuais. Por exemplo, alguma vez sua individualidade já ficou submersa?

Ele riu.

Esse riso tinha algo de familiar. De repente, Granam se lembrou. Estava na página 103 de “O Assassinato Assola a Montanha”:

Suas pálpebras piscaram. Deu uma risada leve e melodiosa e, mesmo não tendo proferido uma palavra, Hank Marslowe protegeu-se. Havia ameaça e força escondidas por trás daquela risada leve e, por alguma razão, o fazendeiro troncudo não ousou pegar sua espingarda.

Para Graham, esta risada ainda era desagradável, mas curvou-se e não ousou pegar sua espingarda.

MacDunlap aproveitou a brecha que o silêncio criara.

- Veja, Graham. Por que brincar com fantasmas? Fantasmas não são coisas sensatas. Não são humanos! Se são melhores direitos autorais o que você quer...

Graham se esquentou. - Você poderia parar de falar em dinheiro? De agora em diante, só vou escrever grandes histórias com emoções humanas de partir os corações.

O rosto corado de MacDunlap mudou subitamente.

- Não - disse.

- De fato, mudando de assunto só por um instante... - e a voz de Graham tornou-se extremamente doce, com as palavras tão pegajosas quanto mel - eu estou com um manuscrito para você dar uma olhada.

Agarrou MacDunlap, que transpirava, pela lapela. - Esta história significa o trabalho de cinco anos. Uma história que vai prendê-lo com sua intensidade. Uma história que vai mexer com o mais profundo de seu ser. Uma história que abrirá um novo mundo. Uma história que...

- Não - disse MacDunlap.

- Uma história que fulminará a falsidade deste mundo. Uma história í que tende à verdade. Uma história...

MacDunlap, incapaz de esticar a mão, pegou o manuscrito.

- Não - disse.

- Por que diabos você não o lê? - perguntou Graham.

- Agora? .

- Bem, comece.

- Olhe, que tal se eu o ler amanhã, ou até depois de amanhã. Agora, tenho que tomar meu xarope para tosse.

- Você não tossiu nenhuma vez desde que cheguei aqui.

- Eu o avisarei imediatamente...

- Esta - disse Granam - é a primeira página. Por que você não começa? Vai prendê-lo instantaneamente.

MacDunlap leu dois parágrafos e disse: - Isso se passa numa cidade de mina de carvão?

-Sim.

- Sendo assim, não posso ler. Sou alérgico à poeira de carvão.

- Mas não é poeira de carvão de verdade, Macula idiota.

- Isto - mostrou MacDunlap - é o que você disse de Meister. Reginald de Meister bateu cuidadosamente um cigarro na mão de modo sutil que Graham imediatamente reconheceu como sendo a indicação de uma súbita decisão.

- Sabe, tudo isto é terrivelmente enfadonho. Poderíamos dizer, uma conversa cheia de rodeios. Continue, MacDunlap, não é hora de meias medidas.

MacDunlap ajuntou seus dotes espirituais e disse: - Muito bem, Senhor Dorn, não adianta a gente ser bonzinho com o senhor. Em lugar de Meister, estou conseguindo poeira de carvão. Em lugar da melhor publicidade dos últimos cinqüenta anos, estou conseguindo projeção social. Muito bem, Senhor Palpiteiro Dorn, se em uma semana não entrar em acordo comigo, se não chegarmos a bom termo, entrará para a lista negra de todas as editoras de boa reputação nos Estados Unidos e no mundo inteiro.

Sacudiu o dedo e acrescentou com um grito: - Inclusive os países escandinavos.

Graham Dorn deu uma risada alegre: - Psh - disse. - Acontece que eu sou alto funcionário da União dos Escritores e, se você tentar me jogar fora, farei com que você entre nas listas negras. Que tal?

- Está certo. Mesmo porque, há a hipótese de eu provar que você é um plagiador.

- Eu - disse Graham, assombrado, quase sufocando. - Eu, o escritor mais original desta década.

- É verdade? E talvez você não se lembre de que em cada caso que escreve menciona, ocasionalmente, os cadernos de de Meister de casos anteriores.

- E daí?

- Daí, ele os tem. Reginald, meu caro, mostre ao Senhor Dorn o caderno de seu último caso. - Você pode vê-lo. Este é o “Mistério dos Marcos Miliários” e contém, com detalhes, todos os incidentes de seu livro... E está datado um ano antes de o livro ser publicado. Bem autêntico.

- E daí, de novo?

- Por acaso você adquiriu o direito de copiar o caderno dele e chamar a cópia de original?

- Olhe aqui, seu paralítico mental, este caderno é invenção minha.

- Quem disse? Está com a caligrafia de Meister, o que qualquer especialista pode provar. E será que você tem um pedaço de papel, algum contrato ou acordo, entende, que lhe dê o direito de fazer uso daquele caderno?

- Como posso ter um acordo com um personagem fictício?

- Que personagem fictício?

- Você e eu sabemos que de Meister não existe.

- Ah, mas o júri sabe? Quando eu der meu testemunho de que tomei três comprimidos fortes para o fígado e ele não desapareceu, como é que doze homens poderão dizer que ele não existe?

- Isto é chantagem.

- Claro que sim. Você tem uma semana. Ou, em outras palavras, sete dias.

Graham Dorn virou-se desesperadamente para de Meister. - Você também está nisso. Dou-lhe em meus livros o máximo senso de honra. Acha tudo isso honroso?

De Meister deu de ombros. - Meu caro amigo. Tudo isso... É assombração, também.

Graham levantou-se.

- Aonde vai?

- Para casa, para lhe escrever uma carta. - As sobrancelhas de Graham ergueram-se num gesto desafiador. - E, desta vez, vou pô-la no correio. Não vou desistir. Lutarei até o último cartucho. E, de Meister, experimente vir com suas assombrações e eu arrancarei sua cabeça do soquete e espalharei o sangue pelo terno novo de MacDunlap.

Saiu majestosamente e, assim que desapareceu pela porta, de Meister evaporou-se.

MacDunlap soltou um ganido tomando, logo em seguida, um comprimido para o fígado, um para os rins e uma colher de xarope para tosse, um após o outro.

Graham Dorn sentou-se na sala de visitas de June e, tendo roído suas unhas há muito tempo, começou a roer os dedos.

June, no momento, não estava presente, com o que Graham se sentia bem. Uma ótima garota; de fato, uma garota muito doce. Mas sua mente não estava ligada nela, no momento.

Em lugar de June, estava pensando numa série de flash-backs que ocorreram nos últimos seis dias:

- Sabe, Graham, encontrei seu “sombra” no clube ontem. Sabe, não, de Meister? Levei um choque horrível. Sempre pensei que fosse uma espécie de Sherlock Holmes que não existisse. Essa foi nova, cara. Eu não sabia que... Ei, onde você vai?

- Ei, Dorn, ouvi dizer que seu chefe, de Meister, está de volta. Você logo vai ter material para mais histórias. Você tem sorte de ter alguém que lhe forneça suas tramas prontas... Ha? bom, até logo.

- Ora, Graham, querido, onde é que você esteve ontem à noite? O caso de Ann não deu em nada sem você; ou, pelo menos, não teria dado, se não fosse por Reggie de Meister. Ele perguntou por você; mas depois, acho que se sentiu perdido sem seu Watson. Deve ser maravilhoso para Watson poder ser comparado com o... Senhor Dorn!

E vice-versa!

- Você conseguiu me enganar. Eu pensei que você inventasse toda aquela violência. Bem, a realidade é mais estranha que a ficção, ha, ha!

- Oficiais da polícia negam que o famoso criminologista amador Reginald de Meister tenha se interessado pelo caso. O próprio Sr. de Meister não foi alcançado pelos nossos repórteres para que fizesse algum comentário. O Sr. de Meister é mais conhecido pelo público por suas brilhantes soluções de mais de uma dúzia de crimes, todos narrados em forma de ficção pelo seu assim chamado “Watson”, Sr. Grayle Doone.

Graham estremeceu e seus braços tremeram, desejosos de sangue. De Meister estava mal-assombrando-o... e eficientemente. Ele estava perdendo sua individualidade, exatamente como havia sido ameaçado.

Gradualmente, Graham começou a compreender que o barulho monótono da campainha que estava ouvindo não vinha de sua cabeça, mas sim da porta da frente.

Tal era a opinião da senhorita June Billings, cujo grito penetrante foi como uma bofetada nos tímpanos de Graham.

- Ei, molenga, vai ver quem está na porta, antes que a vibração da campainha desmorone a casa. Desço em meia hora.

- Sim, querida!

Graham foi arrastando os pés até à porta e abriu-a.

- Ah, você. Saudações - disse de Meister, entrando sem fazer caso.

Os olhos opacos de Graham pararam e depois incendiaram-se quando seus lábios soltaram um grunhido. Ficou na postura de um gorila, tão confortante em momentos como este para os machos americanos de sangUe-vermelho, e deu uma volta pelo detetive levemente confuso.

- Meu caro amigo, você está doente?

- Eu não estou doente - explicou Graham - mas você logo perderá o interesse nisso porque vou banhar minhas mãos em seu sangue.

- Mas ouça o que eu digo, você só terá que lavá-las depois. Seria uma pista muito óbvia, não acha?

- Chega de gozação. Tem algo a dizer?

- Nada em especial.

- Dá na mesma. Não estou interessado em suas últimas palavras.

Partiu para a ação, caindo como um elefante sobre o pobre de Meister. Este foi desaparecendo para a esquerda, atirou um soco e um pontapé e Graham descreveu um arco parabólico que terminou com a total destruição de uma mesa, um vaso de flores, um aquário e um pedaço da parede.

Graham pestanejou e tirou da sobrancelha esquerda um peixinho dourado.

- Meu caro amigo - murmurou de Meister - oh, meu caro amigo. Tarde demais, Graham lembrou-se de um trecho de “Desfile de Armas”:

Os braços de Meister moveram-se como chicotes quando liquidou com os dois assassinos, desferindo golpes rápidos e seguros. Não pela força, mas por seu grande conhecimento de judô, derrotou-os facilmente, sem mesmo mudar o ritmo de sua respiração. Os assassinos gemiam de dor.

Graham gemia de dor.

Ergueu sua coxa direita mais ou menos uma polegada para pôr seu fêmur no lugar.

- Não seria melhor você se levantar, meu chapa?

- Vou ficar aqui - disse Graham com dignidade - e contemplar o chão de perfil até a hora que eu quiser ou até a hora em que eu for capaz de mover um músculo. Não importa que hora. E agora, antes que eu comece a tomar outras medidas com você, que diabo você veio fazer aqui?

Reginald de Meister ajustou seu monóculo com precisão. - Suponho que o ultimato de MacDunlap expira hoje, não?

- Juntamente com você e ele, assim espero.

- Você não vai reconsiderar. - Ha!

- Realmente - suspirou de Meister - isso não leva a nada. Você tornou minha vida agradável neste mundo. Afinal de contas, nos seus livros você me tornou conhecido em todos os clubes e nos melhores restaurantes, o amigo do peito do prefeito e do comissário de polícia, o proprietário de uma cobertura na Av. Park e de uma coleção magnífica de obras de arte. E tudo isso vai permanecer. Realmente, bastante comovente.

- É notável - refletiu Graham - a intensidade com a qual não estou Prestando atenção e a nitidez de não estar ouvindo uma só palavra do que você diz.

- Ainda assim - disse de Meister - não se pode negar que meu mundo nos seus livros me convém. Muito mais do que este. De algum modo, é mais fascinante, mais liberto da lógica sem graça, mais afastado das necessidades do mundo. Resumindo, preciso voltar, é para uma participação ativa. Você tem até amanhã!

Graham cantarolou uma musiquinha alegre.

- Esta é uma nova ameaça, de Meister?

- É a velha ameaça intensificada. vou lhe roubar todo e qualquer vestígio de sua personalidade. E, finalmente, a opinião pública irá forçá-lo a escrever como, segundo suas próprias palavras, o Palhaço de Meister. Você viu o nome que lhe deram no jornal de hoje, meu caro?

- Vi, Sr. Nojento de Meister, e você leu um artigo de meia coluna na página dez do mesmo jornal? Diz que, dentro em breve, irá se alistar.

Por um momento, de Meister não disse nem fez nada. Em seguida, uma após outra, tomou estas atitudes: Tirou seu monóculo lentamente, sentou-se largando o corpo, coçou o queixo como se estivesse absorto e acendeu um cigarro, depois de prepará-lo

cuidadosamente. Os olhos treinados de Graham reconheceram em cada uma dessas atitudes a representação de perturbação e angústia de seu próprio personagem.

E nunca, em nenhum de seus livros, Graham lembrou-se de alguma ocasião na qual de Meister tivesse passado pelas quatro consecutivamente.

Finalmente, de Meister falou. - Realmente, não sei por que você criou esse alistamento no seu último livro. Essa necessidade de estar atualizado, esse desejo demoníaco de mencionar as notícias do momento é a grande praga das histórias de mistério. Uma verdadeira história de mistério não tem tempo; não deveria ter qualquer relação com os acontecimentos da época; deveria...

- Há uma maneira - disse Graham - de se escapar do alistamento...

- Você poderia, pelo menos, ter mencionado uma classificação adiada por um bom motivo qualquer.

- Há uma maneira - disse Graham - de se escapar do alistamento...

- Negligência criminosa - disse de Meister.

- Olhe! Volte para os livros e você nunca será chumbado.

- Escreva-os que eu voltarei.

- Pense na guerra.

- Pense em seu ego.

Dois homens fortes ficaram se encarando (ou teriam ficado, se Graham houvesse abandonado a posição horizontal) e nenhum deles se esquivou.

- Que beco sem saída!

E a doce voz feminina de June Billings interrompeu a tensão:

- Posso perguntar, Graham Dorn, o que você está fazendo aí no chão? Foi varrido hoje e não é um elogio tentar melhorar meu serviço.

- Eu não estou varrendo o chão. Se você olhasse melhor - replicou Graham gentilmente - veria que seu próprio noivo adorado está todo contundido e cheio de dores.

- Você acabou com a minha mesa.

- Quebrei a perna.

- E o meu melhor abajur.

- E duas costelas.

- E o meu aquário.

- E o meu pomo-de-adão.

- E você não me apresentou seu amigo.

- E minhas vértebras cervi... Que amigo?

- Este aqui.

- Amigo! Ha! - E sua visão se turvou. Ela era tão jovem, tão frágil ara entrar em contato com os fatos difíceis e brutais dessa vida. - Este - murmurou com voz entrecortada - é Reginald de Meister.

Nesse momento, de Meister partiu um cigarro em dois, gesto que indicava a mais profunda emoção.June disse lentamente: - Ora... ora, você é diferente do que eu havia pensado.

- Como a senhorita esperava que eu fosse? - perguntou de Meister, com voz doce e emocionante.

- Não sei. Diferente... Pelas histórias que li.

- De alguma forma, Srta. Billings, a senhorita me lembra Letitia Reynolds.

- Acho que sim. Graham disse que a criou baseado em mim.

- Uma imitação muito pobre, Srta. Billings. Terrivelmente pobre. Agora, estavam separados por seis polegadas, com os olhos grudados um no outro, e Graham deu um grito agudo. Deu um pulo quando sua memória o golpeou na testa.

Ocorreu-lhe um trecho do "Caso da Galocha Lamacenta". Bem como de "Assassinos Alegres". Além de outro de "A Tragédia de Hartley Manor", "Morte de um Caçador", "Escorpião Branco" e, para resumir, de todas outras histórias.

Dizia o trecho:

Havia um certo fascínio em de Meister que atraía as mulheres irresistivelmente.

E June Billings era... como sempre ocorria a Graham, em seus momentos de folga... uma mulher.

E este fascínio simplesmente brotava de June e escorria até o chão.

- Saia desta sala, June - ordenou.

- Não saio.

- Tenho que discutir algo com o Sr. de Meister de homem para homem. Peço que você saia da sala.

- Vá, por favor, Srta. Billings - disse de Meister. June hesitou e disse baixinho: - Muito bem.

- Espere aí - gritou Graham. - Não deixe que ele lhe dê ordens.

Peço que fique.

June retirou-se, fechando a porta delicadamente.

Os dois homens se encararam. Os olhos de ambos indicavam que por trás deles havia um homem forte acuado. Havia teimosia e um antagonismo perene; nenhum ataque e nenhum acordo. A situação era exatamente a que Graham Dorn costumava apresentar aos seus leitores quando dois homens fortes lutavam por uma mão, um coração, uma garota.

Os dois disseram ao mesmo tempo: - Vamos fazer um acordo!

Graham disse: - Você me convenceu, Reggie. Nosso público precisa de nós. Amanha deverei começar outra história com de Meister. Vamos apertar as mãos e esquecer o passado.

De Meister lutava com sua emoção. Pousou as mãos na lapela de Graham e disse: - Meu caro amigo, eu é que me convenci com sua lógica. Não posso permitir que se sacrifique por mim. Há muita coisa em você que precisa ser posta para fora. Escreva suas histórias em minas de carvão. Elas é que contam, não eu.

- Não conseguiria, meu caro. Não depois de tudo que fez por mim e de tudo que pretendeu fazer. Amanhã começamos novamente.

- Graham, meu... meu pai espiritual, não posso permitir uma coisa dessas. Pensa que não tenho sentimentos, sentimentos filiais, de um modo espiritual?

- Mas a guerra, pense na guerra. Corpos estraçalhados. Sangue. Tudo isso.

- Oh, isso! - De Meister riu com uma elegância descuidada. - As coisas mudaram. No momento, tantas pessoas acreditam em minha existência que meus laços com uma existência verdadeira tornaram-se firmes demais para se desfazerem. Não tenho mais que me preocupar com o Limbo.

- Oh. - Graham cerrou os dentes e disse: - Então, seu plano é este, sua víbora. Acha que não percebi que você está parado em June?

- Olhe aqui, meu caro - disse de Meister arrogantemente. - Não posso permitir que faça pouco caso de um amor verdadeiro e honesto. Amo June e ela me ama... sei que

sim. E se você quiser dar uma de antiquado, é melhor tomar um pouco de nitroglicerina e dar umas marteladas em sua cabeça.

- Quem vai tomar nitroglicerina é você! Porque hoje à noite vou para casa para começar outra história com de Meister. Você fará parte dela e voltará para ela. O que acha disso?

- Nada, porque você não pode escrever outra história com de Meister. Agora, sou real demais e você não pode me controlar assim tão facilmente. O que acha disso?

Graham Dorn levou uma semana para saber o que pensar de tudo isso; então, viu que seus pensamentos simplesmente não podiam ser impressos.

De fato, era impossível escrever.

Isto é, ocorriam-lhe idéias surpreendentes para grandes romances, dramas, poemas épicos, ensaios brilhantes... mas não conseguia escrever nada sobre Reginald de Meister.

A máquina de escrever simplesmente não batia “Rs” maiúsculos.

Graham chorou, disse palavrões, arrancou o cabelo e untou as pontas dos dedos com linimento. Tentou com a máquina de escrever, com caneta, lápis, lápis de cor, carvão e sangue.

Não conseguia escrever.

A campainha da porta tocou e Graham foi abri-la.

MacDunlap entrou cambaleando e, através das montanhas de papel rasgado, foi direto para os braços de Graham.

Graham deixou-o cair. - Ha! - disse com dignidade.

- Meu coração! - disse MacDunlap, procurando desesperadamente seus comprimidos para o fígado.- Veja se não morre aí - sugeriu Granam cortesmente. - Os condôminos 350 não permitirão que eu coloque carne humana no incinerador.

- Graham, meu filho - disse MacDunlap com emoção - chega de ultimatos! Chega de ameaças! Estou aqui para apelar para seus melhores sentimentos, Graham - continuou, meio sufocado. - Gosto de você como se fosse meu filho. Este cafajeste, de Meister, tem que desaparecer. Você tem que escrever outras histórias com de Meister por mim.

Graham - vou lhe contar algo em particular. Minha esposa está apaixonada por este detetive. Ela me diz que não sou romântico. Eu! Eu não sou romântico! Dá para você entender?

- Dá - foi a trágica resposta. - Ele fascina todas as mulheres.

- Com aquela cara? com aquele monóculo?

- Assim dizem todos os meus livros.

- MacDunlap aprumou-se. - Ha-ha. Você de novo. Palerma! Se ao menos você parasse de escrever o suficiente para ver o que sua máquina estava dizendo.

- Você insistiu. Mercado feminino. - Graham não se importava mais. Mulheres! Riu com amargura. Nada de errado com elas que uma bomba arrasa-quarteirão não consertasse.

MacDunlap pigarreou. - Bem, mercado feminino. Bastante necessário. - Mas Graham, o que devo fazer? Não é só minha mulher. Ela possui cinqüenta ações da Incorporação MacDunlap em seu próprio nome. Se ela me deixar, perderei o controle. Pense nisso, Graham. À catástrofe no mundo das editoras.

- Grew, meu caro. - Graham deu um suspiro tão profundo que ficou todo arrepiado, mostrando estar solidário com o outro. - Também tenho o que lhe dizer. June, minha noiva, ama este verme. E ele a ama porque ela é o protótipo de Letitia Reynolds.

- É o que de Letitia? - perguntou MacDunlap, suspeitando tratar-se de um insulto.

- Deixe pra lá. Minha vida está arruinada. - Sorriu bravamente e sufocou algumas lágrimas femininas, depois que duas haviam pingado pela ponta de seu nariz.

- Coitadinho! - Deram um aperto de mão convulsivamente.

- Caí nas garras deste monstro infame - disse Graham.

- Preso como um alemão na Rússia - disse MacDunlap.

- Vítima de um demônio desumano - disse Graham.

- Exatamente - disse MacDunlap.

Apertou a mão de Graham como se estivesse tirando leite de uma vaca. - Você tem que escrever histórias com de Meister e mandá-lo de volta ao seu lugar de origem, o inferno. Certo?

- Certo! Mas ainda há um probleminha.

- O quê?

- Não posso escrever. Agora ele é tão real que não consigo colocá-lo num livro.

MacDunlap compreendeu o significado das montanhas de papel no chão. Segurou a cabeça e gemeu: - Minha corporação! Minha esposa!

- Ainda temos a hipótese do Exército - disse Graham. MacDunlap ergueu os olhos. - E a “Morte no Terceiro Convés”, a história que rejeitei há três semanas?

- Essa não vale. É do passado. Já o afetou.

- Sem ser publicada?

- Claro. É a história na qual mencionei seu alistamento. A que o pôs no 1-A.

- Eu pensaria em lugares melhores para ele.

- MacDunlap! - Graham levantou-se num salto e agarrou a lapela de MacDunlap. - Talvez possa ser revisada.

MacDunlap começou a tossir e abafou um grunhido.

- Podemos pôr o que quisermos nela.

Por um instante, MacDunlap ficou sufocado.

- Podemos consertar as coisas. MacDunlap ficou azul.

Graham sacudiu a lapela e tudo que se prendia a ela: - Diga alguma coisa!

MacDunlap tomou uma colher de sopa de xarope para tosse. Pôs a mão no coração e deu uns tapinhas no local. Balançou a cabeça e mexeu as sobrancelhas.

Graham deu de ombros. - Bem, se você pretende continuar com esse mau-humor, não tem problema. Farei a revisão sem você.

Localizou o manuscrito e cuidadosamente tentou escrever â máquina. Seus dedos batiam normalmente, praticamente sem nenhum estalo nas articulações. Começou a bater cada vez mais rápido até atingir sua velocidade normal, sacudindo o corpo alegremente como quem recobra suas energias.

- Está dando certo - gritou. - Não consigo escrever histórias novas, mas consigo revisar as velhas, as que não foram publicadas.

MacDunlap olhou por cima do ombro. Estava com a respiração entrecortada.

- Mais rápido - disse MacDunlap - mais rápido!

- Mais que trinta e cinco? - perguntou Graham severamente. - É proibido pelo OPA* ! Mais cinco minutos.

*Office of Price Administration estava encarregado, na época, do racionamento de gasolina. (Repartição de Administração de Preços.).

- Ele estará lá?

- Sempre está. Tem ido à casa dela todas as noites, nessa semana. Cuspiu o que restara de seus incisivos, os quais havia triturado. - Mas Deus o proteja se sua secretária falhar no serviço.

- Meu filho, na minha secretária você pode confiar.

- Ela tem que ler esta revisão até às nove.

- Se ela não se danar antes.

- Com a sorte que eu tenho, é bem capaz que isto aconteça. Será que ela vai acreditar na história?

- Em todas as palavras. Ela viu de Meister. Ela sabe que ele existe.

Graham brecou o carro e todo o seu ser encolheu-se com o cantar dos pneus.

Subiu a escada aos pulos, seguido por MacDunlap, que cambaleava.

Tocou a campainha e foi entrando, Reginald de Meister, em pé na direção da porta de entrada, recebeu o impacto de um dedo acusador que só não o tornou um personagem caolho porque moveu rapidamente a cabeça para trás.

June Billings ficou de lado, em silêncio e constrangida.

- Reginald de Meister - rosnou Graham com voz sinistra - prepare-se para o seu fim.

- Meu caro - disse MacDunlap - seu fim chegou.

- E o que - perguntou de Meister - eu tenho a ver com esta afirmação dramática mais infeliz? Meio confusa, não acha? - Acendeu um cigarro com modos elegantes e sorriu.

- Olá, Gramie - disse June com lágrimas nos olhos.

- Dê o fora, mulher à-toa.

June fungou. Sentia-se como uma heroína tirada de um livro, arrasada por suas próprias emoções. Naturalmente, estava se divertindo à beça.

Assim sendo, deixou as lágrimas escorrerem e fez uma expressão de infelicidade.

- Voltando ao assunto, o que isso quer dizer? - perguntou de Meister, cansado.

- Reescrevi a “Morte no Terceiro Convés”.

- Então?

- A revisão - continuou Graham - está, no momento, nas mãos da secretária de MacDunlap, uma garota do tipo da Srta. Billings, minha noiva. Isto é, uma forte candidata â debilidade mental, mas que ainda não conseguiu. Vai acreditar em tudo que escrevi.

- Então?

A voz de Graham tornou-se ameaçadora. - Talvez você se lembre de Sancha Rodriguez, não?

Pela primeira vez, Reginald de Meister tremeu. Pegou seu cigarro que havia caído. - Foi morta por Sam Blake no capítulo seis. Estava apaixonada por mim. Você me põe em cada enrascada, meu velho.

- Não são nem a metade da que você está agora, meu caro. Sancha Rodriguez não morreu na revisão.

- Morrer! - disse uma voz claramente feminina. - vou mostrara ele se morri. E onde você esteve este mês, seu malandro?

Desta vez, de Meister não pegou seu cigarro. Nem ao menos tentou. Ele reconheceu a aparição. Para um observador estranho, poderia ser apenas uma garota latina e esbelta provida de olhos escuros e brilhantes e unhas longas e cintilantes, mas para de Meister era Sancha Rodriguez viva!

A secretária de MacDunlap lera e acreditara.

- Srta. Rodriguez - falou de Meister, todo charmoso - que ótimo vê-la.

- Sra. de Meister, seu apressadinho, malandro, sem-vergonha. E quem é esta mulher?

June colocou-se atrás da cadeira mais próxima, com dignidade.

- Sra. de Meister - disse Reginald em tom suplicante, voltando-se desesperado para Graham Dorn.

- Oh, você esqueceu, seu galanteador, cachorro. vou lhe mostrar o que é enganar uma mulher fraca. Vai virar carne moída.

- DeMeister recuou, furioso. - Mas querida...

- Não adianta falar manso. O que você está fazendo com esta mulher?

- Mas querida...

- Não quero explicações. O que você está fazendo com esta mulher?

- Mas querida...

- Cale a boca! O que você está fazendo com esta mulher? Reginald de Meister estava preso num canto e a Sra. de Meister ameaçava dar-lhe uns socos. - Responda! De Meister desapareceu. A Sra. de Meister desapareceu logo em seguida. June Billings caiu num choro real. Graham Dorn cruzou os braços e fitou-a rispidamente. MacDunlap esfregou as mãos e tomou um comprimido para o fígado.

- Não foi culpa minha, Gramie - disse June. - Você disse em seus livros que ele fascinava todas as mulheres e não pude evitar. No fundo, eu o odiei o tempo todo.

Você acredita em mim, não?

- Sempre a mesma história! - disse Graham, sentando-se no sofá perto dela. - Sempre a mesma história. Mas talvez eu a perdoe.

MacDunlap disse com voz trêmula: - Meu filho, você salvou minhas ações. E minha mulher também, é claro. E lembre-se - você me prometeu escrever uma história com de Meister por ano.

Graham, cerrando os dentes, disse: - Só uma, e nessa ele vai morrer; e por precaução, vou guardar para sempre uma história sem ser publicada. E você vai publicar minha história, não vai, meu caro Grew?

- Glug - disse MacDunlap.

- Não vai?

- Sim, Graham. Claro, Graham. Está decidido, Graham. De verdade, Graham.

- Então, agora nos deixe. Tenho assuntos muito importantes para discutir com minha noiva.

MacDunlap sorriu e saiu na ponta dos pés.

Ah, o amor, o amor, meditou ele enquanto tomava um comprimido para o fígado, seguido de um gole de xarope para tosse.

***

Eu poderia salientar duas coisas em “Autor! Autor!”Parece-me que nessa história consegui criar um romance com maior facilidade do que em todas as anteriores. Talvez isto seja um reflexo do fato de ser a primeira história que escrevi estando casado.

Em segundo lugar, temos as referências ao racionamento, recrutamento e outros fenômenos sociais sempre presentes na mente daqueles que viveram durante a Segunda Guerra Mundial. Eu havia avisado Bensen sobre a existência destas referências e sobre a impossibilidade de tirá-las da história na revisão, visto que faziam parte da trama. Entretanto, Bensen desdenhou-as e em sua breve introdução à história, disse aos leitores: - E não se preocupem com as referências ao OPA e ao Serviço de Seleção - considerem-nas como parte do cenário histórico, assim como considerariam espadas e babados numa história de uma época anterior.

E aqui, deixo o meu apoio à sua afirmação.

Se eu tivesse parado com a gratificação que veio com a venda de “Autor! Autor!” durante alguns meses, o desaparecimento da revista Unknown poderia ter me batido. Poderia ter parecido uma prova de que eu estava destinado a ser bem sucedido em minha carreira e talvez - novamente - tudo teria sido diferente.

Entretanto, após à terceira semana de vendas, eu já estava escrevendo novamente. A nova historia era “Sentença de Morte”, uma história de ficção científica. Escrever ainda consistia num trabalho lento; sete semanas para escrever uma história de 7 200 palavras. Entretanto, no dia 29 de junho de 1943, enviei-a a Campbell e no dia 8 de julho, foi aceita - novamente por um centavo e um quarto por palavra.

Isto significa que, quando veio a notícia do desaparecimento da revista Unknown, esta foi amortecida pelo fato de que eu já havia escrito e vendido outra história.

22

SENTENÇA DE MORTE

Brand Gorla sorriu embaraçosamente:- Sabe, estas coisas exageram.

- Não, não e não! - Os olhos albinos do homenzinho fuzilavam. Dorlis era enorme numa época em que nenhum ser humano havia entrado no Sistema Vegano.

- Bem, então, digamos que era uma capital antiga. vou admitir isto e deixar o resto para um arqueólogo.

- Arqueólogos não resolvem. O que descobri necessita de um especialista. E você está no Conselho.

Bran dGorla parecia em dúvida. Lembrou-se de Theor Realo na época em que este último era bacharelando... um humano branco e desajustado, perdido em suas reminiscências.

Fora há muito tempo atrás, mas o albino agira de modo esquisito. Isto era fácil de se lembrar. E ele ainda era esquisito.

- Tentarei ajudar - disse Brand - se me disser o que quer. Theor fitou-o atentamente: - Quero que apresente certos fatos ao Conselho. Promete?

Brand tentou se esquivar: - Mesmo que eu o ajude, Theor, tenho que lembrá-lo de que sou novo no Conselho Psicológico. Não exerço muita influência.

- Você tem que fazer tudo o que puder. Os fatos falarão por si. - As mãos do albino tremiam.

- Continue. - Brand conformou-se. O homem era um antigo colega de escola. Não dava para ser demasiado arbitrário.

Brand Gorla encostou-se e relaxou. A luz de Arcturus brilhava através das janelas do forro, espalhada e suavizada pelo vidro polarizante. Até mesmo esta versão diluída da luz solar era demais para os olhos rosados do outro, tendo ele que proteger os olhos enquanto falava.

- Vivi às custas de Dorlis por vinte e cinco anos, Brand - disse - i me meti em lugares que ninguém sabia que existiam e encontrei coisas. Dorlis foi a capital científica e cultural de uma civilização maior que a nossa.

Sim, era, especialmente em psicologia.

- As coisas do passado sempre parecem maiores. - Brand dignou-se a sorrir. - Há um teorema neste sentido que você poderá encontrar em qualquer livro para principiantes.

Os calouros costumam chamá-lo de “Teorema VBT”. Significa “os Velhos e Bons Tempos”. Mas, continue.

Theor fechou a cara devido à digressão. Ocultou um princípio de sorriso zombeteiro: - A gente sempre pode eliminar um fato constrangedor qualificando-o como ultrapassado.

Mas, diga-me uma coisa. O que você sabe sobre Engenharia Psicológica?

Brand deu de ombros: - Nada. De qualquer forma, não no sentido matemático estrito. Toda propaganda e anúncio é uma forma grosseira de se atingir a Engenharia Psicológica... e, às vezes, bem sucedida. Talvez você queira dizer isto.

- Absolutamente. Quero dizer experimentos reais com massas de pessoas sob condições controladas e durante alguns anos.

- Estas coisas foram discutidas. Não são possíveis na prática. Nossa estrutura social não agüentaria e não temos conhecimento suficiente para estabelecermos controles eficazes.

Theor conteve sua excitação: - Mas os antigos tinham conhecimento suficiente. E eles estabeleceram controles.

Brand observou fleumaticamente: - Surpreendente e interessante, mas como você sabe?

- Porque encontrei os documentos relacionados com isso. - Parou de falar, devido à falta de ar. - Um planeta inteiro, Brand. Um mundo completo selecionado, povoado por seres sob estrito controle em todos os ângulos. Estudado, mapeado e testado. Você não entende?

Brand não notou nenhum sinal de descontrole mental. Talvez uma investigação mais aprimorada...

Disse calmamente: - Você deve ter se enganado. É totalmente impossível. Você não pode controlar humanos assim. Variáveis em demasia.

- É aí onde quero chegar. Eles não eram humanos.

- O quê?

- Eram robôs, robôs positrônicos. Um mundo inteiro cheio deles, Brand,com nada para fazerem a não ser viverem, reagirem e serem observados por um grupo de psicólogos que eram reais.

- Isso é loucura!

- Tenho provas... porque este mundo de robôs ainda existe. A Primeira Confederação se desmantelou mas este mundo de robôs continuou a existir. Ainda existe.

- E como você sabe?

Theor Realo levantou-se. - Porque estive lá durante os últimos vinte e cinco anos!

O presidente do Conselho tirou sua toga debruada de vermelho e pegou no bolso um longo charuto retorcido, indiscutivelmente informal.

- Ridículo - resmungou - e completamente louco.

- Exatamente - disse Brand - e eu não posso apresentar isto ao Conselho assim, sem mais nem menos. Não me dariam ouvidos. Primeiro, tenho que fazer com que o senhor entenda bem o caso para depois, então no caso de o senhor querer usar sua autoridade... ""

- Que loucura! Nunca ouvi nada... Quem é o cara?

Brand suspirou: - Um excêntrico, tenho que admitir. Estava em minha classe no Arcturus U e já era biruta naquela época. Mal ajustado como o diabo, obcecado por história antiga e aquele tipo de pessoa que, quando encasqueta com uma idéia, leva-a até o fim. Diz que andou por Dorlis durante vinte e cinco anos. Tem a documentação completa de praticamente uma civilização inteira.

O presidente do Conselho soltou umas baforadas com fúria. - Sim, eu sei. O brilhante amador que sempre descobre as grandes coisas. O independente. O lobo solitário.

Louco! Já consultou o Departamento de Arqueologia?

- Claro que sim. E o resultado foi interessante. Ninguém se preocupa com Dorlis. Veja, isto não é apenas uma história antiga. É uma questão de quinze mil anos. É praticamente um mito. Arqueólogos reputados não gastam muito tempo com isto. É exatamente a coisa que um leigo devorador de livros com uma mente limitada poderia descobrir. Depois disso, é claro, se o negócio der certo, Dorlis vai se tornar o paraíso dos arqueólogos.

O presidente do Conselho torceu o rosto numa careta assustadora. Não é nada lisonjeiro para o ego. Se houver alguma verdade nisso tudo, a chamada Primeira Confederação, deve ter tido uma compreensão da psicologia tão maior que a nossa, a ponto de nos fazer parecer uns bobos. Além disso, eles teriam que construir robôs positrônicos que estariam a setenta e cinco ordens de grandeza além de qualquer coisa que podemos já ter projetado. Galáxia! Pense na matemática envolvida.

- Olhe, senhor presidente, consultei quase todo mundo. Não traria este caso ao senhor se eu não tivesse certeza de que todos os ângulos foram verificados. Praticamente, a primeira coisa que fiz foi falar com Blak e ele é consultor matemático dos Robôs Unidos. Segundo ele, estas coisas não tem limite. com tempo, dinheiro e adiantamento em psicologia - veja bem - robôs desse tipo poderiam ser construídos imediatamente.

- Que provas ele tem?

- Quem, Blak?

- Não, não. Seu amigo. O albino. Você disse que ele tinha documentos.

- E tem. Estou com eles aqui. Ele tem documentos...e sua antiguidade é indiscutível. Verifiquei-os de todas as maneiras desde domingo. Não os sei ler, é claro. Não sei se alguém seria capaz a não ser Theor Realo.

- Ele foi esperto, não? Temos que acreditar no que ele diz.

- Sim, de certo modo. Mas ele não se diz capaz de decifrar mais do que algumas partes. Diz que está relacionado com o centauriano antigo e já coloquei lingüistas trabalhando nisso. É possível se solucionar e se sua tradução não estiver certa, ficaremos sabendo.

- Muito bem. Vamos ver.

Brand Gorla apresentou-lhe os documentos plastificados. O presidente do Conselho jogou-os de lado e pegou a tradução. A fumaça do charuto subia durante sua leitura.

- Hum - foi seu comentário. - Suponho que os outros detalhes estejam em Dorlis.

- Theor diz que há por volta de cem a duzentas toneladas de cópias só sobre o projeto do cérebro dos robôs positrônicos. Ainda estão no cofre original. Mas isso é o de menos. Ele esteve no próprio mundo dos robôs. Tem em seu poder fotos, gravações em teletipos, toda espécie de detalhes.

Elas não estão integradas, como era de se esperar de um trabalho de um leigo que não sabe quase nada sobre psicologia. Mesmo assim, conseguiu reunir dados suficientes para provar conclusivamente que o mundo em que estava não era... hum... natural.

- Você também está com isso.

- Tudo. A maioria está microfilmada mas trouxe o projetor. Aqui estão suas oculares.

Uma hora mais tarde, o presidente do Conselho disse: - Convocarei uma reunião do Conselho para amanhã para resolvermos isso.

Brand Gorla forçou um sorriso: - Enviaremos uma comissão a Dorlis?

- Quando - disse o presidente do Conselho secamente - e se conseguirmos uma verba da universidade para este caso. Por favor, deixe este material comigo por algum tempo. Quero estudá-lo mais um pouco.

Teoricamente, o Departamento Governamental de Ciência e Tecnologia exerce controle administrativo de toda investigação científica. Entretanto, na verdade, os grupos de pesquisa pura das grandes universidades são corpos inteiramente autônomos e, regra geral, o governo não se interessa em disputá-los. Mas uma regra geral não é necessariamente uma regra universal.

Sendo assim, apesar de o presidente do Conselho fazer cara feia, enfurecer-se e soltar palavrões, não havia como negar a Wynne Murry uma entrevista. Dando seu título completo, Murry estava abaixo do secretário encarregado da tecnologia psicológica, psicoterápica e mental. E era um bom psicólogo por conta própria.

Assim sendo, o presidente do Conselho poderia não olhá-lo com bons olhos, mas só isso.

O secretário Murry ignorou alegremente o olhar feroz a ele dirigido. Passou a mão pelo queixo e disse: - É um caso de informação insuficiente. Vamos colocá-lo assim?

O presidente do Conselho disse frigidamente: - Não vejo que informação você possa querer. O poder do governo sobre as verbas das universidades é meramente consultativo e, neste caso, poderia dizer que o conselho não é bem-vindo.

Murry deu de ombros: - Não tenho queixa da verba. Mas o senhor não vai sair do planeta sem a permissão do governo. Aí é que entra a informação insuficiente.

- Não há nenhuma informação além da que lhe demos.

- Mas algumas coisas transpiraram. Esse segredo é infantil e totalmente desnecessário.

O velho psicólogo corou. - Segredo! Se não conhece o modo acadêmico de vida, não posso fazer nada por você. Investigações, especialmente as de grande importância, não são e não podem ser tornadas públicas até que se tenha feito um progresso definido. Quando voltarmos, enviaremos a você cópias de todos os escritos que publicarmos.

Murry sacudiu a cabeça: - Hã-hã. Não bastam. O senhor vai a Dorlis não vai?

- Informamos o Departamento de Ciência a esse respeito.

- Por quê?

- Por que quer saber?

- Porque o negócio é grande, senão o próprio presidente do Conselho não iria. O que é esse negócio de uma civilização mais antiga e um mundo de robôs?

- Bem, então, você sabe.

- Só conseguimos escarafunchar noções vagas. Quero os detalhes.

- Não há nenhum que saibamos no momento. Não saberemos até estarmos em Dorlis.

- Então, vou com vocês.

- O quê?

- Veja, eu também quero os detalhes.

- Por quê?

- Ah - Murry descruzou as pernas e ficou em pé - agora o senhor está fazendo as perguntas. Agora, não adianta. Eu sei que as universidades não morrem de amor pela

supervisão governamental; e sei que não posso esperar nenhuma ajuda voluntária de qualquer fonte acadêmica. Mas, através de Arcturus, desta vez vou conseguir ajuda e não me importo como o senhor vai tentar impedir. Sua expedição não vai a lugar nenhum, a menos que eu vá com vocês - representando o governo.

Dorlis, como mundo, não impressiona. Sua importância para a economia galáctica é nula, sua posição é completamente fora das grandes rotas comerciais; seus nativos, atrasados e ignorantes e sua história, obscura. Todavia, em algum lugar nas pilhas de entulho que se amontoam num mundo antigo, há evidências obscuras de um influxo de chamas e destruição que destruiu a Dorlis antiga... a maior capital da maior Federação.

E em algum lugar nesse entulho, homens de um mundo mais novo intrometeram-se e investigaram, tentando entender.

O presidente do Conselho sacudiu a cabeça e empurrou seu cabelo grisalho para trás. Não se barbeava há uma semana.

- O problema é que - disse - não temos nenhum ponto de referência. A linguagem pode ser decifrada, suponho eu, mas nada pode ser feito com as anotações.

- Acho que muita coisa foi feita.

- São tiros no escuro! Adivinhação de jogos baseada nas traduções de seu amigo albino. Não vou fundamentar qualquer esperança nisso.

Brand disse: - Besteira! O senhor passou dois anos estudando a anomalia nímia e, até agora, só dois meses nesse assunto, o qual requer um trabalho milhares de vezes maior. É alguma outra coisa que o está intrigando. - Sorriu, apesar da fisionomia fechada: - Não é necessário um psicólogo para se ver que o homem do governo está em sua cabeça.

O presidente do Conselho mordeu o fim do charuto, cuspindo-o para longe. Disse lentamente: - Há três coisas naquele idiota tapado que me deixam furioso. Primeiro, não gosto de interferências do governo. Em segundo lugar, não gosto que um estranho fique bisbilhotando enquanto estamos lidando com o maior negócio da história da psicologia. Em terceiro lugar, que diabos ele quer? O que ele estaria procurando?

- Não sei.

- O que ele estaria procurando? Já pensou nisso?

- Não. Francamente, não me importa. Se eu fosse o senhor, ignoraria aquele sujeito.

- Você ignoraria - disse o presidente do Conselho violentamente. Ignoraria! Acha que a interferência do governo nesse caso só tem que ser ignorada. Suponho que saiba que este Murry se diz um psicólogo, não?

- Sei disso.

- E suponho que saiba que ele tem demonstrado um interesse devorador por tudo que temos feito.

- Eu diria que isso seria natural.

- Oh! E você sabe mais - sua voz interrompeu-se subitamente. Muito bem, Murry está à porta. Calma.

Wynne Murry cumprimentou-os com um sorriso largo, mas o presidente do Conselho apenas retribuiu com a cabeça, sem sorrir.

- Bem, senhor presidente - disse Murry sem fazer cerimônia - o senhor sabe que estou em pé há quarenta e duas horas? O senhor tem algo aqui. Algo muito grande.

- Obrigado.

- Não, não. Estou falando sério. O mundo dos robôs existe.

- Pensou que não?

O secretário deu de ombros amavelmente. - A gente tem um certo ceticismo natural. Quais são seus planos para o futuro?

- Por que pergunta? - O presidente do Conselho murmurou estas palavras, uma a uma, como se estivessem sendo arrancadas à força.

- Para ver se combinam com os meus.

- Quais são os seus?

O secretário sorriu. - Não, não. O senhor começa. Quanto tempo pretende ficar aqui?

- O quanto for necessário para um bom começo dos documentos envolvidos.

- Isto não é resposta. O que quer dizer com um bom começo?

- Não tenho a menor ideia. Poderia levar anos.

- Oh, maldição!

O presidente do Conselho ergueu as sobrancelhas e não disse nada. O secretário olhou suas unhas. - Acredito que saiba o local deste mundo dos robôs.- Naturalmente. Theor Realo esteve lá. Até agora, suas informações parecem todas corretas.

- Está certo. O albino. Bem, por que não ir lá?

- Ir lá! Impossível!

- Posso perguntar por quê?

- Olhe - disse o presidente do Conselho, contendo sua impaciência.

- Você não está aqui a pedido nosso e não estou lhe pedindo que dite o curso de nossas ações; mas, só para lhe mostrar que não estou atrás de briga, vou lhe fazer um tratamento metafórico de nosso caso. Suponha que nos deparássemos com uma máquina enorme e complicada, composta de princípios e materiais sobre os quais não conhecêssemos praticamente nada. É tão vasta que não sabemos nem mesmo como relacionar as partes, sem falar no propósito do conjunto. Agora, você me aconselharia a atacar as delicadas e misteriosas partes móveis da máquina com um raio detonador antes que eu soubesse do que se trata?

- Eu o entendo, é claro, mas acho que o senhor está se tornando um místico. A metáfora é forçada.

- Absolutamente. Estes robôs positrônicos foram construídos segundo linhas que ainda desconhecemos e foram projetados para seguirem linhas que também desconhecemos inteiramente. Praticamente a única coisa que sabemos é que os robôs foram isolados completamente, para eles mesmos fazerem seus destinos. Arruinar o isolamento seria arruinar a experiência. Se formos lá em massa, introduzindo fatores novos e imprevistos, induzindo reações indesejadas, tudo estará arruinado. A menor perturbação...

- Conversa fiada! Theor Realo já esteve lá.

De repente o presidente do Conselho perdeu a calma. - Você não acha que sei disso? Supõe que teria acontecido se aquele maldito albino não tivesse sido um fanático ignorante sem absolutamente nenhum conhecimento de psicologia? Só a Galáxia sabe o que o idiota já fez de estragos.

Houve um silêncio. O secretário mordia a unha de um dedo, numa atitude pensativa. - Não sei... não sei. Mas tenho que descobrir. E não posso esperar durante anos.

Saiu e o presidente do Conselho voltou-se fervendo para Brand: - E como vamos impedi-lo de ir ao mundo dos robôs se ele quiser assim?

- Não vejo como ele possa ir se não permitirmos. Ele não chefia a expedição.

- Ah, não? Era isso o que eu estava para lhe dizer antes de ele entrar. Dez naves da esquadrilha pousaram em Dorlis desde que chegamos.

- O quê?

- Isso mesmo.

- Mas para quê?

- Isso, meu caro, é o que eu também não entendo.

- Importa se eu entrar? - disse Wynne Murry amigavelmente, enquanto Theor Realo tirava os olhos, com súbita ansiedade, dos papéis que se achavam na escrivaninha à sua frente, completamente bagunçados.

- Entre. vou esvaziar um lugar para você. - O albino tirou a bagunça de uma das duas cadeiras, num estado de nervos deplorável.

Murry sentou-se e cruzou as pernas. - Você também está trabalhando aqui? - Apontou a escrivaninha com a cabeça.

Theor sacudiu a cabeça e sorriu levemente. Quase automaticamente, ajuntou os papéis e colocou-os virados para baixo.

Nos meses desde que voltara a Dorlis com cem psicólogos de vários graus de renome, sentira-se cada vez mais colocado à parte do centro dos acontecimentos. Não havia mais lugar para ele. A não ser para responder perguntas sobre o estado real das coisas sobre o mundo dos robôs, o qual visitara sozinho, não tomava parte. E até nisso ele detectava, ou parecia detectar, raiva de que ele tivesse ido e não um cientista competente.

Era uma coisa que ofendia. Todavia, de alguma forma, sempre fora - Como? - A última observação de Murry lhe escapara.

O secretário repetiu: - Estou dizendo que é surpreendente não o terem posto para trabalhar. Você fez a descoberta original, não fez?

- Fiz - disse o albino, iluminando-se. - Mas escapou de minhas mãos. Foi além de mim.

- Entretanto, você esteve no mundo dos robôs.

- Eles me dizem que isto foi um erro. Eu poderia ter arruinado tudo.

Murry fez uma careta. - Acho que o que realmente os preocupa e que você teve um monte de informações em primeira mão que eles não tiveram. Não deixe que os títulos bonitos que eles têm o confundam a ponto de você pensar que não é ninguém. Um leigo com bom senso é melhor que um especialista cego. Você e eu... sabe, eu também sou leigo... temos que lutar por nossos direitos. Olhe, pegue um cigarro.

- Eu não f... vou pegar um, obrigado. - O albino sentiu-se mais benevolente com o homenzarrão à sua frente. Tornou a desvirar os papéis e acendeu o cigarro, corajosamente mas meio incerto.

- Vinte e cinco anos. - Theor falou com cuidado, soltando para os lados uma tosse insistente.

- Você responderia algumas perguntas sobre esse mundo? - Suponho que sim. É a Única coisa que me perguntam. Mas não seria melhor perguntar a eles? Provavelmente, já está tudo resolvido agora.

- Soltou a fumaça o mais longe possível.

Murry disse: - Francamente, nem começaram e quero as informações sem uma tradução psicológica confusa. Em primeiro lugar, que espécie de pessoas... ou coisas... são estes robôs? Você não teria uma foto de um deles, teria?

- Bem, não. Eu não gostava de fotografá-los. Mas eles não são coisas. São gente!

- Não? Eles se parecem com... gente?

- Sim - na maior parte. Por fora, de qualquer modo. Trouxe alguns estudos microscópicos da estrutura celular que consegui. O presidente do Conselho está com eles.

Sabe, são diferentes por dentro, altamente simplificados. Mas nunca daria para notar. Eles são interessantes... e bons.

- São mais simples que a outra vida do planeta?

- Oh, não. É um planeta muito primitivo. E... e - foi interrompido por um acesso de tosse e esmagou o cigarro com espalhafato. - Eles têm uma base protoplásmica, sabe. Não acredito que tenham a menor idéia de que são robôs.

- Não. Não creio que tivessem. E quanto à sua ciência?

- Não sei. Nunca tive a oportunidade de ver. E tudo era tão diferente. Acho que seria preciso um expert para entender.

- Eles tinham máquinas?

O albino ficou surpreso. - Bem, é claro. E bastante, de todos os tipos.

- Cidades grandes? -Sim!

Os olhos do secretário assumiram uma expressão pensativa. - E você gosta deles. Por quê?

Theor Realo foi instigado abruptamente. - Não sei. Só sei que eram bons sujeitos. A gente se dava bem. Não me incomodavam. Não posso explicar direito. Talvez pelo fato de minha volta ter sido tão dura e por eles não serem tão difíceis quanto às pessoas reais.

- Eram mais amigáveis?

- N-não. Não diria isso. Na verdade, nunca me aceitaram. Eu era um estranho, não sabia sua língua no início... tudo isso. Mas... ergueu os olhos com súbita animação... eu os compreendia melhor. Sabia dizer melhor o que estavam pensando. Eu... mas não sei por que.

- Hum-m-m. Bem... outro cigarro? Não? Está na hora de eu ir para a cama. Está ficando tarde. Que tal uma dupla no golfe amanhã? Fiz um cursinho. É o suficiente.

Apareça. Exercício vai lhe fazer bem.

Deu um sorriso largo e saiu.

Murmurou para si mesmo: - Parece uma sentença de morte - e assobiou pensativamente a caminho de seu alojamento.

Repetiu a frase para si mesmo quando encarou o presidente do Conselho no dia seguinte, com a faixa do cargo na cintura. Não se sentou.

- De novo? - disse o presidente do Conselho, cansado.

- De novo! - anuiu o secretário. - Mas desta vez é sério. Pode ser que eu tenha que assumir a direção de sua expedição.

- O quê! Impossível! Não vou dar ouvidos a esse tipo de proposta.

- Tenho minha autoridade. - Wynne Murry apresentou o cilindro rrietalóide que se abriu bruscamente com um simples toque do polegar. Tenho plenos poderes e plena

discrição quanto ao seu uso. Está assinado, como poderá observar, pelo presidente do Congresso da Federação.

- Então... mas por quê? - O presidente do Conselho, com esforço, respirava normalmente. - Quase uma tirania arbitrária; há uma razão?

- Uma ótima razão, senhor presidente. Temos, todo o tempo, encarado esta expedição sob pontos de vista diferentes. O Departamento de Ciência e Tecnologia encara o mundo dos robôs não do ponto de vista de uma curiosidade científica, mas do ponto de vista de sua interferência na paz da Federação. Não creio que o senhor jamais tenha parado para considerar o perigo inerente ao mundo dos robôs.

- Nenhum que eu possa ver. É totalmente isolado e totalmente inofensivo.

- Como pode saber?

- Pela própria natureza da experiência - gritou o presidente do Conselho com raiva. - Os projetistas originais queriam que o sistema fosse tão fechado quanto possível.

E aqui estão, tão afastados quanto possível das rotas comerciais, numa região do espaço pouco povoada. A idéia era desenvolver os robôs livres de interferências.

Murry sorriu. - Discordo de você neste ponto. Olhe, todo o seu problema é que você é um homem teórico. Você encara as coisas do modo que deveriam ser e eu, um homem prático, encaro-as como são. Nenhuma experiência pode ser iniciada, para depois deixá-la prosseguir sem controle indefinidamente. Sabe-se que, em algum lugar, há pelo menos um observador e assiste e modifica de acordo com as circunstâncias.

- Bem? - disse o presidente do Conselho, impassível.

- Bem, os observadores desta experiência, os psicólogos originais de Dorlis, morreram com a Primeira Confederação e, durante quinze mil anos, a experiência prosseguiu sozinha. Surgiram pequenos erros que se tornaram grandes, introduzindo fatores estranhos que, por sua vez, induziram novos erros.

É uma progressão geométrica. E não houve ninguém para interrompê-la.

- Pura hipótese.

- Talvez. Mas você só está interessado no mundo dos robôs e eu tenho que pensar na Federação inteira.

- E qual seria exatamente o perigo que o mundo dos robôs representaria para a Federação? Por Arcturus, não sei onde você quer chegar, homem.

Murry suspirou. - Serei simples, mas não me culpe se eu parecer melodramático. A Federação não tem tido nenhuma guerra interna há séculos. O que acontecerá se entrarmos em contato com estes robôs?

- Você está com medo de um mundo?

- Pode ser. E a ciência deles? Às vezes, os robôs sabem fazer coisas engraçadas.

- Que ciência podem ter? Eles não são super-homens metal-elétricos. São criaturas protoplasmáticas fracas, uma imitação pobre da verdadeira humanidade, construída em torno de um cérebro positrônico ajustado a um conjunto de leis psicológicas humanas simplificadas. Se a palavra “robô” o está amedrontando...- Não, não está, mas conversei com Theor Realo. Sabe, é o único que os viu.

O presidente do Conselho soltou vários palavrões silenciosamente. E tudo por deixarem um leigo fraco da cabeça se meter onde não devia. Disse: - Temos toda a história de Realo e a analisamos por completo. Asseguro-lhe que eles não representam nenhum perigo. A experiência é tão acadêmica que eu não gastaria dois dias com ela, se não fosse pelo largo alcance da coisa. Pelo que podemos ver, a idéia toda foi construir um cérebro positrônico contendo modificações de um ou dois axiomas fundamentais.

Não estamos a par dos detalhes mas só podem ser de menor importância, visto que foi a primeira experiência desta natureza jamais feita, e até mesmo os psicólogos fabulosos da época tiveram que progredir passo a passo. Estou lhe dizendo, aqueles robôs não são nem super-homens nem animais. As seguro-lhe... como psicólogo.

- Desculpe-me! Eu também sou um psicólogo. Um pouco mais prático, receio. É só. Mas até pequenas modificações! Veja o espírito geral da combatividade. Este não é o termo específico, mas não estou com paciência para pensar nisso. Sabe o que quero dizer. Nós, humanos, éramos combativos. Mas isto tem sido tirado de nós. Um sistema político e econômico estável não encoraja que se perca energia com combates. Não é um fator de sobrevivência. Mas suponha que os robôs sejam combativos. Suponha que, como resultado de uma virada incorreta durante os milênios em que não foram observados, tenham se tornado muito mais combativos do que teriam programado seus projetistas. Não seria nada agradável estar com eles. - E suponha que todas as estrelas da Galáxia se tornem “novas” ao mesmo tempo. Está na hora de realmente começarmos a nos preocupar.

- E tem mais. - Murry ignorou o forte sarcasmo do outro. - Theor Realo gostava dos robôs. Gostava mais dos robôs do que de pessoas reais. Sentiu que se adaptava lá e todos nós sabemos que ele tem sido um desajustado em seu próprio mundo.

- E qual é - perguntou o presidente do Conselho - o significado disso?

- O senhor não o vê? - Wynne Murry ergueu as sobrancelhas. - Theor Realo gosta desses robôs porque é como eles, obviamente. Garanto desde já que uma análise psíquica completa de Theor Realo mostrará uma modificação em diversos axiomas fundamentais, os mesmos que nos robôs.

- E - continuou o secretário sem fazer uma pausa - Theor Realo trabalhou um quarto de século para provar uma coisa, quando toda a ciência morreria de rir dele se soubesse o que ele estava fazendo. Há um fanatismo nisso; perseverança boa, honesta, inumana. Provavelmente, aqueles robôs são assim - Você não está usando a lógica. Está argumentando como um maníaco, como um lunático idiota.

- Não preciso de provas matemáticas estritas. Basta uma dúvida racional. Tenho que proteger a Federação. Veja, é racional. Os psicólogos de Dorlis não eram tão excelentes assim. Tiveram que progredir passo a passo, como o senhor mesmo observou. Seus humanóides - não vamos chamá-los de robôs - eram apenas imitações de seres humanos e não podiam ser das boas. Os humanos possuem certos sistemas de reação muito, muito complicados... coisas como consciência social e uma tendência para o estabelecimento de sistemas éticos; e coisas mais comuns como o cavalheirismo, a generosidade, a lealdade e assim por diante, que simplesmente não podem ser imitadas. Não creio que esses humanóides tenham tudo isso. Mas devem ter perseverança, o que praticamente implica em teimosia e combatividade, se é que estou certo sobre Theor Realo.

Bem, se a ciência deles existe em alguma parte, não quero deixá-los soltos pela Galáxia, sendo os nossos números milhares ou milhões de vezes maiores que os deles.

E não pretendo deixar que façam isso!

O rosto do presidente do Conselho estava tenso. - Quais são suas intensões imediatas?.

- Ainda não decidi. Mas acho que vou organizar uma aterrissagem em pequena escala no planeta.

- Agora, espere. - O velho psicólogo levantou-se e contornou a escrivaninha. Segurou o cotovelo do secretário. - Está bem certo de que sabe o que vai fazer? As potencialidades desta experiência maciça estão além de qualquer previsão que você ou eu possa fazer. Não pode saber o que está destruindo.

- Eu sei. Acha que gosto do que estou fazendo? Isto não é nenhum trabalho heróico. Sou psicólogo o suficiente para querer saber o que está se 366 passando, mas fui enviado para cá para proteger a Federação e pretendo dar o máximo de mim neste sentido... e que trabalho sujo. Mas não posso evitá-lo.

- Você não pode ter pensado bem. Pode imaginar como as idéias básicas da psicologia vão lucrar com isso? Isso levará a uma fusão de dois sistemas galácticos, o que nos levará a alturas que compensarão milhões de vezes, em conhecimento e poder, qualquer malefício que os robôs possam nos causar, se é que são realmente super-homens metal-elétricos.

O secretário deu de ombros. - Agora é o senhor que está lidando com possibilidades remotas.

- Ouça, façamos um acordo. Bloqueie-os. Isole-os com suas naves. Monte guarda. Mas não toque neles.Dê-nos mais tempo. Dê-nos uma chance. Você tem que nos dar uma chance!

- Já pensei nisso. Mas teria que fazer com que o Congresso concordasse. O senhor sabe, ficaria caro.

O presidente do Conselho afundou-se na cadeira, impaciente. - A que espécie de despesa você está se referindo? Pode imaginar a natureza da recompensa se formos bem sucedidos?

Murry considerou; então, com um leve sorriso: - E se eles desenvolverem viagens interestelares?

Disse o presidente do Conselho rapidamente: - Então, retiro minhas objeções.

O secretário levantou-se: - vou discutir o assunto com o Congresso.

O rosto de Brand Gorla manteve-se cuidadosamente neutro quando viu o presidente do Conselho se reclinar. Faltava substância às conversas animadas com os membros presentes da expedição e ele os escutava impacientemente.

Disse: - O que vamos fazer agora?

Os ombros do presidente do Conselho encolheram-se e ele não se virou. - Mandei chamar Theor Realo. Aquele louco foi para o Continente Leste na semana passada...

- Por quê?

O outro inflamou-se com a interrupção. - Não dá para compreender as coisas que aquele demente faz! Não vê que Murry está certo? Ele tem uma anomalia psíquica. Não tínhamos o direito de deixá-lo sem vigilância. Se tivesse pensado em olhar para ele duas vezes, isto não teria acontecido. Entretanto, ele voltou e vai ficar.

- Sua voz transformou-se num murmúrio. - Deveria estar de volta há duas horas atrás.

- É uma posição impossível, senhor presidente - disse Brand categoricamente.

- Acha?

- Bem - o senhor acha que o Congresso manterá indefinidamente uma patrulha próxima ao mundo dos robôs? Isto custa dinheiro e uma boa parte dos cidadãos galácticos vai achar que as taxas não valem a pena. As equações psicológicas degeneram nos axiomas de bom senso. De fato, não sei por que Murry concordou em consultar o Congresso.

- Não sabe? - Finalmente, o presidente do Conselho encarou seu subalterno. - Bem, aquele louco se considera psicólogo, a Galáxia me livre, e este é o seu ponto fraco. Diz que, do fundo do coração, não quer destruir o mundo dos robôs, mas isso é necessário pelo bem da Federação. E ele vai se agarrar a qualquer acordo razoável. O Congresso não concordará com isso indefinidamente, não precisa me dizer isto. - Falava calma e pacientemente. - Mas pedirei dez anos, dois anos, seis meses... o máximo que conseguir. Conseguirei alguma coisa. Nesse ínterim, conheceremos novos fatos sobre o mundo. De algum modo, reforçaremos nosso caso e renovaremos o acordo quando este expirar. E ainda salvaremos o projeto.

Houve um breve silêncio e o presidente do Conselho acrescentou lenta e amargamente: - E é aí onde Theor Realo tem um papel vital.

Brand Gorla assistia em silêncio e esperava. O presidente do Conselho disse: - Nesse ponto, Murry viu o que nós não vimos. Realo tem problemas psíquicos e é nossa chave para todo o negócio. Se o estudarmos, teremos um quadro grosseiro de como é o robô, distorcido, é claro, visto que seu meio ambiente foi hostil. Mas podemos levar isto em conta, avaliar sua natureza em... ah, estou cansado deste assunto.

O sinal piscou e o presidente do Conselho soltou um suspiro. - Bem, ele está aqui. Muito bem, Gorla, sente-se, você me deixa nervoso. Vamos dar uma olhada nele.

Theor Realo cruzou a porta como um cometa, parando, ofegante, no meio da sala. Olhou um por um com olhos fracos e perscrutadores.

- Como tudo isso aconteceu?

- Tudo o quê? - disse o presidente do Conselho friamente. - Sente-se. Quero lhe fazer algumas perguntas.

- Não. Primeiro me responda.

- Sente-se!

Realo sentou-se. Seus olhos estavam rasos d’água. - Eles vão destruir o mundo dos robôs.

- Não se preocupe com isso.

- Mas o senhor disse que eles poderiam, se os robôs descobrissem as viagens interestelares. O senhor disse. Seu louco. Não vê que... - Começou a engasgar.

O presidente do Conselho, constrangido, fechou a cara. - Que tal você se acalmar e pensar no que fala?

O albino cerrou os dentes e forçou a saída das palavras. - Mas eles terão as viagens interestelares dentro em breve.

Dito isso, os dois psicólogos lançaram-se contra ele.

- O quê!

- Bem... bem, o que o senhor pensa? - Realo ergueu-se num salto, com toda a fúria de um desesperado. - O senhor pensa que aterrissei num deserto ou no meio de um oceano e explorei um mundo sozinho? Pensa que a vida é uma história de livro? Fui capturado assim que aterrissei e levado para uma grande cidade. Pelo menos, acho que era cidade grande. Era diferente das nossas. Tinha... não vou lhe contar.

- Não importa a cidade - gritou o presidente. - Você foi capturado. Prossiga.

- Eles me estudaram. Estudaram minha nave. E então, uma noite, parti para contar à Federação. Não sabiam que eu partira. Não queriam que eu saísse. - Fez uma pausa. - E eu teria ficado se não achasse que a Federação tinha que saber. - Você lhes contou alguma coisa sobre sua nave?

- Como poderia? Não sou mecânico. Não conheço sua teoria, tampouco sua construção. Mas lhe mostrei como mexer nos controles e deixei que olhassem os motores. Só isso.

Brand Gorla disse, mais para si mesmo: - Então, eles nunca saberão. Isto não é suficiente.

A voz do albino tornou-se um grito de triunfo. - Oh, sim, saberão. Eu os conheço. Sabe, eles são máquinas. Vão trabalhar nesta descoberta. E vão trabalhar. Vão trabalhar.

E não vão desistir nunca. E vão conseguir. Tiraram de mim o suficiente. - Aposto que tiraram o suficiente.

O presidente do Conselho ficou parado por muito tempo e depois virou-se, cansado. - Por que não nos contou?

- Porque vocês roubaram o meu mundo. Eu o descobri - sozinho completamente sozinho. E após ter feito todo o trabalho, eu os convidei para vê-lo e vocês me puseram de lado. Tudo que tiveram para mim foram queixas de que eu tinha aterrissado no mundo e poderia ter estragado tudo com a minha interferência. Por que deveria lhes contar? Descubram sozinhos, já que são tão sabidos a ponto de poderem me dispensar.

O presidente pensou amargamente: - Desajuste! Complexo de inferioridade! Mania de perseguição! Ótimo! Tudo está se encaixando, agora que nos demos ao trabalho de tirar os olhos do horizonte e olhar embaixo de nosso nariz. E agora está tudo arruinado.

Disse: - Muito bem, Realo, todos nós perdemos. Vá embora.

Brand Gorla disse, tenso: - Tudo acabado? Tudo acabado mesmo?

O presidente respondeu: - Acabado mesmo. A experiência original como tal, está acabada. As distorções criadas pela visita de Realo facilmente farão com que os planos que estamos estudando aqui sejam como uma língua morta. E, além disso... Murry está certo. Se eles têm as viagens interestelares, são perigosos.

Realo estava gritando: - Mas vocês não vão destruí-los. Não podem destruí-los. Não fizeram mal a ninguém.

Não houve resposta e ele prosseguiu, furioso: - vou voltar. vou avisá-los. Eles estarão preparados. vou avisá-los.

Andava de costas em direção à porta, com o cabelo eriçado e os olhos vermelhos saltados.

O presidente não fez nada para detê-lo quando saiu em disparada para fora da sala.

- Deixem-no ir. A vida foi dele. Não me importo mais.

Theor Realo partiu a toda em direção ao mundo dos robôs, a uma velocidade que o estava quase asfixiando.

Em algum lugar à sua frente, num pontinho no espaço, estava um mundo isolado com imitações artificiais da humanidade, debatendo-se numa experiência que já morrera.

Lutando como cegos para conseguirem realizar viagens interestelares que seriam sua sentença de morte.

Ele se dirigia a este mundo, à mesma cidade na qual fora "estudado", da primeira vez. Lembrava-se bem dela. Seu nome foram as primeiras palavras que aprendera na linguagem deles. Nova Iorque!

***

No dia 26 de julho de 1943, uma segunda-feira, tive um dos raros dias de folga durante a guerra. (Afinal de contas, era o meu primeiro aniversário de casamento.)

Neste dia, estava em Nova Iorque e visitei Campbell como nos velhos tempos. Discuti com ele outra história da série Fundação, assim como outra da série dos “robôs positrônicos”. Desse dia em diante, sempre vi Campbell nos raros dias em que estive em Nova Iorque durante a semana e, é claro, nos correspondemos regularmente.

Eu voltara definitivamente a escrever. Meu rendimento era baixo mas nos anos restantes da guerra escrevi duas histórias com robôs positrônicos, “Apanhe este Coelho” e “Fuga Paradoxal”, que foram publicadas respectivamente nas edições de Astounding, de fevereiro de 1944 e agosto de 1945. Finalmente, ambas foram incluídas em Eu, Robô. (A última história aparece em Eu, Robô, com o título de “Fuga”. A palavra “Paradoxal” havia sido acrescentada por Campbell em uma de suas poucas mudanças de títulos e, por sinal, não gostei.).

Também escrevi nada menos que quatro histórias da série Fundação nesses mesmos anos. Foram “O Grande e o Pequeno”, “A Cunha”, “Mão Morta” e “O Mula”. É claro que todas foram publicadas em Astounding, as três primeiras nas edições de agosto de 1944, outubro de 1944 e abril de 1945 respectivamente.

“O Mula” bateu diversos recordes para mim. Era a história mais longa que escrevera até aquela época - cinqüenta mil palavras. Mesmo assim, e apesar de eu ter que escrevê-la nas brechas que sobravam do emprego e do casamento, consegui completá-la em três meses e meio. Foi submetida no dia 21 de maio de 1945 e aceita no dia 29 do mesmo mês. (De fato, durante toda a guerra, nunca tive uma única rejeição e nem mesmo uma aceitação tardia. Tampouco as submeti a outro que não fosse Campbell.).

Além do mais, no começo de 1944, Campbell aumentou sua taxa básica para um centavo e meio por palavra e, alguns meses mais tarde, para um centavo e três quartos.

Pela história “O Mula” recebi um cheque pela taxa mais alta, de 875 dólares. Ganhava de longe de qualquer cheque que eu recebera por uma única história. De fato, no fim da guerra, estava ganhando como escritor nas horas vagas a metade do que

ganhava no meu emprego na Base Aeronaval, mesmo tendo sido promovido e ganhando sessenta dólares por semana.

Também, “O Mula” era a primeira história que eu publicara em capítulos. Foi publicada em duas partes nas edições de novembro e dezembro de 1945 de Astounding.

Das histórias da Fundação, do tempo da guerra, “O Grande e o Pequeno” e “A Cunha” estão incluídas em Fundação, enquanto que “Mão Morta” e “Ô Mula”, juntas, compõem toda a “Fundação e Império “.

Durante os dois anos entre meados de 1943 e meados de 1945, escrevi apenas uma história que não era nem da série Fundação nem da série dos “robôs positrônicos”, tendo sido diretamente inspirada na Base Aeronaval. Esta história foi “Beco sem Saída”, que foi escrita em setembro e no começo de outubro de 1944. Foi submetida a Campbell no dia 10 de outubro e aceita no dia vinte.

23

BECO SEM SAÍDA

Somente uma vez na História Galáctica uma raça inteligente de não-humanos foi descoberta.

"Ensaios sobre História", de Ligurn Vier

De:	Birô das Províncias Externas
Para:	Loodun Antvok, Administrador Público Chefe, A-8
Assunto:	Supervisor Civil de Cefeus 18, Cargo administrativo.
	Referências:

(a) Ato do Conselho 2515 do ano 971 do Império Galáctico, intitulado "Indicação de Oficiais do Serviço Administrativo, Métodos para a Revisão da.".

(b) Diretiva Imperial, Já 2374, datada de 243/975 E.G.

1. Por autorização da referência (a), o senhor, por meio desta, está sendo apontado para o cargo mencionado no item referido. A autoridade do dito cargo, o de Supervisor Civil de Cefeus 18, estender-se-á aos seres não-humanos do Império existentes no planeta, sob os termos de autonomia mencionados na referência (b).

2. Os deveres do cargo compreenderão a supervisão geral de todos os assuntos internos não-humanos, a coordenação dos comitês governamentais de investigação e reportagem autorizados e a preparação de relatórios semestrais sobre todas as fases dos assuntos não-humanos.

C.Morily, Chefe, BiProvEx, 12/977 E.G.

Loodun Antvok escutara cuidadosamente e agora balançava suavemente sua cabeça redonda: - Meu amigo, gostaria de ajudá-lo, mas você se meteu onde não devia. Seria melhor você levar o caso ao Birô.

Tomor Zammo afundou-se em sua cadeira, coçou o nariz com fúria, pensou melhor naquilo que ia dizer e respondeu em voz baixa: - É lógico mas não é prático. Não posso fazer uma viagem a Trantor agora. Você é o representante escritorial dos Cefeus 18. Você não pode fazer nada?

- Bem, mesmo como Supervisor Civil, tenho que trabalhar dentro dos limites da política do Birô.

- Muito bem - gritou Zammo - então, diga-me qual é a política do Birô. Comando um comitê de investigação direta do Império com, supostamente, amplos poderes; todavia, a cada momento, sou interrompido pelas autoridades civis sempre com a mesma ladainha para se justificarem: a política do Birô, qual é a política do Birô? Ainda não recebi uma definição decente.

O olhar de Antvok era uniforme e tranqüilo. Disse: - Do modo que a encaro... E esta opinião não é oficial, portanto você não pode me obrigar a mantê-la... A política do Birô consiste em tratar os não-humanos com a máxima decência possível.

- Então, que autoridade eles têm...

- Ssh! Não adianta erguer a voz. Só para você saber, Sua Majestade Imperial é um humanitário e um discípulo da filosofia de Aurélio. Posso lhe dizer confidencialmente que se sabe muito bem que foi o próprio Imperador quem sugeriu pela primeira vez o estabelecimento desse mundo. Pode apostar como a polícia do Birô será bastante semelhante às idéias imperiais. E é lógico que não posso remar contra este tipo de corrente.

- Bem, meu filho - as palavras carnudas do fisiologista estremeceram - se você tomar esta espécie de atitude, vai perder seu emprego. Não, não vou mandá-lo embora.

Absolutamente não é isso o que quero dizer. Seu emprego simplesmente desaparecerá, porque nada terá sido realizado aqui!

- Verdade? Por quê? - Antvok era baixo, rosado, gorducho e sua bochecha gorda geralmente encontrava dificuldade em assumir qualquer expressão que não fosse uma polidez branda e alegre - mas agora estava grave.

- Você não está aqui há muito tempo. Eu estou. - Zammo fez uma carranca. - Importa se eu fumar? - Displicentemente soltou uma baforada do charuto forte e retorcido.

Continuou, secamente: - Aqui não há lugar para humanitarismo, senhor administrador. Está tratando os não-humanos como se fossem humanos, e isto não dará certo. De fato, não gosto da palavra "não-humano". Eles são animais.

- São inteligentes - cortou Antvok delicadamente.

- Bem, então, animais inteligentes. Presumo que ambos os termos não sejam reciprocamente exclusivos. De qualquer forma, inteligências diferentes num mesmo local não trarão bom resultado.

- Sugere que os eliminemos?

- Pela Galáxia, não! - Gesticulou com seu charuto. - Proponho que os encaremos como objetos de estudo e somente assim. Poderíamos aprender muita coisa com estes animais se nos deixassem. Conhecimento este poderia dizer, que seria usado para o benefício imediato da raça humana. Há humanidade para você. Há o bem das massas, se é este culto a Aurélio que lhe interessa.

- A que, por exemplo, você se refere?

- Pegando o que há de mais óbvio... Suponho que tenha ouvido falar da química deles?

- Sim - admitiu Antvok. - Já folheei a maioria dos relatórios sobre os não-humanos publicados nos últimos dez anos. Espero continuar a lê-los.

- Hum. Bem... Então, tudo que preciso dizer é que sua terapia química é extremamente completa. Por exemplo, presenciei a solidificação de um osso quebrado... Quero dizer, daquilo que para eles é um osso quebrado... pelo uso de um comprimido. O osso ficou inteiro em quinze minutos. Naturalmente, nenhuma de suas drogas tem qualquer utilidade para os humanos. A maioria seria rapidamente fatal. Mas se descobríssemos como funcionam nos não-humanos... nos animais...

- Sim, sim. Estou vendo a importância.

- Oh, está vendo. Ora, isto é gratificante. Outro ponto é que estes animais se comunicam de uma maneira desconhecida.

- Telepatia!

A boca do cientista contorceu-se ao dizer: - Telepatia! Telepatia! Telepatia! Também poderia ser por feitiçaria. Ninguém sabe coisa alguma sobre telepatia a não ser

o nome. Qual é o mecanismo da telepatia? Qual é sua fisiologia e sua física? Gostaria de descobrir mas não posso. A política do Birô, se eu der ouvidos a você, proíbe.

Antvok franziu sua boca minúscula. - Mas... Desculpe-me, doutor, mas eu não entendo. Como está sendo impedido? Certamente a Administração Civil não tem feito nada para atrapalhar as investigações científicas destes não-humanos. Claro que não posso falar inteiramente em nome de meu predecessor, mas em mesmo...

- Não ocorre nenhuma interferência direta. Não estou falando disso. Mas pela Galáxia, senhor administrador, nós somos estorvados pelo espírito da conjuntura inteira.

Vocês estão fazendo com que nós lidemos com humanos. Vocês permitem que eles tenham seu próprio líder e autonomia interna. Vocês os mimam e lhes dão o que a filosofia de Aurélio chamaria de “direitos”. Não posso me relacionar com o líder deles.

- Por que não?

- Por que ele se recusa a me dar carta branca. Recusa-se a permitir experiências com qualquer subordinado sem o consentimento deste. Os dois ou três voluntários que conseguimos não são lá muito brilhantes. Desse jeito é impossível.

Antvok deu de ombros, desconsolado.

Zammo continuou: - Além disso, é obviamente impossível aprender qualquer coisa de valor sobre o cérebro, fisiologia e química destes animais sem dissecação, experiências dietéticas e drogas. Você sabe que a investigação científica é um negócio duro. Não há muito lugar para humanidade.

Loodun Antvok deu um tapinha no queixo com o dedo: - Tem que ser tão duro assim? Estes não-humanos são criaturas inofensivas. Claro, dissecação... Talvez se você se aproximasse deles de um modo um pouco diferente... Acho que você se opõe a eles. Sua atitude talvez seja um tanto autoritária.

- Autoritária! Não sou um desses psicólogos sociais lamurientos que são a novidade desses dias. Não acredito que se possa resolver um problema que requer dissecação, simplesmente tratando-o com o que se chama “a correta atitude pessoal”.

- Sinto que pense assim. Todos os administradores acima da faixa A-4 necessitam de treinamento sócio-psicológico.

Zammo retirou o toco de seu charuto da boca, tornando a colocá-lo entre os lábios após um pequeno intervalo: - Então seria bom se você aplicasse um pouco de sua técnica no Birô. Sabe, não, eu realmente tenho amigos na corte imperial.

- Bem, agora, eu não posso levar o caso a eles, grosseiramente. A política básica não está dentro dos limites de meu conhecimento e estas coisas só podem ser iniciadas pelo Birô. Mas, sabe, nós poderíamos tentar um tratamento indireto disso. - Deu um leve sorriso: - Estratégia.

- De que tipo?

Subitamente, Antvok colocou o dedo em riste, enquanto deixava a outra mão cair levemente sobre as pilhas de relatórios cinzentos espalhados pelo chão, bem perto de sua cadeira: - Agora, veja, já li a maioria deles. São áridos mas contam alguns fatos. Por exemplo, quando nasceu a última criança não-humana em Cefeus 18?

Zammo não passou muito tempo pensando no assunto. -Não sei. E nem me importo em saber.

- Mas o Birô se importaria. Nenhuma criança não-humana nasceu em Cefeus 18... Pelo menos nos dois anos desde a fundação deste mundo. Sabe a razão?

O fisiologista deu de ombros: - Uma infinidade de fatores possíveis. Seria preciso fazer um estudo a respeito.

- Muito bem, então. Que tal você fazer um relatório...

- Relatórios! Já escrevi vinte.

- Escreva outro. Enfatize os problemas sem solução. Diga-lhes que você tem que mudar seus métodos. Insista no problema do índice de natalidade. O Birô não se atreve a ignorá-lo. Se todos os não-humanos morrerem, alguém terá que responder por isso ao imperador. Sabe...

Zammo fitou o outro com seus olhos escuros: - Isto afetará o Birô?

- Trabalho para o Birô há vinte e sete anos. Conheço seus métodos.

- Vou pensar nisso. - Zammo se levantou e saiu do Birô com passos majestosos. A porta fechou-se com estardalhaço.

Mais tarde, Zammo disse a um co-operário: - Ele é um burocrata em primeiro lugar. Não abandonará a ortodoxia do trabalho com papéis e nem arriscará expor seu pescoço.

Pouco fará por iniciativa própria; todavia, talvez faça mais se trabalharmos através dele.

De: Quartel General Administrativo, Cefeus 18
Para: BiProvEx
Assunto; Projeto 1563 da Província Externa, Parte II - Investigações científicas dos não-humanos de Cefeus 18, Coordenação de, Referências:

(a) BiProvEx carta Cef-N-CM/jg, 100132, datada de 302/977 E.G.

Anexo:

1. GrupoCient 10, Divisão Física &°Bioquímica, Relatório, intitulado "Características Fisiológicas dos não-humanos de Cefeus 18, Parte XI", datado de 172/977 E.G.

1. Anexo l, incluso neste, é enviado cara a informação do BiProvEx. Deve-se notar que na Seção XII, parágrafos 1-16 do Anexo l, refere-se a possíveis mudanças na atual política do Birô das Províncias Externas com respeito aos não-humanos, visando facilitar as investigações físicas e químicas atuais, sob a autorização da referência (a).

2. Foi levado ao conhecimento do BiProvEx que a referência (b) já discutiu possíveis mudanças nos métodos de investigação e que permanece a opinião por parte do QGAd Cef 18 de que tais mudanças são prematuras. Todavia, sugeriu-se que a questão do índice de natalidade dos não-humanos seja o assunto de um projeto do BiProvEx designado para o QGAd-Cef 18 em vista da importância dada ao problema pelo GrupoCi 10, evidenciada na Seção V do Anexo 1.

L. Antvok, Supervisor, QGAd-Cefl8,174/977

De: BiProvEx Para: QGAd-Cefl8
Assunto: Projeto da Província Externa 2563 - Investigações científicas dos não-humanos de Cefeus 18, Coordenação de, Referência:

(a) QGAd-Cef 18 carta AA-LA/mn, datada de 174/977 E.G.

1. Em resposta à sugestão contida no parágrafo 2 da referência (a), considera-se que a questão do índice de natalidade dos não-humanos não é do conhecimento do QGAd-Cef

18. Em vista do fato de que o Grupo Ci 10 relatou ser a esterilidade provavelmente devida a uma deficiência química no suprimento alimentar, todas as investigações no campo ficam relegadas ao GrupoCi 10 como autoridade no assunto.

2. As investigações pelos diversos Grupos Ci deverão continuar, de acordo com as diretrizes correntes sobre o assunto. Não está prevista nenhuma mudança na política.

C. Morily, Chefe, BiProvEx, 186/977 E.G.

Tamanha desolação se estampava no repórter, que o fazia parecer sombriamente alto. Era Gustiv Bannerd, cuja reputação combinava-se com habilidade - duas coisas que nem sempre andam juntas, apesar das máximas de moralidade elementar.

Loodun Antvok examinou-o com ar duvidoso e disse: - Não adianta negar que você está certo. Mas o relatório do GrupoCi era confidencial. Não entendo como...

- Transpirou - disse Bannerd insensivelmente. - Tudo transpira.

Obviamente, Antvok ficou desconcertado e seu rosto rosado enrugou-se ligeiramente: - Então, vou ter que tampar o vazamento aqui. Não posso deixar sua história passar.

Todas as referências às queixas do GrupoCi têm que aparecer. Você entende, não?

- Não. - Bannerd estava suficientemente calmo. -É importante;e tenho meus direitos segundo a diretriz imperial. Acho que o Império deveria saber o que se passa.

- Mas nada está se passando - disse Antvok, desesperado. - Todas as suas reclamações estão erradas. O Birô não vai mudar sua política. Eu lhe mostrarei as cartas.

- Você acha que poderá ficar contra Zammo quando este começar a fazer pressão? - perguntou o repórter, derrisoriamente.

- Ficarei... se achar que ele está errado.

- Se! - Afirmou Bannerd categoricamente. Então, com súbito fervor: - Antvok, o Império tem algo enorme aqui; algo muito maior do que o governo está aparentemente percebendo. Eles estão destruindo essa coisa. Estão tratando estas criaturas como animais.

- Realmente - começou Antvok, sem muito fervor.

- Não fale de Cefeus 18. Aquilo é um zoológico. E um zoológico de alta classe com seus cientistas petrificados chuchando aquelas pobres criaturas com seus bastões através das grades. Vocês lhes atiram nacos de carne mas mantêm-nos enjaulados. Eu sei! Tenho escrito sobre eles há dois anos. É quase como se eu vivesse com eles.

- Zammo diz...

- Zammo! - Sua voz soou desrespeitosa.

- Zammo diz - insistiu Antvok com firmeza, porém preocupado que nós os tratamos humanamente demais.

A face longa e reta do repórter estava rígida: - Zammo se parece um pouco com um animal. É um adorador da ciência. Podemos nos ajeitar com menos deles. Já leu as obras de Aurélio? - A última pergunta foi feita subitamente.

- Hum. Já. Penso que o Imperador...

- O Imperador está do nosso lado. O que é bom - melhor do que toda aquela perseguição do último reinado.

- Não vejo onde você quer chegar.

- Esses alienígenas têm muito a nos ensinar; percebe? Não é nada que Zammo e seu GrupoCi possa usar; nada de química, nem de telepatia.

É um modo de viver; um tipo de pensamento. Os alienígenas não têm crime; desajustes. Que esforço está sendo feito para estudar sua filosofia? Ou para formulá-los como um problema de engenharia social?

Antvok ficou pensativo, e com seu rosto redondo, foi dizendo: - É uma interessante consideração. Seria coisa para psicólogos...

- Nada disso. A maioria deles é de charlatães. Os psicólogos apontam os problemas, mas suas soluções são falaciosas. Precisamos de homens de Aurélion. Homens d'A Filosofia...

- Mas, escute aqui, não podemos transformar Cefeus 18 num... num estúdio metafísico.

- Por que não? Pode ser feito facilmente.

- Como?

- Esqueça seus ridículos testezinhos de contemplação de tubos de ensaio. Deixe que os alienígenas estabeleçam uma sociedade livre de humanos. Dê-lhes total independência e permita também uma mistura das filosofias...

A nervosa resposta de Antvok veio: - Isso não pode ser feito num dia.

- Mas podemos começar num dia.

O administrador replicou, devagar: - Bem, não posso impedi-lo de começar. - Ficou mais confiante, seus olhos suaves pensativos: - Vai jogar por conta própria, porém, se publicar o relatório do Grupo Ci 10 e o denunciar em bases humanitárias. Os cientistas são poderosos.

- E nós da Filosofia também.

- Sim, mas há um caminho fácil. Não precisa enfurecer-se. Simplesmente aponte que o Grupo Ci não está resolvendo seus problemas. Faça isto sem emoções e deixe que os leitores concluam sozinhos as idéias que você espera deles. Tome a taxa de natalidade, por exemplo. Eis aí algo para você. Em uma geração, os não-humanos podem extinguir-se, faça a ciência o que fizer. Aponte que um enfoque mais filosófico é necessário. Ou tome algum outro ponto óbvio. Use seu discernimento; que tal?

Antvok sorria satisfeito, quando levantou-se: - Mas, pela Galáxia, não solte maus cheiros.

Bannerd estava imóvel e calado. - Você pode ter razão.

Mais tarde, Bannerd escreveu numa cápsula-mensagem a um amigo:

- Ele não é muito inteligente, de modo algum. É confuso e não tem orientação para sua vida. Certamente totalmente incompetente para seu posto. Mas é muito habilidoso, sabe contornar as dificuldades, fazendo concessões ao invés de arriscar uma posição firme. Poderá ser valioso neste ponto. Seu em Aurélion.

De: QGAd-Cefl8 Para: BiProvEx

Assunto: Notícia sobre.

Taxa de natalidade dos não-humanos em Cefeus 18,

E.G. E.G. Referência:

(a) QGAd-Cefl8 carta AA-LA/mn, data 174/977 E.G.

(b) Diretiva Imperial, Ja2374, data 243/975 E.G.

Anexos:

1 - Noticiário de G. Bannerd, datado Cefeus 18, 201/977

2 - Noticiário de G. Bannerd datado de Cefeus 18, 203/977

1. A esterilidade dos não-humanos em Cefeus 18, relatada ao BiProvEx na referência (a) tornou-se assunto de noticiários à imprensa galáctica. Os noticiários em questão estão aqui apresentados para conhecimento do BiProvEx como Anexos l e 2. Muito embora os ditos noticiários sejam baseados em material considerado confidencial e fechado ao público, o repórter em questão defende seus direitos de liberdade de expressão, nos termos da referência (b).

2. Tendo em vista a inevitável publicidade e mal-entendido por parte do público em geral agora inevitável, solicita-se que o BiProvEx dirija a futura política do problema da esterilidade dos não-humanos.

L. Antvok, Superv. QGAd-Cefl8, 209/977 E.G.

De: BiProvEx Para: QGAd-Cefl8

Assunto: Taxa de natalidade dos não-humanos de Cefeus 18, Investigação de.

377

Referências:

(a) Carta QGAd-Cefl8 AA-LA/mn, data 209/977 E.G

(b) Carta QGAd-Cefl8 AA-LA/mn, data 174/977 E.G.

1. Propõe-se a investigação das causas e dos meios de eliminar os desfavoráveis fenômenos de taxa de natalidade mencionados nas referências (a) e (b).

Estabelece-se, pois, um projeto, intitulado “Taxa de Natalidade dos não-Humanos em Cefeus 18, Investigação de” ao qual, em vista da importância crucial do assunto, atribui-se prioridade AA.

2. O número designado ao projeto em questão é 2910, e todas as suas expensas serão designadas sob o número de Apropriações 18/78.

C. Morily, Chefe, BiProvEx, 223/977 E.G.

Se o senso de humor de Tomor Zammo diminuía dentro dos limites da Estação Experimental do GrupoCi 10, tampouco havia aumentado sua boa disposição. Antvok encontrou-se sozinho olhando pela janela dando para o laboratório principal.

O laboratório principal de campo era uma área ampla nas condições ambientais de Cefeus 18, para desconforto dos pesquisadores, e conveniência dos pesquisados. Pela areia quente, e no ar seco e rico em oxigênio, brilhava uma luz solar branca, escorchante. E sob o calor, os não-humanos, avermelhados, de pele enrugada e peludos, agachavam-se em sua posição de repouso, em grupos de dois, ou sós.

Zammo irrompeu pelo laboratório. Parou para beber água, sedento. Olhou, seu lábio superior umedecido. - Gosta de ficar aqui?

Antvok abanou a cabeça, enfático: - Não, obrigado. Qual é a temperatura, agora?

- Cento e vinte, se houvesse sombra. E eles se queixam do frio. É hora de beber. Quer ver como eles bebem?

Um jorro de água lançou-se para cima da fonte no centro da área, e os pequenos vultos ergueram-se e saltitaram ansiosos para a frente, quase correndo. Acotovelaram-se em torno da água. Os centros de suas faces subitamente se desfiguraram pela projeção de um longo e flexível tubo carnoso, que se lançou para a fonte, e era retirado gotejando.

Isso continuou por longos minutos. Corpos se ergueram e rugas desapareceram. Recuaram devagar, com o tubo de beber retraindo e projetando-se, até desaparecer numa massa rosada e enrugada em cima de uma boca larga e sem lábios. Foram dormir em grupos, nos cantos sombrios, contentes e saciados.

- Animais! - disse Zammo, com desprezo.

- Com que freqüência bebem? - perguntou Antvok.

- Tanto o quanto quiserem. Podem ficar sem beber uma semana, se quiserem. Damo-lhes água todo dia. Armazenam-na sob a pele. Comem ao cair da tarde. Vegetarianos, sabe?

Antvok sorria. - É bom de vez em quando ter alguma informação em primeira mão. Não posso ler sempre os relatórios.

- Mesmo? E o que há de novo? O que há com aqueles engomadinhos lá em Trantor?

Antvok deu de ombros. - Não se pode esperar que o Birô se comprometa, infelizmente. com o Imperador simpático aos Aurlionistas, o humanitarismo é a ordem do dia. Você sabe disso.

Houve uma pausa, em que o administrador mordia o lábio, incerto.

- Mas há este problema da taxa de natalidade, agora. Finalmente foi destinado ao QGAd, sabe, é prioridade AÃ, também.

Zammo resmungava ininteligivelmente.

Antvok continuou: - Você pode não perceber, mas aquele projeto agora vai ter precedência sobre qualquer outro trabalho em curso em Cefeus 18. É importante.

Voltou-se para a janela e perguntou, meditativo, sem nenhum preâmbulo: - Acha que essas criaturas podem estar infelizes?

- Infelizes? - A palavra era uma explosão.

- Bem, então - Antvok corrigiu depressa - desajustadas. Compreende? É difícil ajustar um ambiente para uma raça que conhecemos tão pouco.

- Escute; você já viu o mundo de onde os trouxemos?

- Já li os relatórios...

- Relatórios! - com um desprezo infinito. - Eu vi. Isto aqui pode parecer um deserto para você, mas é um paraíso, com água, para aqueles demônios. Têm toda a comida e água que quiserem. Têm todo um mundo com vegetação e fluxo natural de água, ao invés de um monte de sílica e granito com fungos cultivados em cavernas e a água fervida em rochas calcáreas. Em dez anos eles estariam extintos completamente, e nós os salvamos. Infelizes? Bah! Se estão, não têm a decência da maioria dos animais.

- Bem, talvez. Mesmo assim, tenho uma idéia.

- Uma idéia? Que idéia? - Zammo pegou um de seus charutos.

- Algo que poderia ajudá-lo. Por que não estudar as criaturas de uma forma mais integrada? Deixe-os usar sua própria iniciativa. Afinal, já tiveram uma ciência altamente desenvolvida. Seus relatórios falam disso continuamente. Dê-lhes problemas para resolver.

- Assim como?

- Ora... - Antvok abanou as mãos. - O que você pensar que for mais interessante. Por exemplo; espaçonaves. Ponha-os numa cabine de controle e estude suas reações.

- Por quê? - perguntou Zammo, secamente.

- Por que a reação das mentes deles a ferramentas e controles ajustados ao temperamento humano pode ensinar-lhe bastante. Ademais, será um atrativo mais efetivo, parece-me, do que qualquer outra coisa que tenha tentado. Vai arranjar mais voluntários, se pensarem que vão fazer algo interessante.

- Lá vem a sua psicologia. Hmm. Soa melhor do que talvez venha a ser vou dormir sobre o assunto. E onde teríamos permissão, em qualquer caso, para deixá-los mexer com espaçonaves? Não tenho nenhuma à minha disposição, e levaria um bom tempo para passar por toda a burocracia para conseguir uma para nós.

Antvok ponderou, enrugando a testa: - Não precisa ser uma espaçonave.

Mas, mesmo assim - se escrevesse outro relatório e sugerisse você mesmo, com uma certa ênfase, compreende, eu poderia imaginar um jeito de associar isso com o meu projeto de taxa de natalidade. Uma prioridade AÃ pode conseguir praticamente tudo, você sabe, sem perguntas.

O interesse de Zammo não tinha nem um mínimo de polidez. - Bem, talvez. Entrementes, tenho alguns testes de metabolismo basal em decurso, e está ficando tarde. Vou pensar no caso. Tem algum sentido.

De: Para:
QGAd-Cef 18 BiProvEx

Assunto: Projeto da Província Exterior 2910, Parte I-Taxa de natalidade de não-humanos em Cefeus 18, Investigação de, Referência:

(a) Carta BiProvEx Cef-N-CM/car, 115097, 223/977 E.G. Anexos:

1. Relatório da Divisão Física e Bioquímica do GrupoCi 10, Parte XV, data 220/977 E.G.

1. Apresenta-se o Anexo I para informação do BiProvEx.

2. Dirija-se especial atenção à Seção V, Parágrafo 3 do Anexo I, onde é solicitado que uma espaçonave seja destinada ao GrupoCi 10 para uso em investigações autorizadas

pelo BiProvEx. O QGAd-Cefl8 considera que tais investigações possam ser de utilidade material ao auxiliar trabalhos agora em decurso no projeto referido, autorizado

pela referência (a). Sugere-se, em vista da alta prioridade colocada pelo BiProvEx no projeto em questão, que seja dada imediata consideração à solicitação do GrupoCi.

L. Antvok, Superv. QGAd-Cef 18,

240/977 E.G.

De: BiProvEx Para: QGAd-Cef 18

Assunto: Projeto da Província Exterior 2910- Taxa de Natalidade dos não-humanos de Cefeus 18, Investigação da, Referência:

(a) Carta QGAd-Cef 18 AA-LA/mn, data 240/977 E.G.

1. Nave de treinamento AN-R-2055 está sendo colocada à disposição do QGAd-Cef 18 para uso na investigação dos não-humanos de Cefeus 18 com relação ao projeto referido e outros projetos autorizados pelo ProvEx, como solicitado no Anexo 1, ref. (a).

2. Solicita-se urgentemente que o trabalho no projeto em questão seja acelerado, por todos os meios disponíveis.

C. Morily, Chefe BiProvEx, 251/977 E.G.

A criaturinha vermelha devia estar mais desconfortável do que sua boa disposição admitiria. Estava cuidadosamente envolvida por uma temperatura previamente ajustada a um ponto em que seus companheiros humanos transpiravam abundantemente em suas camisas abertas.

Seu discurso era em voz aguda e cuidadosa: - Acho úmido, mas não insuportavelmente tanto, a esta baixa temperatura.

Antvok sorriu: - Foi muita gentileza sua ter vindo. Eu planejava visitá-lo, mas uma tentativa em sua atmosfera ali... - O sorriso tornou-se desagradável.

- Não importa. Vocês, do outro mundo, fizeram mais por nós do que jamais conseguiríamos fazer sozinhos. É uma obrigação apenas imperfeitamente retribuída pela tolerância, de minha parte, de um insignificante desconforto. - Seu discurso era sempre indireto, como se aproximasse suas idéias obliquamente, ou como se fosse contra toda etiqueta ser direto.

Gustiv Bannerd, sentado a um canto da sala, com uma longa perna cruzada sobre a outra rabiscava rapidamente, e disse: - Não se importa se eu gravar tudo?

O cefeida não-humano relanceou brevemente para o jornalista: - Não faço objeção.

Antvok persistiu em suas desculpas: - Esta não é uma ocasião puramente social, senhor. Eu não o forçaria ao desconforto só por isso. Há importantes questões a serem consideradas, e o senhor é o líder de seu povo.

O cefeida assentiu: - Estou satisfeito quanto à bondade de seus propósitos. por favor, prossiga.

O administrador quase se retorcia em sua dificuldade de pôr pensamentos em palavras. - É um assunto de grande delicadeza, e que eu jamais abordaria se não fosse pela esmagadora importância da... hem... questão. Sou apenas o porta-voz de meu governo... - Meu povo considera o governo do outro mundo um governo bondoso.

- Bem, sim, eles são bondosos. E, por isso mesmo, estão perturbados com o fato de que o seu povo não mais procria.

Antvok fez uma pausa, e esperou, ansioso, uma reação que não veio. O rosto do cefeida estava imóvel, exceto pelo suave tremor da área enrugada que era o tubo de beber desinflado.

- E fizemos o melhor que podíamos para investigar o problema em silêncio, e sem perturbá-los. Mas, francamente...

- Falharam? - terminou o cefeida, com a pausa do outro.

- Sim. Ou, pelo menos, não descobrimos uma falha concreta para não reproduzir o ambiente exato de seu mundo original, com, é claro, a modificação necessária para torná-lo mais habitável. Naturalmente, pensou-se em alguma deficiência química. Assim

sendo, eu pediria sua colaboração voluntária no assunto. Seu povo é avançado no estudo de sua própria bioquímica. Se o senhor não preferir, ou então não...

- Não; não; eu posso ajudar. - O cefeida parecia contente com a coisa. Os planos lisos de seu crânio careca e pele flácida enrugou-se, numa resposta alienígena a uma emoção incerta. - Não era um assunto que nenhum de nós teria pensado que perturbaria vocês, do outro mundo. E isso apenas é sinal de sua bondade bem intencionada.

Este mundo, achamos delicioso, um paraíso em comparação com nosso antigo mundo. Nada falta nele. As condições como as que agora prevalecem pertencem às nossas lendas da Idade de Ouro.

- Bem...

- Mas há uma coisa; uma coisa que vocês podem não compreender. Não podemos esperar que diferentes inteligências pensem igual.

- Tentarei entender.

A voz do cefeida tinha abaixado, seus tons líquidos mais pronunciados. - Estávamos morrendo, em nosso mundo nativo; mas estávamos lutando. Nossa ciência, desenvolvida ao longo de uma história mais antiga que a vossa, estava perdendo; mas ainda não tinha perdido. Talvez porque nossa ciência era fundamentalmente biológica, ao invés de física, como a vossa. Vosso povo descobriu novas formas de energia e atingiu as estrelas. Nosso povo descobriu novas verdades da psicologia e da psiquiatria e construiu uma sociedade livre da doença e do crime.

- Não há necessidade de questionar qual dos dois ângulos de enfoque foi o mais louvável, mas não há incerteza quanto ao que provou ter maior sucesso, no fim. Em nosso mundo moribundo, sem meios de vida ou fontes de energia, nossa ciência biológica só podia tornar a morte menos penosa.

- E, no entanto, lutávamos. Por séculos, rastejamos rumo aos rudimentos da energia atômica, e lentamente a centelha da esperança rebrilhou, e poderíamos romper os limites bidimensionais de nossa superfície planetária e atingir as estrelas. Não havia outros planetas em nosso sistema para servir como degraus. Nada, senão uns vinte anos-luz até a estrela mais próxima, sem o conhecimento da possibilidade da existência de outros sistemas planetários, mas bem ao contrário.

- Mas há algo em toda a vida, que consiste em lutar; mesmo lutas inúteis. Havia só cinco mil de nós, nos últimos dias. Apenas cinco mil. E nossa primeira nave estava

pronta. Era experimental. Provavelmente falharia. Mas já tínhamos todos os princípios de propulsão e navegação corretamente resolvidos.

Houve uma longa pausa, e os pequeninos olhos do cefeida pareciam vidrados, com as recordações.

O repórter interveio, subitamente, de seu canto: - E então nós chegamos?

- E então vocês vieram - concordou o cefeida, simplesmente. - Mudou tudo. A energia era nossa; bastava pedir. Um novo mundo, agradável, e de fato, ideal, era nosso, mesmo sem pedirmos. Se nossos problemas de sociedade haviam, há muito, sido resolvidos por nós mesmos, nosso problema mais difícil de ambiente foi subitamente resolvido para nós, não menos completamente.

- E então? - instou Antvok.

- Então... de algum modo não foi bom. Por séculos, nossos ancestrais lutaram rumo às estrelas, e agora as estrelas subitamente mostraram-se propriedade de outrem.

Lutamos pela vida, e esta tornara-se presente a nós oferecido por outros. Não há mais razão para lutar. Não há mais nada para atingir. Todo o universo é propriedade de vossa raça.

- Este mundo é vosso - interveio Antvok, gentilmente.

- Por obrigação. É um presente. Não é nosso por direito.

- Mereceram-no, em minha opinião.

E agora os olhos do cefeida estavam fixados no rosto do outro. - Dizes bem, mas duvido que compreendas. Não temos para onde ir, exceto este mundo de presente. Estamos num beco sem saída. A função da vida é a luta, e isto nos foi subtraído. A vida não mais pode nos interessar. Não proliferamos... voluntariamente.

É nossa maneira de nos remover de vosso caminho - Distraidamente, Antvok removera o fluoroglobo do peitoril da janela, e girou-o em sua base. Sua bela superfície refletia luz ao girar, e seu vulto de três pés de altura flutuava com uma graça incôngrua e leveza, no ar.

Antvok perguntou: - É essa sua única solução? Esterilidade?

- Poderíamos ainda escapar - sussurrou o cefeida - mas onde, na Galáxia haveria lugar para nós? Ela é toda vossa!

- Sim, não há lugar para vocês mais perto do que as Nuvens de Magalhães...

- E vocês não nos deixariam ir. Quero dizer bem intencionadamente, sabem?

- Sim, com boa intenção, mas não poderíamos deixá-los ir.

- É uma bondade equívoca.

- Talvez, mas não poderiam se reconciliar? Vocês têm um mundo.

- É algo que supera explicações. Vossa mente é diferente. Poderíamos nos reconciliar. Creio, administrador, que já pensou em tudo isto antes. O conceito do beco sem saída em que nos encontramos não lhe é novo.

Antvok ergueu a cabeça, e uma mão parou o fluoroglobo. - Você pode ler minha mente?

- É só uma adivinhação. Uma boa adivinhação, acho.

- Sim; mas pode ler minha mente? As mentes dos humanos em geral, quero dizer. É algo interessante. Os cientistas dizem que vocês não podem, mas às vezes eu imagino que vocês apenas não querem. Pode responder a isso? Estou, talvez, detendo-o aqui indevidamente.

- Não... não - Mas o pequeno cefeida envolveu-se melhor em suas roupas e enterrou o rosto na gola com aquecimento elétrico por um momento. - Vocês, do outro mundo, falam de leitura das mentes. Não é assim, mas com certeza é inútil tentar explicar.

Antvok murmurou o antigo provérbio: - Não se pode explicar a visão a um cego de nascença.

- Sim; isso mesmo. Esse sentido a que chamam “leitura da mente” bem erroneamente, não pode ser aplicado a nós. Não que não possamos receber as sensações adequadas, é que seu povo não as transmite, e não temos como explicar o que devem fazer.

- Hmmm.

- Há ocasiões, claro, de grande concentração ou tensão emocional de parte de alguém de outro mundo quando alguns de nós que são mais hábeis neste sentido, que têm a vista mais aguçada, por assim dizer, detectam vagamente algo. É incerto; mesmo assim, às vezes eu imagino...

Cuidadosamente, Antvok recomeçou a girar o fluoroglobo. Seu rosto corado estava imerso em pensamentos, e seus olhos estavam fixos no cefeida. Gustiv Bannerd descansava sua mão e relia suas notas, lábios movendo-se em silêncio.

O fluoroglobo girava, e lentamente o cefeida parecia ficar tenso simultaneamente, com seus olhos fixos no aspecto multicor da frágil superfície do globo.

O cefeida quis saber: - Que é isso?

Antvok interrompeu-se e seu rosto passou a uma placidez quase risonha. - Isto? Uma moda galáctica de três anos atrás; q que significa que neste ano é uma relíquia inapelavelmente ultrapassada. É um aparelho inútil, mas é bonito. Bannerd, pode ajustar as janelas para não-transmissão?

Deu o estalido de um contato, e as janelas tornaram-se zonas curvas da escuridão, enquanto que no centro da sala, o fluoroglobo de súbito era o foco de uma refulgência rosada que parecia irradiar-se em relâmpagos. Antvok, um vulto escarlate numa sala escarlate, colocou-o sobre a mesa e girou-o com uma mão que tingiu-se de vermelho.

Ao girar, as cores mudavam com uma velocidade lentamente crescente, fundiam-se e separavam-se em contrastes mais extremos.

Antvok estava falando numa exótica atmosfera de arco-íris derretido, sempre mudando. - A superfície é de um material que apresenta fluorescência variável. É quase sem peso, extremamente frágil, mas giroscopicamente equilibrado, de modo que raramente cai, com algum cuidado. É bem bonito, não acha?

De algum lugar, veio a voz do cefeida: - Extremamente belo.

- Mas já passou de sua época; ultrapassou sua existência na moda.

A voz do cefeida era distante: - É belíssimo.

Bannerd restaurou a luz com um gesto, e as cores desbotaram.

O cefeida disse: - Eis aí algo que meu povo muito apreciaria. - E não tirava os olhos do globo, fascinado.

E então, Antvok ergueu-se. - É melhor que se vá, agora. Se ficar mais tempo, a atmosfera poderá lhe causar efeitos prejudiciais. Agradeço-lhe humildemente por sua gentileza.

- E eu agradeço humildemente a vossa. - O cefeida erguera-se também.

Antvok acrescentou: - A maioria dos seus, aliás, aceitou nossas ofertas para que estudem a constituição de nossas modernas espaçonaves. compreende, eu suponho, que o propósito era estudar as reações de seu povo à nossa tecnologia. Acredito que isso se conforme ao vosso senso de decência.

- Não precisa se desculpar. Eu mesmo já tenho a habilidade de um piloto humano. Foi muito interessante. Recorda nossos próprios esforços - e relembra-nos de quão perto do caminho certo estivemos.

O cefeida saiu, e Antvok sentou-se, aliviado.

- Bem - dirigiu-se a Bannerd um tanto brusco - espero que se lembre de nosso acordo; esta entrevista não pode ser publicada.

Bannerd concordou, relutante. - Muito bem. Antvok estava em sua poltrona, e seus dedos mexiam com a pequena figura metálica sobre sua mesa. - Que pensa de tudo isto, Bannerd?

- Lamento muitíssimo por eles. Creio que sei como se sentem. Precisamos educá-los para que saiam dessa. A Filosofia pode fazê-lo.

- Acha mesmo?

- Sim.

- Não podemos deixá-los partir, claro.

- Não; fora de cogitação. Temos demasiado a aprender deles. Esse sentimento deles é apenas uma fase passageira. Vão mudar de idéia especialmente quando lhes dermos a mais completa independência.

- Pode ser. Que pensa sobre os fluoroglobos, Bannerd? Ele gostou. Poderia ser um gesto acertado encomendar vários milhares deles. Só a Galáxia sabe, são uma praga no mercado, agora, e muito baratos.

- Soa bem; parece uma boa idéia - retrucou Bannerd.

- O Birô nunca concordaria, acho. Conheço-os.

Os olhos do repórter estreitaram-se: - Mas poderia ser a coisa certa. Precisam de novos interesses.

- Sim? Bem, poderíamos fazer algo. Eu poderia incluir sua transcrição da entrevista como parte de um relatório e enfatizar o assunto dos globos um pouco. Afinal, você é um membro da Filosofia e poderia ter influência junto a pessoas importantes, cuja palavra junto ao Birô poderia ter muito mais peso do que a minha. Percebe?...

- Sim - respondeu Bannerd, pensativo. - Sim.

De:	QGAd-Cefl8
Patra:	BiProvEx

Assunto: ProvEx, Projeto 2910, Parte II; Taxa de natalidade dos não-humanos em Cefeus 18, Investigação da, Referência:

(a) Carta BiProvEx Cef-N-CM/car, 115097, data 223/977 E.G.

Anexos:

1. Transcrição da conversação entre L. Antvok do QGAd-Cef 18 e Ni-San, Supremo Juiz dos não-humanos de Cefeus 18.

1. O anexo 1 é apresentado aqui para o conhecimento do BiProvEx.

2. A investigação do projeto em questão empreendida em resposta à autorização da referência (a), sendo desenvolvido segundo as novas linhas indicadas no Anexo 1.

O BiProvEx está certo de que todos os meios serão usados para combater a danosa atitude psicológica presentemente dominante entre os não-humanos.

3. Deve-se notar que o Supremo Juiz dos não-humanos em Cefeus 18 expressou interesse em fluoroglobos. Uma investigação preliminar deste fato da psicologia não-humana foi iniciada.

L. Antvok, Superv. QGAd-Cef 18, 272/977 E.G.

De: BiProvEx

Para: QGAd-Cef 18

Assunto: Projeto ProvEx 2910;Taxa de natalidade dos não-humanos de Cefeus 18, Investigação da, Referência:

(a) Carta QGAd-Cefl8 AA-LA/mn, data 272/977 .E.G.

1. com referência ao Anexo 1 da referência (a), cinco mil fluoroglobos foram requisitados para remessa a Cefeus 18, pelo departamento de comércio.

2. O QGAd-Cef 18 fica instruído para fazer uso de todos os métodos para compensar o descontentamento dos não-humanos, desde que consistentes com as necessidades de obediência às proclamações Imperiais.

C. Morily, Chefe, BiProvEx 283/977 E.G.

O jantar terminara, o vinho havia sido levado, e acabaram-se os charutos. Os grupos haviam se formado, e o capitão da frota mercante era o centro do maior. Seu brilhante uniforme branco quase ofuscava seus interlocutores.

Quase conseguia não ser desagradável, ao falar: - A viagem não foi nada. Já tive mais de trezentas naves sob meu comando, antes desta. Mesmo assim, nunca tive uma carga semelhante. O que se pode pensar de cinco mil fluoroglobos neste deserto; pela Galáxia!

Loodun Antvok ria-se, cortesmente. Interveio: - Para os não-humanos. Não foi uma carga difícil, espero.

- Não; não difícil. São frágeis, e eu não podia carregar mais de vinte em cada nave, com todos os regulamentos do governo concernentes a embalagens e precauções contra quebras. Mas, é o dinheiro do governo, suponho.

Zammo sorria, irônico. - É a sua primeira experiência com os métodos do governo, capitão?

- Pela Galáxia, não! - estourou o homem do espaço. - Tento evitá-los, claro, mas não se pode ter outra saída, às vezes. E é uma coisa aborrecida quando não se tem outro jeito, essa é a verdade. A burocracia! A papelada! É o bastante para perturbar seu crescimento e ficar cardíaco. É um tumor, um câncer na Galáxia. Eu acabaria com toda essa bagunça.

Antvok disse: - Está sendo injusto, capitão. Não está compreendendo.

- Mesmo? Então, agora, na qualidade de um desses burocratas - e ele sorriu amavelmente, àquela palavra - suponha que possa explicar o seu lado da situação, administrador.

- Ora - Antvok parecia confuso - o governo é um negócio sério e complicado. Precisamos nos preocupar com milhares de planetas neste Império, e com bilhões de pessoas.

Quase ultrapassa a capacidade humana supervisionar o governo, sem a organização mais estreita possível. Acho que hoje há por volta de quatrocentos milhões de pessoas no Serviço Administrativo Imperial apenas, e para coordenar seus esforços e reunir seu conhecimento, é preciso ter o que você chama desdenhosamente de “burocracia”, e “papelada”. Cada pedacinho de tudo isso, por mais imperceptível que

pareça, um aborrecimento, que seja, tem sua utilidade. Cada pedaço de papel é um fio reunindo os lavores de quatrocentos milhões de humanos. Abolindo-se o Serviço Administrativo, abole-se o Império; e assim, a paz interestelar, a ordem, e a civilização.

- Ora, vamos... - Ia interrompendo o capitão.

- Não; é isso mesmo - Antvok estava sinceramente empolgado.

- As regras e o sistema Administrativo precisam ser suficientemente abrangentes e rígidos de modo que em caso de funcionários incompetentes, e por vezes algum é acusado, pode achar engraçado, mas há cientistas incompetentes, e repórteres, e capitães, também... no caso de funcionários incompetentes, pouco prejuízo resultará.

Pois, na pior das hipóteses, o sistema pode caminhar sozinho.

- Sim - resmungou, contrafeito, o capitão - e se um administrador capaz fosse acusado? Então seria apanhado na mesma teia rígida e é forçado à mediocridade.

- Não, absolutamente - replicou Antvok, veemente. - Um homem capaz pode sempre trabalhar, nos limites das regras, e fazer o que quiser.

- Como? - quis saber Bannerd.

- Bem... bem... - Antvok ficou subitamente indisposto. - Um método é engajar-se num projeto de prioridade A, ou AÃ, se possível.

O capitão ia inclinar a cabeça para trás, para gargalhar, mas não o fez, pois a porta foi escancarada e homens assustados irromperam. Os gritos, de início, não faziam sentido. E então:

- Senhor, as naves sumiram. Aqueles não-humanos as levaram à força.

- O quê? Todas?

- Todas. Naves e criaturas.

Só duas horas depois estavam os quatro reunidos novamente, no escritório de Antvok.

Antvok disse, friamente: - Não se enganaram. Não há uma nave aqui, nem aquela sua de treinamento, Zammo. E não há uma só nave do governo disponível em toda esta metade do Setor. Até que tenhamos uma interceptação organizada, estarão fora da galáxia, a meio caminho das Nuvens de Magalhães. Capitão, era responsabilidade sua manter uma guarda adequada.

O capitão protestou: - Era nosso primeiro dia fora do espaço. Quem poderia imaginar...

Zammo interrompeu: - Espere um pouco, capitão. Estou começando a entender.- Antvok - sua voz era incisiva - você arquitetou tudo isto.

- E eu? - A expressão de Antvok era fria, quase indiferente.

- Você nos disse naquela noite que um administrador esperto arranjava um projeto de prioridade A para poder fazer o que quisesse. E você arranjou um projeto desses para ajudar os não-humanos a escapar.

- Se fui eu, desculpe, mas como poderia? Foi você mesmo que em um dos seus relatórios levantou a questão da taxa de natalidade. Foi Bannerd aqui, cujos artigos sensacionais assustaram o Birô para instaurar um projeto de prioridade A. Não tive nada a ver com isso.

- Você sugeriu que eu mencionasse a taxa de natalidade - replicou Zammo, violentamente.

- Deveras? - redargüiu Antvok, sem perder a compostura.

- E, inclusive - Bannerd começou a rugir - sugeriu que eu mencionasse a taxa de natalidade em meus artigos.

Os três o cercaram e agora o acusavam. Antvok inclinou-se em sua Poltrona, e disse, calmamente: - Não sei o que querem dizer com “sugestões”.

Se estão me acusando, por favor, atenham-se à evidência - evidência legal. As leis do Império aceitam material escrito, firmado, ou transcrito, ou por testemunhas oculares. Todas as minhas cartas, enquanto administrador, estão aqui no arquivo, no Birô, e em outros lugares. Nunca pedi um projeto de prioridade A. O Birô me designou, e Zammo e Bannerd são responsáveis por isso. Ao menos, segundo o que está escrito.

A voz de Zammo era quase um rosnado: - Você me induziu a ensinar às criaturas como manejar uma espaçonave.

- Foi sua sugestão. Tenho seu relatório propondo que sejam estudadas quanto à reação às ferramentas humanas. E também o Birô. A evidência - a evidência legal, é óbvia. Nada tive a ver com isso.

- Nem com os Globos? - perguntou Bannerd.

O capitão uivou, subitamente: - Você fez minhas naves virem até aqui de propósito! Cinco mil Globos! Sabia que exigiria centenas de aparelhos!

- Nunca pedi globo nenhum - retrucou Antvok calmo. - Foi idéia do Birô, muito embora eu ache que os amigos de Bannerd da Filosofia ajudaram um pouco.

Bannerd quase engasgou. E cuspiu: - Você estava perguntando àquele líder cefeida se ele podia ler mentes. Você estava dizendo para ele expressar interesse nos globos.

- Ora, vamos, você mesmo preparou a transcrição da conversação e isso também está arquivado. Não pode provar uma coisa dessas. - E levantou-se. - Bem, vão me desculpar, mas devo preparar um relatório para o Birô.

À porta Antvok voltou-se. - De certa forma, o problema dos não-humanos está resolvido, mesmo que só para eles. Vão se reproduzir agora, e terão um mundo que terão conquistado sozinhos. Era o que queriam.

- Outra coisa. Não me acuse dessas bobagens. Tenho estado no serviço por vinte e sete anos, e garanto-lhe que meus papéis são prova bastante de que tenho sido exaustivamente correto em tudo o que tenho feito. E, capitão, terei prazer em continuar nossa discussão desta noite quando quiser, para explicar como um administrador capaz pode abrir caminho pela burocracia e ainda conseguir tudo o que quiser.

Era notável que um rosto tão redondo, infantil, pudesse ter um sorriso tão sardônico.

De: BiProvEx
Para: Loodun Antvok, Administrador Público Chefe, A-8
Assunto: Serviço Administrativo, Continuidade. Referência:

(a) AdServ Decisão da Corte 22874-Q, data 1/978 E.G.

1. Tendo em vista a opinião favorável exarada quanto à referência (a), o senhor é, por esta, absolvido de toda responsabilidade pela fuga dos não-humanos de Cefeus 18. Solicita-se que se mantenha pronto para sua próxima designação.

R. Horpritt, Chefe, AdServ, 15/978 E.G.

***

As cartas que formam boa parte desta história (que contém um dos meus raros exemplos de inteligências extraterrestres) são, você ficará contente em saber, baseadas no tipo de material que passava rotineiramente para dentro e para fora da N.A. £ s. (e, tanto quanto eu saiba, ainda passa). O estilo burocrático não é invenção minha. Não poderia inventá-lo, mesmo que tentasse.

Quando a história foi publicada, L. Sprague de Camp apontou uma falha no estilo das cartas: eu descuidadamente havia feito alguém em posição inferior, dirigindo-se a alguém em posição superior dizer "solicita-se", ao invés de "sugere-se". O inferior pode humildemente sugerir, mas um superior pode asperamente solicitar.

"Beco Sem Saída" recebeu uma distinção que eu gostaria de mencionar.

Depois da Guerra, começou aquela inundação das antologias de ficção científica que têm crescido em largura e profundidade, desde então. Poucos, ou nenhum, escritores de ficção científica foram tão incluídos em antologias como eu, e a primeira das minhas histórias a ser incluída não foi uma história do "Cair da Noite" ("Nightfall") ou uma de "robôs positrônicos" ou da Fundação. Foi "Beco Sem Saída".

Em princípios de 1946, Groff Conklin estava editando a primeira de suas muitas antologias de ficção científica - uma chamada O Melhor da Ficção Cientifica (The Best of Science Fiction) - e é aí que você vai encontrar "Beco Sem Saída" ("Blind Alley"). Essa história pela qual Campbell pagara $ 148,75 (1 ¾ (/ por palavra), ganhou então mais $42,50 (1/ 4 por palavra). O que significa que "Beco Sem Saída" proporcionou-me 2 ¼ por palavra, o que era um "recorde", naquela época.

Falando rigorosamente, o dinheiro para a antologia era paga para Street & Smith, mas Street & Smith tinha o hábito civilizado de entregar este dinheiro ao autor - voluntariamente, e sem coação legal. E esta foi a primeira indicação que tive, aliás, de que uma história pode proporcionar mais dinheiro do que na época de sua venda original.

A 8 de maio de 1945, uma semana antes de completar "O Mula", a guerra terminava na Europa. Naturalmente, logo começou-se a preparar a desmobilização do máximo possível de homens que estiveram lutando e recrutar substituições de três daqueles que estiveram refestelados em casa.

Durante toda a guerra, até então, eu tinha recebido regularmente indeferimentos para ser alistado como químico pesquisador para trabalhar num posto importante para o esforço de guerra. Periodicamente, haviam revisões das regras do recrutamento, e era raro o mês em que não parecia que eu poderia ser recrutado. (Deixava-me agastado, posso adiantar, mas eu não me sentia particularmente rejeitado. Meu sentimento predominante era um rastro de culpa por não ser recrutado, e alguma vergonha pelo meu alívio em ser indeferido.).

Durante 1944, a incerteza continuou até que fui convocado para um exame físico, e logo se concluiu que minha miopia era ruim o bastante para impedir meu recrutamento.

Após o Dia da Vitória, o estaleiro da marinha recebeu ordem para reter apenas uma porcentagem de seus empregados, permitindo que os outros fossem recrutados. Presumivelmente, o estaleiro da marinha selecionaria seus empregados mais importantes para conservar, mas eles tinham outro truque, de acordo com o que os empregados ouviram falar.

Retinham todos os empregados recrutáveis que satisfaziam as exigências físicas, e removiam a proteção daqueles que não as satisfaziam, quer por idade, ou por defeito físico. Assim, esperavam manter a todos - aqueles mais aptos, porque eram declarados como necessários, e os mais idosos ou incapazes, por serem idosos ou incapazes.

Eu, como um empregado incapaz, fui um dos declarados não-essenciais.

E então (adivinhou!) o exército abaixou seus requisitos físicos. O resultado foi que aqueles empregados do estaleiro com má visão ou outras pequenas deficiências ficaram em iminente perigo de serem recrutados, ao passo que outros, em tudo equivalente, exceto estarem em ótima forma, não o foram. (Agora, pode dar risada...).

Durante quatro meses depois do Dia da Vitória, eu nunca sabia quando acabaria recebendo a notificação. Enquanto eu esperava, as bombas atômicas estavam caindo em Hiroshima e Nagasaki e os japoneses renderam-se oficialmente a 2 de setembro.

A 7 de setembro de 1945, recebi minha notificação de recrutamento. Não gostei, claro, mas tentei encarar as coisas filosoficamente. A guerra acabara, e quaisquer dificuldades que eu pudesse ter nos dois anos que eu esperava servir, pelo menos ninguém estaria atirando em mim. Entrei para o exercito a 19 de novembro de “45, como soldado raso.

Naturalmente com toda a agitação com o recrutamento, não escrevi nada. Houve um hiato de oito meses, de fato, o mais longo em três anos.

No dia 7 de janeiro de 1946, porém, enquanto eu ainda estava abrindo caminho por meu treinamento básico no Camp Lee, Virginia, comecei outra história de “robôs positrônicos”, chamada “Evidência” (“Evidence”). Utilizei uma máquina de escrever da administração.

Naturalmente, foi um trabalho lento. Não acabei o rascunho senão em 17 de fevereiro, e então tudo parou quando no dia seguinte, descobri que estaria entre aqueles que seriam enviados ao Pacífico Sul para participar na “Operação Encruzilhada” (“Operation Crossroads”). Foi o primeiro teste atômico do pós-guerra, na ilha de Bikini (que posteriormente deu seu nome a uma roupa de banho tão provocante que reagiria sobre a constituição masculina - ao menos em teoria - como uma bomba atômica).

O fato de uma semana depois receber meu cheque pela inclusão de “Beco Sem Saída” na antologia, elevou meu ânimo.

Partimos a 2 de março de 1946, viajando de trem e navio, e chegamos a Honolulu a 15 de março. Ali começou uma longa espera antes de podermos ir para Bikini (o teste da bomba atômica foi adiado, claro). Quando o atraso começou a incomodar, retornei a “Evidência”. Persuadi uma simpática bibliotecária a deixar-me trancado no prédio da biblioteca na hora do almoço, de modo que eu tinha uma hora, todos os dias, absolutamente só com a máquina de escrever. Acabei a história a 10 de abril, e remeti-a para Campbell no dia seguinte.

A 29 de abril, recebi notícia de que fora aceita. Naquela época o preço por palavra atingia dois centavos.

Nunca cheguei a ir a Bikini, por sinal. Houve algum erro administrativo em casa, com uma quantia destinada à minha mulher. Fui enviado de volta aos Estados Unidos a 28 de maio para esclarecer o caso; estava tudo arranjado, quando voltei a Camp Lee. Enquanto estive lá, pedi uma “dispensa para pesquisa”, alegando que voltaria ao meu trabalho de doutoramento. Saí do exército, como cabo, a 26 de julho.

“Evidência” foi a única história que escrevi enquanto vestia uniforme.

Assim que saí do exército, tratei de minha volta a Columbia, após uma ausência de pouco mais de quatro anos, retomando meu trabalho de doutoramento, sob a orientação do prof. Dawson.

Não havia ainda dúvida em minha mente de que a química era minha carreira, e minha única carreira. Nos quatro anos de meu casamento, escrevi nove histórias de ficção científica, e uma de fantasia, e vendi todas elas - mas todas as vendas foram para Campbell.

Desde a morte de Unknown, eu fiquei terrivelmente cônscio de que Astounding poderia morrer também. Se isto acontecesse, ou se Campbell se aposentasse, eu não poderia ter certeza de continuar a vender.

A situação parecia melhor depois do que antes da guerra, na verdade. Durante os primeiros quatro anos de meu casamento, ganhei $2 667 como escritor, ou uma média de pouco menos de $ 13 por semana. Era cerca da metade do que ganhava nos meus dias de solteiro, mesmo escrevendo menos.

O preço por palavra dobrara, como vê, e havia mesmo a esperança de direitos subsidiários - dinheiro extra por histórias já vendidas. “Beco Sem Saída” já havia sido incluída numa antologia, e a 30 de agosto de 1946, só um mês depois de sair do exército, descobri que tinha feito outra dessas vendas. Uma nova antologia de ficção, Adventures in Time and Space (Aventuras no Tempo e no Espaço], editada por Raymond J. Healey e J. Francis McComas, incluiria “O Cair da Noite” (“Nightfall”) e eu receberia $66,50 por ela.

Havia ainda mais do que vendas para antologias. Naquele mesmo mês de agosto, o número de setembro de 1946 de Astounding chegou às bancas com Evidência (se eu soubesse,

ao escrevê-la, que quando fosse publicada eu estaria seguro, fora do exército!) Quase na mesma hora, recebi um telegrama pedindo os direitos para um filme. O cavalheiro interessado, descobri que era nada mais do que Orson Welles. com grande alegria, vendi-lhe os direitos da história para rádio, televisão e cinema a 20 de setembro, e esperei para ficar famoso. (Rico, não poderia ficar, pois o pagamento total foi apenas $ 250.).

Infelizmente, nada aconteceu. Até hoje, o Sr. Welles nunca usou a historia. Mas o cheque, por certo foi útil para pagar meus estudos.

A despeito de tudo, porém, ainda parecia fora de dúvida de que eu não poderia depender apenas de escrever para viver trabalhando ano sim, ano não, especialmente agora que estava casado e esperava, eventualmente, ter filhos.

Então voltei à escola, com uma pequena conta de poupança, para servir de amortecedor, com alguns bônus de veteranos dados pelo governo, e, claro, com a esperança de ganhar um pouquinho mais, escrevendo.

Em setembro, escrevi ainda outra história de robô positrônico, “Little Lost Robot” (“O Robozinho Perdido”), apressando-me a completá-la antes que o outono começasse, e eu me afundasse com meu trabalho. Campbell logo aceitou-a e apareceu no número de março de 1947 de Astounding. Eventualmente, esta e “Evidência” foram incluídas em, I,Robot (Eu, Robô).

Uma vez começado o período escolar, ficou difícil achar tempo para escrever. Pelo fim de 1946, consegui começar outra história da Fundação: “Now You See It...” (Agora Vê...). Acabei-a em 2 de fevereiro de 1947, e submeti-a a Campbell no dia 4. Então, já estava cansado da série Fundação e tentei escrever “Agora Vê...” de modo a torná-la a última da série.

Campbell não quis saber disto. Tive que revisar o fim, para permitir uma continuação, e, no dia 14, aceitou-a. Foi publicada na Astounding de janeiro de 1948 e eventualmente veio a ser o primeiro terço de meu livro Second Foundation (Segunda Fundação).

Em maio de 1947, escrevi uma história que, pela primeira vez em dois anos, não era uma história da Fundação, nem de “robô positrônico”. Era “No Connection” (“Nenhuma Ligação”). Apresentei-a a Campbell a 26 de maio, e foi aceita no dia 31.

24

NENHUMA LIGAÇÃO

Raph era um americano típico de seu tempo. Bastante feio, também, segundo os padrões americanos atuais. O osso de seu queixo era enorme, coberto por uma musculatura adequada ao tamanho. Seu nariz era curvo e largo e seus olhos negros e pequenos e bem afastados devido àquele nariz. Tinha um pescoço grosso, corpo largo, dedos espatulados com unhas bastante curvas.

Quando em pé, sobre pernas grossas que terminavam em pés não menos avantajados, cobria duas jardas e meia. Em pé ou sentado, sua massa aproximava-se a um quarto de tonelada.

Todavia, sua testa formava como que um arco ilimitado e sua capacidade craniana não conhecia restrições. Sua mão enorme sabia segurar uma caneta com delicadeza, e sua mente ruminava confortavelmente quando ele se curvava na escrivaninha.

De fato, sua esposa e a maioria de seus amigos americanos consideravam-no um rapaz de boa aparência.

O que mostra a alquimia de um longo deslocamento no eixo do tempo.

Raph, Junior, era o nosso americano típico em miniatura. Adolescente, ainda não havia perdido aquela penugem típica da infância. Ela se espalhava como um tapete escuro e encaracolado pelo peito e pelas costas, mas já estava diminuindo e talvez dentro de um ano ele poderia usar uma camisa de adulto que cobriria a pele nua que os homens ostentam com tanto orgulho.

Enquanto isso, porém, ele sentava sozinho em seus calções e coçava preguiçosamente" seu lugar favorito, bem acima do diafragma. Sentia-se curioso e um pouquinho enfadado. Não era ruim vir com seu pai ao museu quando havia gente. Hoje, entretanto, o museu não estava funcionando e os corredores vazios faziam com que seus passos ecoassem quando andava por eles.

Além disso, ele conhecia tudo lá dentro - na maioria ossos e pedras.

Júnior disse: - O que é essa coisa?

- Que coisa? - Raph ergueu a cabeça e olhou pelo ombro, assumindo uma expressão de satisfação. - Ah, isso aí é uma coisa nova. E uma reconstrução do Primata Primevo.

Foi mandado pela comunidade North River. Mas é um belo trabalho, não? - E voltou ao seu trabalho, tomado por uma pontada de prazer momentânea. O Primata Primevo ainda não seria exposto por uma semana no mínimo - não antes que ele preparasse um lugar de honra num ambiente adequado; enquanto isso, porém, estava em seu escritório como seu objeto favorito.

Entretanto, Raph encarou o “bom trabalho” com sensações bem diferentes. O que via era uma figura esguia de tamanho insolente, com pernas e braços finos, peluda e possuidora de um rosto feio e pequeno com olhos grandes e salientes.

Disse: - Bem, mas o que é isto realmente, papai?

Raph moveu-se impaciente: - É uma criatura que viveu há milhões de anos atrás. Pelo menos achamos que ele parece ter sido isto.

- Por quê? - insistiu o jovem.

Raph desistiu. Aparentemente, teria de desenterrar o assunto e livrar-se dele.

- Bem, pelo formato dos ossos podemos imaginar os músculos, as posições adequadas aos tendões e o lugar onde estariam alguns nervos. Pelos dentes, podemos dizer qual o tipo de aparelho digestivo que o animal teria e, pelos ossos do pé, qual o seu tipo de postura. Quanto ao resto, baseamo-nos no princípio da Analogia, isto é, na aparência externa de criaturas que existem hoje que têm o mesmo tipo de esqueleto. Por exemplo, é por isso que ele é coberto com pêlo vermelho. A maioria dos Primatas de hoje

- São criaturas insignificantes, praticamente extintas - são ruivos, têm calosidades no traseiro...

Júnior foi correndo olhar atrás da figura e confirmou este ponto.

- ...têm probóscides longas e carnudas e pequenas orelhas atrofiadas. Não têm dieta específica, daí terem dentes de todo tipo e são noturnos, daí os olhos grandes.

É realmente muito simples. Agora está satisfeito, meu jovem?

Então Júnior, após ter pensado e repensado sobre isto, veio com este comentário: - Só que para mim ele parece um Ika. Igualzinho a um Ika velho e feio.

Raph ficou encarando-o. Aparentemente não tinha compreendido bem: - Um Ika? - disse. - O que é um Ika? É uma criatura imaginária sobre a qual você anda lendo?

- Imaginária! Ora, papai, o senhor nunca esteve na Biblioteca? Era uma pergunta embaraçosa de se responder, pois “papai” nunca estivera ou, pelo menos, nunca desde que se tornara adulto. Quando criança, a Biblioteca, depositário da ficção mundial escrita, oral e gravada, naturalmente, exercido um grande fascínio nele. Mas ele havia crescido...

Pacientemente, perguntou: - Existem novas histórias sobre Ikas? Não me lembro de nenhuma do tempo em que eu era jovem.

- O senhor não entendeu, papai. - Dava quase para se supor que o jovem Raph estava a beira de um ataque de raiva que, por precaução, não ousava demonstrar. Magoado, explicou: - Os Ikas são reais. Eles são do Outro Mundo. O senhor nunca ouviu falar disso. até na escola falam disso e na Revista Group. Eles andam de ponta cabeça no país deles, só que não sabem disso, e se parecem exatamente com o velho Primevo.

Raph recobrou-se do espanto. Sentiu como não teria nexo querer examinar os conhecimentos arqueológicos de seu filho ainda não crescido e hesitou por um momento.

Afinal de contas, ele havia ouvido algumas coisas. Tinha havido algum comentário a respeito de vastos continentes existentes no outro hemisfério da Terra. Parecia-lhe que havia rumores a respeito da existência de vida entre eles. Era tudo muito vago - talvez não fosse certo agarrar-se sempre tão firmemente ao campo de seu próprio interesse.

Perguntou a Júnior: - Existem Ikas aqui entre as Comunidades? Júnior anuiu rapidamente: - O Editor diz que eles pensam tão bem quanto nós. Eles têm máquinas que atravessam o ar. Foi assim que chegaram aqui.

- Júnior! - disse Raph, severamente.

- Eu não estou mentindo - gritou Júnior, magoado. - Pergunte ao Editor e veja o que ele diz.

Raph juntou seus papéis lentamente. Não era dia de trabalho, mas sem dúvida poderia encontrar o Editor em casa.

O Editor era um membro antigo da Comunidade Gurrow Red River, e são poucos os que conseguem se lembrar dele antes de ser um membro. Havia conseguido este cargo com o consentimento geral e o ocupava bem, pois era Editor pelo mesmo motivo que Raph era administrador do museu. Gostava de ser, queria ser e não podia conceber outra espécie de vida.

O padrão social da Comunidade Gurrow é difícil de se entender, a menos que se nasça nela, mas havia uma frouxidão que quase tornava a palavra “padrão” sem sentido.

O indivíduo Gurrow fazia o trabalho para o qual se sentisse apto, e este trabalho, quando abandonado mas necessário que se fizesse, era feito em comum ou por cada um consecutivamente, obedecendo a uma ordem determinada por sorteio. Posto isto, parece simples demais trabalhar, mas na verdade as tradições que se haviam agrupado ao longo dos cinco mil anos, desde a data em que se supõe ter surgido o primeiro Grupo Voluntário de Gurrahs, tornou o sistema complicado, flexível - e viável.

O Editor estava, segundo a previsão de Raph, em sua casa, e houve aquela retomada embaraçosa de uma velha e injustamente negligenciada amizade. Ele havia utilizado a biblioteca de pesquisa do Editor, é claro, mas sempre indiretamente - todavia, ele já fora criança, um íntimo aprendiz aos pés da sabedoria acumulada, e havia deixado esta intimidade escapar.

A sala onde entrou estava mais ou menos imersa em gravações e, em menor grau, em material impresso. O Editor entremeava cumprimentos com palavras de desculpa.

- Estas remessas vieram de outras comunidades - disse. - É preciso algum tempo para catalogar tudo isso, mas eu não consigo mais encontrá-lo como antigamente. - Acendeu um cachimbo e deu longas tragadas. - Acho que vou ter que arrumar um assistente em período integral. Que tal seu filho, Raph? Ele está sempre por aqui, como você há vinte anos atrás.

- Você se lembra daquele tempo?

- Acho que melhor do que você. Acha que seu filho gostaria disto?

- Talvez fosse melhor você falar com ele. Pode ser que goste. Realmente não posso dizer que a arqueologia o fascina. - Raph pegou uma fita qualquer e olhou a etiqueta de identificação: - Hum-hum - é da Comunidade Joquin Valley. É bem longe daqui.

- Bem longe. - O Editor concordou. - Enviei-lhes algumas das nossas, é claro. Os trabalhos da nossa própria Comunidade são muito bem vistos em todo continente - disse, com orgulho de um proprietário. - De fato - apontava o tubo do cachimbo para o outro - o seu próprio estudo sobre primatas extintos tem sido distribuído para muitos lugares. Já mandei duas mil cópias e ainda tenho mais pedidos. Isso é muito bom - para a arqueologia.

- Bem, a arqueologia é o motivo pelo qual estou aqui - ela e aquilo que meu filho diz que você tem lhe contado. - Raph atrapalhou-se um pouco para começar: - Parece que você falou de criaturas chamadas Ikas da Antípoda, e eu gostaria que você me informasse tudo que sabe sobre elas.

O Editor ficou pensativo: - Bem, eu poderia lhe contar o que sei de cabeça, ou poderíamos ir até a Biblioteca para fazermos uma consulta.

- Não se preocupe em abrir a Biblioteca para mim. Ela está fechada hoje. Eu queria apenas uma noção das coisas; depois eu farei algumas pesquisas.

O Editor mordeu seu cachimbo, empurrou sua cadeira contra a parede e desviou os olhos, pensativamente. - Bem - disse - acho que tudo começou com o descobrimento de continentes no outro lado. Isto aconteceu há cinco anos atrás. Você deve estar informado sobre isto, não?

- Sei apenas que aconteceu. Sei que o continente existe, como todos sabem agora. Lembro-me de uma vez ter pensado como isto seria um novo campo excelente para pesquisas arqueológicas, mas é só.

- Ah, então eu tenho muito mais para lhe contar. Os novos continentes nunca foram descobertos por nós diretamente, sabe. Há cinco anos atrás, um grupo de criaturas não-Gurrow chegou á comunidade East Harbor numa máquina que voava - por princípios científicos definidos, descobrimos mais tarde, baseada essencialmente na flutuabilidade do ar, falavam uma língua, eram visivelmente inteligentes e denominavam-se Ikas. Os Gurrows, da Comunidade East Harbor, aprenderam sua língua muito simples e rudimentar, cheia de sons impronunciáveis - e eu tenho uma gramática dela, se você estiver interessado...

Raph afastou essa idéia.

O Editor prosseguiu: - Os Gurrows da Comunidade, com a ajuda dos membros da Comunidade Iron Mountain - você sabe, especializada em trabalhos em aço - construíram duplicatas da máquina voadora. Foi realizado um vôo sobre o oceano, e posso dizer que há dezenas de livros sobre tudo isso – volumes sobre a máquina voadora, sobre uma nova ciência chamada aerodinâmica, novas geografias e até um novo sistema de filosofia baseado na pluralidade de inteligências.

Todos reproduzidos nas Comunidades de East Harbor e Iron Mountain. Um trabalho notável para apenas cinco anos, e todos disponíveis aqui.

- Mas os Ikas - eles ainda estão na Comunidade East Harbor?

- Hã-hã. Tenho certeza de que estão. Recusaram-se a voltar aos seus próprios continentes. Eles se dizem “refugiados políticos”.

- Refugi... o quê?

- Isto na linguagem deles - disse o Editor - e é a única tradução possível.

- Bom, mas, por que refugiados políticos! Por que não refugiados geológicos ou refugiados umpas? Acho que uma tradução deveria fazer algum sentido.

O Editor deu de ombros: - Consulte os livros. Eles não são criminosos, apenas reivindicam seus direitos. Eu só sei o que estou lhe dizendo.

- Bem, então, com o que eles se parecem? Você tem fotos?

- Na Biblioteca.

- Você leu o meu “Princípios da Arqueologia”?

- Dei uma folheada.

- Lembra-se dos desenhos do Primata Primevo?

- Receio que não.

- Então olhe, vamos dar um pulo até a Biblioteca.

- Claro. - O Editor se levantou resmungando.

O Administrador da Comunidade Gurrow Red River ocupava uma posição em nada diferente, em essência, da do Administrador do Museu, do Editor e da de qualquer trabalhador voluntário. Esperar uma diferença seria assumir uma sociedade onde a habilidade de execução é rara.

Na verdade, todos os trabalhos numa Comunidade Gurrow - onde um “trabalho” é definido como algo regular, cujos frutos beneficiam não só os outros como o próprio trabalhador - são divididos em duas classes: Trabalhos Voluntários e Involuntários ou Trabalhos Comunitários. Todos os pertencentes à primeira classificação são iguais. Se um Gurrow gosta de cavar valetas úteis, sua inclinação deve ser respeitada e seu trabalho honrado. Se ninguém gosta disto mas é considerado necessário para que se tenha conforto, torna-se um Trabalho Comunitário, feito por grupos ou rodízio, conforme a necessidade - maçante, mas inevitável.

Sendo assim, o Administrador vivia numa casa que não era mais ampla ou mais luxuosa que as outras, não se sentava à ponta das mesas, não tinha nenhum título

especial a não ser o nome de seu trabalho e não era nem invejado, nem odiado, nem adorado.

Gostava de organizar comércio Inter-Comunidade, supervisionar as finanças comuns da Comunidade e julgar os raros desentendimentos que ocorriam. Naturalmente não recebia comida ou privilégios extras por fazer o que gostava.

Não foi, portanto, para obter permissão, mas para pôr suas contas ordem que Raph foi ver o Administrador. O dia ainda não havia terminado. O Administrador estava sentado calmamente em sua poltrona de depois do jantar, com um charuto de depois do jantar na boca e um livro de depois do jantar nas mãos. Embora houvesse algo intemporal em seis filhos e uma esposa, até eles tinham um ar de depois do jantar.

Raph foi multiplamente cumprimentado ao entrar e levou as duas mãos aos ouvidos, pois se os vários administradorezinhos (*) tinham algum trabalho, este era fazer barulho. Certamente era o que gostavam de fazer e certamente outros colhiam os frutos desse trabalho, pois seus próprios tímpanos pareciam ser impermeáveis.

O Administrador enxotou-os.

Raph aceitou um charuto.

- Pretendo deixar a Comunidade por algum tempo, Lahr - disse.

- Meu trabalho necessita disso.

- Não vamos gostar do seu desligamento, Raph. Espero que não seja por muito tempo.

- Espero que não. O que temos em Unidades Comuns?

- Ah, o bastante para os seu propósitos, tenho certeza. Onde você pretendeu?

- À Comunidade East Harbor.

O Administrador anuiu com a cabeça e soltou uma baforada de fumaça pensativa:
- Infelizmente, East Harbor tem um saldo favorável registrado em nossos livros – se você quiser, posso verificar isto - mas as Unidades Comuns de Troca disponíveis cuidarão do transporte e das despesas necessárias.

- Oh, está ótimo. Mas diga-me, qual é a minha posição na comunidade Job Rester?

- Hum-hum - eu vou ter que dar uma olhada. Espere um momentinho, por favor. - Ele saiu, arrastando seu enorme peso pela sala e depois pelo hall. Raph parou um pouco para atiçar o caçula, que correu até ele rosnando ferozmente com seus dentes brilhantes -

um montinho preto de pêlo grosso, com o focinho infantil que ainda não havia se afastado o bastante da forma de seu ancestral animal de meio milhão de anos antes.

O Administrador voltou com um pesado livro razão e óculos enormes. Abriu o livro meticulosamente, folheou-o até a página certa e deslizou o dedo cuidadoso pelas colunas.

Disse: - O único problema é o suprimento de água, Raph. Você deverá ir para a turma da Manutenção na próxima semana. Não há mais nada pelos próximos dois meses.

- Estarei de volta antes disso. Existe alguma chance de alguém me substituir na Manutenção de Água?

- Hã-hã - vou arrumar alguém. Eu posso sempre mandar o meu mais velho. Está entrando na idade de trabalhar e poderia também ir sentindo o sabor da coisa. Pode ser que ele goste de trabalhar na represa.

* Único título cabível. (N.T.)

- Sim? Então me avise se ele gostar. Ele pode me substituir regularmente.

O Administrador sorriu amavelmente: - Não faça planos quanto a isso, Raph. Se ele conseguir arranjar um jeito de fazer do sono algo útil para todos nós, certamente vai escolher esta profissão. E por que é que você vai para a Comunidade East Harbor, por falar nisso, se é algo sobre o qual você gosta de falar?

- Você vai rir, talvez, mas acabei de descobrir que existem coisas tais como os Ikas.

- Ikas? Sim, eu sei. - O Administrador apontou um dedo. - Criaturas do outro lado do mar! Certo?

- Certo! Mas isso não é tudo. Estou vindo da Biblioteca. Vi reproduções tridimensionais, Lahr, e são Primatas Primevos, ou quase. De qualquer forma são primatas, e inteligentes. Têm olhos pequenos, nariz chato e os ossos da mandíbula são completamente diferentes - mas são, no mínimo, nossos primos em segundo grau. Eu tenho que vê-los, Lahr.

O Administrador deu de ombros. Ele próprio não sentia nenhum interesse pelo assunto. - Por quê? Estou lhe perguntando por pura ignorância, Raph. Você vê-los é tão importante assim?

- Se é importante? - Raph ficou obviamente espantado com a pergunta. - Você não sabe o que tem acontecido nesses últimos anos? Leu meu livro de arqueologia?

- Não - disse o Administrador, definitivamente - e não o leria nem que isso me garantisse minha saída do grupo de Remoção de Lixo.

Raph disse: - O que prova, provavelmente, que você serve muito mais para a Remoção do Lixo do que para a arqueologia. Mas não faz mal. Tenho lutado sozinho durante quase dez anos em favor de minha teoria de que o Primata Primevo era uma criatura inteligente pertencente a uma civilização desenvolvida. Até agora não tenho nada a meu favor a não ser uma necessidade lógica, coisa que a maioria dos arqueólogos nunca aceitará. Eles querem alguma coisa sólida. Querem os restos de um Grupo, ou artefatos, construções, livros - entende? Tudo que posso lhes dar é um esqueleto com uma enorme caixa craniana. Deus do céu, Lahr, o que eles esperam que sobreviva em dez milhões de anos? Os metais acabam. O papel acaba. Filmes acabam.

- Somente as pedras é que duram, Lahr. E os ossos que viraram pedras. Eu tenho isso. Um crânio com espaço para um cérebro. E pedras, também, velhas facas afiadas. E pederneiras.

- Bem - disse Lahr - há os seus artefatos.

- Chamam-se eólitos, pedras da aurora. Eles não vão aceitá-las. Chamam-nas de produtos naturais, fortuitamente moldadas pela erosão no formato que têm hoje, aqueles idiotas.

Dito isto, sorriu com uma ferocidade científica: - Mas se os Ikas são primatas inteligentes, tenho isso praticamente provado.

Raph já havia viajado antes, mas nunca para o leste, e o declínio da agricultura ao longo da estrada impressionou-o. Nos primórdios de sua história, as Comunidades Gurrows não eram especializadas em nada. Cada delas era auto-suficiente e o comércio era mais um gesto de amizade Hrfnue uma questão de necessidade.

E ainda era assim na maioria das Comunidades. Sua própria Comunidade a Red River, era, talvez, típica. Aproximadamente a quinhentas milhas continente adentro, situada em terra excelente, a agricultura permaneça central. O rio fornecia alguns peixes e havia uma indústria leiteira bem desenvolvida. De fato, era a exportação de comida a responsável pelo ótimo estado das provisões de gêneros alimentícios das Unidades Comuns.

Conforme avançavam em direção ao leste, entretanto, as Comunidades pelas quais passavam mostravam cada vez menos interesse pelo solo arenoso e cada vez mais pelas construções de fábricas fumacentas.

Na Comunidade East Harbor, Raph encontrou um centro comercial que dependia principalmente de navios para a sua prosperidade. Era uma Comunidade mais populosa que as demais, comprimida mais densamente, com casas, em certos lugares, a cem jardas umas das outras.

Raph sentiu uma pontada desagradável ao pensar em morar em bairros tão próximos uns dos outros. As docas eram piores ainda, com Gurrows ocupados nos grande Trabalhos Comunitários de carregar e descarregar.

O Administrador desta Comunidade East Harbor era jovem, novo nesse cargo, cheio de alegria com este trabalho e de prazer em receber um forasteiro ilustre.

Raph fez uma refeição excelente e foi informado da procedência de cada prato através de um longo discurso. Para os seus ouvidos provincianos, carne da Comunidade Prairie, batatas da Comunidade Northeast Woods, café da Comunidade Isthmus, vinho da Comunidade Pacific e frutas da Comunidade Central Lakes eram algo estranho e maravilhoso.

Enquanto fumava charutos - da Comunidade South Island - ele tocou no assunto dos Ikas. O Administrador de East Harbor tornou-se solene e um pouco intranqüilo.

- O homem que você quer ver é Lernin. Ele gostará de ajudá-lo em tudo que puder. Você está dizendo que sabe alguma coisa a respeito desses Dcas?

- Estou dizendo que gostaria de saber alguma coisa. Eles são semelhantes a uma espécie extinta de animal com a qual estou familiarizado.

- Então este é o campo de seu interesse. Compreendo.

- Talvez o senhor possa me contar alguns detalhes de sua chegada, senhor Administrador - sugeriu Raph, polidamente.

- Eu não era Administrador naquele tempo, meu amigo, e por isso não tenho nenhuma informação em primeira mão, mas os discos estão cheios. Este grupo de Ikas que chegou em suas máquinas voadoras... você ouviu alguma coisa sobre estes aparelhos aeronáuticos?

- Sim, sim.

- Sim. Bem... aparentemente, eram fugitivos.

- Também ouvi isso. Todavia insistem que não são criminosos. Não é isso?

- É. Estranho, não? Admitiram que haviam sido condenados - isto depois de um questionário longo e hábil, assim que aprendemos sua língua mas negaram serem malfeitores.

Aparentemente, haviam discordado com seu Administrador sobre princípios políticos.

Raph inclinou a cabeça indicando que havia entendido: - Ah, e se recusaram unanimemente a sujeitar-se a isto. Não foi assim?

- Mais confuso que isto. Eles insistem em dizer que não houve uma decisão comum. Dizem que o Administrador decidia sobre política de acordo com seus próprios princípios.

- E não foi substituído?

- Aparentemente, aqueles que acreditam que ele deveria ser, são considerados criminosos - como estes.

Houve uma pausa de dúvida. Então, Raph disse: - Isto lhe soa lógico?

- Não. Eu apenas passei a você as palavras deles. É claro que a língua dos Ikas constitui uma grande barreira. Alguns sons são improduzíveis: as palavras têm significados diferentes conforme a posição que ocupam na frase e conforme diferenças muito sutis na inflexão. E frequentemente, mesmo quando traduzidas da melhor forma possível, algumas palavras Ikas são um perfeito quebra-cabeça.

- Eles devem ter ficado surpresos ao encontrarem Gurrows aqui sugeriu Raph - se são membros de um gênero diferente.

- Surpresos! - A voz do Administrador diminuiu: - Digo que eles ficaram surpresos. Agora, esta informação não foi publicada por razões óbvias, por isso espero que você não se esqueça de que é confidencial. Estes Ikas mataram cinco Gurrows antes de serem desarmados. Tinham um instrumento que soltava bolinhas de metal em alta velocidade por meio de uma reação química explosiva controlada. Já fizemos um outro instrumento desses. Naturalmente, devido às circunstâncias, não estamos considerando-os criminosos, pois é lógico pensarmos que não puderam notar que éramos seres

inteligentes. Aparentemente - e o Administrador sorriu pesarosamente - somos semelhantes a certos animais no mundo deles. Pelo menos é o que dizem.

Mas Raph foi tomado por um repentino entusiasmo: - Deus do céu! Eles disseram isto, não? Entraram em detalhes? Que espécie de animais?

O Administrador foi tomado de surpresa: - Bem, eu não sei. Eles dão nomes em sua língua. Que importância tem isto? Eles nos chamavam de “ursos” gigantes.

- O que gigantes?

- Ursos. Não tenho a menor idéia do que possam ser, a não ser, provavelmente, que se parecem conosco. Não conheço nada parecido na América.

- Ursos. Ursos. - Raph ficou tentando pronunciar a palavra. - Isto é muito interessante. É mais que interessante. E estupendo. O senhor sabe, senhor Administrador, que há uma grande disputa entre nós sobre a ascendência dos Gurrows? Animais vivos relacionados com o Gurrow sapiens seria de grande importância. - Raph esfregou suas mãos enormes, satisfeito.

O Administrador gostou da sensação que causou. Disse: - E uma coisa que nos confunde ainda mais é que eles se chamam por dois nomes.

- Dois nomes?

- Sim. Ainda ninguém sabe fazer a distinção, por mais que os Ikas nos expliquem, a não ser que um nome é mais geral e o outro, mais específico. A base da diferença nos escapa.

- Compreendo. Qual é “Dca”?

-É o nome específico. O geral é - o Administrador gaguejou ao tentar pronunciar as sílabas estranhas - Chim-pan-zé. É, é isso. Há um mpo chamado “Dcas” e há outros grupos com outros nomes. Mas são todos chamados Chim... o que eu disse antes.

O Administrador se pôs a procurar em sua mente outros itens suculentos que conhecia, mas Raph o interrompeu.

- Posso ver Lernin amanhã?

- Claro que pode.

- Então deverei vê-lo. Agradeço sua cortesia, senhor Administrador.

Lernin era um indivíduo esbelto. Provavelmente não pesava mais que duzentas e cinqüenta libras. Havia também uma imperfeição em seu andar; mancava ligeiramente.

Mas nenhum desses fatos causou muita impressão em Raph uma vez iniciada a conversa, pois Lernin era um pensador que podia impor seu vigor a outros.

O entusiasmo de Raph dominou a primeira metade da conversa, e os comentários de Lernin eram tão luminosos e breves como relâmpagos. E então, houve uma repentina mudança do centro de gravidade, e Lernin tomou a palavra.

- Desculpe-me, sábio amigo - Lernin disse com um formalismo característico que ele conseguia tornar tão gentil - se considero seu problema sem importância. Não, não - ergueu uma mão de dedos longos - não sem importância para mim por não ser de meu interesse, mas sem importância para a Comunidade, para todas as Comunidades - para cada Gurrow no mundo, de ponta a ponta.

O argumento era desconcertante. Por um momento, Raph ficou ofendido; profundamente ofendido em seu senso de individualidade. Estava estampado em seu rosto.

Lernin acrescentou rapidamente: - Pode parecer indelicado, cruel, selvagem. Mas eu preciso explicar. Preciso explicar porque você é, principalmente, um cientista social e compreenderá - talvez melhor do que nós mesmos.

- Meu campo de interesse - disse Raph zangado - é importante para mim. Não consigo ver onde os dos outros são melhores.

- O que estou falando deveria ser o campo de interesse de todos ainda que fosse apenas considerado como meio de salvarmos a vida de todos nós.

Raph estava começando a suspeitar toda espécie de coisas, desde uma forma estranha de brincar até o desequilíbrio mental que chega com a idade. Todavia, Lernin não era velho.

Lernin disse com um fervor impressionante: - Os Ikas do outro mundo são um perigo para nós, pois não são cordiais para conosco.

E Raph retrucou naturalmente: - Como você sabe?

- Ninguém a não ser eu, meu amigo, viveu tão perto desses Ikas que chegaram aqui, e os considero pessoas com mentes cujo conteúdo emocional é estranho para nós.

Ajuntei fatos estranhos que consideramos de difícil interpretação mas que nos levam, de qualquer forma, a direções inquietantes.

- Vou mencionar alguns: os Dcas, em grupos organizados, matam uns aos outros por motivos obscuros. Os Dcas acham impossível viver de maneira diferente da das formigas - isto é, em enormes sociedades conglomeradas - mas acham impossível suportar a presença do outro. Ou, para usar a terminologia dos cientistas sociais, eles são gregários sem serem sociais, assim como nós, Gurrows, somos sociais sem sermos gregários. Eles têm códigos de comportamento elaborados os quais, segundo nos contaram, são ensinados aos jovens, mas que são desobedecidos na prática, por razões obscuras para nós. Etecetera. Etecetera. Etecetera.

- Sou um arqueólogo - disse Raph asperamente. - Estes Ikas me interessam apenas sob o ponto de vista biológico. Se conhecer a curvatura do fêmur me interessa, não me importa saber da curvatura de seus processos culturais. Se posso seguir o formato do crânio, o fato de o formato de sua ética ser misterioso é inconsistente para mim.

- Você não acha que os problemas deles podem nos afetar muito aqui?

Estamos separados pôs seis mil milhas, ou mais, de oceano - disse Raph. - Temos o nosso mundo. Eles têm o deles. Não há nenhuma ligação entre nós.

- Nenhuma ligação - disse Lernin, pensativo - é o que outros disseram. Absolutamente nenhuma ligação. Todavia, os Ikas nos alcançaram e outros podem fazer o mesmo.

Dizem que o outro mundo é dominado por uns poucos que são, por sua vez, dominados por sua estranha necessidade de segurança, que confundem com uma palavra Ika chamada “poder” a qual, aparentemente, significa a predominância da vontade de uma pessoa sobre a soma das vontades da comunidade. E se este “poder” chegar até nós?

Raph concentrou-se nesta pergunta. A questão era absolutamente ridícula. Parecia impossível imaginar conceitos estranhos.

Lernin disse: - Estes Ikas dizem que seu mundo e o nosso, num passado bem distante, estavam muito próximos. Dizem que há uma hipótese científica muito conhecida em seu mundo de uma derivação continental. Isto pode lhe interessar, visto que, de outro modo, poderia achar difícil a conciliação da existência de fósseis de Primatas Primevos estreitamente relacionados com Ikas vivos a seis mil milhas de distância.

E dissipou-se a névoa do cérebro do arqueólogo, quando levantou os olhos com vivo interesse, imperturbável por problemas: - Ah, você devia ter dito isto antes.

- Digo agora, como um exemplo do que você pode alcançar se se unir a nós e nos ajudar. Há uma outra coisa. Estes Ikas são cientistas físicos, como nós aqui em East Harbor, mas com uma diferença ditada pelo seu próprio padrão cultural. Por morarem em cortiços, pensam dentro de cortiços e sua ciência é resultado de uma sociedade de formigas. Individualmente, são vagarosos e sem imaginação; coletivamente, cada um dá conta de uma migalha diferente da de seu companheiro - de maneira a conseguirem erigir uma vasta construção rapidamente. Aqui, o indivíduo é infinitamente mais brilhante, mas trabalha sozinho. Você, por exemplo, não sabe nada de química, acho.

- Um pouco dos fundamentos, mas é só - admitiu Raph. - Deixo isto, naturalmente, para o químico.

- Sim, naturalmente. Mas eu sou um químico. Todavia, estes Ikas, embora mentalmente inferiores a mim, e sem nenhum químico em seu mundo, sabem mais química que eu.

Por exemplo, você sabia que existem elementos que se desintegram espontaneamente?

- Impossível! - explodiu Raph. - Os elementos são eternos, imutáveis...

Lernin riu: - Assim o ensinaram. Também aprendi assim. E ensinei assim. Todavia, os Dcas estão certos, pois nos meus laboratórios pude verificar que estão certos em cada detalhe. O urânio provoca uma radiação espontânea. É claro que você já ouviu falar em urânio, não? E além disso, detectei radiações de energia além da produzida pelo urânio que se deve a traços de elementos desconhecidos para nós, mas descritos pelos Ikas. E estes elementos que faltam se encaixam muito bem na chamada Tabela Periódica que alguns químicos têm tentado impingir à ciência. Embora eu não possa mais usar a palavra “impingir”, agora.

- Bem - disse Raph - por que você está me dizendo isto? Será que isto também me ajuda em meu problema?

- Talvez - disse Lernin, ironicamente - você acha que é uma grande sujeira. Veja, a produção de energia do urânio é absolutamente constante. Nenhuma mudança externa conhecida no ambiente pode afetá-lo - e, como um resultado da perda em energia, o urânio lentamente acaba por se transformar em chumbo a uma velocidade absolutamente

constante. Um grupo de nossos homens está até usando agora este fato como base para um método de determinação da idade da terra. Veja, para determinar a idade de um extrato de rocha na terra, então, é necessário apenas descobrir uma região nela que contenha vestígios de urânio - elemento altamente difuso - e determinar sua quantidade de chumbo - e aqui poderia acrescentar que o chumbo produzido pelo urânio é diferente do chumbo comum e pode ser facilmente caracterizado - e então, torna-se

simples determinar a extensão de tempo em que aquele extrato é sólido. E, é claro, se um fóssil for encontrado nesse extrato, deverá ter a mesma idade, correto?

- Deus do céu! - exclamou Raph enquanto se levantava tremendo

- Você não está me enganando? A gente pode mesmo fazer isto?

- E possível. E até fácil. Eu lhe digo que a nossa grande defesa, ainda que agora, tão tarde, é a cooperação na ciência. Somos agora um grupo de muitos, meu amigo, provenientes de muitas Comunidades, e queremos que fique conosco. Se você se juntar a nós, seria apenas uma questão de estendermos nossos projetos de determinação da idade da terra às regiões que você nos indicar - regiões ricas em fósseis. O que você me diz?

- Vou ajudá-los.

Provavelmente, as Comunidades Gurrow nunca viram uma especulação de tamanha amplitude como a que ocorria agora. A Comunidade East Harbor, como já notamos, era um centro de frota mercante e um transatlântico que não estava além da capacidade de uma Comunidade que comerciava em toda a extensão das duas costas das Américas.

O que era anormal era a quantidade de cooperação entre Gurrows de muitas Comunidades, Gurrows de diversos interesses.

Não que todos fossem felizes.

Raph, por exemplo, especificamente na manhã que nos interessa, seis meses após a data de sua primeira chegada em East Harbor, estava ansioso à procura de Lernin.Lernin, por sua vez, não estava procurando nada que não fosse maior velocidade.

Encontraram-se nas docas onde Lernin, mordendo a ponta de um charuto e dirigindo-se a uma região onde era permitido fumar, disse: - E você, meu amigo, parece preocupado.

Certamente não por causa do progresso de nosso navio?

- Estou preocupado - disse Raph, gravemente - com os relatórios que recebi da expedição que está examinando a idade das rochas.

- Oh - E você não está feliz com isto?

- Não está feliz! - explodiu Raph. - Você já os viu?

- Recebi uma cópia. Dei uma olhada. Cheguei até a ler algumas partes. Mas não tenho tido muito tempo. Você poderia fazer o favor de me esclarecer quanto a isso?

- Certamente. Nos últimos meses, três das regiões que indiquei como sendo fossilíferas foram examinadas. A primeira região ficava na área da própria Comunidade East Harbor. Outra ficava na Comunidade Pacific Bay e uma terceira, na Comunidade Central Lakes. Eu pedi, propositadamente que estas fossem as primeiras a serem examinadas porque são as áreas mais ricas e porque estão bem separadas umas das outras. Você sabe, por exemplo, qual a idade que me disseram terem as rochas sobre as quais nos encontramos?

- Se não me engano, dois bilhões de anos foi a data mais antiga que notei.

- E este é o número para as rochas mais velhas - o extrato de basalto ígneo básico. A camada superior, entretanto - as recentes camadas sedimentares contendo dúzias de fósseis de Primatas Primevos - qual a idade que você acha que estas devem ter? Quinhentos - trilhões - de anos! Que tal? Você consegue entender?

- Trilhões? - Lernin ergueu a cabeça, sacudindo-a. Isto é estranho.

- E tem mais. A Comunidade Pacific Coast tem cem trilhões de anos - foi o que me disseram - e a Central Lakes quase oitenta trilhões de anos.

Lernin disse: - E as outras medições? Aquelas que não envolvem suas camadas?

- Esta é a coisa mais estranha de todas. A maioria dês investigações escolhidas foi feita em camadas que não eram especialmente fossilíferas. Eles adotaram seus próprios critérios de escolha baseados em raciocínio geológico - e conseguiram resultados consistentes - um milhão a dois bilhões de anos, dependendo da profundidade e da história geológica da região examinada. Somente as minhas áreas é que deram essas maluquices estranhas e impossíveis.

E Lernin disse: - Mas o que dizem os geólogos sobre isso? Pode haver algum erro?

- Sem dúvida alguma. Mas eles têm cinqüenta tipos de medições decentes e lógicas.

Por eles, já provaram o método e estão felizes. Há três anomalias, mas eles as encaram com equanimidade porque envolvem alguns fatores desconhecidos.

Eu não vejo a coisa assim. Estas três medições significam tudo. - Raph fez uma pausa, furioso: - Você está bem certo de que a radioatividade é uma constante absoluta?

- Certo? Quem é que consegue estar certo de alguma coisa? Até agora nada que sabemos afeta isto, assim como o testemunho definitivo dos nossos Ikas. Além disso, meu amigo, se você está querendo dizer que a radioatividade era maior no passado do que no presente, por que apenas nas suas regiões de fósseis? Por que não em todos os lugares?

- Por que, mesmo? Este é um outro aspecto do problema que está se tornando cada vez mais importante. Veja bem. Temos regiões que mostram um passado de radioatividade anormal. Temos regiões que apresentam freqüências anormais de fósseis. Por que estas regiões deveriam coincidir, Lernin?

- Uma resposta óbvia se impõe neste caso, meu amigo. Se o seu Primata Primevo existia num tempo em que certas regiões eram altamente radioativas, certos indivíduos andariam por lá e morreriam. Radiação radioativa em excesso é mortal, é claro. Radioatividade e fósseis, aí está.

- Por que não outras criaturas? - perguntou Raph. - Somente Primatas Primevos é que ocorrem em excesso, e eles eram inteligentes. Não seriam pegos por radiação perigosa.

- Talvez não fossem inteligentes. Afinal de contas, esta é apenas a sua teoria e não um fato comprovado.

- Certamente, então, era mais inteligente do que seus contemporâneos de cérebro pequeno.

- Talvez nem isso. Você romantiza demais.

- Talvez sim. - Raph estava quase sussurrando. - Parece -me que consigo evocar imagens de uma grande civilização de milhões de anos atrás - ou mais. Um grande poder; uma grande inteligência - tudo isso sumiu completamente, exceto pequenos sussurros de ossos fossilizados que possuem uma enorme cavidade que já abrigou, em algum tempo,

um cérebro, e uma mão ossuda de cinco dedos indicando, por ser curva, tênues sinais de habilidade de manipulação - com um polegar oponente. Eles só podem ter sido inteligentes.

- Então, o que os matou? - Lernin deu de ombros: - Diversos milhões de espécies de coisas vivas sobreviveram.

Raph ergueu os olhos, meio com raiva: - Eu não posso acompanhar o seu grupo, Lernin, em bases Voluntárias. Ir ao outro mundo seria útil, sim, se eu pudesse me ocupar com os meus próprios estudos. com os seus propósitos, só pode ser um Trabalho Comunitário para mim. Não consigo pôr minha alma nisso.

Mas Lernin estava impassível: - Este arranjo não seria justo. Há muitos de nós, meu amigo, que estão sacrificando os próprios interesses. Se todos nós o puséssemos em primeiro lugar e investigássemos o outro mundo em termos de nossos próprios provincialismos específicos apenas, nosso grande propósito estaria destruído. Meu amigo, não podemos poupar um homem dos nossos sequer. Temos todos de trabalhar como se nossas vidas dependessem de nossa solução instantânea do problema dos Ucas, o que, acredite-me, acontece.

Raph torceu a boca de desgosto. - De seu lado, você tem uma vaga apreensão dessas criaturazinhas fracas e burras. Do meu lado, tenho um problema determinado de grande atração intelectual para mim. E não consigo ver nenhuma relação entre estes dois - absolutamente nenhuma relação possível.

- Nem eu. Mas ouça-me um momento. Um pequeno grupo formado pelos nossos melhores homens voltou, na semana passada, de uma visita ao outro mundo. Ela não foi oficial, como a nossa será. Não estabeleceu contatos. Foi uma verdadeira espionagem, que estou lhe contando agora. Peço que mantenha sigilo neste assunto.

- Naturalmente.

- Nossos homens apoderaram-se de folhas de acontecimentos Ucas.

- Como?

- É um nome criado para descrever os objetos. Relatórios impressos são publicados diariamente nos diversos centros de população Ika sobre acontecimentos e ocorrências do dia, o que também é encarado como um trabalho literário.

Raph interessou-se de repente: - Parece-me uma excelente idéia.

- E é, em essência. A noção dos Ikas sobre acontecimentos interessantes, entretanto, parece consistir inteiramente em acontecimentos anti-sociais. Mas vamos deixar isto prá lá. O fato é que a existência das Américas já é bem conhecida lá - e é considerada universalmente como uma "nova terra de oportunidade". Os vários grupos de Ikas nos olham com desejo. Os Ikas são muitos, vivem amontoados e sua economia é irracional. Querem terras novas, e é isto que somos para eles - terra virgem e vazia.

- Vazia não - comentou Raph, brandamente.

- Vazia para eles - insistiu Lernin de modo terrível. - Este é o grande perigo. As terras ocupadas por Gurrows são vazias para eles e pretendem tomá-las, ainda mais que já se empenharam bastante em tomar as terras entre si.

Raph deu de ombros. - Mesmo assim, eles...

- Sim. Eles são fracos e burros. Você já disse isto e são mesmo. Mas apenas considerados individualmente. Eles unir-se-ão com um propósito comum. Para ser mais exato, vão se separar quando o propósito não mais existir - mas, por algum tempo, vão se unir e se tornar fortes, o que, talvez, não possamos fazer, você é testemunha disso.

E as armas de guerra que possuem tem sido aperfeiçoadas em seus conflitos. Suas máquinas voadoras, por exemplo, são grandes armas de guerra.

- Mas já conseguimos copiá-la...

- Em quantidade? Já reproduzimos seus produtos químicos explosivos, mas apenas no laboratório, e seus canos que soltam fogo e carros blindados, mas só em projetos experimentais. Todavia, há mais coisas - alguma coisa desenvolvida nestes últimos cinco anos, pois nossos próprios Ikas nada sabem a seu respeito.

- E o que é?

- Não sabemos. Suas folhas de acontecimentos falam dela - os nomes que dão não significam nada para nós - mas o contexto indica o terror que ela causa, até entre os Ikas loucos que se matam. Parece não haver evidência alguma de que tenha sido usada, ou de que todos os grupos Ikas a possuam - mas é usada como ameaça suprema. Talvez tudo isso ficará mais claro para você quando as evidências lhe forem apresentadas, durante sua viagem.

- Mas, afinal, o que é? Você fala nela como se fosse um bicho-papão.

- Ora, eles falam nela como se fosse um bicho-papão. E o que poderia ser um bicho-papão para um Dca? Este é o aspecto mais amedrontante de tudo isso. Até agora, sabemos apenas que envolve o bombardeamento de um elemento que chamam de plutônio - sobre o qual nunca ouvimos falar, e nem mesmo nossos próprios Dcas - através de objetos chamados nêutron, que nossos Dcas dizem serem partículas subatômicas sem carga, o que para nós é completamente ridículo.

- E isso é tudo?

- Tudo. Você pode esperar até que lhe mostremos as folhas, para depois dizer alguma coisa?

Raph concordou com relutância: - Está muito bem.

Enquanto Raph permanecia lá, sozinho, seus pensamentos se revolviam em seus velhos lugares.

Ikas e Primatas Primevos. Uma criatura viva de hábitos extravagantes e uma criatura morta que deve ter aspirado à glória. Um presente sórdido de explosivos e bombardeamentos de nêutrons e um passado glorioso, misterioso...

Nenhuma ligação! Nenhuma ligação!

***

Em junho de 1947 eu já estava trabalhando em minha pesquisa para Ph.D. com uma concentração quase que total (eu não estava mais trabalhando na doceira; meu irmão mais novo, Stanley, havia assumido a chefia do negócio) há, aproximadamente, um ano. Estava na reta de chegada e começando a pensar em escrever minha dissertação para o Ph.D. Eu temia um bocado esta parte, visto que o estilo obrigatório das dissertações é extremamente rebuscado e eu tinha, até aquele momento, passado nove anos tentando escrever bem; portanto, tinha medo de simplesmente não conseguir escrever mal o suficiente para ser aceito.

As experiências que estavam fazendo naquela época requeriam, periodicamente, que eu dissolvesse um composto chamado catechol em água. O catechol existia em agulhas delicadas e frágeis que se dissolviam rapidamente em água. Ocorreu-me a idéia de que se o catechol fosse um pouco mais solúvel do que era, dissolver-se-ia antes de tocar a superfície da água.

Naturalmente, na mesma hora pensei que esta idéia poderia ser a base de uma estória divertida. Ocorreu-me, entretanto, que, em lugar de escrever uma história real baseada na idéia, eu poderia relatar uma falsa pesquisa sobre o assunto e ganhar um pouco de prática em escrita rebuscada.

Fiz este trabalho no dia 8 de junho de 1947, dando-lhe, inclusive, um título enorme, como costumam ter os relatórios de pesquisas - “As Propriedades Endocrônicas da Tiotimolina Ressublimada” - e acrescentei tabelas, gráficos e referências falsas a jornais inexistentes.

Eu não tinha absoluta certeza de que “Tiotimolina” (não adianta eu tentar usar o nome por extenso sempre que a ele me refiro) era editável. Entretanto, a revista Astounding publicava artigos sérios sobre assuntos científicos que interessavam Particularmente aos leitores de histórias de ficção científica, e pensei que Campbell poderia estar interessado num artigo fajuto que estaria na fronteira da ficção cientifica.

Levei-lhe a estória no dia 10, a qual aceitou quase que imediatamente.

25

AS PROPRIEDADES ENDOCRÔNICAS DA TIOTIMOLINA RESSUBLIMADA

A correlação da estrutura de moléculas orgânicas com suas diversas propriedades, físicas e químicas, tem, ultimamente, permitido uma visão melhor do mecanismo de reações orgânicas, notadamente na década passada. A solubilidade de compostos orgânicos em vários solventes tornou-se de particular interesse nesta relação, com a recente descoberta da natureza endocrônica da tiotimolina.

Sabe-se, há muito tempo, que a solubilidade de compostos orgânicos em solventes polares, como a água, é intensificada pela presença nos núcleos hidrocarbônicos de hidrofílico, isto é, de grupos amantes da água, tais como os grupos hidroxi (-OH), amino (-NH2) ou ácido sulfônico (S03H). Onde as características físicas de dois compostos dados - particularmente o grau de subdivisão do material - são iguais, o tempo de solução - expresso em segundos por grama de material por mililitro de solvente cai juntamente com o número de grupos hidrofílicos presente. O catechol, por exemplo, com dois grupos hidroxi no núcleo benzênico, dissolve com uma rapidez consideravelmente maior do que o fenol, com apenas um grupo hidroxi no núcleo. Feinschreiber e Hravlek, em seus estudos sobre o problema, afirmaram que quando o hidrofilismo aumenta, o tempo de solução aproxima-se de zero. Foi mostrado que esta análise não é inteiramente correta quando descobriu-se que o composto tiotimolina dissolve em água - nas proporções de I gm/ml. - em menos 1.12 segundos. Isto significa que dissolve antes de se adicionar a água.

Comunicações anteriores destes laboratórios indicaram que a tiotimolina contém pelo menos quatorze grupos hidroxi, dois grupos amino e um grupo ácido sulfônico.

A presença de um grupo nitro (-N02) além desses ainda não foi confirmada, assim como não há nenhuma evidência quanto à natureza do núcleo hidrocarbônico, embora pareça certo haver, pelo menos, uma estrutura em parte aromática.

O Endocronômetro - Encontrou-se bastante dificuldade nas primeiras tentativas de se medir o tempo de solução da tiotimolina quantitativamente, devido à própria natureza negativa do valor. O fato de que o produto químico se dissolvia antes da adição da água tornou natural a tentativa de se retirar a água da solução e antes da adição.

Isto, graças à lei de Conservação da Massa e Energia, nunca foi bem sucedido, visto que a solução nunca aconteceu sem que a água fosse realmente adicionada. Obviamente, a questão que se formula refere-se ao modo pelo qual a tiotimolina pode "saber" de antemão se a água será realmente adicionada ou não. Embora isto não esteja devidamente dentro de nosso campo como químicos físicos, muita coisa foi publicada no ano passado sobre os problemas psicológicos e filosóficos que isto acarreta.

Não obstante, as dificuldades químicas existentes residem no fato de que o tempo de solução varia enormemente com o estado mental exato do experimentador. Um momento da mais ligeira hesitação em adicionar a água reduz o tempo negativo da solução, frequentemente fazendo-o passar abaixo dos limites de detecção. Para se evitar isto, foi construído um dispositivo mecânico, cuja concepção essencial já foi relatada num comunicado anterior 6. Este dispositivo, denominado endocronômetro, consiste numa célula de 2 centímetros cúbicos na qual é colocado um peso desejado de tiotimolina, certificando-se de que uma pequena extensão oca na célula em solução – um milímetro de diâmetro interno - seja preenchida. É ligada à célula uma micro-pipeta com pressão automática, contendo um volume específico do solvente necessário.

Cinco segundos após o fechamento do circuito, este solvente é liberado automaticamente para dentro da célula que contém a tiotimolina. Durante o tempo de ação, aponta-se um pequeno raio luminoso para a pequena extensão de célula descrita acima e, no momento da solução, a transmissão desta luz não será mais impedida pela presença de tiotimolina sólida. Tanto o momento de solução - momento em que a transmissão de luz é gravada por um dispositivo fotoelétrico quanto o momento da adição do solvente podem ser determinados com uma acuidade maior que 0,01%. O tempo de solução (T) pode ser determinado, subtraindo-se o primeiro calor do segundo.

O processo inteiro é conduzido num termostato mantido a 25°C com uma precisão de 0,01 °C.

Pureza da Tiotimolina - A extrema sensibilidade deste método ressalta os desvios resultantes de pequenas impurezas presentes na tiotimolina. (Visto que nenhum método de laboratório para a síntese da substância foi criado, esta pode ser praticamente obtida

apenas através de um paciente isolamento de sua fonte natural, ou seja, da casca do arbusto Rosácea Karhbadensis rufo.) Portanto, foram feitos grandes esforços no sentido de purificar o material através de repetidas recristalizações de água condutora - duas vezes redestilada numa aparelhagem toda de estanho - e através de sublimações finais. Encontra-se na Tabela I uma comparação dos tempos de solução (T) nos diversos estágios do processo de purificação.

Fica óbvio pela Tabela I que para um significado verdadeiramente quantitativo, a tiotimolina purificada da maneira descrita deve ser usada. Após a segunda ressublimação, por exemplo, o erro encontrado em até dúzias de determinações é menor que 0,7%, sendo os valores extremos de - 1,119 segundos e - 1,126 segundos.

Tabela I

Estágio de Purificação	"T" Médio (12 observações)	"T" extremos	%erro
Quando isolada	-0,72	-0,25;-1 ,01	34,1
Primeira recristalização	-0,95	-0,84;-1 ,09	9,8
Segunda recristalização	-1,05	-0,99;-1,10	4,0
Terceira recristalização	-1,11	-1,08;-1,13	1,8
Quarta recristalização	-1,12	-1,10;-1,13	1,7
Primeira ressublimação	-1,12	-1,11;-1,13	0,9
Segunda ressublimação	-1 ,122	-1,12;-1,13	0,7

Em todas as experiências descritas a seguir neste estudo, foi usado a tiotimolina, purificada deste modo.

Tempo de Solução e Volume de Solvente - Como seria de se esperar, as experiências mostraram que, aumentando o volume de solvente, a tiotimolina dissolve

com maior rapidez, isto é, com um maior tempo negativo de solução. Na Fig. l, entretanto, podemos ver que este aumento

TEMPO DE SOLUÇÃO (seg.)

1.25 h

0,50 1.00 1.50 2.00 2.50 VOLUME DE SOLVENTE (ml.) Fig. 1

nas propriedades endocrônicas nivela-se rapidamente, após um volume de solvente de aproximadamente 1 ,25 ml. Este efeito interessante apareceu com a variação de volume de solvente, acontecendo com todas as variedades de solventes usadas neste laboratório, assim como, em todos os casos, o tempo de solução aproxima-se de zero com o decréscimo do volume de solfejo de Solução e Concentração de um Suposto Íon - Na Figura 2 encontram-se os resultados do efeito do tempo de solução (T) variando o"volume de solvente, onde este consiste na variação de concentrações de soluções de cloreto de sódio. Pode-se ver que, embora em cada caso o volume no qual este platô é alcançado varie notadamente com a concentração, as alturas do platô são constantes, isto é, -1,13. O volume no qual é alcançado, aqui denominado Volume do Platô (VP), decresce com a diminuição da concentração de cloreto de sódio, aproximando o VP para água quando a concentração NaCl aproxima-se de zero. É óbvio, portanto, TEMPO DE SOLUÇÃO (seg.)

1.13

1.00

0.50

1.00 2.00 3.00 4.00

VOLUME DE SOLVENTE (ml.) Fig. 2

que é uma solução de cloreto de sódio de concentração desconhecida que pode ser caracterizada com bastante precisão pela determinação de seu VP, onde outros sais estão ausentes.

Esta utilidade do VP estende-se igualmente a outros íons. A Figura 3 nos dá curvas endocrônicas para soluções molares de cloreto de sódio de 0,001, de brometo de sódio e de cloreto de potássio. Aqui, o W em cada caso é igual, dentro dos limites de erro experimental - visto que as concentrações são iguais em cada caso - mas as Alturas do Platô (AP) são diferentes.

Uma tentativa de conclusão a que se poderia chegar com estes dados experimentais é que a AP é característica da natureza de íons presentes na solução, enquanto que o W é característico da concentração destes íons. A Tabela II apresenta os valores Altura do Platô e Volume do Platô para TEMPO DE SOLUÇÃO (seg.)

1.13

1.25 H

0.50 1.00 1.50 2.00 3.00

VOLUME DE SOLVENTE (ml.)

Fig. 3

uma grande variedade de sais em concentrações iguais, quando presentes sozinhos.

A variação mais interessante de se notar na Tabela II é a do VP com o tipo de valência do sal presente. No caso dê sais contendo pares de íons carregados uma só vez - ou seja, cloreto de sódio, cloreto de potássio e brometo de sódio - o VP é constante em todos. Isto também é válido para os sais que contêm um íon carregado uma só vez e um íon carregado duplamente - ou seja, sulfato de sódio, cloreto de cálcio e cloreto de magnésio - onde o VP, embora igual para os três, varie notadamente dos do primeiro conjunto. O VP, portanto, é, aparentemente, uma função da força iônica da solução.

Tabela II

Solvente (Soluções de sal em Altura do Platô Volume do Plata concentração de 0,001 M) (AP) segundos (VP) mililitros Água

solução de cloreto de sódio de brometo de sódio de cloreto de potássio de sulfato de sódio de cloreto de cálcio de cloreto de magnésio de sulfato de cálcio de fosfato de solução sódio de cloreto férrico solução -1,13 -1,13 -1,10 -1,08 -0,72 -0,96 -0,85 -0,61 -0,32 -0,29 solução1,25 solução 1,37 solução 1,37 solução 1,37 solução 1,59 solução 1,59 solução 1,59 solução1,72 solução 1,97 solução 1,99 solução

Este efeito também existe relacionado com a Altura do Platô, embora com menor regularidade. Nos casos de íons carregados uma única vez, tais como os três primeiros sais da Tabela II, a AP é bastante similar à da própria água. Cai consideravelmente onde íons duplamente carregados, tais como o sulfato ou cálcio, estão presentes.

E quando o íon de fosfato triplamente carregado ou o íon férrico estão presentes, o valor decai para uma simples quarta parte de seu valor na água.

Tempo de Solução e Misturas de Íons - As experiências em desenvolvimento neste laboratório envolvem a questão extremamente importante da variação destas propriedades endocrônicas da tiotimolina na presença de misturas de íons. O estágio atual de nossos dados não permite conclusões muito generalizadas, mas até mesmo o nosso trabalho preliminar nos dá esperança de um desenvolvimento posterior dos métodos endocrônicos de análise. Sendo assim, na Figura 4, temos a curva endocrônica, onde o TEMPO DE SOLUÇÃO (seg.) 1.13 S -001 M NaCI .001M FeCU 1.00 2.00 3.00 4.00 5.00 6.00 VOLUME DE SOLVENTE (ml.)

Fig. 4

solvente é uma mistura de soluções de 0,001 M de cloreto de sódio e 0,001 M de cloreto férrico. Aqui podem ser vistas duas mudanças bruscas: a primeira num tempo de solução de -0,29 e a segunda de -1,13, estas correspondendo à característica Altura do Platô do cloreto férrico e do cloreto de sódio, respectivamente - ver Tabela II. A AP para um sal dado pareceria, assim, não ser afetada pela presença de outros sais.

Definitivamente, este não é o caso, entretanto, para o W, e os nossos maiores esforços, no momento, estão voltados para uma elucidação quantitativa da variação de VP com impurezas no solvente.

Sumário - Investigações sobre as qualidades endocrônicas da tiotimolina mostraram que:

a - É necessária uma purificação cuidadosa do material para a obtenção de resultados quantitativos.

b - O aumento do volume de solvente resulta num aumento do tempo negativo da solução, tendendo para um valor constante conhecido como Altura do Platô (AP), com um volume de solvente conhecido como Volume do Platô (VP).

c - O valor da AP é característico da natureza dos íons presentes no solvente, variando com a força iônica da solução e não variando com a adição de outros íons.

d - O valor do VP é característico da concentração dos íons presentes no solvente, sendo constante para íons diferentes em soluções de igual força iônica, mas variando notadamente com as misturas de outras variedades de íons.

Como resultado de tudo isso, parece que os métodos endocrônicos oferecem um meio rápido - 2 minutos ou menos - é preciso - dentro de 0,1%, no mínimo, de análise de materiais inorgânicos e solúveis em água.

Bibliografia:

P. Krum e L. Eshkin. Journal of Chemical Solubilities, 27,109-114 (1944). “Concerning the Anomalous Solubility of Thiotimoline”.

E. J. Feinshreiber e Y. Hravlek. Journal of Chemical Solubilities, 22,57-68 (1939), “Solubility Speeds and Hydrophilic Groupings”.

P. Krum, I. Eshkin, e O. Nile. Annals of Synthetic Chemistry, 115. 1122-1145; 1208-1215 (1945), “Structure of Thiotimoline, Parts I &II”.

G. H. Freudler, Journal of Psychochemistry, 2, 476488 (1945), “Initiative and Determination: Are They Influenced by Diet? - As tested by Thiotimoline solubility Experiments”.

E. Harley-Short, Philosophical Proceeding &Reviews, 15, 125-197 (1946). “Determinism and Free-Will. The Application of Thiotimoline Solubility to Marxim Dialetic”.

P. Krum, Journal of Chemical Solubilities, 29,818-819 (1946), “A Device for the Quantitative Measurement of Thiotimoline Solubility Speed”.

A. Roundin, B. Levy, e Y. J. Prutt, Proceedings of the Society of Plant Chemistry, 80,11-18 (1930), “Natural Products isolated from shrubs of the genus Rosácea”.

Tiotimolin kak Ispitatel Marksciiskoy dilektiki B. Kreschiatika, JournalNaouki iSovetskoy Ticorii, Vol. 11, n93.

Philossophia Neopredelennosti i Tiotimolin, Molvinski Pogost i Z. Brikalo. Mir i Kultura, Vol. 2, n9 31.

***

Quando Campbell aceitou a história, tomei a precaução de lhe fazer uma exigência. Eu sabia que seria publicada na primavera e que na primavera eu faria meus “exames orais” - a última barreira no caminho para o meu Ph.D. Eu não queria que nenhum membro austero da banca examinadora decidisse que eu estava gozando a pesquisa química e se ofendesse o suficiente para votar contra mim, por me considerar com uma mentalidade inadequada para a grande honra de um doutoramento Assim sendo, pedi a Campbell que fosse publicada com um pseudônimo.

Quando a revista contendo o artigo finalmente chegou às bancas, em meados de fevereiro de 1948, fiquei estarrecido ao descobrir que Campbell tinha esquecido completamente a questão do pseudônimo. O artigo apareceu com o meu nome, sendo que eu fora escalado para fazer meus exames orais dentro de três meses. Meu nervosismo cresceu quando, quase que imediatamente, cópias da revista começaram a circular no departamento de química.

No dia 20 de maio de 1948 fiz meus exames. A banca examinadora tinha visto o artigo. Depois de pular na brasa durante uma hora e vinte minutos, a última pergunta (feita pelo Professor Ralph S. Halford) foi: “Sr. Asimov, conte-nos alguma coisa a respeito das propriedades termodinâmicas do composto tiotimolina.”.

Caí numa risada histérica de puro alívio, pois percebi instantaneamente que não iriam fazer piadas comigo (o Professor Halford parecia bem-humorado e todos estavam sorrindo) se fossem me reprovar. Fui retirado do recinto, ainda rindo, e depois de uma espera de vinte minutos os examinadores surgiram, cumprimentaram-me e disseram:

“Parabéns, Dr. Asimov.”

Meus colegas insistiram, naquela tarde, em me porem goela abaixo cinco doses de Manhattan e, como sou abstêmio em condições normais e não tolero álcool, fiquei completamente

bêbado quase que na mesma hora. Levaram três horas para me colocarem sóbrio.

Depois das cerimônias oficiais, no dia 1 de junho de 1948, eu era Isaac Asimov, Dr.

Como ficou provado, o esquecimento de Campbell quanto ao pseudônimo (e aposto que fez isto deliberadamente, pois era mais esperto do que eu) abriu-me portas.

Não apenas a banca examinadora não o interpretou mal, como também o artigo tornou-se, em menor grau, famoso, e eu com ele.

Apesar da “Tiotimolina” ter aparecido em Astounding, assim como todas as minhas histórias daquele tempo, ela circulou fora do mundo comum de ficção científica. Passou de químico para químico, através da própria revista, ou reimpressões em jornais mais modestos, de cópias mimeografadas e até oralmente. Pessoas que nunca tinham ouvido meu nome como escritor de ficção científica, sabiam da tiotimolina. Foi a primeira vez que a minha fama realmente transcendeu o campo.

Além disso, embora “Tiotimolina” fosse essencialmente um trabalho de fantasia, sua forma não era de ficção. Encarada deste ponto de vista “Tiotimolina” foi a primeira peça não-ficção que eu publicara profissionalmente - a precursora de uma grande quantidade que estava por vir.

Mas o que mais me divertiu foi o número surpreendente de leitores que realmente levaram o artigo a sério. Disseram-me que, semanas após seu aparecimento, os bibliotecários da Biblioteca Pública de Nova Iorque ficaram loucos com a quantidade de jovens que queriam ver as cópias dos jornais falsos que eu usara como pseudo referências.

Mas voltando ao verão de 1947:

Num período de cinco anos eu vendera quatorze histórias, todas elas a Campbell. Isto não queria dizer que ele era o único editor no campo. Quase todas as revistas que haviam sido editadas antes da guerra ainda existiam (embora somente a Astounding estivesse realmente indo bem) e teriam me aceitado. Se Campbell tivesse rejeitado alguma de minhas histórias, certamente eu tentaria uma das outras revistas Mas ele não recusou, e eu não tentei.

A revista Startling Stories, na qual eu havia publicado “Christmas on Ganymede” cinco anos e meio antes, publicava “pequenos romances” de quarenta mil palavras em cada número. Não era fácil, portanto, conseguir uma história publicável deste tamanho todos os meses, especialmente porque Startling pagava a metade do preço de Astounding.

Portanto, às vezes o editor da revista, que naquela época era Sam Merwin, tinha de sair à procura dos autores conhecidos como capazes de escrever tais histórias.

Na época em que eu estava escrevendo “Tiotimolina”, Merwin me procurou para sugerir que eu escrevesse uma história de vanguarda.

Explicou que Startling havia sempre publicado histórias dando ênfase na aventura mas, devido ao sucesso às Astounding, ele havia persuadido o publicador a experimentar publicar histórias com um maior cunho científico. Será que eu gostaria, então de escrever uma história para Startling”!

Fiquei terrivelmente lisonjeado. Como disse antes, eu também estava nervoso por ter me tornado um autor de um único editor e aceitaria de bom grado uma oportunidade para provar a mim mesmo que eu podia escrever fora da sombra protetora de Campbell. Concordei, portanto, e passei uma boa parte do verão de 1947 (quando não estava ocupado em preparar meus dados experimentais para a dissertação do Ph.D.) preparando a história que chamei “Envelheça Comigo”*.

*O título foi inspirado no poema de Robert Browning “Rabbi Ben Ezra”, mas erroneamente - o que lhes mostra o nível de minha cultura. A primeira linha do poema é “Envelheça junto de mim”.

No dia 3 de agosto eu havia terminado o primeiro esboço. No dia 26 de agosto, a primeira parte do esboço estava terminada e a submeti a Merwin. Foi aprovada. No dia 23 de setembro foi submetida a história inteira e eu não tinha nenhuma dúvida de que seria aceita. No dia 15 de outubro de 1947, entretanto, Merwin me disse que, vejam só, Startling havia decidido, afinal de contas, não entrar pela parte de ciência, mas de aventura, e que “Envelheça Comigo” teria que ser completamente reescrita sem que eu tivesse qualquer garantia de que assim seria aceita.

Suponho que é uma indicação de como as coisas haviam evoluído quando lhes digo que foi a primeira vez que não aceitei um pedido de revisão, filosoficamente. Muito pelo contrário! Fazia cinco anos ou mais que até mesmo Campbell havia rejeitado uma de minhas histórias; então, como é que Merwin, comparativamente uma nulidade, ousava fazer o mesmo? Especialmente visto que ele havia me procurado pedindo a história?

Não fiz nenhum esforço para ocultar meu aborrecimento. De fato, peguei o manuscrito e saí do escritório, obviamente com um acesso de raiva**.

**Anos depois, como resultado da história desta história, Merwin se acostumou a pedir desculpas por esta rejeição toda vez que me encontrava - mas não precisava fazer isto, e eu vivia lhe dizendo. Ele era editor e estava totalmente dentro de seus direitos rejeitar a estória, e eu estava sendo intolerantemente temperamental em me zangar por causa disto. Desde então, tenho

me esforçado bastante para evitar uma raiva evidente com qualquer rejeição, por mais injustificada que possa parecer no momento, e acho que tenho conseguido.

Submeti a história a Campbell, contando-lhe tudo que havia acontecido. Tornou-se uma prática minha contar a qualquer editor ao qual submeto uma história sobre qualquer rejeição que tenha sofrido anteriormente. Não há necessidade de fazer isto; não é, pelo que sei, uma requisição ética para um escritor. Eu simplesmente faço isto e nunca me custou, novamente pelo que sei, uma aceitação.

Aconteceu que Campbell rejeitou a história, mas não, disso tenho certeza, porque isto já havia acontecido em outro lugar. Mostrou-me um número suficiente de coisas erradas com a história para me fazer pensar que talvez Merwin não tivesse sido tão arbitrário ao rejeitá-la. Joguei a história numa gaveta com desgosto e não pensei mais nela por aproximadamente dois anos.

A rejeição veio em má hora. Eu estava cada vez mais embrulhado nas tentativas de completar minha pesquisa, tentando escrever minha dissertação e, mais do que tudo, tentando ansiosamente encontrar um emprego. Eu não tinha muito tempo para escrever e a rejeição me desencorajou e humilhou o suficiente para que eu desistisse de escrever durante quase um ano. Esta foi a terceira parada grande que eu fiz na minha carreira de escritor e a última desde então.

Não encontrei um emprego; meu tão esperado doutoramento não era um passaporte para minha afluência. Isto também era humilhante.

Aceitei uma oferta do Professor Robert C. Elderfield para fazer uma pesquisa de pós-doutoramento de um ano para ele por $ 4.500, trabalhando com drogas antimalária.

Aceitei, embora não com grande entusiasmo, e comecei a trabalhar para ele.

No dia 2 de junho de 1948, no dia seguinte à minha obtenção oficial do doutoramento pelo menos isto me daria mais um ano para encontrar um emprego.

No mês seguinte eu já havia me estabelecido o suficiente para pensar em escrever uma história de ficção científica, “A Corrida da Rainha de Copas fNo dia 12 de julho estava terminada e a submeti a Campbell. Foi aceita no dia 16 e, novamente, eu estava de volta a este campo.

26

A CORRIDA DA RAINHA DE COPAS

Eis aqui um quebra-cabeça para você. É crime traduzir um livro de química para a língua grega?

Vamos colocar o problema de outro modo. Se uma das maiores usinas atômicas do país é completamente arruinada numa experiência desautorizada, seria criminoso um cúmplice deste ato?

Estes problemas só se desenvolveram com o tempo, é claro. Começamos com a usina atômica - drenada. Eu realmente estou dizendo drenada. Não sei exatamente qual o tamanho da fonte de poder físsil - mas em dois rapidíssimos microssegundos, estava toda rachada.

Nenhuma explosão. Nenhuma densidade errada de raio gama. Simplesmente aconteceu que cada parte móvel de toda a estrutura estava derretida. O edifício principal inteiro estava morno. A atmosfera num raio de duas milhas estava ligeiramente quente. Apenas um edifício morto e inútil que, mais tarde, custou cem milhões de dólares para ser substituído.

Aconteceu por volta das três horas da madrugada, e encontraram Elmer Tywood sozinho na câmara central de força. Os achados de vinte e quatro horas intensas podem ser resumidos rapidamente.

1. Elmer Tywood - Ph.D.,Sc.D., “Fellow” Disso e Honorário Daquilo, participante vigoroso, certa vez, do Projeto Manhattan, e agora, Catedrático de Física Nuclear - não era nenhum intruso. Tinha um Passe Classe A - Ilimitado. Mas não foi encontrada nenhuma pista do motivo que o levaria a estar lá bem naquele momento. Numa mesa com pés rolantes havia um equipamento que não constava de nenhuma requisição. Este também, era uma massa única derretida - não quente demais para se tocar.
2. Elmer Tywood estava morto. Estava caído perto da mesa; seu rosto congestionado, quase preto. Nenhum efeito de radiação. Nenhum sinal de qualquer tipo de violência. Apoplexia, disse o médico.

3. No cofre do escritório de Elmer Tywood foram encontrados dois verdadeiros enigmas: vinte folhas de papel almaço de algo que parecia ser matemático e um fólio amarrado numa língua estrangeira que verificaram ser grego e o assunto traduzido, química.

O segredo que pairava sobre toda esta confusão era tão terrível que tornava morta qualquer coisa que o tocasse. Morta, é a única palavra que se pode usar. Vinte e sete homens e mulheres, ao todo, inclusive o Secretário da Defesa, o Secretário da Ciência e outros dois ou três figurões completamente desconhecidos pelo público entraram na usina durante as investigações. Todos que haviam estado na usina naquela noite, o físico que havia identificado Tywood, o médico que o havia examinado, estavam praticamente presos em suas casas.

Nenhum jornal ficou sabendo da história. Alguns membros do Congresso souberam parte da coisa.

E só podia ser assim! Qualquer pessoa, qualquer grupo ou qualquer país que podia sugar toda a energia disponível de uma quantidade de plutônio equivalente a cinqüenta a cem libras sem explodi-lo, tinha a indústria e a defesa da América nas palmas das mãos tão seguramente que a luz e a vida de cento e sessenta milhões de pessoas podiam ser apagadas num piscar de olhos.

Seria Tywood? Ou Tywood e outros? Ou apenas outros, através de Tywood?

E o meu emprego? Eu era a isca; ou o homem da frente, se preferir. Alguém precisa percorrer a universidade e fazer perguntas sobre Tywood. Afinal de contas, ele havia sumido. Podia ser amnésia, um assalto, um seqüestro, um assassinato, uma fuga, insanidade, acidente - eu poderia me ocupar com isto por cinco anos e ganhar maus olhados, e talvez desviar a atenção. Para falar a verdade, não foi isso que aconteceu.

Mas não pense que eu estava metido no caso desde o começo. Eu não era um dos vinte e sete homens que mencionei um pouco antes, embora meu chefe fosse. Mas eu sabia um pouco - o suficiente para começar.

O professor John Keyser também pertencia ao campo da física. Não cheguei até ele imediatamente. Antes, tive que passar por uma boa dose de burocracia do modo mais consciencioso que pude. Completamente sem sentido. Bastante necessário. Mas agora, eu estava no escritório de Keyser.

Os escritórios dos catedráticos são característicos. Ninguém lhes tira o pó a não ser alguma mulher de limpeza cansada que entra e sai mancando às oito da manhã,

embora o professor nunca note a poeira. Muitos livros em desordem. Os que ficam próximos da escrivaninha são muito usados, as conferências são extraídas deles. Os que ficam fora de alcance estão no mesmo lugar em que um estudante os colocou, depois de pedi-los emprestado. Em seguida, há jornais profissionais que parecem baratos mas são terrivelmente caros, que ficam por ali esperando o dia de serem lidos. E montanhas de papéis sobre a mesa; alguns rabiscados com alguma coisa.

Keyser era um homem idoso - um dos da geração de Tywood. Seu nariz era grande e um pouco vermelho, e ele fumava um cachimbo. Tinha aquele olhar tranqüilo e não-predatório que combina com uma profissão acadêmica - ou porque esta espécie de trabalho atrai esta espécie de homem ou porque esta espécie de trabalho faz esta espécie de homem.

Eu disse: - Que tipo de trabalho o professor Tywood está fazendo?

- Pesquisa em física.

Respostas como esta me tiram do sério. Há alguns anos atrás, costumavam me deixar louco. Agora, eu disse apenas: - Sabemos disso, professor.

Estou atrás dos detalhes.

Deu uma piscada de olho para mim, tolerantemente: - Os detalhes certamente não podem ajudar muito, a menos que você seja físico pesquisador. Tem alguma importância - sob as circunstâncias?

- Talvez não. Mas ele se foi. Se alguma coisa lhe aconteceu que tenha a ver com - gesticulei e concluí deliberadamente - algum jogo sujo, seu trabalho pode ter alguma coisa com isto - a menos que ele seja rico e o motivo seja dinheiro.

Keyser gaguejou secamente: - Professores universitários nunca são ricos. A comodidade que procuramos quase nunca nos preocupa, considerando-se o tamanho da oferta.

Também isso eu ignorava, porque sei que minha aparência vai contra mim. Na verdade, terminei a faculdade com um “muito bem” traduzido para o Latim para que o presidente da faculdade entendesse, e nunca participei de um jogo de futebol em toda a minha vida. Entretanto, pareço bem o contrário.

Eu disse: - Sendo assim, só nos resta o seu trabalho.

- Você quer dizer espiões? Intriga internacional?

- Por que não? Já aconteceu antes! Afinal de contas, ele é um físico nuclear, não é?

- É. Mas outros também são. Eu também sou.

- Ah, mas talvez ele saiba algo que o senhor não sabe.

Houve uma contração no queixo. Quando apanhados desprevenidos, os professores agem exatamente como pessoas.

Disse, duramente: - Que eu me lembre de imediato, Tywood publicou artigos sobre o efeito da viscosidade líquida nas asas da linha Rayleigh, nas equações de campo das órbitas superiores e acoplamento por spin de dois núcleons, mas o seu principal trabalho é sobre momentos de quadrupolo. Tenho bastante competência nesses assuntos.

- Ele está trabalhando com momentos de quadrupolos, atualmente?

- Tentei não piscar os olhos e acho que consegui.

- Está - de certa forma. - Ele quase sorriu zombeteiramente. - Pode ser que, finalmente, esteja no estágio experimental. Parece que passou a maior parte de sua vida calculando as conseqüências matemáticas de uma teoria especial de sua própria autoria.

- Como esta - e joguei-lhe uma folha de papel almaço.

Esta folha era uma das que havia no cofre do escritório de Tywood. As chances, é claro, eram de que aquele monte de papéis não significasse nada, só pelo fato de ser o cofre de um professor. Isto é, as coisas, às vezes são postas lá dentro num ato irrefletido, porque a gaveta lógica estava cheia de folhas de exame não corrigidas.

E, é claro, nada é tirado de lá. Havíamos encontrado naquele cofre pequenos frascos de cristais amarelos com etiquetas quase ilegíveis, alguns livretes mimeografados datados da Segunda Guerra Mundial e assinalado com um “Restrito”, uma cópia de um livro do ano velho da faculdade e algumas cartas referindo-se a uma possível posição como Diretor de Pesquisa da “American Eletric” com datas de dez anos atrás, e, é claro, química em grego.

A folha de papel almaço também estava lá. Estava enrolada como um diploma de faculdade presa por um elástico, não tendo nenhuma etiqueta ou título descritivo. Umas vinte folhas estavam cobertas com marcas de tinta, meticulosas e pequenas - Eu tinha uma folha deste papel almaço. Não acredito que algum homem em todo o mundo possuísse mais que uma folha. E tenho certeza de que apenas um homem no mundo

sabia que a perda de sua folha e de sua vida seriam tão simultâneas quanto fosse possível ao governo fazê-las.

Sendo assim, joguei a folha para Keyser, como se fosse algo que eu havia encontrado voando pelo campus.

Olhou-a fixamente e depois virou-a para ver o lado oposto, que estava vazio. Seus olhos moveram-se do começo ao fim da folha, saltando novamente para o começo.

- Não sei do que se trata - disse, e as palavras lhe pareciam amargas.

Eu não disse nada. Apenas dobrei o papel e coloquei-o novamente no bolso de minha jaqueta.

Keyser acrescentou petulantemente: - É uma ilusão que vocês, leigos, têm ao pensarem que os cientistas sabem olhar para uma equação e dizer “Ah, sim” e começaria escrever um livro sobre ela. A matemática não tem existência própria. É simplesmente um código arbitrário criado para descrever observações físicas ou conceitos filosóficos. Qualquer homem pode olhar para um símbolo e ter certeza do que significa. Até o momento, a ciência usou todas as letras do alfabeto, maiúsculas, minúsculas e itálicas, cada uma delas simbolizando muitas coisas diferentes. Foram usadas letras em negrito, letras góticas, letras gregas, tanto maiúsculas quanto minúsculas, símbolos subscritos e superscritos, asteriscos e até mesmo letras hebraicas. Cientistas diferentes usam símbolos diferentes para o mesmo conceito e o mesmo símbolo para conceitos diferentes. Sendo assim, você mostrando uma página solta assim a qualquer pessoa, sem fornecer informações sobre o assunto investigado ou sobre a simbologia usada neste caso, ela absolutamente não conseguiria dar qualquer sentido à folha.

Interrompi: - Mas o senhor disse que ele estava trabalhando com momentos de quadrupolo. Isto não ajuda para dar um sentido à folha? - e bati a mão no peito, no lugar onde a folha de papel almaço estava, lentamente, abrindo um furo em minha jaqueta há dois dias.

- Não sei dizer. Não vi nenhuma das relações que normalmente deveriam estar envolvidas. Pelo menos, não reconheci nenhuma. Mas naturalmente eu não posso me comprometer quanto a isso.

Houve um silêncio curto, quando, então, ele disse: - vou lhe dizer uma coisa. Por que você não verifica com os alunos dele?

Levantei as sobrancelhas: - O senhor quer dizer suas classes?

Ele pareceu contrariado: - Não, pelo amor de Deus. Seus alunos de pesquisa! Seus candidatos ao doutoramento! Eles têm trabalhado com ele. Saberão melhor do que eu os detalhes deste trabalho, ou possivelmente, qualquer pessoa da faculdade.

- É uma idéia - disse, casualmente. E era mesmo. Não sei por que, mas eu nunca teria pensado nisso sozinho. Acredito que seja porque é muito natural pensar que qualquer professor sabe mais que qualquer estudante.

Keyser agarrou a lapela quando me levantei para sair. - E, além disso - disse - acho que você está no caminho errado. Isto é confidencial, entende, e não diria se não fosse pelas circunstâncias excepcionais, mas Tywood não é tido em alta conta em sua profissão. Tenho de admitir que é um bom professor, mas suas pesquisas nunca mereceram respeito. Sempre tendeu à vaga teorização, sem estar sustentada pela evidência experimental. Este papel que está com você é provavelmente mais um desse tipo. Ninguém iria provavelmente querer... ha, raptá-lo por isso.

- É mesmo? Entendo. Alguma idéia sobre por que ele se foi, ou para onde foi?

- Nada de concreto - disse, franzindo os lábios - mas todos sabem que é um homem doente. Ele teve um ataque há dois anos atrás que afastou-o das aulas por um semestre.

Nunca realmente se recuperou. Seu lado esquerdo ficou paralisado por algum tempo e ele ainda manca. Outro ataque desse o mataria. Poderia acontecer a qualquer momento.

- Então, o senhor acha que está morto?

- Não é impossível.

- Mas onde está o corpo, então?

- Bem, na verdade - Este é o seu trabalho, eu acho. Era, e saí.

Entrevistei cada um dos quatro estudantes de pesquisa de Tywood, num lugar caótico chamado laboratório de pesquisa. Estes estudantes de pesquisa em laboratórios normalmente têm dois aspirantes trabalhando lá dentro, estes dois constituindo uma população flutuante, visto que são substituídos alternadamente quase todos os anos.

Consequentemente, o laboratório tem seu equipamento em prateleiras. Nos bancos do laboratório fica o equipamento que está sendo imediatamente usado, e em três ou quatro gavetas à mão ficam as peças de reposição ou suplementares que

provavelmente serão usadas. Nas gavetas mais distantes, nas prateleiras perto do teto, nos cantos, ficam os restos desbotados das gerações passadas de estudantes - restos nunca usados e nunca jogados. Na verdade, dá a impressão de que nenhum estudante de pesquisa conheceu todo o conteúdo de seu laboratório.

Os quatro alunos de Tywood estavam preocupados. Mas estavam preocupados principalmente com seu próprio status. Isto é, o possível efeito que a ausência de Tywood poderia causar no status de seu "problema". Dispensei três deles - que agora têm os seus diplomas, espero - e tornei a chamar o quarto.

Ele tinha o olhar mais abatido dos quatro, e tinha sido menos comunicativo - o que considerei um bom sinal.

Agora, ele estava sentado rigidamente na cadeira de encosto reto ao lado direito da escrivaninha, enquanto eu me encostava numa velha cadeira barulhenta e tirava o chapéu de minha testa. Seu nome era Edwin Howe e ele se diplomou mais tarde; tenho certeza disso, porque agora é um figurão no Departamento de Ciência.

Eu disse: - Você faz o mesmo trabalho que os outros rapazes, suponho.

- De certa forma, é tudo trabalho nuclear.

- Mas não é exatamente o mesmo?

Balançou a cabeça lentamente. - Pegamos ângulos diferentes. Você tem que ter alguma coisa bem definida, sabe, ou não conseguirá publicar.

Deixamos de ser aprovados.

Ele disse isso exatamente do modo em que você ou eu diria. - Temos de ganhar dinheiro. - Talvez seja a mesma coisa para eles.

Eu disse: - Muito bem. E qual é o seu ângulo?

Respondeu: - Eu faço a matemática. Quero dizer, com o professor Tywood.

- Que espécie de matemática?

Sorriu um pouco, criando a mesma espécie de atmosfera sobre ele que a que havia notado no professor Keyser, naquela manhã. Uma espécie de atmosfera. " O senhor acha que eu posso explicar todos os meus pensamentos profundos para um burrinho como o senhor?"

Tudo o que disse em voz alta, entretanto, foi: - Isto seria um pouco complicado para explicar.

- Eu o ajudarei - disse. - Tem algo a ver com isto? - E joguei-lhe a folha de papel almaço.

Ele não deu nenhuma olhada no papel. Apenas agarrou-o e soltou um gemido fino: - Onde o senhor arrumou isto?

- No cofre de Tywood.

- O senhor também tem o resto dela?

- Está guardado - disse, esquivando-me de outra resposta. Relaxou um pouco - só um pouco: - O senhor não a mostrou a ninguém, mostrou?

- Mostrei-a ao professor Keyser.

Howe soltou um som mal-educado com o lábio inferior e os dentes da frente. - Aquele imbecil. O que ele disse?

Virei a palma das mãos para cima e Howe riu. Em seguida, disse, de modo brusco: - Bem, esta é a espécie de coisa que eu faço.

- E do que se trata tudo isso? Fale de modo que possa entender. Houve um momento de hesitação. Disse: - Olhe. Isto é confidencial.

Até mesmo os outros alunos de Pop não sabem nada sobre isto. Nem eu acho que sei tudo sobre isto. Veja, não estou atrás apenas de um diploma. É do Prêmio Nobel de Pop Tywood e isto vai me dar o cargo de professor assistente em Cal Tech. Isto tem de ser publicado antes de ser falado.

Balancei a cabeça lentamente e tornei minhas palavras bem delicadas:

- Não, filho. Você inverteu a coisa. Você terá de falar sobre isto antes de publicar, porque Tywood sumiu e talvez esteja morto, talvez não. E se estiver morto, talvez tenha sido assassinado. E quando o departamento tem uma suspeita de assassinato, todo mundo fala. Agora, vai ficar mal para você, garoto, se tentar guardar algum segredo.

Funcionou. Sabia que funcionaria, porque todo mundo lê sobre assassinatos misteriosos e sabe todos os clichês. Pulou de sua cadeira e gaguejou as palavras como se tivesse um texto em sua frente.

- Naturalmente - disse - o senhor não pode suspeitar de mim... quanto a uma coisa dessas. Ora... ora, minha carreira...

Empurrei-o de volta à sua cadeira, quando eleja começava a suar na testa. Fui para a linha seguinte: - Não suspeito nada de ninguém por enquanto. E você não vai se meter em nenhuma complicação se falar, meu chapa.

Estava pronto para falar. - Agora, tudo isso é altamente confidencial.

Coitado. Ele não sabia o significado da palavra “altamente”. Não foi mais perdido de vista desde aquele momento até o governo decidir enterrar o caso com um comentário final de “?” Abre aspas. Fecha aspas. (Não estou brincando. A partir desse dia, o caso não está nem aberto, nem fechado. Está apenas”?”).

Disse, dubiamente: - O senhor sabe o que é a viagem no tempo, suponho.

Claro que sabia o que era viagem no tempo. Meu garoto mais velho tem doze anos e assiste a todos os programas de televisão da tarde até ficar visivelmente inchado com a porcaria que absorve pelos olhos e ouvidos.

- E o que tem a viagem no tempo? - perguntei.

- Em certo sentido, podemos fazê-la. Na verdade, é apenas o que se poderia chamar de translação-micro-temporal.

Quase perdi a cabeça. De fato, acho que perdi. Era óbvio que o atrevidinho estava tentando me enganar; e sem sutileza. Estou acostumado a ver as pessoas pensarem que pareço um tonto; mas não tão tonto assim.

Disse do fundo de minha garganta: - Você vai me dizer que Tywood está em algum lugar no tempo - como Ace Rogers? (Este era o programa favorito de Junior - Ace Rogers estava acabando com Genghis Khan com uma só mão, naquela semana.).

Mas ele parecia tão contrariado quanto eu devo ter ficado. - Não gritou. - Não sei onde Pop está. Se o senhor me ouvisse - eu disse translação-micro-temporal. Agora, isto não é um show de televisão e nem mágica; acontece que isto é ciência. Por exemplo, suponho que o senhor saiba algo sobre a equivalência matéria-energia.

Confirmei, azedamente. Todo mundo sabe disso desde Hiroshima na última guerra, com exceção de uma pessoa.

- Muito bem, então - continuou - está bom para um começo. Veja, se você pega um volume de matéria e aplica a translação temporal nela sabe, manda-a de volta no tempo - você está, com efeito, criando matéria no ponto no tempo para o qual você a está mandando. Para fazer isto, você precisa usar uma quantidade de energia equivalente à quantidade de matéria que criou. Em outras palavras, mandar um grama - ou digamos,

uma onça - de qualquer coisa que volta no tempo, você tem de desintegrar completamente uma onça de matéria, para fornecer a energia requerida.

- Hum-m-m - disse - isto é criar a onça de matéria no passado. Mas você não está destruindo uma onça de matéria quando a remove do presente? Isto não cria a quantidade equivalente de energia?

Ele parecia tão aborrecido quanto um rapaz sentado num abelhão não totalmente morto. Aparentemente, leigos nunca deveriam fazer perguntas a cientistas.

Ele disse: - Eu estava tentando simplificar para que o senhor pudesse entender. Na realidade, é mais complicado. Seria muito bom se pudéssemos usar a energia do desaparecimento para fazê-la aparecer, mas isto seria trabalhar num círculo, acredite-me. As condições da entropia proibiriam isto. Para falar com maior rigor, a energia precisa superar a inércia temporal e isto só acontece quando a energia em ergs necessária para mandar uma massa de volta, em gramas, é igual a esta massa vezes o quadrado da velocidade da luz em centímetros por segundo. O que, na verdade, é a Equação da Equivalência Massa-Energia de Einstein. Eu posso lhe dar a matemática, entende.

- Sei - deixei aquela minha impaciência fora de hora. - Mas tudo isso funcionou experimentalmente? Ou só está no papel?

Obviamente isto era para mantê-lo falando.

Ele tinha em seus olhos aquela luz singular que todos os estudantes de pesquisa têm quando se lhes pede para discutir o seu problema. Ele o discutirá com qualquer um, até com um “policial bobo” - o que era conveniente, no momento.

- Veja - disse como um homem que está tratando de negócios escusos - o que deu início à coisa toda foi este negócio do neutrino. Eles têm tentado encontrar este neutrino desde os anos 30 e não têm conseguido. É uma partícula subatômica que não tem carga e que tem uma massa muito menor que o próprio elétron. Naturalmente, é quase impossível localizá-lo, e ainda não o foi. Mas continuam procurando porque, sem assumir que o neutrino existe, a energética de algumas reações nucleares não pode ser equilibrada. Sendo assim, Pop Tywood, mais ou menos há vinte anos atrás, teve a idéia de que alguma energia estava desaparecendo na forma de matéria, de volta no tempo. Começamos a trabalhar com isto - ou, ele começou - e eu sou o primeiro aluno com quem ele abordou o problema.

- Obviamente, tivemos de trabalhar com pequenas quantidades de material e... bem, foi simplesmente uma idéia de gênio da parte de Pop pensar em usar traços de isótropos radioativos artificiais. Dava para se trabalhar com apenas poucos microgramas dele, acompanhando-se sua atividade com computadores. A variação de atividade com o tempo deveria obedecer uma lei muito simples e definida, que nunca foi alterada por qualquer condição conhecida de laboratório.

- Bem, mandávamos uma partícula retornar quinze minutos, digamos, e quinze minutos antes- de fazermos isto - tudo estava acertado automaticamente - a contagem pulava para quase o dobro do que deveria ser, diminuía normalmente, e então caía bruscamente no momento em que era mandada de volta para um valor abaixo do que teria sido normalmente. O material sobrepôs-se no tempo, entende, e durante quinze minutos contamos o material em dobro...

Interrompi: - Você quer dizer que tinham os mesmos átomos existindo em dois lugares ao mesmo tempo.

- Sim - disse, com uma leve surpresa - por que não? É por isso que usamos tanta energia - o equivalente à criação destes átomos. - Em seguida prosseguiu rapidamente.

- Agora vou lhe dizer qual é meu trabalho, especificamente. Quando você manda de volta o material por quinze minutos, aparentemente é mandado de volta ao mesmo lugar relativo à Terra, a não ser pelo fato de que em quinze minutos, a Terra se moveu dezesseis mil milhas ao redor do Sol, e o próprio Sol se move mais milhares de milhas, e assim por diante. Mas há certas pequenas discrepâncias que analisei, verificando que têm, possivelmente, duas causas.

- Primeiramente, há um efeito de atrito - se é que se pode usar este termo - de modo que a matéria se desloca um pouco em relação à Terra, dependendo da distância a que é mandada de volta no tempo e da natureza do material. E também, algumas das discrepâncias só podem ser explicadas pelo fato de que a passagem pelo tempo leva tempo.

- Como assim? - perguntei.

- O que eu quero dizer é que um tanto da radioatividade é dispersado uniformemente pelo tempo de translação, como se o material testado tivesse reagido durante a volta no tempo numa quantidade constante. Meus números mostram que - bem, se você fosse transportado no tempo, envelheceria um dia para cada cem anos. Ou, para

falar de outro modo, se você pudesse observar um marcador de tempo que fizesse a marcação fora da “máquina do tempo”, seu relógio andaria vinte e quatro horas, enquanto o marcador de tempo teria registrado cem anos de volta no tempo. Esta é uma constante universal, eu acho, porque a velocidade da luz é uma constante universal. De qualquer forma, este é meu trabalho.

Depois de alguns minutos, durante os quais fiquei mastigando tudo isso, perguntei: - Onde conseguiu a energia necessária para as suas experiências?

- Eles puxaram uma linha especial da usina de energia. Pop é um figurão lá, e arrumou o negócio.

- Hum-m-m. Qual foi a maior quantidade de material que vocês mandaram para o passado?

- Bem - ficou olhando para cima - acho que despachamos um centésimo de miligrama, uma vez. Ou seja, dez microgramas.

- Tentaram, alguma vez, mandar algo para o futuro?

- Isto não funcionaria - colocou rapidamente. - Impossível. Você não pode mudar os sinais assim, porque a energia necessária torna-se mais do que infinita. É um negócio sem retorno.

Fixei o olhar em minhas unhas: - Que quantidade de material vocês poderiam fazer retroceder no tempo se fissionassem por volta de... diga-mos, cem libras de plutônio.

- As coisas, eu achava, estavam se tornando, se não outra coisa, óbvias demais.

A resposta veio depressa: - Na fissão do plutônio - disse - não mais do que um ou dois por cento da massa é convertida em energia. Portanto, cem libras de plutônio quando usadas completamente fariam retroceder no tempo uma ou duas libras.

- Só isso? Mas você poderia controlar toda essa energia? Eu quero dizer, cem libras de plutônio pode provocar uma boa explosão.

- É muito relativo - disse, um pouco pretensiosamente. - Se você pegasse toda essa energia e fosse soltando-a um pouco por vez, poderia controlá-la. Se a liberasse toda de uma vez, mas a usasse com a mesma rapidez com que a liberasse, ainda assim poderia controlá-la. Quando se manda um material através do tempo, a energia pode ser

usada muito mais depressa do que pode, possivelmente, ser liberada, mesmo através de fissão. Teoricamente, pelo menos.

- Mas como você se livra dela?

- É dispersada através do tempo, naturalmente. É claro que o tempo mínimo para o qual um material poderia ser transferido, portanto, dependeria da massa do material.

De outra forma, você está sujeito a ter a densidade de energia com o tempo demasiadamente alta.

- Muito bem, garoto - disse. - vou telefonar para a Central para mandarem um homem aqui para levá-lo para casa. Você ficará lá por algum tempo.

- Mas - por quê?

- Não será por muito tempo.

E não foi - e o agradou, mais tarde.

Passei a noite na Central. Tínhamos uma biblioteca lá - um tipo muito especial de biblioteca. Na própria manhã após a explosão, dois ou três operadores haviam entrado discretamente na biblioteca de química e física da universidade. Hábeis, ao modo deles.

Localizaram cada artigo que Tywood havia publicado em qualquer jornal científico e arrancaram página por página. Fora isto, nada foi tocado.

Outros homens encarregaram-se dos arquivos de revistas e das listas de livros. Tudo terminou numa sala da Central que representava uma completa Tywoodlândia. Isto não foi feito com um propósito definido. Apenas representava parte do cuidado necessário ao lidar-se com um problema desta espécie.

Fiz uma busca nesta biblioteca. Não em relação a documentos científicos. Eu sabia que não haveria nada que eu quisesse. Mas ele havia escrito uma série de artigos para uma revista há uns vinte anos atrás, e foi isso o que li. Tentei conseguir tudo o que pude de sua correspondência particular disponível.

Depois disto, fiquei sentado e pensei - e fiquei apavorado. Fui para a cama por volta das quatro da madrugada e tive pesadelos. Mas estava no escritório particular do chefe às nove da manhã, da mesma forma.

É um homem grande, o chefe, com um cabelo sempre penteado com cuidado. Ele não fuma, mas mantém uma caixa de charutos em sua escrivaninha e quando não quer

dizer alguma coisa por alguns segundos, pega um, fica rodando-o com as mãos, sente seu cheiro, e depois o coloca bem no meio da boca, acendendo-o com o maior cuidado.

A essa altura, ou tem algo a dizer ou não tem absolutamente nada a dizer. Em seguida, larga o charuto e deixa-o queimar até o fim.

Ele usava uma caixa de charutos em três semanas, e metade de seus presentes de Natal eram caixas de charutos.

Ele não estava, entretanto, fumando nenhum charuto, agora. Apenas juntou seus punhos enormes sobre a escrivaninha e me olhou com a testa franzida. - Qual o problema?

Eu lhe contei. Lentamente, porque a translação-micro-temporal não cai bem em qualquer um, especialmente quando você a chama de viagem no tempo, que foi o que fiz.

Um sinal de que as coisas estavam sérias foi ele ter me perguntado apenas uma vez se eu estava louco.

Quando terminei, ficamos nos encarando.

Ele disse: - E você acha que ele tentou enviar alguma coisa de volta no tempo - algo pesando uma ou duas libras - e explodiu uma fábrica inteira para fazer isto?

- É possível - disse.

Deixei-o com seus botões por algum tempo. Ele estava pensando e eu queria que continuasse a pensar. Queria que ele, se possível, pensasse o mesmo que eu estava pensando, para que eu não precisasse dizer-lhe - Porque odiava ter de lhe dizer...

Por que era uma loucura, por um lado. E horrível demais, por outro.

Assim sendo, fiquei quieto e ele continuou a pensar e, de vez em quando, alguns de seus pensamentos vinham à superfície.

Depois de algum tempo, disse: - Assumindo ter o estudante, Howe dito a verdade - e seria bom que você verificasse seus cadernos, os quais espero que tenha apreendido...

- Toda a ala deste andar está interditada, chefe. Edwards está com os cadernos.

Prosseguiu: - Muito bem. Assumindo que nos contou toda a verdade que sabe, por que Tywood saltou de menos de um miligrama para uma libra?

Abaixou os olhos, que estavam tensos: - No momento, você está se concentrando no ângulo viagem no tempo. Para você, presumo, este é o ponto crucial, com a energia envolvida como acidente - meramente acidental.

- Sim, senhor - disse, seriamente. - Eu penso exatamente isso.

- Alguma vez já considerou que pode estar errado? Que pode ter invertido as coisas?

- Não estou conseguindo entender.

- Bem, veja. Você diz que leu sobre Tywood. Muito bem. Ele era um daquele bando de cientistas que, após a Segunda Guerra Mundial, com bateram a bomba atômica; queriam um estado mundial - você sabe disso, não?

Acenei que sim.

- Ele tinha um complexo de culpa - disse o chefe com energia. Havia ajudado fazer funcionar a bomba, e não conseguia dormir durante noites e noites, pensando no que havia feito. Viveu com este medo durante anos. E mesmo se a bomba não fosse usada na Terceira Guerra Mundial, você pode imaginar o que deve ter significado para ele cada dia de incerteza? Pode imaginar o horror que trazia na alma, enquanto esperava que os outros tomassem uma decisão em todos os momentos cruciais, até o Acordo de Setenta e Cinco?

- Temos uma análise psiquiátrica completa de Tywood e muitos outros como ele, feitas durante a última guerra. Você sabia disso?

- Não, senhor.

- É verdade. Paramos com isso depois do Acordo de Sessenta e Cinco, é claro, porque com o estabelecimento do controle mundial da energia atômica, a destruição do armazenamento de bombas atômicas em todos os países e o estabelecimento de uma aliança para pesquisa entre as diversas esferas de influência do planeta, a maioria dos conflitos éticos da mente científica foi removida.

- Mas as descobertas daquele tempo foram sérias. Em 1964, Tywood tinha no subconsciente um ódio mórbido pelo próprio conceito da energia atômica. Começou a cometer erros, e sérios. Finalmente, fomos forçados a afastá-lo de qualquer espécie de pesquisa. E muitos outros também, mesmo estando as coisas bastante ruins, naquele tempo. Havíamos acabado de perder a índia, se é que você se lembra.

Considerando-se que eu estava na índia naquela época, eu me lembrava. Mas eu ainda não havia entendido o ponto que estava colocando.

- Veja - continuou - e se os resquícios desta atitude tivessem sido enterrados de uma vez por todas por Tywood? Por que jogar uma libra de qualquer coisa no passado, de qualquer forma? Apenas para provar a viabilidade?

Ele havia provado tão bem esta possibilidade com apenas uma fração de miligramas. Já era o suficiente para o Prêmio Nobel, eu suponho.

- Mas havia uma coisa que ele podia fazer com uma libra de matéria que não podia com um miligrama, e era drenar uma usina de energia. De modo que, era isto que estava procurando. Havia descoberto um modo de consumir quantidades inconcebíveis de energia. Fazendo retroceder oitenta libras de lixo, ele poderia remover todo o plutônio existente no mundo. Acabar com a energia atômica num período indefinido.

Eu não estava nem um pouco impressionado, mas tentei não deixar transparecer demasiadamente. - O senhor acha que, possivelmente, ele poderia ter pensado em repetir a dose impunemente?

- Tudo está baseado no fato de que não era um homem normal. Como posso saber o que ele imaginava que pudesse fazer? Além disso, pode haver homens atrás dele - com menos ciência e mais cérebro - que estão prontos para seguirem em frente, a partir deste ponto.

- Algum destes homens já foi encontrado? Alguma evidência sobre eles?

Uma pequena espera e sua mão dirigiu-se à caixa de charutos. Olhou o charuto fixamente e virou-o de ponta a ponta. Mais uma pequena espera. Eu estava paciente.

Em seguida, colocou o charuto sobre a mesa decididamente, sem acendê-lo.

- Não - disse.

Olhou para mim, através de mim, e disse: - Então, você ainda não acredita nisso?

Dei de ombros. - Bem - não me parece certo.

- Você tem alguma noção própria?

- Sim. Mas não posso falar sobre ela. Se eu estiver errado, sou o homem mais errado que já existiu; mas se estiver certo, sou o mais certo.

- Vou ouvir - disse, pondo suas mãos embaixo da escrivaninha.

Era o desfecho. A sala era blindada, à prova de som e à prova de radiação em qualquer grau menor que uma explosão nuclear. E com aquele pequeno aviso na mesa da secretária, nem mesmo o presidente dos Estados Unidos poderia nos interromper.

Reclinei-me e disse: - Chefe, por acaso o senhor se lembra como conheceu sua esposa? Foi um momento sem importância?

Ele apenas sorriu e disse: - Eu espirrei e ela se virou. Foi numa esquina.

- O que fez o senhor estar naquela esquina bem naquele momento? O que a fez estar? O senhor se lembra exatamente por que espirrou? Onde pegou o resfriado? Ou de onde veio a partícula de poeira? Imagine quantos fatores tiveram que coincidir exatamente no lugar e hora certos para que o senhor conhecesse sua esposa.

- Suponho que teríamos nos conhecido numa outra ocasião.

- Mas o senhor não pode saber isto. Como sabe quem o senhor não conheceu, porque ao invés de se virar, seguiu adiante, porque quando o senhor poderia ter chegado atrasado, não chegou. Sua esposa dobra a esquina a todo instante e o senhor entra numa rua quase que por acaso, assim como todo mundo. Comece há vinte anos atrás, e veja como as divergências aumentam cada vez mais com o tempo.

- O senhor espirrou, conheceu uma garota e não outra. Como conseqüência, o senhor tomou certas decisões, bem como a garota, assim como a garota que o senhor não conheceu e o homem que a conheceu e todas as pessoas que o senhor conheceu daí em diante. E sua família, a família dela, a família deles - e seus filhos.

- Porque o senhor espirrou há vinte anos, cinco pessoas, ou cinqüenta, ou quinhentas, que estariam vivas, podem estar mortas agora, ou as que estariam mortas, podem estar vivas. Leve isto para duzentos anos atrás; dois milhões de anos atrás, e um espirro - mesmo dado por alguém que a história desconhece completamente – poderia ter significado que ninguém que vive hoje estaria vivo.

O chefe coçou a cabeça: - O aumento das ondulações. Certa vez, li uma estória...

- Eu também. Não é uma idéia nova - mas quero que pense nela por algum tempo, porque quero ler para o senhor um artigo do professor Elmer Tywood de uma revista publicada há vinte anos. Foi um pouco antes da última guerra.

Eu tinha cópias do filme em meu bolso e a parede branca servia otimamente como tela, que foi feita com esta intenção. O chefe fez menção de se virar, mas eu lhe acenei que não.

- Não, chefe - disse. - Quero ler isto para o senhor. E quero que o senhor escute.

Ele se encostou.

- O artigo - prossegui - intitula-se: “O Primeiro Grande Fracasso do Homem!” Lembre-se, isto foi um pouco antes da guerra, quando o amargo desapontamento com o fracasso final das Nações Unidas estava no auge. O que vou ler são alguns trechos da primeira parte do artigo. Diz assim:

“... Aquele homem, com sua perfeição técnica, não conseguiu resolver os maiores problemas sociológicos de hoje, e esta é apenas a segunda imensa tragédia que aconteceu com a raça. A primeira, e talvez a maior, foi que, certa vez, estes mesmos enormes problemas sociológicos foram resolvidos; e, todavia, estas soluções não foram permanentes, porque a perfeição técnica que temos hoje não existia, na época.

“Foi o caso de se ter pão sem manteiga, ou manteiga sem pão. Nunca os dois ao mesmo tempo...

“Considerem o mundo helênico, de onde provêm nossa filosofia, nossa matemática, nossa ética, nossa arte, nossa literatura - na verdade, toda a nossa cultura... Nos dias de Pericles, a Grécia, como o nosso próprio mundo em miniatura, era um surpreendente pupurri moderno de ideologias conflitantes e modos de vida. Mas então, veio Roma, adotando a cultura, mas concedendo e forçando a paz. Sem dúvida, a Pax Romana durou apenas duzentos anos, mas nenhum período como aquele existiu, desde então...

“A guerra foi abolida. O nacionalismo não existia. O cidadão romano era cidadão do império. Paulo de Tarso e Flávio José eram cidadãos romanos. Espanhóis, norte-africanos, ilírios assumiram esta condição. A escravidão existia, mas era uma escravidão indiscriminada, imposta como um castigo, contraída como o preço de um fracasso econômico, advinda com as fortunas de guerra. Nenhum homem era um escravo natural - devido à sua cor ou local de nascimento.

“A tolerância religiosa era total. Se aconteceu uma exceção, anteriormente, no caso dos cristãos, foi porque se recusaram a aceitar o princípio de tolerância; porque

insistiam que apenas eles é que sabiam a verdade, um princípio repugnante para o romano civilizado...

“com toda a cultura ocidental reservada a uma única polis, com a ausência do câncer do exclusivismo e do particularismo nacional e religioso, com a existência de uma civilização mais elevada - por que o Homem não podia desfrutar de suas conquistas?

“Porque, tecnologicamente, o antigo helenismo estava atrasado. Porque sem uma civilização-máquina, o preço do lazer - e daí, civilização e cultura - para poucos era a escravidão para muitos. Porque a civilização não conseguia encontrar o meio para dar conforto e tranqüilidade a toda a população.

“Portanto, as classes oprimidas voltaram-se para o outro mundo e para as religiões que desprezavam os benefícios materiais deste mundo - de modo que a ciência tornou-se impossível em qualquer sentido verdadeiro durante, aproximadamente, um milênio. E mais tarde, com o desvanecimento do ímpeto inicial do helenismo, o Império não teve poderes tecnológicos para combater os bárbaros. De fato, só depois do ano 1500 d.C. é que a guerra tornou-se suficientemente uma função das fontes industriais de uma nação, para permitir que as pessoas sedentárias derrotassem com facilidade nômades e tribos invasoras...

“Imaginem, então, se, de alguma forma, os gregos tivessem aprendido apenas uma dica da química e física modernas. Imaginem se o crescimento do Império tivesse sido acompanhado pelo crescimento da ciência, da tecnologia e da indústria. Imaginem um Império no qual o maquinário substituísse os escravos, no qual todos os homens tivessem uma parte decente das mercadorias do mundo, no qual a legião se tornasse o escudo contra o qual nenhum bárbaro conseguisse se levantar. Imaginem um Império que, portanto, se espalharia por todo o mundo, sem preconceitos religiosos ou nacionais...

“Um Império onde todos fossem homens - todos irmãos - finalmente, todos livres...

“Se a história pudesse ser mudada. Se este primeiro grande fracasso pudesse ser evitado...”

Parei neste ponto.

- Bem? - disse o chefe.

- Bem - disse - acho que não é difícil relacionar tudo isso com o fato de que Tywood explodiu uma fábrica inteira, na sua ansiedade de mandar alguma coisa de volta ao passado, enquanto no cofre de seu escritório encontramos partes de um livro de química traduzido para o grego.

Seu rosto transfigurou-se, enquanto pensava. Então, disse, com peso: - Mas não aconteceu nada.

- Eu sei. Mas fui informado pelos alunos de Tywood que leva um dia para se voltar um século no tempo. Assumindo que a Grécia era o alvo, temos vinte séculos e vinte dias, portanto.

- Mas pode ser brecado?

- Não saberia dizer. Tywood, sim, mas está morto.

A enormidade disso tudo se fez clara para mim imediatamente, muito mais do que na noite anterior.

Toda a humanidade estava, virtualmente, condenada à morte. E, enquanto isto era meramente uma abstração horrível, o fato que a tornava uma realidade totalmente insuportável era que eu, também, estava condenado. E minha esposa, e meu garoto.

Além disso, era uma morte sem precedentes. Um cessar de existir e nada mais. A morte de um sopro. O desaparecimento de um sonho. A deriva numa sombra eterna sem espaço e sem tempo. Na verdade, eu não morreria de forma alguma. Simplesmente, nunca teria existido.

Ou teria? - Eu existiria - minha individualidade - meu ego - minha alma, se quiserem? Outra vida? Outras circunstâncias?

Naquele momento, não pensei nada disso em palavras. Mas se um nó no estômago pudesse falar, devido às circunstâncias, acho que diria isto.

O chefe penetrou em meus pensamentos - duro.

- Então, temos aproximadamente duas semanas e meia. Não temos tempo a perder. Venha.

Sorri com um lado da boca: - O que fazemos? Caçamos o livro?

- Não - respondeu friamente - mas há duas trilhas de ação que temos de seguir. Primeiramente, você pode estar errado - inteiramente. Todo este raciocínio circunstancial pode representar um caminho falso, talvez deliberadamente criado para nós, para encobrir a verdade real. Isto precisa ser verificado.

- Em segundo lugar, você pode estar certo - mas pode haver algum modo de brecar o livro; quero dizer, um modo que não o de caçá-lo numa máquina do tempo. Se há, precisamos descobrir como.

- Eu apenas gostaria de dizer, senhor, que se este caminho é falso, somente um louco o consideraria acreditável. Sendo assim, suponha que eu esteja certo, e que não haja nenhum modo de contê-lo?

- Daí, meu jovem, vou me manter tremendamente ocupado por duas semanas e meia, e o aconselho a fazer o mesmo. Assim o tempo passará mais depressa.

Claro que ele estava certo.

- Por onde começamos? - perguntei.

- A primeira coisa que precisamos é uma lista de todos os homens e mulheres da lista de pagamento do governo sob a direção de Tywood.

- Por quê?

- Raciocínio. É sua especialidade. Tywood não sabe grego, algo que podemos assumir com boa segurança; sendo assim, alguém deve ter feito a tradução. Não é provável que alguém fizesse um trabalho desse por nada, e não é provável que Tywood pagasse de sua renda pessoal - de seu salário de professor.

- Ele poderia - mostrei - tendo estado interessado num segredo maior do que a lista de pagamento do governo pode guardar.

- Por quê? Onde estava o perigo? É um crime passar para o grego um livro de química? Quem veria nisso uma trama como você descreveu?

Levamos meia hora para encontrar o nome de Mycroft James Boulder, que constava como "consultor", para descobrir que estava mencionado no catálogo da universidade como professor assistente de filosofia e para verificar, por telefone, que, entre as suas realizações, constava um conhecimento completo do grego ático.

O que foi uma coincidência - porque quando o chefe estava pegando seu chapéu, o teletipo do escritório funcionou, e descobrimos que Mycroft James Boulder estava na ante-sala, após duas horas de insistência para que fosse falar com o chefe.

O chefe largou o chapéu e abriu a porta de seu escritório.

O professor Mycroft James Boulder era um homem cinza. Seu cabelo era grisalho e seus olhos, cinzas. Seu terno também era cinza.

Mas, mais do que tudo, sua expressão era cinza; cinza com uma tensão que parecia torcer as linhas de seu rosto magro.

Bouder disse, suavemente: - Há três dias que venho tentando conseguir uma audiência, senhor, com um homem responsável. Não consegui ninguém superior ao senhor.

- Pode ser que eu seja suficientemente superior - disse o chefe. - O que há com você?

- É muito importante que eu consiga uma entrevista com o professor Tywood.

- Você sabe onde ele está?

- Tenho plena certeza de que está sob custódia do governo.

- Por quê?

- Porque sei que estava planejando uma experiência que provocaria a quebra dos regulamentos de segurança. Desde então, os acontecimentos, pelo que posso perceber, têm transcorrido a partir da suposição de que os regulamentos de segurança foram realmente quebrados. Posso presumir, então, que a experiência foi, pelo menos, tentada.

Preciso descobrir se foi concluída com sucesso.

- Professor Boulder - disse o chefe - creio que sabe ler grego.

- Sim, sei - disse friamente.

- E traduziu textos químicos para o professor Tywood, com o dinheiro do governo.

- Sim - como um consultor empregado legalmente.

- Todavia, esta tradução, em vista das circunstâncias, constitui um crime, pois o torna cúmplice do crime de Tywood.

- O senhor consegue estabelecer uma relação?

- E você não? Ou não ouviu falar nas noções de Tywood a respeito de viagem no tempo, ou... como vocês dizem... translação-micro-temporal?

- Ah? - e Boulder sorriu um pouco. - Então, ele lhe contou.

- Não, não contou - disse o chefe, asperamente. - O professor Tywood está morto.

- O que? - Em seguida: - Não acredito.

- Morreu de apoplexia. Veja isto.

Ele tinha uma das fotografias tiradas naquela primeira noite, no seu cofre de parede. O rosto de Tywood estava distorcido mas reconhecível estatelado e morto.

A respiração de Boulder ia e vinha como se ele estivesse entupido por dentro. Grudou os olhos na foto durante três minutos completos, segundo o relógio elétrico da parede. - Que lugar é este? - perguntou.

- A Usina de Energia Atômica.

- Ele havia concluído a experiência?

O chefe deu de ombros: - Não se pode dizer. Estava morto quando o encontramos.

Os lábios de Boulder estavam encolhidos e sem cor. - De alguma forma isto precisa ser determinado. Uma comissão de cientistas precisa ser formada e, se necessário, a experiência precisa ser repetida...

Mas o chefe apenas ficou olhando para ele e pegou um charuto. Eu nunca o vi demorar-se tanto tempo - e quando colocou o charuto sobre a mesa, torcido pelo seu uso indevido, disse: - Tywood escreveu um artigo para uma revista, há vinte anos atrás...

- Oh - e o professor torceu os lábios - foi isto que lhe deu sua pista? O senhor pode ignorar isto. O homem é apenas um cientista físico e não sabe nada sobre história ou sociologia. Sonhos de um colegial, nada mais.

- Então, você não acha que mandando sua tradução para o passado inaugurará uma Idade do Ouro, acha?

- Claro que não. O senhor acha que podemos transplantar os desenvolvimentos de um lento trabalho de dois mil anos para uma sociedade infantil, despreparada para isto? O senhor acha que uma grande invenção ou um grande princípio científico nasce totalmente pronto na mente de um gênio separado de seu milieu cultural? O enunciado de Newton da Lei da Gravidade demorou vinte séculos porque o número do diâmetro da Terra de então estava errado em dez por cento. Arquimedes quase descobriu o cálculo, mas não conseguiu porque os números arábicos, inventados por algum hindu ou grupo de hindus desconhecidos, não eram conhecidos por eles.

- A simples existência de uma sociedade escravizada na Grécia Antiga e em Roma significa que as máquinas quase não exerciam nenhuma atração - sendo os escravos tão mais baratos e mais adaptáveis. E homens com verdadeiros intelectos não deveriam gastar suas energias imaginando dispositivos destinados ao trabalho manual. Até mesmo Arquimedes, o maior engenheiro da antiguidade, recusou-se a publicar qualquer uma de suas invenções práticas - apenas abstrações matemáticas. E quando um jovem perguntou a Platão para que servia a geometria, este foi expulso da academia, como um homem com uma alma egoísta e não filosófica.

- A ciência não se precipita à frente - caminha lentamente nas direções permitidas pelas forças maiores que moldam a sociedade e que por sua vez, são moldadas pela sociedade. E nenhum grande homem avança a não ser nos ombros da sociedade que o cerca...

O chefe interrompeu-o neste ponto. - Então, que tal você nos contar qual foi a sua parte no trabalho de Tywood? com isto, aceitaremos as suas palavras de que a história não pode ser mudada.

- Oh, ela pode, mas não propositadamente - veja, quando Tywood precisou, pela primeira vez, de meus serviços na questão da tradução de certas passagens de um livro para o grego, aceitei pelo dinheiro envolvido. Mas ele queria a tradução em pergaminho; insistiu no uso da terminologia do grego antigo - da língua de Platão, como ele disse - sem pensar como eu teria de mudar o significado literal das passagens, e as queria escritas a mão, em rolos de pergaminho.

- Fiquei curioso. Eu, também, encontrei seu artigo na revista. Era difícil para mim chegar à conclusão óbvia, visto que as realizações da ciência moderna transcendem os pensamentos da filosofia em tantos aspectos. Mas, finalmente, soube a verdade, e ficou imediatamente óbvio que a teoria de Tywood de mudar a história era infantil. Há vinte milhões de variáveis a cada instante do tempo, e nenhum sistema matemático - nenhuma psico-história matemática - já foi desenvolvida para controlar este oceano de funções variáveis.

- Resumindo, qualquer variação nos acontecimentos de dois mil anos atrás modificaria toda a história subseqüente, mas de modo imprevisível.

O chefe sugeriu, com falsa tranqüilidade: - Como uma avalanche, certo?

- Exatamente. Vejo que o senhor está compreendendo a situação. Pensei profundamente durante semanas antes de resolver, e percebi como preciso agir - preciso agir.

Houve um rugido baixo. O chefe se levantou e sua cadeira caiu para trás. Deu a volta na escrivaninha e pôs uma mão na garganta de Boulder. Eu estava indo segurá-lo, mas ele me mandou de volta.

Estava apenas apertando um pouco o colarinho. Boulder ainda podia respirar. Ficou completamente branco, e durante todo o tempo em que o chefe falou, restringiu-se a apenas - respirar.

Disse o chefe: - Claro, estou vendo como você decidiu que deve agir. Sei que alguns de vocês, filósofos perturbados da cabeça, pensam que o mundo precisa de conserto.

Querem jogar o dado, de novo, e ver o que dá. Talvez nem se preocupem se vão estar vivos ou não com a mudança - ou se alguém saberá o que vocês fizeram. Mas, mesmo assim, vocês vão criar. Vão dar uma nova chance a Deus, por assim dizer.

- Talvez eu apenas queira viver - mas o mundo poderia ser pior. Em vinte milhões de maneiras diferentes, poderia ser pior. Um cara chamado Wilder escreveu, certa vez, uma peça chamada “Por um Triz”. Talvez você a tenha lido. Sua teoria era que a humanidade sobreviveu apenas por um triz. Não, não vou fazer uma conferência sobre a Idade do Gelo que quase acabou conosco. Não sei o bastante. Não vou nem falar sobre os gregos que ganharam a Maratona; sobre os árabes que foram derrotados em Tours; sobre os mongóis desistindo no último instante, sem mesmo serem derrotados - porque não sou historiador.

- Mas pegue o século XX. Os alemães foram detidos no Mame duas vezes na Primeira Grande Guerra. Dunkirk aconteceu na Segunda Grande Guerra, e, de alguma forma, os alemães foram detidos em Moscou e em Stalingrado. Poderíamos ter usado a bomba atômica na última guerra mas não usamos, e bem na hora em que parecia provável que os dois lados a usariam, veio o Grande Acordo - só porque o general Bruce demorou para decolar do Ceilão o suficiente para receber a mensagem diretamente. Uma após outra, exatamente assim, em toda a história - a sorte falha. Para cada “se” que não se tornou realidade, que faria de todos nós homens maravilha se tivesse, houve vinte “se” que não aconteceram, que teriam trazido a desgraça a todos nós se acontecessem.

- Você está jogando com esta chance uma em vinte - fazendo um jogo com cada vida da Terra. E conseguiu, também, porque Tywood realmente mandou este texto de volta.

Disse esta última frase e abriu o punho, para que Boulder caísse sentado novamente. E Boulder riu.

- Seu louco - disse amargamente - quão perto o senhor pode estar da verdade e quão longe, ao mesmo tempo. Então, Tywood realmente mandou seu livro ao passado? O senhor tem certeza disso?

- Não foi encontrado nenhum livro de química em grego - disse o chefe, seriamente - e milhões de calorias de energia haviam desaparecido. O que, entretanto, não muda o fato de que temos duas semanas e meia para tornarmos as coisas interessantes para você.

- Oh, bobagem. Por favor, sem dramas. Agora me ouça e tente entender. Houve, certa vez, filósofos gregos, chamados Leucippus e Democritus, que desenvolveram uma teoria atômica. Toda a matéria, diziam, era composta de átomos. As variedades de átomos eram distintas e imutáveis, e com combinações diferentes de umas com as outras, formavam as várias substâncias encontradas na natureza. Esta teoria não foi o resultado de experimentação e observação. Nasceu, por alguma razão, completa.

- O poeta didático romano Lucrécio, em seu "De Rerum Natura", "Da Natureza das Coisas" - aperfeiçoou esta teoria e conseguiu totalmente dar-lhe um ar espantosamente moderno.

- Nos tempos Helenísticos, Hero construiu uma máquina a vapor e armas de guerra tornaram-se quase mecanizadas. Refere-se a este período como uma idade mecanizada malograda, que deu em nada porque, por alguma razão, nem se originou nem se adaptou ao seu meio social e econômico. A ciência da Alexandria foi um fenômeno estranho e inexplicável.

- Em seguida, poderíamos mencionar a antiga lenda romana sobre os livros Sibilinos que continham informações misteriosas vindas diretamente dos deuses...

Em outras palavras, cavalheiro, enquanto o senhor está certo em dizer que qualquer mudança no curso dos acontecimentos passados, ainda que insignificante, teria conseqüências incalculáveis; e, enquanto acredito que o senhor está certo em supor que qualquer mudança é provavelmente para pior, tenho, não obstante, de lhe dizer que o senhor está errado em suas conclusões finais.

- Porque ESTE é o mundo para o qual o texto em grego de química FOI enviado.

- Esta foi uma corrida da Rainha de Copas, se é que o senhor se lembra de seu "Através do Espelho". No país da Rainha de Copas, tinha-se de correr o mais depressa possível para se ficar no mesmo lugar. E foi o que aconteceu neste caso! Tywood pode ter pensado que estava criando um novo mundo, mas fui eu quem preparou as traduções, e tomei cuidado para incluir apenas passagens que representassem a estranha pilha de conhecimentos que os antigos, aparentemente, não receberam de nenhum lugar.

- E minha única intenção, com toda a minha pressa, era ficar no mesmo lugar.

Três semanas se passaram; três meses; três anos. Não aconteceu nada. Quando nada acontece, você não tem nenhuma prova. Desistimos de tentar encontrar uma explicação e acabamos, o chefe e eu, por duvidar de toda a coisa.

O caso nunca terminou. Boulder não poderia ser considerado um criminoso sem ser considerado um salvador do mundo, também, e vice-versa. Foi ignorado. E, no fim, o caso não foi nem resolvido, nem encerrado; apenas colocado num arquivo sozinho, com a designação “?” e enterrado no buraco mais fundo de Washington.

O chefe está em Washington, no momento; um figurão. Eu sou o chefe regional do escritório.

Boulder ainda é professor assistente, todavia. As promoções demoram para sair, na universidade.

***

“A Corrida da Rainha de Copas”, minha qüinquagésima oitava estória, foi a primeira a ser escrita pelo Dr. Asimov.

Em setembro comecei uma outra estória, “Mãe-Terra , a submeti a Campbell em 12 de outubro de 1948. Após uma revisão comparativamente pequena do final, aceitou esta, também.

27

MÃE-TERRA

- Mas você tem certeza? Tem certeza de que até mesmo um historiador profissional sempre sabe distinguir uma vitória de uma derrota?

Gustav Stein, que fez esta gozação, não era historiador. Era um fisiologista.

Mas seu companheiro era um historiador, e aceitou a gentil investida com um sorriso próprio.

O apartamento de Stein era, para a Terra, bastante luxuoso. Faltava-lhe a privacidade vazia dos Mundos Cósmicos, é claro, visto que, de sua janela, estendia-se um fenômeno que pertencia exclusivamente ao seu planeta natal - a cidade. Uma grande cidade, cheia de gente, ombros se tocando, suores se misturando...

Tampouco era o apartamento de Stein aparelhado como poderia ser. Faltava-lhe a cota mais elementar de robôs positrônicos. Em resumo, faltava-lhe a dignidade da auto-suficiência, e como todas as coisas na Terra, era simplesmente parte de uma comunidade, uma unidade pendurada de um conjunto de apartamentos, uma porção de uma multidão.

Mas Stein era um terráqueo de nascimento e estava acostumado com ela. E, afinal de contas, pelos padrões da Terra, o apartamento ainda era luxuoso.

Era através das mesmas janelas que se podiam ver as estrelas e, entre elas, os Mundos Cósmicos, onde não havia cidades, só jardins; onde os gramados eram camadas de esmeralda, onde todos os seres humanos eram reis, e onde todos os bons terráqueos esperavam, ansiosamente e inutilmente, ir algum dia. Com exceção de alguns que conheciam melhor - como Gustav Stein.

As noites de sextas-feiras com Edward Field pertenciam àquele tipo de ritual que chega com a idade e com a vida tranqüila. Quebrava, agradavelmente a monotonia da semana dos dois solteirões, e lhes dava um motivo inócuo para se demorarem no licor e

nas estrelas. Afastava-os da crueldade da vida, e, mais do que tudo, dava-lhes uma oportunidade de conversarem.

Field, especialmente, sendo um confererencista, erudito e homem de poucas posses, citava os capítulos e frases de sua história, ainda incompleta, do Império Terrestre.

- Estou esperando o último ato - explicou. - Depois, poderei intitulá-lo o "Declínio e Queda do Império" e publicá-lo.

- Você deve achar, então, que o último ato virá logo.

- Num certo sentido, já veio. Apenas é melhor esperar até que todos reconheçam este fato. Veja, há três etapas quando um império, um sistema econômico ou uma instituição social decaem, seu cético...

Field fez uma pausa para dar maior efeito e esperou pacientemente Stein dizer: - E quais são?

- Primeiro - Field ergueu o dedo indicador - há uma etapa onde aparece um pontinho indicando um caminho inexorável para o fim. Não pode ser visto nem reconhecido até o fim chegar, quando o pontinho original torna-se visível aos que têm uma percepção menor.

- E você pode me dizer que pontinho é esse?

- Acho que sim, visto que tive a vantagem de um século e meio de percepção tardia. Surgiu quando a colônia do setor sírio, Aurora, obteve, pela primeira vez, permissão do governo central da Terra para introduzir robôs positrônicos em sua vida comunitária. Obviamente, quando se olha para trás, estava aberto o caminho para o desenvolvimento de uma sociedade totalmente mecanizada baseada no trabalho de robôs, e não de seres humanos. E esta mecanização é que foi e será o fator decisivo na luta entre os Mundos Cósmicos e a Terra.

- É? - murmurou o fisiologista. - Como vocês, historiadores, são infernalmente espertos. O que é e onde foi a segunda vez que o império caiu?

- O segundo ponto no tempo - e Field levantou o dedo médio chega quando é preciso fazer um letreiro tão grande e claro que possa ser visto sem a ajuda da perspectiva.

E este ponto também já passou, com o primeiro estabelecimento de uma cota de imigração pelos Mundos Cósmicos contra a Terra. O fato de que a Terra viu-se incapaz de impedir uma ação tão claramente prejudicial a ela própria foi um grito para todos ouvirem, e isto foi há cinqüenta anos atrás.

- Cada vez melhor. E o terceiro ponto?

- O terceiro ponto? - Ergueu o anular. - Este é o menos importante. Este é quando o letreiro torna-se uma parede enorme com um “Fim” rabiscado sobre ela. A única condição para se saber que o fim chegou, então, não é nem a perspectiva nem o treinamento, mas, meramente, a habilidade de se ver televisão.

- Acho, então, que o terceiro ponto ainda não veio.

- Obviamente que não, senão você não precisaria me perguntar.

- Todavia, pode vir, brevemente; por exemplo se houver uma guerra.

- Você acredita que haverá?

Field evitou uma afirmação categórica. - Os tempos estão incertos, e há muita emoção fútil assolando a Terra por causa da questão da imigração.

E se houvesse uma guerra, a Terra seria derrotada rápida e duradouramente, e a parede seria erigida.

- Você tem certeza? Tem certeza de que até mesmo um historiador profissional sempre sabe distinguir uma vitória de uma derrota?

Field sorriu. Disse: - Talvez você saiba algo que não sei. Por exemplo, falam sobre algo chamado “Projeto Pacífico”.

- Nunca ouvi falar. - Stein tornou a encher os dois copos. - Vamos falar de outras coisas.

Ergueu seu copo na direção da janela, fazendo com que as estrelas brilhassem em tons de rosa no líquido e disse: - A um final feliz para os problemas da Terra.

Field levantou o seu - Ao Projeto Pacífico.

Stein tomou um gole suavemente e disse: - Mas nós estamos bebendo a duas coisas diferentes.

- Estamos?

É bastante difícil descrever qualquer um dos mundos Cósmicos a um terráqueo nativo, visto que não se trata tanto de uma descrição de um mundo, mas de um estado de

espírito. Os Mundos Cósmicos - uns cinqüenta, primeiramente colônias, mais tarde domínios, mais tarde nações - são extremamente diferentes entre si num sentido físico. Mas o estado de espírito é praticamente o mesmo em todos eles.

É algo que surge de um mundo originariamente incompatível com a espécie humana, todavia habitado pela nata das pessoas difíceis, diferentes e ousadas.

Para se dizer numa única palavra, esta palavra é "individualidade."

Há o mundo de Aurora, por exemplo, a três parsecs da Terra. Foi o primeiro planeta colonizado fora do sistema solar, e representou a aurora das viagens interestelares.

Daí o seu nome.

Possuía ar e água para o começo, talvez, mas pelos padrões da Terra era rochosa e infértil. A vida vegetal que realmente existia, formada por um pigmento amarelo esverdeado completamente diferente da clorofila e não tão eficiente quanto esta, dava às regiões comparativamente férteis um aspecto bilioso e desagradável aos olhos desacostumados. Não havia nenhuma vida animal mais alta do que a unicelular, bem como a equivalente à bactéria. Nada perigoso, naturalmente, visto que os dois sistemas biológicos, o da Terra e o de Aurora, não possuíam qualquer relação química.

Aurora tornou-se, bem gradativamente, um canteiro. Sementes e árvores frutíferas foram as que chegaram primeiro; depois, arbustos, flores e grama. Em seguida, grandes quantidades de gado. E, como se fosse necessário impedir uma cópia demasiadamente fiel do planeta-mãe, vieram também robôs positrônicos para construírem as mansões, formarem as paisagens e instalarem as unidades de força. Em resumo, para fazerem o trabalho e tornarem o planeta verde e humano.

Havia o luxo de um mundo novo e reservas minerais ilimitadas. Ha: via o excesso esplêndido de energia atômica instalada em novas fundações com apenas milhares, ou, no máximo, milhões, e não bilhões, de pessoas para servir. Havia o imenso florescer da ciência física, em mundos onde havia espaço para ela.

Vejam a casa de Franklin Maynard, por exemplo, o qual, com sua esposa, três filhos e vinte e sete robôs, vivia num estado a mais de quarenta milhas de distância de seu vizinho mais próximo. Todavia, através da onda comunitária, podia, se quisesse, estar na sala de qualquer um dos setenta e cinco milhões de habitantes de Aurora - com cada um, separadamente; com todos, simultaneamente.

Maynard conhecia cada polegada de seu vale. Sabia exatamente onde acabava, abruptamente, para dar lugar aos penhascos, nos quais agarravam-se as folhas angulosas e afiadas do tojo nativo - como que odiando a matéria mais suave que lhe havia usurpado o lugar no sol.

Maynard não precisava sair deste vale. Era deputado na Assembléia e membro do Comitê de Agentes Estrangeiros, mas podia discutir qualquer negócio, com exceção do algo extremamente essencial, pela onda comunitária, sem nunca sacrificar aquela preciosa privacidade que precisava ter, de um modo que nenhum terráqueo entenderia.

Até mesmo o assunto no momento podia ser resolvido pela onda comunitária. O homem, por exemplo, que estava sentado com ele em sua sala, era Charles Hijkman e este, na verdade, estava sentado em sua própria sala, numa ilha de um lago artificial com cinqüenta variedades de peixes que por acaso, ficava a duas mil e quinhentas milhas de distância, no espaço.

A conexão era uma ilusão, claro. Se Maynard estendesse a mão, poderia sentir a parede invisível.

Até os robôs estavam bem acostumados com o paradoxo, e quando Hijkman quis um cigarro, o robô de Maynard não se mexeu para satisfazer este desejo, embora meio minuto se passou até que o robô de Hijkman o trouxesse.

Os dois homens estavam falando como nativos dos Mundos Cósmicos, isto é, formalmente e com as sílabas muito entrecortadas para serem cordiais, mas, ainda assim, sem hostilidade. Simplesmente havia uma falta indefinível da sociabilidade humana - ainda que azeda e escassa, às vezes - imposta com tanta força aos formigueiros da Terra.

Maynard disse: - Há muito tempo que venho desejando ter uma conversa particular, Hijkman. Minhas obrigações na Assembléia, este ano...

- Claro. Eu compreendo. É óbvio que você é bem vindo. Na verdade, especialmente bem-vindo, visto que ouvi falar da natureza superior de suas terras e paisagens. É verdade que seu gado é alimentado com grama importada?

- Receio que isto seja um pouco de exagero. Na verdade, algumas de minhas melhores vacas leiteiras são alimentadas com produtos importados da Terra durante a gestação, mas isto ficaria caro demais se eu o tornasse uma prática generalizada.

Entretanto, faz um leite extraordinário. Poderia ter o privilégio de lhe mandar uma de minhas produções diárias?

- Seria muito gentil de sua parte. - Hijkman abaixou a cabeça, gravemente. - Você precisa receber alguns de meus salmões, em troca.

Para um olho terráqueo, os dois homens poderiam parecer bastante semelhantes. Ambos eram altos, ainda que não excessivamente para Aurora, onde a média de altura do homem adulto é de seis pés e uma polegada e meia. Ambos eram loiros e de músculos fortes, com características pronunciadas. Embora nenhum tivesse menos de quarenta anos, a meia-idade quase não se fazia notar em ambos.

Bastava de amenidades. Sem uma mudança no tom, Maynard procedeu ao ponto sério de sua visita.

Disse: - O Comitê está, no momento, bastante comprometido com Moreanu e seus Conservadores. Gostaríamos de lidar com eles com firmeza, nós, os Independentes. Mas antes de fazermos isto com calma e certeza, eu gostaria de lhe fazer algumas perguntas.

- Por que eu?

- Por que você é o físico mais importante de Aurora.

A modéstia não é uma atitude natural, e é com muita dificuldade que se a ensina às crianças. Numa sociedade individualista, ela é inútil e Hijkman, portanto, não ficou embaraçado. Apenas acenou confirmando, objetivamente, as últimas palavras de Maynard.

- E - continuou Maynard - como um de nós, você é um Independente.

- Sou um membro do Partido. Contribuinte, mas não muito ativo.

- Não obstante, seguro. Agora, diga-me, já ouviu falar no "Projeto Pacífico"?

- O "Projeto Pacífico"? - Houve uma pergunta polida em suas palavras.

- É algo que está acontecendo na Terra. O Pacífico é um oceano terrestre, mas o nome em si, provavelmente, não tem nenhum significado.

- Nunca ouvi falar nele.

- Não fico surpreso. Poucos ouviram, mesmo na Terra. A propósito, nossa comunicação se faz pelo rádio e não podemos ir além disso.

- Entendo.

- Seja o Projeto Pacífico o que for - e nossos agentes são extremamente vagos - é concebível pensar que poderia ser uma ameaça. Muitos daqueles que, na Terra, passam por cientistas parecem estar ligados a ele. Assim como, alguns dos políticos mais tolos e radicais da Terra.

- Hm-m-m. Há algum tempo, houve alguma coisa chamada Projeto Manhattan.

- Sim - incitou Maynard - e que tal este?

- Ah, é uma coisa antiga. Ocorreu-me simplesmente por causa da analogia dos nomes. O Projeto Manhattan foi da época anterior às viagens extraterrestres. Houve alguma guerrinha nas idades obscuras, e foi o nome dado a um grupo de cientistas que desenvolveram a energia atômica.

- Ah - e Maynard fechou as mãos - e o que pensa que o Projeto Pacífico pode fazer, então?

Hijkman pensou. Então, suavemente: - Você acha que a Terra está planejando uma guerra?

Surgiu uma repentina expressão de desgosto na face de Maynard. Seis bilhões de pessoas. Seis bilhões de meio-macacos, melhor dizendo, apinhados num sistema a ponto de explodir, vendo apenas alguns milhares de nós, no total. Você não acha que é uma situação perigosa?

- Oh, números!

- Muito bem. Estamos salvos, apesar dos números? Diga-me. Sou apenas um administrador e você é um físico. A Terra pode, de algum modo, ganhar a guerra?

Hijkman sentou-se solenemente em sua cadeira e pensou cuidadosa e demoradamente. Então disse: - Vamos raciocinar. Há três grandes classes de métodos pelas quais um indivíduo ou um grupo pode alcançar seus objetivos contra a oposição. Num nível mais sutil, estas três classes podem ser denominadas física, biológica e psicológica.

Bem, a física pode ser facilmente eliminada. A Terra não tem um passado industrial. Não tem um “know-how” técnico. Tem recursos muito limitados. Não tem nem mesmo um único físico de nome. Assim sendo, é impossível, mais do que tudo nesta galáxia, que possam desenvolver qualquer forma de aplicação físicoquímica que já não seja conhecida pelos Mundos Cósmicos. Isto, é claro, contando-se que a Terra se oporá

sozinha aos Mundos Cósmicos. Estou partindo do princípio de que nenhum dos Mundos Cósmicos pretende unir-se à Terra contra nós.

Maynard fez uma oposição violenta até mesmo à sugestão. - Não, não, não. Não há o que discutir quanto a isso. Tire isso de sua cabeça.

- Então, não podemos pensar em armas físicas desconhecidas. Não é necessário continuar a discutir este ponto.

- Então, e a segunda classe, a biológica?

Hijkman ergueu as sobrancelhas lentamente: - bom, esta é menos segura. Alguns biólogos terrestres são bastante competentes, pelo que me disseram. Naturalmente, visto que eu próprio sou um físico, não estou inteiramente qualificado para julgar isto. Todavia, acredito que, em certos campos restritos, eles ainda são “experts”. Na ciência da agricultura, é claro, para dar um exemplo óbvio. E em bacteriologia. Hum-m-m...

- Sim, e uma guerra bacteriológica?

- Que pensamento! Não, não, praticamente inconcebível. Um mundo lotado como a Terra não pode lutar com germes contra cinqüenta mundos espalhados. Estão infinitamente mais sujeitos a epidemias, isto é, a uma vingança nos mesmos termos. Na realidade, eu diria que, com as condições de vida de Aurora e dos outros Mundos Cósmicos, nenhuma doença contagiosa poderia realmente nos atingir. Não, Maynard. Você pode verificar com um bacteriologista, mas acredito que ele lhe dirá o mesmo.

Maynard disse: - E a terceira classe?

- A psicológica? Bem, esta é imprevisível. Todavia os Mundos Cósmicos são inteligentes e comunidades ricas, não influenciáveis por propagandas políticas comuns ou por esta questão, a ponto de serem tomados por uma onda de emocionalismo prejudicial. Agora, eu só fico pensando se...

-Sim?

- E se o Projeto Pacífico for exatamente isto? Quero dizer, uma maneira de nos desequilibrar. Algo altamente secreto, mas criado com a intenção de que seja transpirado bem à moda antiga, para que os Mundos Cósmicos cedam um pouco à Terra, simplesmente para se garantirem.

Houve um longo silêncio.

- Impossível - explodiu Maynard com raiva.

- Você está reagindo como se deve. Você está hesitando. Mas eu não estou forçando esta interpretação. É apenas um pensamento.

Um silêncio maior, e em seguida Hijkman falou de novo: - Há alguma outra pergunta?

Maynard interrompeu sua divagação. - Nada... não...

A onda foi interrompida e apareceu uma parede onde havia espaço, há um momento atrás.

Lentamente, persistindo em sua descrença, Franklin Maynard balançou a cabeça.

Ernest Keilin subiu as escadas sentindo pena de todos os séculos passados. O prédio era velho e coberto com teias de aranha pela história. Chegou a abrigar o Parlamento do Homem e dele saíam as palavras que iam grudar-se nas estrelas.

Era um prédio alto. Elevava-se - esticava-se - fazia força. Em direção às estrelas; às estrelas que agora lhe haviam dado as costas.

Não mais abrigava nem mesmo o Parlamento da Terra. Este havia sido transferido para um prédio mais novo, em estilo neoclássico, um que imitava, precariamente, os estilos arquitetônicos da antiga era pré-atômica.

Todavia, o prédio mais antigo ainda trazia seu grande nome. Oficialmente, ainda era a Casa Estelar, mas abrigava apenas os funcionários de uma burocracia decadente, no momento.

Keilin desceu no décimo segundo andar, e o elevador imediatamente voltou para baixo. O letreiro luminoso dizia suave e silenciosamente: Bureau de Informações. Entregou uma carta á recepcionista. Esperou. E finalmente, atravessou a porta onde estava escrito “L. Z. Cellioni - Secretário de Informações”.

Cellioni era baixinho e escuro. Seu cabelo era grosso e preto e seu bigode, fino e preto. Seus dentes, quando sorria, eram espantosamente brancos e regulares - por isso sorria muito.

Estava sorrindo, agora, ao se levantar e estendeu a mão. Keilin tomou-a, assim como um lugar e um charuto que lhe foram oferecidos.

Cellioni disse: - Estou muito contente em vê-lo, Sr. Keilin. Foi gentileza de sua parte tomar um avião em Nova Iorque por causa de um recado tão curto.

Keilin abaixou os cantos dos lábios e fez um gesto com uma mão, desprezando todo esse negócio.

- E agora - continuou Cellioni - presumo que o senhor gostaria de ter uma explicação sobre tudo isso.

- Não recusaria uma - disse Keilin.

- Infelizmente, é difícil saber exatamente como explicar. Como secretário de informações, minha posição é difícil. Preciso salvaguardar a segurança e o bem-estar da Terra e, ao mesmo tempo, observar a nossa tradicional liberdade de imprensa. Naturalmente, e felizmente, não temos nenhuma censura, mas naturalmente, também, há horas em que quase poderíamos desejar que tivéssemos.

- Isto - perguntou Keilin - é com referência a mim? Quero dizer, sobre a censura?

Cellioni não respondeu diretamente. Em lugar disso, sorriu novamente, lentamente, e com uma ausência notável de jovialidade.

Disse: - O senhor, sr. Keilin, tem um dos programas de televisão mais assistidos e influentes. Portanto, o senhor é de um especial interesse para o governo.

- A hora é minha - disse Keilin, com teimosia. - Pago por ela. Pago meu imposto de renda. Obedeço todas as leis comuns que regem os tabus. Portanto, realmente não vejo por que poderia despertar tanto interesse no governo.

- Oh, o senhor não me entendeu. Acho que o erro foi meu, por não ter sido mais claro. O senhor não cometeu nenhum crime, nem desrespeitou qualquer lei. Eu apenas admiro sua habilidade jornalística. Estou me referindo à sua atitude editorial em algumas vezes.

- Com respeito a quê?

- Com respeito - disse Cellioni, com uma dureza repentina em seus lábios finos - à nossa política em relação aos Mundos Cósmicos.

- Minha atitude editorial representa o que sinto e penso, sr. Secretário.

- Admito que seja assim. O senhor tem o seu direito de sentir e pensar. Todavia, é injudicioso espalhar suas idéias todas as noites a uma audiência de meio bilhão de pessoas.

- Injudicioso, talvez, para o senhor. Mas legal, para qualquer pessoa.

- Às vezes, é necessário colocar o bem do país acima de uma interpretação restrita e egoísta da legalidade.

Keilin bateu o pé no chão duas vezes e franziu a testa.

- Olhe - disse - fale com franqueza. O que é que o senhor quer? O secretário de informações abriu as mãos para ele. - Numa palavra - cooperação! Realmente, sr. Keilin, não podemos deixar o senhor enfraquecer a vontade do povo. O senhor avalia a posição da Terra? Seis bilhões e um suprimento alimentar decadente! É insuportável! E a emigração é a única solução. Nenhum terráqueo pode deixar de ver a justiça de nossa posição. Nenhum ser humano razoável pode deixar de ver a justiça disso. Keilin disse: - Concordo com a sua premissa de que o problema da população é sério, mas a emigração não é a única solução. De fato, a emigração é o caminho certo para o apressamento da destruição.

- É mesmo? E por que o senhor diz isto?

- Por que os Mundos Cósmicos não permitirão a emigração, e o senhor só poderá forçá-los a isto pela guerra. E nós não podemos ganhar uma guerra.

- Diga-me - disse Cellioni suavemente - o senhor já tentou emigrar, alguma vez? Parece-me que o senhor teria as condições necessárias. É bem alto, tem cabelos loiros, é inteligente...

O homem da televisão corou. Disse secamente: - Tenho febre do feno.

- Bem - e o secretário sorriu - então o senhor deve ter boas razões para desaprovar as políticas genéticas e racistas arbitrárias deles.

Keilin respondeu, esquentado: - Não me influencio pelos meus motivos pessoais. Eu desaprovaria aquela política mesmo que tivesse todas as qualidades para emigrar.

Mas minha desaprovação não alteraria nada. As políticas deles são deles, e podem pô-las em prática. Além disso, suas políticas têm alguma razão, ainda que erradas.

A espécie humana está começando, novamente, nos Mundos Cósmicos e eles - os que chegaram lá primeiro - gostariam de eliminar algumas das falhas do mecanismo humano que se tornaram óbvias com o tempo. Um portador da febre do feno é um ovo podre - geneticamente. Um portador de câncer, muito mais. Os preconceitos que têm contra a cor da pele e do cabelo não têm sentido, é claro, mas posso assegurar que estão

interessados em uniformidade e homogeneidade. E, quanto à Terra, podemos fazer muita coisa mesmo sem a ajuda dos Mundos Cósmicos.

- O que, por exemplo?

- Robôs positrônicos e uma lavoura hidropônica deveriam ser introduzidos e - mais do que tudo - deve ser instituído o controle de nascimento. Um controle de nascimento inteligente, isto é, baseado em rígidos princípios psiquiátricos tencionados à eliminação das tendências psicóticas, das enfermidades congênitas...

- Como fazem nos Mundos Cósmicos...

- De modo algum. Não mencionei princípios racistas. Falo apenas em enfermidades físicas e mentais que estão presentes em todos os grupos étnicos e raciais. E, principalmente, o número de nascimentos deve ser mantido abaixo do número de mortes até se atingir um equilíbrio sadio.

Cellioni disse, com um sorriso: - Faltam-nos as técnicas industriais e os recursos para introduzirmos uma tecnologia robô-hidropônica em menos de cinco séculos.

Além disso, as tradições da Terra, bem como as crenças éticas correntes, proíbem o trabalho feito por robôs e alimentos artificiais. Principalmente, proíbem o massacre de crianças não-nascidas. Ora, Keilin, veja, não podemos deixar você transmitir isto pelo vídeo. Não funciona; distrai a atenção; enfraquece a vontade.

Keilin interrompeu bruscamente: - Sr. Secretário, o senhor quer uma guerra?

- Se eu quero uma guerra? Esta é uma pergunta imprudente.

- Então, quais são os políticos do governo que realmente querem uma guerra? Por exemplo, quem é o responsável pelo rumor planejado sobre o Projeto Pacífico?

- Projeto Pacífico? E onde você ouviu isso?

- Minhas fontes são o meu segredo.

- Então, eu lhe direi. Você ouviu falar nesse Projeto Pacífico por Moreanu de Aurora, em sua recente viagem à Terra. Sabemos mais sobre o senhor do que supõe, Sr. Keilin.

- Acredito mesmo, mas não admito que recebi informações de Moreanu. Por que o senhor pensa que eu poderia obter informações dele? Seria porque deixaram-no deliberadamente saber sobre esta besteira?

- Besteira?

- Sim. Acho que o Projeto Pacífico é uma farsa. Uma farsa com a intenção de inspirar confiança. Acho que o governo planeja deixar este segredo transpirar, para fortalecer sua política de guerra. Faz parte de uma guerra de nervos feita contra os próprios povos da Terra, e será, no final, a ruína deste planeta.

- Eu vou levar esta minha teoria até o povo.

- O senhor não irá, sr. Keilin - disse Cellioni em voz baixa.

- Irei.

- Sr. Keilin, seu amigo, Ion Moreanu, está tendo problemas em Aurora por ser demasiadamente cordial com o senhor. Tome cuidado para que o mesmo não lhe aconteça por ser demasiadamente cordial com ele.

- Não estou preocupado. - O homem da televisão deu uma risada curta, pôs-se de pé e dirigiu-se à porta.

Keilin sorriu gentilmente quando encontrou a porta bloqueada por dois homens enormes: - Isto quer dizer que estou preso.

- Exatamente - disse Cellioni.

- Sob que acusação?

- Pensaremos numa, mais tarde. Keilin saiu - escoltado.

Em Aurora, o espelho da situação acima descrita estava acontecendo, só que em maior escala.

O Comitê de Agentes Estrangeiros da Assembléia estava reunido há vários dias, agora - desde a sessão da Assembléia na qual Ion Moreanu e seu Partido Conservador fizeram o possível para forçarem um voto de desconfiança. Que houvesse falhado era devido, em parte, à política geral superior dos Independentes, e, em parte, à atividade deste mesmo Comitê de Agentes Estrangeiros.

Havia meses, agora, que as provas haviam sido acumuladas, e, quando o voto de confiança foi dado a favor dos Independentes, o Comitê pôde atacar a seu modo.

Moreanu foi intimado em sua própria casa e colocado em prisão domiciliar. Embora a prisão domiciliar não fosse, devido às circunstâncias, legal - fato apontado enfaticamente por Moreanu - foi, no entanto, cumprida com sucesso.

Durante três dias, Moreanu foi inteiramente examinado, em tons de voz polidos e impassíveis que quase não indicavam nada que não fosse uma curiosidade desprovida de emoção. Os sete inquisidores do Comitê revezavam-se no interrogatório, mas Moreanu

tinha direito a apenas dez minutos de intervalo, durante todas as horas em que o Comitê esteve presente.

Depois de três dias, ele começou a mostrar os efeitos. Estava rouco de tanto pedir para ver seus acusadores; exausto de tanto insistir em que fosse informado da natureza exata das acusações; com a garganta estourada de tanto gritar contra a ilegalidade do procedimento.

Finalmente, o Comitê leu afirmações para ele:

- É verdade ou não? É verdade ou não?

Moreanu podia apenas balançar a cabeça de modo cansado quando o envolviam com a afirmação.

Desafiou a competência das provas e foi informado brandamente de que os procedimentos constituíam uma investigação do Comitê e não um julgamento.

Finalmente, o presidente bateu seu martelo. Era um homem franco e tremendamente decidido. Falou por uma hora para dar o resumo final dos resultados do inquérito, mas apenas uma parte relativamente pequena dele precisou ser mencionada.

Disse: - Se você tivesse meramente conspirado com outros de Aurora, poderíamos entendê-lo, e até perdoá-lo. Este erro teria sido considerado como um a mais dos homens ambiciosos que encontramos na história. Mas não foi nada disso. O que nos horroriza e acaba com toda a nossa piedade é a sua ânsia de associar-se com os remanescentes doentes, ignorantes e sub-humanos da Terra.

- Você, o acusado, encontra-se aqui sob um enorme peso de provas que mostram ter conspirado com os piores elementos da população mestiça da Terra...

O presidente foi interrompido por um grito agonizante de Moreanu.

- Mas o motivo! Qual o motivo que o senhor pode atribuir...

O acusado foi empurrado de volta à sua cadeira. O presidente apertou os lábios e saiu da gravidade de sua palestra preparada para um pouco de improvisação.

- Não cabe - disse - a este Comitê descobrir seus motivos. Mostramos os fatos do caso. O Comitê tem a evidência... - Fez uma pausa e olhou a linha de membros, de um lado a outro, para, depois, prosseguir. Acho que posso dizer que o Comitê tem provas que mostram sua intenção de usar o poder dos terráqueos para arquitetar um golpe que o

tornaria ditador em Aurora. Mas, visto que as provas não foram usadas, não me aprofundarei nisto, a não ser para dizer que este resultado é consistente com seu caráter, como ficou mostrado nessas audiências.

Voltou à sua palestra. - Aqueles dentre nós que estão aqui ouviram, acredito, algo chamado "Projeto Pacífico" o qual, segundo os rumores, representa uma tentativa, por parte da Terra, de reaver seus domínios perdidos.

- Seria inútil enfatizar aqui que qualquer tentativa do gênero deve consagrar-se ao fracasso. Todavia, uma derrota para nós não é inteiramente inconcebível. Uma coisa pode fazer-nos tropeçar, e esta coisa é uma fraqueza interna insuspeitada. A genética ainda é, afinal de contas, uma ciência imperfeita. Mesmo com vinte gerações atrás de nós, características indesejáveis podem aflorar em pontos isolados, e cada uma representa uma falha no escudo de aço da força de Aurora.

- Isto é o Projeto Pacífico - o uso de nossos próprios criminosos e traidores contra nós; e se conseguirem encontrar um dentre de nossos conselhos internos, os terráqueos poderão, até mesmo, vencer.

- O Comitê de Agentes Estrangeiros existe para combater esta ameaça. No acusado, estamos tocando as pernas desta aranha. Temos de continuar...

De qualquer forma, a palestra continuou.

Quando foi concluída, Moreanu, pálido, de olhos arregalados, armou seu punho. - Peço a palavra...

- O acusado pode falar - disse o presidente.

Moreanu levantou-se e olhou ao seu redor por um instante. A sala, feita para uma audiência de setenta e cinco milhões de pessoas pela onda comunitária, estava vazia.

Havia os inquisidores, a equipe legal, pessoas para fazerem os relatórios oficiais - e com ele, em carne e osso, seus guardas.

Ele teria se saído melhor com uma audiência. Sem ela, a quem ele poderia apelar? Seu olhar passou desesperançosamente por todos os rostos, mas não conseguiu achar nada melhor.

- Primeiramente - disse - nego a legalidade desta reunião. Meus direitos constitucionais de privacidade e individualidade foram negados. Fui julgado por um grupo que não representa uma corte, por indivíduos previamente convencidos de minha culpa.

Negaram-me uma oportunidade adequada para eu me defender. De fato, fui tratado a todo momento como um criminoso julgado que está aguardando a sentença.

- Nego completamente e sem reservas, que estou engajado numa atividade prejudicial ao estado ou que tende a subverter suas instituições fundamentais.

- Acuso, vigorosamente e sem reservas, este Comitê de usar seus poderes deliberadamente para ganhar batalhas políticas. Sou culpado não de traição, mas de desacordo.

Discordo com a política dedicada à destruição da maior parte da raça humana por motivos que são triviais e desumanos.

- Ao invés de destruição, devemos fornecer assistência a estes homens que estão condenados a uma vida dura e infeliz apenas porque foram os nossos ancestrais, e não os deles, que, por acaso, chegaram primeiro aos Mundos Cósmicos. com a nossa tecnologia e recursos, eles podem, todavia, criar e desenvolver novamente...

A voz do presidente calou o quase sussurro de Moreanu. - Você está fugindo às normas. O Comitê está bem preparado para ouvir qualquer comentário que deseje fazer em sua defesa, mas um sermão sobre os direitos dos terráqueos está fora do domínio legítimo da discussão.

As audiências foram formalmente encerradas. Foi uma grande vitória política para os Independentes; todos concordariam com isto. Dos membros do comitê, apenas Franklin

Maynard não estava completamente satisfeito. Permanecia uma dúvida pequena e inoportuna.

Ele ficava imaginando...

Deveria tentar, pela última vez? Deveria falar mais uma vez e nunca mais com aquele estranho embaixador macaco da Terra? Tomou uma decisão rapidamente e agiu na mesma hora. Somente uma pausa para arranjar uma testemunha, visto que, até mesmo para ele, uma conversa particular sem testemunhas com um terráqueo poderia ser perigoso.

Luiz Moreno, embaixador da Terra em Aurora, era uma figura miserável de um homem. E isto não era exatamente um acidente. No conjunto, os diplomatas estrangeiros da Terra tinham tendência para serem negros, baixos, mirrados ou fracos - ou tudo isto.

Isto era apenas uma autoproteção, visto que os Mundos Cósmicos exerciam uma forte atração em todos os terráqueos. Diplomatas expostos à fascinação de Aurora, por exemplo, voltavam à Terra extremamente relutantes. Uma exposição pior e mais perigosa significava uma simpatia crescente pelos semideuses das estrelas e uma crescente alienação dos habitantes miseráveis da Terra.

A menos, é claro, que o embaixador fosse rejeitado. A menos que se visse, de algum modo, desprezado. Então, não se podia imaginar um criado mais fiel da Terra, nem uma pessoa menos sujeita à corrupção.

O embaixador da Terra tinha cinco pés e duas polegadas, era calvo, com uma testa entrada, com uma irritação na barba e olhos avermelhados. Estava com um pouco de gripe, cujos resultados ele abafava num lenço. Ainda assim, era um homem de intelecto.

Para Franklin Maynard, a visão e o som de um terráqueo eram penosos. Ficou enjoado com as tosses e tremia quando o embaixador assoava o nariz.

Maynard disse: - Sua excelência, estamos tendo esta conversa particular, a meu pedido, porque desejo informá-lo que a Assembléia decidiu pedir a sua volta ao governo da Terra.

- É muita gentileza de sua parte, conselheiro. Eu já estava suspeitando. E por que motivo?

- O motivo não faz parte desta discussão. Acredito ser a prerrogativa de um estado soberano decidir por si próprio se um representante estrangeiro deve ser persona grata ou não. E também não penso que o senhor precise de um esclarecimento neste assunto.

- Muito bem, então. - O embaixador fez uma pausa para usar o lenço e se desculpou. - É só isso?

Maynard disse: - Não é tudo. Há algumas questões que eu gostaria de mencionar. Fique!

As narinas avermelhadas do embaixador brilharam um pouco, mas ele sorriu e disse: - É uma honra.

- Seu mundo, excelência - disse Maynard, altivamente - está mostrando uma certa beligerância que nós, em Aurora, consideramos tremendamente incômoda e desnecessária.

Tenho certeza de que o senhor considerará sua volta à Terra, a essa altura dos acontecimentos, uma oportunidade conveniente para usar sua influência contra demonstrações posteriores semelhantes às que ocorreram recentemente em Nova Iorque, quando dois aurorianos foram maltratados por uma multidão. O pagamento de uma indenização poderá não ser suficiente, na próxima vez.

- Mas aquilo foi um extravasamento emocional, conselheiro Maynard. Naturalmente, o senhor não pode considerar uma representação adequada de beligerância o fato de jovens estarem gritando nas ruas.

- As ações de seu governo apoiam este ato em diversas maneiras. A recente prisão do sr. Ernest Keilin, por exemplo.

- O que é um negócio puramente doméstico - disse o embaixador, calmamente.

-Mas não um negócio que demonstra uma mentalidade razoável em relação aos Mundos Cósmicos. Keilin era um dos poucos terráqueos que, até recentemente, podia fazer com que suas vozes fossem ouvidas. Era inteligente o bastante para perceber que nenhum direito divino protege o homem inferior, simplesmente por ser inferior.

O embaixador se levantou: - Não estou interessado nas teorias de Aurora sobre as diferenças raciais.

- Um momento. Pode ser que o seu governo perceba que muitos de seus planos falharam com a prisão de seu agente, Moreanu. Saliente o fato de que nós de Aurora somos muito mais espertos do que fomos antes desta prisão. Isto pode servir para que eles façam uma pausa.

- Moreanu é meu agente? Francamente, conselheiro, se estou desacreditado, irei embora. Mas, certamente, a perda de uma imunidade diplomática não afeta minha imunidade pessoal como um homem honesto, livre de acusações de espionagem.

- Não é esse o seu trabalho?

- Os aurorianos acreditam que espionagem e diplomacia são idênticas? Meu governo gostará de saber disso. Deveremos tomar precauções adequadas.

- Então, o senhor está defendendo Moreanu? Nega que esteja trabalhando para a Terra?

- Eu só estou me defendendo. Quanto a Moreanu, não sou tão burro a ponto de dizer alguma coisa.

- Por que burro?

- Por acaso uma defesa de minha parte não seria uma outra acusação contra ele? Nem o acuso, nem o defendo. A briga de seu governo com Moreanu, como a de meu governo com Keilin - o qual o senhor está suspeitamente ansioso para defender - são assuntos internos. vou sair, agora.

A comunicação parou e, quase instantaneamente, a parede tornou a desaparecer. Hijkman estava olhando pensativamente para Maynard.

- O que você acha dele? - perguntou Maynard, sorridente.

- É uma desgraça que uma caricatura da humanidade esteja andando por Aurora.

- Concordo com você, todavia... todavia ... -Bem?

- Todavia quase consigo pensar que ele é o chefe e que estamos dançando conforme a sua música. Você está sabendo de Moreanu?

- É claro.

- Bem, ele será preso e mandado a um asteróide. Seu partido será desfeito. À primeira vista, qualquer um diria que estes fatos representam uma derrota horrível para a Terra.

- Você tem alguma dúvida quanto a isso?

- Não tenho certeza. O presidente do comitê, Hond, insistiu em anunciar sua teoria de que o Projeto Pacífico era o nome que a Terra deu a uma maneira de usar os traidores internos nos Mundos Cósmicos. Mas eu não penso assim. Não estou certo de que os fatos indiquem isto. Por exemplo, onde conseguimos nossa evidência contra Moreanu?

- Realmente, eu não sei dizer.

- Em primeiro lugar, nossos agentes. Mas como a conseguiram? A evidência foi um pouco convincente demais. Moreanu poderia ter se protegido melhor...

Maynard hesitou. - Bem, resumindo, eu acho que foi o embaixador terrestre que, de certo modo, nos apresentou a maior evidência. Acho que ele se aproveitou da simpatia de Moreanu pela Terra para, primeiramente, tornar-se amigo dele e, depois, traí-lo.

- Por quê?

- Não sei. Para garantir uma guerra, talvez - com este Projeto Pacífico nos esperando.

- Não acredito nisso.

- Eu sei. Não tenho provas. Nada a não ser uma suspeita. O comitê também não acreditaria em mim. Eu achava que, talvez, uma última conversa com o embaixador pudesse revelar alguma coisa, mas só a aparência dele o põe contra mim, e descubro que passei a maior parte do tempo tentando afastá-lo de minha vista.

- Bem, você está ficando emotivo, meu amigo. É uma fraqueza horrorosa. Soube que você foi apontado para delegado na Assembléia Internacional em Vésper. Parabéns.

- Obrigado - disse Maynard, distraidamente.

Luiz Moreno, ex-embaixador em Aurora, estava contente por voltar à Terra. Estava longe das paisagens artificiais que pareciam não ter vida própria, mas existir apenas pela forte vontade de seus possuidores. Longe de homens e mulheres bonitos demais e de seus robôs incubados.

Estava de volta ao zumbido da vida e ao arrastar dos pés; o roçar de ombros e a sensação de respiração em seu rosto.

Não que fosse capaz de gostar inteiramente destas sensações. Os primeiros dias haviam sido passados em conferências agitadas com os chefes do governo da Terra.

De fato, só depois de uma semana é que chegou o momento em que ele pôde considerar-se realmente relaxado.

Estava num dos acessórios mais raros do luxo terrestre - num jardim de cobertura. com ele estava Gustav Stein, o fisiologista obscuro que era, contudo, um dos principais autores do Plano, conhecido como o Projeto Pacífico.

- Até agora, os testes de confirmação conferem, não? - disse Moreno, com uma satisfação quase temerosa.

- Até agora. Apenas até agora. Temos muitas milhas a percorrer.

- Entretanto, continuarão indo bem. Para quem morou em Aurora durante quase um ano, como eu, não há dúvida de que estamos no caminho certo.

- Hum-m-m. Contudo, prefiro me basear pelos relatórios do laboratório.

- E está muito certo. - Seu corpo pequeno estava quase duro de satisfação. - Algum dia, vai ser diferente. Stein, você não conheceu estes homens, os dos Mundos Cósmicos.

Você pode ter encontrado turistas, talvez, em seus hotéis especiais ou andando pelas ruas em carros fechados, equipados com o mais puro dos ares-condicionados para

suas narinas especiais; observando a vista com seus periscópios portáteis e afastando-se do contato de um terráqueo.

Mas você não os viu em seu próprio mundo, seguros em sua grandeza doentia e apodrecida. Vai, Stein, e seja desprezado por algum tempo. Vai e veja se pode competir com seus gramados treinados como algo sobre o qual se deve andar suavemente.

- Todavia, quando puxei as cordas certas, Ion Moreanu caiu - Ion Moreanu, o único homem entre eles com capacidade para compreender o trabalho da mente de outra pessoa.

Passamos por uma crise, agora. No momento, estamos diante de um caminho mais tranqüilo. Satisfação! Satisfação!

- Quanto a Keilin - disse de repente, mais para si do que para Stein - pode ser solto, agora. Daqui em diante, há muito pouco para ele dizer que possa pôr em perigo qualquer coisa. De fato, tenho uma idéia. A Conferência Interplanetária vai ser aberta em Vésper, no próximo mês. Ele pode ser enviado para fazer a reportagem da reunião. Será um sinal de nossa amizade - e vai mantê-lo fora durante o verão. Acho que isso pode ser arranjado.

Foi.

De todos os mundos Cósmicos, Vésper era o menor, de colonização mais recente e o mais distante da Terra. Por isso o nome. No sentido físico, não era o mais apropriado para uma grande reunião diplomática, visto que as suas facilidades eram poucas. Por exemplo, a cadeia de onda comunitária disponível não poderia, provavelmente, abranger todos os delegados, a equipe de secretários e administradores necessários numa convocação de cinqüenta planetas. Assim sendo, foram acertadas reuniões ao vivo, em prédios feitos com este propósito.

Contudo, havia um simbolismo na escolha do lugar que, praticamente, não escapou a ninguém. De todos os Mundos, Vésper era o mais distante da Terra. Mas a distância espacial - cem parsecs ou mais - era o de menos. O ponto importante era que Vésper havia sido colonizado não por terráqueos, mas por homens vindos do Mundo Cósmico de Faunus.

Era, portanto, da segunda geração, e não tinha nenhuma “Mãe-Terra”. A Terra, para ele, era apenas uma vaga avó, perdida nas estrelas.

Como é normal nestas reuniões, pouca coisa é realmente feita nas sessões dos prédios. Este espaço é reservado para as sondagens oficiais daquilo que os anfitriões querem ouvir. A verdadeira barganha acontece nas ante-salas e nas mesas de almoço, e muitos conflitos insolúveis foram amenizados perto de uma sopa e resolvidos perto de castanhas.

Todavia, dificuldades especiais estavam presentes neste caso. Não era em todos os mundos que a onda comunitária era tão importante e difundida como em Aurora, mas era proeminente em todos. Foi, portanto, com certo senso de ultraje e perda que os homens altos e dignificados acharam necessário aproximarem-se um do outro pessoalmente, sem a privacidade reconfortante das paredes invisíveis entre eles, sem a agradável presença de interruptores ao alcance das mãos.

Encararam-se um tanto embaraçados e tentaram não olhar o outro comer; tentaram não se contrair por ocasião de um toque descuidado. Até mesmo o serviço de robôs foi racionado.

Ernest Keilin, o único repórter de televisão da Terra credenciado, sabia algumas destas questões apenas do modo vago com que estão descritas aqui. Ele não podia ter uma visão mais precisa. Tampouco qualquer pessoa criada numa sociedade onde os seres humanos só existem no plural, e onde uma casa precisa apenas estar deserta para ser temida.

Sendo assim, algumas das tensões mais sutis escaparam-lhe, no jantar formal do partido oferecido pelo governo vesperiano durante a terceira semana da conferência.

Entretanto, não lhe escaparam outras tensões.

Após o jantar a assembléia dividiu-se, naturalmente, em grupos. Keilin uniu-se ao grupo em que estava Franklin Maynard de Aurora. Como delegado de um dos maiores Mundos, era o que mais fazia notícia.

Maynard estava falando entre um gole e outro do coquetel vesperiano que tinha na mão. Quando sua carne fervilhava com a proximidade dos outros, disfarçava o sentimento habilmente.

- A Terra - disse - está, em essência desprotegida contra nós, se evitarmos aventuras militares imprevisíveis. A unidade econômica é realmente uma necessidade, se pretendermos evitar estas aventuras. Deixe a Terra perceber o quanto sua economia depende de nós, das coisas que só nós podemos lhe fornecer, e não haverá mais essa

conversa de espaço vital. E se nos unirmos, a Terra jamais ousará nos atacar. Ela trocará suas aspirações estéreis por motores atômicos - ou não, como quiser.

E voltou-se para olhar Keilin com uma certa altivez, enquanto este viu-se ferido com o comentário:

- Mas os seus produtos manufaturados, conselheiro - quero dizer, aqueles que o senhor manda para a Terra - não são dados a nós. São trocados por produtos agrícolas.

Maynard deu um sorriso sedoso. - Sim, acredito que o delegado de Tétis comentou este fato em toda a sua extensão. Há uma ilusão entre alguns de nós sobre a superioridade das sementes terrestres...

Foi interrompido calmamente por outro que disse: - Veja, não sou de Tétis mas o que você mencionou não é uma ilusão. Cultivo centeio em Réia e nunca fui capaz de reproduzir uma semente terrestre. Simplesmente, não tem o mesmo gosto. - Dirigiu-se a todos em geral. - De fato, importei meia dúzia de terráqueos há cinco anos atrás para que vigiassem os robôs. Sabe, eles fazem maravilhas com a terra. Onde semeiam, o milho cresce quinze pés. Bem, isto ajudou um pouco. Mas o uso de sementes terrestres também ajudou. Mas mesmo cultivando sementes terrestres, elas não produzem mais no ano seguinte.

- O seu solo já foi testado pelo departamento agrícola de seu governo? - perguntou Maynard.

O reiano, por sua vez, respondeu com arrogância: - Não há solo melhor no setor. E o centeio é de alta qualidade. Eu até mandei cem quilos à Terra para um exame do valor nutritivo e os resultados foram excelentes.

- Coçou um lado do queixo pensativamente: - Eu estou falando é do sabor. Parece que não consegue pegar...

Maynard tentou menosprezá-lo: - O sabor é temporariamente dispensável. Estes bandos de homenzinhos da Terra virão a nós do nosso jeito, quando sentirem o aperto.

Temos que desistir apenas deste sabor misterioso, mas eles terão de desistir de máquinas movidas por energia atômica, de maquinário para a lavoura e de carros para o chão. De fato, não seria má idéia vivermos sem os sabores terrestres com os quais você está tão preocupado. Vamos apreciar, pelo contrário, o sabor dos produtos cultivados em nosso mundo - que poderia competir com o outro, se lhe déssemos uma chance...

- Ah, é? - o reiano sorriu. - Estou vendo que você está fumando tabaco da Terra.

- Um hábito que posso modificar, se precisar.

- Provavelmente, deixando de fumar. Eu não usaria o tabaco dos Mundos Cósmicos a não ser para matar mosquitos.

Ele riu um pouco asperamente demais, e saiu do grupo. Maynard ficou olhando-o, com o nariz meio virado.

Para Keilin, a pequena discussão sobre centeio e tabaco trouxe satisfação. Realidades galacto-políticas. Tétis e Réia eram os maiores da Galáxia do Sul, enquanto Aurora era o maior planeta da Galáxia do Norte. Os três planetas eram igualmente racistas e exclusivistas. Seus pontos de vista sobre a Terra eram semelhantes e completamente compatíveis. Normalmente, pensar-se-ia que não havia brigas entre eles.

Mas Aurora era o mais antigo dos Mundos Cósmicos, o mais adiantado, o mais forte em poderio militar - e, portanto, aspirava uma espécie de liderança moral de todos os Mundos. Isto já era o suficiente para causar uma oposição, e Réia e Tétis serviam de focos para aqueles que não reconheciam a liderança de Aurora.

Keilin estava tristemente grato a esta situação. Se a Terra usasse seu peso de modo certo, primeiramente numa direção, depois noutra, uma divisão definitiva, ou até uma fragmentação...

Olhou Maynard cuidadosamente, quase que furtivamente, e ficou imaginando qual o efeito que isto teria no debate do dia seguinte. O auroriano já havia silenciado muito mais do que obrigaria a educação.

Então, um subsecretário ou suboficial abriu caminho pelas multidões de convidados e fez um sinal chamando Maynard.

Os olhos de Keilin viram o auroriano retirar-se com outro indivíduo, viram-no escutar atentamente, soltar um espantado “O que?!” que foi bem visível, ainda que longe demais para ser ouvido, e, em seguida, pegar um papel que o outro lhe deu.

E como resultado, a conferência do dia seguinte foi completamente diferente daquilo que Keilin teria previsto.

Keilin descobriu os detalhes nas transmissões de televisão, feitas à noite. O governo terrestre parecia ter enviado uma nota a todos os governos presentes na conferência.

Avisava claramente a todos eles que qualquer acordo entre eles em termos militares ou econômicos seria considerado um ato de inimizade para com a Terra e seria recebido com contramedidas. A nota denunciava, igualmente, Aurora, Téíis e Réia. Acusava-as de estarem engajadas numa conspiração imperialista contra a Terra, e assim por diante.

- Loucos! - gritou Keilin, só faltando bater a cabeça contra a parede de tristeza. - Loucos! Loucos! Loucos! - E sua voz foi desaparecendo aos poucos, ainda murmurando esta mesma palavra.

A sessão seguinte da conferência foi bastante disputada por um grupo de delegados com raiva, que estavam apenas demasiadamente ansiosos para levarem a nada os desacordos que ainda eram relevantes. Quando terminou, todos os assuntos a respeito de comércio entre a Terra e os Mundos Cósmicos haviam sido colocados nas mãos de uma comissão com poderes plenários.

Nem mesmo Aurora poderia ter esperado uma vitória tão completa e fácil, e Keilin, em sua viagem de volta a Terra, não via a hora de levar sua voz ao vídeo, para que pudesse gritar a outros, e não a si mesmo, seu desgosto.

Todavia, na Terra, alguns homens sorriam.

Uma vez de volta à Terra, a voz de Keilin foi lentamente rodopiando cada vez mais para baixo - perdida no clamor mais alto que gritava pedindo ação.

Sua popularidade caía à medida que as restrições comerciais cresciam. Lentamente, os Mundos Cósmicos apertavam o parafuso. Primeiramente, instituíram a aplicação de um novo sistema de licença para exportação. Em segundo lugar, proibiram a exportação para a Terra de todos os materiais capazes de serem “usados num esforço de guerra”. Finalmente, deram uma interpretação realmente bem ampla do que poderia ser considerado relacionado com o item acima.

Produtos supérfluos importados - bem como necessidades importadas - desapareceram ou foram a um preço ao alcance de muitos poucos. Assim sendo, as pessoas saíam às ruas, as vozes gritavam, os interditores balançavam-se à luz do sol e as pedras voavam em direção aos consulados...

Keilin gritava com todas as suas forças e sentia que estava ficando louco.

Até que, repentinamente, Luiz Moreno, totalmente por vontade própria, ofereceu-se para aparecer no programa de Keilin e submeter-se a um questionário livre, na qualidade de ex-embaixador em Aurora e atual secretário sem pasta.

Para Keilin, esta era a oportunidade para o seu renascimento. Conhecia Moreno - não era bobo. com Moreno em seu programa, lhe estava assegurada uma audiência maior do que todas as que já teve. com Moreno respondendo às suas perguntas, algumas apreensões sem sentido poderiam ser afastadas e algumas confusões poderiam ser desfeitas.

O simples fato de que Moreno queria usar seu - seu - programa como sondagem poderia muito bem significar que havia sido adotada uma política externa mais razoável e flexível. Talvez Maynard estivesse certo, e o aperto estava sendo sentido e funcionando de acordo com o previsto.

A lista de perguntas havia, é claro, sido submetida a Moreno anteriormente, mas o ex-embaixador havia dito que responderia a todas, e qualquer outra pergunta que fosse necessária.

Parecia o ideal. Ideal demais, talvez, mas só um criminoso louco estaria se preocupando com minúcias, naquela hora.

Houve uma propaganda de acordo com a importância do acontecimento - e quando eles se viram, um perante o outro, sentados numa mesinha, a agulha vermelha que indicava o números de aparelhos usando a energia daquele canal subiu para uma marca de mais de duzentos milhões. E houve uma média de 2,7 telespectadores por aparelho. Agora, o prefixo; a apresentação oficial.

Keilin coçou o rosto lentamente, esperando pelo sinal. Então, começou:

P: - Secretário Moreno, a questão que interessa a toda a Terra no momento refere-se à possibilidade de uma guerra. Que tal começarmos por esta? O senhor acha que haverá uma guerra?

R: - Se a Terra for o único planeta a se considerar, digo: Não, definitivamente não. Em sua história, a Terra já teve guerras demais, e aprendeu, diversas vezes, quão pouco se ganha com isto.

P: - O senhor diz “se a Terra for o único planeta a se considerar...”. Estaria deixando implícito que fatores fora de nosso controle causarão uma guerra?

R: - Eu não digo “causarão”; mas poderia dizer “podem causar”. Não posso, é claro, falar pelos Mundos Cósmicos. Não posso fingir conhecer seus motivos e intenções neste momento crítico da história galáctica. Eles podem optar pela guerra. Espero que não. Se fizerem isto, entretanto, nós nos defenderemos. Mas em todo caso, nós jamais atacaremos; nós não iremos atirar a primeira pedra.

P: - Estou certo, então, ao dizer que, em sua opinião, não há diferenças básicas entre a Terra e os Mundos Cósmicos que não possam ser resolvidas por negociações?

R: - Certamente que está. Se os Mundos Cósmicos desejassem sinceramente uma solução, não poderia mais haver nenhum desentendimento entre eles e nós.

P: - Isto inclui a questão da imigração?

R: - Definitivamente. Nosso papel nesta questão está claro e além de censuras. No pé em que as coisas estão, duzentos milhões de seres humanos ocupam noventa e cinco por cento da terra disponível no universo. Seis bilhões - isto é, noventa e sete por cento de toda a humanidade - estão espremidos nos outro cinco por cento. Tal situação é claramente injusta e, pior ainda, instável. Todavia, a Terra, em face de tal injustiça, sempre se mostrou desejosa de tratar este problema como algo cuja solução seria alcançada gradativamente. E ainda pensa assim. Nós deveríamos concordar com quotas razoáveis e restrições razoáveis. Todavia, os Mundos Cósmicos têm se recusado a discutir este assunto. Num período de cinco décadas, têm repelido todos os esforços de parte da Terra para uma abertura das negociações.

P: - Se esta atitude por parte dos Mundos Cósmicos continuar, então o senhor acredita que haverá guerra?

R: - Não posso crer que esta atitude vá continuar. Nosso governo não cessará de esperar que os Mundos Cósmicos finalmente reconsiderem sua posição na questão; tão pouco deixaremos de acreditar que seu senso de justiça e de direitos não estão mortos, mas apenas adormecidos.

P: - Sr. secretário, vamos passar a outro assunto. O senhor acha que a Comissão dos Mundos Unidos, criada pelos Mundos Cósmicos há pouco tempo para controlar o comércio com a Terra, representa um perigo à paz?

R: - No sentido de que as ações desta comissão indicam um desejo, por parte dos Mundos Cósmicos, de isolarem a Terra e de enfraquecê-la economicamente, posso dizer que sim.

P: - A que ações o senhor se refere?

R: - Às ações no sentido de restringirem o comércio interestelar com a Terra a tal ponto que, em valores a crédito, no momento, o total atinge menos de dez por cento do que atingiu há três meses atrás.

P: - Mas estas restrições representam realmente um perigo econômico para a Terra? Por exemplo, não é verdade que o comércio com os Mundos Cósmicos representa uma parte quase insignificante do total do comércio terrestre? E não é verdade que as importações que fazemos dos Mundos Cósmicos atingem apenas uma pequena minoria da população, no máximo?

R: - As suas perguntas, agora, são representativas de uma profunda falácia muito comum entre os nossos isolacionistas. Em valores a crédito, é verdade que o comércio interestelar representa apenas cinco por cento de nosso comércio total, mas noventa e cinco por cento de nossas máquinas atômicas são importadas. Oitenta por cento de nosso tório, sessenta e cinco por cento de nosso césio, sessenta por cento de nosso molibdênio e estanho são importados. A lista pode ser aumentada indefinidamente, e é bastante fácil ver que os cinco por cento são extremamente importantes, cinco por cento vitais. Além disso, se um grande fabricante recebe uma remessa de modeladores atômicos de aço de Réia, isto não significa que redunda apenas em seu próprio benefício. Todos os homens da Terra que usam implementos de aço ou objetos manufaturados por implementos de aço, são beneficiados.

P: - Mas não é verdade que as atuais restrições ao comércio interestelar com a Terra cortaram as nossas exportações de sementes e gados a quase nada? E, longe de prejudicar a Terra, isto não seria realmente um benefício para nossos povos que passam fome?

R: - Esta é outra falácia muito séria. É verdade que o suprimento alimentício da Terra é tragicamente inadequado. O governo seria o último a negar tal coisa. Mas as nossas exportações de alimentos não representam um escoamento sério deste suprimento. Menos de um quinto de um por cento do alimento da Terra é exportado e, em troca, recebemos, por exemplo, fertilizantes e maquinário agrícola que compensam a mais esta pequena perda, aumentando a eficiência agrícola. Portanto, comprando uma menor quantidade de alimentos de nós, os Mundos Cósmicos estão trabalhando, com efeito, para o corte de nosso suprimento alimentício já inadequado.

P: - O senhor está pronto para admitir, então, secretário Moreno, que pelo menos parte da culpa por esta situação deveria ficar com a própria Terra? Em outras palavras, chegamos a minha pergunta seguinte: não teria sido um erro diplomático crasso o nosso governo ter despachado uma nota inflamatória, denunciando as intenções dos Mundos Cósmicos antes que estas intenções houvessem se tornado claras, na Conferência Interplanetária?

R: - Acho que estas intenções estavam bastante claras, na época.

P: - Perdoe-me, senhor, mas eu estava na conferência. Na época em que a nota foi despachada, havia quase um empate entre os delegados dos Mundos Cósmicos. Os de Réia e Tétis opunham-se energicamente a uma ação econômica contra a Terra, e havia uma chance considerável de que Aurora e seu bloco fossem derrotados. A nota enviada pela Terra acabou instantaneamente com essa possibilidade.

R: - Bem, qual é a sua pergunta, sr. Keilin?

P: - Considerando minhas afirmações, o senhor acha ou não que a nota da Terra foi um erro criminoso de diplomacia que, agora, só pode ser corrigido com uma política inteligente de conciliação?

R: - Você usa uma linguagem muito forte. Entretanto-, não posso responder à pergunta diretamente, pois não concordo com a sua premissa maior. Não posso acreditar que os delegados dos Mundos Cósmicos tenham agido da maneira que você diz. Em primeiro lugar, todo mundo sabe que os Mundos Cósmicos orgulham-se do fato de que sua percentagem de insanidades, psicoses e até, em menor grau, de desajustes de personalidade está diminuindo cada vez mais, em suas sociedades. É um de seus argumentos mais fortes contra a Terra dizerem que temos mais psiquiatras do que encanadores, e ainda estamos precisando mais dos primeiros. Os delegados da conferência representaram o que há de melhor naquelas sociedades tão estáveis. E agora você quer me fazer acreditar que aqueles semideuses, num momento de ressentimento, teriam mudado as suas opiniões e instituído uma mudança maior na política econômica de cinqüenta mundos. Não acredito que sejam capazes de uma atividade tão infantil e perversa e, portanto, devo insistir em que qualquer que seja a medida que tomaram, não se basearam em nenhuma nota da Terra, mas sim em motivos muito mais profundos.

P: - Mas eu vi com os meus próprios olhos, senhor, o efeito que teve sobre eles. Lembre-se de que foram repreendidos no que consideram uma linguagem insolente e vinda de um povo inferior. Não há a menor sombra de dúvida, senhor, de que, no conjunto, os homens dos Mundos Cósmicos são um povo extremamente estável, apesar de seu sarcasmo, mas a atitude deles em relação à Terra representa um ponto fraco nesta instabilidade.

R: - Você está fazendo perguntas ou defendendo as políticas racistas dos Mundos Cósmicos?

P: - Bem, aceitando-se o seu ponto de vista de que a nota enviada pela Terra não causou nenhum mal, que bem poderia ter trazido? Por que deveria ter sido mandada?

R: - Acho que fomos justificados, apresentando o nosso lado da questão ao tribunal que é a opinião pública galáctica. Acredito que esgotamos o assunto. Por favor, qual é a próxima pergunta? É a última, não?

P: - É. Foi enunciado recentemente que o governo terrestre tomará medidas enérgicas contra aqueles que estiverem fazendo operações de contrabando. Seria isto consistente com a opinião do governo de que relações comerciais menores são prejudiciais ao bem-estar da Terra ?

R: - Nossa preocupação primordial é a paz, e não o nosso bem-estar imediato. Os Mundos Cósmicos adotaram certas restrições comerciais. Nós as desaprovamos e as consideramos uma grande injustiça. Contudo, devemos aderir à elas, para que nenhum planeta possa dizer que demos o mínimo pretexto para o surgimento de hostilidades. Por exemplo, tenho o privilégio de anunciar aqui, pela primeira vez, que, no mês passado, cinco naves, viajando com um registro falso da Terra, foram interceptadas durante um contrabando de produtos dos Mundos Cósmicos para a Terra. Seus bens foram confiscados e as pessoas foram detidas. Isto prova as nossas boas intenções.

P: - Naves dos Mundos Cósmicos?

R: - Sim, mas viajando com um registro falso da Terra, lembre-se.

P: - E os homens detidos são cidadãos dos Mundos Cósmicos?

R: - Creio que sim. Entretanto, estavam desobedecendo não só as nossas leis, mas também as dos Mundos Cósmicos, e, portanto, perderam duas vezes os seus direitos interplanetários. Acho que seria melhor encerrar a entrevista por aqui.

P: - Mas isto...

Neste ponto, a transmissão foi interrompida de repente. A conclusão da última frase de Keilin nunca foi ouvida por ninguém, a não ser por Moreno. Terminava assim:

"...significa uma guerra".

Mas Luiz Moreno não estava mais no ar. Assim sendo, enquanto vestia suas luvas, sorriu e, com um significado infinito, deu de ombros num gesto de indiferença.

Não havia testemunhas desta indiferença.

A Assembléia em Aurora ainda estava reunida. Franklin Maynard havia se afastado, no momento, extremamente cansado. Olhou para seu filho, o qual ele via pela primeira vez de uniforme naval.

- Pelo menos você tem certeza do que vai acontecer, não tem? Na resposta do jovem não havia nenhum cansaço ou apreensão; nada a não ser extrema satisfação. - É isso mesmo, papai.

- Não há nada o incomodando, então? Você não acha que fomos induzidos a isto.

- Que importa se fomos? É o funeral da Terra.

Maynard balançou a cabeça: - Mas você percebe que estamos errados. Os cidadãos do Mundo Cósmico que estão detidos estão fora da lei. A Terra está no seu direito.

Seu filho franziu a testa: - Espero que o senhor não afirme coisas como esta para a assembléia, papai. Não vejo absolutamente onde a Terra pode estar justificada.

Muito bem, e daí se estava havendo contrabando? Só foi porque alguns homens dos Mundos Cósmicos estão querendo pagar os preços do mercado negro pela comida terrestre.

Se a Terra tivesse um pouco de bom-senso, poderia fazer vistas grossas e todos sairiam ganhando. Ela faz bastante barulho sobre o quanto precisa de nosso comércio; então, por que não faz alguma coisa neste sentido? De qualquer forma, não vejo por que deixarmos alguns bons aurorianos nas mãos daqueles macacos. Visto que não vão desistir deles, faremos com que desistam. Caso contrário, nenhum de nós estará a salvo na próxima vez.

- De qualquer forma, vejo que você adotou a opinião pública.

- As opiniões são minhas. Se também são populares, é porque têm sentido. A Terra quer uma guerra. Bem, vai tê-la.

- Mas por que eles querem uma guerra, hein? Por que estão nos forçando a isto? Toda a nossa política econômica dos meses passados tinha apenas o intuito de forçar uma mudança na atitude deles, sem guerra.

Ele estava falando consigo mesmo, mas seu filho respondeu com o argumento final: - Não me interesso em saber por que eles querem guerra. Eles a têm agora, e nós vamos esmagá-los.

Maynard voltou à assembléia, mas mesmo com o zumbido dos debates, pensou, com uma pontada de tristeza, que não haveria mais alfafa terrestre, no ano seguinte. Sentia mais pelo leite. De fato, até a carne parecia, de algum modo, não ter mais o mesmo sabor...

A votação terminou nas primeiras horas da madrugada. Aurora declarou guerra. Á maioria dos países do bloco de Aurora uniu-se a ela, logo pela manhã.

Nos livros de história, a guerra ficou conhecida como a Guerra das Três Semanas. Na primeira semana, as forças aurorianas ocuparam diversos asteróides transplutônicos e, no começo da terceira semana, todas as tropas da Terra foram quase completamente destruídas numa batalha realizada dentro da órbita de Saturno por uma frota de Aurora que não tinha nem um quarto de seu tamanho.

Declarações de guerra por parte dos Mundos Cósmicos até então neutros começaram a ocorrer uma atrás da outra, como fogos de artifício.

No vigésimo primeiro dia de guerra, faltando duas horas, a Terra se entregou.

As negociações dos termos de paz ocorreram nos Mundos Cósmicos. As atividades da Terra só diziam respeito a assinaturas. As condições de paz foram diferentes, talvez únicas, e, sob a força de uma humilhação sem precedentes, todas as multidões da Terra pareciam tomadas por um repentino silêncio, que vinha de uma raiva vergonhosa, forte demais para palavras.

Os termos mencionados foram, talvez, melhor comentados por uma voz no vídeo auroriano, dois dias após haverem sido, dados a público. Pode ser mencionado em parte:

- ... Não há nada dentro ou sobre a Terra que nós dos Mundos Cósmicos queiramos ou precisemos. Tudo que tinha algum valor, na Terra, deixou-a há séculos atrás, nas pessoas de nossos ancestrais.

- Chamam-nos de filhos da Mãe-Terra, mas não é verdade, pois somos descendentes de uma Mãe-Terra que não existe mais, uma Mãe que trouxemos conosco. A Terra de hoje é, no máximo, nossa prima. Nada mais.

- Se queremos seus recursos? Ora, eles não têm nem mesmo para si próprios. Se podemos usar sua indústria ou ciência? Dez deles não valem um único robô. Se queremos a glória duvidosa de governá-los? Não há glória nisso. Como nossos inferiores irremediáveis e incompetentes, seriam apenas um peso morto para nós. Usufruiriam a nossa própria comida, trabalho e habilidade administrativa.

- Sendo assim, a única coisa que têm para nos dar é o espaço que ocupam em nossos pensamentos. Não têm nada do que nos libertar, a não ser deles mesmos. Não podem nos beneficiar de qualquer modo que não a sua ausência.

- É por esta razão que os termos de paz foram definidos deste modo. Não lhes desejamos nenhum mal, por isso deixem-nos com seu próprio sistema solar. Deixem-nos viver lá, em paz. Deixem-nos moldar seu destino como desejarem, e nós não os perturbaremos com o menor indício de nossa existência. Mas, em troca, queremos paz.

Em troca, guiaríamos o nosso futuro a nossa maneira. Sendo assim, nós não queremos em absoluto a presença deles. E, visando este objetivo, uma patrulha dos Mundos Cósmicos vigiará os limites daquele sistema, para que possamos ter certeza de que não invadirão o nosso território.

- Não haverá nenhuma espécie de comércio, relações diplomáticas, viagens ou comunicações. Eles estão cortados, separados, hermeticamente isolados de nós. Temos, aqui, um novo universo, uma segunda criação do Homem, um Homem melhor...

- Eles nos perguntam: o que será feito da Terra? Nós respondemos: isto é problema da Terra. O crescimento da população pode ser controlado. Os recursos podem ser eficientemente explorados. Os sistemas econômicos podem ser revistos. Sabemos que sim, pois fizemos isto. Se não puderem, deixem que façam como os dinossauros e arrumem espaço.

- Deixem que eles arrumem espaço, em lugar de o ficarem pedindo eternamente!

Então, uma cortina impenetrável desceu sobre o sistema solar. As estrelas do céu da Terra tornaram-se novamente, apenas estrelas, como nos dias remotos antes de a primeira nave ter penetrado na barreira da velocidade da luz.

O governo que havia feito a guerra e a paz renunciou, mas não havia ninguém, realmente, para ocupar o seu lugar. A legislatura elegeu Luiz Moreno - ex-embaixador em Aurora, ex-secretário sem pasta - como presidente pró tem, e a Terra, como um todo, estava arrasada demais para concordar ou discordar. Houve apenas um alívio generalizado, no sentido de que havia alguém querendo pegar para si o trabalho de guiar os destinos de um mundo aprisionado.

Muito poucos perceberam como este fim foi bem planejado, ou quantos cálculos Moreno fez para ver-se, naquele momento, na pele do presidente.

Ernest Keilin, desesperançoso, disse na tela da TV: - Agora, só somos nós. Para nós, não há universo, nem passado - apenas a Terra e o futuro.

Naquela noite, teve notícias de Luiz Moreno, novamente, e, antes do amanhecer, rumou à capital.

A presença de Moreno não combinava com a formalidade rígida da mansão do presidente. Estava gripado, novamente, e fungava enquanto falava.

Keilin olhou-o com hostilidade que horrorizava ele próprio; quase com um ódio fervente, no qual ele podia sentir os dedos se contorcerem num gesto de repressão.

Talvez não devesse ter vindo... Bem, não fazia nenhuma diferença; as ordens haviam sido bem claras. Se não tivesse vindo, teria sido trazido.

O novo presidente olhou-o firmemente: - Você tem de mudar sua atitude em relação a mim, Keilin. Sei que você me considera um dos coveiros da Terra - não foi essa a frase que você usou ontem à noite? - Mas tem de me ouvir em silêncio por algum tempo. No seu estado atual de raiva contida, duvido que possa me ouvir.

- Ouvirei tudo o que o senhor tem a dizer, Sr. presidente.

- Bem - gentileza externa, pelo menos. Isto me dá alguma esperança. Ou você acha que há uma câmara de televisão nos observando?

Keilin apenas ergueu as sobrancelhas.

Moreno disse: - Não há. Estamos completamente sozinhos. Temos de ficar sozinhos; caso contrário, como eu poderia lhe dizer que está sendo planejada a sua eleição como presidente com uma constituição que, atualmente, está sendo criada? Ei, o que foi?

Então, sorriu ao ver a palidez do rosto de Keilin. - Ah, você não está acreditando. Bem, está além de sua compreensão. Mas, dentro de uma hora, você compreenderá.

- Eu deverei ser presidente? - Keilin disse com uma voz estranha e rouca. Em seguida, com mais firmeza: - O senhor está louco.

- Não. Eu, não. Aqueles, lá, sim. Lá, nos Mundos Cósmicos. - Apareceu uma súbita intensidade nos olhos, rosto e voz de Moreno, a ponto de se esquecer que ele era um macaquinho de gente, eternamente gripado. Não se notavam as rugas em sua testa entrada. Sua calvície e suas roupas desajeitadas passavam despercebidas. Só havia um olhar brilhante e luminoso e uma incisão firme na voz. Isto você notava.

Keilin tentou alcançar uma cadeira, sem olhar, enquanto Moreno se aproximava e falava com uma intensidade crescente.

- Sim - disse Moreno. - Aqueles das Estrelas. Os semideuses. Os grandiosos super-homens. Os donos fortes e bonitos da raça. Eles estão loucos. Mas apenas nós, aqui na Terra, é que sabemos disso.

- Ora, você sabe do Projeto Pacífico. Eu sei que sabe. Você o denunciou a Cellioni, certa vez, e o chamou de uma farsa. Mas não é uma farsa. E quase nada dele é segredo. Na verdade, o único segredo sobre ele é que quase nada dele era segredo.

- Você não é nenhum bobo, Keilin. Apenas nunca parou para pensar sobre isto. Todavia, você estava no caminho certo. Havia captado a coisa toda. O que foi, mesmo, que disse quando estava me entrevistando no programa? Alguma coisa sobre a atitude dos Mundos Cósmicos em relação aos homens terrestres ser a única falha na estabilidade dos primeiros. Foi isto, não foi? Ou algo parecido? Muito bem, então; bom! Naquela hora, você tinha em mente o primeiro terço do Projeto Pacífico e, afinal de contas, não era nenhum segredo, era?

- Pergunte a si mesmo, Keilin - qual era a atitude de um auroriano típico para com um terráqueo típico? Um sentimento de superioridade? Acho que isto é a primeira coisa que se pensa. Mas, diga-me, Keilin, se ele realmente se sentia superior, realmente superior, seria tão necessário a ele chamar tanta atenção para isto? Que espécie de superioridade é esta que precisa ser continuamente preservada pela repetição constante de palavras como "homens-macacos", "sub-homens", "meio-animais da Terra", e assim por diante? Esta não é a calma segurança interna da superioridade. Você gasta epítetos com vermes? Não, há alguma coisa a mais nisso tudo.

- Agora, vamos partir de outro ponto. Por que os turistas dos Mundos Cósmicos ficam em hotéis especiais, viajam em carros de chão fechados e têm normas rígidas contra a miscigenação social? Teriam medo da poluição? Estranho, então, que não tenham medo de comer nossa comida, beber nosso vinho e fumar nosso tabaco.

- Veja, Keilin, não há psiquiatras nos Mundos Cósmicos. Os super-homens estão, segundo eles mesmos dizem, muito bem ajustados. Mas aqui, na Terra, como diz o provérbio, há mais psiquiatras do que encanadores, e os primeiros têm muita prática. Assim, somos nós, e não eles, que sabemos a verdade sobre este complexo de superioridade dos Mundos Cósmicos, que sabemos ser, simplesmente, uma reação violenta contra um sentimento irresistível de culpa.

- Você não acha que pode ser isto? Você está balançando a cabeça, como se discordasse. Não vê que um punhado de homens que se agarram a uma galáxia enquanto bilhões morrem de fome por falta de espaço tem que ter um sentimento subconsciente de culpa, seja lá qual for? E, como não repartem seu território conosco, não vê que, o único modo pelo qual podem se justificar e tentar convencer eles mesmos de que os terráqueos, afinal de contas, são inferiores, de que não merecem a galáxia, de que uma nova raça de homens foi criada e que nós, aqui, somos apenas os restos de uma raça velha que deveria morrer como os dinossauros, através do trabalho das leis naturais inexoráveis?

- Ah, se ao menos eles conseguissem se convencer disso, não se sentiriam mais culpados, apenas superiores. Só que não funciona; nunca funciona. Requer uma preservação constante; constante repetição e constante imposição. E, ainda assim, não convence muito.

- Melhor ainda, se ao menos conseguissem fingir que a Terra e sua população não existem. Portanto, quando visitar a Terra, evite os terráqueos, senão, eles podem fazê-lo sentir-se mal, por não parecerem tão inferiores. Às vezes, podem parecer miseráveis, nada mais. Ou, pior ainda, podem até parecer inteligentes - como aconteceu comigo, em Aurora.

- Casualmente, um habitante dos Mundos Cósmicos, como Moreanu, surgiu e foi capaz de reconhecer sua culpa, sem ter medo de assumi-la em voz alta. Falou do dever que os Mundos Cósmicos tinham para com a Terra - sendo assim, era perigoso para nós. Pois, se outros o ouvissem e oferecessem alguma assistência à Terra, sua culpa poderia ter sido amenizada; e isto, mesmo sem uma ajuda duradoura à Terra. Assim sendo,

Moreanu foi afastado pela nossa teia de aranha, deixando livre o caminho para aqueles que estavam descontraídos, que se recusavam a admitir sua culpa, e cuja reação, portanto, poderia ser prevista e manipulada.

- Envia-lhes uma nota arrogante, por exemplo, e eles automaticamente reagem com um embargo inútil, que apenas nos dá o pretexto ideal para uma guerra. Então, perca a guerra rapidamente e será cortado da presença dos super-homens aborrecidos. Nenhuma comunicação, nenhum contato. Você não existe mais para aborrecê-los. Não é simples? Não funcionou bem?

Keilin finalmente reencontrou a voz, porque Moreno, ao parar, deu lhe tempo para isso. Disse: - O senhor quer dizer que tudo isso foi planejado? O senhor instigou deliberadamente a guerra, com o propósito de separar a terra da Galáxia? O senhor enviou os homens de nossas tropas para morrerem porque queria uma derrota? Ora, o senhor é um monstro, um... um...

Moreno franziu a testa: - Por favor, relaxe. Não foi tão simples quanto você está pensando, e eu não sou um monstro. Pensa que a guerra poderia ser simplesmente instigada? Precisou ser alimentada delicadamente do jeito certo e para um final certo. Se tivéssemos sido os primeiros a se mover, se tivéssemos sido o agressor, se, de algum modo, tivéssemos jogado a culpa para o nosso lado - ora, eles, dos Mundos Cósmicos, teriam ocupado a Terra e a desarmado. Não se sentiriam mais culpados, se nós cometêssemos um crime contra eles. Ou então, se fizéssemos uma guerra demorada, ou uma na qual causássemos prejuízos, eles conseguiriam se livrar da culpa.

- Mas não fizemos isto. Apenas prendemos contrabandistas aurorianos e, obviamente, estávamos no nosso direito. Tiveram de se lançar numa guerra por causa disto porque, somente assim, poderiam proteger sua superioridade, a qual, em troca, os protegia contra os horrores da culpa. E nós perdemos depressa. Quase nenhum auroriano morreu. A culpa aumentou sensivelmente e resultou exatamente no tratado de paz que os nossos psiquiatras haviam previsto.

- E quanto a mandar homens para a morte, isto é um lugar comum em todas as guerras - e uma necessidade. Era necessário fazer uma batalha e, naturalmente, tivemos perdas.

- Mas por quê? - interrompeu Keilin, violentamente. - Por quê? Por quê? Por que toda essa papagaiada faz sentido para o senhor? O que é que ganhamos? O que é possível nós ganharmos com a situação atual?

- O que ganhamos, homem? Você me pergunta o que nós ganhamos? Você sabe do que a Terra tem precisado nestes últimos séculos. Você, certa vez, fez um esboço convincente da situação a Cellioni. Precisamos de uma sociedade de robôs positrônicos e uma tecnologia da energia atômica. Precisamos de produtos químicos agrícolas e de um controle da população. Bem, o que nos tem impedido de fazer isto? Apenas a tradição secular que diz que os robôs eram um mal porque privavam os seres humanos do trabalho, que o controle de população era simplesmente o assassinato de crianças não-nascidas, e assim por diante. E pior ainda, sempre houve a válvula de segurança da emigração verdadeira ou esperada.

- Mas agora não podemos emigrar. Estamos presos aqui. Pior do que isso, fomos humilhantemente derrotados por um punhado de homens das estrelas, e fomos forçados a assinar um tratado de paz humilhante. A auto-preservação frequentemente submeteu-se a este tremendo desejo das pessoas de se igualarem às outras.

- E este é o segundo terço do Projeto Pacífico, o reconhecimento do motivo da vingança. Bem simples.

- E como podemos saber que é realmente assim? Ora, foi demonstrado um monte de vezes na história. Derrote uma nação, mas não a esmague inteiramente e, em uma ou duas ou três gerações, ela será mais forte do que antes. Por quê? Porque no intervalo, terão sido feitos sacrifícios pela vingança que não teriam sido feitos apenas por uma mera conquista.

- Pense! Roma venceu Cartago com bastante facilidade na primeira vez, mas quase foi derrotada na segunda. Toda vez que Napoleão derrotava a coalizão européia, provocava uma outra um pouco mais difícil de se derrotar, até que ele próprio foi esmagado pela oitava. Foram precisos quatro anos para se derrotar Wilhelm da Alemanha medieval, e mais seis anos muito mais perigosos para se fazer o mesmo com o seu sucessor, Hitler.

- Aí está! Até agora, a Terra precisou mudar o seu modo de vida apenas para ter maior conforto e felicidade. Um detalhe pequeno como este sempre podia esperar. Mas

agora, tem que mudar por vingança, e esta não vai esperar. E eu quero esta mudança por ela mesma.

Só que eu não sou o homem que deve liderá-la. Estou acabado com o fracasso do ano passado e permanecerei assim até virar um monte de pó, ou seja, até a Terra saber a verdade. Mas você... você e outros como você sempre lutaram pela modernização. Você ficará encarregado dela. Pode levar centenas de anos. Pode ser que os netos dos homens que ainda não nasceram sejam os primeiros a vê-la. Mas, pelo menos, você verá o começo.

Ei, o que você me diz disto?

Keilin estava sonhando. Parecia ver este sonho muito distante e enevoado - uma nova Terra renascida. Mas a mudança de atitude era extrema demais. Não poderia ser feita imediatamente. Balançou a cabeça.

Disse: - O que o leva a pensar que os Mundos Cósmicos permitiriam tal mudança, supondo-se que aquilo que disse seja verdade? Eles estarão vigiando. Tenho certeza, e irão detectar um perigo crescente, pondo um fim nele. O senhor pode negar isto?

Moreno jogou a cabeça para trás e começou a rir, sem fazer barulho. Murmurou: - Mas nós ainda temos o último terço do Projeto Pacífico, um terço sutil e irônico...

- Os homens dos Mundos Cósmicos chamam os homens da Terra de restos sub-humanos de uma grande raça, mas nós é que somos os homens da Terra. Você percebe o que isto significa? Vivemos num planeta no qual, durante um bilhão de anos, a vida - a vida que culminou com a humanidade - tem se adaptado. Não há uma única parte microscópica do homem, nem o menor mecanismo em sua mente que não tenham como razão de ser uma pequena faceta da configuração física da Terra, ou da configuração biológica ou da configuração sociológica da sociedade que o cerca.

- Nenhum outro planeta pode substituir a Terra, com a forma atual do homem.

Os Mundos Cósmicos são como são apenas porque pedaços da Terra foram transplantados. O solo foi levado para lá; plantas; animais, homens. Eles se mantêm cercados por uma geologia terrestre artificial, a qual tem em si, por exemplo, aqueles traços de cobalto, zinco e cobre de que a química humana precisa. Cercam-se de bactérias e algas vindas da Terra, as quais têm o poder de tornar úteis estes traços inorgânicos, exatamente da maneira certa e na quantidade certa.

E eles mantêm esta situação através de contínuas importações - importações supérfluas, segundo dizem - da Terra.

Mas nos Mundos Cósmicos, mesmo cobertos pelo solo terrestre, não podem impedir a chuva de cair e os rios de correrem; de modo que há uma mistura inevitável, se é que lenta, com o solo nativo; uma contaminação inevitável das bactérias do solo terrestre pelas bactérias nativas, e uma exposição a uma atmosfera diferente e a radiações solares de tipos diferentes. As bactérias terrestres desapareceram ou se transformaram. Então, a vida vegetal se transforma. E depois, a vida animal.

Veja, nenhuma mudança grande. As plantas não se tornariam venenosas ou não-nutritivas em um dia, ou ano, ou década.Mas já agora, os homens dos Mundos Cósmicos conseguem detectar a perda ou mudança dos compostos que são responsáveis por aquela coisa infinitamente indefinida que chamamos de "sabor". Já chegou a este ponto.

- E irá mais longe. Você sabe, por exemplo, que, em Aurora, quase que a metade das espécies bacteriológicas conhecidas tem o protoplasma baseado numa química fluorocarbônica, em lugar de uma química hidrocarbônica? Você consegue imaginar que ambiente estranho é este?

- Bem, já há duas décadas, os bacteriologistas e fisiologistas da Terra têm estudado as várias formas de vida dos Mundos Cósmicos - a única parte do Projeto Pacífico que é realmente secreta - e a vida terrestre transplantada já está começando a dar sinais de mudanças no nível subcelular. Até entre os humanos.

E aqui está a ironia. Os humanos dos Mundos Cósmicos, com seu racismo rígido e sua política genética, estão consistentemente eliminando dentre eles qualquer criança que mostre sinais de adaptação ao seu planeta respectivo de qualquer modo que fuja às normas. Estão mantendo - eles têm de manter, como resultado de seus próprios processos de raciocínio um critério artificial de humanidade "sadia", que é baseado na química terrestre, e não na deles.

- Mas agora que a Terra foi separada deles; agora que nenhuma gota do solo e da vida terrestre irá para lá, as mudanças vão se acumular. Chegarão as doenças, a mortalidade aumentará, as anormalidades nas crianças vão se tornar mais freqüentes...

- E daí? - perguntou Keilin, ao ter alcançado o significado da coisa.

- E daí? Bem, eles são cientistas físicos - deixando as ciências inferiores, como a biologia, para nós. E não podem abandonar a sensação de superioridade e seu padrão

arbitrário de perfeição humana. Nunca detectarão a mudança, até que seja tarde demais para lutarem contra ela. Nem todas as mutações são claramente visíveis, e haverá uma revolta crescente contra os costumes destas sociedades rígidas. Haverá um século de tumultos físicos e sociais crescentes, o que impedirá qualquer interferência por parte deles em nossa vida.

- Teremos um século de reconstrução e recivilização, e, no final dele, deveremos encontrar uma outra galáxia que estará morrendo ou mudada. No primeiro caso, construiremos um segundo império terrestre, com mais sabedoria e conhecimento do que no primeiro; um império baseado numa Terra forte e modernizada.

- No segundo caso, encontraremos, talvez, dez, vinte, ou até .cinqüenta Mundos Cósmicos, cada um com uma espécie de Homem ligeiramente diferente do outro. Cinqüenta espécies de humanóides, não mais unidos contra nós, cada uma delas progressivamente adaptada ao seu próprio planeta, cada uma com uma tendência suficiente ao atavismo para amar a Terra, para olhá-la como a Grande Mãe original.

- E o racismo estará morto, pois a variedade, e não a uniformidade, será a grande realidade da humanidade. Cada tipo de Homem terá um mundo seu, que nenhum outro mundo poderá substituir e no qual nenhuma outra espécie poderá viver bem adaptada. E outros mundos poderão ser colonizados para originarem mais variedades ainda, até que, pela grande mistura intelectual, a Mãe Terra terá, finalmente, criado não um simples império terrestre, mas um império galáctico.

Keilin, fascinado, disse: - O senhor prevê tudo isto com tanta segurança!

- Não há nada realmente certo; mas as melhores mentes da Terra concordam com tudo isto. Talvez haja pedras imprevistas no caminho, mas será a façanha de nossos netos removê-las. Quanto à nossa façanha, uma fase já foi concluída com sucesso; e outra fase está começando. Junte-se a nós, Keilin.

Lentamente Keilin começou a pensar que, afinal de contas, talvez Moreno não fosse um monstro...

***

O que mais me interessa em “Mãe Terra” é o fato de mostrar claramente, traços dos romances “Caves of Steel” e “The Naked Sun”*, que eu viria a escrever na década de 50.

*Caça aos Robôs e Os Robôs, editados pela Hemus, Livraria Editora Ltda. (N.E.) ** Fundação (Trilogia), Ed. Hemus. (N.E.)

Uma coisa na estória que não consigo explicar é o fato de que tenho dois personagens nela, um chamado Moreno e outro chamado Moreanu. Não faço a menor idéia do motivo de eu ter usado nomes tão parecidos. Não houve nenhum significado nesta escolha, garanto, apenas um descuido. Havia, também, um Maynard.

Não sei como mas, lendo e relendo o manuscrito, este descuido nunca me chamou a atenção. Percebi, entretanto, assim que vi a história impressa. Por que Campbell não notou e não me fez mudar os nomes, também não tenho a menor idéia.

Mal havia vendido “Mãe Terra” e já comecei uma nova história “Fundação” intitulada “... E Agora Você Não”. Seria a última. Como “O Mula”, era de cinqüenta mil palavras e só fui terminá-la no dia 29 de março de 1949. Submeti-a a Campbell no dia seguinte e ele a aceitou imediatamente. A dois centavos por palavra, deu-me um cheque de mil dólares, o primeiro cheque de quatro números que recebi na vida.

Foi publicada como uma série em três partes, em novembro de 1949, dezembro de 1949 e janeiro de 1950, em Astounding, e constituiu os últimos dois terços de meu livro Segunda Fundação.

Naquela época, então, estava surgindo uma grande oportunidade para mim no campo da ficção científica. A bomba atômica havia alterado a ficção científica de um campo desprezado de histórias malucas para uma literatura de terrível percepção. Lentamente, estava sendo lida e estimada. Novas lojas estavam para ser abertas e grandes editoras estavam considerando a possibilidade de lançarem regularmente livros de ficção científica de capa dura (até então, o domínio das pequenas editoras não era maior do que o das revistas, nem melhor como fonte de renda).

A questão dos romances de capa dura interessava particularmente a Doubleday & Company, Inc. (embora é claro, eu não o soubesse naquele tempo). No dia 5 de fevereiro

de 1949, enquanto eu trabalhava na minha última história "Fundação", compareci a uma reunião do Clube Hidra - um grupo de profissionais da ficção científica que moravam em Nova Iorque. Lá conheci um editor da Doubleday, Walter I. Bradbury. Era ele que estava tentando lançar uma série de ficção científica da Doubleday, e demonstrou algum interesse pela "O Mula".

Entretanto não dei muita atenção a isto. A idéia de publicar um livro, um verdadeiro livro, enquanto oposto às histórias de revistas, era tão estranha que eu simplesmente não conseguia enfiar isto em minha cabeça.

Mas Fred Pohl conseguia. Ele havia estado no exército, servindo na Itália e alcançado o posto de sargento. Depois disso, tornou-se novamente um agente. Eu lhe havia contado, indignado, a história da rejeição de "Envelheça Comigo"; assim sendo, quando Bradbury continuou a procurar, Pohl lhe sugeriu que desse uma olhada na minha história.

Bradbury ficou interessado e, após muitas dificuldades, Pohl conseguiu arrancá-la de mim. ("Não é boa", eu dizia - nunca tendo realmente me recuperado da dupla rejeição.).

Mas no dia 24 de março de 1949, soube que Bradbury queria a história "Envelheça Comigo", se eu a aumentasse para setenta mil palavras. Além disso, ele me pagou $250 que eu podia guardar mesmo se a revisão não fosse satisfatória. Esta foi a primeira vez que alguém me pagou alguma coisa com adiantamento, o que me deixou estupefato.

No dia 6 de abril, comecei a revisão, a qual terminei no dia 25 de maio de 1949, mudando o título para Pebble in the Sky*. No dia 29 de maio, Doubleday aceitou-a e eu tive de aceitar o fato de que iria ter um livro publicado.

*827 - Era Galáctica, Ed. Hemus. (N.E.)

Mas ainda enquanto eu lutava com esta idéia, uma outra mudança estava acontecendo simultaneamente.

Ainda havia a questão do emprego. Durante todo o tempo em que estava trabalhando para o professor Elderfield, estava procurando um emprego que eu pudesse pegar depois deste cargo temporário, o qual terminou em maio de 1949. Eu não estava absolutamente tendo sucesso.

Mas no dia 13 de janeiro de 1949, o professor William C. Boyd da faculdade de medicina da Universidade de Boston estava em visita a Nova Iorque quando, então, nos conhecemos.

O professor Boyd era um leitor de ficção científica de longa data e havia gostado das minhas histórias. Mantínhamos uma correspondência há dois anos e havíamos nos tornado amigos. Agora, dizia-me que havia uma vaga no departamento bioquímico de sua escola. Eu estaria interessado? Eu estava interessado, é claro, mas Boston fica duas vezes mais longe de Nova Iorque do que Filadélfia, e eu odiava ter de deixar Nova Iorque de novo.

Recusei a oferta mas não categoricamente.

E continuei a procurar emprego, continuando a não encontrar.

Portanto, reconsiderei a minha recusa do cargo na Universidade de Boston e escrevi uma carta ao professor Boyd, dizendo que, apesar de tudo, talvez eu estivesse interessado.

No dia 9 de março de 1949, viajei para Boston pela primeira vez na minha vida (num carro-leito - mas não dormi). Conheci o professor Burnham S. Walker, chefe do departamento de bioquímica, no dia seguinte, que me ofereceu um cargo no corpo docente a cinco mil por ano. Não vi outra saída para este meu dilema de emprego a não ser aceitar.

Eu tinha de aceitar? Será que não havia alguma chance de eu ganhar dinheiro como escritor?

Como eu poderia chegar à conclusão de que isto era possível? Em meados de 1949, eu havia estado escrevendo exatamente há onze anos. Em todo este tempo, meus ganhos totais haviam chegado a $7.821,75, dando uma média de um pouco mais de $710 por ano ou $ 13,70 por semana. Nos meus melhores anos, como no sétimo (meados de 1944 a meados de 1945, época em que havia vendido quatro histórias, inclusive “O Mula”), eu havia recebido $ 1.600, e no décimo e décimo primeiro juntos, recebera $3.300. Dava a impressão, mesmo nos melhores anos, de que eu não poderia contar com mais de trinta dólares por semana, o que não era o suficiente.

É claro que agora que eu ia publicar um livro.

Mas os livros não tinham quantidades certas. Além disso, a venda do livro chegou tarde demais. Quando Bradbury aceitou Pebble in the Sky, eu já estava comprometido com o novo emprego e, dois dias depois, no dia 1 de junho de 1949, fui para Boston.

É neste ponto que preciso fazer uma parada, pois as diversas mudanças puseram um fim ao primeiro estágio de minha carreira de escritor.

Eu havia abandonado Campbell, desta vez para sempre. Ah, eu o via de vez em quando e nos escrevíamos, mas as visitas praticamente semanais não aconteceram mais.

Embora eu lhe escrevesse e continuasse a publicar histórias na Astounding, apareceram novas revistas, inclusive The Magazine of Fantasy and Science Fiction em 1949, Galaxy Science Fiction em 1950 e outras. Meu mercado aumentou e o preço por palavra subiu mais ainda, para três centavos e até mesmo quatro centavos a palavra.

A publicação de meu primeiro livro, Pebble in the Sky, no dia 19 de janeiro de 1950, introduziu uma nova dimensão à minha auto-imagem, ao meu prestígio no campo e aos meus vencimentos. Seguiram-se outros livros - alguns romances novos e algumas coletâneas de minhas histórias mais antigas.

Minha posição na faculdade de medicina da Universidade de Boston me levou a publicar não-ficção. A primeira tentativa foi um livro para estudantes de medicina chamado Metabolismo Humano e Bioquímico (Biochemistry and Human Metabolism).

Este foi iniciado em 1950, com a colaboração dos professores Walker e Boyd. Teve três edições e, embora tivesse sido um fracasso, me permitiu descobrir que eu gostava de escrever não-ficção pelo menos tanto quanto ficção e me ajudou a começar uma nova fase de minha carreira.

Levando-se tudo isso em conta, não foi uma surpresa ver os meus vencimentos subirem rapidamente quase que na mesma época em que vim para Boston. Em 1952, estava ganhando muito mais dinheiro como escritor do que como professor, e a discrepância ficou ainda maior - a favor da escrita - com o passar dos anos. Em 1957, havia decidido (ainda meio surpreso) que havia sido sempre um escritor e era isso o que eu era.

No dia 1 de julho de 1958, desisti do meu salário e das minhas obrigações mas, com o consentimento da escola, fiquei com meu título de professor associado de bioquímica.

Tenho este título até hoje. De vez em quando faço conferências na escola quando me pedem, e em qualquer outro lugar se me pedirem (e cobro uma taxa). De resto, tornei-me um escritor free-lancer em período integral.

Agora é fácil escrever e cada vez mais gratificante. Trabalho durante setenta horas por semana, contando os trabalhos paralelos de revisão, índice, pesquisa e assim por diante. Faço uma média de sete a oito livros por ano e este livro, O Futuro Começou, é o meu centésimo vigésimo quinto livro.

Todavia, tenho de admitir que, desde 1949, nunca mais senti aquela excitação dos primeiros onze "anos de Campbell", quando escrevia só nas horas de folga, quando cada submissão significava um suspense insuportável, quando cada rejeição significava um estado de miséria, cada aceitação, um estado de êxtase e cada cinqüenta dólares, a riqueza de Creso.

E, no dia 11 de julho de 1971, John Campbell, apenas com sessenta e um anos de idade, morreu às 19:30 silenciosa e tranquilamente, sem qualquer espécie de dor, enquanto assistia à televisão.

Não há nenhum modo de expressar quanto significou para mim e quanto fez por mim a não ser, talvez, escrever este livro evocando, mais uma vez, aqueles dias há um quarto de século atrás.

FIM